JORNAL DO BRASIL

© JORNAL DO BRASIL S A 1990 — Rio de Janeiro — Domingo, 21 de outubro de 1990 — Ano C — Nº 196 — Preço para o Rio: Cr$ 80,00

Tempo

No Rio e em Niterói, céu encoberto, sujeito a pancadas de chuvas na madrugada e melhorando no decorrer do dia. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 31,4º em Bangu e 22,2º em Santa Cruz. Mar calmo e visibilidade moderada. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, página 30.

Idéias
ENSAIOS

☐ *Os adeptos da religião Pentecostal, os chamados crentes, têm crescido bastante no país a ponto de ameaçar as igrejas tradicionais. Considerados fanáticos, eles se multiplicam porque prometem não apenas proteção, mas salvação, e substituem a hierarquia religiosa por uma autoconfiança exacerbada, buscando um contato direto com o Salvador. O professor Antônio Alcir Bernárdez Pécora e a escritora Ana Miranda, autora de Boca do inferno, discutem os limites éticos da apropriação literária de fontes históricas, ou plágio, em romances históricos.*

Domingo

☐ *A história se repete todos os anos. A partir deste mês, milhares de crianças entre 6 e 15 anos participam dos vestibulinhos, como são chamadas as difíceis provas de admissão nos melhores colégios do Rio. Há pais que inscrevem os filhos em três escolas diferentes, para garantirem a aprovação em pelo menos uma, já que são muitos candidatos e o número de vagas é limitado. Esta tensão acaba lançando as crianças num ritmo exaustivo de aulas particulares. Mas a grande angústia dos pais é achar a escola certa para seus filhos. Domingo dá um serviço completo dos vestibulinhos em 16 colégios, com prazos de inscrição, datas das provas e valor atual das mensalidades.*

B CASA

☐ *Muita gente prefere as piscinas às praias cariocas. Os arquitetos Paulo Casé e Kátia Serejo e os cantores Wando e Joana falam das vantagens de se ter uma piscina em casa e do hábito de reunir os amigos em volta dela nos finais de semana. Especialistas mostram como se deve fazer para manter a água sempre limpa, e no Mapa da Mina estão os endereços para encontrar os acessórios indispensáveis e as novidades para que a manutenção seja a mais prática possível.*

☐ *Dupla de designers descobre a plasticidade da pedra-sabão e lança no mercado peças decorativas e utilitárias, usando o material misturado ao ferro.*

Darcy

Dilmar Cavalher

Eleito senador com 2.788.849 votos, o professor Darcy Ribeiro (foto) quer trabalhar para o governo Brizola, mesmo que não tenha um cargo formal. "O importante é que vou ajudar o Brizola a dar continuidade a um programa como nunca foi feito na História do Brasil, o dos Cieps", diz ele, em meio a uma série de opiniões sobre o país. E até sobre a ministra Zélia Cardoso de Mello, que considera "uma mulherzinha fantástica". (Página 14)

Educação

A evolução tecnológica exige mão-de-obra qualificada. O alinhamento do Brasil entre os países do Primeiro Mundo, mesmo que seja na última fila, só será possível com investimentos maciços em educação. Nos países que estão saindo do Terceiro Mundo, como a Coréia do Sul, 90% da população têm o 2º grau completo. No Brasil, apenas 40% de uma geração terminam o 1º grau. (Pág. 21)

Mercado latino

A integração dos mercados latino-americanos já não está só no papel. No Brasil, roupas uruguaias, laticínios argentinos e frutas e vinhos chilenos já fazem parte do dia-a-dia dos consumidores. Com a Argentina, o intercâmbio este ano deve crescer 30%, alcançando US$ 2,4 bilhões, e com o Chile os negócios atingem US$ 1,2 bilhão. (Página 34)

Marcelo Régua

Tande e Maurício comemoram a virada espetacular que deu ao Brasil a vitória por 3 a 2 sobre a Suécia no Mundial de Vôlei, obtendo o 1º lugar em seu grupo. (Página 40)

Teixeira vai mudar rumo da Petrobrás

Os preços dos combustíveis no Brasil não estarão necessariamente subordinados aos do petróleo no mercado internacional. Ao anunciar esta diretriz o novo presidente da Petrobrás, Eduardo Teixeira, quis logo no primeiro dia marcar uma diferença de atitude em relação a seu antecessor, Luís Octávio da Motta Veiga, que pediu demissão sexta-feira.

Sem entrar em maiores detalhes, Teixeira garantiu que com esta desvinculação o governo não pretende subsidiar a produção de derivados de petróleo no país. Ele afirmou que os investimentos na produção de petróleo não devem ser feitos à custa de reajustes de preços da gasolina.

Teixeira toma posse, na próxima terça-feira, sem temer o *esprit de corps* dos funcionários da estatal. "Não temo nenhum boicote ou ações corporativistas", garante, salientando que não afasta a possibilidade de mais demissões.

O porta-voz da Presidência da República, Cláudio Humberto Rosa e Silva, disse que o ex-presidente Luís Octávio da Motta Veiga deixou de fazer um bom negócio ao recusar um empréstimo de US$ 40 milhões à Vasp, alegando que o negócio foi feito pela Shell. "Prefiro a avaliação da BR Distribuidora", reage Motta Veiga. (Página 3)

☐ **Em artigo intitulado** Fritura nunca mais, **o ex-presidente da Petrobrás vê como um resquício dos regimes militares o processo pouco ético de lenta desmoralização praticado pelo governo contra colaboradores que exercem altos cargos. (Página 12)**

Violência no Rio mata 91 mil em uma década

Nos últimos 10 anos, a violência matou no Rio quase 91 mil pessoas, o dobro das mortes de soldados americanos em 10 anos de guerra no Vietnã. Nos últimos 50 anos, os mortos pela violência foram 268 mil, número que cresceu numa proporção duas vezes maior do que a da população da cidade, de acordo com pesquisa do perito criminal José Vilhena.

Professor da Universidade Federal Fluminense, ele consultou todos os registros de necropsias do Instituto Médico-Legal, de 1941 até o mês passado. A violência praticamente triplicou: em 1941 ela causava 73 mortes em grupos de 100 mil habitantes; em 1989 tal relação subiu para 195 mortes por 100 mil habitantes.

Inconformado com o fim do noivado, Edson Fernandes de Moraes, 33 anos, entrou ontem às 10h na loja Óticas do Povo, em Ipanema, e deu um tiro no peito da gerente, Rosemar da Silva Araújo, 26 anos, sua ex-noiva. Em seguida, atirou na própria cabeça. Rosemar está fora de perigo mas Edson tem poucas chances de sobreviver. (Páginas 18 e 19)

Governadores não conseguem 50% dos votos

Ao lado dos novos rostos e das velhas raposas, as urnas trouxeram à tona quatro fantasmas: a fraude, os votos nulos, os votos brancos e as abstenções. Como resultado, um fato incômodo para os políticos — nenhum dos novos governadores, nem mesmo João Alves, o sergipano campeão de votos, conseguiu atingir 50% do total de eleitores de seus estados.

Na Bahia do governador Antônio Carlos Magalhães, a soma de votos nulos e brancos com as abstenções supera o total de votos conferidos a ele e seu principal adversário, Roberto Santos. A fraude, outro dos fantasmas eleitorais, pôs sob suspeita o resultado em Alagoas com a impugnação de 70 mil votos e uma chuva de denúncias levadas ao TRE. (Págs. 7 e 8)

Anistia erra com Brasil e pede desculpa

Em carta enviada ao presidente Collor na última sexta-feira e divulgada ontem pelo ministro Francisco Rezek, a Anistia Internacional retratou-se das críticas feitas ao governo brasileiro por sua seção britânica. A Anistia inglesa afirmara no jornal *The Independent*: "O Brasil resolveu o problema das crianças de rua, matando-as."

Tão logo tomou conhecimento das críticas, o presidente Collor, irritado, pediu a Rezek que protestasse junto à instituição. "Infelizmente a seção britânica não estava informada a respeito de alguns pronunciamentos públicos recentes do governo brasileiro", explicou o secretário-geral da instituição, Ian Martin. (Pág. 2)

Moscou — AFP

Mães protestam contra o alistamento obrigatório na URSS

Quércia já fala como candidato

☐ **Piloto de operosa máquina administrativa — o governo de São Paulo —, Orestes Quércia conseguiu transformar seu gabinete em pólo de atração só superado pelo Palácio do Planalto. Políticos vitoriosos ou derrotados no primeiro turno das eleições foram em romaria ao Palácio dos Bandeirantes. Ali, o governador começou a reunir os cacos de seu partido, o PMDB, para construir o lance mais ousado de sua carreira: a candidatura a presidente da República em 1994. Quércia, que conta com a vitória de seu candidato ao governo de São Paulo, Luiz Antônio Fleury, no segundo turno, quer reunir um novo PMDB sem Sarney mas que represente claramente uma alternativa ao governo Collor, ao qual faz críticas. (Página 13)**

ENTREVISTA

São Paulo — José Carlos Brasil

Quércia: alternativa a Collor

Indústria faz produtos com muitas falhas

A abertura do país às importações e o grau de exigência cada vez maior por parte dos consumidores estão levando as indústrias brasileiras a se preocuparem mais com a qualidade dos produtos. As defasagens, porém, são grandes. Enquanto o padrão mundial de produção permite falhas, no máximo, de 200 peças por cada 1 milhão, a proporção no Brasil supera 25 mil.

Marilena Lazzarini, presidente do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, estima em 30 a 40 anos o atraso tecnológico das indústrias nacionais. Estudos realizados pelo instituto apontam deficiências de fabricação desde o leite até os sapatos exportados. Num único lote de uma empresa, foram encontrados mais de 25 defeitos. (Pág. 38)

Exército vira culpado de tudo na URSS

O Exército Vermelho, um imenso contingente de 4,2 milhões de homens, está sendo alvo de pesados ataques na União Soviética. Criticados na imprensa, nos discursos dos políticos e nas enquetes populares, os militares se sentem como bodes expiatórios de todos os males que assolam o país, embora ainda desempenhem um papel importante na vida cotidiana.

A derrocada econômica é em grande parte atribuída à prioridade que se deu nos últimos 40 anos às Forças Armadas. A desmoralização da instituição militar provoca um êxodo de recrutas responsável por um déficit anual de 400 mil homens e há uma preocupação com a violência nas próprias fileiras, que matou 15 mil soldados em cinco anos. (Pág. 25)

Coluna do Castello

As perspectivas do governo Collor

O presidente Fernando Collor antes de viajar para Portugal interpretou para generais o resultado das urnas como compreensão e apoio ao seu governo. De um modo geral isso ocorreu, embora a tônica mais visível tenha sido a da conformidade da população com a política de redução do tamanho do Estado, da privatização, da abertura da economia e da desregulamentação das relações entre governo e cidadão. Antes de entrarmos mais fundo nesse assunto, convém assinalar que ao deixar o país o presidente aparentemente não removeu os fatores que sinalizam crise na sua retaguarda. A equipe de governo não reencontrou ainda seu ponto de equilíbrio, tanto que se sugerem novas modificações na sua composição. Collor pode ter viajado tranqüilo, mas a sua gente em Brasília continua nervosa e insegura, como se algo a ameaçasse.

Voltando ao tema das eleições, se a verdade está no triunfo da política de centro liberal, os resultados em termos de partidos ou de adesões explícitas ao governo poderão ainda ser modificados no segundo turno. Em São Paulo, por exemplo, do ponto de vista dos projetos federais, tanto faz Paulo Maluf como Luiz Antônio Fleury, pessoas basicamente vinculadas a um credo privatista da economia e politicamente conservadoras. Claro que a participação de Collor na campanha malufista, se não der o resultado esperado, poderá ser desastrosa para a articulação de apoios ao governo federal. O ministro Jarbas Passarinho poderá entrar no assunto e aconselhar seu presidente, seja no sentido de reforçar a participação ou de suprimi-la enquanto é tempo.

São Paulo, aliás, vive o seu momento de dúvida. Se há tendência para estabilização de Maluf nos números registrados no primeiro turno, não se sabe ainda se a notória tendência para apoiar Fleury será estimulada, ou não, por um apoio explícito do PT e de outros grupos tidos como radicais ao candidato do governador Orestes Quércia. O conservadorismo básico dos paulistas poderá rejeitar o candidato por contaminação com grupos ideologicamente rejeitados. Fleury precisa estar atento à hipótese de que o apoio formal do PT possa ser no seu estado uma espécie de beijo da morte.

A versão da vitória do governo Collor poderá ser afetada também em outros estados, mesmo naqueles, como Minas Gerais, nos quais não há diferenças fundamentais entre os dois Hélios que querem governar o estado. O engajamento em favor do Costa poderá dificultar as relações com Garcia, se esse for o vitorioso. O presidente provavelmente está avaliando e pesando as alternativas. Sabe-se pelas pesquisas que o governo poderá perder no Rio Grande do Sul e Espírito Santo, estado no qual seu líder no Senado foi surpreendido pela ascensão inesperada de um bom candidato do PDT. Para compensar, parece que na Paraíba o pedetista Wilson Braga perde terreno para Cunha Lima, embora ali a indistinção do ponto de vista do governo federal seja ainda mais acentuada. Mas, dentro das imprevisões, no Rio Grande do Norte o sistema PDT-PMDB vai demonstrando também inesperada vitalidade. No Paraná a vantagem do candidato de Collor parece consolidada.

Se o segundo turno pode surpreender o governo, a situação da sua equipe também poderá piorar com conflitos do tipo comparação de salários nas estatais e nas empresas privadas. Se a Petrobrás carece de manter equivalência salarial com as concorrentes multinacionais, o Banco do Brasil, por exemplo, tem padrões que excedem muito os dos bancos privados. São coisas a estudar e conferir, fora das competições de poder.

O atoleiro do Piauí

Segundo denúncia de Herculano Moraes, "todos os órgãos vitais do Piauí estão em greve". Os fiscais de tributos cruzaram os braços, prejudicando a arrecadação. Houve confronto com sangue e pancadaria entre oficiais inativos e ativos da polícia, por falta de disponibilidade para pagar os contracheques. Todos os médicos e servidores da saúde paralisaram suas atividades e fecharse a única UTI do estado. Funcionários do Banco em liqüidação, da Educação e do Detran passaram num gesto simbólico a pedir esmolas. E vai por aí.

Carlos Castello Branco

Anistia pede desculpas ao Brasil

BRASÍLIA — O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, divulgou ontem uma carta da Anistia Internacional, enviada ao presidente Fernando Collor de Mello, na última sexta-feira, em que a instituição se retrata das críticas feitas ao governo brasileiro por sua seção britânica. No início deste mês, a Anistia inglesa publicou artigo no jornal *The Independent*, afirmando que o "Brasil resolveu o problema das crianças de rua, matando-as". Na carta, o secretário-geral da entidade, Ian Martin, explica: "Infelizmente a seção britânica não estava informada a respeito de alguns pronunciamentos públicos recentes do governo brasileiro quando o anúncio foi enviado e publicado."

No início deste mês, quando retornava ao Brasil de sua viagem à Praga, o presidente Collor leu, ainda no avião, um artigo que reproduzia o texto publicado pela Anistia inglesa. Irritado, o presidente pediu a Rezek que enviasse uma carta à instituição. "Não era uma denúncia. Dava a idéia de que somos uma sociedade infanticida. Era de uma brutalidade e de uma grosseria sem precedentes", disse o ministro. Já no dia 6, a carta foi remetida com uma pesada queixa ao "procedimento leviano e indigno" da seção britânica da Anistia.

Desinformação — Apesar do dossiê divulgado em agosto pela Anistia Internacional denunciar que mais de uma criança é morta diariamente por forças policiais ou grupos de extermínio no Brasil, Rezek afirma que as críticas são injustas, porque o governo brasileiro mudou radicalmente de postura. "Hoje, acima de tudo, há o desejo de absoluta transparência. O Brasil admite que tem problemas, mas não tem como resolvê-los a curto prazo", sustenta o ministro.

Na carta, a organização reconhece e elogia essa postura: "A Anistia Internacional está consciente das importantes mudanças de atitude e de política do novo governo federal, em particular, ao reconhecer sua reponsabilidade por assegurar, em toda a federação, o respeito aos compromissos de direitos humanos assumidos pelo Brasil." Rezek não atribui o artigo publicado pela seção britânica da entidade a má-fé, mas a "uma falta de informação quase indesculpável". "Isso resulta de uma postura arrogante de alguém que não verifica atualidade dos dados."

Brasília — Luis Marques

Resek: Anistia foi leviana com o Brasil

Teixeira não altera política de preços da Petrobrás

José Ramos

BRASÍLIA — A política de reajuste de preços para os combustíveis, uma das causas da queda do ex-presidente Luis Octávio da Motta Veiga, não deve ser alterada pelo novo presidente da Petrobrás, Eduardo Teixeira. Ele garante que o combustível não será subsidiado, mas que os reajustes serão cautelosos. "Não podemos aumentar os preços dos combustíveis ao sabor das oscilações dos preços no mercado internacional. Os preços ontem, por exemplo, baixaram novamente para US$ 33 o barril. Se tivéssemos aumentado os preços dos derivados quando o petróleo estava a US$ 40 o barril, o que faríamos agora? Iríamos ter que baixar o preço da gasolina novamente?", questiona.

Teixeira também não aceita o argumento de que os combustíveis devem ter um aumento significativo para gerar os recursos necessários ao aumento dos investimentos na produção. "Isto não existe em nenhum lugar do mundo, e quem defende esta proposta sabe disso. Investimento tem que ser feito com operação de crédito. E neste momento não temos onde buscar dinheiro", comenta Teixeira, jogando um balde de água fria nos que querem ver o país auto-suficiente na produção de petróleo ainda nesta década. "Estamos vivendo uma crise financeira, temos que entender isto. Queremos preservar o nível de investimentos da Petrobrás, que é um setor estratégico para o país, mas há outros setores também prioritários que não têm o mesmo poder de pressão junto ao governo, como a área de educação, saúde e habitação, entre outros", dasabafa o presidente.

Membro de confiança da ministra Zélia e do ministro Ozires Silva, como faz questão de afirmar, Teixeira já vislumbra uma mudança no comportamento da empresa a partir de terça-feira, quando assume o cargo. "Vocês não vão mais ler declarações públicas de autoridades da empresa reclamando reajuste de preços ou outras intrigas deste tipo. Neste sentido, a empresa vai desaparecer do noticiário", adianta. Ele garante que estas questões serão discutidas internamente pelo governo, que tomará as decisões de consenso que atendam aos interesses da sociedade como um todo, e não apenas aos da empresa.

"É preciso que todos entendam que a Petrobrás, como toda empresa pública, tem responsabilidades com o país. Ela deve prestar contas ao seu acionista majoritário, que é a União, e se submeter às diretrizes de governo", opina. Seguindo esta diretriz, o novo presidente da Petrobrás pretende dar continuidade ao programa de enxugamento da empresa e não descarta a possibilidade de mais demissões. O aumento da eficiência, adianta, será uma meta a ser buscada com a conjunção de todos os esforços.

"Se uma empresa privada mantém dez funcionários a mais do que o necessário, é um problema do seu dono, que vai pagá-los queimando dinheiro do próprio bolso. Mas se uma empresa pública como a Petrobrás, o Banco do Brasil ou outra qualquer mantém funcionários excedentes, quem sustenta estes salários é o contribuinte que paga os impostos ao governo ou utiliza seus serviços", argumenta.

Ao mesmo tempo em que promete administrar com rigidez, Teixeira procura tranqüilizar os funcionários da empresa, garantindo que é defensor do monopólio da Petrobrás e também funcionário público. "Não temo nenhum boicote ou ações corporativistas. Sei que obterei o apoio integral do corpo de funcionários da Petrobrás e pretendo valorizá-lo. Como os funcionários sabem que não vou usar o cargo como trampolim para vôos pessoais, sei que haverá colaboração com o nosso trabalho conjunto para o fortalecimento da empresa". O economista ainda não pensou na montagem da nova diretoria da Petrobrás, mas dentro do espírito de integração, garante que priorizará os quadros da própria empresa.

Tranqüilidade — Enquanto passeava ontem pelos jardins de sua quadra, em Brasília, o economista — que até ontem exercia as funções de secretário-executivo do Ministério da Economia — não demonstrava ansiedade diante do novo trabalho. Após ser indicado para o novo cargo pelo presidente Collor, na noite de sexta-feira, Teixeira tranqüilamente buscou sua mulher em casa e foi comemorar a boa nova com um *steak au poivre* servido no restaurante La Chaumière. Às 23 horas já estava na cama, sem sequer dar-se ao trabalho de assistir aos noticiários da noite, que repercutiam o tiroteio verbal que acompanhou as mudanças no governo.

"Eu não fico tenso com estas coisas. Sou antigo conhecedor do setor público e estou consciente de que minha escolha para a Petrobrás só tem sentido dentro do trabalho de equipe do governo. Vou tranqüilo pois sei que não sou o dono da empresa, mas o representante do seu principal acionista, que é a União e, em última instância, a sociedade", explica.

Ver a bola rolando no Maracanã será a principal compensação que o tricolor Eduardo Teixeira encontrará em sua nova tarefa de comandar a maior empresa brasileira, uma misteriosa estrutura que tem por hábito devorar seus presidentes. "Enfrentarei desafios, mas pelo menos vou voltar a assistir os jogos do Fluminense, como fazia há cinco anos, quando saí do Rio".

Leopoldo Silva — 31/07/90

Teixeira não descarta possibilidade de mais demissões

Porta-voz mantém acusações

O porta-voz da Presidência da República, Claúdio Humberto Rosa e Silva, reiteirou ontem as duras críticas que fez ao advogado Luis Octávio da Motta Veiga, que pediu demissão na última sexta-feira da presidência da Petrobrás. "Ele caiu por incompetência, insubordinação e ineficiência na condução dos negócios da empresa. E ele próprio sabe disso. Motta Veiga foi advertido no tempo devido", diz Claúdio Humberto, que não quis rebater as acusações feitas pelo demissionário: "Não bato em cachorro morto".

Negando que o ex-presidente da Petrobrás tenha deixado o cargo em consequência de um processo de *fritura* comandado pelo primeiro escalão da equipe presidencial — "isso não existe no governo" —, Claúdio Humberto afirma que Motta Veiga "se acovardou diante do forte corporativismo da empresa e se aliou a grupos de comando de governos passados, que tem histórica participação na gestão da Petrobrás". O porta-voz não cita os nomes dos aliados de Motta Veiga, mas acrescenta: "Esses grupos de comando, sim, são muito suspeitos".

Certificados — Segundo Claúdio Humberto, o ex-presidente da estatal fez uma operação desastrosa na compra de títulos da dívida externa da Petrobrás com deságio. Ao justificar sua demissão, Motta Veiga disse que a operação teve o consentimento da ministra Zélia Cardoso de Mello e do presidente do Banco Central, Ibrahim Eris. "Ele está mentindo. Segundo estou informado, ele fez tudo por livre iniciativa".

Motta Veiga teria sido mais uma vez "ineficiente" ao recusar um negócio com Wagner Canhedo, dono da Vasp. Procurado pelo empresário e por Paulo César Farias (tesoureiro da campanha do então candidato Fernando Collor), o ex-presidente da estatal recusou-se a emprestar US$ 40 milhões de dólares à Vasp. Claúdio Humberto disse que o negócio recusado foi fechado posteriormente com a multinacional Shell. "Se a Shell fechou, deve ser um bom negócio, que a estatal brasileira perdeu pela ineficiência de Motta Veiga", sustenta o porta-voz. "Na verdade, esta decisão escondia um comportamento contra o espírito privatizante do governo Collor."

□ **Ninguém quis responder às acusações feitas pelo ex-presidente da Petrobrás, Luis Octavio da Motta Veiga, na sexta-feira, ao deixar o cargo. A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, em São Paulo, permaneceu trancada em casa. Ao seu lado, o presidente do Banco Central, Ibrahim Éris, também atingido pela saraivada de balas disparadas por Motta Veiga, manteve a mesma decisão de evitar a imprensa. Em Curitiba, o ministro da Infra-Estrutura, Ozires Silva, embora tenha conversado com os repórteres, preferiu passar por cima das acusações: "Sou amigo pessoal de Motta Veiga e prefiro não falar."**

Motta Veiga rebate críticas

Recusando-se a sequer citar o nome do porta-voz do governo, Claúdio Humberto — que ele, anteontem, disse que "não trabalha, apenas faz frutica" —, o ex-presidente da Petrobrás, Luis Octavio da Motta Veiga deixou claro ontem que "não vou ficar alimentando polêmicas vazias, quando for preciso discutirei em cima de fatos". Sua única preocupação foi a de esclarecer esses fatos, que estariam sendo deturpados.

A operação de compra de títulos da dívida externa — *relending* — foi autorizada por todos os escalões da área financeira, "inclusive a própria ministra da Economia, durante seu depoimento no Congresso, confirmou que a tinha autorizado". Lembra, inclusive, que "a operação foi lucrativa para a empresa e somente por seu intermédio foi possível repor algum numerário ao combalido caixa da Petrobrás".

Sobre o caso da Vasp — cujo novo proprietário fez um pedido de empréstimo de US$ 40 milhões —, Motta Veiga confirma que a Shell realizou a operação. Isso, contudo, para ele, não modifica a decisão que teve como presidente da Petrobrás. "As empresas são livres para fazer as avaliações sobre os negócios que lhes são oferecidos. Se a Shell fechou o negócio, deve tê-lo avaliado como rentável para seus padrões. Mas eu gostaria de lembrar que a Petrobrás Distribuidora, concorrente da Shell, há 10 anos vem sendo apontada pela revista *Exame* como a mais eficiente no seu ramo. Confio muito mais na avaliação técnica da BR do que na feita pela Shell."

Motta Veiga, que se notabilizou quando presidiu a Comissão de Valores Mobiliários, lembrou que vem sendo feita uma tremenda confusão ao se falar que a direção da estatal deve satisfações apenas ao acionista majoritário. "O administrador da Petrobrás é gestor de uma companhia de capital aberto e, como tal, deve satisfações aos acionistas como um todo, conforme determina a lei. O acionista majoritário, como qualquer acionista, deve se manifestar na assembléia geral, enquanto a responsabilidade da gestão da empresa é dos administradores." Acrescentou que o gestor de uma empresa de capital não pode administrá-la pensando apenas nos interesses de seu acionista majoritário, mas no de todos. Explicou, por fim, que quem paga os salários dos empregados da estatal não são os contribuintes, mas o lucro das operações da empresa. "Só se o preço do produto não for compatível com o da matéria-prima é que o contribuinte será penalizado, em substituição ao consumidor", explicou.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SECRETARIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA – SCT/PR
EXTRATO DE EDITAIS
PROGRAMA DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – PADCT – II –

OBJETO: A Secretaria da Ciência e Tecnologia — SCT/PR está lançando a segunda fase do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico — PADCT, com a publicação de Editais dos Subprogramas abaixo identificados, para apresentação de propostas às Chamadas de projetos de pesquisa, de acordo com as especificidades das áreas do conhecimento científico e tecnológico apoiadas pelo Programa.

RECURSOS: Os recursos disponíveis para financiamento, por Edital/Subprograma, são:

SUBPROGRAMA	RECURSOS EM US$ 1.000,00		
	PAÍS	EXTERIOR	TOTAL
Química e Engenharia Química	12,414.0	8,846.0	21,260.0
Geociências e Tecnologia Mineral	10,280.0	4,800.0	15,080.0
Informação em Ciência e Tecnologia	683.3	400.0	1,083.3
Novos Materiais	4,050.0	6,350.0	10,400.0
Instrumentação	6,250.0	2,200.0	8,450.0
Educação para a Ciência	7,200.0	1,800.0	9,000.0
Insumos Essenciais	1,495.0	750.0	2,245.0
Biotecnologia	7,200.0	8,970.0	16,170.0
TOTAL	49,572.3	34,116.0	83,688.3

PROPONENTES ELEGÍVEIS: Instituições de Ensino Superior, Centros e Institutos de Pesquisa, Empresas públicas e privadas, Fundações, Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, Secretarias Estaduais de Ciência e Tecnologia, Sociedades Científicas e Tecnológicas, Associações de classe (de acordo com a especificidade de cada Edital).

DATA LIMITE PARA APRESENTAÇÃO DAS PROPOSTAS: 21/01/91.

Os Editais e demais instruções podem ser obtidos nas Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação das Universidades, nas Secretarias Estaduais de Ciência e Tecnologia e nos seguintes endereços:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq
Coordenação do PADCT/CNPq
Ed. CNPq — Av. W/3 Norte — Quadra 507 — Bloco B — 4º andar 70.742 — Brasília — DF
Telefone: (061) 273-0027 (Direto) / 274-1155 R. 402 (PABX)
Telefax: (061) 274-1950
Telex: 61 — 1089

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES
Divisão de Programas Especiais
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Anexo I, 4º andar, S/ 409 70.047 — Brasília — DF
Telefone: (061) 225-3353 / 214-8863
Telefax: (061) 321-2963
Telex: 61 — 2018

Financiadora de Estudos e Projetos — FINEP
Coordenação do PADCT/FINEP
Av. Rio Branco, 124 — 17º andar — Centro
20.042 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (021) 276-0593 / 276-0370
Telefax: (021) 242-2015
Telex: 21-23468

Secretaria Executiva do PADCT — SE/PADCT
Esplanada dos Ministérios — Bloco E — 3º andar — Sala 310 70.062 — Brasília — DF
Telefone: (061) 321-2358 / 321-2838
Telefax: (061) 226-1257
Telex: 61-3886

Brasília, DF, 21 de outubro de 1990

CASPAR ERICH STEMMER
SECRETÁRIO EXECUTIVO DO PADCT

Collor não consegue evitar discórdia na sua equipe

Na sexta-feira, quando atribuiu sua saída da Petrobrás à conspiração engendrada pela ministra Zélia Cardoso de Mello, à omissão do ministro Ozires Silva e, como se não bastasse, a intrigas urdidas pelo porta-voz Claudio Humberto, o advogado Luiz Octávio da Motta Veiga tocou no nervo exposto do governo e alinhavou os ingredientes da rede de intrigas de uma equipe que se pretendia imune ao vírus da discórdia.

Enquanto Motta Veiga denunciava no Rio conspirações, a 1.200 quilômetros dali, no Palácio do Planalto, o porta-voz abria fogo contra ele: "Foi demitido por incompetência e insubordinação", fulminou. Era o mesmo Cláudio Humberto que, quatro dias antes, tinha sido acusado de intrigante pelo já ex-ministro Bernardo Cabral. Só que, ao contrário de Cabral, Motta Veiga já se mostrou, por diversas vezes, homem de não levar desaforo para casa. Curto e grosso, rebateu no mesmo tom: "Não respondo a mata-cachorro", recorrendo a uma expressão usada para serventes de circo.

Pouco mais de sete meses depois do início do governo do presidente Fernando Collor, o desenho do primeiro escalão de Brasília não guarda qualquer semelhança com os esboços dos projetos que foram traçados antes da posse. Pela teoria, por não ter sido montado à base de negociações políticas, ser respaldado por 35 milhões de votos e não ter se respaldado no apoio dos políticos tradicionais, o governo Collor estava destinado a ser uma rocha de coesão. Intrigas, a princípio, não teriam terreno para prosperar, pelo simples fato de que a posição de cada um estaria tão nítida, que a prática de puxar o tapete alheio seria aposentada dos costumes da capital.

Na prática, tudo saiu diferente e o tapete continua mais rasteiro do que nunca. Para uma equipe que se imaginava monolítico e estável, longe das flutuações dos governos "fracos" e "divididos" que o candidato Collor tanto execrou, o presidente Collor tem a apresentar uma folha de serviços desanimadora — pelo menos até agora.

Lista grande — Foram três secretários nacionais — Marcelo Ribeiro, secretário dos Transportes do ministério da Infra-estrutura, Marcelo de Paiva Abreu, secretário de Economia do ministério da Economia, e José Del Chiaro, secretário de Defesa Econômica, do ministério da Justiça — o seu ministro da Justiça e o presidente da principal estatal — sem falar da saída do ministro da Agricultura, por motivos eleitorais — foram enjetados de suas cadeiras pela força irresistível das antigas e eternas brigas pelo poder. Era exatamente tudo o que o presidente esperava evitar quando subiu a rampa do palácio do Planalto pela primeira vez.

"É preciso entender que o governo não é uma máquina", reconhece o deputado Delfim Netto, um dos maiores observadores das engrenagens que movem o poder, com a autoridade de quem já comandou a economia brasileira por duas vezes. "O governo, na verdade, é um animal: se você pisa o rabo, ele grita; se põe a mão na boca, ele morde; se pisoteia, ele reage a unhadas", compara Delfim.

Sutileza — A grande novidade destacada pelos participantes do governo do Brasil Novo é uma mera sutileza. Fala-se que nesse novo governo, pelo menos, a velocidade com que as conspirações atingem seus objetivos são mais rápidas. No período Sarney, a *fritura* era um processo normalmente lento, em que a vítima se debatia numa onda de maledicências até chegar ao ponto de ser expelida por seus inimigos. O "novo estilo" do governo Collor lança às cinzas os indesejáveis, de forma mais veloz. É a chamada *carbonização*.

Na verdade, de forma rápida ou demorada, o processo acaba sendo um só: o da falta de sinceridade com os subordinados, quando estes não agradam ou avançam o sinal. Nos dois casos, o principal combustível usado é a frutica e o fuxico, que surgem nos jornais sem que seus autores apareçam. E, quando isso acontece, seja em câmara lenta ou de forma veloz, o jogo passa a ter o mesmo adjetivo: sujo.

Tudo Que Você Queria Está Aqui.

MANDALA

Guilherme e Renata são moradores de Mandala

354.000 m² de Conforto, Segurança e Lazer.
Venha hoje mesmo visitar o Bairro de Mandala.

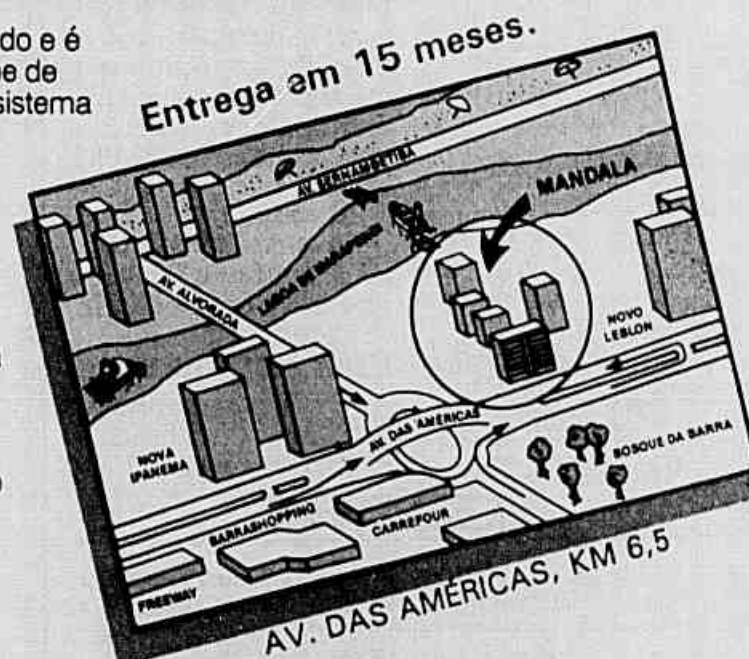
Em Mandala, a vida é uma festa para as crianças e tranqüilidade absoluta para seus pais.
Em Mandala existe liberdade.
É o lugar ideal para você viver bem e criar seus filhos livremente.

Mas o Mandala não é um bairro só para crianças. Aqui, os adultos encontram uma volta à forma natural de se viver, aliada ao que há de mais moderno em recursos de conforto, segurança e lazer.
A segurança começa na guarita de entrada dos moradores e convidados e se estende por todas as ruas e alamedas do Bairro.

São 354.000 m² distribuídos generosamente entre:

* Quadras Residenciais
* Áreas Verdes
* Edifícios de Alto Luxo
* Ruas Arborizadas
* Horta Comunitária
* Árvores frutíferas
* Ciclovias
* Clube Náutico
* Creche
* Escola de 1º grau
* Clínica
* Consultório Odontológico
* Conjunto Comercial com Vídeo Clube, Pizzaria, Cabeleireiro, Farmácia, Padaria e Banca de Jornais.

Todo o bairro está cercado e é protegido por uma equipe de vigilantes, com viatura e sistema de rádio/telefonia.
Em Mandala, você deixa a preocupação de lado, dorme em paz e vive tranqüilo.

E a diferença fundamental de Mandala é que aqui está tudo pronto e funcionando. Uma infra-estrutura que pouquíssimos bairros do Rio podem oferecer.

Apartamentos de 2, 3 e 4 QUARTOS.

Venha comprovar como vai ser fácil você se mudar pra cá.

Financiamento em 88 meses a partir de outubro de 1990, diretamente da Incorporadora ou pelo SFH.

Incorporação e Construção:

Financiamento:

BANCO REAL

Vendas:

Creci-1290

Corretores da Plano diariamente em nosso stand no local, ou maiores informações pelos tels.: 551.0145 - 551.0343 - 551.3946
Prestigie seu corretor de imóveis.

Associados à Ademi

Memorial de Incorporação Registro 05 da Matrícula 99200.

Informe JB

As urnas foram madastras para alguns políticos fluminenses que haviam sido, quatro anos atrás, presenteados com grande votação.

O caso mais impressionante ocorreu com o deputado federal Álvaro Valle (PL), que nas eleições de 1986 foi o mais votado no Estado do Rio, com 324.941 votos, e amarga uma eleição de míseros 49.451 votos.

Um pouco menos grave foi o que aconteceu com os deputados Sandra Cavalcanti (PFL), Rubem Medina (PRN), Brandão Monteiro (PDT) e Jandira Feghali (PC do B).

Todos, embora vitoriosos, viram desaparecer pelo menos a metade dos seus antigos eleitores.

- Sandra despencou de 137,5 mil para 62,7 mil.
- Medina caiu de 80 mil para 33,8 mil.
- Brandão passou de 57,9 mil para 27,1 mil.
- Jandira desceu de 91,9 mil para 25 mil.

Mais dramática é a situação do ex-deputado Gustavo de Faria (PTB) e da deputada Anna Maria Rattes (PSDB), que viram seus nomes envolvidos em escândalos.

O primeiro, que havia sido eleito com 35,9 mil votos, teve apenas 8,1 mil. A segunda, apenas 7,7 mil votos dos 54,7 mil que a elegeram em 1986.

■

Constatação

Não adianta tapar o sol com a peneira.

Com a perda da Petrobrás para o Ministério da Economia, o ministro Ozires Silva virou uma figura decorativa no governo.

Seca

Em menos de uma semana o governo deu duas mostras que o time do governo não tem um bom banco de reservas.

Ao convidar o senador Jarbas Passarinho para substituir o deputado Bernardo Cabral no Ministério da Justiça, o presidente Collor de Mello esqueceu que prometera um dia não nomear para sua equipe ex-ministros. Ele tinha poucas alternativas dentros das hostes *colloridas*.

Já para a presidência da Petrobrás a opção foi promover um remanejamento interno na equipe econômica e deslocar para o cargo o economista Eduardo Teixeira, que era secretário executivo do Ministério da Economia, sem ter de abrir vagas.

Vale tudo

Na busca dos eleitores que votaram em branco ou anularam os seus votos, os dois candidatos a governador do Rio Grande do Sul no segundo turno usam qualquer argumento.

Nelson Marchezan (PDS) disse que "o eleitor já fez seu protesto no primeiro turno e agora, pelo menos, deve votar no menos ruim. E eu sou o menos ruim".

Já Alceu Collares (PDT), no seu linguajar mais direto, disparou:

— Tapem o nariz e votem em mim.

Virada

Do deputado federal reeleito Vladimir Palmeira (PT-RJ):

— Este é meu último mandato. No terceiro, todo deputado vira corrupto.

Exemplo

Quando assumiu o Ministério da Agricultura, Antônio Cabrera tinha direito a 120 assessores.

Hoje, ele opera tranqüilamente com quatro.

Estrangeiro

A boa performance — 339 mil votos — do ex-governador e hoje deputado federal mais votado do Brasil, Miguel Arraes, ultrapassou os limites de Pernambuco.

Ele teve 39 votos no município paraibano de Natuba.

Bandeira branca

O recém-eleito deputado federal Cleto Falcão, do chamado *grupo alagoano*, depois de longas conversas em gabinetes do Palácio do Planalto, decidiu cair fora da briga com o empresário Paulo César Farias, o famoso *PC*, a quem brindou com adjetivos pesadíssimos durante a campanha eleitoral em Alagoas:

— Na realidade, tudo não passou de exacerbação da campanha política. Hoje, passado o temporal, reconheço que o *PC* foi um companheiro correto, um amigo, e o que disse dele não lhe faz justiça.

De fora

Do deputado Gilson Machado (PFL-PE), que acaba de ser reeleito para a Câmara Federal:

— A turma do zero está chegando e a do dez ficou dançando.

□

Referia-se aos deputados pernambucanos — como Cristina Tavares e Egídio Ferreira Lima — que, embora tenham obtido a nota máxima registrada no livro do Diap, foram rejeitados pelas urnas.

Presos

Os dois melhores navios *full-containers* do Lloyd Brasileiro — o Lloyd Atlântico e o Alegrette — foram apreendidos judicialmente por cerca de 10 credores nos portos de Bremen, na Alemanha, e de Amsterdã, na Holanda.

A dívida — por falta de pagamento de leasing de container —, juntamente com o Lloyd Pacifico, outro navio que também está arrestado desde agosto no porto de Roterdã, na Holanda, é de US$ 40 milhões.

E mais:

A despesa diária de cada um dos três navios brasileiros apreendidos é, em média, de US$ 20 mil.

Uma pergunta

O que faz o misterioso cidadão Paulo César Farias, o *P.C.*, no governo Collor?

LANCE-LIVRE

- O procurador-geral da República no Rio, Gustavo Tepedino, abriu inquérito para apurar responsabilidades de membros do governo federal que permitiram a entrada na Baía de Guanabara do porta-aviões nuclear americano Abraham Lincoln. Atendeu a pedido do deputado Carlos Minc e do vereador Chico Alencar, do PT.
- **Dez meses depois do lançamento do Diet-in Guaraná, a Brahma coloca no mercado do Rio, no próximo mês, as versões Diet do Limão, da Laranja e da Tônica em embalagens one-way.**
- O rei Roberto Carlos, desta vez, vai extrapolar. O seu 16º especial de fim de ano na TV Globo, normalmente de uma hora e meia de duração, dia 24 de dezembro, vai se dividir em duas partes. Uma de 15h às 18h e outra de 22h15 às 24h. A primeira cota de patrocínio já foi comprada pela Garoto.
- **Dos vereadores cariocas que se candidataram, só se elegeram novatos, que não tinham mandato antes deste que deixam pela metade: Tito Ryff (PDT), Regina Gordilho (PDT), Jair Bolsonaro (PDC), Wagner Siqueira (PSDB) e José Richard (PL). Veteranos como Wilmar Palis (PRN), Américo Camargo (PSC) e Wilson Leite Passos (PDS) foram reprovados nas urnas desta vez.**
- Chegam hoje a Porto Velho 12 embaixadores de países do Mercado Comum Europeu. Ficarão três dias em Rondônia vendo as possibilidades de investimentos — nos setores industrial, de mineração e agrícola — no estado.
- **O embaixador extraordinário para Assuntos da Dívida Externa, Jório Dauster, fala hoje no** Crítica e Autocrítica, **às 23h, na TV Bandeirantes, sobre a evolução nas negociações da dívida e as alternativas das autoridades econômicas do Brasil.**
- O presidente do BNDES, Eduardo Modiano, viaja no fim do mês para os Estados Unidos, onde vai tentar liberar com o Banco Mundial, o mais rápido possível, cerca de US$ 1 bilhão. De quebra, faz uma série de palestras, inclusive com o ganhador do prêmio Nobel de Economia deste ano, Lawrence Klein.
- **Faltam 10 meses e 22 dias para o governo devolver a poupança confiscada.**

Ancelmo Gois, com sucursais

JB

Os mais completos flashes de informações.
Informe JB

JORNAL DO BRASIL

Avenida Brasil, 500 — CEP 20949 — Caixa Postal 23100 — São Cristóvão — CEP 20922
Rio de Janeiro — Tel.: (021) 585-4422 • Telex (021) 23 690 — (021) 23 262 — (021) 21 558

Áreas de Comercialização

Rio de Janeiro: Noticiário (021) 585-4566
Classificados (021) 580-4049
São Paulo (011) 284-8133
Brasília (061) 223-5888

Classificados por telefone
Rio de Janeiro (021) 580-5522
Outras Praças (021) 800-4613

Avisos Religiosos e Fúnebres
Tels: (021) 585-4320 — (021) 585-4476

Sucursais

Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70302 — telefone: (061) 223-5888 — telex: (061) 1 011

São Paulo — Avenida Paulista, 777, 15º-16º andares — CEP 01311 — S. Paulo, SP — telefone: (011) 284-8133 (PBX) — telex: (011) 37 516, (011) 37 518

Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30130 — B. Horizonte, MG — telefone: (031) 273-2955 — telex: (031) 1 262

R. G. do Sul — Rua José de Alencar, 207 — s/501 e 502 — Menino Deus — CEP 90640 — Porto Alegre, RS — telefones: (0512) 33-3036 (Publicidade), 33-3588 (Redação), 33-3118 (Administração) — telex: (0512) 1 017

Bahia — Max Center — Av. Antônio Carlos Magalhães, nº 846, Salas 154 a 158 — telefones: (071) 359-9733 (mesa) 359-2979 359-2986

Pernambuco — Rua Aurora, 325, 4º and., s/ 418/420 — Boa Vista — Recife — Pernambuco — CEP 50050 — telefone: (081) 231-5060 — telex: (081) 1 247

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Piauí, Rondônia, Santa Catarina.

Correspondentes no exterior
Buenos Aires, Paris, Roma, Washington, DC.

Serviços noticiosos
AFP, Tass, Ansa, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI.

Serviços especiais
BVRJ, The New York Times, Washington Post, Los Angeles Times, Le Monde, El País, L'Express.

Agências

AVENIDA
Av. Rio Branco, 135 Lj. C, Tels.: 231-1580/232-4373
COPACABANA
Av. N. S. de Copacabana, 610 Lj. C, Tel.: 235-5539
HUMAITÁ
R. Voluntários da Pátria, 445 Lj. D, Tels.: 226-3170/266-3879
IPANEMA
R. Visconde de Pirajá, 580 Sl. 221, Tels.: 259-5247/294-4191
MÉIER
R. Dias da Cruz, 74 Lj. B, Tels.: 289-3798/594-1716
NITERÓI
R. da Conceição, 188 L. 126, Tels.: 722-2030/717-9900
TIJUCA
R. General Roca, 801 Lj. B, Tels.: 284-8992/254-9184

Preços de Venda Avulsa em Banca

Estados	Dia útil	Domingo
RJ-MG-SP	50.00	80.00
ES	60.00	80.00
AL.PR.SC.SE.RS	80.00	100.00
BA.DF.GO.MS.MT	100.00	120.00
AC.AM.CE.MA.PA.PB PE.PI.RN.RO.RR	120.00	135.00
Demais Estados	120.00	135.00

Atendimento a Assinantes

Telefone: (021) 585-4183
De segunda a sexta, das 7h às 17h
Sábados, domingos e feriados, das 7h às 11h

Exemplares atrasados JB
De segunda a sexta das 10h às 17h
Telefone: (021) 585-4377

Entrega Domiciliar	Segunda/Domingo					Executiva (Segunda/Sexta-Feira)				
	Mensal	Trimestral		Semestral		Mensal	Trimestral		Semestral	
	Preço À vista	Preço À vista	2 Parcelas	Preço À vista	3 Parcelas	Preço À vista	Preço À vista	2 Parcelas	Preço À vista	3 Parcelas
RJ-MG-SP	1620.00	4374.00	2386.00	8262.00	3268.00	1100.00	2970.00	1620.00	5610.00	2219.00
ES	1880.00	5076.00	2769.00	9588.00	3793.00	1320.00	3564.00	1944.00	6732.00	2663.00
AL.PR.SC.SE.RS	2480.00	6696.00	3652.00	12648.00	5004.00	1760.00	4752.00	2592.00	8976.00	3551.00
BA.DF.GO.MS.MT	3080.00	8316.00	4536.00	15708.00	6214.00	2200.00	5940.00	3240.00	11220.00	4439.00
AC.AM.CE.MA.PA.PB PE.PI.RN.RO.RR	3660.00	9882.00	5390.00	18666.00	7384.00	2640.00	7128.00	3888.00	13464.00	5326.00
Entrega Postal *	3660.00	9882.00	5390.00	18666.00	7384.00	2640.00	7128.00	3888.00	13464.00	5326.00

* OBSERVAÇÕES: 1) Nos preços, já estão contidos descontos de 10% e 15%, nas assinaturas trimestrais e semestrais, respectivamente.
2) * Localidades não atendidas pela entrega regular.

Cartões de crédito: BRADESCO, NACIONAL, CREDICARD, DINERS, OUROCARD e CHASE CARD

A venda de assinaturas novas e renovadas, assim como a entrega dos exemplares, exceto nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, são de inteira responsabilidade de agentes locais. Em caso de reclamação não solucionada pelo agente local, favor entrar em contato com o JORNAL DO BRASIL pelos telefones (021) 585-4341/580-8243.

Fraude em Alagoas escandaliza TRE

Florência Costa

MACEIÓ — O povo costuma dizer que na política de Alagoas só falta boi voar. Habituados a toda sorte de trapaças eleitorais, os alagoanos não precisaram ver nenhum boi voar para ficarem estarrecidos com os últimos acontecimentos das eleições para a sucessão do governador Moacir Andrade. "Alagoas viveu a maior fraude eleitoral de sua história", escandaliza-se o presidente do TRE, Hélio Cabral, depois de determinar a anulação de 70 mil votos no interior e na capital. "O Tribunal Regional Eleitoral não poderia coonestar com tamanha bandalheira, sob pena de sucumbir nestas tempestades de fim século."

A decisão de invalidar o correspondente a 7% do total de votos do estado — votaram no pleito 1.000.030 pessoas — deixou o eleitorado duplamente perplexo: com a sofisticação das fraudes e com a ousadia da Justiça Eleitoral alagoana, que abriu inquérito criminal para apurar o envolvimento de três juízes na roubalheira. São eles Raimundo Lessa, da 2ª Junta da 1ª Zona Eleitoral de Maceió; Luis Gomes, da 44ª Zona (abrange os municípios de Batalha, Belo Monte e Jacaré dos Homens); e Maria Ilza da Silva, da 29ª Zona (Campo Grande e Girau do Ponciano). Durante o processo de apuração, o TRE foi atingido por uma chuva de mais de 100 recursos, impetrados principalmente pelo candidato Renan Calheiros (PRN) e pelo candidato da coligação Frente Popular (PT-PSB-PCB-PC do B), Antônio Moura.

Após anunciar a anulação de 70 mil votos — decisão contestada na Justiça pelos advogados do candidato do PSC, Geraldo Bulhões, primeiro colocado na eleição —, a Justiça Eleitoral está assustada com a ameaça de ter de arcar com a realização de uma eleição suplementar nos locais onde houve fraude. Essa hipótese está prevista na legislação em dois casos: se houver alteração na colocação dos candidatos da eleição majoritária ou na representação dos partidos na Assembléia Legislativa e na Câmara dos Deputados. O suspense sobre a necessidade de uma eleição suplementar, que deverá ser elucidado na próxima semana, preocupa a Justiça Eleitoral pela falta de estrutura e, principalmente, por sua conseqüência natural: o atraso no calendário eleitoral, que prevê a realização de segundo turno no dia 25 de novembro.

"Não vamos proclamar o resultado das eleições do primeiro turno no dia 5, como prevê a lei", avisa o presidente do TRE, que ainda está às voltas com a apreciação dos recursos impetrados pelos partidos, com denúncias de fraudes. Desgraça para uns, felicidade para outros. Enquanto a Justiça Eleitoral enfrenta escândalos, o candidato do PRN sente o gostinho da vingança contra seu adversário, Geraldo Bulhões. A grita contra o logro eleitoral foi encarada como choro de perdedor. Afinal, as primeiras pesquisas de opinião garantiam a vitória de Renan no primeiro turno. No entanto, o candidato do PRN acabou atropelado por Bulhões.

O último boletim do TRE, que apresentou o resultado da apuração de todos os votos — descontados os anulados —, dá ao candidato do PSC 313.298 votos (32,78%), e ao do PRN, 289.180 (30,26%). Mas o discurso inflamado do presidente do TRE contra a fraude lavou a alma de Renan, que pretende aproveitar o respaldo da Justiça Eleitoral às suas denúncias no segundo *round* da luta contra Bulhões. Desgraça mesmo caiu sobre a cabeça dos três juízes, alvos da Polícia Federal, que auxilia o TRE na investigação das responsabilidades pelas fraudes.

Nessa história toda, um personagem ganhou fama: o controvertido juiz da 13ª Vara Criminal de Maceió, Raimundo Lessa, que presidiu a 2ª Junta da 1ª Zona Eleitoral da capital. "Esse Raimundo dá é trabalho para a Justiça", comentou o desembargador Hélio Cabral. Escaldado no passado de Raimundo Lessa, recheado de denúncias não comprovadas de atitudes ilícitas, os juízes do TRE previam encrencas, mas não puderam evitar de convocá-lo para trabalhar na eleição. "Não temos juízes. Não vimos outra saída senão recorrer a ele", explicou Cabral.

Protagonista da trapaça eleitoral alagoana, Lessa presidiu a Junta Eleitoral onde aconteceram as histórias mais escabrosas, contadas por políticos de todas as tendências, fiscais e candidatos. O Sesc (Serviço Social do Comércio), onde forasm apurados os votos da 1ª Zona de Maceió, chegou a ser batizado pelo povo de *Bolsa de Valores* por causa do comércio de votos. No auge da confusa apuração, transtornado com as pressões vindas de vários candidatos a deputado estadual e federal, que tentavam comprar voto, o juiz queixou-se a um amigo: "Essa peste dessa urna era boa de jogar no Salgadinho. Assim acaba essa confusão". Se cumprisse a ameaça, os votos mergulhariam no rio que recebe o esgoto de Maceió.

Renato Velasco — 18/12/89 · Gilberto Alves — 2/10/90

Renan denuncia na justiça fraudes que Bulhões contesta

Um laboratório de trapaças

Da urna *prenhe* ao voto *formiguinha*, as eleições em Alagoas serviram como um laboratório de fraudes. O dinheiro foi o fiel da balança. Algumas histórias — presenciadas por políticos e fiscais de partidos — são tão absurdas que já entraram para o anedotário popular.

Uma delas conta a infelicidade de um candidato a deputado estadual que, como outros, subornou escrutinadores e juízes para conseguir votos necessários à sua eleição. O sujeito encomendou um pacote de 1.500 votos numa zona eleitoral da capital e pagou com cheques. Como o cheque estava sem fundo, o juiz dessa zona, sentindo-se ludibriado, não só não ofereceu a mercadoria, como tratou de dar sumiço em mais outros 1.300 votos que o candidato já tinha naquela zona.

O inusitado desta eleição em Alagoas não foi ocorrência de fraudes, mas a alta quantidade delas. "A diferença agora é que se roubou antes da eleição, durante e depois da apuração", lamentou o presidente do PSB, vereador Ronaldo Lessa, que se candidatou a deputado estadual pela Frente Popular, mas saiu derrotado. Ele mesmo foi alvo, por três vezes, de tentativas de suborno na primeira e na segunda zonas eleitorais de Maceió. "Olha, veja como está fácil resolver uma questão que esteja precisando", comentou um escrutinador com o candidato. "Levei um choque", contou Lessa.

A cotação de um voto no mercado das eleições variou muito. No primeiro dia um voto poderia ser comprado por Cr$ 1.000. Com a valorização do produto, no último dia da apuração, o preço chegou a Cr$ 10.000. Se na capital não houve disfarce nas trapaças, no interior do estado aconteceu de tudo. O promotor Afrânio Roberto dos Santos, eleitor do município de Porto Caldo, a 100km de Maceió, levou um susto quando chegou a sua vez de assinar a lista para votar. A marca de um dedão ocupava o espaço que deveria estar reservado para sua assinatura. Um analfabeto havia votado em seu lugar.

A história da fraude eleitoral em Alagoas obedece uma seqüência. Antes da eleição, a trapaça típica foi a da urna *prenhe*. Nos municípios de Batalha, Jacaré dos Homens e Belo Monte — onde quase 15 mil votos foram invalidados —, muitas urnas chegavam, antes da votação, recheadas de votos. "O juiz Gomes da Silva, ao tomar conhecimento disso, simplesmente abriu a urna e separou o votos que ele considerava falsos, e determinou a continuidade do processo de votação", contou o assessor jurídico do candidato Renan Calheiros, Paulo Azevedo Newton.

Durante a votação, o que mais aconteceu foi o voto *formiguinha*: o cabo eleitoral oferece ao eleitor uma cédula prenchida e ganha em troca uma cédula oficial em branco, que era repassada, preenchida, para outro eleitor. Recolhimento de cédulas eleitorais foi outro artifício utilizado no interior.

O vereador Edinalvo Ranulfo de Alencar, da cidade de Inhapi, no sertão Alagoano, foi preso em flagrante com cerca de três mil títulos de eleitor da cidade vizinha de Paulo Afonso. Edinalvo ofereceu aos donos dos títulos remédios, leite, óleo de carro e cenhoura, entre outras especiarias. Se não fosse a constatação da fraude, Inhapi já poderia estar cadastrada no *Guiness book*: De 12.600 habitantes, segundo o IBGE, conta com o registro de 11.000 eleitores. **(F.C.)**

Do voto branco à fraude, a voz das urnas

Alexandre Medeiros

Além de novos rostos — como Ciro Gomes — e velhas raposas — como Antônio Carlos Magalhães —, as urnas ressuscitaram quatro fantasmas que pareciam adormecidos na memória nacional: o voto branco, o nulo, a abstenção e a fraude. Graças a eles, os números finais — apenas os estados de Tocantins, Alagoas e Pará ainda não concluíram o trabalho de totalização — revelam uma peça pregada pelos votos nos candidatos. Mais que matemática, a peça é política: nenhum deles — nem mesmo João Alves Filho (PFL/SE), o mais votado governador do país, em termos proporcionais — conseguiu obter 50% dos votos do total de eleitores. Ou seja, nenhum candidato teve o apoio da maioria absoluta do eleitorado em seu estado.

Vamos ao exemplo de João Alves. Com 364.819 votos, ele alcançou 45,30% do eleitorado de Sergipe (805.270). E foi o que mais chegou perto dos 50%. O percentual de João Alves é robusto quando do total de eleitores se subtraem os votos brancos (117.662), os nulos (81.341) e as abstenções (111.501). Chega-se aí ao total de votos válidos (ou nominais) — 494.766 — e, nesse quadro depurado, João Alves Filho abocanha a cifra de 73,73%. Note-se que o total de votos obtidos pelo novo governador de Sergipe bate por pouco a soma de votos brancos, nulos e as abstenções (364.819 a 310.504). Diante do que ocorreu no país em 3 de outubro, esse placar apertado chega a ser uma façanha.

Basta uma comparação com o quadro baiano. Uma simples conta de somar revela que nem uma coligação entre o vitorioso Antônio Carlos Magalhães (PFL) e o derrotado Roberto Santos (PMDB) seria forte o bastante para bater os votos brancos, nulos e as abstenções. Antônio Carlos e Roberto conseguiram, juntos, 2.682.601 votos. Os três fantasmas chegaram aos 2.780.133. O novo governador da Bahia volta ao Palácio da Aclamação com a aprovação de apenas 27,29% dos eleitores conterrâneos, mas chega aos 50,71% dos votos válidos, o que lhe garante a maioria absoluta.

Nenhum estado é exceção à regra amarga e, para os candidatos ao Senado, o quadro é ainda pior. Mas o fantasma mais aterrador foi ressuscitado em Alagoas, embora muita gente o tenha visto em outras paragens: a fraude. O triste exemplo de Alagoas, onde o TRE anulou cerca de 79 mil votos da 2ª junta apuradora de Maceió por fraudes grosseiras, vai ficar na memória dessa eleição como um alerta a candidatos, eleitores e juízes eleitorais (por isso publicamos incompleta a tabela de Alagoas). O segundo turno está próximo — 25 de novembro — e a nova campanha já se desenha com contornos mais graves. O senador Olavo Pires (PTB/RO) não aparece na tabela de seu estado, onde foi o mais votado em 3 de outubro, porque foi assassinado terça-feira passada, pelas costas, com uma rajada de metralhadora, em Porto Velho. O crime ainda não foi esclarecido.

Jânio foi eleito com apenas 48%

Carla Rodrigues

Uma das maiores peripécias públicas de Jânio Quadros foi passar à História como o presidente da República eleito com o maior número de votos já recebidos até então — exatos 5.636.623 eleitores decidiram entregar o país ao candidato da UDN em 1960. O que até hoje ficou registrado como uma grande performance eleitoral guarda dado curioso: Jânio obteve apenas 48,3% do total de votos depositados nas urnas, numa eleição em que o índice de votos nulos e brancos foi 7,21% e as abstenções somaram 19,02%.

A votação de Jânio é proporcionalmente menor, por exemplo, da obtida por Eurico Dutra, eleito em 1945 com 55,4% dos votos e da de Getúlio Vargas, que voltou à presidência da República em 1950 ancorado em 48,7% do eleitorado. A história da eleição de 1960 é uma das surpresas do estudo Estatísticas Históricas do Brasil, elaborado pelo IBGE, onde estão contabilizados votos nulos e brancos que os eleitores depositaram nas urnas entre 1945 e 1982. Para a Câmara Federal, por exemplo, a média deste período é de 15%, atingindo o percentual máximo de 30,26% em 1970, quando a oposição deslanchou país afora uma campanha em prol do voto nulo.

"Este percentual sempre foi alto e não tira a legitimidade das eleições proporcionais. Votar nulo ou branco de forma consciente também é uma escolha. Mesmo em circunstâncias adversas, os deputados bem votados conseguem do eleitorado um real reconhecimento ao seu trabalho. É o que confere legitimidade aos escolhidos", argumenta o cientista político Sérgio Abranches.

Para ele, nos estados onde o eleitor não teve alternativa ao candidato favorito ao governo, preferiu não votar nos que não tinham chance de vitória. Nesse caso, anulou o voto ou optou por ampliar a vantagem do primeiro colocado. Do resultado das urnas de 3 de outubro, o que mais o preocupa, no entanto, é a taxa de conservadorismo verificado neste pleito, especialmente na escolha dos governadores. "O processo de democratização avança desde 1978 e chegamos a 1990 vendo que os espaços políticos nos estados estão ocupados pelas mesmas oligarquias", raciocina.

"Há uma esquizofrenia entre as eleições deste ano, em que o velho predominou, e as de 1989, em que a disputa era pelo novo. Tem alguma coisa atravessada na combinação das duas eleições", pondera. Para Abranches, as urnas de 3 de outubro comprovam ainda que, nas eleições para a Câmara Federal e para as assembléias estaduais, o percentual de nulos e brancos começa a crescer na medida em que proliferam os pequenos partidos, as alianças e coligações. "A pulverização da oferta confunde o eleitorado e cria um oportunismo predatório. O excesso de candidatos inexpressivos não cria um ambiente favorável ao voto consciente", sustenta.

Abstenções *

Ano	%
1945	16,87%
1947	29,26%
1950	27,83%
1954	34,52%
1955	40,32%
1958	7,99%
1960	19,02%
1962	20,40%
1966	22,78%
1970	22,54%
1974	19,06%
1978	18,25%
1982	17,29%

Fonte: IBGE

* Índice geral da eleição.

Nulos e Brancos *

Ano	%
1945	3,35%
1947	10,76%
1950	7,03%
1954	6,61%
1958	9,15%
1962	17,73%
1966	21,05%
1970	30,26%
1974	21,28%
1978	20,65%
1982	15,13%
1990	31,49%

Fonte: IBGE

* Só para Câmara Federal.

Segundo turno

Acre

Eleitorado: 197.709
Votantes: 157.498
Abstenções: 40.211 (20,33%)
Governador
Edmundo Pinto (PDS): 35.288 (28,68%)
Jorge Vianna (PT): 34.868 (28,34%)
Brancos: 19.492 (12,37%)
Nulos: 14.533 (9,22%)
Senador
Flaviano Melo (PMDB): 34.455 (31,28%)
Mário Maia (PDT): 29.752 (27%)
Brancos: 32.326 (20,52%)
Nulos: 15.052 (9,55%)

Segundo turno
Parcial

Alagoas

Eleitorado: 1.304.273
Governador
Geraldo Bulhões (PSC): 313.298
Renan Calheiros (PRN): 289.180
Brancos: 180.060
Nulos: 136.327
Senador
Guilherme Palmeira (PFL): 334.695
Francisco Rocha Mello (PRN): 163.644
Brancos: 290.518
Nulos: 126.819

Segundo turno

Amapá

Eleitorado: 135.939
Votantes: 106.205
Abstenções: 30.002 (22,07%)
Governador
Aníbal Barcellos (PFL): 36.954 (41,30%)
Gilson Rocha (PT): 27.092 (30,28%)
Brancos: 12.474 (11,77%)
Nulos: 4.006 (3,78%)
Senador
José Sarney (PMDB): 53.004 (58,04%)
Henrique Almeida (PFL): 27.237 (29,82%)
Brancos: 11.546 (10,89%)
Nulos: 3.079 (2,9%)

Final

Amazonas

Eleitorado: 893.022
Votantes: 670.624
Abstenções: 222.398 (24,90%)
Governador
Gilberto Mestrinho (PMDB): 332.085 (57,56%)
Wilson Alecrim (PSDB): 202.976 (35,18%)
Brancos: 48.510 (7,23%)
Nulos: 45.243 (6,74%)
Senador
Amazonino Mendes (PDC): 338.631 (63,35%)
Marlene Pardo (PT): 109.376 (20,46%)
Brancos: 95.806 (14,28%)
Nulos: 40.340 (6,01%)

Final

Bahia

Eleitorado: 6.019.389
Votantes: 4.732.158
Abstenções: 1.287.231 (21,38%)
Governador
Antônio C. Magalhães (PFL): 1.642.726 (50,71%)
Roberto Santos (PMDB): 1.039.875 (32,10%)
Brancos: 867.417 (18,33%)
Nulos: 625.469 (13,21%)
Senador
Josaphat Marinho (PFL): 1.179.585 (49,07%)
Joaci Fonseca (PSDB): 648.732 (26,98%)
Brancos: 1.742.041 (36,81%)
Nulos: 586.352 (12,39%)

Final

Ceará

Eleitorado: 3.491.994
Votantes: 2.896.185
Abstenções: 595.809 (17,06%)
Governador
Ciro Gomes (PSDB): 1.279.492 (54,31%)
Paulo Lustosa (PFL): 871.047 (36,97%)
Brancos: 298.216 (10,29%)
Nulos: 242.440 (8,37%)
Senador
Beni Veras (PSDB): 1.026.965 (52,87%)
Paes de Andrade (PMDB): 752.950 (38,76%)
Brancos: 767.628 (26,50%)
Nulos: 186.227 (6,43%)

Final

Brasília — DF

Eleitorado: 893.659
Votantes: 776.639
Abstenções: 117.020 (13,09%)
Governador
Joaquim Roriz (PTR): 365.925 (55,49%)
Carlos Saraiva (PT): 133.666 (20,26%)
Brancos: 50.514 (6,5%)
Nulos: 66.695 (8,58%)
Senador
Antônio Valmir (PTR): 290.334 (47,26%)
Lauro Alvares (PT): 209.655 (34,13%)
Brancos: 98.937 (12,73%)
Nulos: 63.480 (8,17%)

Segundo turno

Espírito Santo

Eleitorado: 1.423.211
Votantes: 1.233.688
Abstenções: 189.523 (13,31%)
Governador
Albuino Azeredo (PDT): 356.694 (43,78%)
José Ignácio Ferreira (PST): 291.196 (35,74%)
Brancos: 210.091 (17,02%)
Nulos: 208.905 (16,93%)
Senador
Élcio Alvares (PFL): 290.487 (30,39%)
Ronato Viana (PSB): 149.326 (22,45%)
Brancos: 366.507 (29,70%)
Nulos: 202.149 (16,38%)

Final

Goiás

Eleitorado: 2.244.631
Votantes: 1.874.519
Abstenções: 370.112 (16,48%)
Governador
Iris Rezende (PMDB): 889.927 (56,38%)
Paulo Roberto Cunha (PDC): 537.111 (34,03%)
Brancos: 107.068 (5,71%)
Nulos: 189.205 (10,09%)
Senador
Onofre Quinan (PMDB): 633.085 (45,41%)
Pedro Canedo (PRN): 621.080 (44,55%)
Brancos: 317.849 (16,95%)
Nulos: 162.671 (8,67%)

Segundo turno

Maranhão

Eleitorado: 2.256.958
Votantes: 1.625.575
Abstenções: 631.383 (27,97%)
Governador
João Castelo (PRN): 595.392 (45,75%)
Édison Lobão (PFL): 459.542 (35,31%)
Brancos: 175.480 (10,79%)
Nulos: 148.693 (9,14%)
Senador
Epitácio Cafeteira (PDC): 653.956 (59,56%)
João Bosco Barros (PSC): 321.258 (29,25%)
Brancos: 389.354 (23,95%)
Nulos: 138.256 (8,50%)

Final

Mato Grosso

Eleitorado: 1.089.650
Votantes: 824.350
Abstenções: 265.300 (24,34%)
Governador
Jaime Campos (PFL): 401.005 (66,85%)
Agripino Bonilha (PMDB): 83.053 (13,84%)
Brancos: 127.708 (15,49%)
Nulos: 96.829 (11,74%)
Senador
Júlio Campos (PFL): 331.212 (60,57%)
Carlos Gomes (PMDB): 136.238 (24,91%)
Brancos: 188.626 (22,88%)
Nulos: 88.958 (10,79%)

Final

Mato Grosso do Sul

Eleitorado: 1.024.928
Votantes: 859.505
Abstenções: 165.423 (16,13%
Governador
Pedro Pedrossian (PTB): 417.589 (59,38%)
Gandi Jamil (PDT): 217.289 (30,9%)
Brancos: 84.346 (9,81%)
Nulos: 71.977 (8,37%)
Senador
Levy Dias (PTB): 301.752 (47,85%)
Juvêncio Fonseca (PDT): 279.121 (44,26%)
Brancos: 158.393 (18,42%)
Nulos: 70.560 (8,2%)

Segundo turno

Minas Gerais

Eleitorado: 9.492.555
Votantes: 8.158.803
Abstenções: 1.333.752 (14,05%)
Governador
Hélio Garcia (PRS): 2.192.503 (39,98%)
Hélio Costa (PRN): 962.535 (17,55%)
Brancos: 1.508.632 (18,49%)
Nulos: 1.166.699 (14,29%)
Senador
Júnia Marise (PRN): 1.259.272 (30,07%)
Patrus Ananias (PT): 934.973 (22,33%)
Brancos: 2.884.471 (35,35%)
Nulos: 1.087.535 (13,32%)

Segundo turno
Parcial

Pará

Eleitorado: 2.309.789
Votantes: 1.621.116
Abstenções: 688.673 (29,81%)
Governador
Jáder Barbalho (PMDB): 590.287 (25,55%)
Sahid Xerfan (PTB): 521.185 (22,56%)
Brancos: 163.009 (10,05%)
Nulos: 110.464 (6,81%)
Senador
Coutinho Jorge (PMDB): 355.600 (21,93%)
Ademir Andrade (PSB): 339.676 (20,95%)
Brancos: 405.797 (25%)
Nulos: 94.354 (5,28%)

Segundo turno

Paraíba

Eleitorado: 1.810.966
Votantes: 1.482.449
Abstenções: 328.517 (18,14%)
Governador
Wilson Braga (PDT): 498.763 (43,29%)
Cunha Lima (PMDB): 462.562 (40,15%)
Brancos: 202.478 (13,65%)
Nulos: 127.946 (8,76%)
Senador
Antônio Mariz (PMDB): 490.376 (54,88%)
Marcondes Gadelha (PFL): 296.278 (33,15%)
Brancos: 469.352 (31,65%)
Nulos: 119.611 (8,06%)

Segundo turno

Paraná

Eleitorado: 5.112.793
Votantes: 4.393.280
Abstenções: 719.513 (14,07%)
Governador
José Carlos Martinez (PRN): 1.129.191 (35,99%)
Roberto Requião (PMDB): 1.073.926 (34,23%)
Brancos: 25.810 (0,6%)
Nulos: 725.708 (16,5%)
Senador
José Eduardo Vieira (PTB): 1.035.876 (38,73%)
Antônio Garcia (PRN): 890.350 (25,81%)
Brancos: 1.010.235 (23%)
Nulos: 708.671 (16,1%)

Final

Pernambuco

Eleitorado: 3.885.434
Votantes: 3.250.409
Abstenções: 635.025 (16,34%)
Governador
Joaquim Francisco (PFL): 1.238.061 (50,95%)
Jarbas Vasconcelos (PMDB): 1.088.206 (44,78%)
Brancos: 497.472 (15,30%)
Nulos: 323.048 (9,93%)
Senador
Marco Maciel (PFL): 910.699 (45,47%)
José Queiroz de Lima (PMDB): 840.750 (41,98%)
Brancos: 286.832 (8,82%)
Nulos: 960.966 (29,56%)

Segundo turno

Piauí

Eleitorado: 1.410.051
Votantes: 1.175.355
Abstenções: 234.696 (16,64%)
Governador
Freitas Neto (PFL): 466.497 (39,68%)
Wall Ferraz (PSDB): 408.910 (34,79%)
Brancos: 187.234 (15,93%)
Nulos: 54.294 (4,61%)
Senador
Lucídio Portela (PFL): 373.982 (49,09%)
Paulo de Tarso (PSDB): 307.607 (40,38%)
Brancos: 366.540 (31,18%)
Nulos: 47.124 (4%)

Final

Rio de Janeiro

Eleitorado: 8.277.296
Votantes: 7.459.680
Abstenções: 817.616 (9,8%)
Governador
Leonel Brizola (PDT): 3.523.082 (60,1%)
Jorge Bittar (PT): 1.040.643 (17,77%)
Brancos: 902.544 (12,09%)
Nulos: 701.357 (9,4%)
Senador
Darcy Ribeiro (PDT): 2.788.849 (55,83%)
Técio Lins e Silva (PSDB): 1.201.354 (24,05%)
Brancos: 1.756.666 (23,54%)
Nulos: 708.247 (9,49%)

Segundo turno

Rio Grande do Norte

Eleitorado: 1.331.039
Votantes: 1.141.250
Abstenções: 189.789 (14,25%)
Governador
José Agripino Maia (PFL): 454.528 (48,10%)
Lavoisier Maia (PDT): 372.301 (39,40%)
Brancos: 83.667 (7,33%)
Nulos: 112.795 (9,88%)
Senador
Garibaldi Alves (PMDB): 404.206 (52,02%)
Carlos Alberto (PDS): 329.793 (42,44%)
Brancos: 275.040 (24,09%)
Nulos: 89.220 (7,81%)

Segundo turno

Rio Grande do Sul

Eleitorado: 5.747.083
Votantes: 5.223.905
Abstenções: 523.178 (9,10%)
Governador
Alceu Collares (PDT): 1.464.028 (36,06%)
Nélson Marchezan (PDS): 1.349.713 (33,24%)
Brancos: 616.701 (11,80%)
Nulos: 547.496 (10,48%)
Senador
Pedro Simon (PMDB): 1.576.497 (44,80%)
José Sanchotene (PL): 918.196 (26,09%)
Brancos: 1.191.004 (22,89%)
Nulos: 514.339 (9,84)

Segundo turno

Rondônia

Eleitorado: 588.691
Votantes: 429.872
Abstenções: 158.819 (26,97%)
Governador
Valdir Raupp (PRN): 78.893 (24,30%)
Oswaldo Piana (PTR): 72.155 (22,23%)
Brancos: 56.713 (13,19%)
Nulos: 48.624 (11,31%)
Senador
Odacir Rodrigues (PFL): 104.186 (38,91%)
Chagas Neto (PDS): 65.467 (24,45%)
Brancos: 118.872 (27,65%)
Nulos: 43.270 (10,06%)

Segundo turno

Roraima

Eleitorado: 86.226
Votantes: 68.720
Abstenções: 17.506 (20,30%)
Governador
Ottomar Pinto (PTB): 27.143 (43,20%)
Romero Jucá (PDS): 22.394 (35,64%)
Brancos: 4.354 (6,33%)
Nulos: 1.543 (2,24%)
Senador
Hélio Campos (PMN): 28.340
Marluce Moreira (PTB): 20.316
Cesar Augusto (PMDB): 18.601
Brancos e nulos não conferem com total

Final

Santa Catarina

Eleitorado: 2.769.517
Votantes: 2.191.080
Abstenções: 284.966 (10,29%)
Governador
Vilson Kleinubing (PFL): 932.877 (50,42%)
P. Afonso Vieira (PMDB): 556.357 (30,07%)
Brancos: 340.762 (15,55%)
Nulos: 293.471 (13,39%)
Senador
Espiridião Amin (PDS): 981.963 (39,52%)
Vilson Souza (PSDB): 413.241 (16,63%)
Brancos: 618.313 (28,21%)
Nulos: 275.414 (12,56%)

Segundo turno

São Paulo

Eleitorado: 18.727.014
Votantes: 17.130.890
Abstenções: 1.596.124 (8,52%)
Governador
Paulo Maluf (PDS): 5.872.473 (43,5%)
Fleury Filho (PMDB): 3.803.159 (28,17%)
Brancos: 1.698.983 (9,91%)
Nulos: 1.932.885 (11,28%)
Senador
Eduardo Suplicy (PT): 4.229.867 (35,46%)
Ferreira Netto (PRN): 3.806.787 (31,91%)
Brancos: 3.411.097 (19,91%)
Nulos: 1.791.572 (10,45%)

Final

Sergipe

Eleitorado: 803.041
Votantes: 693.769
Abstenções: 109272 (13,60%)
Governador
João Alves Filho (PFL): 364.819 (73,73%)
José Eduardo Dutra (PT): 124.050 (25,07%)
Brancos: 117.662 (16,95%)
Nulos: 81.341 (11,72%)
Senador
Albano Franco (PRN): 278.862 (64,63%)
Carlos Menezes (PDT): 118.771 (27,53%)
Brancos: 182.691 (26,33%)
Nulos: 79.658 (11,48%)

Segundo turno
Parcial

Tocantins

Eleitorado: 498.963
Votantes: 372.292
Abstenções: 126.671 (25,38%)
Governador
Moisés Avelino (PMDB): 155.652 (49,12%)
Moisés Abraão (PDC): 118.286 (37,32%)
Brancos: 34.962 (9,39%)
Nulos: 20.459 (5,49%)
Senador
João Ribeiro (PFL): 115.196
Antonio Maia (PDC):
TSE não forneceu brancos e nulos

SE TODOS DIZEM QUE VENDEM MAIS BARATO, AFINAL QUEM VENDE ?

Não se deixe iludir. Compare. Qualquer preço à vista ou a prazo anunciados pela concorrência, consulte nossos gerentes e veja a diferença.

VÍDEO E SOM

VIDEOCASSETE SHARP — VC. 794 - 4 cabeças. 4 programas / 14 dias — **93.500,**

VIDEOCASSETE PANASONIC — NVG. 11 - 3 cabeças. 4 programas / 14 dias — **79.500,**

TV. SHARP WILD — C. 1410 - 36 cm. 14" VHF/UHF — **48.500,**

TV. PHILIPS LUXO — 16 CT 1030 - 41 cm. 16" VHF/UHF — **54.900,**

TV. TELEFUNKEN — 20 C 3250 - 51 cm. 20" VHF/UHF — **54.700,**

TV. PANASONIC — 20 C 2 - 51 cm. 20" VHF/UHF. Controle Remoto — **71.500,**

TV. SHARP WINNER — C. 2095 - 51 cm. 20" VHF/UHF. Controle Remoto — **72.500,**

TV. PHILIPS TRENDSET — 21 CT 7678 - 51 cm. 21" VHF/UHF. Controle Remoto de 44 funções. Picture In Picture (duas imagens ao mesmo tempo). Tela plana. Painéis de conexão — **195.000,**

RÁDIO GRAVADOR PHILIPS — AR. 250 - 4 faixas. Pilha e luz — **14.600,**

RÁDIO RELÓGIO PHILIPS — DS. 184 - AM/FM. Funcionamento programado — **7.900,**

RÁDIO PORTÁTIL PHILIPS — AE. 6890 - 2 faixas. Moving Sound — **7.500,**

RÁDIO PORTÁTIL PHILIPS — DL. 087 - OM. 2 pilhas — **2.500,**

COMPACT DISC SONY — CDP M 35. Controle Remoto de 28 Funções — **49.850,**

SYSTEM SONY XO 650 250 W — Sintonia Digital AM/FM Stereo. Tape Deck. KARAOKÊ. 2 Cxs. e Rack — **62.500,**

STEREO MUSIC CENTER SHARP — SG 18 B. Receiver AM/FM. Toca-Discos. Tape Deck. 2 Cxs. e Rack — **39.250,**

CONJUNTO PHILIPS F 1120 — Receiver AM/FM Stereo. Toca-Discos. Tape Deck. 2 Cxs. Acústicas — **36.200,**

CONJ. PANASONIC SS 4100 — Receiver AM/FM Stereo. Toca-Discos. Tape Deck. 2 Cxs. Acústicas — **34.250,**

CONJUNTO FRAHM MC 4200 — AM/FM Stereo. Duplo Deck. Toca-Discos. 2 Cxs. Acústicas — **26.750,**

MICROCOMPUTADOR GRADIENTE — EXPERT PLUS. Padrão MSX - 80 K de RAM — **43.300,**

MICRO SYSTEM SHARP — GF A 3 B. AM/FM Stereo C/Cxs. Destacáveis — **23.650,**

RÁDIO GRAVADOR SHARP 4343 — AM/FM Stereo. Funciona à Pilha e Luz — **17.750,**

RÁDIO GRAVADOR CCE CR 600 — AM/FM/TV - BAND. Pilha e Luz — **8.900,**

AURICULAR STEREO SONY — MDR. Leve. Confortável e Sofisticado — **2.350,**

AURICULAR AGENA TKL CV — O Puro Som. C/Controle de Volume — **1.350,**

REFRIGERAÇÃO

AR-CONDICIONADO SPRINGER — 7.000 BTU. 3/4 HP. 110 e 220 V. — **38.320,**

AR-CONDICIONADO ENXUTA — 7.000 BTU. 3/4 HP. 220 V. — **37.500,**

AR-CONDICIONADO ENXUTA — 10.000 BTU. 1 HP. 110 e 220 V. — **51.500,**

AR-CONDICIONADO ELGIN — 3012 - 12.000 BTU. 1 HP. 220 V. — **49.500,**

REFRIGERADOR WESTINGHOUSE — 4.5 - Super Freezer. 450 litros. Duplex — **72.500,**

REFRIGERADOR BRASTEMP — QUALITY. 36 ABC. 324 litros. Prateleiras deslizantes — **42.900,**

REFRIGERADOR CONSUL — RU. 28-L. 253 litros. Porta aproveitável — **29.900,**

REFRIGERADOR CLIMAX — RC. 2400 - 240 litros. Amplo congelador — **27.500,**

REFRIGERADOR CONSUL MINI — RU. 05-D. 45 litros. Porta aproveitável — **17.900,**

FREEZER VERTICAL CONSUL — VU. 18-L. 180 litros. Porta reversível — **35.500,**

FREEZER VERTICAL BRASTEMP — QUALITY ELETRÔNICO 27-ACC. 270 litros. Fechadura — **62.500,**

Ofertas válidas até 24/10/90 ou enquanto durarem nossos estoques.

DIVERSOS

LAVADORA BRASTEMP MONDIAL — Lava 5 Kg. de roupa — **67.900,**

LAVADORA ENXUTA — 091 - Eletrônica. Quente e Frio — **45.900,**

MÁQ. COSTURA SINGER — 1996 - Zig-Zag. Portátil c/motor — **24.500,**

MÁQUINA OLIVETTI — Lettera 82 - Portátil c/estojo — **11.200,**

BICICLETA MONARK — BMX. SuperStar aro 16 — **11.700,**

BICICLETA CALOI — Barra Forte - Homem — **16.500,**

ASPIRADOR ARNO — AA. Grande. 1200 W. c/acessórios — **16.900,**

ENCERADEIRA ARNO — ENA. Haste Dupla. Esmaltada — **9.500,**

ASPIRADOR ELECTROLUX — Z.105 - Papa Tudo c/acessórios — **8.300,**

SERRA BLACK & DECKER — TICO-TICO - Faz corte de até 45º — **8.700,**

FERRO AUTOMÁTICO WALITA CABO FECHADO — FE. 41 - Extra Leve - Bico afilado — **2.350,**

FERRO BLACK & DECKER — VFA - 6 graduações de temperatura — **1.900,**

GRATIS: UMA AMPLIAÇÃO NA revelacao c/copia de seu filme

CÂMARA POLAROID CL 635 — Grátis: Filme e Bolsa Térmica — **9.990,**

CÂMARA KODAK S 100 — 35 MM. Flash Eletrônico Embutido. Acompanha 1 Filme e Pilhas — **8.250,**

CÂMARA MIRAGE PEN — 35 MM. Foco Automático. Duplo Formato — **4.100,**

TELEFONE C/RÁDIO RELÓGIO — SOUNDESING. C/Rediscagem Automática — **15.750,**

GRAVADOR GRADIENTE MPG 1 — Ideal P/Crianças. KARAOKÊ. Grátis: 1 Fita K-7 — **9.250,**

PISTOLA GRADIENTE LG-8 — LASER GUN. Para Uso C/Phantom System. Acompanha 1 Cartucho — **7.900,**

FITA P/VIDEOCASSETE — GRADIENTE T 120 HQ - VHS — **620,**

RELÓGIO DESP. WESTCLOX — MOD. 1019 - VITÓRIA II — **800,**

RELÓGIO DESP. HALLER — MOD. 1502 - UNIVERSAL — **1.990,**

CALCULADORA SHARP EL 362 — SOLAR. 10 Dígitos. Memória Dinâmica — **2.990,**

CALCULADORA SHARP 2115 — ESCRITÓRIO. Visor de 12 Dígitos — **12.250,**

CALCULADORA DISMAC LC 12 — 8 Dígitos. %. V. Memória — **880,**

CALCULADORA DISMAC SF 75 — CIENTÍFICA. Solar. 10 Dígitos — **2.970,**

CALCULADORA DISMAC DATA BANK — 10 Dígitos. Cálculos Normais. Relógio. Telefone. Memória — **3.850,**

CALCULADORA DISMAC 121 PV — ESCRITÓRIO. 12 Dígitos. Visor e Fita — **17.300,**

COZINHA

FORNO MICROONDAS BRASTEMP ELETRONIC DEFROST — 61-EBA - Digital. Prato giratório — **64.900,**

FORNO MICROONDAS SHARP — MW. 515-A/Z. Seletor rotativo — **54.900,**

FOGÃO CONSUL ELLEGANCE — FQ. 20-L. 4 queimadores. T. Vidro — **19.500,**

FOGÃO BRASTEMP QUALITY — 51-NPB. 4 queimadores. Mesa inox — **39.900,**

FOGÃO CONTINENTAL 2001 — CAPRICE II - 6 queimadores. Autolimpante — **44.500,**

PURIFICADOR DE AR SUGGAR — 0,80 - Filtragem dupla — **8.200,**

BATEDEIRA WALITA — TOPA TUDO - Motor Super potente — **7.490,**

CENTRÍFUGA WALITA — Extrai suco de qualquer fruta — **7.450,**

LIQUIDIFICADOR WALITA — BETA - Controle deslizante. 3 velocidades — **3.450,**

FORNO HOT LANCHE WALITA — FN. 09 - Termostato. Lâmpada piloto — **9.750,**

PREPARADOR DE ALIMENTOS — WALITA MASTER - Pica, mói, rala e tritura — **9.100,**

CAFETEIRA WALITA EXCLUSIV — Prepara de 2 a 14 cafés. Placa de aquecimento — **6.250,**

WALITA HANDY LUXO — Possui dupla função: Batedeira e Mix — **6.950,**

ESPREMEDOR WALITA EXCLUSIV — ES. 93/200 - 2 formas de extração de sucos — **4.750,**

CAFETEIRA ELÉTRICA MELITA — MA. 140 - 20 cafés c/prato aquecedor — **7.300,**

ESPREMEDOR FAET — MPZ. Automático — **2.100,**

ESTÉTICA - BELEZA

DEPILADOR EPILADY — A maneira mais atual de depilar — **4.750,**

DEPILADOR LADYSHAVE — HP. 2304 - Magic. Portátil a pilhas — **4.500,**

BARBEADOR PHILISHAVE — HP. 1622 - Tracer. 2 cabeças. Bivolt — **6.200,**

SECADOR PHILIPS — HL. 2883 - Quick Fashion — **1.800,**

SECADOR PHILIPS — HL. SC-01. Silence Fashion 1100. Bivolt — **3.700,**

MODELADOR PHILIPS — HL. 4201 - Fashion Brush 1100 W. — **4.150,**

ONDULADOR PHILIPS — HL. 2888 - Hot Fashion — **1.450,**

UTILIDADES

FAQUEIRO MERIDIONAL 130 PÇS — ITACOLOMY. Aço NOBRE INOX C/Estojo Madeira — **49.990,**

FAQUEIRO HERCULES 130 PÇS — MOD. 493 - Aço INOX, LUXO — **36.750,**

FAQUEIRO HERCULES 51 PÇS — MOD. 1377 - Aço INOX — **5.550,**

FAQUEIRO HERCULES 101 PÇS — MOD. 300 - Aço INOX — **4.700,**

FAQUEIRO TRAMONTINA 24 PÇS — MALIBU. Aço INOX C/Estojo Promocional — **2.290,**

BAIXELA TRAMONTINA 10 PÇS — FALSTAFF. T 005 INOX. Fino Acabamento — **14.900,**

BAIXELA MERIDIONAL 9 PÇS — ITACOLOMY. Aço NOBRE INOX — **19.900,**

BAIXELA GAZOLA 9 PÇS — VENEZA. 2482/9 - Aço INOX — **4.750,**

CONJ. PANELAS TRAMONTINA — DOMUS R 020. Aço INOX LUXO — **30.250,**

CONJUNTO PANELAS MARMICOC — ADVANCED 6 PÇS. Revestido C/TEFLON II por dentro e fora — **9.950,**

PANELA PRESSÃO MARMICOC — 4,5 Lts. Especial Alumínio Polido — **2.290,**

BANDEJA ART PRATA — JASMIN 04 - Aço INOX LUXO — **2.150,**

BANDEJA WOLFF INOX — DEL REY - ALTO LUXO — **1.995,**

CONJUNTO GAZOLA 3 PÇS — MASSA e ARROZ - Aço INOX — **950,**

CONJUNTO P/SALADA WOLFF — RENATA - Aço INOX — **1.250,**

FRUTEIRA JÓIA BELINHA — 3 ANDARES - CROMADA — **3.250,**

ESCORREDOR JÓIA CROMADO — ENXUTO. Capacidade P/18 Pratos — **2.220,**

RELÓGIO PAREDE ESKA — MOD. 556 - Eletrônico — **1.200,**

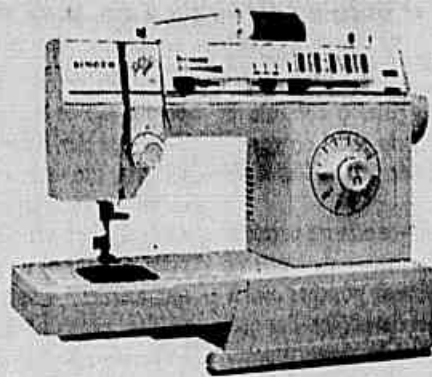
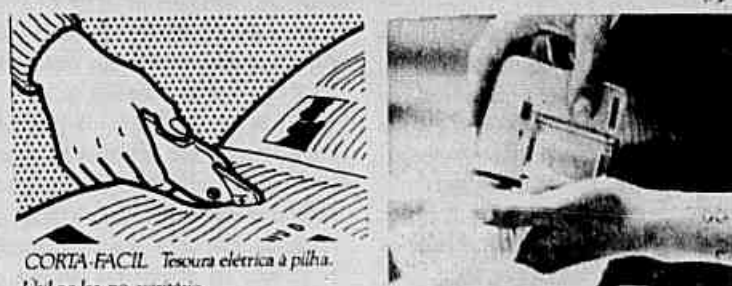
JARRA TÉRMICA INVICTA — 9521 CROMADA. Super Luxo — **5.250,**

VASSOURA FEITICEIRA — COMPACT PLUS. Ideal P/Limpar Carpetes — **1.450,**

BALANÇA SENSIMAX — Alta Precisão. Ideal P/Banheiro — **3.490,**

CADEIRA PRAIA PENEDO — MOD. 040. Reclinável e 2 Posições — **950,**

ENTREGAMOS GRATUITAMENTE NOS SEGUINTES LOCAIS:

Até Cabo Frio, Angra dos Reis, Teresópolis, Petrópolis e Três Rios, além do Grande Rio. Enviamos por transportadora para todo o Brasil. Frete a pagar.

A PRAZO DIVERSAS FORMAS DE PAGAMENTO

Tele-Rio Tem o Juro Mais Baixo! Você Já Sabe!

CENTRO • CINELÂNDIA • COPACABANA • TIJUCA • MÉIER • CAMPO GRANDE • MADUREIRA • NOVA IGUAÇU • NITERÓI • ALCÂNTARA • PETRÓPOLIS • CAXIAS • BONSUCESSO • PENHA • DEPT.º ATACADO RUA ENG.º ARTUR MOURA, 268 2º ANDAR LOJA DO DEPÓSITO RUA ENG.º ARTUR MOURA, 268 TERREO BONSUCESSO TELS. PBX 280 4112 CENTRO SUL PBX 221 1212

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

•

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*

MARCOS SÁ CORRÊA — *Editor*

•

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

•

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

O Segredo da Esfinge

A sociedade brasileira está diante do seu maior desafio: derrubar a inflação. Se os agentes econômicos não tomarem consciência da responsabilidade de cada um no combate permanente à inflação, a tarefa consumirá mais tempo e os sacrifícios serão bem maiores do que o necessário para vencê-la.

Ninguém tenha dúvida: o caminho não tem volta porque, ou o Brasil aniquila a sua inflação, ou ela devora o Brasil.

O combate à inflação é o tema que merece uma profunda meditação dos agentes econômicos e das pessoas com responsabilidade política no país. Não se trata apenas da preocupação imediatista em relação ao destino que poderia ser dado à parcela da poupança financeira congelada pelo Plano de Estabilização Econômica.

Quanto maior a inflação, maiores os riscos do saldo, atualizado pela correção monetária e juros anuais de 6%, ser diluído na devolução em doze parcelas, a partir de setembro do ano que vem.

A questão é muito mais ampla: diz respeito ao próprio futuro da nação brasileira. O que está em jogo é a capacidade do Brasil para sanear a sua economia e devolver-lhe as condições de competir abertamente com as nações industrializadas num mundo em acelerado processo de integração, depois da queda das barreiras entre países e blocos econômicos.

Sem fazer a inflação recuar a níveis suportáveis — um dígito —, o Brasil não terá bases firmes para dar seguimento às profundas reformas estruturais de que carece a sua economia, asfixiada pela estatização e a reserva de mercado.

Os empresários que insistem em se apegar ao passado da nossa cultura inflacionária, remarcando preços irresponsavelmente, de acordo com a velha prática do repasse automático de custos para os produtos, podem se dar muito mal. O governo não está para mais brincadeiras, e o Banco Central aplica um rigor monetário digno do período 1964-66, conhecido como a fase das "falências purificadoras".

As falências e concordatas que estão assinalando a nova fase no mercado são um indício claro dos riscos a que se expõem os que apostam na inflação. Graças à disciplina fiscal existente desde 15 de março, o Banco Central obteve, pela primeira vez em seus 25 anos, condições reais de executar uma austera política monetária — como fazem seus congêneres europeus, em especial o *Bundesbank*.

O dinheiro é a mais nobre das mercadorias, e também tem o seu preço determinado pela lei da oferta e da procura. Desde maio, depois de encerrada a temporada das conversões de cruzados novos em cruzeiros, está em curso uma firme e persistente política de redução da oferta monetária. O preço do dinheiro é o nível das taxas de juros. Quanto maior o aperto monetário, maiores os juros reais, descontada a expectativa de inflação dos agentes econômicos que recorrem ao crédito.

Em termos de política monetária, o combate à inflação vive o seu momento crucial. O último trimestre do ano é a época de maior ritmo da atividade econômica. Na agricultura, termina o plantio das grandes safras de verão; na indústria, ocorre o pico da produção justamente em outubro, quando há o aumento das encomendas de bens de consumo duráveis e não-duráveis por parte do comércio, para atender ao movimento das vendas de fim de ano.

Isso ocorre porque a massa monetária aumenta consideravelmente entre os dias 20 de novembro e o Natal, sobretudo pela influência do pagamento do 13º salário e a execução orçamentária do Tesouro. Quanto maior a velocidade da inflação, maior o impacto monetário do 13º, que incide sobre os salários reajustados no segundo semestre.

Este é um dos motivos pelos quais o governo tanto se empenhou em brecar os altos reajustes salariais, nas estatais e no setor privado, nos meses de setembro e outubro. Pelo lado das contas públicas, aumentos salariais elevados na administração direta e nas empresas estatais poderiam comprometer a continuidade do superávit orçamentário, fato essencial que tem permitido resgatar parcelas da dívida pública interna, e evitar a emissão monetária.

Da parte do setor privado, o aumento da massa dos salários resultaria em pressões de demanda, que poderiam atenuar os objetivos de desaquecimento econômico claramente perseguidos pelo rigor da política monetária. O governo está prevenido: sabe que o rigor monetário poderá aprofundar o quadro recessivo em setores da atividade econômica.

As vendas no comércio vêm apresentando quedas sucessivas em relação ao mês anterior. Tal comportamento deveria ser resultado basicamente da perda do poder de compra dos salários, diante do espaçamento do prazo dos reajustes, determinado pelo Plano de Estabilização Econômica. E as empresas deveriam estar procurando fórmulas criativas de manter o faturamento, mediante o corte dos custos internos e o aumento da produtividade. Esta é a fórmula clássica do manual de sobrevivência nos períodos recessivos.

Mas, a verdade é que os preços ainda estão sendo reajustados sem qualquer critério, o que explica a queda das vendas e a resistência, há três meses, dos índices de inflação na faixa dos 12% a 13% mensais.

Infelizmente, muitos empresários brasileiros parecem nem ter tomado plena consciência dos enormes desafios oferecidos pelo fim das reservas de mercado e a queda progressiva das barreiras protecionistas, para expor à indústria à concorrência externa, de modo a não mais punir o consumidor com produtos de alto preço e baixa qualidade.

O que se verifica é um grande esforço dos setores oligopolistas para ampliar as altíssimas margens de lucro que desfrutam há anos, graças à inexistência da concorrência interna (substituída pela cartelização dos preços) e o escudo tarifário contra o produto estrangeiro. Indústrias adotam o perverso expediente de reduzir a produção para forçar o leilão de preços por parte dos compradores de seus produtos.

Não perdem, no entanto, por esperar. Não adianta o velho coro de críticas à política de juros altos, alardeando riscos para a atividade empresarial e o emprego. Antes de criticar o aperto monetário e o encolhimento do mercado, os empresários deveriam abrir negociações com os empregados para encontrar fórmulas de participação nos lucros visando à ampliação do mercado interno. Ela é a base indispensável para o aumento de escala exigido pela internacionalização da economia brasileira.

O governo não vai afrouxar o controle monetário. Seria premiar o mau empresário que aposta na disparada da inflação. Ou dar razão à irresponsabilidade, muito comum no Brasil, de exibir *status* de empresário sem capital próprio, valendo-se principalmente do dinheiro do governo, garimpado sob a forma privilegiada de subsídios e incentivos fiscais. Também não cabe ao governo assumir a responsabilidade pelos erros alheios.

O combate à inflação é incompatível com atitudes paternalistas para socorrer esse ou aquele empresário amigo do governo. A situação é muito grave para a repetição da velha fórmula da privatização dos lucros e socialização dos prejuízos. Esse tempo, felizmente, acabou.

A Guerra da Praia

A luta do prefeito contra os proprietários das barracas e quiosques da orla marítima é uma luta inglória. Trata-se de restituir a orla ao seu legítimo proprietário: a população. É o que não conseguem entender aqueles que com o correr dos anos foram se apropriando dos espaços para exercer um comércio que a rigor só é bom para eles.

Há leis municipais que precisam ser cumpridas, antes que sejam lançadas à vala comum das leis feitas para não serem obedecidas. Uma coisa é o pequeno comércio que satisfaz algumas exigências típicas de cidade balneária. Outra é o direito que os vendedores se arrogam de se considerarem proprietários de um espaço público que eles ocupam indevidamente há anos. Quando o caminhão-guincho da prefeitura carregou um quiosque em situação irregular, um dos barraqueiros gritou, desconsolado: "Não podem fazer isso comigo. Tenho dez anos de praia."

Dez anos de irregularidade não dão a ninguém o direito de se apropriar de um pedaço de terreno na orla marítima da Zona Sul — estranho usucapião. Um dono de trailer, aliás dono de 80% dos trailers da orla, não se conforma com a ação da prefeitura, e vem há algum tempo impetrando ações na Justiça. Chegou a dizer que pedirá a prisão do secretário municipal de Fazenda. Estranha maneira de se defender.

O que não passa pela cabeça dele é que a prefeitura tem um plano de reurbanização e o plano precisa ser cumprido, antes que as barracas tomem conta integralmente das ruas, já que elas proliferam dia após dia e só tendem a crescer em número com a aproximação dos meses de verão, quando as praias ficam cheias.

A prefeitura finalmente agiu bem, pois a cidade pertence à população e não a um pequeno número de barraqueiros que, em ritmo de camelotagem, apoderam-se das ruas e calçadas em ritmo de fungos enlouquecidos.

Lan

Cartas

Voto obrigatório

O editorial do JB de 6/10 diz que "a mais genérica explicação para o voto em branco... é uma reação da cidadania à obrigação de votar". (...)

Temos que acabar de vez com essa história de voto obrigatório. Obrigatórios são: o comparecimento à seção eleitoral, a assinatura no livro de ponto do TRE e, finalmente, o depósito da cédula na urna. Tudo o mais — como o famigerado horário gratuito — são aberrações que devem ser corrigidas imediatamente. O primeiro passo será acabar com a obrigatoriedade do comparecimento. (...) **Iraci Nascimento — Rio de Janeiro.**

Corrupção política

Augusto César Farias, recém-eleito deputado federal por Alagoas e irmão do Dr. Paulo César, conhecido como empresário bem-sucedido e por sua desinteressada dedicação ao presidente Fernando Collor, procura atingir-me graciosamente insinuando em entrevista a esse matutino que meu apoio à candidatura do deputado Renan Calheiros ao governo do estado fora em troca da promessa de ajuda financeira de Cr$ 50 milhões à minha campanha de deputado federal, dos quais, todavia, só Cr$ 25 milhões me tinham sido entregues (JB, 18/10/90, página 6).

Não me permito polemizar com o novel deputado sobre corrupção política e eleitoral. Confesso meu despreparo na matéria. Entretanto, em respeito ao leitor do **JORNAL DO BRASIL** e como testemunho de minha vida pública, quero afirmar que depois de ter exercido três mandatos de deputado federal retorno ao meu escritório de advocacia tendo como patrimônio pessoal a casa em que resido em Maceió, na Rua Djalma Mendonça, nº 277, comprada com financiamento parcial da Caixa Econômica Federal há mais ou menos dez anos. (...) **Deputado José Costa — Maceió.**

Eleições

O arcaísmo aliado à má-fé de muitos e ao excesso de partidos fazem das eleições no Brasil um sinônimo de bandalheira. Aliás, em bandalheira são formados alguns dos nossos políticos. Principalmente os compradores de votos que têm interesse na demora e confusão na votação e apuração.

Por que não se introduz o sistema eletrônico onde a apuração é automática após a votação (sistema há 100 anos adotado nos EUA), sendo mínima a oportunidade das fraudes?

Os deputados e senadores não reeleitos no último pleito ainda terão tempo de providenciar a mudança para sairmos do atraso e frearmos a corrupção eleitoral, aumentada com os eleitores analfabetos, os descamisados e pés descalços que anularam seus votos. Recomenda-se a cassação do seu direito de voto, mesmo porque, em sistema eletrônico só votará o alfabetizado. **Benedito da Silva Gomes — São Fidélis (RJ).**

Questão indígena

(...) Em 1985 fiz juntamente com quase cinco mil candidatos concurso público para o emprego de Indigenista da Fundação Nacional do Índio. Tal concurso foi preparado por equipe de alto nível do próprio governo, juntamente com a Universidade de Brasília. Das provas escritas aos exames psicotécnicos e entrevistas orais, passando por preparação de três meses em Brasília e estágio em áreas indígenas também de três meses, constatou-se que o nível de verificação de todas as etapas fugia aos tradicionais padrões vigentes até então para concursos públicos. Quero ressaltar com isso que de nada adiantariam os famosos cursinhos preparatórios, pois como se tratava de um recrutamento nacional para um objetivo extremamente especial, ou seja, trabalhar com os povos indígenas do Brasil, houve por parte da equipe que organizou todas as etapas de seleção a maior preocupação pela honestidade do próprio recrutamento e que os finalistas (85 vagas) representassem alguma nova forma de pensar a política indigenista do Estado, e que essas pessoas pudessem fazer algo para reverter o quadro da então situação dos povos indígenas no Brasil — destruição cultural através da perda de suas terras tradicionais — enfim, perda de tudo, traduzida pela perda da própria vida, de diversas formas; contágio de doenças ou choques com as populações migradas com o incentivo do próprio governo em seus insanos projetos de assentamento fundiário. (...)

Brigido

Em julho de 1989 solicitei ao governo federal encerramento do meu contrato de trabalho, pois não havia mais condições de trabalhar recebendo ordens de superiores incompetentes e totalmente desvinculados da causa indígena. No presente momento sinto uma profunda vergonha de ser brasileiro, por estar vendo que nenhuma análise séria ou projeto elaborado por brasileiros comprometidos com a causa indígena foi ou está sendo considerado pelo atual presidente da República. De que adianta esta farsa sobre as explosões de pistas de garimpo nas terras Ianomâmi, se o Projeto de Criação do Parque Ianomami conduzido pelo senador Severo Gomes não foi levado adiante por conta da paranóia reinante na mente dos nossos militares, chamada de Segurança Nacional, personificada durante muitos anos na pessoa do general Bayma Denys, então chefe do gabinete militar da presidência da República? Foi criado o Projeto Calha Norte para dar segurança às nossas fronteiras! Segurança de quê? De que mais uma vez o país será convulsionado por projeto de novas fronteiras agrícolas? Projetos industrais incoerentes com o meio ambiente? Projetos de mais exploração/destruição mineral?

O atual presidente da Funai foi meu superior em Cuiabá. Se ele servisse de termômetro do atual governo federal eu poderia dizer aqui e agora que não temos governo e nem presidente da República. Seria como colocar um médico para organizar a implantação de um complexo industrial ou colocar um engenheiro para gerir uma rede hospitalar, com um agravante: o Sr. Cantideo Guerreiro Guimarães não sabe nada da problemática que envolve os povos indígenas do Brasil. Quem o colocou na presidência da Funai?

Acredito na publicação deste material pelo **JORNAL DO BRASIL**. Acredito que a questão indígena no Brasil venha a ser tratada e discutida pelos próprios índios e entidades civis e religiosas que lutam quase sempre no anonimato pela Autodeterminação dos Povos Indígenas. Tenho que acreditar que seremos governados por cidadãos competentes, honestos e comprometidos não só com a causa indígena mas com uma causa maior, a sobrevivência do próprio Planeta Terra. **Sergio Mendonça Alves — Niterói (RJ).**

Peladas

Brigido

Há mais de cinco anos que não vou ao Maracanã, nem a outros estádios, para assistir às peladas dos clubes cariocas. Pelada por pelada, prefiro as da praia. Quem teve a sorte de assistir aos bicos dados nas bolas, ainda no ar, pelo velho Feitiço; quem viu Pelé fazer tabela nas pernas dos adversários; viu um Garrincha endoidar os seus marcadores com aquele faz que vai mas não vai e fazer belos centros; viu Jair da Rosa Pinto e Lelé arrebentarem as redes dos adversários com os seus chutes violentos dados de fora da grande área; viu Zizinho jogar sem bola, criando espaços para os companheiros. Enfim, quem viu o futebol do passado, não pode se dar ao desprazer de ir assistir às partidas de hoje. Há jogadores que não podem passar por um adversário e querem fazê-lo por três! Chutes para o gol adversário, estando fora da grande área, é um milagre! Os defensores, quando livres no meio do campo, jogam a bola para os seus goleiros, ao invés de fazerem lançamentos longos, como fazia o craque Gerson. Enfim, um desastre.

Falcão está certo quando escolhe os jovens para fazer sua seleção. Perdendo, está acertando mais do que se estivesse ganhando, pois pode avaliar quem é quem. Talvez até a próxima Copa, tenha possibilidade de preparar uma seleção capaz de nos dar alegria. (...) **Dr. Nicanor Prezidio de Figueiredo — Rio de Janeiro.**

Abuso de confiança

Recebi no mês de setembro em minha residência uma correspondência que, não fosse um detalhe muito particular, não teria a menor diferença das que recebemos em época de eleições. Uma mala direta do deputado federal Amaral Netto, com uma etiqueta contendo as informações postais normais e, adicionalmente, meus dados pessoais de conta corrente do Bradesco — os códigos da agência e conta corrente.

Fiz uma pesquisa entre amigos, (...) e descobri que outras pessoas também tinham recebido o mesmo tipo de correspondência e, apesar de serem clientes de agências diferentes, todos os dados eram provenientes do Bradesco.

Quem é o mais culpado? (...) Como é que um cidadão que vem ao público anunciar-se como "preocupado com a segurança do indivíduo", "coragem e coerência", etc, tem a *cara de pau* de adquirir, seja da forma que for, o cadastro de contas correntes de uma instituição bancária para fins eleitoreiros?

Como pode um banco vender os seus clientes de maneira tão repugnante, sem mesmo dar-lhes ciência? (...) Estes crimes estão sujeitos à pena capital? **Cláudio Fernando S. Lino — Rio de Janeiro.**

Colombo

O governo brasileiro, através de sua Secretaria de Cultura, marcaria uma nobilíssima presença nas próximas comemorações do 5º centenário do descobrimento da América, em 1992, se promovesse a gravação integral em disco da ópera-oratório *Colombo*, de Carlos Gomes. Pelos excertos do 1º e 4º atos que nós, cariocas, ouvimos no dia 10, na Escola Nacional de Música da UFRJ, trata-se de um trabalho de extraordinária beleza sinfônica, lírica e coral, além de magnificamente condizente com seu espírito comemorativo.

Sabe-se que o Metropolitan Opera House, de Nova Iorque, já encomendou ao compositor Philip Glass uma ópera sobre Cristóvão Colombo para ser estreada ali em 1992. Nós, brasileiros, que já temos nossa *Colombo*, vamos ficar esperando o quê? **José Lívio Dantas — Niterói (RJ).**

Lentidão

Sou correntista do Banerj, agência Centro (099), e fiquei surpresa com a demora no tempo de compensação de cheques da mesma praça, de valor superior a um salário mínimo (conforme determinação do Banco Central — valores superiores ao SM vigente têm compensação em 24 horas).

No dia 9/10 fiz um depósito em minha conta, cheque de Cr$ 30 mil que levou 72 horas para ser compensado, e só foi liberado no dia 12/10.

Gostaria de saber se essas normas/determinações são válidas para uns e não para um todo, pois em outro banco do qual também sou cliente não acontece esta demora. (...) **Vera Lucia Torres Marques — Rio de Janeiro.**

Diárias de viagem

É motivo de perplexidade e revolta para mim, como trabalhador e contribuinte que vive nesta tão insegura e abandonada cidade do Rio de Janeiro, tomar conhecimento das fantásticas diárias de viagem proporcionadas pelo nosso governador a oficiais da Polícia Militar, conforme publicado no Caderno *Cidade* do dia 28/9/90.

Não é justo que, enquanto os trabalhadores sofrem um violento achatamento salarial, professores, médicos, funcionários e até os próprios policiais civis e militares do estado ganham aviltantes salários, ocorra ao mesmo tempo tal aberração. (...) **Marcus Aranha de Oliveira — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Em torno do colunista

Barbosa Lima Sobrinho *

A instituição do "colunista", que é uma tradição da imprensa dos Estados Unidos, com a presença de colaboradores com inteira liberdade de opinião, mesmo em face dos editoriais dos jornais em que escreve, trouxe, recentemente, uma espécie de surpresa, com a leitura de um pronunciamento divulgado no *The Wall Street Journal*, na análise do plano econômico adotado pelo Governo brasileiro. Assinava o referido artigo o jornalista Alexandre Cockborn, que Manoel Francisco Brito, diligente correspondente do **JORNAL DO BRASIL** nos Estados Unidos, informa que é "um respeitadíssimo representante da esquerda", divulgando suas idéias numa folha que não se sentiria ofendida, se classificada na extrema direita, para a defesa intransigente do próprio capitalismo. O que, a meu ver, passa a ser uma peculiaridade do jornalismo americano, obediente às tendências de seu liberalismo, que abre margem à manifestação de todas as opiniões, convencida de que soube optar pela melhor, ou a que corresponde com as tendências de seus leitores. O que de certo concorrerá para reforçar a credibilidade do próprio jornal, na divulgação de propostas antagônicas.

Por sinal que a impressão dominante no Brasil era a de que todos os jornalistas dos Estados Unidos eram unânimes, na defesa e exaltação de um plano econômico, que parecia corresponder aos programas do Fundo Monetário Internacional, como fiscal supremo do capitalismo universal. Até mesmo nas 350 mil demissões projetadas, para abrir margem, nos orçamentos públicos, para a compra de dólares com que resgatar os empréstimos externos.

A impressão dominante no Brasil era de que todos os jornalistas americanos eram unânimes na exaltação do nosso plano econômico

Não se havia esquecido também a guerra das estatais e para pôr em regime de quarentena os bancos estaduais. No fundo, era aquela velha tese da sra. Thatcher, de que países pobretões não podiam se dar ao luxo de possuir empresas como a Petrobrás e as modernas siderúrgicas brasileiras.

A crítica do jornalista do *The Wall Street Journal* abria margem ao adjetivo "virulento", que foi adotado pelo correspondente do **JORNAL DO BRASIL**, Manoel Francisco Brito. O que se lê no resumo divulgado na folha do Rio de Janeiro é que Alexandre Cockborn o considerou de feição "populista", com que facilitar a sua implantação em nosso país. Mas também "autoritário", ignorando restrições legais que exigiriam o silêncio e a concordância dos outros poderes do regime republicano. Era para fazer morrer de inveja os governos militares que, em 20 anos, usara o AI-5 mais para o domínio político do que das restrições econômicas. O jornalista americano não encontrou nada semelhante, nem na América Latina, nem mesmo no Leste europeu, com a adoção de uma economia de mercado, que nem cogitara do *dumping* que as empresas estrangeiras poderiam utilizar, para o confronto com os preços que estavam vigorando no Brasil. E o que mais assusta o comentador americano é o confisco da poupança, que poderia valer como um conselho para não poupar nunca, como uma receita da esterilidade, com que afugentar qualquer plano de desenvolvimento econômico. Era mais assunto para recordes olímpicos, sobretudo quando se tinha o exemplo do Japão, que se apoiara, acima de tudo, nos índices de sua poupança para exercer, em pouco mais de um século, a liderança que o consagra entre as maiores potências financeiras do mundo atual. Não seria contraproducente tudo que parecesse desestímulo à poupança, sem a qual, como já nos ensinava Adam Smith, não se formam os capitais? E quem confisca uma vez a poupança não adiantará nada jurar que não a confiscará nunca mais? A questão, no caso, se enquadra na credibilidade dos governantes. Sobretudo quando as rédeas da economia são entregues ao Banco Central, como ditador supremo da liquidez monetária. Esse o aspecto autoritário que o jornalista dos Estados Unidos faz questão de acentuar.

E o que mais o impressiona é que os confiscos adotados pelo Governo não obedecem a regras fixas. Diz ele que o confisco da poupança e das contas correntes não encontrou as mesmas normas. E escreve, textualmente, "congelaram o *overnight* de maneira completamente diferente do que fizeram com a poupança e a conta corrente, em que os brasileiros menos favorecidos tinham o seu dinheiro". Ao invés de imporem um limite de quantia, impuseram um limite de retirada de até 20%. Como a economia está em estado de choque e os preços em queda franca, a situação favorecia aqueles que podem ter algum dinheiro no bolso — justamente as pessoas, ou especuladores, que investem no *overnight*. A concentração de poderes e do dinheiro nas mãos do Planalto cria, em torno do Governo, um ambiente de corrupção, que exige vigilância crescente, agravada, agora, com a concentração das verbas de publicidade que estão sendo calculadas em perto de 900 milhões de dólares. O que, de certo, vai exigir do Sr. Tuma trabalho dobrado, se quiser, como esperamos, desempenhar todas as suas funções.

No termo de seus comentários, o jornalista americano de *The Wall Street Journal* conclui que a estratégia do plano econômico em execução é uma "reforma pelo desmembramento, o mesmo modelo que se pretende implantar na Polônia e que é nervosamente pregado em Moscou. Chame-se a isso fascismo ou talvez stalinismo de mercado, com a disciplina do mercado imposta por meios ditatoriais".

O que mais me surpreende é que essas observações tenham sido publicadas em *The Wall Street Journal*, como uma prova, de certo exuberante, da independência do jornalismo americano, fiel, como sempre, à autonomia de seus colunistas, mesmo quando escrevem numa folha que deve ser considerada como uma espécie de breviário do capitalismo universal. Leio no excelente manual de jornalismo de George Fox Mott, e seus colaboradores, que o colunista exige qualificação especial, como ensaísta e escritor, dotado de personalidade própria. Deve ter, como observa Mott, a "*keen sense* of discernment, an aptitude for analysis and synthesis and experience which has both breadth and depth". E também originalidade, habilidade criativa e um passado, que possa valer de "rich background".

Se não todas, pelo menos algumas dessas características. Pelo menos é assim que se vem mantendo a instituição do colunista na imprensa americana, com um sentido de independência e autonomia, reconhecida pela própria redação dos jornais em que escrevem. O que vale, também, como recomendação da direção, que considera útil à difusão de sua folha o pronunciamento desses colunistas independentes. O que pode englobar não somente o colunista social, como o econômico, ou o que comparece com a sua visão própria dos acontecimentos de cada dia. Como seria, por exemplo, João Saldanha, que sabia transmitir à área esportiva uma experiência a que não faltava sensibilidade universal. O que caracteriza o colunista é a sua independência em face do próprio jornal em que escreve e que não ignora que a sua autonomia acaba sendo um defensor da própria expansão da folha que publica os seus artigos. Não lhe faltando, de certo, a convicção de que não passa de um colaborador, capaz de interpretar opiniões que os jornais, se não as adotam, gostariam que pudesse chegar aos seus leitores, até mesmo como manifestação de liberalismo da própria direção das folhas que os acolheram. Como colunistas de um jornal determinado, a que acabam pertencendo, até mesmo, com a passagem do tempo, como elementos de sua própria redação.

* Jornalista, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, presidente da Associação Brasileira de Imprensa

A crise dos sete meses

*Wilson Figueiredo**

Pela Lei de Murphy, enquanto não for revogada, "se alguma coisa pode dar errado, dará". A recíproca não é verdadeira: o que tiver possibilidade de acertar não oferece a garantia de que dará certo. O erro, mais aplicado, não deixa passar as oportunidades.

Se alguma coisa pode dar certo, dificilmente dará, mas a possibilidade maior é o desacerto, sem considerar as variantes que cercam os erros — tantas quantas o computador possa propor. Murphy se inspirou em Maquiavel e teve a aprovação tácita dos pessimistas. Por que, podendo dar errado, alguma coisa iria preferir dar certo?

Mesmo quando tem tudo para dar certo, a preferência se inclina para o lado oposto, para não variar. Murphy é autor de uma lei com um único artigo. O resto são incisos e parágrafos que os exegetas e tradutores (como Millôr Fernandes) recolhem e classificam.

A preferência de Marphy para a aplicação da sua lei vai toda, obviamente, para o Executivo. O criador não deixa a criatura freqüentar o Legislativo nem, como fizeram as pesquisas, intrometer-se em eleições promíscuas, onde o que não dá certo só diz respeito aos candidatos e aos seus eleitores.

Presidencialismo é o sistema de governo em que a Lei de Murphy se sente em casa e fica mais à vontade para agir diretamente, mesmo quando os presidentes são eleitos pelo voto indireto. O presidente Collor — por ele, pelo presidencialismo e por tudo mais — não se sentiria seguro, sabendo, pelos que o rodeiam com divergências, que só pode dar errado o que não consegue acertar. A famosa crise dos sete meses, que ejetou Jânio Quadros do governo, chegou — como observou o adivinho que avisou César no dia da sua morte — mas ainda não passou. Essa gente que bate cabeça com cabeça entretém-se num jogo de divergências sem perceber as conseqüências previsíveis pelo método de Murphy..

A profusão de votos nulos e brancos é desperdício mas não crime. A democracia, perdulária por natureza, gasta mais do que arrecada

Está por fora, no entanto, quem pretende interpretar o resultado da eleição com a lei suprapartidária e laica de Murphy, que não trabalha com matéria eleitoral. Se o eleitor quer votar errado, fique à vontade. Ela não tem que se intrometer. Em relação ao Congresso, que funciona como uma usina de leis, Murphy faz cerimônia e guarda distância para não parecer concorrência desleal (o que não impede as leis de não darem certo).

A grande profusão de votos nulos e brancos é desperdício, mas não crime. A democracia, perdulária por natureza, gasta mais do que arrecada e não mantém escrita em dia. Na versão tropical da fábula, a cigarra gorjeia mais alto e faz solo no país que foi obrigado a erradicar a formiga para sobreviver. Aliás, formiga não canta, corta. À margem de La Fontaine, o Brasil se propôs a acabar com a saúva antes que a saúva acabasse com ele. Em último caso, acabavam-se os dois. Podia dar certo? Já era a lei, à espera de que Murphy a formulasse.

A conseqüência previsível - sem deixar de ser imprevisível — desta eleição pode se transferir, a despeito da Lei de Murphy, para a representatividade que não se afere por instrumentos de precisão. A quantidade de votos de cada eleito tem pouco peso, levando em conta que os votos nulos e brancos batem a soma dos votos dos deputados. Melhor usar a franqueza enquanto Murphy não ataca: o grande eleitor desta vez foi a soma dos votos que ficaram fora da contagem. Quando a soma dos votos brancos e nulos é maior que a de todos os candidatos, alguma coisa não vai bem mas não abona a interpretação golpista do princípio que inspirou Murphy.

Assim sendo, é melhor tratar logo pelo merecido título de grande deseleitor esse voto branco, que se coligou com o nulo para inquietar os que se elegeram por baixo. Calma no Brasil. A representatividade não depende do número de votos e não se abala quando pesa menos que os votos perdidos. Felizmente, não há quem se disponha a questionar em causa própria, mesmo democraticamente, a representatividade. Quem, como Sansão, vai balançar as colunas sabendo que o templo pode desabar sobre a sua cabeça? (Depois de ter perdido a eleição, a UDN não perderia a oportunidade como esta, mas não se fazem mais udenistas como antigamente). O melhor mesmo é fingir que o deseleitor veio só dar um recado silencioso e vai se retirar com o fim da apuração.

Uma reforma adequada às circunstâncias teria de ser original sem comprometer a origem: para evitar outras deseleições no futuro, o eleitor passaria, em caráter optativo, a justificar o seu voto na urna. E, sendo secreto o voto, a justificação não levaria assinatura. Se existe carta anônima, por que não a justificação também sem nome? Podendo desancar os candidatos, o cidadão não vai perder a oportunidade. Os votos seriam apurados e as opiniões tabuladas, para uso dos cientistas políticos entre uma eleição e outra.

A idéia não pede mais que cinco ou seis maltraçadas linhas. O eleitor diria verdades aos candidatos, sem assinar e, no texto de próprio punho, faria um exercício de concisão para aperfeiçoar a redação. Nada garante que o eleitor vote certo, mas a democracia convive bem com retificações. É um regime do *post scriptum*. Como toda inovação, porém, iria ser combatida como elitista e reacionária. De fato, a declaração escrita remeteria os analfabetos de volta à condição de abstêmios eleitorais, mas a natureza optativa da declaração de voto removeria a objeção. Pode-se também examinar a justificação oral, que admitiria o cassete na prestação de um serviço democrático.

Falta, porém, um bocado para o Brasil deixar de ser uma democracia de pé atrás. A participação do eleitor se encerra no ato de votar, seguido da tradicional praxe de lastimar-se. Dizem os governos que, sozinhos, não darão conta do recado, recusam ajuda mas aceitam sacrifícios.

Esta representação que volta pela metade ainda não entendeu o critério do eleitor para degolar um em dois deputados. Quem pode dar a resposta é o eleitor. Perguntem ao eleitor. Enquanto foram constituintes, durante dois anos, fizeram e aconteceram. Nos dois anos seguintes, como simples parlamentares sem as penas da soberania, não tiveram ânimo para dar conseqüência normativa ao que aprovaram antes. Ficou claro para o representado que o mandato de quatro anos excede a capacidade produtiva do representante. A metade é suficiente.

O mandato de dois anos é o mais indicado, mas os do ramo representativo não querem nem ouvir falar: o custo exorbitante da eleição repele a sugestão com veemência. Ficou no cidadão a suspeita de que o mandato é espichado para ressarcir os gastos da eleição. O eleitor pensa, porém, com a lógica de quem, se perder o voto, terá de esperar quatro anos para se indenizar do erro essencial de candidato.

Outro item de um novo orçamento para baratear a eleição é o voto distrital, que confina o universo do candidato a um espaço onde pode entrar pessoalmente em contato com o eleitor, mas não pode sair. Fica obrigado a saber com quem está tratando quando pede voto e oferece préstimos. Claro que a distância se reduz também para o cidadão, que pode chegar perto do candidato e tomar intimidades, antes e depois. Voto caro, voto proporcional e mandato de quatro anos são parentes de primeiro grau.

Olhando para trás e para Leste, o marxismo estende a mão à palmatória: se deu errado, é porque não tinha outro jeito. Marx e Murphy não polemizaram porque não foram contemporâneos, e hoje se completam. Murphy tem a única explicação capaz de sobreviver ao nosso tempo. O marxismo demonstrou com mais naturalidade a lei de Murphy do que as suas próprias leis.

*Redator do JORNAL DO BRASIL

FRASES DA SEMANA

Beatriz

Zélia Cardoso de Mello

"A sociedade e o governo só têm a lamentar a perda."

— Zélia Cardoso de Mello, ministra da Economia, sobre a demissão de Bernardo Cabral. Segunda-feira, dia 15, em Brasília.

●

"Eu não vou deixá-lo de jeito nenhum. Ele sempre foi muito bom para mim, me deu tudo que eu quis."

— Zuleide Cabral, esposa do ex-ministro da Justiça, a uma amiga. Segunda-feira, dia 15, em Brasília.

●

"O verdadeiro problema do governo em cada período é apreciar a dose de passado que pode tolerar no presente e a dose de presente que se deve deixar substituir no futuro."

— Jarbas Passarinho, ministro da Justiça, citando André Maurois no seu discurso de posse, depois de falar de sua colaboração aos governos militar. Segunda-feira, dia 15, em Brasília.

●

"As pedras que vêm por aí não me atingirão."

— Bernardo Cabral, ex-ministro da Justiça. Segunda-feira, dia 15, em Brasília.

●

"Ele foi demitido por insubordinação e incompetência."

— Cláudio Humberto Rosa e Silva, porta-voz da Presidência, sobre Luís Octávio da Motta Veiga. Sexta-feira, dia 19, em Brasília.

●

"Eu não respondo a mata-cachorro."

— Luís Octávio da Motta Veiga, ex-presidente da Petrobrás, referindo-se a Cláudio Humberto. Sexta-feira, dia 19, no Rio.

●

"Um partido tem de ser macho ou fêmea. O PSDB não foi nem uma coisa nem outra."

— José Eudes, candidato a deputado federal pelo PSDB do Rio, explicando seu insucesso nas urnas. Domingo, dia 14, no Rio.

●

"Bati com raiva, ele era mais forte."

— Heitor Martins Neto, segurança do restaurante Alcazar, em Copacabana, que matou a pontapés e cadeiradas o estudante Gilmar da Silva. Domingo, dia 14, no Rio.

●

"Que essa providência seja imediata, visto que seu retardamento pode ser fatal."

— Trecho do ofício enviado à presidência do Senado pelo candidato ao governo de Rondônia Olavo Pires, assassinado a tiros de metralhadora na terça-feira, pedindo garantias de vida. Divulgado quarta-feira, dia 17, em Porto Velho.

Salada mista

Fernando Pedreira *

Numa semana em que ganharam o Nobel dois dos homens mais eminentes, mais lúcidos e intelectualmente corajosos do nosso tempo, Octavio Paz e Mikhail Gorbachev, não deixa de ser um tanto patético (além de característico) que o Brasil se veja envolvido nesse grotesco escândalo da demissão do ministro Bernardo Cabral. O ministro acabou saindo como entrou, e ficou: desastrado, apaixonado e "performático". Certamente, há 10 meses, quando o escolheu e nomeou, o presidente Collor não podia imaginar o peculiar tipo de serviços que Cabral iria prestar ao seu governo...

Resta esperar que o episódio, ao menos nas suas mais óbvias conseqüências políticas, seja rapidamente enterrado e esquecido — para o que, sem dúvida, muito deve contribuir a qualidade do substituto, Jarbas Passarinho, um veterano político, experiente, hábil e respeitado como poucos.

Passarinho assume num momento em que se abrem para o governo amplas perspectivas políticas e institucionais. Seria uma pena se essas perspectivas, trazidas pelos resultados das eleições do dia 3, viessem a perder-se em novas trapalhadas cabralinas. Nas mãos do novo ministro, entretanto, é de crer que sejam bem aproveitadas e se possa formar, no Congresso, uma maioria coerente e consistente capaz de apoiar as diretrizes centrais do governo e de levar, não só ao próprio legislativo, mas às instituições em geral, o processo de renovação e saneamento que os resultados do pleito presidencial de 89 impuseram ao Executivo federal a partir de 15 de março.

O povo não optou entre novos e velhos. Sua opção foi, como há um ano, essencialmente ideológica, sem deixar de ser prática e pragmática

Quem ganhou e quem perdeu nas eleições do último dia 3, com suas catadupas de abstenções e votos brancos e nulos? As explicações e análise já publicadas servem, como seria de esperar, a todos os gostos, mas não escondem o óbvio. O desinteresse e o repúdio dos eleitores foram frutos de fatores diversos. Em primeiro lugar, a lei que convocou as eleições misturou um pleito estadual, majoritário, para governadores, que naturalmente concentraria as atenções do eleitorado, com eleições parlamentares proporcionais para renovação do Congresso, mais complexas, menos apaixonantes e que exigem dos eleitores redobrada atenção e mais esforço para votar bem.

Embora consideravelmente mais importante para os destinos do país, as eleições parlamentares, com suas intermináveis listas de candidatos e profusão de legendas, ficaram, ao olhos dos eleitores, num distante segundo plano. Votar em quem? Até o último momento, até a última semana, a maioria do eleitorado não tinha candidato escolhido, não sabia em quem votar para deputado federal ou estadual. Ao contrário do que dizem hoje os supostos amigos da democracia, entretanto, o fato de que um grande número desses eleitores indecisos ou desinteressados tenha simplesmente se abstido ou votado em branco acabou sendo uma boa (e saudável) coisa.

É sem dúvida melhor prova de consciência recusar-se a votar ou votar em branco do que votar num mau candidato ou num nome "qualquer". No dia 3, a inevitável confusão e o desencanto entre tantos eleitores não impediram que em São Paulo, por exemplo, se elegessem com votações consagradoras políticos novos como José Serra e João Melão Neto, que estão entre as mais competentes figuras da sua geração. Nem impediram que, no Rio, Roberto Campos, tido como impopular e detestado pelas esquerdas, batesse o cantor e ex-campeão de votos Agnaldo Timóteo.

César Maia, Francisco Dornelles e Delfim Netto reelegeram-se tranqüilamente. Miguel Arraes e Valdir Pires, ex-governadores (para não falar no ex-presidente José Sarney), obtiveram expressivos resultados em seus estados respectivos (Sarney brilhou até no Amapá...), mas as abstenções e votos brancos exprimiram antes de tudo um estado de espírito que levou a índices de renovação de até dois terços nas diversas bancadas. Veteranos aproveitadores de muitos mandatos, oportunistas e paraquedistas diversos foram varridos. Mas é significativo que as baixas maiores tenham ocorrido à esquerda, entre as lideranças que sustentaram a desastrada Nova República: o PMDB, seus dissidentes e seus aliados.

Em termos parlamentares só o PT cresceu: dobrou sua bancada de deputados. Esse resultado favorável, entretanto, parece confirmar a mutação que, desde o ano passado, se desenhava no interior do Partido dos Trabalhadores. O PT está deixando de ser o partido dos sindicalistas do ABC (onde perdeu a eleição) para tornar-se o partido da Igreja progressista, isto é, dos padres marxistas da CNBB de cujos redutos (ou de cujas paróquias) espalhados pelo país vêm a maioria dos novos deputados petistas.

De modo geral, entretanto, as eleições do dia 3 confirmaram as tendências de 89. O povo não optou entre "novos" e "velhos". Sua opção foi, como há um ano, essencialmente ideológica, sem deixar de ser prática e pragmática. O que se pode talvez dizer é que a inclinação da maioria foi desta vez ainda mais acentuada e ampla. Em São Paulo, Minas, Pernambuco, Bahia, Paraná, Rio Grande e caixa-prego votou-se contra o velho esquerdismo populista, a favor de candidatos de centro ou de centro-direita. Votou-se contra a corrupção e a gastança demagógica e irresponsável, a favor da austeridade e da seriedade administrativas.

Por que não ver (e dizer) as coisas como elas são? No México, segundo Octavio Paz, todos são "revolucionários". No Brasil, desde Getúlio e Prestes, somos todos inevitavelmente esquerdistas. Pois bem: elegemos agora, maciçamente, "esquerdistas" de direita, ou de centro-direita: Antônio Carlos, Hélio Garcia (ou Costa?), Joaquim Francisco, Maluf (ou Fleury), Marchezan...

Excetuando o fenômeno peculiar do brizolismo no Rio (e a verdade é que o espantoso malogro do governador Moreira Franco deixou Brizola, desta vez, sem adversário válido. Ele ganhou por um virtual W.O.), não há por que não admitir que a opinião pública brasileira e o eleitorado do país sejam capazes de acompanhar os acontecimentos e as tendências que marcam a política no mundo. Ficaram para trás aqueles que, amarrados às suas velhas convicções ideológicas, recusaram-se (recusam-se ainda) a ver as realidades novas e a extrair delas as inevitáveis conseqüências políticas.

O PT, partido do marxismo residual, remanescente, salvou-se nas paróquias da CNBB. A grande vítima da própria cegueira política ficou sendo o PSDB, especialmente castigado pelos eleitores com a votação decepcionante dos seus mais destacados líderes, dos quais só se salvou o senador Fernando Henrique que, sabiamente, não se candidatou a coisa nenhuma.

O PSDB transformou-se num partido cearense, a caminho da irrelevância. Temo que os bons conselhos de Hélio Jaguaribe se revelem, agora, inúteis. Haveria hoje, no Brasil, sem dúvida, lugar para um partido de esquerda na linha do espanhol Felipe Gonzalez ou do PC italiano que, durante anos e anos, ajudou (e às vezes obrigou) a Democracia Cristã a governar decentemente a Itália, contando com o apoio da CGIL, a CGT peninsular, as reivindicações e a impaciência dos trabalhadores e permitindo ao governo do país debelar a inflação.

Nas presentes condições brasileiras, quem pode desempenhar esse papel são os próprios líderes sindicais (os menos obtusos) e, já agora, quem diria, o veterano Leonel Brizola, um velho diabo capaz não só de fazer-se de ermitão, mas de aprender com a experiência e dançar conforme a música do tempo.

"Tudo que é sólido se desmancha no ar", dizem os meninos. O quadro político gerado pelas urnas está longe de ser sólido. Ao contrário, é fluido e turvo. Mas nada impede que bons cozinheiros, como Fernando Collor e seu auxiliar Passarinho, encontrem nele ingredientes bastantes para uma boa e saudável salada mista.

* Jornalista

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

CHÁ

Nas intermináveis conversas que Jorge Luiz Borges, Italo Calvino e Vladimir Nabokov têm, no céu, tomando chá — embora Calvino argumente que se tomassem algo mais forte a eternidade passaria mais depressa —, os três discutem a literatura e a vida literária, e no outro dia concordaram que era preciso desestimular as vocações equivocadas.

A literatura, como qualquer outra atividade que afeta o pensamento e as emoções humanas — a neurocirurgia, por exemplo —, deve ser protegida dos diletantes. Uma das maneiras de fazer isto, concluíram, era dar ao crítico o poder de não apenas julgar o novo escritor como, se fosse o caso, condená-lo. Como um juiz de verdade, o crítico proferiria a sentença e em seguida prescreveria o castigo, que poderia variar desde a multa até a flagelação, o desterro ou mesmo a morte. No caso de decidir que o novo escritor não merecia nem um arrazoado da sentença, o crítico poderia reduzir a sua crítica a uma única frase, "Abatam-no a tiros", ou coisa parecida. Ou determinar que o culpado fosse mantido em liberdade vigiada e posto a ferros se desse qualquer sinal de reincidência. Se ensaiasse outro poema, conto, romance ou mesmo um ensaio sem a licença expressa do crítico. Só assim, na opinião de Borges, Calvino e Nabokov, as pessoas pensariam duas vezes antes de sucumbir a supostas inclinações literárias que seguidamente não passam de mal-entendidos, como a gravidez histérica.

Mas os três foram unânimes num ponto. Se a sentença fosse grave, como o desmembramento ou o garrote, o próprio crítico teria que executá-la. Nada de decidir o destino do outro e ir dormir de mãos limpas e a consciência de que só estava cumprindo a sua missão de justiça. Se decretasse a forca ou o fuzilamento, o próprio juiz teria que dar o nó ou puxar o gatilho. Dessa maneira, segundo os três, também as vocações de críticos passariam por uma triagem, e só os de critérios firmes, credenciais inatacáveis e objetividade absoluta — além de sangue-frio — alcançariam tal poder, que, como o de outros juízes supremos, seria vitalício e irrecorrível. Ao exercer seu terrível poder, os críticos também pensariam algumas vezes antes de condenar algum talento menor, mas genuíno, ao caldeirão, e a literatura seria servida.

Em seguida os três reencheram as xícaras e passaram o comentar o Nobel da Paz.

Fritura nunca mais

"FRITTER — BEIGNET"
"A preparation consisting of a piece of cooked or raw food coated in butter and fried in deep fat or oil... The temperature of the oil is usually moderate but can vary considerably according to the type of butter used" *
Larrousse Gastronomique
Paul Hamlyn. 191 edition 1988, pg. 477
"FRITAR — FRIGIR"
"Cozer com manteiga, azeite etc., na frigideira — (figurativo) apoquentar ou importunar com perguntas, pedidos etc... — (intransitivo) ficar frito: os ovos frigiram — (familiar) alardear importância; ostentar distinções; gostar de dar na vista"
Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa
Aurélio Buarque de Holanda. 11ª edição.

Luís Octávio da Motta Veiga * *

Na realidade usado com sentido do neologismo candango por alguns cortesãos temporariamente alçados ao poder fritura significa, como anteriormente adotado no reinado maranhense, despir, ou tentar despir, pela imprensa em notas frívolas e levianas, a dignidade daquele ocupante de cargo público escolhido para vítima.

Insatisfeito com a atuação de um subordinado, deveria o seu superior hierárquico comunicar diretamente suas divergências e, havendo possibilidade de superá-las, o caso se encerraria após uma conversa civilizada. Persistindo a divergência, caberia ao subordinado solicitar seu desligamento ou demissão e, não vindo isto a ocorrer, sobraria a dispensa do funcionário pelo chefe, por absoluta incapacidade de solucionar as diferenças que impeçam a consecução de uma política coerente e una.

Os anos dos governos militares fez-nos desaprender como se procede eticamente para se dispensar um colaborador

Os anos dos governo militares fez-nos desaprender como se procede eticamente para se dispensar um colaborador, alguém que ocupa um cargo de confiança, mesmo porque a dança das cadeiras em ditaduras é feita com a música em "pianíssimo".

Um Brasil Novo requer no fundo tudo de novo mas, antes de tudo, um conceito de ética que seja, de fato, à prova de críticas fáceis. O chamado "processo de fritura" sem dúvida não sobrevive à crítica por mais superficial que seja.

No Brasil Novo, a prática de demitir ou induzir à demissão consiste em começar a fazer com que certos tipos que poderíamos denominar de satélites do poder sem vida ou luz própria, comecem a vazar futricas e fazer confidências sempre se utilizando da função de "homem"(?) de confiança do chefe. Depois das pequenas notas, tenta-se um grande caso sempre contando com a colaboração necessária (também eticamente difícil de se defender) de alguns jornalistas.

O responsável pela *fritura* é, obrigatoriamente, um ser desprezível que se presta a discorrer ou deitar conceitos, sempre em "off" sobre algo que não entende, sequer tem vaga idéia ou mesmo capacidade intelectual para avaliar. Mas, como louro, fala o que seu dono manda e assim transforma algo que deveria ser o canal de comunicação direta do governo com a sociedade, revestido da necessária e obrigatória credibilidade, em centro emanador de boatos, fofocas, *potins* e mexericos dos bastidores do poder.

Por sua vez, do ponto de vista daquele que se pretende *fritar* a situação é de difícil avaliação. As notícias que recebe são desencontradas, seus superiores hierárquicos fingem desconhecer os movimentos. Os empregados ou funcionários da entidade que dirige, considerando que o *turn over* de chefias no Brasil é acima do usual, tendem a insistir para que o seu chefe resista. Aí que reside o maior fator de perigo, pois o pato voa em campo aberto bem à frente da alça de mira do caçador faminto.

O resultado da *fritura* bem-sucedida consiste na retirada de cena da vítima humilhada ou a rendição moral da mesma que, acuada pelo algoz, submete-se à sua vontade abrindo mão de sua dignidade similarmente ao que ocorre num processo de tortura.

Existe, no entanto, descoberto há pouco tempo, é verdade, um antídoto para tal procedimento que necessariamente exige da vítima em potencial certo grau de independência, bem como apego ao cargo que ocupa nunca além daquele indicado pelo bom senso e a dignidade pessoal. Observada esta primeira premissa, ao primeiro sinal de covardia que vem sempre na forma de mexericos parte-se para o ataque (coisa inesperada para o algoz, pois a necessidade de permanecer no cargo emudece as pessoas). Um desenlace rápido frustra e surpreende os *fritadores*, pois estes estão acostumados a processos lentos e constantes e, repito, não estão acostumados ao despreendimento da vítima ao posto a que foi alçado pelo rei.

O relevante neste assunto é que, como o truque do arrocho nos preços dos combustíveis para impedir que a taxa de inflação aumente (mesmo assim ela não baixa) a prática culinária em questão foi herdada do governo Sarney. Já que os recém-chegados estão copiando os modos anteriores, é importante que os ocupantes de cargos de confiança, quando perceberem que o mestre-cuca acendeu o fogão, tomem a dianteira e fritem o cozinheiro.

* *"FRITAR — Preparo que consiste num pedaço de comida cozida ou crua banhada e frita em muita gordura ou óleo. A temperatura do óleo é comumente moderada, mas pode variar consideravelmente de acordo com o tipo de mistura utilizada."*

* * *Advogado, ex-presidente da Petrobrás*

Um candidato à sucessão de 94

Marcelo Pontes
e Luiz Lanzetta

A mais organizada instituição alternativa de poder no momento, no Brasil, um país sem partidos e com as esquerdas dilaceradas, é um caipira de 52 anos, de sotaque nem sempre disfarçado e com a capacidade de juntar num mesmo saco artigos ideológicos tão diversos quanto a esquerda do PMDB e o presidente da poderosa Fiesp, Mário Amato. Essa credencial e a condição de piloto da máquina administrativa mais influente fora de Brasília, o governo de São Paulo, fizeram com que, nos últimos dez dias, o governador Orestes Quércia transformasse o seu gabinete, no segundo andar do Palácio dos Bandeirantes, em pólo de atração só superado pelo Palácio do Planalto e as ante-salas da crise do Ministério da Justiça. Políticos vitoriosos ou derrotados no primeiro turno da eleição de governador foram em romaria ao gabinete de Quércia. Ali, sob a vigilância de uma imensa tela retratando Rodrigues Alves, personagem símbolo de São Paulo, e da foto oficial do presidente José Sarney, Quércia começou a recolher cacos de seu partido, o PMDB, para construir o esqueleto de seu maior lance político: a candidatura a presidente da República, em 1994, na sucessão de Fernando Collor. A isso se junta o reforço de uma certa Frente Municipalista que Quércia um dia liderou e que hoje lhe dá, em qualquer estado, a gratidão de algum prefeito por verbas maiores recebidas. Quércia aguarda apenas o segundo turno da eleição de governador, em que seu candidato à sua própria sucessão, Luiz Antônio Fleury Filho, enfrentará Paulo Maluf (PDS), para convocar a São Paulo os políticos que quer reunir num novo PMDB. Entre eles, não estará José Sarney, senador pemedebista do Amapá. Rindo, Quércia diz que Sarney só está ali, pendurado na parede de seu gabinete, porque Collor ainda não mandou sua foto oficial.

José Carlos Brasil

— Por que o senhor quer ser candidato a presidente da República?

— Eu não sou candidato. Poderia até vir a ser. Essa coisa de ser candidato a presidente da República depende muito das circunstâncias. Não fecho questão desde já que sou candidato. Poderei vir a ser.

— Mas toda a sua atuação política não está dirigida para esse objetivo de ser candidato?

— O que me proponho a fazer é trabalhar no sentido de articularmos uma reformulação do PMDB. É fazer um projeto brasileiro, um projeto nacional do Brasil. Acho que estamos precisando disso. O governo atual, restringindo todo o seu projeto ao combate à inflação, vai acabar por paralisar o país. É muito importante termos um programa de desenvolvimento para o Brasil. A idéia é fazer um grande projeto, uma análise, uma discussão da situação do país e renovar o partido. Há a idéia de se mudar o nome para MDB, em vez de PMDB.

— O senhor trabalha especificamente para assumir o comando desse partido renovado?

— Não sou necessariamente candidato à presidência do partido, embora as pessoas pensem nisso.

— Os governadores e políticos de outros estados que vieram esta semana conversar com o senhor disseram claramente que o senhor quer reorganizar e comandar o PMDB com o objetivo claro de se candidatar à Presidência da República na sucessão de Collor. Além disso, o senhor sempre teve essa aspiração. Por que negar isso?

— Todo político tem aspiração de chegar à Presidência da República. Mas não sou daqueles que pisam na goela da própria mãe para ser candidato ou ser presidente. Poderei vir a ser. Tinha o objetivo de ser governador do estado. Não tenho essa obsessão de me candidatar a presidente.

— Como o senhor diz isso se, na época em que o mandato do presidente era de seis anos, fez com amigos as contas de que o seu mandato de governador acabaria junto com o de Sarney e, então, poderia deixar o governo alguns meses antes para se lançar à sucessão?

— Eu nunca disse isso. Às vezes, análises políticas dos jornalistas acabam virando verdade. Se eu quisesse ter sido candidato a presidente, teria sido. Mas não via condições de ser candidato no partido do jeito como estava, cada governador puxando para um lado. Além de Ulysses querer ser candidato e eu querer terminar o meu mandato de governador. Eu até ganhava nas pesquisas, sem ser candidato. Acredito que o sentido da vida política é fazer aquilo que está de acordo com o seu momento. Poderei vir a ser candidato a presidente. Obviamente, não posso dizer agora que virei a ser, porque, se quero organizar um partido, tenho que pensar nesse partido, no processo de desenvolvimento que vai pleitear para o Brasil. Se colocar que é uma coisa da minha candidatura, vou diminuir o trabalho que farei pelo partido.

— Tendo em vista que é o senhor, e não o presidente nacional do partido, que está tomando essa iniciativa, como fica o doutor Ulysses?

— Não sei. Fui falar com ele, disse qual é a minha intenção, que estava conversando com as pessoas, mas que queria a colaboração dele.

— Em troca, o senhor ofereceu ao doutor Ulysses apoio para que ele se eleja presidente da Câmara dos Deputados?

— Não existe nenhum acordo nesse sentido.

— Mas é isso o que o doutor Ulysses quer?

— Até acredito que sim. Pessoalmente, gostaria que ele fosse eleito presidente da Câmara. Seria um bom presidente, seria bom para o PMDB. Mas também precisa ver o que os deputados pensam.

— Quem o senhor gostaria que não entrasse no seu novo partido?

— Não começaria o trabalho em torno de pessoas, mas em sentido positivo, de objetivos comuns. O PMDB é uma porção de pedaços juntos porque era uma frente contra o regime militar. Numa frente, você aceita todo mundo. Agora, temos que criar um partido. Não foi possível fazer isso antes porque os mandatos dos diretórios são longos, com três anos de duração, e só acabam em março do próximo ano. E também porque a luta da candidatura do doutor Ulysses a presidente traduziu uma realidade dramática. Propus na época uma renúncia geral de todo mundo para se reformular o partido. Mas, como é difícil as pessoas renunciarem, ficou para agora. A votação do doutor Ulysses mostrou que não havia um partido em condições de conduzir uma campanha presidencial. Não existe um partido. Temos que organizá-lo. Pegar a idéia, buscar a essência, a força original, aquele espírito do MDB e organizar um grande partido, tendo como objetivo o desenvolvimento do país. País como o Japão, a Coréia.

— Os principais modelos de desenvolvimento abriram a economia ao capital estrangeiro. Mas o MDB e o PMDB sempre resistiram a essa idéia. Como o senhor pretende conduzir esta questão no partido?

— Há muitos anos li um livro chamado *O desafio japonês*, de um jornalista norueguês de nome complicado, que eu não lembro agora. Dizia que o Japão abria para o capital estrangeiro, mas só na conversa. As pessoas requeriam no Ministério da Fazenda ou da Economia do Japão a abertura de uma indústria, eles ficavam estudando e nunca aprovavam. Aprovavam o que interessava para eles. Então, eu sou favorável ao modelo aberto, mas não tão aberto. Aberto quando houver interesses para o Brasil. Temos que ser pragmáticos na defesa do interesse brasileiro. É importante abrir a economia para o mundo, é importante investimento, é importante tecnologia, são importantes muitas coisas trazidas pelo capital estrangeiro. Mas temos que defender o interesse do Brasil.

— O que o senhor tem achado das iniciativas do presidente Collor em relação à abertura da economia?

— O homem é a circunstância. O governo principalmente. Ele assumiu o governo num contexto complicado, porque tem que negociar a dívida externa, não tem dinheiro para pagar, tem que inventar essa proposta que eles fizeram aos credores. Naquele afã inicial, foi falar com o Bush, fez discursos aos empresários. O Brasil pode querer participar do Primeiro Mundo, mas tem que crescer primeiro. Por isso, digo que, quando vamos fazer um projeto para o Brasil, não basta a declaração de boa vontade do presidente. Isso não resolve. O Brasil tem uma dívida para pagar e não paga. O presidente fez uma declaração assim: "Estamos abertos e coisa e tal..." O que estruturou aqui dentro para permitir a operacionalização dessa abertura? Nada. Foi só discurso. O que eu proponho é a organização de um projeto para o Brasil. Quando falo projeto, penso, por exemplo, em colonizar Mato Grosso, penso nessa ponte rodo-ferroviária que é obrigação do governo federal e que estou fazendo com dinheiro do estado, na grande estrada ferroviária que o Olacyr de Moraes quer fazer de Mato Grosso a Santos. Estou vendo o futuro. Acho que podemos fazer uma grande colonização de Mato Grosso. Como foi feito pelos ingleses no norte do Paraná. Nós temos potencial para organizar o país. Não adianta fazer discurso lá fora para capital estrangeiro. Discurso os caras não ouvem, ou gozam. O que a gente precisa ser é forte aqui dentro. Você não pode ficar eternamente brigando com os americanos, com Mr. Baker, com o FMI. É preciso criar alternativas aqui dentro. Ou seja, não é fácil. O fácil é parar a economia, deixar de investir, falar que os governadores estão gastando muito.

— A política econômica do governo está inteiramente errada?

— Gosto muito da ministra Zélia, acho que ela é uma mulher inteligente. Mas o programa do governo é apenas acabar com a inflação. Do meu ponto de vista, a inflação é um detalhe, uma febrezinha no organismo. Você não pode parar o mundo por causa da inflação. Inflação tem no mundo inteiro. A Inglaterra está reclamando de inflação. Quando era moleque, assisti a um filme chamado *Meu amor brasileiro*, com Ricardo Montalban. Ele era o herdeiro rico de um pai brasileiro, cuja riqueza era US$ 57 mil. Há 30 e tantos anos, US$ 57 mil era uma fortuna. O cara paquerava todas as meninas bonitas de Hollywood porque tinha US$ 57 mil. Hoje em dia, o sujeito tem US$ 57 mil e a menina nem olha para ele. É a inflação. Acho que tem que equilibrar, impedir que a inflação suba. Mas o país é como se fosse um barco que tem um problema qualquer. Você tem duas alternativas. Uma é parar o barco e botar no estaleiro para consertar. Você pára o trabalhador que está ganhando, pára de fazer transporte, paralisa tudo. É a solução mais simples. Se você precisa de uma economia de guerra, não pode parar o barco. Tem que consertar com ele andando. É o caso do Brasil. É o que acho da política econômica do governo. Eu não faria isso.

— O PMDB novo que o senhor quer fazer será, então, de oposição ao presidente Collor?

— Vai ser um partido com um programa.

— Que não coincide com este de agora?

— Não coincide. É outra coisa. Será um partido que terá um programa e a oportunidade de começar a mexer no governo atual, porque terá mais deputados e senadores no Congresso. Poderemos conversar com o governo. Teremos um programa para o partido ser governo, mas enquanto não for, poderá atuar de acordo com os objetivos desse programa.

— Já que o sr. deu a idéia do que será o novo MDB, que tipo de político o sr. não deseja ver filiado?

— Aí é um campo complicado. Tem muitos que eu não gostaria de ver junto conosco.

— O presidente Sarney, o sr. já descartou?

— Eu até tenho boa amizade com ele (aponta para a foto oficial de Sarney na parede de seu gabinete). O outro ainda não mandou o retrato então eu deixo o dele aí. Ele tem um desgaste desgraçado no partido. Ele tem que compreender isso. Hoje eu já li declaração dele compreendendo isso (ri).

— E o governador Moreira Franco, com quem o sr. tinha um excelente diálogo no início de sua gestão?

— Ele era um excelente relações públicas. Eu não sei se houve um excelente relacionamento entre nós, não. Eu preferia não comentar mais porque fica difícil você ficar restringindo ou não pessoas.

— O partido vai trabalhar para ser um pólo alternativo de poder?

— Sem dúvida. E para ser poder em 1994. Se nós tivermos eleição direta, em regime presidencialista. Pessoalmente sou presidencialista, mas não vou trabalhar por isso. Não tenho nenhuma restrição. O Fleury, por exemplo, é parlamentarista. Tenho admitido ser candidato num regime presidencialista. Mas se mudar, vou continuar na política.

— Os diretórios regionais do PT e PSDB criticaram, em nota oficial, o abuso da máquina administrativa na campanha eleitoral de São Paulo. O que o sr. tem a dizer sobre isso?

— Todo mundo faz a mesma coisa. Nunca usei a máquina. Se eu vou inaugurar uma obra, eu aproveito para lembrar que é importante eleger o Fleury. Todo mundo faz. É evidente que eu peço apoio dos prefeitos. Mas não vinculo. Seria anti-ético se eu condicionasse dar alguma coisa em troca de apoio.

— Por que dizem então que o quercismo é muito parecido com o malufismo?

— São os meus adversários. Não tem comparação. Isto é a maldade dos inimigos.

— O que é então o quercismo?

— O quercismo é este projeto para o Brasil de que falei agora. É o desenvolvimento do país, é o bem estar social.

— O sr. não vê semelhanças entre o Maluf, governador de São Paulo e candidato a presidente da República, distribuindo ambulâncias pelo Brasil, e o sr., também como candidato a presidente, ajudando a outros políticos nesta eleição?

— Não há semelhança. Uma coisa é tirar ambulâncias que são do povo de São Paulo para dar ao Nordeste. Outra é eu ir a um comício do nosso candidato na Paraíba. Eu sou um político.

— O sr. não deu dinheiro a candidaturas de outros estados?

— Não. Nesta questão de recursos para campanha, você tem que procurar empresários, empresas. Pode ajudar o candidato recomendando: "Vê aí se ajuda o fulano". Não estou vinculando o interesse do Estado a isso.

— Na época do Maluf, falava-se muito em corrupção. Agora, adversários seus fazem este mesmo tipo de acusação ao sr.?

— O único caso de corrupção que houve foi aquele negócio do Banespa. Fui eu que mandei abrir inquérito. Outros governos encobrem essas coisas. Todos os implicados foram para a rua.

— Acha possível executar este projeto de desenvolvimento para o Brasil aliado ao que o presidente Collor chama de símbolo do atraso, que é a Fiesp, ao Mário Amato, ao Antônio Ermírio de Moraes?

— E daí? Quer votar comigo, ótimo. Não significa que eu pense igual a eles. Nem sei o que eles pensam.

— Mas Mário Amato já não disse que é Quércia até a medula?

— Tudo bem, ótimo. Vota para mim. Não significa que ele vai conseguir o que quiser de mim. Nunca discuti política com ele. Nem sei o que ele pensa. É uma boa pessoa, simpática. Respeito, é o presidente de uma Federação. Se é cartorial, a culpa é do governo que é incompetente. Aqui, no governo de São Paulo, não tem cartório. Converso com tudo mundo. Com a extrema direita, com a extrema esquerda. Com o João Amazonas e com o Mário Amato.

— No novo partido o senhor admitiria um leque tão amplo assim, do João Amazonas ao Mário Amato?

— Não, não admito. Por que o Ulysses quebrou a cara na campanha? Era um balaio de gatos. O partido tem que ter uma certa uniformidade.

— Qual a distinção ideológica entre o senhor, o governador Leonel Brizola e o presidente Fernando Collor?

— Não vejo muita diferença entre mim e o Brizola. Até se pode dizer que o Brizola é um caudilho. Mas o pensamento político dele é muito razoável. Toda vez que eu o ouvi falar, gostei.

— E o presidente Collor?

— Não sei o que ele pensa. O Brizola eu sei alguma coisa de ver na televisão. Nunca li um livro que ele tenha escrito.

— Mas o presidente Collor tem falado, tem discursado, fez campanha eleitoral na televisão e também tem agido.

— É ainda difícil analisar o presidente Collor. Como governador de estado tenho certas obrigações com relação ao governo federal. É bom ter bom relacionamento, entende? Acho muita coisa ... Depois do dia 15 de março, nós vamos ver.

— O senhor viu alguma coisa certa no governo Collor até agora?

— É difícil avaliar. Por exemplo: acabar com as casas dos ministros. Tancredo queria fazer isso também. Mas é simbólico, não tem valor financeiro significativo. Carro oficial, essas coisas. Fiz isso aqui, sem estardalhaços, uma reforma administrativa em São Paulo que foi de uma eficiência exemplar. Diminuímos, de 29 para 19, as secretarias. Enxugamos a máquina. Não contratamos ninguém em quatro anos. Só saiu concurso público para professor e polícia.

Presidência

Todo político aspira à Presidência. Mas não sou daqueles que pisam a goela da mãe para ser candidato

Ulysses

Ulysses seria um bom presidente da Câmara, seria bom para o PMDB. Mas é preciso ver como os deputados pensam

Collor

O presidente fez uma declaração assim: "estamos abertos e coisa e tal." Foi só discurso

Moreira

Era um excelente relações públicas. Eu não sei se houve um excelente relacionamento entre nós, não

Máquina

Nunca usei a máquina. Se vou inaugurar uma obra, aproveito para lembrar o Fleury. Todo mundo faz

Brizola

Brizola pode ser caudilho. Mas seu pensamento político é muito razoável. Gostei quando o ouvi falar

Darcy fica no Senado para ajudar Brizola

□ O professor Darcy Ribeiro acrescentou na semana passada algumas razões a mais para justificar a sua admiração pela pessoa de que mais gosta no mundo: ele mesmo. Esteve na Feira de Frankfurt, na Alemanha, para lançar a edição alemã de seu livro **O mulo**, visitou a Suíça para, com outros escritores, escrever um livro sobre o país que no próximo ano completa 700 anos e, ao voltar, soube oficialmente que 2.788.849 pessoas lhe haviam feito uma declaração de confiança ao elegê-lo senador pelo Estado do Rio.

Por tudo isso, ele está muito contente, como demonstrou ao longo de duas horas de um depoimento ao **JORNAL DO BRASIL** entrecortado de muitos risos e brincadeiras em torno de si mesmo. Além de estar se preparando para assumir a cadeira no Senado e, nas folgas que este permitir, "colaborar com o Brizola", Darcy Ribeiro dá os últimos retoques no seu próximo livro, **Testemunho**, uma espécie de autobiografia intelectual. A introdução, como não poderia deixar de ser, é um hino de amor do autor ao autor: "Admito com toda desfaçatez que gosto demais de mim e que me acho admirável". Em seguida, informa: "Falar de mim mesmo é a tarefa que mais me agrada e gratifica". Esse prazer dispensa o interlocutor, como ele admite no livro: "Todo entrevistador de rádio, jornal, televisão sabe que nem é preciso me fazer perguntas. Basta ligar o gravador e me deixar falar que falo incansavelmente — para mim, pelo menos".

Desta vez com perguntas, Darcy falou a Zuenir Ventura e Octávio Costa sobre sua especialidade — tudo: da educação à economia, dos Cieps à miséria, de Brizola a Collor, da América Latina à Zélia Cardoso de Mello. Alguns trechos:

SENADO

Tempo de sobra vai ser para a cultura

Vou para o Senado e fico na cultura. O Senado determina que se pode tirar licença por prazo curto se essa licença for para ser secretário de estado. Muitos senadores têm interesses — por exemplo, fazendas, empresas — e cuidam deles. A minha fazenda é o interesse público. Usarei todo o meu tempo possível para assessorar o governo do estado e está nos planos que, de vez em quando, eu dê uma temporada, temporadas curtas — como o regimento do Senado determina — para o Doutel de Andrade, que é um líder trabalhista, e particularmente para o Abdias do Nascimento, que é um grande líder negro. Ter ou não o título não me impedirá de dar idéias, de dar aquela ajuda que o Brizola quer. Tenho o orgulho de que realmente nada foi feito na história do Brasil como o programa dos Cieps no Rio. Aliás, nada no mundo, exceto Cuba, como educação popular.

BRIZOLA

O maior estadista que esse país tem

Brizola é o maior estadista que esse país tem. É muito difícil os intelectuais perceberem isso. Eles têm um tal pendor udenista! Mas o povo sabe. Ele é o único brasileiro que foi governador eleito em dois estados importantes, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. O único que poderia escolher o estado em que quisesse ser governador e teria maioria absoluta. Se a gente fala com um popular sobre Getúlio Vargas, o nome tem um sentido. Um intelectual de classe média só fala no ditador. Uma pesquisa que fizemos revela coisas curiosas. 60% do povo não sabem a diferença entre esquerda e direita. Capitalismo e socialismo tem um registro pequeno. Mas trabalhismo tem um registro muito grande. A única unanimidade que há no Brasil é Deus. 97% do eleitorado não votam em quem não acredita em Deus. 97% é muito voto pra Deus! É mais do que para Brizola!

PDT

O partido mais moderno do Brasil

É claro que o partido tem gente com personalidades diferentes, alguns dos quais podem ser classificados como **modernosos** ou **arcaicosos**. Mas qual é o partido mais moderno do Brasil? É o partido que pertence à organização mais moderna do mundo. É o PDT, o único membro da Internacional Socialista. É isso que os idiotas não querem entender. Que é o partido equivalente ao de Mitterand, que é o partido do chefe de estado da França, da Itália, da Suécia, da Áustria, da Espanha, de Portugal. A figura que o mundo reconhece como grande líder da América Latina é Leonel Brizola, vice-presidente da Internacional Socialista. O moderno mesmo é o Brizola.

POPULISMO

Acusação dos que têm medo do povo

Os bestas, que têm pendor udenista, são contra tudo o que diz respeito ao povo e usam, para se justificarem, a expressão populismo, que é das mais safadas que há. Porque populista, conceitualmente, seria aquele que demagogicamente faz apelo ao voto do povo e, uma vez no governo, faz a política da classe dominante. Ora, como é que se pode aplicar isso a um homem como Brizola ou como Getúlio Vargas, que, acossado pela Light e outras empresas, arrebentou o coração com uma bala? Pode-se chamar Getúlio de populista? Ele não fez a política agrária, é verdade, mas foi quem mais fez pelo trabalhador. Pode-se compará-lo com JK em termos de empreendimento, mas no plano social não se pode compará-lo com ninguém. Jango é outra figura acusada de populismo. Hoje, graças aos documentos do Lyndon Johnson publicados pelo JORNAL DO BRASIL, sabe-se que ele não caiu por seus defeitos. Foi derrubado porque era uma ameaça para as multinacionais, porque era um reformista. Aliás, o ruim de conspirar com os americanos é que 20 anos depois eles contam tudo. Se há uma figura que não é populista, que causa medo como um reformador, é Leonel Brizola.

O ESTADO

Grande vítima da ditadura militar

O estado brasileiro foi a grande vítima da ditadura militar. Isso é o que a intelectualidade de direita não quer compreender. Nessa época, os bancos e as multinacionais cresceram incrivelmente. Os ricos se enriqueceram e o povo se empobreceu. Quando eu era chefe da Casa Civil, me lembro bem, em 1963, o salário mínimo era de 127 dólares. Tudo o que o Jango queria era dobrar para US$ 250. O salário mínimo hoje é de US$ 70. O povo e o estado se empobreceram. Se da economia brasileira se retirasse as empresas estatais, o que restaria seria tudo capital estrangeiro. Das empresas com mais de US$ 5 milhões, 40% são estrangeiras, 20% são nacionais e 40% são estatais. Se estas estatais passarem a ser estrangeiras também, seremos um país ocupado, uma colônia. É claro que o estado tem uma ineficácia tremenda e precisa superá-la, mas essa ineficácia é devida às gestões da ditadura, que foram privatistas.

PT

A esquerda que a direita gosta

A minha cabeça política foi feita com o suicídio de Getúlio Vargas em 54. Isso fez com que eu fosse um intelectual atípico e estivesse sempre numa posição de esgotar a possibilidade de fazer aqui e agora o que é possível para o povo que está vivo aqui e agora. Diferente da atitude dos que ficam se masturbando querendo uma coisa perfeita, quando o discurso da perfeição serve para aderir à direita. São serviçais da direita. O exemplo melhor é esse PT, que tínhamos tanta esperança que crescesse e depois se juntasse a nós ou nós a eles, podia ser uma coisa ou outra, contanto que nos fundíssemos numa esquerda responsável. E o PT se transformou na esquerda de que a direita gosta. Faz tudo o que a direita quer. Na realidade, é um partido auxiliar da direita, o que é uma lástima, porque o Brasil precisa muito daqueles quadros.

CÉSAR MAIA

Se assume o plano, arcaico será ele

Na medida em que o César Maia assuma que foi quem fez o plano do Collor, o arcaico é ele, porque Collor é um arcaico. Mas eu não posso, oficialmente, fazer nenhuma crítica porque o César Maia toma o cuidado de, ainda que manifestando com tanta freqüência na imprensa idéias diferentes das do partido, vota sempre conosco. O partido não pode nada contra o César Maia por duas razões: 1) ele nunca negou seu voto às teses do partido. 2) o nosso partido tem uma estrutura socialista e nessa estrutura quem expulsa alguém é a base. E o César Maia tem um grande apoio de base, um grande apoio popular. É um capital do qual não vamos abrir mão.

1º MUNDO

Para chegar lá, país precisa comer

O Brasil vai ser colocado, dentro de algum tempo, entre um grande bloco de nações do mundo, mas a condição para isso é que cuide do povo e da criança. Como o Brizola está fazendo, dentro dos limites que o poder estadual permite. A condição para que o Brasil dê certo é, primeiro, pleno emprego. Segundo, não há país no mundo, por pobre que seja, em que o povo não coma todo dia. Estou vindo da Europa e lá não passa pela cabeça de alguém que isso possa acontecer. Aqui, sabe-se que não se pode criar um porco sem comer todo dia, mas gente pode. Como terceira condição, tem que haver a escola pública para integrar o povo na civilização que ele pertence. A nossa escola pública está vocacionada para a minoria de alunos de classe média que nem precisam dela a rigor. Os 20% da meninada de classe média é que progridem, enquanto 80% não progridem. Por exemplo: mais da metade das crianças de São Paulo não completam a terceira série primária, que permite ao menino escrever: 'mamãe, estou com dor de barriga'. O que São Paulo está produzindo na realidade é analfabeto. A função da escola está sendo ensinar a desenhar o nome, para não dizer que é analfabeto. Há um outro dado que é considerado ridículo na Europa: o Brasil é o segundo produtor mundial de alimentos e o povo está com fome. Importa feijão e produz soja, e soja é para engordar porco no Japão. As coisas aqui não estão organizadas para o povo. Há um conceito, do velho historiador inglês Arnold Toinbee, que se aplica ao Brasil: o do **proletariado externo**. Como Roma criou Cartago, não para atender aos requisitos de sua própria vida e progresso, o Brasil foi transformado num **proletariado externo** para atender as necessidades do mercado internacional. Se se construir no Brasil mais dez Carajás, o povo vai continuar com fome. Essa linha economicista, programática, bestoca, não leva a nada. Esse país só vai dar certo quando todo mundo comer todo dia.

MERCADO

A economia sempre foi feita para ele

Se há país onde a legislação foi toda feita para facilitar o mercado é esse. Tudo foi feito para a economia de mercado: o golpe, a Constituição, as leis. Uma das multinacionais que ajudaram a dar o golpe de 64, a Hanna, recebeu como prêmio a Central do Brasil, que custaria US$ 8 bilhões. Querer mais mercado é querer mais irresponsabilidade social. Precisamos de uma economia mais socialmente responsável. Eu conheci a Espanha pobre, a Itália pobre, a Grécia pobre, mas se organizaram para o povo comer todo dia. Aqui, não. Quando voltei do exílio, o que me impressionou foi o que chamei de síndrome de Calcutá. Disse então que o país estava crescendo tanto que no futuro as pessoas, como em Calcutá, iriam nascer nas ruas, viver nas ruas e morrer nas ruas. Não tendo feito a reforma agrária, não tendo aberto a propriedade, a massa de gente que chegaria às cidades seria insuportável. São Paulo é um exemplo: a Avenida Paulista é um conjunto de prédios horríveis, todos feitos no estilo **Geisel-funéreo** — Geisel porque com aquela seriedade do general e funéreo porque de todos de óculos rayban — e ao redor aquela miséria crescente terrível. O problema do Brasil é assumir que ele tem 150 milhões de pessoas e que essas pessoas, como as galinhas, têm que comer todo dia, senão morrem.

MENOR

Só não há mesmo bezerro abandonado

O Estatuto do Menor proíbe a gente de chamar a criança carente de menor abandonado. Mas não toma nenhuma medida concreta. Eu sempre me refiro a isso da seguinte forma: quero que alguém me mostre no Brasil um bezerro abandonado, um cabrito abandonado, um boi abandonado. Não tem. Somos um país que larga o povo à própria sorte. Isso se deve a fatores históricos. O Brasil foi um dos últimos países do mundo a acabar com a escravidão. Nós e Cuba. O fato de ter sido um país escravista faz com que a classe dominante predomine. Os escravos eram trazidos pra cá como carvão pra ser queimado. Vivemos hoje a conseqüência da desigualdade social terrível.

ZÉLIA

Uma mulherzinha que é fantástica

O único toureiro que o Brasil teve para enfrentar as mulas multinacionais na arena é essa mulherzinha. A mulherzinha é fantástica. Antigamente, todos os negociadores da dívida externa eram empregados das multinacionais, dos bancos e falavam servilmente. Ela não é servil. O diabinho inclusive está namorando agora com muita coragem, e ainda ficam perseguindo a mulher porque namora!

ALFABETIZAÇÃO

Um programa para caçar velhinhos

Quando o Collor entrou, eu até falei com o Brizola: 'Olha, ele andou dizendo que ia fazer Cieps. Se ele quiser mesmo, a sério, vamos ajudar. Como ele não sabe, vamos ensinar'. Mas o que o governo fez foi ressuscitar o Mobral. E sai por aí caçando velhinhos para alfabetizá-los. Não sabe que quem acaba com analfabetismo, nesses casos, é a morte. O que é preciso é não produzir mais analfabetos. Como continua produzindo, terá analfabetos ainda por pelo menos 20 anos. Para evitar isso, é fundamental ter escola em tempo integral, como no Japão. O japonês, pra aprender francês, fica na escola 200 dias por ano e o dia inteiro. Aqui a criança fica 120 dias por ano e apenas três horas por dia. É preciso levar a sério o ensino, com o Ciep ou outra forma qualquer. Tem de ser uma escola que não dê exercício pra criança fazer em casa — porque ela não tem casa. Não pode ser uma escola que exija material didático ao preço de um salário mínimo, quando há pobre que vive com menos do que isso. Da mesma maneira, uma escola que exige uniforme deixa o aluno pobre humilhado, porque ele vai maltrapilho ou sem uniforme. É preciso criar uma barreira, pegando todas as crianças de seis ou sete anos no país inteiro. A professora tem de ser estimulada a bem ensinar. É preciso também pegar os meninos de 14 a 18 anos analfabetos e levá-los para escola, onde têm de ser estimulados através de televisão, música, dança, senão eles não voltam mais lá. Com essas duas barreiras, o problema está resolvido. Não se resolve o problema da educação caçando velhinho.

COLLOR

Como negativo fotográfico

A política cultural do governo Collor não existe. Aliás, Collor é como um negativo fotográfico. É tudo ao contrário. Na hora de fazer alguma coisa, ele desfaz. Por exemplo: pega a poupança e arrebanha; pega os funcionários e ameaça demitir 300 mil, coisa que nenhum governante fez. Em lugar de ampliar a possibilidade de emprego, de desenvolver a economia do país, ele ameaça tirar 300 mil e deixa todo mundo intranqüilo. Na cultura então foi completamente negativo, fechou coisa pra burro. Por exemplo: a lei do Patrimônio Histórico é a coisa mais sábia do Brasil. Há 50 anos, Gustavo Capanema, que não foi um bom ministro da Educação mas foi bom na Cultura, reuniu um grupo de intelectuais como Rodrigo Melo Franco de Andrade e Mário de Andrade e fizeram o que houve de mais sério na cultura, uma lei que permitiu salvar Ouro Preto, salvar o Rio, salvar Recife. Nada do nosso patrimônio seria salvo se não fosse essa lei. Pois bem, de repente vem o Collor e corta as verbas para o patrimônio, acaba com a fundação que facilitava a preservação. Quer dizer, é tudo negativo.

CULTURA

É uma estupidez ficar contra ela

No Rio há tarefas muito importantes, da ótica federal, da ótica estadual a serem feitas. O Brasil é o único país do mundo onde um museu de artes foi incendiado. Nem a guerra, nem os bombardeios acabaram com a cultura européia. Aqui um museu se incendeia. A Biblioteca Nacional, que tem livros no acervo valendo mais do que o prédio, corre também esse risco. Depois de 90 anos, é preciso fazer um prédio novo, instalações para os livros raros, uma torre, um subterrâneo, enfim alguma coisa que preserve esse acervo de incrível valor. São tarefas que o Rio tem que levar adiante, mas com entendimentos com o governo federal. A cultura é muito barata, é uma estupidez ficar contra a cultura. O Aleijadinho só existiu porque alguém pagou a ele. As despesas com cultura são um percentual mínimo na receita total do Estado e são um gasto com a dignidade. Cada geração se marca no tempo é com as obras culturais que cria, não é com o dia-a-dia.

PDT acusa fraude e quer recontagem em São Gonçalo

Jorgemar Felix

A constatação da existência de fraude levará o PDT a entrar com recurso no Tribunal Regional Eleitoral (TRE) pedindo recontagem de votos na 69ª Zona Eleitoral, no município de São Gonçalo (região metropolitana). Um fiscal do partido constatou que houve violação de votos beneficiando os deputados eleitos Nélson Bornier (segundo mais votado do PL com 19.007 votos), José Augusto Guimarães (sétimo mais votado do PMDB com 16.617 votos), José Cardoso Távora (PFL, sétimo lugar na Aliança Liberal Trabalhista com 15.402 votos), Ernâni Boldrin (PMDB, 23.121 votos) e Junot Abi-Ramia (PDT, 22.776 votos). Caso o pedido seja deferido pelo Tribunal, a nova computação pode revelar um novo quociente eleitoral e indicar outros eleitos.

— Esses candidatos foram eleitos no mapa. É uma fraude gritante — afirma o advogado do PDT, Narciso Rabello.

O presidente do TRE, desembargador Jorge Loretti, recomendou ao interessado "usar dos processos legais a respeito do assunto". E acrescentou:

— O TRE vai dar vista a todos os partidos e candidatos para que façam suas reclamações dentro do prazo estabelecido na legislação.

De acordo com os boletins adulterados, segundo o PDT, perderam votos os candidatos não eleitos Sérgio Quintela (PL), José Colagrossi Filho (PMDB), Zezé Barbosa (PMDB), Dilson Malheiros (PRP) e os deputados eleitos José Carlos Coutinho e Lúcia Souto (PCB).

Segundo Narciso, a fraude foi organizada por um grupo de pessoas envolvidas com a fiscalização da contagem dos votos. Os criminosos tinham vias em branco de boletins do TRE e os adulteravam — acrescentando ou diminuindo votos — na tramitação até o Serpro, onde os números da contagem manual passam para o computador.

— Havia duas vias amarelas e as vias verdadeiras eram destruídas — denuncia Narciso. O boletim do TRE é emitido em cinco vias de várias cores. A branca vai para a totalização do Serpro, a amarela para o comitê interpartidário, a azul é divulgada na zona de apuração e a verde é arquivada em cartório.

As vias amarela e branca vão juntas para o TRE antes de chegarem ao Serpro. No comitê interpartidário, são tiradas cópias da via amarela e distribuídas aos partidos. O presidente do comitê, escolhido entre os partidos, fica com a via amarela original. Como o PDT presidia os comitês de São Gonçalo e do TRE, tem os originais e foi possível confrontar as duas vias, quando a contagem dos votos não batia. Assim, percebe-se a coincidência da grafia do criminoso.

— A letra *p* é bem redonda e com características diferentes — observa Tânia Madeira, fiscal que descobriu a fraude. — Podem ter feito a mudança no caminho para o TRE, extraviando o boletim correto.

O boletim apócrifo é mal preenchido e as assinaturas dos mesários foi grosseiramente falsificada. O candidato José Cardoso Távora, de acordo com os boletins divulgados pelo PDT, é um dos maiores beneficiados. Em alguns mapas verdadeiros, ele sequer aparece. Já no falsificado, Távora *ganhou* 49 votos. O deputado federal eleito Nélson Bornier *faturou* 43 votos em outro boletim. Por outro lado, o não eleito Dilson Malheiros perdeu 80 votos com a falsificação de apenas um mapa. O deputado José Carlos Coutinho, o mais votado em São Gonçalo e virtual candidato a prefeito em 1992, poderia ter conseguido ampliar ainda mais seu eleitorado, não fosse a fraude. A cada boletim ele minguava 10 votos. Enquanto Ernâni Boldrin aumentava seu *eleitorado*.

Muitos votos em branco receberam nomes de candidatos depois de abertas as urnas: do boletim verdadeiro para o falso a eleição perdia cerca de 50 votos em branco.

O departamento jurídico do PDT está averiguando casos idênticos de fraude na 12ª Zona Eleitoral, que abrange Madureira e Cascadura (subúrbios do Rio). Segundo Tânia, a grafia dos boletins modificados é idêntica à do criminoso da 69ª Zona, de São Gonçalo, o que leva a crer que o mesmo grupo pode ter agido em vários locais do estado.

BALANÇO MENSAL

Governo acerta na renegociação da dívida

Octávio Costa

A proposta de negociação da dívida externa apresentada pelo governo brasileiro aos bancos credores privados é perfeita, importante e flexível. E se enquadra dentro de um programa consistente de restauração do equilíbrio financeiro do setor público, como condição essencial para a retomada do crescimento econômico. Pela primeira vez, a capacidade de pagamento do país está atrelada à solidez das finanças do governo, e não mais à capacidade de o Brasil gerar superávits. É uma novidade em termos de negociação de dívida e, por isso, enfrentará resistência dos credores. Essa foi a avaliação predominante durante os debates do *Balanço Mensal* do **JORNAL DO BRASIL**, que reuniu os economistas Paul Singer, da USP, César Maia, deputado federal reeleito pelo PDT, Edmar Bacha, Rogério Werneck e Dionísio Carneiro, da PUC-Rio, e o cientista político Sérgio Abranches, da Sócio Dinâmica Aplicada.

Edmar Bacha vai além ao considerar que "a proposta embute um convite aos bancos para apostarem no crescimento econômico do Brasil". Para Bacha, ela deve ser entendida como uma proposta de parceria, na medida em que os credores que acreditarem nas possibilidades de crescimento do país só terão a ganhar. "O Brasil é viável, mas, a curto e médio prazo, não tem condições de repetir os pagamentos que fez durante a última década." Ele considera que os pagamentos feitos nos anos 80 "custaram a inflação e o atraso tecnológico". Rogério Werneck concorda: "Não adianta o país gerar divisas, se o principal devedor — o Estado — não tem condições para comprar essas divisas".

O grande problema, segundo Dionísio Carneiro, será convencer os credores a aceitarem os novos tipos de títulos da dívida com prazos mais longos. "Esse é um passo avançado demais." Mas Dionísio está otimista: "Mesmo a reação aparentemente violenta dos bancos não me pareceu apontar para a ruptura, mas sim em direção a uma negociação mais prolongada". Sérgio Abranches prevê que haverá um jogo de pressões cruzadas com o objetivo de moderar as exigências dos bancos e, de outro lado, reduzir as expectativas do governo brasileiro. "A pressão vai subir um pouco", afirma Abranches. Diante disso, o deputado César Maia está sugerindo que o governo obtenha o respaldo prévio do Congresso Nacional à proposta encaminhada aos credores. "A proposta é tão importante que precisa ter uma sustentação política suficientemente ampla para que o próprio governo não recue de suas posições."

Paul Singer foi a única voz destoante. Ele acredita que o Brasil não ganhará nada ao pagar a dívida. E ironiza: "Sou a favor da proposta na medida em que acredito que ela não será aceita". Singer voltou a defender a união dos países devedores, mas não foi apoiado pelos demais participantes. Bacha, por exemplo, diz que a situação dos devedores não é passível de comparação. Essa não foi a única discordância entre ele e Singer. Ao final do encontro, Singer destacou que está torcendo para "a política antiinflacionária não dar certo". E justificou-se: "Mais importante do que o combate à inflação é que as pessoas comam e trabalhem, é o bem-estar social". Bacha retrucou enfaticamente, encerrando o debate: "Não sei como você pode defender uma posição dessa, sem considerar a desgraça que a inflação traz ao país em termos sociais. Isso é um absurdo e me deixa indignado".

■ Edmar Bacha

Ênfase na tese da capacidade de pagamento do país é mudança histórica

A proposta do Brasil aos bancos credores privados é perfeita. Está centrada na principal restrição econômica que o país enfrenta, exatamente a capacidade de pagamento do país. Essa mudança conceitual é muito importante. Durante muito tempo, considerava-se apenas a capacidade de o Brasil gerar superávits comerciais, o que conseguíamos por meio de subsídios às exportações e da contenção extraordinária das importações. Os subsídios às exportações prejudicaram o equilíbrio das contas do governo. E a supercontenção das importações prejudicou a modernização do nosso parque industrial, dando asas, também, a programas mirabolantes como o Proálcool e o programa nacional de informática.

Se pensarmos o quanto a economia brasileira foi prejudicada pela fixação na geração de megassuperávits para honrar a dívida externa, vemos que a mudança é histórica. A questão fundamental do país, na negociação com os credores, passou a ser a insuficiência de recursos do governo federal, o que diz respeito à capacidade tributária do governo. Então, de forma muito clara, temos, de um lado, os contribuintes que pagam impostos, e, do outro lado, os bancos credores que querem receber parte desses tributos na forma de juros.

Um segundo ponto é que, ao limitar as transferências financeiras, as projeções do governo mostram que, assim, o país terá condições de voltar a crescer a médio prazo. Voltando a crescer, o país aumentará sua capacidade de pagamento. A proposta demonstra a importância de reduzir os pagamentos de curto prazo a muito pouco: zero este ano, e no máximo US$ 2 bilhões em 1991. Em segundo lugar, indica que, caso a economia se reequilibre nos próximos 3 ou 4 anos, o Brasil terá condições de honrar integralmente a sua dívida externa a médio prazo.

Nesse sentido, a proposta embute um convite aos bancos para apostarem no crescimento econômico do Brasil. E está enquadrada dentro de um programa sério de restauração do equilíbrio financeiro do setor público, como condição para retomar o crescimento do país. Nossa proposta deve ser entendida como uma proposta de parceria. O Brasil é viável, mas, a curto e médio prazo, não tem condições de fazer os pagamentos que fez durante a última década. Esses pagamentos nos custaram a inflação e o atraso tecnológico.

Quanto à viabilidade da proposta, lembro-me do que me disse há alguns anos, em Nova Iorque, o economista do Federal Reserve Bank, Bob Schaffer: "Sabe de uma coisa, Bacha, que acho comovente na atitude do Brasil e do México? É como vocês se preocupam com os nossos bancos." Ou seja, para o próprio Schaffer, a questão da saúde financeira dos bancos credores não é nosso problema. Isso é assunto deles.

■ Paul Singer

Países devedores deveriam se unir e coordenar suas posições para obter vantagens

O Brasil está numa posição relativamente boa. Não estamos pagando a dívida e está na cara que os credores não têm nada que nos obrigue a pagar. Mudou o governo e continuamos não pagando. A pergunta que faço é a seguinte: o que o país ganhará ao sair dessa situação e começar a pagar? Não sou contra a proposta apresentada aos credores. Sou a favor da proposta na medida em que acredito que, evidentemente, ela não será aceita. Portanto, ela não é para valer.

Durante vários anos, pagamos aos credores. Entre 1983 e 1985, quando o Funaro assumiu, pagamos o serviço da dívida religiosamente. E o que obtivemos em troca? Nada. Com o Bresser, voltamos a pagar. E, novamente, não houve qualquer vantagem nisso. Existe, sim, uma vantagem política de cunho retórico. Diz-se que o pagamento está condicionado aos interesses nacionais. Tenta-se jogar na discussão o fato de que mais importante do que cumprir esses compromissos é assegurar o desenvolvimento do país, o combate à inflação e o equilíbrio fiscal do governo. Isso é correto dentro da lógica do governo.

Mas sinto falta — e essa me parece a estratégia mais correta — da tentativa de coordenar as nossas posições com a dos outros grandes devedores. Por que o Brasil está negociando separadamente da Argentina e do México? E vice-versa. Os credores se uniram desde o primeiro momento. Sei que a união dos devedores é difícil, pois nossos governos acreditam que, negociando sozinhos, conseguirão obter mais vantagens. Enquanto isso, todas as iniciativas nas negociações estão nas mãos dos países desenvolvidos, que exigem maior liberalização do comércio, menos protecionismo e menos subsídios às exportações agrícolas. A agenda é basicamente entre Estados Unidos, Japão e Comunidade Econômica Européia. Deveríamos fazer um esforço comum para nos colocarmos na agenda do comércio e das relações financeiras internacionais. Afinal, nós somos a parte em crise que está sendo escanteada do sistema.

Não estou pensando meramente em termos de cancelar, riscar, diminuir os débitos. Isso não faz muito sentido. Se por um milagre cancelássemos 80% das nossas dívidas, nós as refaríamos em poucos anos. Existe do lado dos governos brasileiros, do governo federal até os governos municipais, a absoluta prontidão de aceitar empréstimos, até porque são de longo prazo e não serão pagos por eles. É preciso mudar. Temos que criar um sistema financeiro internacional que tenha pesos e contrapesos, no qual os governos se endividem, mas possam gerar os recursos para pagar o que tomarem emprestado. Em última análise, penso na perspectiva de uma economia mundial cada vez mais integrada. Mas nunca integrada por capitais privados. Isso é uma loucura.

■ César Maia

Apoio do Senado fortalecerá a estratégia do país diante dos credores

O serviço da dívida é uma variável dependente de variáveis independentes, que são o crescimento e a estabilidade. Temos de lidar com essa equação. Qual é a relação entre o pagamento da dívida e as contas do governo? Nas condições brasileiras, para se pagar a dívida é necessário realizar, em contrapartida, um saldo comercial abundante. Esse saldo comercial produz impacto monetário. Uma expansão da quantidade de dinheiro que é recolhida ou com superávit fiscal nas contas do governo ou com o crescimento da dívida pública interna. Nos últimos 12 anos, a dívida interna pública crescente foi o método utilizado pelo governo para absorver a expansão monetária. O atual governo está enfrentando esta questão. E a enfrenta muito bem.

Enfrenta tão bem que, ontem, com toda a solenidade de praxe, entreguei uma carta ao presidente do Congresso Nacional, senador Nélson Carneiro, propondo que o Senado se mobilize e dê autorização prévia ao governo brasileiro para negociar a dívida dentro dos limites fixados na proposta. Essa autorização se baseia no Inciso V do Artigo 52 da Constituição, que dá competência privativa ao Senado para "autorizar operações externas de natureza financeira, de interesse da União, dos estados, do Distrito Federal, dos territórios e dos municípios". O dispositivo não diz se a autorização é posterior ou anterior.

Por que isso é importante? De um lado, fortalece o governo brasileiro contra recuos que venham a ser exigidos pelos bancos credores. Para recuar, o governo teria de submeter a decisão ao Senado. Em segundo lugar, estabelece uma participação do poder político na negociação da dívida externa. Nos Estados Unidos, freqüentemente, em relação a vários temas, o presidente se escuda exatamente na decisões já tomadas pelo Congresso. O senador Nélson Carneiro ficou entusiasmado com esta sugestão e vai encaminhá-la à comissão do Senado que trata da dívida externa. Se a comissão aprovar, será submetida ao plenário uma resolução que irá incorporar a proposta apresentada pelo Brasil. E qualquer alteração na proposta original dependerá de consulta ao Congresso.

A proposta brasileira é tão importante que precisa ter uma sustentação política suficientemente ampla para que o próprio governo não recue de suas posições. Afinal, há muitas pressões, como os problemas de crédito de curtíssimo prazo e a situação dos bancos. Diante disso, o dinamismo político do governo pode acabar desqualificando essa proposta técnica de negociação, que é muito boa para o Brasil. Conseguimos inverter as relações de negociação e passamos a adotar uma postura a partir da posição unilateral do governo brasileiro.

■ Rogério Werneck

Premissa da negociação em seqüência foi por água abaixo

Os primeiros seis meses do governo Collor foram mais introspectivos, mais dedicados a colocar a casa em ordem. Só muito recentemente o governo decidiu-se dar alguma prioridade à questão da renegociação externa. Começou em julho, pela aproximação com o Fundo Monetário Internacional. Embora naquela época não houvesse uma estratégia predefinida de negociação, existiam pelo menos três premissas. Em primeiro lugar, o Brasil estava entrando numa negociação definitiva da dívida, e não numa negociação para sobreviver até 1991. O segundo ponto importante foi o dimensionamento da capacidade de o país pagar os juros externos a partir da situação financeira do principal devedor, que é o setor público, e não de nossa capacidade de gerar divisas.

Não adianta o país gerar divisas, se o principal devedor — o Estado, que é responsável por 80% da dívida — não tem condições de comprar essas divisas. Quando tenta comprá-las, acaba fazendo-o de forma atabalhoadoada, desestabilizando a economia como um todo. A terceira premissa veio no enfoque seqüencial da negociação. Assim, primeiro seria feita a negociação com o FMI, depois com os credores oficiais, por intermédio do Clube de Paris, e, finalmente, com os bancos credores privados. Dessa forma, negociações posteriores não interfeririam nas anteriores.

Acho, porém, que essa terceira premissa foi por água abaixo. A carta de intenções entregue pelo Brasil ao FMI parecia aprovada previamente pela burocracia do Fundo. Mas desde a reunião do FMI e do Banco Mundial em Washington, em setembro, ficou claro que não havia respaldo ao Brasil por parte dos países industrializados, que dominam os votos do FMI. Houve, de certa forma, um entrechoque na reunião de Washington, mas ficou claro que o Brasil teve que recuar. E marcou meio às pressas a reunião com os credores privados, diante das reações à sua iniciativa de negociar em separado.

Estamos diante de um impasse. O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, declara que não tem condições de encaminhar a carta de intenções brasileira ao *board* do Fundo antes de ter uma idéia precisa sobre o andamento das negociações do Brasil com os credores privados. O Clube de Paris declara que não pode iniciar as negociações antes que o Brasil feche um acordo com o FMI. Cai, então, a idéia do enfoque seqüencial. Vamos negociar nas três frentes simultaneamente. Isso introduz uma complexidade muito maior no processo de negociação. Os bancos vão tentar de todas as formas atrasar a negociação do Brasil com o FMI. Por isso, a primeira reação deles à proposta brasileira foi afirmar que "a negociação ainda não começou". Os bancos vão lutar como leões para evitar perdas muito grandes.

■ Sérgio Abranches

Banqueiros vão achar que é melhor um bom acordo do que um longo litígio

O contexto internacional é razoavelmente refratário à possibilidade de um encaminhamento rápido da negociação da dívida externa brasileira. A economia dos Estados Unidos, por exemplo, mostra uma tendência claramente recessiva. O setor bancário americano vai passar por um amplo processo de reforma para sair da crise. Essa reforma será provocada pela entrada em vigor, no começo de 1991, de novos limites de reservas de capital para fazer face a créditos de má qualidade. A situação dos bancos japoneses também é delicada, mas eles serão socorridos pelas grandes empresas do Japão. A Alemanha se fechará nos próximos 3 ou 4 anos, mais preocupada em nivelar as condições de vida com o lado oriental. Haverá, sem dúvida, escassez de capital.

Do ponto de vista político, a situação brasileira não é tão negativa. É verdade que a missão brasileira chegou a Washington com uma expectativa, mas foi docemente constrangida pelo Grupo dos 7 e por pressões dos bancos junto à Secretaria do Tesouro dos EUA a abandonar a idéia de fechar um acordo prévio com o FMI antes de fazer o acordo com os bancos. Em compensação, Michel Candessus tem se mostrado muito mais tolerante em relação ao Brasil do que historicamente o FMI vinha sendo. Candessus tem dado demonstrações públicas e privadas de que quer fechar o acordo com o Brasil o mais breve possível. Ele concorda que a situação brasileira deve ser repensada, deve ser vista pelo lado fiscal e monetário, e não apenas pelo lado das divisas. Mesmo os presidentes Bush e Miterrand têm dado demonstrações favoráveis ao Brasil.

Então, existe um jogo de pressões cruzadas no sentido de moderar um pouco as exigências dos bancos e, por outro lado, disciplinar razoavelmente o governo brasileiro nas suas expectativas. Há um certo temor de que o Brasil vá com sede demais ao pote internacional. "Vamos segurar um pouco. É um governo muito jovem para ficar sem pressão nenhuma, sem obstáculo nenhum", pensam os credores. Mas acho que, politicamente, o quadro da negociação é favorável. Mesmo no caso dos bancos, sua fragilidade ajuda. Eles se enquadram ao exemplo dos advogados: mais vale um bom acordo do que um litígio demorado.

Qual é o obstáculo? Pelo que observei em conversas com gente do setor bancário americano, o grande problema é que eles não concordam com a tese brasileira de negociar em cima dos juros atrasados e da dívida, a um só tempo. Há uma pressão forte no sentido de separar as duas coisas e de que o Brasil faça rapidamente um pagamento inicial dos juros atrasados. Essa é a principal exigência deles para fechar um acordo. E o Brasil terá de pagar alguma coisa a mais do que prometeu num primeiro momento.

■ Dionísio Carneiro

Brasil pode ser favorecido pela divisão de interesses entre EUA e Europa

A proposta brasileira tem a vantagem de ser flexível o suficiente para servir de base à negociação. Isso não quer dizer que ela não possa ser totalmente modificada. Todos têm insistido em que qualquer negociação de dívida externa, hoje em dia, deve atentar para a diferenciação dos interesses. Os banqueiros não estão todos no mesmo barco. Na medida em haja um determinado grau de opções, isso pode ajudar. Esse é o mérito da proposta brasileira. Outro foi o fato de chamar a atenção para a restrição fiscal à capacidade de pagamento do Brasil. Não adianta ficar fingindo, prometer pagar mais 2 ou 3 anos, pois é assim que se compromete o orçamento da União.

O grande problema será, obviamente, convencer os bancos credores a aceitarem os títulos da dívida de três categorias e prazos distintos. Esse é um passo avançado demais. Provavelmente, os prazos dos títulos são muito longos e serão negociados. Mas, para um primeiro passo, a grande vantagem é que a base de pagamento foi definida de uma forma muito honesta. Na verdade, não sabemos se os banqueiros desejam esta honestidade sobre a capacidade de pagamento do Brasil. Ela põe a nu a realidade que vem sendo disfarçada nos últimos quatro anos, pelas mais diversas razões.

Uma vantagem para o Brasil é que os países reguladores do sistema bancário internacional agiram de forma muito diferente. Nos Estados Unidos, os bancos americanos têm menos provisões que os bancos europeus, pois os bancos centrais da Europa já estavam exigindo maiores provisões. Logo, para os bancos mais capitalizados, a troca da dívida por títulos — a securitização — pode ser muito vantajosa, mesmo a prazos longos. Acho que não haverá uma negociação rápida nem simples. E, talvez, implicará modificações da estrutura de negociação dos credores. Pode ser que o comitê que representa os bancos acabe se dividindo ao longo das discussões.

É diferente a posição dos bancos que têm negócios de longo prazo com o Brasil, se comparada aos que não têm esses interesses e simplesmente desejam se ver livres do problema. A diferenciação dos interesses é um dado fundamental. Hoje, constata-se resistência até mesmo burocrática dos bancos a manterem esses comitês de negociação da dívida, pois os funcionários que os compõem são regiamente pagos. Diante disso, sou otimista. Mesmo a reação aparentemente violenta dos bancos não me pareceu apontar no sentido de ruptura, mas sim em direção a uma negociação mais prolongada. Porém, o governo brasileiro está preparado para ela e ninguém, em nosso país, pensou que esta proposta fosse bater um recorde de rapidez nas negociações.

Goldemberg muda Cnen para melhorar imagem do Brasil

Ricardo Miranda Filho *

BRASÍLIA — Para desfazer a imagem de desconfiança que pesa sobre o Brasil no exterior, apontado como um país que importa tecnologia sofisticada para desviar para finalidades escusas, o secretário de Ciência e Tecnologia, José Goldemberg, pretende dividir a Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen) em duas entidades distintas. "Uma entidade que promove o uso da energia nuclear não pode ao mesmo tempo fiscalizar o uso de substâncias radioativas", justifica Goldemberg. A proposta, na verdade, indica a preocupação do governo brasileiro em atestar ao mundo a confiabilidade do país como parceiro comercial.

A proposta de Goldemberg, levada ao presidente Fernando Collor, resultaria na criação da Comissão Nuclear Regulatória (CNR), batizada pelo próprio secretário, que cuidaria do licenciamento de todas as atividades nucleares no país. "Se alguém quiser construir um reator ou uma fábrica para enriquecer urânio, deverá passar pela comissão regulatória", explica Goldemberg, antecipando uma das salvaguardas preparadas pelo governo brasileiro para inibir o vazamento de tecnologia bélica e garantir um maior controle do uso da energia nuclear. Ao contrário do Cnen, vinculado à Secretaria de Assuntos Estratégicos, o controle direto da nova entidade será da secretaria de Goldemberg. "É essencial que existam duas instituições desvinculadas", acredita.

A proposta, no entanto, já tem um adversário — o próprio presidente do Cnen, José Luis de Santana Carvalho. Ele acha que dividir a entidade não vai resultar em melhora da fiscalização. "Isso é uma grande bobagem", resume um assessor de José Luís. "Estamos preocupados com a maneira caricatural como falam do Brasil no exterior", insiste Goldemberg, que comemorou na última quinta-feira a decisão do Congresso norte-americano de excluir o Brasil da resolução anteriormente aprovada pelo Senado proibindo a venda de supercomputadores e tecnologias a países que ajudaram o Iraque a montar seu parque bélico. Mas o texto aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos proíbe, por exemplo, o repasse de supercomputadores para países que tenham cidadãos ajudando o Iraque a fabricar armas, uma referência direta ao brigadeiro Hugo Piva, oficial da reserva da Aeronáutica que trabalha para os iraquianos no desenvolvimento de mísseis.

"O governo está preparando um projeto de lei para impedir uma reprise disso", assegura o secretário. Para evitar que ex-funcionários públicos brasileiros possam revelar conhecimentos reservados durante serviços no exterior, o projeto pretende aperfeiçoar o Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos. O atual regulamento, que não delimita sanções aos infratores, não poderia ser aplicado à firma de assessoria tecnológica criada pelo brigadeiro Piva, formada por antigos técnicos do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, pois ninguém da empresa assinou qualquer documento se comprometendo a não revelar conhecimentos sigilosos.

A preocupação do governo com sua imagem no exterior pode ser aferida pela imediata reação do Itamarati a um editorial do *The New York Times* de quinta-feira (mesmo dia em que o parlamento americano decidia sobre a exportação de supercomputadores), que aconselhava o governo americano a suspender a venda de supercomputadores para o Brasil como forma de acalmar o ânimo dos militares brasileiros, segundo o jornal os maiores interessados no negócio. "Os grandes responsáveis pela questão armamentista são os países desenvolvidos", rebateu o ministro José Vicente Pimentel, porta-voz do Itamarati.

* Colaborou Tânia Monteiro

Violência fez 268 mil mortes no Rio em meio século

Bruno Thys

O número de mortes por violência no Rio cresceu, nos últimos 50 anos, quase duas vezes mais que a população, alternando ciclos de elevação e queda — houve aumento significativo, por exemplo, entre 1961 e 1973. Nesse meio século, a violência na cidade causou 268.441 mortes, das quais 90.874 nos últimos 10 anos, o que equivale à atual população de Betim (MG) ou ao dobro do número de soldados norte-americanos mortos em uma década de guerra no Vietnam.

São algumas descobertas da pesquisa realizada pelo perito criminal José Vilhena, professor do departamento de geografia da Universidade Federal Fluminense, com base nos arquivos do Instituto Médico-Legal. Ele consultou todos os registros de necropsias de 1941 até o mês passado, totalizando dados de 18.153 dias ou 569 meses. O resultado é um perfil histórico da violência, a segunda causa de mortalidade no Rio, responsável por 13,4% do total de óbitos, superada apenas pelas doenças do coração.

A idéia da pesquisa surgiu há cerca de um ano, quando Vilhena resolveu conferir uma projeção que fizera há 10 anos. "Naquela época, a média era de 8 mil necropsias por ano. Fiz uma projeção para 1990, calculando algo em torno de 9.500, mas me espantei quando soube que no ano passado houve 11.620 necropsias", conta. Após se certificar de que jamais fora feito levantamento semelhante no Rio de Janeiro ou em qualquer outra capital de estado, Vilhena mergulhou nos arquivos do IML.

Padrões sazonais — Foram nove meses de trabalho, sem apoio institucional, contando apenas com a colaboração voluntária da estudante de medicina Márcia Braga, técnica do IML, e de Vânia Alcântara e Altair de Carvalho Guimarães, alunos de geografia da UFF. Após a coleta dos dados e aplicação de metologia empregada em estudos econômicos, José Vilhena produziu uma seqüência de gráficos que revelam as tendências sazonais e a evolução da violência no Rio.

A comparação entre os aumentos do número de necropsias e da população mostrou, por exemplo, que o total de mortes por violência saltou de 15.780, em 1941, para 90.874 (578%), enquanto o número de habitantes, no mesmo período, subiu de 1.764.141 para 6.016.700 (341%). Só em janeiro último foram feitas 1.032 necropsias, praticamente o total do ano de 1943 (1.185).

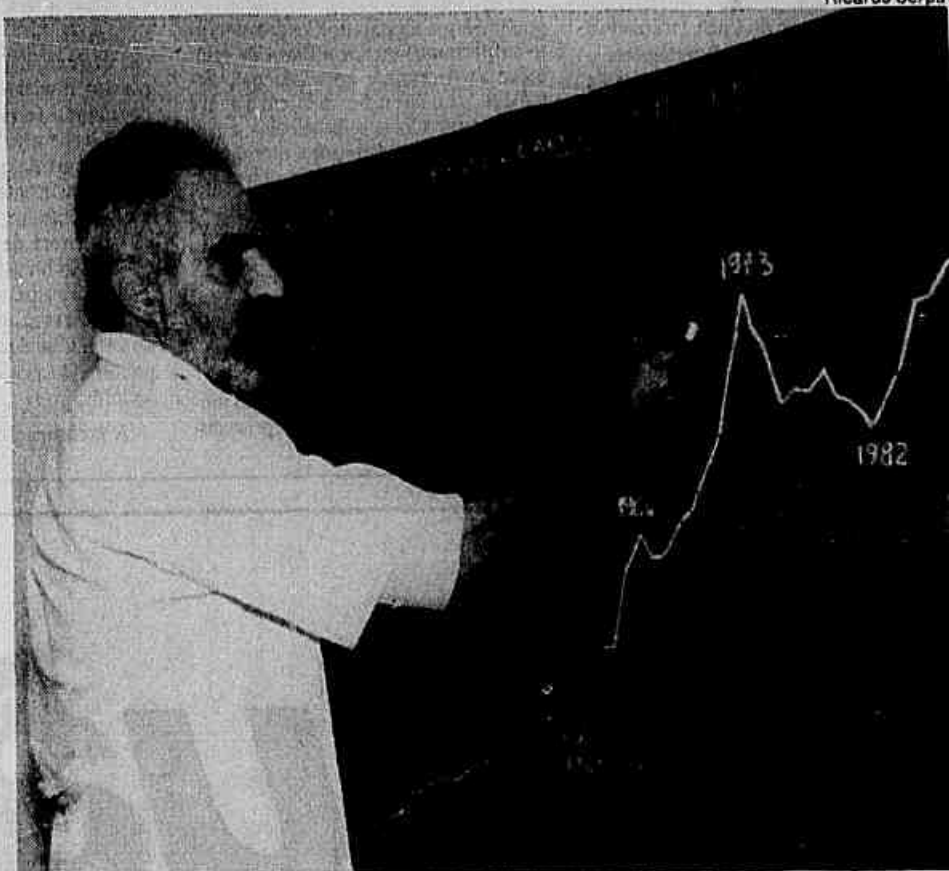
A relação entre o total de mortes por causas violentas e o número de habitantes oferece uma perspectiva do aumento da violência na cidade nos últimos 50 anos. Em 1941 foram 73,4 mortes por 100 mil habitantes e em 1950, 85,4 por 100 mil. De 1960 a 1970, o índice quase dobrou, passando de 87,2 mortes por 100 mil habitantes para 153,2. Em 1980 chegou a 159,8 e no ano passado já era de 195 mortes por 100 mil habitantes.

O detalhamento da série histórica apontou a existência de um padrão sazonal da violência, que se mantém constante ao longo dos últimos 50 anos. A mortalidade é sempre maior no verão, sobretudo em dezembro e janeiro, caindo progressivamente até atingir o nível mínimo nos meses de junho e julho, para voltar a crescer a partir de agosto.

Ciclos e causas — A pesquisa mostra a existência de ciclos de violência. Registra um patamar alto em 1941, uma queda até atingir o mínimo em 1961, e um novo ciclo ascendente até 1973. Novo declínio se estende desse ano até 1981, quando recomeça uma outra fase de crescimento.

Vilhena não se preocupou com a discriminação de causas da violência nem com a análise do fenômeno, tarefa que deixa a cargo de criminalistas, sociólogos e outros estudiosos. "O que se pretendeu foi traçar um perfil do comportamento da violência nos últimos 50 anos, período em que houve aumentos e diminuições do número de necropsias, o que reflete alterações no meio externo, na sociedade", disse o professor.

Ele pretende agora confrontar a pesquisa com outros levantamentos, se é que existem, para estabelecer a relação entre o aumento do número de necropsias e o da criminalidade no Rio de Janeiro. Observa que os dados do IML referem-se a mortes por atropelamento, envenenamento, afogamento, acidentes diversos e homicídios, classificados pela Organização Mundial de Saúde como causas externas de mortalidade.

Ricardo Serpa

José Vilhena identificou picos de violência em 1973 e em 1989

Mortalidade por causas externas IML/RJ

Décadas	Número de necropsias	População (IBGE)
1941-1950	15.780	2.377.451
1951-1960	26.650	3.307.163
1961-1970	52.029	4.315.746
1971-1980	83.108	5.183.992
1981-1989	90.874 *	6.016.007

* Até 23/9/90

Fonte: IML/RJ (1990)

Fonte: IML/RJ (1990)

IML é inaugurado antes da hora

Inaugurado oficialmente na terça-feira, o Instituto Médico-Legal de Campo Grande (Zona Oeste) ainda vai demorar, no mínimo, 45 dias para entrar em atividade. No prédio ainda inacabado, a polícia apressou a inauguração — adiada por uma vez —, para mostrar ao governador Moreira Franco e ao secretário de Polícia Civil, Heraldo Gomes, sua capacidade. Foram colocados uma geladeira, com capacidade para seis cadáveres, e um aparelho de raios-x, ainda desligados, porque nem sequer se fez a instalação elétrica nem se colocaram quatro mesas e nove cadeiras, parte delas empilhada em uma sala.

Localizado na Rua Irajuba, bairro de Santa Rita, distante aproximadamente três quilômetros do centro de Campo Grande, e no terreno da Delegacia de Repressão a Entorpecentes-Oeste, o novo IML terá 11 salas de 35 metros quadrados, sendo seis para a parte operacional e cinco para a administração. Embora ainda não esteja em atividade, já tem quatro legistas. Dezoito operários trabalham na pintura interna e externa do prédio, no acabamento do pequeno jardim em frente à sala de espera e nas instalações dos seis banheiros. Também não foi instalada ainda a rede hidráulica.

O posto avançado do IML deverá contar com outra geladeira, também com capacidade para seis corpos, mas funcionários da polícia afirmam que as duas não serão suficientes para atender aos pedidos de remoção e necropsia das quatro delegacias da região — 33ª (Realengo), 34ª (Bangu), 35ª (Campo Grande) e 36ª (Santa Cruz) — além dos hospitais Padre Olivério Kremer (Realengo), Rocha Faria (Campo Grande) e Pedro II (Santa Cruz).

Para os funcionários, as salas de necropsia e de banho de formol são estreitas e não têm capacidade de receber mais de quatro corpos por vez. A Zona Oeste, depois da Baixada Fluminense, é a região com maior recolhimento de cadáveres. Prevêem os funcionários que, nos dias de maior movimento, principalmente nos finais de semana, a falta de espaço e as poucas geladeiras vão fazer com que corpos sejam removidos para o IML, no Centro, ou amontoados no chão.

As salas para atendimento ao público e entrega de atestados de óbitos são pequenas e desconfortáveis. Os funcionários disseram que, se o serviço de ventilação não for perfeito, o IML de Campo Grande poderá ser comparado ao prédio do IML de Nova Iguaçu (Baixada Fluminense), onde as pessoas que aguardam liberação de corpos são obrigadas a suportar o cheiro de formol. O acesso ao posto também é difícil: só há três linhas de ônibus que servem ao bairro e elas não circulam de madrugada.

Muitos inconvenientes apontados

Delegados da Zona Oeste consideram precipitada a inauguração do Instituto Médico-Legal de Campo Grande, com as obras ainda em execução e que deverão estar concluídas, segundo previsões, no prazo mínimo de 45 dias. Ao custo de Cr$ 22 milhões, os trabalhos foram coordenados pelo médico-legista José Bernardino Corrêa Júnior, nomeado diretor e depois exonerado pelo governador Moreira Franco, devido às denúncias de que ele teria colaborado com órgãos de repressão, durante os governos militares.

Os delegados não tiveram acesso ao projeto de construção e só conheceram as dependências do IML na véspera da inauguração. Eles estranham que o governador tenha sido chamado para inaugurar uma obra que, além de inacabada, não terá condição de funcionamento. Em dias de temporal, as águas poderão invadir as salas, porque o prédio está construído num declive, em local sem escoamento. Outro detalhe é que apenas um estreito corredor separa a sala de autópsia da carceragem da Delegacia de Repressão a Entorpecente-Oeste. Para os delegados, o cheiro forte de corpos em putrefação atingirá os xadrezes e provocará reação dos presos, até com violência.

Uma das primeiras observações feitas pelos delegados é que as portas, medindo cerca de 60cm, são por demais estreitas para a passagem de macas com cadáveres. A geladeira, como a cadeira ginecológica e o aparelho de raios-X, é obsoleta. Há tempos, eles estavam desativados. Não há sala para reconhecimento de cadáveres, fato que obrigará o funcionário a retirar corpos da geladeira e levar para o corredor, a fim de mostrá-los a quem procure parente ou amigo.

Os delegados reconhecem que já deveria ter sido construído um Instituto Médico-Legal na Zona Oeste, para facilitar a quem necessita de seus trabalhos e se vê obrigado a deslocar-se para o Centro, para reclamar corpos, providenciar sepultamento e até para fazer exames de corpo de delito. O IML, segundo ainda os delegados, facilitará o trabalho da polícia. Eles citaram como exemplo que, para um flagrante de embriaguez, um carro com três detetives sai de uma das delegacias da Zona Oeste até o IML, para o preso ser examinado por um legista.

Juiz apela a Collor contra fraude no INPS

O juiz Fernando Licínio Pereira de Souza, da 3ª Vara de Acidentes do Trabalho, enviou carta ao presidente da República pedindo que determine ampla investigação sobre uma grande e bem organizada rede de falsários e estelionatários que vem agindo há mais de 10 anos e já causou ao INPS um rombo de Cr$ 300 bilhões só no Rio de Janeiro. Da quadrilha denunciada por uma Comissão de Correição da Corregedoria de Justiça fazem parte dezenas de advogados e 37 peritos.

Na carta, o juiz alerta o presidente para as fraudes da quadrilha contra uma Previdência Social combalida, numa afronta intolerável aos poderes constituídos da República. Informa que já foram falsificado mais de 20 mil ações para recebimento de benefícios. Cópias da carta foram entregues aos ministros da Justiça, da Saúde, da Previdência Social e da Economia, à Receita Federal, ao Estado-Maior das Forças Armadas e à Procuradoria da República. Na Polícia Federal, no Rio, milhares de inquéritos sobre as fraudes estão parados.

Anexado ao documento, Fernando Licínio mandou ao presidente Fernando Collor de Mello cópia de reportagem publicada no **JORNAL DO BRASIL** em 2 de outubro último com denúncia sobre a quadrilha. O juiz afirma na carta que "tal matéria está a exigir providências no sentido de se fazer cessar uma situação de enriquecimento ilícito, em detrimento do Tesouro Público, e que não podem ser adotadas com a necessária eficácia apenas pela Justiça do Estado do Rio de Janeiro, pela Procuradoria da República ou Polícia Federal, pois lhes faltam meios humanos e materiais para consecução da punição de todos os elementos envolvidos com a rede de fraudadores".

O juiz pede ao presidente "providências e todos os esforços para ver restaurada a dignidade dos cidadãos brasileiros, a moralidade da coisa pública e o prestígio dos poderes constituídos, uma vez que todos os advogados relacionados na matéria constante do **JORNAL DO BRASIL** continuam, à luz do meio-dia, advogando como se não fossem eles os portadores dos nomes dos envolvidos com a vasta rede de fraudadores, ao contrário do que aconteceu com os 27 peritos judiciais, que foram apenados com 2 anos de inabilitação para funcionarem como peritos".

Fernando Licínio conclui a carta afirmando ter certeza de que Collor não deixará que "caiam no esquecimento nem na prescrição os fatos narrados no **JORNAL DO BRASIL**", ressaltando que apenas o presidente poderá determinar que todas as autoridades atuem conscientemente para a extirpação de um dos males detectados por ele próprio: "a corrupção, irmã xifópaga da inflação e da miséria, se não lhes for a própria mãe".

Ex-noivo atira em jovem em Ipanema

A gerente da loja Óticas do Povo de Ipanema, Rosemar da Silva Araújo, de 26 anos, foi baleada no peito pelo seu ex-noivo Edson Fernandes de Moraes, de 33 anos, na manhã de ontem, no local de trabalho, à Rua Visconde de Pirajá, 121. Logo depois, Edson, que também é gerente de uma loja da mesma rede, em Madureira, tentou o suicídio, atirando na cabeça. Rosemar foi operada no Inamps de Ipanema e passa bem, mas Edson, socorrido no Hospital Miguel Couto, tem poucas chances de sobrevivência.

Segundo o pai de Rosemar, Manoel Estevão de Araújo, em depoimento ao delegado da 13ª DP (Posto Seis), Carlos Ferreira, Edson não se conformou com o recente rompimento do noivado por Rosemar. "Ele nunca aceitou a separação; no início fazia chantagem emocional, mas, como minha filha mostrava-se irredutível, com o tempo Edson passou a fazer ameaças de morte", disse Manoel. Preocupado, já há algum tempo Manoel passou a levar e a apanhar Rosemar na loja. Ele viu, ontem, quando Edson chegou à loja e tentou impedir que os ex-noivos ficassem sozinhos, mas não conseguiu evitar a tragédia.

Uma funcionária da loja que também foi à delegacia, Ana Paula dos Santos, contou que, antes de os dois irem conversar no departamento de lentes de contato, ela ouviu Rosemar dizer ao ex-noivo "agora não, você está muito nervoso". Minutos depois Ana Paula escutou os dois disparos. Segundo Ana, Rosemar e Edson se conheceram na filial de Madureira, mas ela disse desconhecer o motivo da separação.

Rosemar foi levada pelo pai e por Madalena Alves Flores, de táxi, para o Inamps de Ipanema, enquanto Edson foi socorrido por uma ambulância do Corpo de Bombeiros de Copacabana. O tenente bombeiro Vilmar Soares encontrou a arma usada no crime, um revólver calibre 32, ao lado de Edson, ainda carregado com três balas. No bolso da camisa do rapaz havia mais três balas.

O delegado Carlos Ferreira, até o final da tarde de ontem não conseguira entrar em contato com nenhum parente de Edson, informou apenas que o ex-noivo de Rosemar mora em Madureira. Ao saber das boas condições físicas da jovem, o delegado foi, à tarde, ao hospital para tentar ouvi-la, mas depois informou que só vai se pronunciar sobre o caso após inquirir outros funcionários da loja.

No Hospital Miguel Couto, o diretor, Paulo Pinheiro, disse que Edson foi levado à sala de cirurgia às 11h, onde ficou até o início da tarde. "O ferimento dele é semelhante ao sofrido pelo rapaz baleado há alguns dias na Praia de Copacabana, e que acabou morrendo. A bala penetrou na têmpora e atravessou a cabeça", disse o médico. "Como ele é jovem e forte, deverá resistir ainda algum tempo, mas suas chances são mínimas", concluiu Paulo Pinheiro.

Edson Fernandes de Moraes

Rosemar da Silva Araújo

Um dos postais mostra o 14-Bis nas ruas de Paris

Postais mostram 14-Bis e o início da aviação

O Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica e a Associação de Cartofilia do Rio de Janeiro inauguraram ontem uma exposição de cartões-postais, muitos deles do início do século, época em que eram usados como veículo de informação sobre os mais diversos acontecimentos do mundo. Em comemoração à Semana da Asa, foram selecionados exemplares com imagens de Santos Dumont, dirigíveis e antigos aviões.

A exposição é uma oportunidade de conhecer cartões-postais que não são apenas registro de belezas naturais e urbanas: cumpriam a função desempenhada hoje por modernos meios de comunicação. Manifestações políticas, casos policiais, moda e o que mais acontecia virava tema de postais que circulavam pelo mundo. O período de maior desenvolvimento do cartão-postal, do final do século passado até a I Guerra Mundial, coincide com os primeiros passos da aeronáutica.

Uma coleção de cartões sobre dirigíveis e balões é o que se pode considerar uma excelente enciclopédia ilustrada da conquista do ar pelo homem. A coincidência de épocas permitiu selecionar, no acervo de 35 colecionadores, raridades, como uma caricatura do pai da aviação com asas no lugar das orelhas e um balão na boca, como se fosse um charuto. "Procuramos retratar a memória da aviação, enfatizando Santos Dumont", diz o presidente da Associação de Cartofilia, Roberto Pedroso.

Além de diversas fotos e desenhos de Santos Dumont, o visitante encontrará uma imagem do Zeppelin sobre o Rio, registrada em 1936, e preciosas maquetes de aviões do Museu de Ciências de Londres, fabricados entre 1842 e 1895 e que nunca chegaram a voar. Mas a exposição abre espaço para outros assuntos. Vários dos 41 painéis — cada um com 12 cartões, em média — apresentam imagens de ópera, calendários e fotos do Rio Antigo.

A abertura da exposição contou com apresentação do Conjunto de Câmara do Incaer, que tocou uma valsa de 1910, composta em homenagem a Santos Dumont e cuja partitura foi descoberta na ilustração de um dos cartões exibidos. A exposição vai até 31 de outubro, de 10h às 17h, na Praça Marechal Âncora 15-A, Centro.

Protesto gera confusão no Restaurante Sagres

Um protesto em frente ao Restaurante Sagres, no baixo Gávea, de parentes e amigos de Maurício Bezerra Cavalcante — assassinado por um suposto segurança daquele estabelecimento — quase provocou brigas, no início da madrugada de ontem, entre os manifestantes e os donos e clientes do local, que se disseram incomodados com a manifestação.

O ato começou no fim da noite de sexta-feira, após a missa de sétimo dia pela morte de Maurício, morto no último dia 12, com um tiro no pescoço. Por duas vezes, os donos do restaurante fecharam as portas, temendo um "quebra-quebra". A irmã de Maurício, Ana Cavalcante, liderou a manifestação, levando faixas de protesto e distribuindo cartas, junto com amigos e parentes. Segundo o marido de Ana, Guilherme Ferreira, o clima só ficou tenso com a chegada da patrulhinha 54-1041, do 23º BPM (Leblon). "Dela saltou um policial, com metralhadora em punho, perguntando quando o manifesto iria acabar", contou Guilherme.

Os clientes do Sagres reclamaram da movimentação na porta do estabelecimento. "Esse pessoal está querendo cercear nosso direito de ir e vir. É um erro desses parentes do Maurício", argumentou a comerciante Sandra Maria Arueira, que há 10 anos freqüenta o baixo Gávea. Seu companheiro, o também comerciante Alfredo Abrantes, criticou a cassação do alvará de funcionamento do Sagres, determinada pela prefeitura: "É uma medida política, ilegal e demagógica", disse ele.

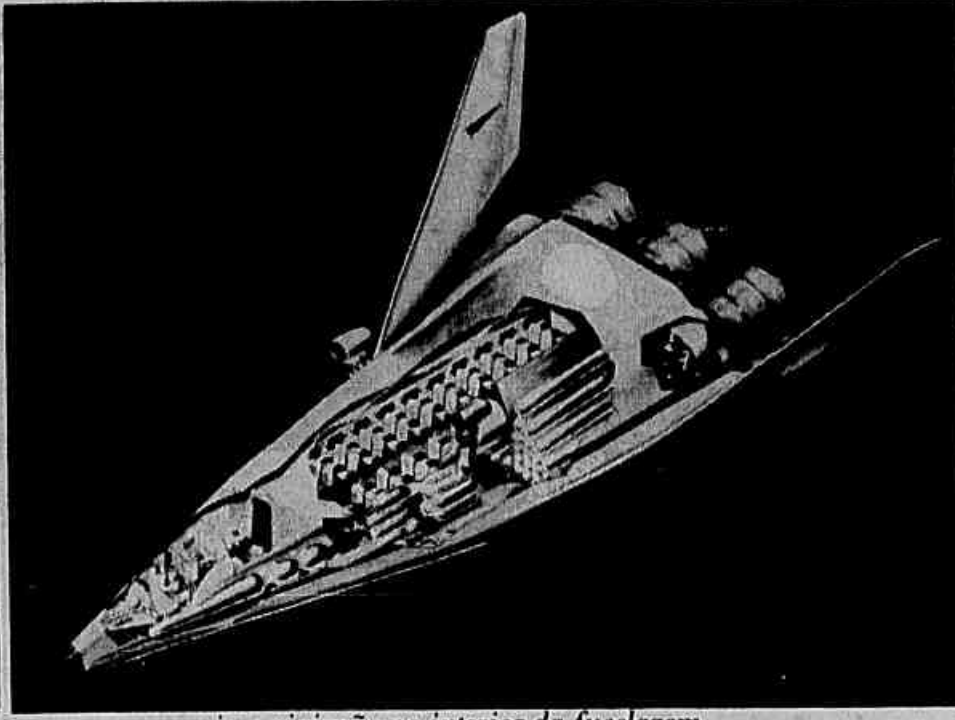
Um dos sócios do Restaurante Sagres, Manoel Quintaes, de 56 anos, afirmou que até quinta-feira será suspensa a cassação. "Até lá vamos continuar abrindo normalmente", garantiu ele. Mas um amigo de Maurício, Fábio, contestou a versão de que o Sagres não tem seguranças particulares. "Pelo menos uns quatro deles já se envolveram em brigas aqui e os casos foram parar na 15ª DP (Gávea)", afirmou o jovem.

Alcazar — Apesar de notificado pela prefeitura sobre a cassasão de seu alvará de funcionamento, o Restaurante Alcazar, na Avenida Atlântica — onde Gilmar da Silva, de 30 anos, foi morto por um segurança no dia 13 —, continuou aberto durante o dia de ontem. Um dos donos do restaurante, que se identificou apenas como Lino, disse que vai recorrer da decisão da Prefeitura. "Isso não passa de um mal-entendido e o nosso departamento jurídico vai contornar esta situação", garantiu ele. O Sagres, na Praça Santos Dumont, na Gávea, também esteve aberto por todo o dia de ontem, mas poucos clientes entraram para comer ou tomar chope na hora do almoço e início da tarde.

Marialdo Araújo

Manifestantes e clientes se desentendem no Sagres

Ricardo Leoni

□ O estado de abandono do Largo da Glória levou moradores a promover, em conjunto com garis da Comlurb, um mutirão de limpeza que deverá ser repetido em outras ocasiões até que comerciantes, camelôs e pedestres se conscientizem da importância de se manter as ruas livres de lixo e bem conservadas. Munidas de vassouras e cartazes, dezenas de pessoas varreram calçadas e o largo durante mais de três horas. A Associação de Moradores da Glória conseguiu, há duas semanas, a instalação de 30 lixeiras no bairro. Segundo o chefe de limpeza do posto do bairro, Dionísio da Silva, são retirados, diariamente, 400 quilos de lixo só da Rua da Glória, o que equivale a quatro carrinhos cheios.

Nasa

O avião hipersônico provavelmente não terá asas e os passageiros viajarão no interior da fuselagem

Nasa já definiu seu avião do futuro

A agência espacial americana, Nasa, anunciou esta semana a forma que terá o avião hipersônico X-30, uma aeronave capaz de voar 25 vezes mais depressa que o som. O X-30 será um *corpo elevador*, um tipo de aeronave sem asas, com a forma de uma cunha triangular. A própria fuselagem do avião constitui um aerofólio capaz de se elevar no ar. O projeto do X-30 está sendo desenvolvido conjuntamente pela Nasa e pelo Pentágono. Ele deve servir de base para a criação de uma futura aeronave comercial, capaz de voar de uma extremidade a outra do globo terrestre em apenas três horas.

A forma decidida para o X-30 é bem semelhante ao desenho de um gigantesco ônibus espacial que a Nasa projetou, mas não construiu, em 1970. A carga e os passageiros ficarão no interior da fuselagem triangular enquanto os pilotos ocuparão uma cabine em forma de cúpula, na parte superior do X-30. A propulsão será feita por um conjunto de motores do tipo *scramjato*, colocados na parte inferior do avião. Durante a decolagem, esse motores funcionam como um foguete comum, queimando uma mistura de oxigênio e hidrogênio líquidos.

Quando o X-30 atingir uma velocidade de 3.600 quilômetros horários, a pressão do ar entrando pela parte dianteira do motor fornecerá o oxigênio necessário para a queima do hidrogênio líquido nos tanques da aeronave. Esse tipo de motor ainda é experimental e em seus primeiros testes o X-30 usará um motor-foguete convencional, como medida de segurança. Esse motor poderá colocar a aeronave em órbita ao redor da Terra, ou retirá-la de órbita caso os motores principais entrem em pane.

Por enquanto o X-30 não passa de um projeto e a decisão final quanto a sua construção só será decidida no ano que vem, depois que a comissão de orçamento do Congresso norte-americano examinar as extimativas de custo. Todavia, mesmo que os senadores derrubem o X-30, as aeronaves hipersônicas serão uma realidade por volta do ano 2000. Projetos semelhantes ao americano estão sendo desenvolvidos na Alemanha, no Japão e na União Soviética. A companhia aérea de Cingapura já manifestou seu interesse num avião capaz de transportar executivos através do Oceano Pacífico em duas horas de vôo.

Segundo a revista *Aviation Week and Space Technology*, a Força Aérea norte-americana já tem seu hipersônico, um veículo altamente secreto conhecido pelo código *Aurora*. O *Aurora* está sendo testado na base aérea de Edwards, na Califórnia, a mesma que serve de campo de pouso para os ônibus espaciais da Nasa. Moradores das vizinhanças do deserto de Mojave contaram à revista sobre a aparição de uma aeronave estranha, vista a grande altura. Segundo os observadores, o *Aurora* é capaz de atravessar o céu, de um horizonte a outro, em poucos segundos e seus motores produzem um ruído tão alto quanto o foguete Saturno 5, que levou os astronautas à Lua em 1969. Uma decolagem recente dessa aeronave misteriosa fez tremer as paredes das casas em vilarejos próximos a Edwards.

Como as empresas envolvidas na construção do *Aurora* são as mesmas que participam das pesquisas para o X-30, é provável que uma futura aeronave hipersônica civil se beneficie das pesquisas feitas para aeronaves militares. Essa tem sido uma rotina na história da aviação. Os primeiros aviões de passageiros foram criados a partir dos projetos de bombardeiros, enquantos os jumbos, que transportam até 400 passageiros, surgiram como subproduto dos estudos para a construção de grandes jatos para transporte de tropas, como o C-5 Galaxy, americano.

Um projeto militar que deve influir muito no projeto de aviões comerciais do futuro é o bombardeiro B-2. Para não ser detectado pelo radar, o B-2 possui uma forma de asa delta, sem fuselagem. Esse tipo de avião *todo asa* também está sendo pesquisado pela Marinha norte-americana para equipar seus porta-aviões. Estudos aerodinâmicos mostram que o avião-asa é o mais adequado para transportar grandes volumes de carga e passageiros. Os jumbos convencionais, como o 747 americano ou o Antonov soviético, atingiram o limite máximo possível. Qualquer avião maior do que eles terá que ser uma asa delta, como o B-2 militar.

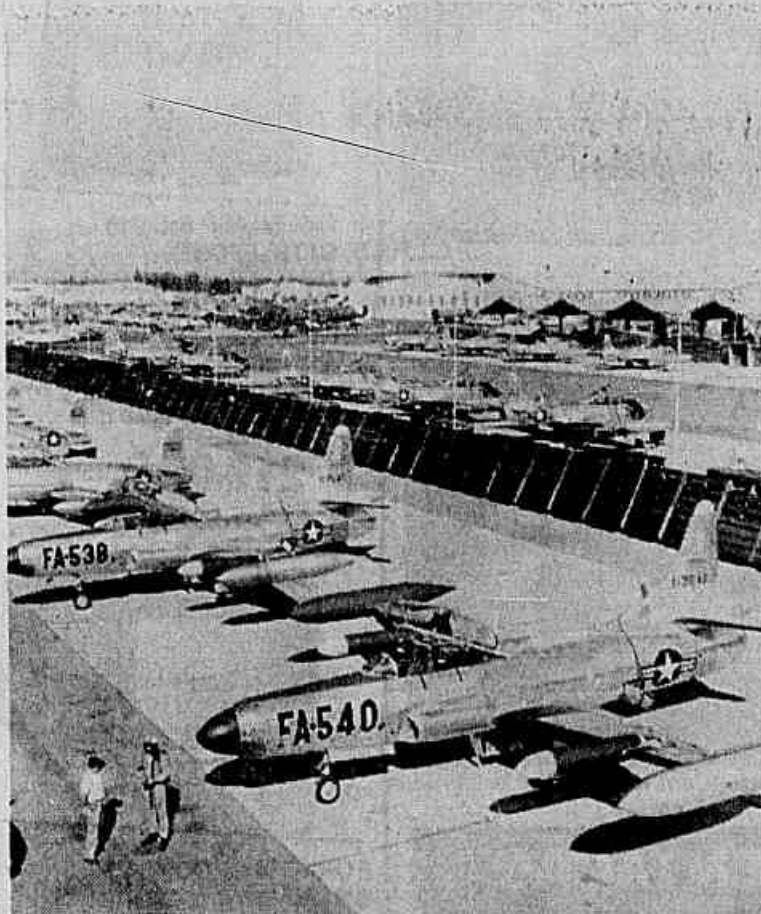
Um avião desse tipo poderia ser grande o suficiente para transportar até dois mil passageiros. Sua velocidade seria equivalente à dos aviões atuais. No futuro, dizem os especialistas, há lugar para as duas concepções. Aeronaves gigantes, subsônicas, do tipo do B-2, se encarregariam do volume de passageiros que continua aumentando. Os executivos, com pressa de chegar ao seu destino, pagariam mais caro para voar em hipersônicos como o X-30, cuja passagem custaria um preço proibitivo para os turistas e passageiros da classe econômica.

Aviação militar entrou na onda do 'dark'

A aviação, como a alta costura, também passa por modas e estilos. Há cinco anos, por exemplo, estavam em voga os *canards*, pequenas asas para aumentar a estabilidade, na parte dianteira das fuselagens. Hoje a moda dos *canards* passou e nenhum projeto novo apresenta esta característica.

Na década de 1950, quando a aviação a jato estava começando, os aviões americanos eram tão espalhafatosos quanto os automóveis rabo-de-peixe daquele período. Um jato militar típico era o F-94 Starfire (*fogo estelar*). Cheio de superfícies cromadas, ogivas e bocais de jato, um F-94 era uma aeronave impressionante, mesmo parado na pista. Parecia prestes a conduzir James Dean e Nathalie Wood, os astros de *Juventude Transviada*, para um *pega* estratosférico.

Os pilotos gostavam de decorar essas aeronaves como se fossem carros de corrida, pintando desenhos de meteoros flamejantes, estrelas e tubarões furiosos nas fuselagens. Na aviação comercial também predominavam os cromados e as asas cheias de casulos, apêndices e antenas.

Nos anos 60 a moda das superfícies cromadas acabou e os aviões começaram a ser pintados de uma só cor. Tudo por conta do artista plástico Calder, que pintou os aviões da empresa Braniff cada um com uma cor diferente. Na aviação militar o estilo predominante eram os aviões em forma de dardo, com asas triangulares na cauda, como o Mirage francês e o F-106 Delta Dart americano.

Os starfires rivalizavam com os rabos-de-peixe

Hoje há duas tendências conflitantes. Na aviação comercial os cromados e superfícies prateadas estão de novo em voga, como indicam os Boeings da American Airlines. Isso acontece porque os engenheiros perceberam que as pinturas freqüentemente ocultam sinais de corrosão na fuselagem.

Já a aviação militar entrou definitivamente na onda *dark*. Predominam as fuselagens pintadas de cinza e preto e as insígnias e emblemas berrantes são terminantemente proibidos. O jato militar mais moderno do mundo, o B-2 Stealth (*furtivo*), parece ter saído diretamente da Batcaverna. É um enorme morcegão negro com trens de aterrissagem que lembram garras estendidas para o chão.

No futuro é provável que a aviação comercial siga o mesmo estilo depressivo. Será muito difícil inventar uma pintura que resista às temperaturas de 1.500 graus centígrados envolvendo um hipersônico ao reentrar na atmosfera. Os revestimentos refratários destes aviões, à base de titânio, cerâmicas e teflon, darão às fuselagens cores entre o negro e o cinza opaco. E os aviões comerciais deixarão de se parecer com peixes de longas barbatanas para virar triângulos negros e sombrios.

Parabólicas vão explicar as estrelas

Astrônomos norte-americanos querem construir um conjunto de 40 antenas parabólicas para captar a radiação de microondas emitida por imensas nuvens de gás no espaço. A maioria dos radiotelescópios atuais capta radiações cujo comprimento de onda mede alguns centímetros ou milímetros, mas sem muita precisão. Se for construído, o novo conjunto de antenas será especialmente sensível a radiações com comprimento de onda de milímetros e poderá fornecer detalhes sobre os processos que levam à formação das estrelas e dos planetas. Com ele os astrônomos esperam mapear os berçários de estrelas, imensas nuvens de gás onde elas nascem e passam os primeiros estágios de sua existência.

Os astros emitem vários tipos de radiações e cada uma fornece uma visão diferente do Cosmos. Telescópios óticos, como o do Observatório de Brasópolis, em Minas Gerais, ou o famoso telescópio espacial Hubble, norte-americano, captam a luz visível e uma parte da radiação ultravioleta que estrelas e nebulosas emitem. Outros instrumentos, como o telescópio espacial Iras, lançado há 10 anos, observam o céu com filmes sensíveis aos raios infravermelhos, a radiação do calor.

Tanto os raios infravermelhos como os ultravioleta são vizinhos da faixa de radiação visível. Eles são um tipo especial de cor que nossos olhos não conseguem enxergar. Só alguns animais, como as abelhas e as cobras cascavéis, dispõem de sensores naturais para esse tipo de radiação. O homem porém pode construir instrumentos para ver radiações que nenhum animal é capaz de captar. São as radiações eletromagnéticas, como as ondas de rádio, captadas pelas antenas parabólicas dos radiotelescópios.

Quando a radioastronomia começou, na década de 1950, os astrônomos trabalhavam com instrumentos que eram mais sensíveis às radiações centimétricas, ou seja, cujo comprimento de onda se mede em centímetros. Com essas antenas foi possível descobrir os pulsares, restos de estrelas mortas que se transformam em bolas de nêutrons do tamanho de planetas. Foi possível também começar a estudar a composição química das nebulosas, imensas nuvens de gás que dão a matéria-prima para a formação das estrelas e dos planetas.

Em 1970 os primeiros radiotelescópios especificamente construídos para captar as radiações milimétricas começaram a ser testados nos Estados Unidos. Com esses instrumentos ainda toscos o cientista Arno Penzias, do Laboratório Bell, conseguiu descobrir a presença de monóxido de carbono nas nebulosas. Mais tarde foi possível detectar a presença de moléculas orgânicas e compostos como a hidroxila. Algumas dessas substâncias estelares eram desconhecidas na Terra e só recentemente foram sintetizadas nos laboratórios.

As primeiras observações das ondas milimétricas também mudaram as teorias vigentes sobre a formação das estrelas. Antigamente os astrônomos pensavam que as estrelas se formavam dentro de nuvens esféricas de gás. Isso, diziam os antigos livros de astronomia, acontecia quando a nuvem desmoronava sob a ação da gravidade, tornando-se cada vez mais densa e compacta. Todavia, as ondas milimétricas emitidas pelas nebulosas mostram que a teoria estava errada. As estrelas nascem não no centro, e sim na periferia das nebulosas. Tentando explicar como isso acontecia, os astrônomos perceberam que as explosões de estrelas gigantes, as supernovas, comprimiam a periferia das nebulosas, criando ninhadas de novas estrelas num período relativamente curto.

As supernovas representam a morte de uma estrela e curiosamente este processo origina a geração seguinte de astros, além de semear o espaço com os átomos pesados, necessários para a formação dos planetas e da vida. Essas descobertas provocaram uma grande onda de entusiasmo em torno da astronomia milimétrica. Em Onsala, na Suécia, foi construída uma antena parabólica de 20 metros para observar esse tipo de radiação. No Pico Veleta, na Espanha, um grupo franco-germânico construiu outra antena de 30 metros de diâmetro. Mas a maior de todas fica no Japão, uma parabólica de 45 metros montada em Nobeyama.

Os astrônomos americanos entretanto acham que a astronomia milimétrica merece um observatório gigante, como os já existentes para ondas centimétricas. A idéia é erguer um conjunto de 40 parabólicas de oito metros de diâmetro cada uma, que coletariam radiações sobre uma área de dois quilômetros quadrados. Segundo a revista americana *Science*, o único problema é o preço — 120 milhões de dólares.

Educação é essencial para o ingresso na modernidade

Eliane Bardanachvili

A educação é a alma do negócio. Para acompanhar a evolução tecnológica mundial, em que o trabalho mecanizado vem dando lugar a operações em máquinas complexas, as empresas estão se tornando cada vez mais carentes de funcionários com boa formação, não só profissional mas acadêmica. E, na corrida atrás da modernidade, da qual participam os países de Primeiro e Terceiro Mundos, o Brasil está entre os lanterninhas. Para sair dessa posição e enveredar pelo caminho anunciado pelo presidente Fernando Collor, que quer o país alinhado com o mundo desenvolvido, todo investimento em educação é pouco.

Enquanto os Estados Unidos — que têm hoje 60% de sua população com nível universitário e 100% com o 2º grau completo — vão precisar dobrar o número de mestres e doutores e trazer para a universidade 90% da população, no ano 2.000, para fazerem frente aos novos tempos, no Brasil, apenas 40% de cada geração que entra na escola concluem o 1º grau. A pesquisa *Work Force 2000*, encomendada pelo governo americano ao Instituto Hudson — um dos mais atuantes em pesquisa de recursos humanos dos Estados Unidos —, para definir o perfil da mão-de-obra do século 21, revelou que é preciso educar ainda mais.

Estabelecendo seis níveis de competência em lingüística e matemática para a população, o trabalho mostrou que cairá a demanda por pessoas com níveis um e dois — que reconhecem o significado de 2.500 a 6.000 palavras, escrevem e falam frases simples ou lêem estórias de aventuras e livros de piadas, somam, subtraem, multiplicam e dividem em todas as bases de medida —, equivalentes ao 1º grau; vai manter-se em alta a necessidade do nível três — que, equivalendo ao 2º grau, pressupõe leitura de romances e enciclopédias, redação com formato adequado e pontuação correta de relatórios e textos livres, capacidade de discursar para uma platéia e compreensão de geometria básica e álgebra —; aumentará o nível quatro, de formação universitária, e dobrarão os níveis cinco e seis, patamar de mestres e doutores.

Custo intelectual — São as providências para enfrentar uma realidade em que, nas fábricas, a maior parte do que se gasta para produzir é custo intelectual. Sabe-se, por exemplo, que para se fazer um automóvel, no mundo desenvolvido, apenas 40% dos custos vêm do material empregado, como aço e vidro, enquanto 60% são gastos com métodos de fabricação, como desenho e projeto. Já para se fabricar um microchip, essa relação é ainda mais gritante: apenas 5% do custo é material, como silício; os outros 95% são gastos em recursos humanos.

"Todos os países que estão saindo do Terceiro Mundo têm 90% da população com 2º grau completo, como aconteceu com a Coréia do Sul. O Brasil, em educação, só está na frente do Haiti e Serra Leoa", informa o pesquisador Sérgio Costa Ribeiro, que faz levantamentos em educação, no Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC).

Se depender das empresas, o panorama de ensino do país vai acabar tendo que melhorar. As mudanças nos padrões de trabalho e emprego já começam a ser absorvidas pelo empresariado brasileiro. Para o chefe da Divisão de Currículos e Programas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Walter Vicioni Gonçalves, cada vez mais será exigida qualificação ampla dos trabalhadores. "Terão que ter boa formação de base para absorverem novas tecnologias", diz. "Para isso, a escola terá que preparar o aluno para ser um produtor de conhecimento e não um receptor do saber que está aí".

Segundo o coordenador das assessorias do Departamento Tecnológico da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Édson Ferman, as empresas começam a se conscientizar da importância da educação no seu cotidiano e na rentabilidade dos seus negócios, e os prejuízos com que têm que arcar caso se deparem com a baixa escolaridade. Há industrias, como a Cofap, de amortecedores, em São Bernardo do Campo, que compraram uma escola para garantir instrução de 1º e 2º graus aos empregados.

A Fiesp criou um Conselho Superior de Tecnologia, para fazer uma espécie de conscientização dos empresários para a necessidade de contarem com empregados altamente qualificados. Na semana passada, foi instalada na entidade uma comissão interna para assuntos de qualificação industrial. "Logo na primeira reunião, concluímos que a qualidade começa na educação e que a qualidade total é feita basicamente com homens, não com as máquinas", conta Édson.

Ele ressalta que a tendência é de as empresas começarem a pressionar o governo para que cuide melhor do ensino. No I Congresso Internacional de Normalização e Qualidade, realizado em São Paulo pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, em comemoração aos seus 50 anos, realizado no início do mês, os empresários presentes recomendaram que fosse incluída nos currículos das escolas de 1º e 2º graus uma disciplina que aguçasse a capacidade de avaliação dos alunos desde crianças. "Estão percebendo que é necessário ter pessoas com este tipo de formação em suas empresas", analisa Édson. "Temos que virar esta década com uma redução drástica no número de analfabetos", afirma.

Bruno Liberati

Escolaridade diferencia bancários

A professora paulista Liliana Segnini, que leciona Sociologia do Trabalho no Departamento de Ciências Sociais da Unicamp, realizou uma pesquisa entre os caixas de agências de dois bancos, um privado e um estadual, ambas na Avenida Paulista. O trabalho analisa as mudanças que a profissão sofreu com a introdução dos terminais eletrônicos no seu dia-a-dia e como o grau de escolaridade interfere nas relações que os profissionais mantêm dentro do emprego.

De acordo com a pesquisa, nos dois bancos, os caixas consideram o trabalho "esvaziado de criatividade e conteúdo" e não vêem perspectivas de mudarem de função. No entanto, os do banco estadual, que têm, a maioria, nível universitário e recebem cerca de Cr$ 60 mil mensais, são mais reivindicadores, têm noção dos direitos trabalhistas e agem coletivamente. "Eles não têm medo de perder o emprego, mas permanecem na função porque consideram que o mercado está difícil e não obterão a mesma remuneração em outro lugar", explica Liliana.

Já os caixas do banco privado, a maioria com apenas o 1º grau — em alguns casos, incompleto — e recebendo cerca de metade do salário que recebem seus colegas do banco público, são mais submissos nas relações de trabalho, mais individualistas e competem uns com os outros. "Há entre eles uma rivalidade grande para atender as normas estabelecidas internamente. Eles se mantêm numa função da qual não gostam por se acreditarem incapazes de conseguir outro emprego", diz a pesquisadora.

Ela condena o que chama de "incompetência treinada para apertar botões", que afasta o país do desenvolvimento. "Esse tipo de relação de trabalho mantém os aspectos de subdesenvolvimento", diz. Liliana ressalta que, na década passada, quando a microeletrônica chegou à indústria e aos serviços, as favelas em São Paulo aumentaram em 1.000%. "Sem poder de barganha e negociação, não há modernidade. E isso uma boa formação escolar é que vai garantir", diz.

Do outro lado do balcão, entre os clientes, há também reflexos da má escolaridade. Embora os caixas eletrônicos executem praticamente todos os serviços, os clientes preferem enfrentar filas para serem atendidos por pessoas. Segundo Liliana Segnini, pesquisa da Federação Brasileira de Bancos (Febraban) concluiu que os bancos não podem trocar todas as pessoas por máquinas sob pena de perder a clientela.

"A modernidade transforma o cotidiano das pessoas e a escola precisa estar preparada para enfrentar isso", diz a professora Vanilda Paiva, da Faculdade de Economia da UFRJ, que pesquisa as relações entre educação e trabalho. "Se o Brasil ainda pode entrar em condições favoráveis no mundo desenvolvido é uma grande interrogação. Mas a educação é imprescindível, já que não vamos deixar de existir, nem de comercializar com o resto do mundo", analisa.

Qualificação profissional piorou

Para trabalhar na empresa carioca Promon Engenharia Ltda., que realiza projetos em todas as áreas da engenharia e em arquitetura, o engenheiro tem que saber inglês fluentemente e escrever um ensaio de duas páginas sobre um tema qualquer, escolhido na hora pelo diretor do Centro Tecnológico da empresa, Carlos Costa Ribeiro.

"O engenheiro que não sabe português nunca é bom engenheiro", afirma, baseando-se em sua experiência de 16 anos na empresa. "Como ele vai defender bem um ponto de vista técnico?", indaga. Conseguir profissionais com esses requisitos, somados à boa qualificação profissional, no entanto, está cada vez mais difícil. De cada dez candidatos, ele retira no máximo dois para serem testados. "O resto é fraquíssimo. Às vezes, não sobra nenhum", diz Carlos, "um comprador de cabeças".

Até dez anos atrás, essa relação era melhor. De cada dez currículos, a metade era considerada potencialmente capaz. "Os profissionais estão acabando e não está havendo reposição. As escolas estão piorando, justamente quando o mercado está crescendo", analisa.

Antecipar-se às necessidades do mercado é o que está tentando fazer o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), que assinou em junho um convênio com a Japan International Corporation Agency (Jica), agência do governo japonês que faz acordos de transferência tecnológica. O convênio permitirá a criação do Curso Técnico de Informática Industrial, numa escola do Senai de São Caetano do Sul, em São Paulo, apontando para uma nova realidade no país: a indústria totalmente automatizada. "Formaremos os primeiros técnicos brasileiros nessa área", diz Wálter Vicioni, da Divisão de Currículos e Programas.

Participou: Evanildo da Silveira (SP)

Você já pode assistir filme e até ver ele

Vendem-se carros; João assistiu ao filme; Esqueci-me de dizer isso. Essas frases, escritas em português tradicionalmente correto, estão começando a desaparecer dos textos de livros, jornais e revistas. Ainda não se pode falar numa nova gramática da língua portuguesa, na opinião dos lingüistas, mas o uso aponta para que práticas anteriormente condenadas por qualquer professor de Português já sejam admitidas oficialmente, por exemplo, nos noticiários de jornais e revistas e em livros de respeitáveis escritores.

O professor Celso Luft, titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), está fazendo um levantamento dessas publicações para detectar novas tendências. É a partir desse levantamento que ele percebe que aos poucos vêm sendo abolidos pronomes e preposições, em frases como *Ele mudou* — e não *Ele se mudou* —, referindo-se à saída de alguém de um lugar para outro; e de preposições, como no caso do verbo assistir (*o filme* e não mais *ao filme*).

Autor do livro *Língua e liberdade*, onde defende a adoção de novas formas lingüísticas e que foi alvo de críticas, Luft acredita que é hora de preparar uma nova gramática, onde não se citem mais os clássicos para ilustrar as regras gramaticais. "É preciso exemplificar com a prática, com os textos que lemos no cotidiano, de bons escritores atuais, bons jornalistas", defende ele. "O gramático não dita as regras, ele apenas observa como vai caminhando a língua e registra", explica.

A incorporação dessas mudanças ao ensino, nas escolas de 1º e 2º graus, no entanto, é polêmica. "Não há dúvidas de que a língua portuguesa está mudando, mas ainda não foram feitas pesquisas que detalhassem essas mudanças", diz o professor Ataliba Castilho, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que lidera 35 pesquisadores de 14 universidades num trabalho sobre os novos rumos do português falado no Brasil.

Para o professor titular de língua portuguesa da Universidade de São Paulo, Dino Preti, está havendo uma maior aceitação da linguagem popular, coloquial, mas não a ponto de a gramática culta incorporá-la. "A escola não precisa ensinar a gíria. Isso as pessoas sabem. É preciso saber adequar a linguagem a cada momento. Ninguém vai falar *passe-me essa bola*. Mas para escrever um documento, é necessário dominar a norma culta", afirma.

"Sou muito liberal", contrapõe Celso Luft. "Se a gente emprega determinada maneira de escrever é porque ela está na gramática interior do usuário, foi estabelecida pela sociedade", explica. Luft alerta, no entanto, para que se faça uma distinção entre o que é fala popular e o que é escrita contemporânea. Ele admite ser erro alguém escrever *Eu vi ele* ou *Me diga uma coisa*. "Esta última frase, a pessoa vai acabar usando ao escrever um diálogo, entre aspas, e aí é correto. Quanto à primeira frase, com toda a permissividade, ainda não está ocorrendo nos textos", justifica.

Por outro lado, ele considera o uso do verbo no plural em frases como *Discutem-se problemas*, muito flagrado em seus levantamentos, um purismo desnecessário. "As pessoas ainda não tiveram coragem de abolir isso. No entanto, o verbo no singular nada altera no sentido", afirma.

Pescadores têm acesso à alfabetização

Trinta mil pescadores de colônias do Rio de Janeiro e Espírito Santo têm, desde ontem, acesso a um programa de educação à distância que oferecerá da alfabetização à 8ª série do 1º grau. Um convênio entre o Centro Educacional de Niterói, escola dirigida pela professora Mirthes Wenzel com padrões progressistas e cursos em horário integral desde sua criação em 1960, e o Sindicato dos pescadores dos dois estados, dirigido pelo pescador Manoel Julião Serra, foi assinado e colocou à disposição dos interessados o mesmo programa que recebeu no ano passado verba de US$ 2 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e que existe desde 1979

Segundo Mirthes Wenzel, os pescadores estavam pleiteando há três anos o curso. Serão instalados núcleos pedagógicos — salas pequenas de três metros quadrados, onde professores ficam à disposição durante o dia, para tirar dúvidas dos alunos e fazer testes — em todas as colônias. O método não exige a presença do aluno na escola.

O material didático consiste em apostilas divididas em 109 módulos que abordam os diversos pontos de cada disciplina do 1º grau. São estruturados de maneira a orientar o aluno a só passar ao módulo seguinte quando atingirem 80% de conhecimento do módulo anterior

Nicarágua — Acaba de ser lançado o livro *E também lhes ensine a ler...*, que conta o processo de erradicação do analfabetismo na Nicarágua, em cinco meses, em 1980. O autor, jornalista Nilton Santos, descreve a Cruzada Nacional de Alfabetização no país, que reduziu o índice de analfabetismo de 50% para 13% e foi premiada pela Unesco. O movimento contou com 120 mil professores e teve 400 mil pessoas alfabetizadas. Educadores como Paulo Freire e seu assistente na Prefeitura de São Paulo, Moacir Gadotti, consideram, no prefácio e orelha do livro, que a experiência "pode prestar grande ajuda ao estudante e ao professor brasileiros"

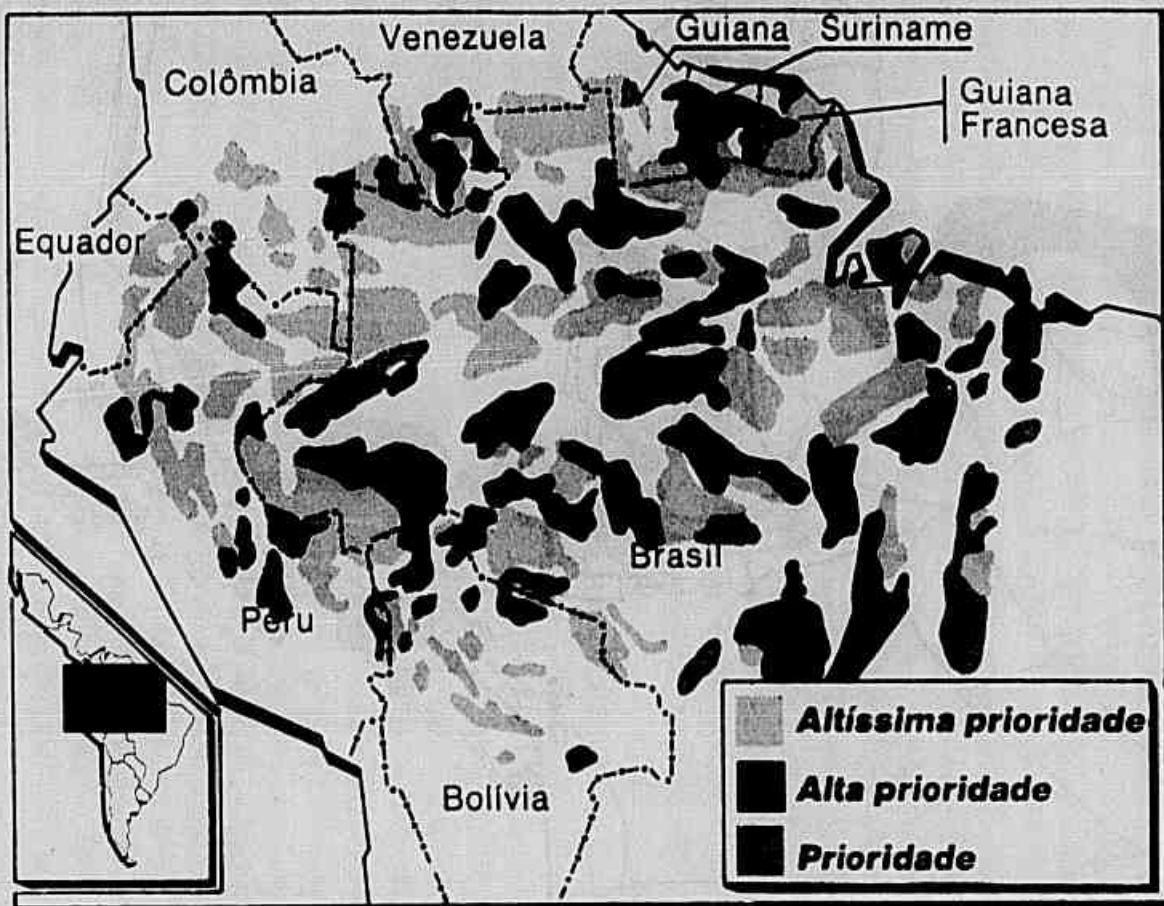
Mapa corrige distorções da preservação na Amazônia

Sérgio Adeodato

O zoneamento econômico-ecológico da Amazônia que a Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos (Seae) deve concluir até 1992 levará em conta, pela primeira vez na história, um fato que tem preocupado os cientistas: 80% das áreas mais ricas em diversidade de espécies animais e vegetais estão situadas fora das unidades de preservação até hoje criadas pelos governos estaduais e federal. Muitos dos parques e reservas florestais, a maioria existente só no papel, foram criados sem qualquer critério biológico — das 38 unidades de conservação da Amazônia Legal, apenas quatro tiveram sua biodiversidade estudada antes dos decretos que as criaram.

Essa é a principal conclusão do cruzamento de 11 mapas elaborados por cientistas de todo o mundo num *workshop* realizado em janeiro e que agora estão sendo processados em Washington pelos computadores da Conservation International, uma das maiores entidades ambientalistas não governamentais do mundo. O mapa final, síntese da avaliação cuidadosa de botânicos e biólogos com especialidades que vão da borboleta aos sapos, será publicado até o final do ano através de um convênio entre o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e Conservation International. Mas boa parte das informações já foram concentradas num mapa inicial, que reune três categorias de prioridade para a preservação da diversidade biológica da região.

O mapa assinala 92 áreas de importância biológica, prioritárias para a conservação em toda a região amazônica, inclusive nas regiões pertencentes aos países vizinhos. Enquanto a Amazônia brasileira tem protegidos apenas 2,5% de sua área total, sem contar as reservas indígenas, o mapa feito pelos cientistas revela que 53% da região está em áreas biologicamente prioritárias para a conservação. Criados sem os estudos convenientes, há reservas e parques situados fora das 92 áreas de biodiversidade mais rica.

As regiões costeiras da Amazônia, que abrigam um ecossistema muito rico, influenciado pela água doce e salgada, estão demarcadas no mapa como muito importantes para a proteção da diversidade genética. Mas ainda não há qualquer reserva ecológica nessa área. Igual riqueza existe na parte da Amazônia situada na transição entre a floresta de planície e a subida dos Andes, no Equador, também ainda não contemplada com unidades de preservação que garantam a biodiversidade.

Com as primeiras indicações obtidas pelo trabalho do grupo de cientistas que estão concluindo o mapa das áreas prioritárias para preservação, foi criada no Amazonas a primeira reserva de várzea do país — a Caverna do Maroajá, área de maior diversidade biológica da Amazônia brasileira por estar localizada na região do encontro da água escura do Rio Negro com a água barrenta do Rio Solimões, no município de Presidente Figueiredo. Essa área concentra informações biológicas provenientes dos ecossistemas guianenses, ao Norte, e dos andinos, a Oeste. Ali vive, por exemplo, o pássaro galo-da-serra, ameaçado de extinção devido à cobiça dos caçadores por sua exuberante plumagem.

Além dessa, foram criadas outras cinco unidades de proteção no Amazonas em função das áreas indicadas pelo mapa. No Peru, foi criado o Parque Nacional Tambopata Candamo, num ponto considerado de prioridade máxima para a preservação biológica.

"O Plano Nacional de Meio Ambiente, financiado pelo Banco Mundial, obriga o Ibama a criar novos parques e reservas na Amazônia — e, para isso, pela primeira vez na história será usada uma base científico-biológica para escolher essas áreas", ressalta o biólogo Carlos Miller, coordenador dos programas para o Brasil da Conservation International. O Ibama também precisará fazer um plano para preservar efetivamente as unidades mais prioritárias já criadas por decreto: recente levantamento encomendado à Universidade Federal de Minas Gerais pelo Fundo Mundial para a Vida Selvagem (WWF) revelou que o governo federal não tem títulos de propriedade de nenhum dos parques nacionais da Amazônia e todos sofrem manejos inadequados e pressão de caça e pesca.

Atualmente, a Conservation International está financiando grupos de cientistas para estudos biológicos de campo mais detalhados, de longo prazo, em cada uma das 92 áreas propostas — um desses grupos descobriu recentemente na Bolívia que uma das áreas prioritárias indicadas no mapa gerado pelo computador é biologicamente mais rica do que a região do Manu, no Peru, considerada até então a de maior biodiversidade em toda a Amazônia. Em 1993, possivelmente na Venezuela, os cientistas voltarão a se reunir para juntar as novas informações de campo e elaborar um mapa mais refinado com as áreas mais importantes para a proteção da biodiversidade na Amazônia.

Henrique Ruffato

Áreas de prioridade biológica para conservação na Amazônia

Venezuela
Guiana
Suriname
Guiana Francesa
Colômbia
Equador
Brasil
Peru
Bolívia
Altíssima prioridade
Alta prioridade
Prioridade

Segredos da Mata Atlântica

SÃO PAULO — Encontrar lugares que estejam fora dos mapas ou cuja localização exija vista apurada pode ser um passatempo bizarro. Mas, para a Fundação SOS Mata Atlântica, o desafio de mapear *Buraquinha, Entapacurá, Paçatuba, Porciúncula, Uruçuca* e mais 464 obscuros pontos do território nacional é a coroação de um meticuloso levantamento de remanescentes considerados prioritários para a preservação da Mata Atlântica, que desde a chegada de Pedro Álvares Cabral ao país até hoje ficou reduzida a 8,8% de seu domínio original, segundo dados da entidade ambientalista.

O mapa é apenas o apêndice de um trabalho iniciado em abril passado, quando 42 pesquisadores e técnicos brasileiros familiarizados com trilhas que conduzem a *santuários* do ecossistema se reuniram num *workshop* no município paulista de Atibaia. "Havia participantes que sabiam que uma determinada espécie de fauna em extinção podia ser encontrada numa determinada fazenda no sul da Bahia", exemplifica Inês de Souza Dias, engenheira florestal da Fundação e coordenadora executiva do projeto. No levantamento foram reveladas 14 espécies de mamíferos, 10 espécies de aves e 19 espécies de invertebrados (borboletas e libélulas) em extinção ou ameaçadas de extinção.

Clayton Lino

Segundo Clayton Ferreira Lino, diretor de Ciências de Áreas Protegidas da Fundação e coordenador geral do projeto, reconhecidas autoridades no assunto, como o geógrafo Aziz Ab'Saber, da USP, o ornitólogo Dante Teixeira, do Museu Nacional, e o zoólogo Keith Brown, da Unicamp, contribuíram com o "conhecimento crítico" e a "experiência acumulada". Além disto, o trabalho se desenvolveu com o apoio de fotografias dos originais 1,1 milhão de quilômetros quadrados de domínio da Mata Atlântica, feitos por satélite, e que compõem um atlas editado pela Fundação. Resultaram do encontro de dados propostas de criação de 123 novas unidades de proteção ambiental, além de 39 recomendações, entre elas a de efetivar a instalação das reservas já criadas. "É otimista pensar que 5% das áreas protegidas estão efetivamente implantadas", calcula o diretor.

Ficou flagrante no levantamento, diz Inês, a devastação promovida especialmente na região nordeste do país (Ceará, Pernambuco, Paraíba, Sergipe, Alagoas e parte da Bahia), onde a Mata Atlântica foi principalmente reduzida a carvão, com um saldo de apenas 0,03% da cobertura de mata original. "A mata está sendo queimada como se fosse eucalipto", indigna-se Lino. A proposta de criação de novas unidades de conservação no Nordeste pelo grupo prevê o acréscimo de 30 áreas — como Entapacurá, em Pernambuco, e Buraquinha e Paçatuba, na Paraíba — às 32 já oficialmente tombadas.

No Rio de Janeiro — onde está localizada Porciúncula e o monumento geológico conhecido como *Pedra da Elefantina* — os especialistas localizaram 57 pontos que exigem proteção ambiental, para somar aos 69 já existentes. Já a proposta para São Paulo foi mais tímida, possivelmente por se referir a regiões mais extensas. Além das 74 unidades de conservação existentes, nove regiões foram indicadas. No sul da Bahia, onde se acha Uruçuca, 15 áreas foram indicadas para se somar às quatro já existentes.

Entre os critérios de inclusão como área prioritária para preservação, diz Lino, foram considerados a velocidade de degradação, hábitats de espécies ameaçadas e áreas contínuas que abrigam toda biodiversidade da Mata Atlântica, como a Serra do Mar. Do ponto de vista de flora, foram consideradas as matas ombrófilas densas e mistas, com araucárias (pinhais), matas estacionais, além dos mangues e restingas. Nem todos os pontos localizados têm matas primitivas, diz Lino, apontando como exemplo a Floresta da Tijuca, que foi replantada por ordem de D. Pedro II, depois de ter sido derrubada para o plantio de café. Mas há áreas encravadas no Vale do Ribeira, em São Paulo, que Lino desconfia jamais terem sido pisadas por seres humanos. "Nas fotografias de satélite, há uma mancha intacta sem nenhuma trilha", diz ele.

Assim que for finalizado o paciente trabalho de mapeamento pelo geólogo da fundação Édson José de Barros, a entidade pretende publicar todo o material. Os destinatários serão os governos estaduais envolvidos, universidades e instituições de pesquisa, além de entidades ambientalistas governamentais, especialmente o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). "Você só consegue fazer o trabalho de conservação e desenvolvimento sustentado se conhece os dados precisos da realidade sobre a qual quer interferir", sustenta Lino. Neste caso, diz ele, são dados assinados por cientistas idôneos e sem a maquiagem romântica de muitas das reivindicações "verdes".

Estrada atropela natureza na reserva gaúcha do Taim

Renato Dalto

SANTA VITÓRIA DO PALMAR, RS — Uma comporta de madeira ajuda a aprisionar as águas da Lagoa Mangueira, que correm por um longo canal até a Lagoa Mirim. A possibilidade da seca está amenizada protegendo, em parte, a fauna e a flora. Porém, com mais voracidade do que as armas dos caçadores — que raramente aparecem — as rodas de veículos matam animais. Nas noites, capivaras e ratões são atropelados ao longo dos 18 quilômetros da BR-471, que corta a reserva ecológica do Taim, um santuário encravado no Sul do país. Uma tentativa de defesa, chamada *Projeto Pró-Taim*, engatinha no meio da precariedade e da insuficiência de recursos. Do projeto inicial, que previa o mapeamento, zoneamento e manejo das espécies da região, resta apenas a intenção. O *Pró-Taim* é, hoje, uma espécie de serviço de emergência que supre algumas deficiências primárias, como a falta de combustível das duas viaturas da estação.

A plasticidade do vôo lento do *João Grande* ou a calma dos cisnes-de-pescoço-negro nadando nos banhados, a docilidade de capivaras que descansam sem pressentir perigo, podem ser apenas um disfarce. "Os atropelamentos matam seis vezes mais animais do que a caça", diz Márcio Barragana Fernandes, administrador da reserva. Cerca de 40 animais morrem atropelados a cada mês.

São, na maioria, capivaras ou ratões-do-banhado que atravessam a estrada em busca de um dos canais de água do Arroio Taim que correm paralelos à rodovia. As capivaras às vezes deitam no asfalto quente e dali nunca mais levantarão. A estrada e suas marcas de civilização representam um contraste gritante com a reserva.

Encravada no sul do mapa do estado, entre as lagoas Mangueira e Mirim e o Oceano Atlântico, a reserva ecológica do Taim estende-se por 32 mil hectares de um ecossistema cheio de harmonia e riqueza — banhados, dunas, campos e lagoas, povoados por mais de 30 tipos de mamíferos, peixes e aproximadamente 140 espécies de aves. A versão mais corriqueira na região é que uma dessas aves, o tahã, deu o nome ao lugar — o canto da fêmea emite um som parecido com "taim".

As mortes poderiam ser evitadas com redutores de velocidade ou cancelas colocadas no trecho da estrada que corta a reserva. É uma idéia, porém, que não saiu da intenção. O Projeto Pró-Taim começou a ser implementado em julho deste ano, via Associação Brasileira para a Preservação Ambiental (Abrapa), com recursos destinados pelo Projeto Pró-Fauna e outras entidades. E prevê um repasse de US$ 200 mil em um ano. Por enquanto, o Pró-Taim está na fase de suprir as precariedades de infra-estrutura. "Queremos recolocar a estação em condições de funcionamento", diz Ney Gastal, presidente da Associação Brasileira para Preservação Ambiental (Abrapa). Além da comporta, foram feitos dois viveiros para reintrodução de espécies existentes na própria região.

Enquanto isso, o Taim cumpre seu ciclo em compasso de primavera. Nos 32 mil hectares da estação, o cisne-do-pescoço-negro e outras aves e mamíferos se reproduzem. E chegam algumas raridades de aves migratórias. Sempre solitário, o *príncipe* exibe seu vermelho berrante sobre os galhos das figueiras. Veio do Amazonas somar-se a cisnes, caporocas e colhereiros que chegaram do Sul da Argentina. Alguns, como os maçaricos e as gaivotas, podem ir do extremo sul da América do Sul ao Canadá.

Mas outros problemas rondam a estação e arredores. Os limites, por exemplo, não são demarcados por cerca e o gado das fazendas vizinhas pasta tranqüilamente dentro da reserva.

Apesar disso, pode-se dizer que as pessoas da região em geral respeitam a reserva. As bombas dos arrozeiros que puxavam água do Arroio Taim foram lacradas. Nas maiores lagoas da reserva — a do Nicola e do Jacaré — a tranqüilidade persiste. Entretanto, nos três postos de fiscalização encarregados de cuidar dos limites da estação — a Costeira, e os postos das Fazendas Caçapava e Santa Marta — a vigilância é difícil de ser feita. O posto da Fazenda Santa Marta está desativado por falta de condições materiais e na Costeira a casa onde fica o funcionário Adão da Silva Moraes está sem luz. E não há viaturas, ou mesmo cavalos, para percorrer os campos e banhados.

Mas é também nessa estação demarcada por águas, dunas, alguns matos de figueiras com o tronco cravejado de orquídeas e bromélias na primavera que a natureza criou uma espécie de resistência. O banhado ia acabar em 1959. Seria drenado para uso numa espécie de reforma agrária do então governador Leonel Brizola. Até hoje ruínas da casa e bombas instaladas na época permanecem lá.

Havia a chamada "safra do ratão", na qual o animal era perseguido e caçado pelo valor da sua pele durante o inverno. Os caçadores sumiram, caminhões repletos de pele já não cruzam mais a estrada em direção ao Chuí e, dali, para o Uruguai. Mas o perigo ainda chega com a noite. E assim, o Taim vive, sobrevive, nesta relação ambígua entre a tranqüilidade de dunas, campos e água em permanente dependência com operações de emergência para a sua preservação.

Santa Vitória do Palmar, RS — Fotos Mauro Mattos

Vôo lento do joão-grande contrasta com velocidade dos veículos que cruzam o Taim

Na beira do asfalto, a capivara morta

Quitério é um ex-caçador da região

Capivara simboliza a resistência

Chico é um órfão privilegiado. Anda pelo terreiro, bebe leite à vontade, recebe cafuné de seus pais adotivos na barriga e brinca com patos, marrecos e galinhas. Acariciando os fios grossos de seu pelo, *seu* Laudelino Quadros Ribeiro confessa uma espécie de arrependimento. "Antes, eu caçava muito, depois me deu pena dos bichos", diz.

Chico é um filhote de capivara de cinco meses encontrado na sede da Estação Ecológica do Taim. Provavelmente teve a mãe atropelada por algum carro. Foi levado até o posto de fiscalização da Fazenda Caçapava para ser criado por seu Laudelino e sua esposa Frida. De certa forma, é uma espécie de símbolo da relação que homens e animais da região foram desenvolvendo dentro do Taim.

Nos finais de tarde no posto da Fazenda Santa Marta, o posteiro Alfredo Teixeira de Oliveira observa, com um binóculo, bandos de capivaras para aprender seus hábitos. Aprendeu, por exemplo, que os machos comandam um harém de 30 a 40 fêmeas. A relação sexual sempre acontece ao crepúsculo e, segundo Alfredo, os machos são insaciáveis. "Eles vão para dentro da água e as fêmeas vão entrando, uma após a outra", revela. Essas fêmeas, depois, praticamente dividem entre si a responsabilidade de criar os filhotes. Quando saem em busca de alimentos, formam creches, colocando os filhotes em alguma moita, e duas ou três ficam rondando enquanto as outras pastam. Elas também mantêm uma espécie de equilíbrio natural da espécie, dando um jeito de eliminar os pequenos machos. Em geral, têm de seis a sete filhotes por cria, mas só cuidam de três — duas fêmeas e um macho. *(R.D.)*

Políticos catarinenses pressionam o Ibama com ameaças de greve

FLORIANÓPOLIS — Com o anúncio de que o órgão "encerrou sua era cartorial", e disposto a cumprir rigorosamente as leis de proteção ambiental, o superintendente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) em Santa Catarina, Américo Tunes, está enfrentando uma poderosa corrente de pressões políticas para afastá-lo do cargo, que inclui ameaça de paralisação de setores produtivos que empregam quase 30% da população ativa do estado. Em apenas quatro meses, o biólogo mineiro, que tem relações estreitas com os conservacionistas e não com os políticos, aplicou mais de 617 multas, apreensões e embargos envolvendo desmatamentos ilegais, transporte, uso ou estoque de carvão vegetal ilegal, além de quase Cr$ 40 milhões em multas contra grandes cerâmicas do estado por uso de carvão vegetal sem origem comprovada.

"Resolvemos cumprir a lei", resume Américo, que só permanece no cargo devido ao incondicional apoio da presidente nacional do Ibama, Tânia Munhoz, e do secretário de Meio Ambiente, José Lutzenberger. "A atividade da exploração de madeira em Santa Catarina era o éden do dinheiro fácil, o extrativismo puro e simples", lembra ele. "Quando cheguei, as pessoas dos postos avançados estavam temerosas de operar com seriedade, pois os políticos cancelavam as multas aplicadas, junto à sede do órgão, em Brasília, com a maior facilidade. Com a nova política de meio ambiente, isso acabou completamente", revela. Por não ceder às pressões, Tunes conseguiu contra si a ira dos deputados federais Alexandre Puzzyna (PMDB), Antonio Carlos Konder Reis (PDS) e do senador Jorge Bornhausen (PFL). "O cancelamento agora só é possível se o procurador do órgão der parecer favorável e com minha aprovação", avisa ele.

Com apenas 15 fiscais em todo estado (a média de um para cada posto) e 109 funcionários no órgão, "só podemos pecar por omissão", esclarece. "Foram realizados cursos internos e palestras para levantar o moral e fazer com que os servidores vestissem a camisa do conservacionismo", lembra. A estratégia de fiscalização também foi modificada: "Ao invés de irmos aos morros para flagrar a derrubada, vamos às empresas que compram madeira ou carvão e fiscalizamos o transporte", explica.

As mais visadas foram as cerâmicas do sul catarinense, região que tem o maior parque industrial do setor da América Latina, e que usam carvão vegetal para aquecer os fornos de queima de pisos e azulejos. Na Semana da Árvore, em setembro último, os fiscais do Ibama aplicaram Cr$ 39.815.230 de multas por consumo ilegal de carvão. "É um carvão cuja origem não é esclarecida e denuncia, com isso, os desmatamentos clandestinos", justifica o biólogo. Entre junho e setembro, o Ibama catarinense fez nada menos que 193 autuações de desmatamentos ilegais — 90 em áreas de preservação permanente —, 111 de transporte de madeira sem as guias exigidas por lei (comprovantes que indicam origem do desmatamento e autorização do órgão para tanto) e apreendeu mais de 2 mil metros cúbicos de madeira de origem ilegal. "Alguns deputados chegaram ao cúmulo de pedirem que não houvesse fiscalização no período que antecedeu as eleições" revela ele.

Diante das ameaças de desemprego de setores que dependem da exploração de madeira, Tunes adverte que a situação atual foi causada pelos próprios empresários. "Ou fechariam agora, pela fiscalização, ou daqui alguns anos, por absoluta falta de matéria prima. Muita madeira foi derrubada e não foi pago um centavo sequer de reposição. Até as empresas que investem em reflorestamento usam carvão de origem ilegal, tentando se beneficiar da variação de preços". Outra estratégia dos exploradores era a *maquiagem* dos planos de manejo (corte seletivo de árvores, de acordo com as taxas de crescimento da floresta). "O plano de manejo previa o corte de 10% da área, mas na verdade acontecia uma devastação total. Alguns nem esperavam a aprovação do Ibama, e depois de protocolarem já começavam a derrubada", diz Tunes. Com a nova direção, dos 312 projetos vistoriados, 252 foram indeferidos por burlarem a lei.

O maior alvo dos madeireiros em Santa Catarina é a Mata Atlântica, já que o estado conta com a maior extensão desta floresta do Brasil. "Nem as nascentes eram poupadas", argumenta o superintendente, que promete: "A preservação da Mata Atlântica está na ordem do Dia Internacional e não vamos contemporizar sobre sua destruição" Em resposta à ameaça de desemprego em massa, o biólogo sugere que os empresários "troquem a histeria pela criatividade e busquem alternativas energéticas, do gás liquefeito de petróleo às turfas ou bagaço de cana, por exemplo" Segundo ele, daqui em diante, "só sobreviverão os que cumprirem a lei, pois a fiscalização será cada vez mais rigorosa".

Embrapa cria banco de recursos genéticos com espécies da Amazônia

BRASÍLIA — Duzentos e trinta pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) estão na Amazônia estudando a evolução natural dos recursos da região (solo, clima, vegetação), o desenvolvimento de tecnologias para o uso racional desses recursos e de um sistema sustentável agrícola, a degradação da terra e a transferência de tecnologia. Eles também estão recolhendo material e montando um banco genético, com exemplares de espécies de plantas e insetos, no Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, no Distrito Federal. "Se alguma espécie for extinta nos próximos anos, nós teremos um exemplar para que se possa começar tudo de novo", garante o presidente da Embrapa, Carlos Magno Campos da Rocha.

Até o momento, os cientistas conseguiram identificar apenas 1,7 milhão de espécies de plantas e animais em todo mundo. Porém, eles acreditam que a verdadeira quantidade ainda é desconhecida pelos estudiosos. De acordo com estimativas do World Conservation Union (IUCN), que já esboçou a Convenção das Espécies do Globo, os números podem variar entre 10 milhões ou mesmo 30 milhões de espécies que até hoje não foram identificadas ou catalogadas.

A maior parte da flora e da fauna ainda ignoradas pelo homem está na floresta amazônica. Técnicos da Embrapa concordam com as preocupações demonstradas pelos membros da IUCN que temem que a devastação desenfreada na região possa varrer da Terra um milhão ou mais de espécies sem que os cientistas jamais tenham tomado conhecimento da sua existência.

A IUCN calcula que as florestas tropicais úmidas, como a Amazônia, cobrem somente 7% da superfície terrestre. Mas essas florestas são o refúgio de 70% a 80% de todas as espécies de plantas e animais do mundo. Para os técnicos da Embrapa, uma quebra na diversidade genética pode acarretar efeitos extremamente problemáticos aos governos, como o agravamento da fome entre os povos. Estima-se que existam 80 mil espécies de plantas comestíveis, no entanto apenas 200 têm sido cultivadas continuamente e somente 12 — trigo, milho, soja, arroz, café, batata, cana-de-açúcar, beterraba, mandioca, centeio, cevada e oliva — se tornaram culturas importantes como itens de produção e comercialização. Os produtores mundiais estão incentivando a dependência da população em relação a essas safras e apostando grandes somas de recursos em experiências no melhoramento genético.

Na Amazônia Legal, os habitantes utilizam cerca de 1.300 plantas como medicamentos e algumas dessas espécies ainda não foram pesquisadas pelos cientistas. A metade de todos os remédios receitados no mundo são feitos à base de plantas. Nos EUA, são gastos US$ 14 bilhões anuais em medicamentos e drogas elaborados a partir da flora terrestre.

Baianos pagam para ajudar a salvar tartarugas marinhas

Luiz Faustino

SALVADOR — Um curioso trabalho de preservação de tartarugas marinhas é desenvolvido por moradores do bairro de Itapoã, com recursos próprios, sem nenhuma ajuda oficial. Numa tentativa quase desesperada de contribuir para a preservação das tartarugas, moradores da Pedra do Sal — um luxuoso condomínio localizado próximo ao farol de Itapoã — estão comprando por até Cr$ 3 mil cada lote de ovos achado na areia por pescadores e devolvendo-os aos responsáveis pelo Projeto Tartarugas Marinhas (Projeto Tamar) ou colocando-os em ninhos improvisados nos quintais de suas casas, para que reprodução seja possível.

Esta nova área de desova de tartarugas no litoral baiano foi incorporada este ano ao Projeto Tamar, mas os moradores do condomínio Pedra do Sal acham que o número de funcionários encarregados de identificar os ninhos nas praias e fazer a coleta dos ovos ainda é insuficiente. São apenas um biólogo e dois ajudantes, que ainda não conseguiram controlar a situação e evitar as depredações dos ninhos, daí a iniciativa de alguns moradores da área de contribuir para a preservação das cinco espécies conhecidas de tartarugas que habitam o litoral da Bahia.

Até mesmo um pedido de instalação de uma base ou de um posto de observação no farol de Itapoã já foi encaminhado ao pessoal do Projeto Tamar, mas seu coordenador, Guy Marcovaldi, respondeu que uma outra base próxima, localizada no Condomínio Interlagos, em Arembepe, tem área suficiente para recolher todos os ovos dos ninhos descobertos na faixa de 14 quilômetros, que vai ao foz do Rio Joanes até o farol. Só este ano, já foram identificadas ali 14 desovas e recolhidos 2 mil ovos. Pelo cálculo dos técnicos do Projeto Tamar, só esta nova área da Pedra do Sal deverá proporcionar até o final da temporada de desova, que vai de setembro a abril, a devolução ao mar de cinco a seis mil filhotes de tartarugas.

Ao tempo em que aplaude a iniciativa dos moradores, o responsável pela nova área de Pedra do Sal, biólogo Eron Paes e Lima, adverte que o trabalho de recolhimento dos ovos exige o conhecimento de técnicas de manejo. A falta dessa experiência levou o artista plástico Fred Schaeppi a ter uma decepção com sua iniciativa preservacionista: dos 300 ovos que conseguiu recolher e acondicionar em um ninho no quintal de sua casa, só nasceram três filhotes, que, depois de alguns dias, ele devolveu ao mar.

O pioneiro entre os voluntários na preservação das tartarugas no condomínio Pedra do Sal é João Caetano do Nascimento, empresário que atraía os predadores trocando ovos de tartaruga por ovos de galinha. Outros moradores, no entanto, optaram pela compra dos ovos.

Mas, para o biólogo Eron Paes e Lima, "importante mesmo é o trabalho de conscientização das pessoas quanto à necessidade de preservação da espécie" Dentro dessa filosofia, ele conseguiu atrair para trabalhar no Projeto Tamar dois antigos predadores, que passam as madrugadas vasculhando as praias em busca de ninhos. Ele prefere, no entanto, manter os nomes desses auxiliares em sigilo, elogiando a transformação pela qual passaram.

A preocupação com a preservação das tartarugas é tão grande que, enquanto a Associação dos Moradores da Pedra do Sal luta pela instalação de uma base ou posto do Projeto Tamar em Itapoã, voluntários chegam a perder horas de sono em caminhadas à procura de ninhos. Esses voluntários entendem que, chegando antes do dia clarear, se antecipam a possíveis predadores.

Recentemente, os moradores da Pedra do Sal se revoltaram ao encontrar, já morta, uma tartaruga da espécie *caretta-caretta*. No animal foram encontradas marcas de redes, evidenciando que ela conseguiu escapar de uma armadilha, mas não resistiu ao sofrimento ou então foi atirada fora ao ser encontrada morta por pescadores. O fato, embora isolado, serviu para despertar mais ainda o espírito preservacionista dos moradores do condomínio.

Projeto Tamar entra em nova fase

Depois de conseguir, nos seus 10 anos de existência, um resultado já considerado satisfatório, evitando a captura proposital de matrizes e ovos, o Projeto Tartarugas Marinhas (Projeto Tamar), do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), iniciou este ano, com a instalação de duas bases no Rio Grande do Sul e em Alagoas, uma nova etapa de trabalho: evitar a captura acidental de tartarugas em redes de pesca.

O primeiro resultado dessa nova fase foi transmitido ontem ao coordenador do Projeto Tamar, Guy Marcovaldi, pelo responsável pela base de Tramandaí, no litoral norte do Rio Grande do Sul, o biólogo Marcelo Souto: em uma semana, ele conseguiu salvar dez tartarugas adultas que tinham sido capturadas em redes por pescadores e que inevitavelmente morreriam.

A outra base será instalada no extremo sul de Alagoas, já quase na divisa com Sergipe. Guy Marcovaldi explicou que esses locais foram escolhidos por se tratar de áreas de alimentação das tartarugas, que se tornam presas fáceis das redes. Outras áreas de alimentação também estão sendo levantadas por técnicos do Projeto Tamar em outros pontos do litoral brasileiro, no sentido de ampliar o trabalho de preservação das tartarugas, indistintamente. (L.F.)

Deputado defende empresa que desmata

Surpresos com a mudança brusca de atuação do Ibama, os representantes de madeireiros, papeleiros, fumageiros, oleiros e cerâmicos, moveleiros e ervateiros (produtores de erva-mate) colocam a política ambiental em xeque e ameaçam: podem paralisar 15% de todo o potencial econômico catarinense. "Estes setores empregam quase 30% da população ativa do estado", assegura o deputado federal Alexandre Puzzyna (PMDB), que é favorável, inclusive, à exploração de madeira da Mata Atlântica. "Concordo que há um abuso contra o meio ambiente, mas a extração de madeira não pode ser interrompida abruptamente", alega Puzzyna, o mais forte representante político dos empresários do setor.

"Apenas em Itaiópolis (pequeno município do planalto norte), existem 700 estufas de fumo, que empregam 3.500 pessoas. Se proibirem o corte da madeira, de que viverão estas pessoas?", pergunta o deputado, que invoca até o direito de propriedade para garantir a derrubada de árvores. "Ninguém pode determinar o que se faz dentro de uma área privada", sustenta ele. "O superintendente não tem diálogo, quer cumprir a lei sem flexibilidade", argumenta. Cândido Bampi Filho, presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Planalto Serrano, considera que as serrarias estão "pagando pelos outros"

"A culpa do desmatamento sem critérios é dos carvoeiros e do aumento das áreas para agricultura e pecuária extensiva. Nós só usamos madeira selecionada e somos responsáveis por apenas 20% da derrubada de madeira do estado", considera Bampi, que defende uma "transição" entre a atividade econômica e a defesa ambiental. "Só nesta região são 16 mil funcionários ameaçados de perderem seus empregos nos próximos meses", adverte o empresário. Para Bampi Filho, se o governo federal tivesse fiscalizado o reflorestamento, nada disso estaria acontecendo."

Atingidos pelas mais vultosas multas, os industriais do setor cerâmico, que empregam 13 mil pessoas no sul catarinense, defendem-se com a impossibilidade de adotarem alternativas energéticas a curto prazo. "O gás produzido pelo carvão vegetal é mais barato que o liquefeito de petróleo e usa o *capoeirão* (madeira de vegetação secundária e terciária) e rejeitos de madeireiras" explica Ademir Lemos, empresário que preside o sindicato patronal. "O Ibama está cumprindo a lei, mas pode inviabilizar uma atividade econômica que já enfrenta uma crise estrutural, por falta de mercado e recessão da construção civil. E, entre o homem e a árvore, fico com o primeiro" ressalta Lemos.

"Ninguém faz tanto estardalhaço quando uma criança morre de fome, como se faz hoje com a derrubada de árvores", compara ele. Para Ademir Lemos, a substituição do gás derivado de carvão vegetal só é possível com a implantação de um gasoduto, que traria GLP do poço de Tubarão, no litoral sul do Paraná, até a região

Mandela vive dilema entre diálogo e radicalização

David Ottaway
The Washington Post

EDENDALE, África do Sul — Este é um momento difícil para Nelson Mandela. Saudado nos EUA como um "Moisés" da atualidade e, aqui, como "pai" da luta anti*apartheid*, o líder do movimento nacionalista negro Congresso Nacional Africano (CNA) vem tendo grande dificuldade para convencer seu povo de que as negociações com o governo de minoria branca são o melhor e mais rápido caminho para a Terra Prometida da liberdade.

Até agora, as conversações que tem mantido com o presidente Frederick de Klerk desde que foi libertado da prisão onde passou 27 anos, conseguiram poucos dividendos políticos, e, para muitos negros, a defesa que Mandela faz de De Klerk como "homem íntegro" começa a parecer uma coisa falsa.

De fato, os assessores de Mandela admitem que ele não tem conseguido do governo o que esperava, quando, em agosto passado, concordou em suspender a luta armada de 38 anos do CNA contra Pretória. Apesar da promessa de De Klerk de implementar reformas, membros presos do CNA só estão sendo libertados esporadicamente, poucos entre os cerca de 3.000 exilados tiveram permissão para voltar e acordos conseguidos num dia com Pretória parecem ser torpedeados no dia seguinte por interpretações conflitantes e pela rotina burocrática.

As dificuldades de Mandela ficaram patentes no dia 5 de outubro, quando ele se viu diante de uma multidão de 25.000 pessoas, em sua maioria radicais jovens e céticos, reunidas para saber por que ele continua falando sobre o futuro político do país com um governo que a maioria deles ainda vê como inimigo.

Mandela, prestando contas a seu povo sobre o andamento das negociações, falava aqui no Vale de Edendale, bem perto de Pietermaritzburg, onde, na primavera passada, morreram centenas de pessoas em lutas entre partidários do CNA e adeptos do Partido da Liberdade Inkata, do chefe zulu Mangosuthu Buthelezi.

Embora sua presença majestática e voz tonitroante dominassem a multidão, grande parte do público pareceu questionar sua lógica. Em um momento, acusava as agências de segurança governamentais de fomentar a violência aqui, na primavera passada, e nos distritos negros em torno de Johannesburgo, nos últimos meses. No momento seguinte, argumentava que, de qualquer maneira, as conversas com esse mesmo governo deviam continuar.

"Não permitirei que nada desvie o processo de paz", disse ele, provocando murmúrios de descontentamento. "Mas, ao mesmo tempo, devo confessar que tenho me perguntado se serve a algum objetivo útil eu manter discussões com De Klerk sobre o processo de paz neste país."

"Espera-se que eu seja a última pessoa a continuar discutindo com um governo que não consegue comprir seu dever de manter a lei e a ordem", declarou. Esse indício de interrupção das conversações provocou um dos poucos momentos de aplauso que Mandela recebeu. Para falar a verdade, Mandela e outros dirigentes do CNA têm encontrado crescentes dificuldades para responder à irritação reinante entre os negros e ao mesmo tempo honrar seu compromisso de negociar.

Enquanto isso, o CNA, que foi legalizado em fevereiro passado mas é há muito tempo a organização nacionalista negra mais popular da África do Sul, vem recebendo ataques de muitos setores, incluindo jovens radicais dos guetos, negros de classe média, brancos liberais, brancos da extrema-direita e até mesmo de suas organizações de base. A direita acusa essa organização de usar táticas de confronto; os centristas brancos e negros dizem que ela tem políticas ambíguas e liderança indecisa, e os radicais brancos e negros alegam que tem uma organização deficiente.

De fato, a violência política que tirou mais de 750 vidas nos guetos negros em volta de Johannesburgo, em agosto e setembro, parece ter pegado o CNA de surpresa e despreparado, deixando à mostra suas fraquezas e confusão interna.

AFP — 5/4/90
Mandela está sendo contestado

"Um CNA doente: Nelson Mandela tem a cura?" — é a manchete do último número do jornal mensal esquerdista *Work in Progress*. Sob a manchete, uma foto de Mandela olhando para uma vítima da violência numa cama de hospital. Na parte interna do jornal, um jovem organizador regional do CNA, Andrew Mapheto, critica violentamente o grupo por não ter ajudado seus partidários durante as violências.

"Falando francamente, nosso povo ficou sem a presença e a orientação de nossa liderança nacional no auge da crise", escreveu Mapheto. "A imagem de força que o movimento tinha criado através dos anos ficou prejudicada. Em vez disso, o povo sentiu que o CNA estava exibindo uma paralisia política e caíra na conversa fiada de De Klerk."

Os problemas do CNA parecem numerosos. Os líderes da velha guarda que estavam no exílio retornaram, mas não têm contato com as bases. Eles estão sendo contestados por uma nova liderança surgida de grupos anti*apartheid* pró-CNA, como a Frente Democrática Unida, uma coalizão de centenas de organizações que conduziram a luta dentro do país, desde meados dos anos 80.

Crescem as tensões entre as duas facções, à medida que se aproxima a primeira conferência nacional do CNA, marcada para 16 de dezembro, quando será eleita nova liderança e espera-se que muitos membros da velha guarda no Comitê Executivo Nacional sejam forçados a se aposentarem. Há também discussões tensas sobre se os líderes do Partido Comunista Sul-Africano devem continuar mantendo tantas cadeiras no Comitê Executivo, onde, segundo se informa, mais da metade dos 37 membros são comunistas declarados ou não declarados.

Dizem que facções adversárias do CNA estão em disputa para decidir se a luta armada deve ser suspensa, se os grupos de autodefesa dos guetos devem ser armados e se as conversações com o governo valem a pena.

Enquanto isso, o último esforço de recrutamento do CNA tem sido lento. Na região oeste do Cabo, que inclui a área densamente povoada da Cidade do Cabo, ele alistou apenas 18.000 membros, segundo números divulgados em setembro. Na área de Johannesburgo, o alistamento atingiu 35.000, com Soweto, que tem 2 milhões de negros, respondendo por apenas 14.000 deste total. Em Port Elizabeth, velha fortaleza do CNA, até agora só foram inscritos 20.000.

Embora não haja estatística disponível sobre essa participação em termos nacionais, é improvável que o número de membros ultrapasse de muito os 150.000, mesmo que centenas de milhares de pessoas tenham acorrido aos comícios do CNA em todo o país, desde sua legalização, e as pesquisas mostrem que é o franco favorito entre os 33 milhões de negros da África do Sul.

Em meio a essas dificuldades ergue-se Mandela, considerado o aglutinador da organização, mas também tachado de autoritário. Isto teria ficado claro nas táticas de força usadas para promover sua mulher, Winnie, a altas posições no CNA. Apesar de oito acusações contra ela, por seqüestrar e maltratar quatro jovens do gueto de Soweto, apesar da grande oposição à sua promoção, Mandela conseguiu nomeá-la chefe do departamento de assuntos sociais do CNA e elegê-la para o comitê executivo regional de Johannesburgo.

Porta-vozes do CNA reagem irritados às críticas. Steve Tshwete, organizador nacional do CNA, afirmou que Mandela era vítima de "expectativas exageradas". Segundo ele, todo mundo pensava que Mandela tinha uma varinha mágica para resolver imediatamente os problemas do país. "Não se pode construir uma poderosa infra-estrutura no país inteiro em sete meses, depois de estar na ilegalidade durante 30 anos."

Exército em crise vira bode expiatório na URSS

Jacques Laurent *
Le Monde

O Exército Vermelho, "filho querido da pátria", "carne da carne e sangue do sangue do povo", está em crise profunda, contestado, desmoralizado e complexado. Em artigos na imprensa, reuniões as mais diversas, discursos de deputados, os militares soviéticos são identificados como a fonte de todos os males. A derrocada econômica é em grande parte atribuída à prioridade que se deu durante 40 anos ao atendimento das necessidades das Forças Armadas. Até a depravação da juventude em certas unidades nas quais reina um clima violento (15.000 soldados mortos em atos de violência desde o início da *perestroika*, há cinco anos: mais que em 10 anos de guerra no Afeganistão) é considerada uma prova da incapacidade do Exército de cumprir seu papel educativo.

Em conseqüência da desmoralização da instituição militar e do surgimento de idéias pacifistas — no clima internacional de *détente* —, os jovens tentam cada vez mais escapar a suas obrigações militares. São, nisto, ajudados pelos pais, médicos, autoridades locais e até organizações que deveriam precisamente estimular o patriotismo, como a Juventude Comunista. O prestígio do uniforme é coisa do passado, e o recrutamento de candidatos às escolas militares diminui em quantidade e qualidade.

Vergonha — Depois da retirada do Afeganistão, os militares soviéticos ficaram ainda mais complexados com o desmoronamento do Pacto de Varsóvia e mais uma série de retiradas, quase vergonhosas, em meio à hostilidade das populações *aliadas*. Mas a hostilidade se repete no interior das próprias fronteiras da URSS. Na maioria das repúblicas soviéticas, os militares soviéticos são tratados como *ocupantes*, submetidos a afrontas das autoridades locais e até a agressões físicas (85 assassinatos em 1989, 21 mortos e quase 200 feridos no primeiro semestre de 1990), além de conviverem com embriões de exércitos nacionais irregulares, constituídos de desertores.

A redução das verbas das Forças Armadas, imposta pelo presidente Mikhail Gorbachev unilateralmente ou no contexto de acordos internacionais de desarmamento, é aplicada com certa resistência pelos comandos. A eliminação de certos equipamentos será feita sem dificuldades: são materiais superabundantes, estocados em condições deploráveis, às vezes velhos, não raro de má qualidade. Mas a redução dos efetivos apresenta problemas consideráveis, pois eles já não são suficientes, em quantidade e qualidade, para as necessidades das unidades operacionais das forças terrestres e da Marinha (serviços como os de guarda dos pontos sensíveis do imenso território absorvem cada vez mais pessoal, em detrimento da instrução militar).

As Forças Armadas soviéticas têm atualmente, segundo o Ministério da Defesa, um contingente de 4,2 milhões de homens, que serão reduzidos a 3,7 milhões. No recrutamento, já existe um déficit de 400 mil homens, devido em parte à deserção, mas também às dificuldades de seleção dos jovens aptos para o serviço. Assim, só 49% do contingente previsto é efetivamente convocado anualmente. Os estudantes ficaram isentos do serviço militar, graças a uma decisão tomada quase às escondidas, em 1989, pelo governo e os deputados, para grande irritação dos militares. Para compensar, são convocados até deficientes físicos e jovens que já foram condenados (43 mil em 1989).

Queixas — Mal amados, enfrentando missões impossíveis, os quadros do Exército descobrem também que vivem em condições bem mesquinhas. Todo mundo os julgava privilegiados, com direitos e vantagens inalienáveis, mas eles se dão conta de que as leis para sua proteção social nunca existiram. Em conseqüência da redução de efetivos decidida unilateralmente por Gorbachev, 100 mil estão sendo "reformados", sem que se previsse sua reinserção social (residência e profissão). Para os que ficam, as queixas são muitas: salário único, quando as autoridades locais recusam-se a dar trabalho às mulheres de oficiais (é rápida então a passagem para além do *limite da miséria*: 70 rublos por membro de uma família), ausência de creches ou escolas, dramática escassez de habitações (200 mil famílias de oficiais sem residência garantida).

Enquanto o partido, monolítico, não era contestado em seu papel dirigente, a insatisfação decorrente dessas condições não apresentava problemas. Suas ordens sem apelação eram transmitidas por diferentes meios, a começar pelos chamados "órgãos políticos", constituídos de oficiais formados em escolas particulares e fazendo carreira na hierarquia política. A presença incontornável do partido manifestava-se também no fato de a maioria dos oficiais (todos a partir do grau de tenente-coronel) serem membros do partido e na constante agitação das células de base, comitês, etc.

Hoje, é difícil avaliar com precisão o equilíbrio de forças e as divisões políticas. Para o comandante Vladimir Lopatin — um dos muitos oficiais eleitos deputados, mas excluído do partido por suas idéias avançadas —, o Exército está dividido entre duas tendências, uma democrática e outra totalitária. Segundo ele, mesmo certos generais exigem que o Exército fuja a qualquer controle do partido. Mas as aspirações mais democráticas manifestam-se nas gerações jovem e intermediária.

Poder — O grande debate entre reformistas e conservadores diz respeito à *despolitização* do Exército. Para os reformistas, a situação é clara: o partido renunciou legalmente ao monopólio do poder, em benefício das instituições governamentais, e as Forças Armadas devem portanto submeter-se à nova ordem. Mas elas continuam sendo manipuladas pelo partido, inclusive — prosseguem os reformistas — como instrumento de força dos ortodoxos na luta pelo poder. Numa situação de multipartidarismo, conclui o raciocínio, todo e qualquer partido terá o direito de exigir suas próprias organizações dentro das Forças Armadas, que assim deixariam de ser um instrumento normal de estabilidade, para se transformarem em objeto da luta pelo poder.

O ponto de vista oposto, da hierarquia militar, foi exposto em artigo publicado pelo general Chliaga, chefe da direção política, no dia 7 de julho: "O trabalho nas Forças Armadas deve basear-se na regra marxista-leninista segundo a qual o Exército foi e continua sendo o instrumento do Estado soviético, o instrumento de sua política. Lênin qualificava de mentira ignóbil e hipocrisia os apelos à neutralidade política do Exército nas questões de Estado. Estou profundamente convencido de que o partido, como vanguarda política de nossa sociedade, não deve sair do Exército."

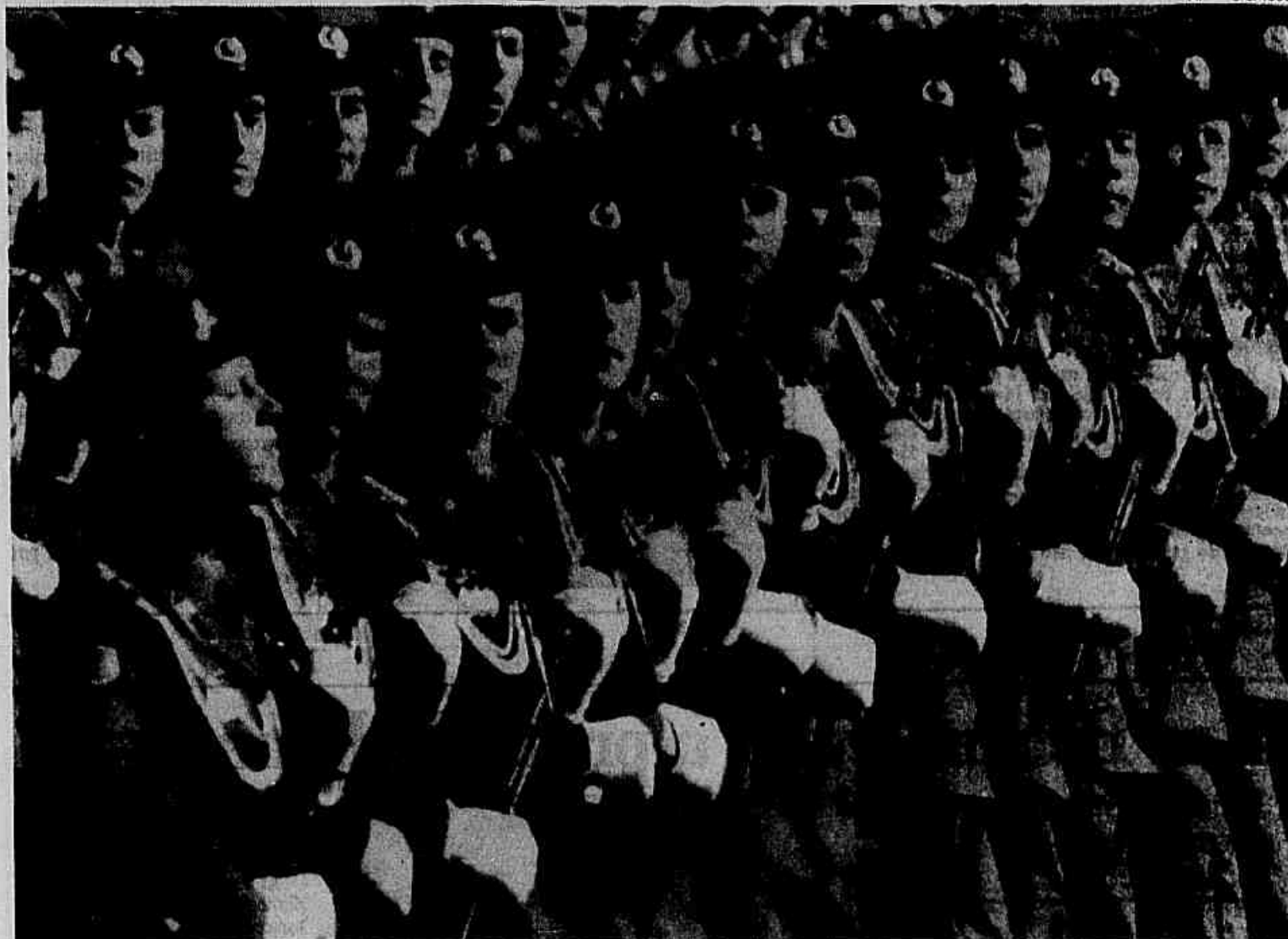
Boatos — A nova orientação — prevista no Congresso recente do PC e confirmada por decreto do presidente Gorbachev — consiste em distinguir melhor os papéis respectivos dos "órgãos políticos" (oficiais políticos encarregados de aplicar as ordens de sua direção) e das "organizações do partido". Estas últimas, constituídas por eleições a partir das bases, se encarregarão do trabalho propriamente político do partido dentro das Forças Armadas, enquanto aos *oficiais políticos* caberão tarefas mais técnicas (ideologia, educação política, cultura, imprensa e informação, disciplina).

Cabe perguntar se o crescente controle das Forças Armadas pelo partido, a partir do Congresso de julho, tem a ver com os boatos de golpe militar que percorrem Moscou nos últimos meses. Esses boatos foram suficientemente fortes para que os mais altos chefes militares — inclusive o ministro da Defesa, Dmitri Yazov — julgassem necessário expressar publicamente sua lealdade e demonstrar a impossibilidade teórica de uma tentativa de golpe.

A argumentação do general Yazov é fraca: um golpe de Estado na URSS seria impossível porque "ninguém no Exército se oporia ao povo", "os generais, almirantes e brigadeiros formaram-se como comunistas convictos", etc. É verdade que os atuais chefes militares — a maioria dos quais foi nomeada na era Gorbachev — não devem sentir-se tentados a se fazerem de árbitros numa situação político-econômica tão difícil, e até desesperada. Parece-lhes sem dúvida mais sensato formar um núcleo conservador, manter-se como o último recurso do presidente e ao mesmo tempo abaixar a cabeça ante suas críticas e exercer uma relativa pressão sobre suas decisões — para salvar o que ainda é possível salvar de seus privilégios, defender os valores do patriotismo, etc.

Permanece no entanto a possibilidade de um golpe fomentado por um grupo de oficiais — particularmente os mais jovens — na tradição da Rússia do século 18, apoiando alguma *igrejinha* política dentro ou fora do partido. Um golpe nessas condições poderia ser bem-sucedido regionalmente, dadas as atuais desordens em diferentes repúblicas, mas a divisão administrativa do país tornaria problemática sua extensão. A única certeza seria um caos político ainda maior.

* O general Jacques Laurent foi adido militar da França em Moscou

AP — 9/5/1990

A pompa nos desfiles continua a mesma mas o Exército já não é mais motivo de orgulho nacional

Em debate, a nova missão dos militares

Desde a chegada de Mikhail Gorbachev ao poder, em 1985, o comando militar adotou meio contra a vontade a nova linguagem da democratização, da transparência (*glasnost*) e da reestruturação (*perestroika*). Em 1987, aproveitando o escândalo provocado pela aterrissagem de um avião de turismo alemão na Praça Vermelha, o secretário-geral começou a encurtar as rédeas de seus militares. Mas só em 1988, na 19ª conferência do partido, é que foram definidas as linhas gerais da "reestruturação" das Forças Armadas.

Como para torná-la irreversível e impor-se à hierarquia militar, Gorbachev aproveitou a Assembléia Geral da ONU em setembro do mesmo ano para anunciar de surpresa a redução dos efetivos em 500 mil homens, dos quais 100 mil oficiais. Somente no início deste ano, no entanto, surgiram na terminologia oficial expressões como "reforma militar" e "reforma militar radical".

Esta dramatização e a necessidade de acelerar as mudanças foram provocadas por acontecimentos imprevisíveis: a radical transformação na Europa Oriental, impondo a retirada das tropas soviéticas, a rebeldia étnica e nacionalista nas repúblicas da URSS, a contestação do papel dirigente do partido, o agravamento da situação econômica.

Em meio a acirrados debates entre militares e especialistas civis, e entre os próprios militares — com a alta hierarquia adotando uma posição extremamente conservadora —, projetos de lei sobre a defesa, o serviço militar e a proteção social dos militares foram encaminhados e serão debatidos no Soviete Supremo ainda este ano. No centro do debate, a questão do tipo de Exército a ser adotado.

Exército de reservistas, como atualmente, ou Exército profissional? Manter o sistema de Exército "internacionalista" da União (militares de todas as nacionalidades da URSS nas diferentes unidades), combinado à regra da "extraterritorialidade" (todo recruta pode servir fora de sua república)? Ou optar pela formação de "milícias" ou "exércitos nacionais", submetidos a cada república, recrutados e empregados localmente e apenas coordenados pela União?

Os altos dirigentes militares lutam pela manutenção do *status quo*, argumentando que um Exército profissional não lhes permitiria cumprir uma das principais tarefas determinadas pelo partido: formar a consciência da juventude, no espírito do comunismo e do internacionalismo. Além disso, ele custaria mais caro, e sobretudo impossibilitaria o cumprimento de todas as missões. As unidades muito técnicas ganhariam em eficiência, mas as características geo-estratégicas da União Soviética exigem efetivos muito numerosos, que o Exército profissional não poderia sustentar. Finalmente, poderia haver carência de voluntários, dado o caráter pouco atraente da profissão!

Já os reformadores são partidários de um Exército de profissionais (o que não quer dizer "mercenários", frisam), justamente por razões de eficiência. Ao lado desse Exército profissional, preconizam a criação de unidades especiais de instrução, que formariam em prazo curto os reservistas para os grandes batalhões necessários em tempo de guerra. Enquanto se debate, serão feitas em breve experiências de contratos de curta duração na Marinha, a 150 rublos por mês.

Também se estuda uma redução da duração do serviço militar obrigatório, de 24 para 18 meses (de três para dois anos na Marinha). Uma tal medida implicaria em cortes de 15% do pessoal nos órgãos de direção, de 30% entre os generais e de 35% nas escolas militares. As unidades paramilitares de construção que trabalham para os ministérios civis seriam suprimidas.

O alto comando resiste ainda mais à idéia das milícias nacionais, apontando para os riscos de desintegração do Estado central e explosão em cadeia dos conflitos étnicos. Argumenta também que o acantonamento das unidades dentro das fronteiras nacionais de cada república acarretaria um contra-senso estratégico para a União, pois as mais numerosas ficariam estacionadas nas fronteiras menos vulneráveis, e vice-versa.

Já os oficiais jovens mais ousados ponderam que essas milícias já existem *de facto*, e que seria melhor reconhecê-lo na prática. Os acontecimentos recentes parecem dar-lhes razão. Em julho, o parlamento da Bielorrússia proclamou o direito de a república constituir suas próprias Forças Armadas. Em agosto, o da Ucrânia determinou a repatriação dos ucranianos servindo fora da república. Mas as resoluções finais do 28º Congresso do PCUS reafirmaram pouco depois o princípio do Exército multinacional.

Resta a questão da "doutrina militar" estratégica, que desde 1987 vem sendo adaptada aos novos princípios estabelecidos pelo partido e o Conselho de Defesa. A nova doutrina se diz, como a anterior, "radicalmente defensiva". A diferença está em que "defensivo" antes implicava na manutenção de meios ofensivos consideráveis, para "esmagar o agressor" e ocupar seu território. Atualmente a estratégia militar soviética se estaria tornando realmente defensiva, e, com ela, o dispositivo militar: menos tanques, menos aviões de combate, mais mísseis anti-tanques e anti-aéreos. Essas forças armadas se destinariam a "prevenir a guerra", assim como as armas nucleares estratégicas, em número reduzido e com finalidade puramente dissuasiva.

Intensificam-se enquanto isto os debates entre civis e militares sobre a existência ou não de uma ameaça militar externa. Uns e outros concordam apenas em que a redução quantitativa dos meios militares não deve afetar a capacidade defensiva do país, sendo compensada por uma melhora qualitativa. A mudança de doutrina deve portanto traduzir-se numa completa revolução de todo o setor: tática e estratégia militares, organização e estrutura das Forças Armadas, armas e equipamentos, regulamentos. Segundo o ministro da Defesa, marechal Dmitri Yazov, serão necessários 10 anos para empreender uma tal revolução. Até lá, no entanto, outras revoluções — de uma outra natureza, e menos planejadas — certamente virão entravar o desenrolar harmonioso dessa "reforma militar radical". (J. L.)

Reuters — 16/10/90

Mães soviéticas protestam contra a morte de seus filhos no Afeganistão, nas repúblicas rebeladas do Azerbaijão e da Armênia, ou nas próprias fileiras, em incidentes violentos entre os próprios militares

Uma contabilidade próxima do caos

O papel desempenhado pelas Forças Armadas na economia soviética está sendo submetido à mais ampla revisão. Para os reformistas, a primeira razão de uma profunda reforma militar é "a militarização da economia e a ditadura exercida pelo complexo industrial-militar".

Quanto gastam os soviéticos com a defesa? Falou-se durante muito tempo de 20 bilhões de rublos, fala-se hoje de 70 bilhões. Ultimamente vêm surgindo na imprensa outros números: 150, 200, 300 bilhões. A direção do país não responde, não porque não queira, mas porque não sabe.

O orçamento militar oficial para 1990 foi fixado em 71 bilhões de rublos, 8% menos que em 1989. Ele representaria 11% do PIB, mas seria ilusório tentar uma comparação com os orçamentos de defesa ocidentais, dada a inexistência, na União Soviética, do conceito de custo líquido. Apresentado em 1989 em diferentes capítulos, este orçamento é curiosamente desequilibrado: dois terços para os equipamentos, um terço para o funcionamento — o inverso do orçamento americano.

Esta relativa fraqueza do orçamento de funcionamento dos exércitos é mais um obstáculo à concretização das reformas econômicas. Por um lado, as Forças Armadas atendem elas mesmas a uma parte de suas necessidades, fora do circuito econômico normal: a totalidade dos uniformes e roupas sai de suas próprias fábricas; "fazendas militares" diretamente administradas por unidades, escolas e estados-maiores fornecem o equivalente a de três a quatro meses por ano da alimentação para todas as Forças Armadas.

Por outro lado, unidades especializadas do Exército constroem anualmente dezenas de milhares de habitações, para militares e civis. Outras unidades constroem estradas e ferrovias. Todo ano, a colheita de cereais é uma verdadeira operação militar, envolvendo dezenas de milhares de homens e veículos. Todas essas operações são fonte de lucros mais ou menos lícitos, que aliviam os custos de funcionamento, mas falseiam toda e qualquer contabilidade. Pode-se imaginar o problema que será integrar tudo isto na sonhada "economia de mercado".

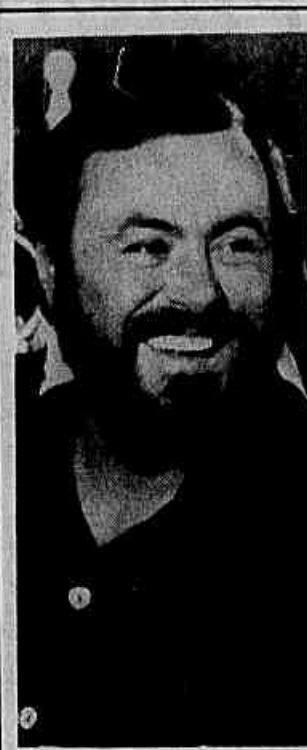
Já se anuncia a reconversão de uma parte das indústrias de defesa para a produção de bens de consumo. Dado o gigantismo que caracterizava a fabricação de armas, no entanto, tal reconversão só pode ser feita progressivamente, o que vai de encontro aos projetos de desarmamento e explica que a produção de armas e equipamentos não seja em muitos casos interrompida (dificilmente se interrompe a fabricação de um porta-aviões, por exemplo). (J.L.)

INFORME / Internacional

Castelo político

Um castelo do século 14 em Praga, Tcheco-Eslováquia, vai abrigar uma nova geração de políticos, empresários e acadêmicos do Leste europeu. Trata-se do novo Centro de Estudos Europeus, criado pelas autoridades tchecas e pelo Instituto de Estudos sobre Segurança Leste-Oeste, baseado em Nova Iorque e mantido por organizações filantrópicas americanas. O centro de Praga servirá como local de encontro entre participantes do Ocidente e do Leste, e como centro de pesquisa ligado a parlamentos, universidades e instituições comerciais na Europa e nos EUA. "O objetivo é, entre outros, atrair dirigentes do Leste europeu que estarão lidando com questões reais de sobrevivência numa nova economia de mercado", afirmou John Mroz, presidente do novo instituto.

Melodrama

Em entrevista a uma emissora de televisão privada italiana, Luca Bonini, hoje com 14 anos, neto predileto do ex-estadista Aldo Moro, comentou com poucas palavras as comoventes e carinhosas cartas que lhe foram escritas pelo avô há 12 anos, em seus últimos 55 dias de vida, vividos como prisioneiro e refém das Brigadas Vermelhas. "Você leu as cartas que o vovô escreveu naqueles dias dramáticos? O que achou delas; você se emocionou?", perguntou o entrevistador a Luca. Resposta fulminante do garotão:"Li e não gostei. São melosas demais"

Caprichos do tenor

Luciano Pavarotti (foto), o famoso tenor italiano, tem suas manias. Não gosta de quartos esfumaçados ou degraus que não sejam os do palco. Quando faz reservas em um hotel a decoração do quarto tem que ser em tons brilhantes, a cama tem que ser de casal e bem larga, as telas de televisão bem grandes para ver fitas de filmes italianos. E os caprichos não páram aí. Quando desembarca do avião no aeroporto, Pavarotti exige um carro de golfe elétrico para levá-lo pela pista até a limusine.

Ingresso caro

A Argentina deverá pagar caro seu ingresso ao primeiro mundo. Ao se reunir com o rei Fahd, da Arábia Saudita em Riyad, na semana passada, o chanceler Domingo Cavallo foi informado que os dois barcos enviados pelos presidente Carlos Menem ao Golfo Pérsico serão abastecidos de víveres e combustível pelos países árabes e ocidentais que participam do bloqueio ao Iraque. Quando decidiu enviar os barcos ao golfo, o ministro Cavallo garantiu que a operação não custaria nada à Argentina e que os 22 milhões de dólares necessários para financiá-la sairiam de um "fundo internacional" criado pela ONU. O ministro disse também, na época, que esta era a maneira de a Argentina ingressar no Primeiro Mundo. Agora ele tenta pelo menos recuperar o US$ 1,5 milhão de dólares que os dois barcos, que nestas alturas navegam pelo Mediterrâneo, gastaram por conta.

Homenagem silenciosa

Nos seus 212 anos de existência, poucas vezes o legendário teatro Scala de Milão viveu momento mais comovente como o do concerto da última quinta-feira em que o Philharmonia Chorus de Londres, dirigido pelo maestro Carlo Maria Giulini, executou a Missa em si menor de Bach, em homenagem ao grande músico, compositor e regente Leonard Bernstein, morto recentemente. Ao começar concerto um locutor de voz grave pediu a todos que não aplaudissem a execução da Missa de Bach. Depois de duas horas e um quarto de execução perfeita, alguns espectadores ainda tentaram desobedecer ao apelo, comandando um aplauso emocionado. A tentativa foi imediatamente desencorajada por um gesto enérgico do maestro Giulini. O público deixou a sala em absoluto silêncio, convencido de ter vivido uma noite memorável do Scala.

Para cachorro

O primeiro alimento enlatado para cachorros — *Dick* — foi colocado à venda nas lojas de animais da União Soviética. "Esperamos com isso aliviar as tensões causadas pela escassez de carne", comentou um funcionário da fábrica, uma empresa mista austríaca-soviética. "Atualmente", explicou, "os cachorros estão comendo a mesma carne que as pessoas".

Comunistas hoje

No momento em que o adjetivo comunista se tornou um *palavrão* repudiado e abandonado até mesmo pelo Partido Comunista Italiano, uma das menores e mais agressivas forças políticas da Itália decidiu tentar nadar contra a corrente. Trata-se da aguerrida Democracia Proletária (DP), que em 1987 elegeu oito deputados nacionais e um senador. No mesmo dia em que o secretário do ex-PCI, Achille Occhetto, apresentou o novo nome — Partido Democrático da Esquerda —, a pequena e atrevida DP comunicou que, para satisfazer os velhos comunistas italianos que se sentem órfãos, está decidida a acrescentar à sua legenda dois mágicos qualificativos: comunista e não violento. O primeiro passo dessa reforma já foi dado: está para sair o primeiro número de uma revista editada pela DP que terá como título: *Comunisti oggi* (comunistas hoje).

Regina Zappa, com correspondentes

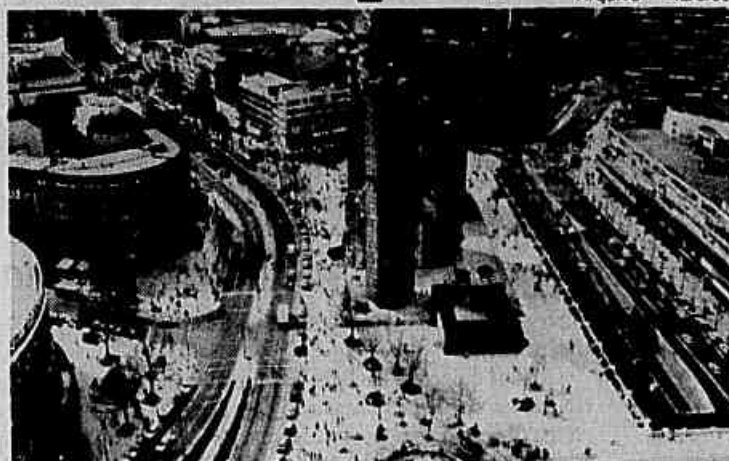
Em Berlim, tudo a preço de banana

Vende-se estoque guardado em subterrâneo

Silvio Ferraz
Correspondente

PARIS - Quem quer comprar chucrute, 500 mil toneladas de víveres, 1,6 milhão de toneladas de carvão, frutas secas, latas de peixes, câmaras para pneus de bicicletas, 17 milhões de sabonetes e até mesmo chinelas felpudas? Os interessados podem se dirigir a Berlim, onde o governo promove uma grande liqüidação. Não se trata, no entanto, de nenhuma estatal mudando de ramo e torrando os estoques. O próprio governo alemão mantinha, há 40 anos, esta quantidade imensa de produtos no subsolo da cidade, para eventualmente enfrentar um cerco dos comunistas.

Como a guerra fria acabou e a Alemanha se unificou, não há mais porque manter em funcionamento esta espécie de supermercado subterrâneo nos *bunkers* nos quatro cantos de Berlim, abastecido a cada ano com uma generosa dotação orçamentária de 100 milhões de marcos. Os contribuintes, no entanto, não poderão ser penalizados com uma liqüidação louca. "Os preços para a revenda serão estabelecidos de forma a que o governo e os contribuintes nada percam", garante Wilhelm

Arquivo — 12/8/90

Berlim guarda um estoque estratégico no subsolo

Burckardt, há 10 anos controlando o equilíbrio desse estoque secreto.

Traumatizados com o célebre bloqueio de Berlim em 1948 — quando a cidade foi cercada pelos blindados soviéticos e só suprida de gêneros graças a uma gigantesca ponte-aérea organizada pelos demais aliados —, os alemães decidiram, desde essa época, concentrar víveres e combustível para que seus habitantes pudessem passar um ano privados de abastecimento.

A lista dos produtos necessários para um estoque estratégico dessa natureza e magnitude não foi fácil de ser elaborada. Mesmo assim, um pequeno grupo de trabalho - agindo sob absoluto segredo - organizou as compras e a estocagem em quatro grandes *bunkers*. Até poucos dias antes da reunificação alemã, este estoque era vigiado por 90 funcionários, sempre em total segredo.

"Os *bunkers* são perfeitos para estocagem, pois tanto no inverno como no verão conservam uma temperatura estável", afirma Burckardt. Isso foi importante para a conservação de milhares de toneladas de chucrute, frutas secas, café e chocolate. Em alguns casos, esses estoques eram renovados a cada três meses. "Ao longo dos anos, os hábitos foram mudando e nós mudamos também o perfil de nosso estoque. Assim, já não havia mais sentido em estocar câmaras de pneus de bicicletas. A campanha contra o alcoolismo nos fez também deixar de estocar vinho", revela o funcionário.

As últimas cartas de racionamento distribuídas aos moradores da cidade conservam o mesmo desenho das utilizadas durante o período do pós-guerra. A única e importante mudança foi na quantidade de calorias. Se, nos duros tempos do pós-guerra, os moradores tinham direito ao equivalente a 1.800 calorias por pessoa, ultimamente os números eram mais generosos: cada um podia consumir 2.900 calorias.

Como liqüidar o estoque? No governo, esta questão dividiu gregos e troianos. De um lado, os filantropos, que queriam distribuir os estoques gratuitamente. De outro, os realistas, que defendiam o bolso do contribuinte que, durante todos estes anos, sustentou com seu imposto essa enorme operação salva-vidas. "Eles não podem ser prejudicados", frisa o encarregado.

Assim, a solução foi atualizar os preços de compra e aplicar um desconto. Tudo sairá a preço de custo e os cofres públicos — os contribuintes, em última análise — ressarcidos. Há produtos de mais fácil liqüidação. É o caso dos pepinos, com larga procura principalmente pelos ex-alemães do Leste. O difícil será liqüidar as gigantescas reservas de carvão para aquecimento. "Acho que precisaremos de uns 10 anos para esvaziar completamente o *bunker*", acredita Burckardt.

Seqüestros mobilizam famílias na Argentina

Mauricio Cardoso
Correspondente

BUENOS AIRES - Dois anúncios chamaram a atenção dos leitores dos principais jornais da capital argentina na última terça-feira. No primeiro lia-se: "Rodolfo Clutterbuck. Será amplamente gratificada toda informação concreta e fidedigna sobre seu paradeiro e situação atual. Garantimos absoluta reserva. Cartas à caixa postal 1510". O outro anúncio, mais extenso, era também mais explícito: "Hoje completa-se dois anos do seqüestro de nosso querido Ralph. Nesta data tão especial, queremos expressar nosso mais firme desejo e esperança de que se esclareça este triste acontecimento o quanto antes".

Rodolfo Clutterbuck, ex-vice-presidente da Alpargatas argentina, foi seqüestrado no dia 16 de outubro de 1988. Era domingo e o carro em que Clutterbuck se dirigia para o clube de golfo San Andrés foi interceptado por um grupo de pessoas armadas que viajavam em dois outros veículos. Os seqüestradores entraram imediatamente em contato com a família exigindo o pagamento de um resgate. Em telefonemas curtos, de 15 a 20 segundos de duração, os contatos alimentaram as esperanças da família de recuperar o seqüestrado.

Seguindo instruções dos anônimos interlocutores telefônicos, houve uma tentativa de pagar o resgate numa operação semelhante aos jogos de caça ao tesouro das gincanas. Mas, num dos postos do circuito indicado, a cadeia de mensagens se cortou e não foi possível concluir a operação. Na primeira semana de janeiro também se interromperam os contatos telefônicos com os seqüestradores. Desde então, a família Clutterbuck passou a viver a terrível incerteza sobre o que aconteceu ou está acontecendo com Rodolfo.

A Justiça e a polícia continuam investigando o caso e a família segue recolhendo informações que ajudem a esclarecê-lo. Há dois meses foi preso em Entre Rios, Hector Carricart, autor das cartas enviadas a um jornal de Concepción del Uruguay exigindo o pagamento de resgate para a liberação do empresário. Carricart foi preso mas aparentemente não tinha nada a ver com o seqüestro. Era apenas um chantagista barato. O pai e a mulher de Rodolfo parecem esperar vê-lo ainda com vida. Seu filho Alan não alimenta mais ilusões. "As probabilidades de que esteja vivo são de 5%", calcula. "Mas o mínimo que podemos pedir é que se o mataram efetivamente nos façam saber para enterrá-lo e despedirmonos dele como merece uma pessoa querida".

A crônica policial argentina registra uma série de casos semelhantes ao de Clutterbuck nos últimos 15 anos. Esclarecidos tardiamente, eles coincidiam em um ponto — o hábito dos seqüestradores de liqüidar suas vítimas antes ou depois de embolsar o resgate.

Na década passada duas quadrilhas de seqüestradores, aparentemente sem relação uma com a outra, atuaram ativamente na Argentina. Foram responsáveis por seis seqüestros que renderam, em seu conjunto, US$ 1,55 milhão. Todas as vítimas foram executadas e suas histórias somente puderam ser contadas a partir de dezembro de 1988.

Marta Ohyanarte de Sivak nunca deixou de lutar para esclarecer o caso de seu marido, o empresário Osvaldo Sivak, seqüestrado pela segunda vez em 1985. Ajudada pelo acaso, sua persistência levou a polícia a colocar as mãos na quadrilha comandada por Roberto Bulleti, responsável também pelos seqüestros dos empresários Eduardo Oxemford, em 1978 e de Benjamin Neuman, em 1982. A quadrilha, integrada por oito agentes da polícia federal, recebeu US$ 1,4 milhão. Mas tinha por hábito eliminar a vítima no mesmo dia em que cobrava o preço de sua liberdade.

A outra quadrilha, comandada por Arquimedes Puccio e seu filho Alejandro, era ainda mais sinistra e tinha o costume de escolher suas vítimas entre pessoas conhecidas. Algumas delas foram mantidas em cativeiro dentro da própria casa em que morava a família Puccio. Eles pareciam gostar do risco e só isso explica o fato de escolher empresários médios ou pequenos e cobrar resgates relativamente baratos, o que os obrigava a reincidir. Os Puccio receberam US$ 150 mil pelos seqüestros dos empresários Ricardo Manoukian e Eduardo Aulet. E os assassinaram. Mas eram pouco competentes para cometer seus crimes. Desta maneira, matou Emilio Naum no momento em que tentava seqüestrá-lo.

Procura-se Jazmin, 6 anos

Quem viu um homem aparentando 50 anos, 1,80m, cabelos grisalhos, holandês de nascimento, falando vários idiomas e acompanhado de uma menina de seis anos, loura e de olhos azuis, favor ligar a cobrar para o número 250113, em Mendoza, na Argentina. Ainda que não seja vítima de um seqüestro clássico, Laura Bromberg também está vivendo uma dramática procura, comparável à da família Clutterbuck. Ela busca Jazmin Wuyts, sua filha de seis anos, que saiu de casa na companhia do pai Wilhelmus Wuyts no dia 6 de julho de 1989 e não mais voltou nem deu notícias. De acordo com a polícia, esta é uma história muito mais freqüente do que parece — pais separados que desaparecem levando os filhos.

Laura e Wilhelmus se separaram há quatro anos. Ela ficou com a filha Jazmin e ele a visitava regularmente. Em julho de 89, Wilhelmus apareceu em casa de Laura dizendo que ia levar Jazmin de férias a Bariloche. Nesta mesma noite, Laura ainda pode comunicar-se com eles que estavam num hotel em Neuquen. Os dois jamais chegaram a Bariloche e nunca mais Laura soube notícias deles.

Sem poder disfarçar completamente o desânimo, ela está há 18 meses lutando para encontrar alguma pista da filha. "A única coisa que quero é ter alguma notícia dela, saber que está bem", diz Laura. Ela já passou pelos tribunais, delegacias de polícia, departamentos de imigração, postos de fronteira, Interpol. Espalhou cartazes com as fotos e dados de pai e filha, publicou anúncios nos jornais, conversou com todas as pessoas que poderiam lhe dar alguma informação.

Já viajou ao Chile e se prepara para ir a Salta, no norte do país, verificar pistas. Socorreu-se com as Avós de Praça de Maio, especialistas em localizar desaparecidos impossíveis de serem encontrados. Mas até agora nada. Desconfia que possam estar no Peru ou no Praguai. Ou no Brasil, um país vasto e fácil de escon-

OS BARATOS DO LEO

LANÇAMENTOS GRADIENTE COM OS MENORES PREÇOS

FITA CASSETE GN 60

GRÁTIS Na compra de 10 fitas, 1 estojo Leo de 10 fitas.

Alta Fidelidade.
Maior Durabilidade.
Som Puro e Fiel.

MATCH MS-50

- □ Potência de 80W PMPO
- □ Tuner analógico FM/AM
- □ Equalizador gráfico de 3 faixas
- □ Cassette-deck
- □ Caixas acústicas (BS-75)
- □ Toca-discos com sistema de tração Belt-Drive

À VISTA 25.999, ou 1+3 de 10.029, TOTAL: 40.116

SMASH MS-100

- □ Potência de 80W PMPO
- □ Tuner analógico FM/AM/TV1/TV2
- □ Cassette-deck
- □ Toca-discos com sistema de tração Belt-Drive
- □ Caixas acústicas (BS-75)

À VISTA 27.999, ou 1+3 de 10.781, TOTAL: 43.124

STRIKE MS-200

RACK OPCIONAL

- □ Toca-discos com sistema de tração Belt-Drive
- □ Equalizador gráfico de 3 faixas
- □ Karaokê (Mic-Mixing)
- □ Duplo Cassette-deck
- □ Potência de 80W PMPO
- □ Tuner analógico FM/AM/TV1/TV2
- □ Caixas acústicas (BS-85)

À VISTA 39.999, ou 1+3 de 15.295, TOTAL: 61.180

STRIKE AUTO REVERSE MS-300

- □ Potência de 80W PMPO
- □ Tuner analógico FM/AM/TV1/TV2
- □ Equalizador gráfico de 5 faixas
- □ Karaokê (Mic-Mixing)
- □ Duplo Cassette-deck
- □ Toca-discos com sistema de tração Belt-Drive
- □ Caixas acústicas (GS-1)

À VISTA 45.999, ou 1+3 de 17.552, TOTAL: 70.208

TARGET DS-500

- □ Potência de 80W PMPO
- □ Controle remoto
- □ Equalizador gráfico de 3 faixas
- □ Karaokê (Mic-Mixing)
- □ Duplo Cassette-deck
- □ Toca-discos com sistema de tração Belt-Drive
- □ Caixas acústicas (GS-1), sistema Bass-Reflex

À VISTA 51.999, ou 1+3 de 19.809, TOTAL: 79.236

Conquest Matrix

- □ Potência de 135 W PMPO
- □ Controle remoto infravermelho
- □ Mic-Mixing (Karaokê)
- □ Duplo cassette-deck
- □ Toca-discos Belt-Drive
- □ Caixas acústicas BS-125

À VISTA 79.999, ou 1+3 de 30.342, TOTAL: 121.368

Conquest Turbo

- □ Potência de 800W PMPO
- □ Controle remoto infravermelho
- □ Sintonia automática digital
- □ Caixas acústicas BT-150
- □ Duplo cassette-deck
- □ Toca-discos Belt-Drive

À VISTA 95.999, ou 1+3 de 36.360, TOTAL: 145.440

CÂMERA DE VÍDEO VideoMaker GC-160-C

Zoom com aproximação de 8 vezes
Display de cristal líquido
Sensibilidade de 8 Lux
Inserção de Data e Horário
Sistema Fade In, Fade Out
Padrão VHS-C
Peso 1,2 Kg

À VISTA 188.600, ou 1+3 de 71.194, TOTAL: 284.776

CÂMARA DE VÍDEO MovieMaker GC-80

A filmadora que também é vídeo.
Liga direto na TV.
Simples, leve, compacta e prática.

À VISTA 188.600, ou 1+3 de 71.194, TOTAL: 284.776

FITA PARA VIDEOCASSETE T 120

Alto padrão de qualidade.

APENAS 639,

STEREO VIDEO SYSTEM IMPACT!

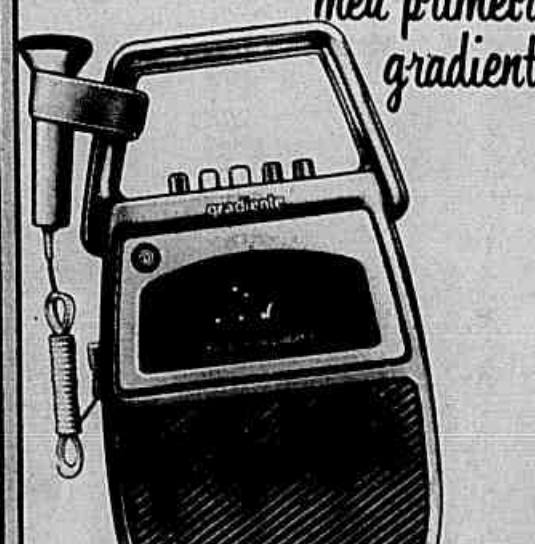
Real Stereo Video Cassette Recorder SV-21

Amplificador estéreo com 90W PMPO de potência
controle remoto sem fio
2 caixas acústicas
Sistema Bass-Reflex.

À VISTA 79.999, ou 1+3 de 30.342, TOTAL: 121.368

EXPERT Plus

- □ Sistema MSX
- □ 80 Kbytes de memória RAM e 32 Kbytes de ROM

À VISTA 42.999, ou 1+3 de 16.424, TOTAL: 65.696

MPG-2 meu primeiro gradiente

- □ Rádio Gravador Estéreo
- □ Tuner AM/FM com controle automático de freqüência (AFC)
- □ Cassette-deck com Auto-Stop
- □ Karaokê (Mic-Mixing)
- □ Amplificador de voz

À VISTA 19.999, ou 1+3 de 7.772, TOTAL: 31.088

meu primeiro gradiente

Gravador e Karaokê.
Amplificador de voz.
Microfone de mão.

À VISTA 9.999, ou 1+3 de 4.010, TOTAL: 16.040

ESOTECH-AV AVS-3.0

- □ Receiver com 160W RMS de potência
- □ Controle remoto programável
- □ 40 memórias programáveis (FM - AM)
- □ Equalizador gráfico para 7 faixas
- □ Duplo Cassette-Deck
- □ Toca-discos laser para 6 discos CD
- □ Memória programável para 32 seleções dos 6 discos
- □ Caixa Acústica Bass-Reflex
- □ Rack com sistema exaustor

O MENOR PREÇO DO RIO. VENHA CONHECER NAS LOJAS DO LEO

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 5ª FEIRA

MENOR PREÇO SÓ NO LEO LANÇAMENTOS

LEO CINE · FOTO · SOM · INFORMÁTICA

CENTRO: Av. Rio Branco, 156 - Loja XIII - Ed. Avenida Central - Tel.: 262-0236
Rua Gonçalves Dias, 45 - Tel.: 222-3548
Rua do Ouvidor, 130 - Lojas L e M - Tel.: 242-1367
MADUREIRA: Estr. do Portela, 99 - Lojas 122/153 Polo 1 - Tel.: 359-5766
CAMPO GRANDE: R. Viúva Dantas, 80-C - Tel.: 394-0770
NITERÓI: Rua da Conceição, 46 - Tel.: 722-1582
VOLTA REDONDA: SIDER SHOPPING - Lojas 17, 18 e 19 - Tel.: (0243) 43-3366
MÉIER: Rua Dias da Cruz, 158 - Tel.: 594-5334

Ditadura do petróleo inviabiliza fontes alternativas

Berilo Vargas

Após os choques do petróleo de 1973 e 1979, que espalharam o pânico e lançaram a economia mundial numa espiral inflacionária, parecia que os países industrializados buscariam opções energéticas menos sujeitas ao controle de cartéis. Mas, 10 anos depois do segundo choque, uma nova crise do Golfo Pérsico mostra que, enquanto houver petróleo, as outras fontes de energia conhecidas vão desempenhar apenas um papel secundário, como alternativa tática na luta dos países para satisfazer suas necessidades energéticas.

A primeira razão para isso é o preço do petróleo, que mesmo a US$ 40 o barril ainda é mais barato do que água mineral. Os outros motivos têm a ver com a natureza e os problemas específicos das demais fontes — como carvão mineral, gás natural e a energia do sol, dos ventos, das marés —, que costumam produzir também decepções e controvérsias. Enquanto os países industrializados continuarem pensando em energia apenas em termos de curto prazo, será difícil reverter este quadro.

Fotos de arquivo

A crise elevou o preço do petróleo mas não a ponto de tornar competitivas as fontes alternativas

Possibilidades do carvão e do átomo

Quando a Opep aumentou em 400% o barril de óleo cru, no início da década de 70, a primeira reação dos países consumidores foi correr à procura de refúgio contra a ganância dos xeques e das multinacionais. Uma idéia era buscar energia em outras fontes, mesmo as não renováveis como o carvão, o gás natural e a fissão nuclear, pois a redução do consumo de petróleo, além de poupar as reservas, enfraqueceria o cartel. Ao mesmo tempo, cogitou-se de desenvolver tecnologias para captar energias renováveis, numa espécie de busca da fonte da juventude dos combustíveis, inesgotável e ao mesmo tempo refratária à formação de cartéis. Mas logo se verificou que as opções energéticas também têm suas mazelas, algumas até piores do que as do petróleo.

O carvão mineral, por exemplo, que tem sobre outras formas de combustível fóssil a vantagem de ser extraordinariamente abundante, apresenta muitos inconvenientes, numa época tão preocupada com a preservação do meio ambiente. Quando foi substituído pelo petróleo como principal fonte de energia mundial, o carvão passou a ser considerado uma etapa queimada. Sujo, difícil de extrair e transportar, ficou sendo uma espécie de banco dos reservas do mundo da energia, a que alguns países podem recorrer na falta de combustíveis mais práticos e limpos.

Mas ele é um problema desde o momento da extração, quando compromete a saúde dos mineiros, até o da queima, quando compromete a saúde de todos despejando toneladas de agentes cancerígenos na atmosfera. Se for de qualidade inferior, como o brasileiro, o carvão serve mais para desperdiçar recursos e poluir do que propriamente para gerar energia.

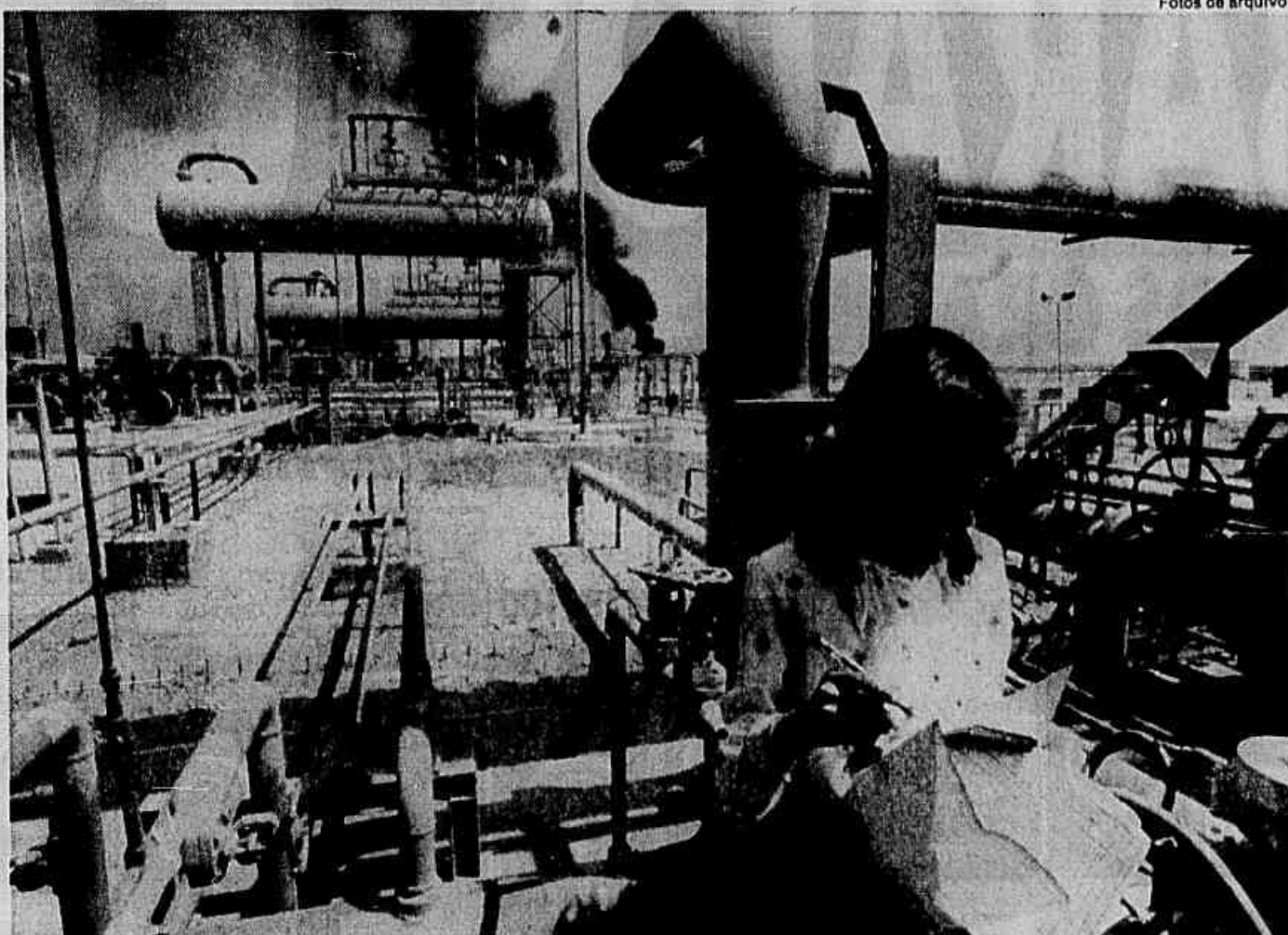
Cinqüenta e cinco por cento da eletricidade — e 25% de toda a energia — consumida nos EUA vêm atualmente do carvão mas, por causa da proteção ao meio ambiente, largas somas teriam de ser investidas e drásticas mudanças tecnológicas introduzidas para que sua utilização pudesse ser ampliada. "O carvão poderia substituir o petróleo em casos de fechamento de sistemas que usam o óleo para gerar eletricidade, mas para que isso venha a acontecer é preciso que o barril passe dos US$ 50", diz Marc Cohen, analista de óleo e carvão para a Kidder Peabody.

Problema — A energia nuclear tem um sério problema de imagem desde que deu sua primeira — e excessiva — demonstração de força, ao cair de pára-quedas sobre a população de Hiroshima, em 6 de agosto de 1945. A resistência da opinião pública e os altos custos das instalações e usinas reduziram suas possibilidades como substituto confiável do petróleo e marco de um novo ciclo.

O primeiro argumento a seu favor é que ela não contribui para o efeito estufa. O mais forte argumento contra é que um acidente de grandes proporções teria conseqüências infinitamente mais graves do que qualquer dano causado pelos cartéis do petróleo ou pelos cancerígenos do carvão, pois as próprias fontes da vida — como a água, o ar e o solo — ficariam comprometidas. Na prática, já houve demonstrações convincentes dessa capacidade de destruição, como os desastres de Three Mile Island, em março de 1979, e de Chernobyl, em abril de 1986.

Outra fonte de intermináveis debates é a questão do lixo nuclear. Uma usina típica, com 1 bilhão de watts de capacidade, produz anualmente de cinco a 10 toneladas de lixo, quantidade suficiente para aniquilar, até 100 vezes, a população de qualquer cidade vizinha, se for jogada na atmosfera. O rejeito radiativo desafia a própria definição de lixo — aquilo que sobra e se joga fora — pois não pode simplesmente ser jogado fora. As sugestões para livrar-se dele vão desde enterrá-lo num buraco debaixo da calota polar da Antártica até lançá-lo no espaço, onde ficaria em órbita para ser absorvido pelo sol.

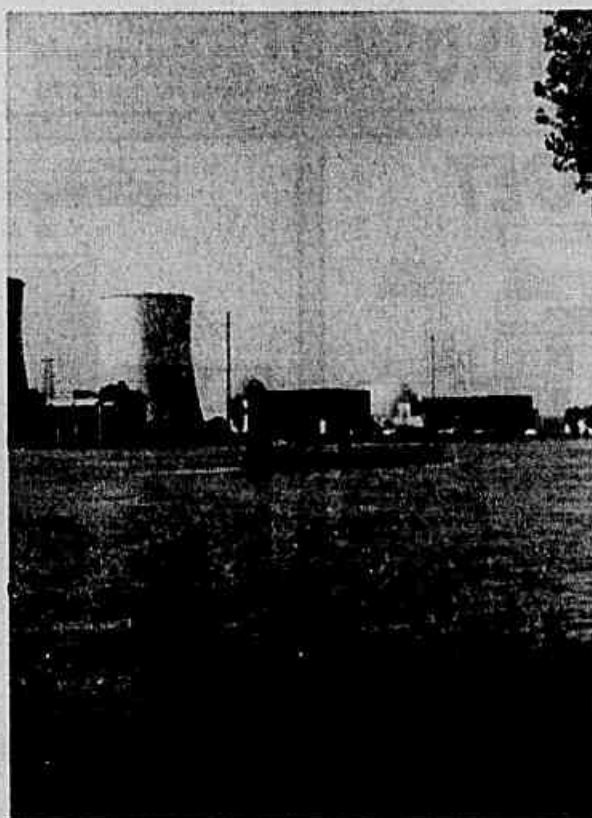
Os adversários apontam, ainda, uma séria implicação política no uso da energia nuclear. Uma sociedade em que haja abundância de material nuclear, dizem eles, viverá em risco permanente, pois a energia que ilumina cidades é a mesma que explode bombas. Mecanismos extremamente perigosos de vigilância e centralização de informação teriam de ser criados para evitar sabotagem e roubo.

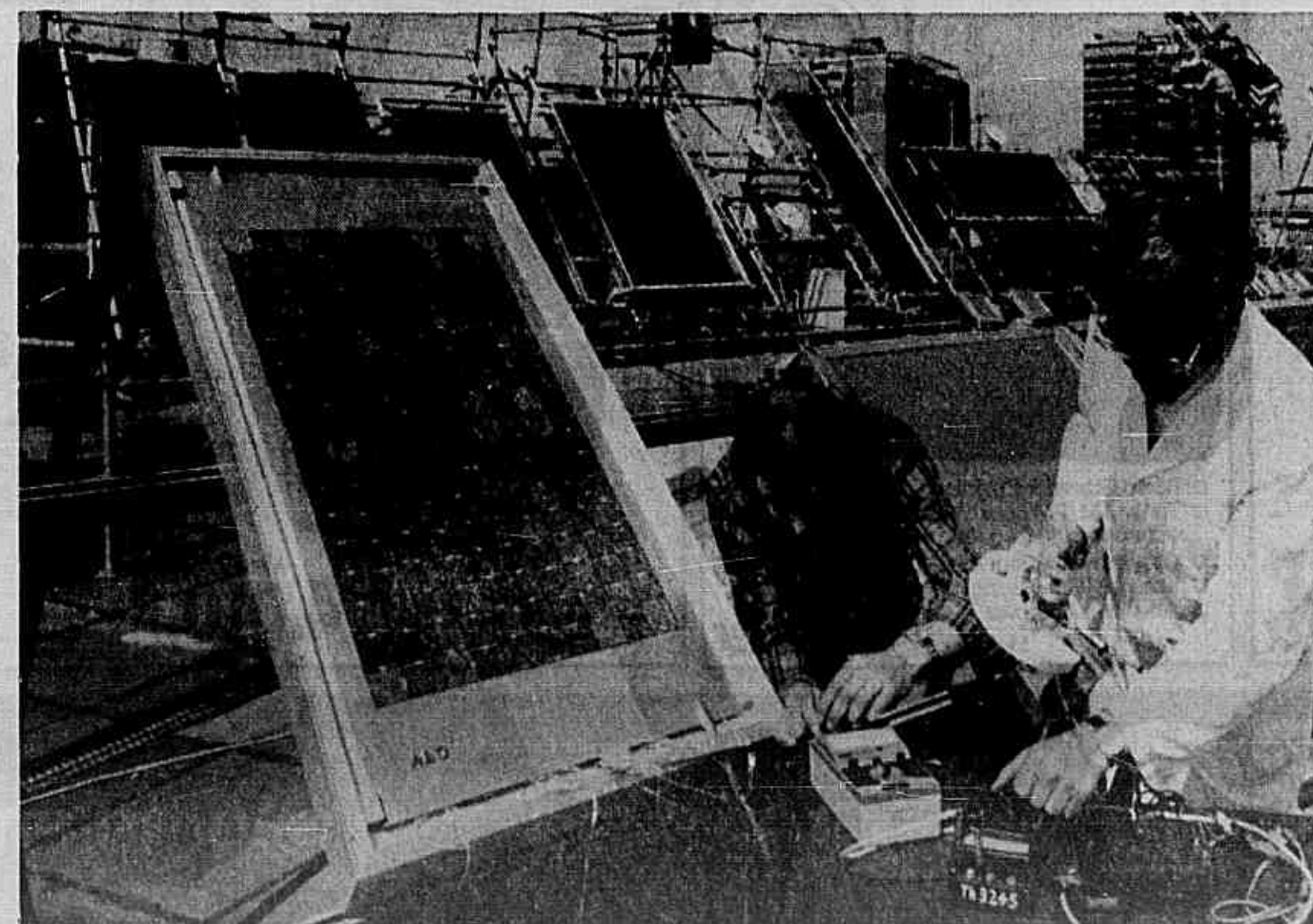
Essas limitações tiveram seu impacto na política energética de países como os Estados Unidos. Ali existem 114 usinas nucleares em operação, que hoje fornecem somente 20% da energia elétrica consumida no país. "Este país leva de 12 a 14 anos para construir uma usina nuclear, de maneira que a atual crise no Golfo Pérsico deverá ser resolvida muito antes que possamos apresentar uma alternativa nuclear", comenta o analista Samuel Mc Cracken, da Universidade de Boston. E é pouco provável que se tolere, em qualquer parte do mundo, a expansão do uso da energia nuclear com a tecnologia atual. Novos reatores, à prova de acidentes, só estarão prontos no começo do século 21. (B.V.)

Solar, saída que não interessa

Entre as fontes renováveis a que mais toca a imaginação, por suas possibilidades aparentemente infinitas, é a solar. Os técnicos costumam dizer que ela já é a energia mais utilizada, porque sem o calor do sol a temperatura da Terra ficaria em torno de 240 graus negativos. A luz do sol seria a fonte primordial, pois dela derivam as outras, que são apenas estados diferentes — metamorfoses da energia solar. Vem do sol a energia do petróleo, uma luz captada por vegetais e animais e transformada em líquido escuro pelo trabalho das eras e das camadas geológicas. Da mesma forma, vem do sol a energia do carvão, produto de florestas decompostas e incrustadas nas rochas, após séculos de pressão sob camadas de lama, lodo e areia, que já foi definido como *luz solar empacotada*.

Uma das maiores virtudes da energia solar, sua resistência ao controle dos cartéis, é responsável também pelo atraso em que se encontram as tecnologias para sua produção e comercialização em larga escala. As multinacionais mostram pouco entusiasmo por ela e até gastam dinheiro em campanhas de relações públicas para ridicularizá-la. Apesar disso, só na Califórnia mais de 300 mil casas usam eletricidade captada da luz solar por meio de enormes baterias de espelhos.

Em Israel, as tecnologias de coleta, armazenamento e uso da energia solar são bastante conhecidas e utilizadas. Muitas casas têm eletricidade e aquecimento produzidos por energia solar e os resultados são considerados plenamente satisfatórios. Além disso, os israelenses criaram um tipo de poste de luz, muito usado em suas estradas, que operam de forma totalmente autônoma, captando a energia do sol durante o dia, armazenando em uma pequena caixa situada perto da lâmpada e gerando luz durante toda a noite.

O uso da energia solar em grande escala é perfeitamente viável, asseguram os técnicos israelenses. Eles admitem, contudo, que não há interesse em fazer grandes investimentos nessa alternativa. Está claro, também, que as opções energéticas existentes dificilmente seriam uma saída para os cartéis e monopólios, que não poderiam obter os lucros que conseguem explorando, por exemplo, a energia solar. Aliás, as companhias que controlam grandes fatias das reservas de óleo e gás natural são as mesmas que controlam as jazidas de carvão e urânio. (B.V.)

Usina nuclear: risco de acidente assusta

O vento ainda é uma fonte pouco usada

O gás é a base da petroquímica

Um exemplo clássico de como as companhias jogam com o medo da escassez é o caso do gás natural — mistura dos gases metano, etano, propano e butano. Cerca de um terço do gás natural existente no mundo é encontrável nos reservatórios de petróleo. Antes de 1920, o gás era visto como uma perigosa impureza, que precisava ser queimada para preservar a qualidade do óleo. Nos anos 20, entretanto, o metano, principal ingrediente do gás natural, tornou-se a base da indústria petroquímica: seus mais de 3 mil derivados vão desde a borracha sintética até anestésicos, detergentes e fertilizantes.

Nos anos 60, passou a ser amplamente usado nos EUA em indústrias, para aquecer casas e cozinhar alimentos. Rapidamente, o preço do gás subiu. Na década de 70, houve uma ilusão de escassez: as companhias alegaram que o gás barato, de extração fácil, estava acabando. Em 1978, sob a pressão de um pesado *lobby*, o governo americano liberou os preços e o gás passou de 29 centavos de dólar por mil pés cúbicos para US$ 4 dólares. De repente, reservas gigantescas, de 600 trilhões de pés cúbicos, foram localizadas no nordeste e no oeste dos EUA.

O caso do urânio também exemplifica esse jogo de cintura das multinacionais. Na década de 60, quando o mundo começou a pender para a energia nuclear, as companhias de petróleo investiram — a Gulf principalmente — US$ 2,4 bilhões em exploração, mineração e processamento de urânio (a fonte mineral não-renovável da energia nuclear). Em pouco tempo, 13 delas controlavam quase a metade das reservas dos EUA. Em 1972, pouco antes do primeiro choque do petróleo, um cartel do urânio já estava formado e pronto para atuar. O argumento era que o controle da oferta contribuiria para estabilizar os preços mas, em 18 meses os preços pularam de US$ 6 dólares a libra para US$ 26.

As dificuldades que cercam as opções energéticas talvez expliquem o aparente paradoxo de alguns países terem passado a depender ainda mais do Oriente Médio após os choques da década de 70. Os EUA, apesar de terem diminuído sua dependência do óleo, importam hoje mais petróleo do Oriente Médio: de 6% em 1973, subiram para 12% em 1989.

Em artigo publicado no jornal *The Washington Post*, Curtis Moore e David Freeman, dois analistas americanos de energia resumem a política energética dos EUA: "Aumentar a dependência do óleo do Oriente Médio e, quando necessário, fazer uma guerra para garantir o óleo barato."

Japão, não tem óleo e teme usina nuclear

Um caso extremo de dependência é o do Japão, que não tem reservas energéticas nem poderio militar para garantir o abastecimento. Seus esforços para desenvolver fontes não renováveis, como a solar, até agora produziram resultados modestos: relógios e calculadoras usam baterias solares, mas as casas ainda não.

A prioridade da política energética do Ministério de Negócios Internacionais e Indústria japonês, segundo o jornal *Los Angeles Times*, é o aumento do uso da energia nuclear. Mas o sentimento antinuclear no país de Hiroshima e Nagasaki torna difícil, se não impossível, atingir esse objetivo. O ministério recomenda a instalação de 40 usinas nucleares nos próximos 20 anos, dobrando a capacidade nacional, mas analistas acham que se o país construir 20 já será um grande resultado.

"O Japão será sempre profundamente dependente do óleo", disse o analista Naoshi Kojima. "Com a forte oposição à energia nuclear, há um limite rigoroso para o número de usinas que podem ser construídas."Com tanta gente, tantos terremotos e nenhum lugar para guardar os rejeitos nucleares, "o Japão não é apropriado para energia nuclear", comenta o físico Junzaburo Takagi.

Os preços altos têm ajudado a conter o consumo de energia. Vivendo em casas menores, os japoneses pagam três vezes mais dos que os americanos por combustível, eletricidade e gás, e consomem três vezes menos. Metade do que pagam pela gasolina vai para programas de subsídios a fontes alternativas. Com a queda dos preços do petróleo nos anos 80, no entanto, o interesse por esses programas caiu e, segundo analistas, só voltará a crescer se a crise do Golfo provocar altas insuportáveis.

Novas tecnologias para baixar os gastos com petróleo foram desenvolvidas após os choques da década de 70. Nos Estados Unidos, os automóveis dobraram sua eficiência em relação a 1973 e, com as inovações já existentes, podem se tornar ainda mais econômicos. O Conselho para uma Economia Eficiente em Energia (grupo de pesquisas de Washington) calcula que as importações de petróleo cairiam 50% se os carros fizessem 18,61 quilômetros por litro de gasolina — uma economia de US$ 30 bilhões anuais.

Mitologia — Em 1978, David Stockman, que seria diretor do Escritório de Administração e Orçamento de Ronald Reagan, qualificou de "mitologia econômica" o receio de que a Opep controlasse o mercado internacional. Sua fórmula para evitar os riscos para a economia mundial representado pelos xeques do Golfo era simples: "reservas estratégicas e forças estratégicas". Segundo Moore e Freeman, "as idéias de Stockman para garantir óleo barato continuam norteando a política energética dos Estados Unidos".

O aumento dos combustíveis também é um recurso que pode ser usado para atenuar a crise. Segundo uma pesquisa do governo americano, 32 centavos de dólar a mais no preço do litro de gasolina reduziriam em 24% o consumo nos EUA — uma economia adicional de US$ 24 bilhões por ano. Outro estudo mostra que se os aparelhos de ar condicionado, aquecedores de água e refrigeradores fossem substituídos, no final de sua vida útil, pelos modelos mais eficientes à venda no mercado, o consumo de energia para fins domésticos nos EUA continuaria igual ao de 1985, a despeito do crescimento da população.

Nas épocas de crise, xeques e multinacionais se unem rapidamente contra o consumidor — sempre levando a melhor. Graças ao primeiro choque de 73-74, as sete irmãs (Exxon, Mobil, Texaco, Shell, Gulf, Standard Oil da California, British Petroleum) vendiam 38% do óleo existente no mercado internacional em 1978. Num único trimestre de 1979, época do segundo choque, a Gulf aumentou seus lucros em 61%, a Texaco e a Mobil, em mais de 80%, e a Standard Oil de Ohio, em 303%.

Por ser um bem essencial, basta que se acene com a idéia de escassez de petróleo para que as crises aconteçam. Os governos, receosos de que ele desapareça do mercado, compram para formar estoques e, do outro lado do balcão, os produtores aproveitam para aumentar sua margem de lucro. Esse desequilíbrio faz o mercado oscilar: ora parece que o óleo vai acabar e os preços disparam; ora parece que o mundo está nadando em óleo e o consumo aumenta.

Crise atual — Na atual crise, desencadeada pelo antiargumento das armas e não apenas pela retórica da escassez, a preocupação tem sido garantir o fluxo de óleo barato do Oriente Médio a qualquer custo, mesmo com derramamento de sangue.

É difícil determinar quanto petróleo existe no mundo, porque as companhias costumam guardar zelosamente essas informações. Os dados sobre as reservas aumentam sempre que convém às empresas. Mesmo que certas áreas sejam reconhecidamente ricas, se as companhias acharem que não vale a pena explorá-las, o óleo jamais chegará ao mercado. Na linguagem dos produtores, valer a pena significa um retorno entre 18 e 20% do capital investido.

Segundo uma estimativa geralmente aceita, existem cerca de 6 trilhões de barris de óleo (o barril tem 158,97 litros). Ao ritmo de consumo do ano passado, essas reservas dariam para aproximadamente 200 anos. Um cálculo mais conservador avalia em cerca de 2 trilhões de barris o óleo recuperável, que pode ser comercializado a custos razoáveis.

O ciclo do petróleo — inaugurado em 1859 quando o coronel F[illegible]ke encontrou óleo a 22 metros de profundidade em Titusville, Pensilvânia — começou, muito naturalmente, pelas reservas de fácil exploração. Nos Estados Unidos, todo o óleo barato já foi encontrado e queimado. De acordo com a revista *World Oil*, citada pelo *The Washington Post*, três quartos dos poços vazios existentes no mundo no ano passado estavam nos EUA.

Enquanto o óleo barato jorrar do subsolo, uma batalha permanente será travada na linha de frente do mercado internacional da energia: de um lado, os produtores com as cartas na mão; do outro, os consumidores com suas táticas para conseguir petróleo barato. Cabe aos governos dos países industrializados decidirem até quando os outros energéticos (os conhecidos e outros ainda não explorados) vão continuar nessa disputa apenas como apoio tático — ou mesmo como blefe. (B.V.)

Na Califórnia e em Israel a energia solar alimenta aparelhos domésticos e iluminação pública

Polícia prende manifestantes na Inglaterra

LONDRES — A polícia inglesa reprimiu cerca de 2.000 pessoas que se manifestavam em frente a uma prisão londrina após terem realizado uma marcha que reuniu 5.000 pessoas para protestar contra o *poll-tax*, o imposto por cabeça criado pela primeira-ministra Margaret Thatcher.

Os manifestantes carregavam faixas onde se lia *"Stuff the poll-tax"* (Fora o imposto por cabeça) e *Down with Maggie's tax* (Abaixo o imposto de *Maggie*) e gritavam *"Maggie out"* ("Fora Maggie") e *"No poll-tax"* ("Não ao imposto por cabeça").

A passeata foi pacífica. A confusão começou quando, após a manifestação, 2.000 jovens seguiram em direção à prisão de Brixton para mostrar solidariedade às mais de 500 pessoas detidas em violentos protestos realizados no último mês de março contra o mesmo *poll-tax*.

Pelo menos um policial ficou ferido e várias pessoas foram presas e arrastadas a pontapés. O imposto, que foi introduzido na Inglaterra e no País de Gales no último dia 1º de abril e na Escócia um ano antes, tornou-se profundamente impopular porque desconsidera a diferença de renda existente entre os contribuintes.

Iraque deixa 7 americanos saírem do país

BAGDÁ — O Iraque anunciou ontem a libertação de sete reféns americanos que devem voar hoje para a Jordânia. Não houve explicação sobre a medida, anunciada às vésperas do início de um racionamento de gasolina devido às dificuldades criadas pelo bloqueio internacional liderado pelos Estados Unidos.

Seis reféns alemães que já tinham sido autorizados a sair viajaram ontem para Amã, na Jordânia, e mais dois devem seguir hoje. Os alemães são pessoas idosas ou doentes que foram libertadas por razões humanitárias.

O ex-primeiro-ministro conservador da Grã-Bretanha, Edward Heath, chegou ontem a Bagdá para o que disse ser uma "missão humanitária" em favor dos 1.500 britânicos retidos no Iraque como reféns por Saddam Hussein, que os colocou em locais estratégicos como escudos humanos para dissuadir um ataque aéreo. Heath esteve antes com o rei Hussein, da Jordânia, e afirmou que não falará de política nessa viagem, limitando-se a tentar conseguir a libertação de alguns ou de todos os reféns.

O governo iraquiano informou ontem que, a partir de terça-feira, cada motorista poderá comprar apenas 25 litros de gasolina por semana. Ontem os postos de gasolina não tinham mais uma gota de combustível, adquirido todo pelos consumidores que chegaram a fazer seus estoques em casa antecipando as restrições. O governo afirmou que a falta de produtos químicos usados no refino do petróleo para fazer a gasolina, obrigou ao racionamento.

Desde 6 de agosto, o Iraque nada recebe pelo mar, a não ser pequenas quantidades de alimentos e outros itens através da Jordânia. Ontem foi interceptado o milésimo navio na operação de bloqueio no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho exercido por 70 navios de várias nações.

Pablo escritor — Pablo Escobar Gaviria, o chefe do quartel de Medellín, o homem mais procurado da Colômbia, reaparece assinando o prefácio de um livro sobre a extradição dos narcotraficantes. O livro, escrito pelo advogado Santiago Uribe, de Medellín, tenta provar que tanto Washington como o governo colombiano violaram a Constituição ao permitir o envio dos narcos para os EUA. Escobar diz que a Constituinte de seu país deve acabar com as extradições e marca o prefácio não só com sua assinatura como também com suas impressões digitais.

Encontro — Os chefes de Estado da Síria, Hafez el Assad e do Líbano, Elias Hrawi, encontraram-se ontem na capital síria para discutir a situação do Líbano. Há uma semana, o general Michel Aoun rendeu-se e Hrawi, aliado dos sírios, tenta garantir o controle militar do país.

Escândalo — A propaganda de uma bateria para automóvel está provocando um escândalo na Espanha. No anúncio, aparece uma bela mulher nua e o texto: "Monte nela". As feministas protestaram e os publicitários alegaram que a ordem é apenas para montar no automóvel.

Suicídio — Quatro pessoas tentaram suicidar-se na sexta-feira no estado de Punjab, no norte da Índia, para protestar contra a decisão do governo de aumentar a percentagem de funcionários públicos de castas mais baixas. Mais de 100 jovens das classes intermediárias já tentaram o suicídio em protesto contra a medida, que eles julgam prejudiciais aos de seu nível. Pelo menos 50 deles teriam morrido pelo fogo ou através de comprimidos.

Senado americano aprova corte de 50% na ajuda a El Salvador

WASHINGTON — O Senado americano aprovou uma redução de 50% na ajuda militar a El Salvador no ano fiscal 1991, o que representa uma dura derrota para o presidente George Bush e para seu colega salvadorenho Alfredo Cristiani. A emenda dos senadores democratas Patrick Leahy e Christopher Dodd, aprovada por 74 votos a 25, estabelece que a outra metade será concedida se a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) abandonar as negociações de paz patrocinadas pela Organização das Nações Unidas (ONU). Mas a emenda diz também que, se for o governo que se recusar a negociar, a ajuda será totalmente cortada.

Depois de conceder mais de US$ 4 bilhões durante a última década para financiar o governo salvadorenho, numa guerra civil que já causou a morte de pelo menos 75 mil pessoas, os congressistas americanos surpreenderam a Casa Branca com o corte: "Estão todos fartos dessa guerra", afirmou o senador Dodd. Um funcionário do governo americano acrescentou que a votação foi "como uma onda que arrastou a todos", referindo-se a casos como o do senador democrata David Boren, que até agora havia apoiado as iniciativas de Bush e, desta vez, votou a favor do corte.

As condições estabelecidas na emenda Dodd-Leahy são muito parecidas com as fixadas em um projeto aprovado pela Câmara dos Deputados em junho. Falta agora conciliar os dois textos, o que deve ser feito por uma comissão conjunta das duas casas legislativas. A emenda aprovada no Senado, que pode ser vetada por Bush, faz parte de um plano global de ajuda externa, no total de US$ 15,5 bilhões. Originalmente, El Salvador receberia US$ 85 milhões, mas com o corte terá direito a apenas US$ 42,5 milhões.

As conversações sobre um acordo de paz entre o governo de Cristiani e a guerrilha vêm sendo prejudicadas pela questão da reforma militar. Boa parte das mortes ocorridas durante a guerra civil é atribuída a grupos pára-militares de direita, verdadeiros esquadrões da morte, que têm a participação de oficiais do Exército regular e que já foram formalmente acusados, entre outros crimes, do assassinato de seis jesuítas, uma doméstica que trabalhava para eles e sua filha. Mas o governo — várias vezes acusado de violações de direitos humanos — se recusa terminantemente a examinar a culpa de oficiais e, principalmente, a afastá-los dos quadros do Exército.

As primeiras rodadas de negociações entre o governo e a guerrilha foram realizadas em Genebra e Caracas, sob patrocínio da ONU, e um novo encontro está previsto para 4 de novembro, no México. O representante do comitê político-diplomático da FMLN em Washington, Salvador Sanabria, admitiu que o corte na ajuda militar ao governo de seu país representa uma mudança sem precedentes do Congresso americano.

□ **Os congressistas americanos passam o fim-de-semana tentando chegar a um acordo em relação ao déficit orçamentário, previsto para o ano fiscal de 1991. Bush teve que assinar um decreto presidencial para que o governo possa continuar funcionando, pois o ano fiscal começou em 1º de outubro e o orçamento ainda não foi aprovado.**

A América redescobre a luta de classe

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — *Por debaixo da intrincada, e por vezes bizantina, discussão sobre a redução do déficit federal, os Estados Unidos viveram um período certamente histórico — tão histórico quanto o que vive neste instante a União Soviética, em busca de leis para implantar o capitalismo em seu território, só que por razão oposta. Os americanos, depois de mais de 10 anos de ilusão, escorada na prosperidade econômica que permeava o país, redescobriram que a luta de classes continua existindo.*

A descoberta não significa que em breve os Estados Unidos estarão à beira de uma revolução do proletariado, mas ela voltou a se manifestar da forma que sempre se fez sentir na política americana, baseada num postulado muito simples: os ricos devem pagar mais impostos do que os pobres, para dividir sua prosperidade individual com o resto da nação. Seja lá que forma o acordo final entre o Congresso e a Casa Branca sobre o orçamento venha a assumir, uma coisa é certa. A maior parte da conta será paga pelos endinheirados.

O caminho que os americanos percorreram, até o reencontro com a velha máxima histórica formulada por Karl Marx, *foi tortuoso. E começou com a admissão pelo presidente George Bush, há dois meses, de que era impossível tirar o governo do buraco sem aumentar impostos. Bush e os republicanos tentaram preservar a velha máxima de seu antecessor, Ronald Reagan, que sempre colocava a questão da diferença social e dos impostos em termos de política econômica.*

"Deste ângulo, a questão de justiça social ficava totalmente escamoteada", analisa Geofrey Garin, consultor do Partido Democrata. "Reagan dizia que se o governo federal tirasse menos dinheiro da população, haveria mais recursos circulando na economia e todos prosperariam". E, de fato, isto aconteceu — permitindo inclusive que pessoas com salários de mais de US$ 200 mil anuais tivessem seus impostos reduzidos — mas graças a três artifícios que não existem mais.

O contínuo crescimento do déficit federal, um afluxo de capital estrangeiro para financiá-lo e um acesso quase ilimitado da classe média a créditos — que hoje se transformaram em dívidas astronômicas ameaçam a segurança financeira. "Os Estados Unidos sempre viveram em torno do mito da sociedade sem classes", afirma o professor Benjamin DeMott, da Universidade de Amherst. Com Reagan, ele se transformou em algo praticamente intocado.

*"Sempre martelando em conceitos como iniciativa individual, competência e escolha, os republicanos conseguiram arrasar as propostas de eqüidade social através do imposto, e transferiram o problema da desigualdade de classes para os indivíduos", lembra DeMott, ressaltando que, durante 10 anos, os americanos se esqueceram do que era compaixão e justiça social. "Todo mundo queria apenas ganhar muito dinheiro e, de preferência, não dividi-lo. Por isso o slogan político que prometia nenhum novo imposto (*no new taxes*) era tão popular".*

Ação — *Mas agora, à beira de uma recessão e de um déficit federal que ameaçam mandar a economia americana de vez abismo abaixo, a palavra de ordem tornou-se um absurdo. E os democratas, no passado acusados de fomentar a luta de classes quando propunham mais taxação, ou de ser gastadores, quando impediam que os republicanos cortassem o orçamento para programas sociais já em andamento, aproveitaram a chance, escorados no eleitorado americano.*

EUA descobrem — *Quando Bush tentou escamotear sua proposta de aumento de impostos embutindo-os no preço da gasolina, do cigarro e da energia para aquecer casas, a população não somente foi contra como inundou o Congresso com telegramas pedindo ação. Os democratas da Câmara dos Deputados tomaram a iniciativa e viraram de cabeça para baixo o plano que Bush havia elaborado com a liderança do Congresso. Riscaram os impostos anteriores do mapa, mantendo apenas o que incidia sobre os artigos de luxo.*

E repassaram o resto da conta aos ricaços, ou aos mais remediados, propondo 33% de taxação sobre qualquer salário anual acima de US$ 79 mil, além de 10% de imposto automático em qualquer renda acima de US$ 1 milhão. "Os menos privilegiados estão cansados de pagar sozinhos por tudo neste país", disse a deputada Barbara Mikulski, lembrando que 85% da arrecadação anual do governo federal sai dos bolsos de quem ganha entre US$ 25 mil e US$ 65 mil anuais.

A versão do orçamento do Senado, apesar da maioria democrata na Casa, não traz nenhuma provisão deste tipo, embora vários senadores do partido tenham se manifestado favoráveis à versão da Câmara. Lloyd Bentsen, o poderoso democrata que dirige a Comissão de Finanças do Senado, explicou a omissão apenas como um recurso para que a Casa Branca e os republicanos tenham mais margem de manobra para negociar um orçamento onde a derrota de um de seus mais antigos postulados não fique assim tão clara.

Seja lá como for, e apesar dos alertas de Bush de que isto no futuro pode significar um aumento de impostos para todo o mundo, é quase certo que desta vez os ricos não escapam. Os republicanos tentam ainda diminuir a força desta avalanche, lembrando o que aconteceu ao governador democrata de Nova Jérsei, James Florio. Ele, que há cinco meses aumentou os impostos estaduais, enfrenta hoje uma revolta popular que tenta coletar assinaturas suficientes para seu impeachment.

"O povo não quer mais impostos. Quer que o governo gaste menos", diz o líder dos republicanos na Câmara, Newt Gingrich. Garin, do Partido Democrata, concorda em parte. "É claro que a população quer menos gastos no Estado. Mas ela não se importa se uma minoria privilegiada for obrigada a pagar mais para manter este Estado e seus serviços funcionando", diz. "O erro de Florio é que ele aumentou o imposto para todo mundo. A Câmara não está cometendo o mesmo engano".

Nova Iorque — Reuters

Winnie soltou o grito de guerra do CNA: "Amandla!"

Winnie Mandela recebe prêmio em Nova Iorque

NOVA IORQUE — A ativista sul-africana Winnie Mandela recebeu um prêmio em Nova Iorque por sua coragem em combater o *apartheid*, numa cerimônia que também homenageou seis outras mulheres negras. "Embora tenham tirado sua liberdade, eles não conseguiram quebrar sua determinação," afirmou o apresentador de TV Bill Cosby, ao entregar a Winnie o prêmio Courageous Spirit, da revista *Essence*.

"Obrigado por restaurar a dignidade da mulher brutalizada," afirmou Winnie, que levantou o punho fechado e gritou duas vezes *"Amandla!"* (Força), a palavra de ordem do Congresso Nacional Africano, presidido pelo marido dela, Nelson Mandela. A platéia de 6 mil pessoas respondeu levantando o punho fechado e repetindo *"Amandla!"*.

Winnie, que é acusada de conivência com a violência de seus guardas costas, que mataram quatro rapazes, afirmou que as notícias de massacres entre negros na África do Sul são falsas. "A violência vem do governo. O objetivo é desacreditar o CNA e dar a idéia de que estamos nos matando," afirmou.

Junto com Winnie Mandela receberam o prêmio da *Essence* as cantoras Whitney Houston e Patti LaBelle, a dançarina Katherine Dunham, a *cantriz* Diahann Carroll e a cantora de ópera Leontyne Price. Houve uma homenagem póstuma à grande cantora de jazz Sarah Vaughan.

Ato de apoio a governo reúne 50 mil em Ruanda

KIGALI — Mais de 50 mil pessoas se reuniram num estádio nos subúrbios de Kigali, capital de Ruanda, para apoiar o governo contra rebeldes exilados que vieram de Uganda há três semanas, desencadeando uma guerra civil. A Bélgica anunciou que vai manter 600 soldados nessa sua ex-colônia da África Central até que seja alcançado um cessar fogo.

Ruanda, com 6,2 milhões de habitantes e um território menor que Alagoas, é governado desde julho de 1973 pelo presidente Juvenal Habyarimana. O Zaire anunciou que 500 soldados de seu Exército estão lutando contra as forças rebeldes mas a Frente Patriótica de Ruanda informou que, na verdade, há 2.500 militares zairenses no país.

O número de mortes ainda está confuso. A única informação sobre baixas veio do Zaire que informou a morte de 100 rebeldes e a captura de 200. O chefe rebelde Alphonse Surama reuniu jornalistas estrangeiros em Nyabwishongwezi, interior do país, para anunciar a tomada dos povoados de Kabarore, 115 quilômetros ao norte de Kigali, e Nyagatare, a 15 quilômetros da fronteira com Uganda.

Civis ouvidos pelos jornalistas acusaram as tropas do governo, pertencentes à tribo Wahutu, de massacrar centenas de civis com o auxílio de seus aliados zairenses. Os wahutu, da etnia bantu, são 85% da população de Ruanda, há 13% de batutsi e 2% de pigmeus batua.

O primeiro-ministro da Bélgica, Wilfried Martens, voltou sexta-feira de uma missão de paz a Ruanda e ontem compareceu diante do Parlamento para explicar que os 600 soldados estão protegendo os 1.600 belgas que vivem na ex-colônia, que se tornou independente em 1962. Os presidentes de Ruanda, Tanzânia e Uganda pediram um cessar-fogo imediato e estuda-se a possibilidade de formar uma força de paz da Comunidade Européia para manter a trégua, enquanto governo e rebeldes negociam.

Os efetivos da Frente Patriótica de Ruanda vêm dos refugiados em Uganda, Tanzania, Burundi e Zaire, exilados por razões econômicas que acusam o presidente Habyarimana de não promover as reformas necessárias para que possam retornar. O governo recebeu o apoio das 50 mil pessoas que se reuniram no estádio de Kigali com faixas que diziam "Acabem com os bárbaros criminosos rebeldes" e "A paz e unidade que conseguimos é indestrutível".

Paris — Reuters — 18/10

Mitterrand com o presidente de Ruanda

Democracia à africana

Países pobres tentam namorar pluripartidarismo

Jacques Girardon
L'Express

Vários países africanos, sobretudo as ex-colônias francesas, estão estão namorando o pluripartidarismo. Os chefes de Estado resolveram obedecer à recomendação do presidente francês, François Mitterrand, que, em junho passado, foi claro: "A França vai condicionar sua contribuição econômica aos esforços para ter mais liberdade nos países africanos".

Mas como exigir mudanças sem colocar em perigo de queda os chefes de Estados amigos dos franceses? É uma questão delicada, pois os presidentes das ex-colônias às vezes têm mais prestígio junto ao governo francês do que os próprios ministros. Um exemplo antigo ilustra bem este jogo de influência. Em dezembro de 1982, o então ministro da Cooperação, Jean-Pierre Cot, exigiu mais moralidade e vários *caciques* africanos exigiram (e conseguiram) a sua queda.

A derrocada dos regimes comunistas colocou a democracia na moda. Mas não é de uma hora para outra que se chega a ela. Logo depois do discurso moralista de Mitterrand, Michel Lévêque, diretor para a África da diplomacia francesa, enviou ao presidente um documento confidencial chamado *Cenários da crise na África*. O jornal *Le Canard enchaîné* publicou trechos duríssimos não só com relação às ex-colônias mas também condenando implicitamente a política francesa para a região. Ali revelava-se que no Zaire o presidente Mobutu "tenta criar partidos atrelados a ele pela corrupção"; que na República de Camarões, "o contrabando e a fraude, já perceptíveis ou latentes, inclusive no nível mais alto dos poderes públicos" continuam a se desenvolver. E no Togo, por causa da "atitude ultraconservadora" do presidente Eyadéma e de "práticas governamentais como clientelismo, preferência étnica, corrupção", haveria o perigo de uma revolta tribal.

Outro sinal de alarme foi dado por Stéphane Hessel, embaixador francês aposentado. Num relatório encomendado pelo primeiro-ministro Michel Rocard e diplomaticamente chamado *As relações da França com os países em desenvolvimento*, ele escreveu que a política francesa devia "ser revista com grande rigor para evitar toda complacência clientelista". Criticou ainda as relações francesas com os chefes de Estado africanos, a malversação das ajudas à África nos últimos 30 anos. Resultado: o relatório Hessel foi retirado de circulação.

Os dirigentes africanos crêem ter encontrado o sentido oculto da mensagem enviada pela antiga metrópole: se é apenas uma questão de mudar o discurso, eles se propõem a tolerar o pluripartidarismo. E até a organizar eleições, desde que os resultados sejam controlados por eles. Além disso, o discurso pluripartidarista pode ajudar a acalmar as populações cujas condições de vida continuam cada vez piores e os tiranos ainda podem dizer que dão vez às oposições.

Assim, o Gabão acaba de inventar eleições legislativas em três turnos. O primeiro aconteceu a 16 de setembro e se desenrolou num clima de tamanha fraude e confusão que acabou anulado. Como só uma parte do pleito foi anulada, os outros dois turnos estão previstos para hoje e 28 de outubro.

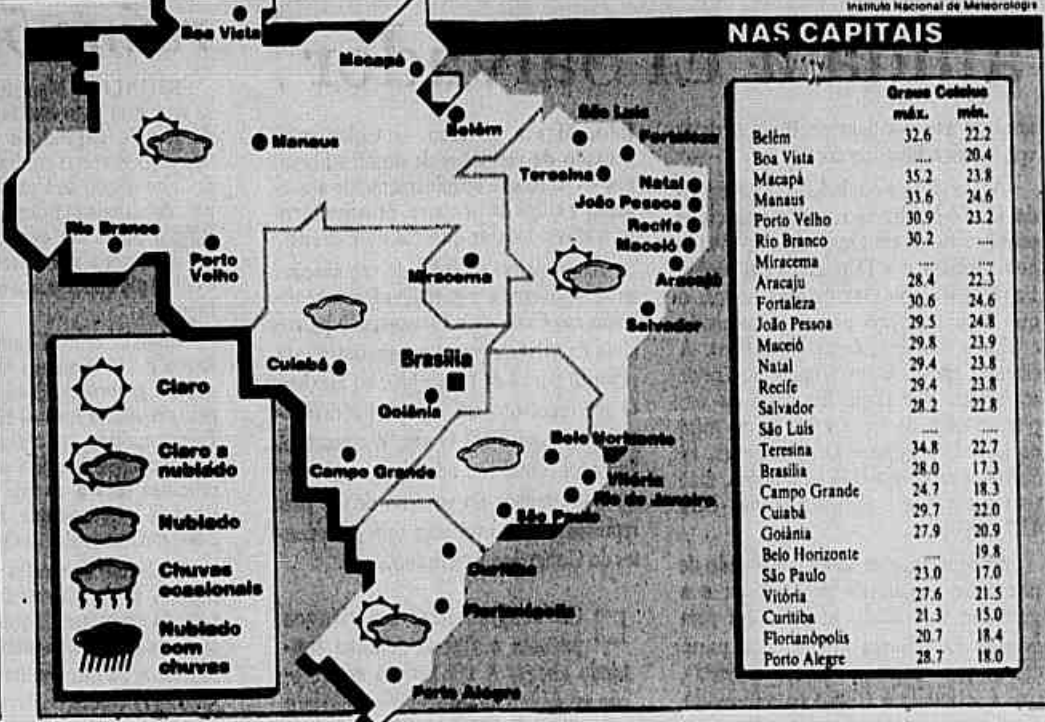
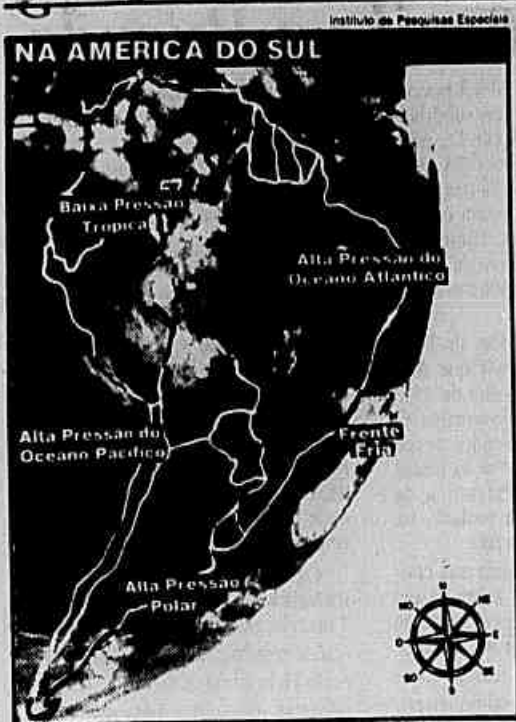
Na Costa do Marfim, o presidente Félix Houphouët-Boigny, que, aos 85 anos, luta pelo seu sétimo mandato, terá pela primeira vez que disputá-lo com os concorrentes. A quem, aliás, ele já acusou de tentar matar o papa, quando o pontífice visitou recentemente o país, para inaugurar uma basílica milionária que Boigny mandou construir, cuja cúpula é maior até do que a de São Pedro, em Roma. Boigny só anunciou a data do pleito a 28 de outubro, um mês antes da eleição.

A República dos Camarões vai pelo mesmo caminho. O presidente, Paul Biya, contentou-se em advertir seu partido que ele "deveria se preparar para enfrentar uma eventual concorrência". Quanto ao general presidente do Togo, Gnassingbé Eyadéma, não tolera nenhuma crítica. Mas os problemas recentes, que deixaram pelo menos quatro mortos e 34 feridos em Lomé, levam a pensar que o país, "o mais estável da África Ocidental", acaba de entrar na era de turbulência.

As guerras tribais que ensangüentaram Burundi, que destruíram a Libéria e desestabilizaram Ruanda, são sobretudo a expressão da revolta de uma ou várias tribos contra os que monopolizam o poder. Nenhum país da África negra está a salvo deste tipo de violência. Na República Centroafricana, sob o controle da família do presidente Kolingba, a tensão aumenta. Como no tempo do imperador Bokassa, alguns dirigentes (entre eles o impiedoso ministro da Defesa, Christophe Grelombe), impedem qualquer abertura. Pelo visto, o namoro africano com o pluriparatidarismo ainda está longe do casamento.

Tempo

Grace May Domingues

	Graus Celsius máx.	mín.
Belém	32.6	22.2
Boa Vista	....	20.4
Macapá	35.2	23.8
Manaus	33.6	24.6
Porto Velho	30.9	23.2
Rio Branco	30.2	....
Miracema	....	....
Aracaju	28.4	22.3
Fortaleza	30.6	24.6
João Pessoa	29.5	24.8
Maceió	29.8	23.9
Natal	29.4	23.8
Recife	29.4	23.8
Salvador	28.2	22.8
São Luís	....	....
Teresina	34.8	22.7
Brasília	28.0	17.3
Campo Grande	24.7	18.3
Cuiabá	29.7	22.0
Goiânia	27.9	20.9
Belo Horizonte	....	19.8
São Paulo	23.0	17.0
Vitória	27.6	21.5
Curitiba	21.3	15.0
Florianópolis	20.7	18.4
Porto Alegre	28.7	18.0

PRIMAVERA NO RIO

A previsão do 6º Distrito de Meteorologia para este domingo é de céu encoberto melhorando no decorrer do dia. Ainda há possibilidades de pancadas de chuvas para esta madrugada, isto se deve à influência da frente fria que ainda atua no Rio.

O Serviço Meteorológico da Marinha confirma que o tempo está instável, com chuvas esparsas e céu quase encoberto.

Os ventos voltam a soprar no quadrante este, com a direção variando entre este e nordeste e a intensidade de 10 a 15 nós. Com isso o mar volta a ficar calmo e formará ondas de 1m a 1,5m em intervalos regulares de 4 e 5 segundos.

A visibilidade está moderada e a temperatura estável.

A Feema informa que as praias liberadas são a do Leme, de Ipanema, do Leblon e de Copacabana, nesta última exceto entre as ruas Barão de Ipanema e Joaquim Nabuco. As praias do Pepino e São Conrado estão impróprias para o banho de mar.

Observatório Nacional

O SOL

nascente 06h15min
poente 18h59min

Observatório Nacional

A LUA

nascente 07h50min
poente 21h47min

Nova 18 a 26/10
Crescente 26/10 a 2/11
Cheia 2 a 9/11
Minguante 9 a 17/11

Diretoria de Hidrografia e Navegação

MARES

preamar
04h51min 1.1m
16h49min 1.0m

baixamar
12h06min 0.4m
24h24min 0.2m

AP EFE UPI

NO MUNDO, ONTEM

Londres, Moscou, Nova Iorque, Paris, Los Angeles, Pequim, Cairo, Nova Delhi, Tóquio, Miami, OCEANO PACÍFICO, Bogotá, Rio de Janeiro, OCEANO ÍNDICO, OCEANO ATLÂNTICO, Johanesburgo, PACÍFICO, Buenos Aires, Sidney

Cidade	Condições	máx.	mín.
Amsterdã	nublado	14	10
Atenas	claro	25	15
Berlim	nublado	13	7
Bogotá	nublado	19	8
Bruxelas	claro	17	5
Buenos Aires	nublado	24	16
Cairo	claro	30	18
Chicago	chuvas	11	-2
Copenhague	nublado	12	8
Genebra	nublado	16	10
Havana	claro	30	23
Johannesburgo	claro	17	2
Lisboa	chuvas	20	15
Londres	nublado	17	13
Los Angeles	claro	23	18
Madri	nublado	19	10
Mexico	nublado	22	10
Miami	nublado	30	25
Montevidéu	nublado	22	15
Moscou	nublado	9	6
Nova Delhi	nublado	33	21
Nova Iorque	claro	14	8
Paris	claro	17	10
Roma	chuvas	25	17
Tóquio	claro	23	15
Viena	nublado	16	12
Washington	chuvas	22	17

Horário de Verão começa hoje

Hoje à zero hora começou o horário de Verão que deverá se estender até fevereiro. Os relógios terão que ser adiantados em uma hora. Com isso, os brasileiros poderão aproveitar por mais tempo a claridade do dia, já que terão que começar suas atividades uma hora mais cedo. O horário de Verão é válido para todas as regiões do Brasil, exceto para os estados das regiões Norte e Nordeste e o estado de Mato Grosso, visto que devido à posição geográfica destes locais os dias e as noites têm a duração de tempo praticamente iguais, com pouca oscilação durante o ano.

A frente fria que trazia mau tempo para a região Sudeste começa a se deslocar para o mar, como se pode observar pela imagem obtida do satélite Goes-7. Ontem à tarde já se podia ver períodos de melhoria no Rio de Janeiro, que teve a sua imagem modificada durante toda a semana por causa da chuva. Apesar de estar se dirigindo para o mar, esta frente fria ainda pode causar nebulosidade e deixar o tempo um pouco instável no Rio, em Vitória e no Sul da Bahia.

A região Sul agora livre da frente fria, apesar do céu claro, pode apresentar queda de temperatura devido à atuação da alta pressão polar que se instalou na região depois da passagem da frente fria.

O Nordeste apresenta nebulosidade sobre o Piauí e Maranhão. Os demais estados estão com o tempo bom, conforme se vê na foto do satélite, mas, como é característico da região, há possibilidades de pancadas de chuvas isoladas no litoral a partir da tarde.

O Noroeste da região Norte, assim como o Oeste da América do Sul numa faixa que se estende desde o Norte da Bolívia até a Colômbia, está toda coberta de nuvens. Esta nebulosidade se deve à influência da baixa pressão tropical que, por causa da circulação da atmosfera, desceu e ocasionou a instabilidade do local.

A região Centro-Oeste tem o céu parcialmente encoberto devido, também, à influência da baixa pressão tropical, apesar da sua atuação nesta região ser menos intensa.

Todo o Sul do continente apresenta tempo bom, não havendo indícios de formação de nenhuma massa de ar. Há apenas uma certa nebulosidade no extremo Sul do continente, mas ainda de atividade muito fraca.

Obituário

Rio de Janeiro

Cecília Lopes Marques, 88 anos, de insuficiência cardíaca no posto do Inamps, na Penha. Portuguesa, viúva de Manoel Marques, tinha um filho e morava em Ramos. Foi sepultada no Cemitério São Francisco Xavier, no Caju, Zona Portuária.

Deuznilza Pinto de Oliveira, 74, de acidente vascular cerebral no Hospital dos Servidores do Estado, na Saúde. Fluminense, aposentada, solteira, morava em Copacabana. Foi sepultada no São Francisco Xavier.

Gérasine Guimarães Almeida, 74, de enfizema pulmonar no Hospital Nossa Senhora do Socorro. Fluminense, solteiro, biscateiro, morava em São Cristóvão, e foi sepultado no cemitério São Francisco Xavier.

José Geraldo Pires Brandão, 54, de infarto agudo do miocárdio, no Hospital Pedro Ernesto, em Vila Isabel. Mineiro, comerciante, divorciado de Marilena da Rocha, tinha três filhos menores. Morava no Maracanã e foi sepultado no São Francisco Xavier.

Antônio da Silva, 66, de insuficiência respiratória congestiva, na Casa de Saúde Santa Rita, no Rio Comprido. Fluminense, aposentado, casado com Nadir Magalhães da Silva, morava no Cachambi e foi sepultado no Cemitério São João Batista, em Botafogo.

Valdevina Gaby, 73, de acidente vascular cerebral no Hospital do Inamps da Lagoa. Fluminense, dona de casa, viúva de Algemiro Rodriguez de Souza, tinha quatro filhos, morava em Copacabana e foi sepultada no São João Batista.

Isaura Bueno Plemont, 87, de insuficiência cardíaca, em casa, em Copacabana. Fluminense, Médica, viúva de Alexandre Plemont, tinha dois filhos. Foi sepultada no São João Batista.

Nair Cerqueira de Lima, 83, de parada cardíaca na Casa Geriátrica Santa Bernadete, no Maracanã. Fluminense, dona de casa, viúva de Asdrubal de Cerqueira Lima, tinha uma filha, morava em Copacabana e foi sepultada no São João Batista.

Hermínia Silva Mello, 85, de fratura do crânio em consequência de acidente, no Hospital Municipal Miguel Couto, na Gávea. Alagoana, dona de casa, viúva de Alberto de Araújo Mello, morava no Flamengo e foi sepultada no São João Batista.

Gustavo Miranda

Servidores dos postos de saúde, voluntários civis e militares vacinaram cães e gatos

Donos não acham postos para vacinar animais

Encontrar ontem um posto de saúde foi uma tarefa difícil para muitos donos de cães e gatos em alguns bairros do Rio, no dia nacional de vacinação contra a raiva. Apesar da divulgação, pela secretaria estadual de Saúde, do funcionamento de 4 mil postos em todo o estado, o serviço não foi oferecido em alguns bairros da cidade, deixando a população desorientada.

O serviço de veterinária da secretaria municipal de Saúde recebeu telefonemas de pessoas interessadas em saber o endereço dos postos próximos às suas casas. O diretor da Fiscalização Sanitária, Osvaldo Luís de Carvalho, explicou que, entre março e setembro, a Prefeitura já tinha promovido uma ampla campanha de vacinação contra a raiva em todos os bairros da cidade e que o dia nacional foi aproveitado para reforço em locais onde o índice de vacinação foi considerado baixo.

Ibama apreende 200 aves em Honório Gurgel

Policiais militares do Batalhão de Polícia Florestal, e civis, da 40ª DP (Rocha Miranda), e agentes do Instituto Brasileiro de Recursos Naturais Renováveis (Ibama) apreenderam ontem pela manhã cerca de 200 pássaros de diferentes espécies que estavam sendo vendidos na feira do bairro de Honório Gurgel (Zona Norte). Durante a operação não houve nenhuma prisão.

A operação foi comandada pelo sargento Izaias, da Polícia Militar. Policiais militares cercaram a feira para que ninguém fugisse, às 9h, enquanto os agentes do Ibama e da 40ª DP entravam e apreendiam as gaiolas com aves. Os pássaros apreendidos para o Centro de Resgate e Triagem de Animais Silvestres, no Horto Florestal do Jardim Botânico, onde as aves ficarão em quarentena até terem condições para ser levadas para o seu *habitat* natural e libertadas.

Fogo destrói sobrado no Centro da cidade

Um incêndio, no início da madrugada de ontem, destruiu um sobrado do início do século na Rua Barão de São Félix, 14, no Centro da cidade. Moradores da área disseram que no local funcionava uma tipografia clandestina, onde estavam armazenados bobinas e papel, e que o fogo pode ter tido origem criminosa. Bombeiros do Quartel Central molharam as paredes dos prédios vizinhos, para que as chamas não se alastrassem. Ninguém ficou ferido.

O prédio, de dois andares, fica ao lado de um depósito da firma de bebidas Skol e da oficina mecânica Moifer. No passado ele abrigou o Centro Beneficente dos Cocheiros do Rio e, depois, foi sede da Portuguesa Futebol Clube, clube que hoje está na Ilha do Governador. Há cerca de um ano, a tipografia passou a funcionar no local, quase esquina com a Rua Camerino.

De acordo com o capitão Jorge Pires, dos bombeiros, o incêndio pode ter sido criminoso, porque os moradores da área asseguram ter ouvido uma explosão, por volta das 2h, antes de o fogo se expandir. "Eu acordei com o barulho", declarou Maria José de Barros, 19 anos. O Corpo de Bombeiros foi até o local com sete caminhões, inclusive um equipado com plataforma mecânica e outro com uma escada Magirus. Em pouco mais de uma hora o incêndio foi controlado.

Polícia prende homem acusado de seqüestros

Policiais da Delegacia de Policiamento Ostensivo da PM do Jacarezinho prenderam, na noite de sexta-feira, Rogério Pereira Viana, o *Rogerinho*, de 30 anos, acusado pela polícia de participar do assalto ao carro-forte da Transegur Transporte de Valores, de onde foram levados Cr$ 1 milhão, em 12 de março do ano passado. *Rogerinho* estava com mandado de prisão expedido pelo juiz da 31ª Vara Criminal, por seqüestro, cárcere privado e formação de quadrilha.

Na noite anterior ao dia 12, ele e sua quadrilha seqüestraram o gerente da empresa, Luís Aurélio Santos Costa, de 62 anos, e o mantiveram como refém até o final do assalto. Segundo policiais da Delegacia de Roubos e Furtos, *Rogerinho* foi preso na casa dos pais, na Rua Santa Filomena, no Jacarezinho. *Rogerinho* faz parte da quadrilha de Daniel Francisco da Silva, o *Dani* do Jacarezinho, que controla o tráfico de drogas naquela região, e é também acusado de participar do seqüestro do publicitário Roberto Medina, em junho último.

Blitz descobre irregularidades em vinícolas

BRASÍLIA — As vinícolas brasileiras são capazes de fabricar vinho sem uma uva sequer e bater recordes mundiais de produtividade: algumas empresas chegam a obter até quatro vezes mais vinho com a mesma quantidade de uva. Longe de retratar o avanço tecnológico nacional, as duas façanhas fazem parte de um extenso rol de irregularidades detectadas em blitz promovida pelo Ministério da Agricultura em 163 empresas. Em menos de dois meses foram apreendidos 1 milhão 267 mil 888 litros de vinho - o equivalente a 0,5% da produção anual do país (200 milhões de litros).

A blitz do vinho foi realizada entre os dias 27 de agosto e 6 de outubro, em 28 municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais, mas somente ontem o ministro da Agricultura, Antonio Cabrera, divulgou seus resultados.

Proteção à informática abrangerá apenas 42 produtos

Cláudia Bensimon

A nova lista dos produtos de informática que permanecerão protegidos até 1992 possui 42 itens, contra os 62 da relação original apresentada pela Secretaria de Ciência e Tecnologia na última reunião do Conin (Conselho Nacional de Informática e Automação), realizada no início do mês. É a terceira elaborada desde a posse do governo Collor, mas tem tudo para ser aprovada na íntegra nesta quarta-feira, quando o Conin se reunirá novamente. Isto porque, ela é resultado de um acerto prévio entre os representantes dos usuários, fabricantes e três membros do governo com assento no Conselho. Além de microcomputadores e equipamentos de automação bancária, a lista mantém produtos como fibras óticas, fac-símile e alguns dispositivos de eletrônica embarcada, itens polêmicos que acabaram por inviabilizar a votação da lista na reunião passada.

Saem do território reservado os robôs e todos os produtos de instrumentação voltados para a área médica. Caso o governo decida efetivamente tratar a microeletrônica como área estratégica e prioritária para receber investimentos, a nova lista poderá manter outros cinco itens da anterior, tais como os circuitos integrados. Mas até segunda ordem, a manutenção da proteção para componentes microeletrônicos ficará condicionada ao desenho de uma política específica para o setor.

Frente a frente — Estes entendimentos foram realizados pela comissão especial que o secretário de Ciência e Tecnologia, José Goldemberg, presidente do Conin, criou após a última reunião do Conselho, com o objetivo de acelerar as discussões da lista. A nova relação foi esboçada na última quarta-feira, num encontro que colocou frente a frente, por quase 10 horas, os secretários de Economia (João Maia), de Comunicações (Joel Rauber), o secretário de Informática da Presidência da República, Edson Machado (que substituiu Goldemberg), o presidente da Sucesu-Nacional, Fábio de Souza Neto, e o representante da Abicomp, Carlos Rocha.

Os itens que perdem a proteção poderão ser importados ou produzidos livremente por empresas estrangeiras, sem qualquer obrigação legal, a partir de 1991. E os que ficam na lista continuarão tendo que atender às exigências da Lei de Informática, ficando sujeitos à anuência prévia da Secretaria de Ciência e Tecnologia tanto nos casos de importação quanto de produção. No final de 1992, entretanto, se o projeto de lei que o Executivo enviou ao Congresso Nacional for aprovado na forma em que está, o Estado perderá todos e quaisquer instrumentos que hoje permitem orientar a industrial do setor.

A mesma comissão que discutiu a lista vai definir no dia 23, véspera da reunião do Conin, a estrutura tarifária aplicada ao setor e um cronograma prevendo a velocidade com que as aliquotas serão reduzidas até 1994, conforme determina a nova política industrial. É possível que a aliquota inicial para produtos de informática fique em torno dos 85%, como no caso dos automóveis, e que cheguem aos 40% no final do governo Collor. Paralelamente, as aliquotas dos insumos utilizados pelos produtos da lista também serão discutidas de modo que sejam compatíveis às dos produtos que ficaram de fora.

O que saiu da lista original

- Balança eletrônica
- Caixa-registradora eletrônica
- Central de comutação de pacotes
- Impressora de linha
- Teclado
- Terminal de telex eletrônico
- Central de telex do tipo CPA
- Central telefônica do tipo CPA
- KS (Key System) controlado por microprocessador
- Controlador digital para sistema de freio para veículos automotores
- Controlador digital para sistema antiderrapante de veículos automotores
- Controlador digital de sistema de direção hidráulica para veículos automotores
- Monitor de sinais vitais
- Cromatógrafos a gás e a líquido
- Espectofômetros de ultravioleta visível e de absorção atômica
- Sistema digital de controle transversal para fabricação de papel
- Sistema digital de controle longitudinal para fabricação de papel
- Robô industrial

O que fica protegido até 1992

- Terminal de vídeo não aplicado a ambiente industrial com freqüência inferior a 35,5 KHz.
- Monitor de vídeo
- Unidade de disco magnético flexível
- Unidade de fita magnética, exceto a do tipo cartucho de 1/2'' (polegadas) com capacidade maior que 200 *megabytes*.
- Impressora matricial do tipo impacto
- *Modem* com velocidade maior ou igual a 2.400 bps (bits por segundo)
- Traçador gráfico digital (*plotter*) com impressão por meio de penas
- Microcomputador
- Unidade de disco magnético rígido
- Terminal ponto de venda (que substitui caixas-registradoras convencionais)
- Terminal financeiro
- Supermicrocomputadores
- Concentrador/multiplexador de terminais
- Máquina automática pagadora
- Estação de trabalho com unidade central de processamento com desempenho inferior a 20 *Mips* e 2 *Mflops* em dupla precisão.
- Multiplexador estatístico de dados
- Compressor de dados
- Controladora de comunicação (*front-end-processo*)
- Unidade de terminal remota (UTR)
- Computador de bordo para veículos automotores
- Registrador de eventos
- Impressora de não impacto com velocidade inferior a 50 ppm (páginas por minuto).
- Unidade central de processamento de médio porte
- Unidade central de processamento de grande porte
- Equipamento digital de comunicação de dados via satélite
- Máquina contadora/seletora de cédulas
- Telefac-símile digital
- Equipamento digital de correio de voz
- PABX do tipo CPA
- Relé digital para energia elétrica
- Comando numérico computadorizado (CNC) com capacidade de interpolação simultânea até 10 eixos
- Transistor, LCD, diodo laser, circuito híbrido, circuitos integrados (ficam na lista em princípio até que seja definida uma política de microeletrônica).
- Ignição eletrônica digital para veículos automotores
- Injeção eletrônica digital de combustível para veículos automotores
- Fibra ótica
- Registrador/medidor de energia elétrica
- Equipamento de teste de automático para placas de circuito impresso
- Controlador programável (CLP)
- Controlador digital de processo
- Transmissor digital
- Sistema digital de controle distribuído (SDCD)
- Controlador digital de demanda de energia elétrica

Informe Econômico

Depois das turbulências da semana, iniciada sob o signo da demissão do ministro da Justiça, Bernardo Cabral, e encerrada com a queda do presidente da Petrobrás, Luiz Octávio da Motta Veiga, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, dá uma guinada de 180 graus: depois de sete meses, completos, de governo, visita a sede da Fiesp, a convite de Mário Amato, seu presidente. Amato, que já foi qualificado com quase todos os maus adjetivos pelo atual governo, diz que não guarda mágoas, torce pelo "Brasil Futebol Clube". Seu objetivo, comenta, é reunir as principais questões dos cerca de 120 presidentes de sindicatos da Fiesp em dez consolidadas perguntas e expô-las à ministra.

Mas já sabe. As grandes preocupações de todos são os juros altos — "deste jeito todo mundo vai parar de produzir e voltar para a ciranda financeira", alerta ele —, os riscos de concordatas e a queda das vendas. "Desde o dia 15 de setembro só se vendem alimentos", reclama até com humor: "Parece que fizeram uma assembléia de clientes para ninguém comprar mais." Amato apressa-se em dizer que apóia o plano econômico e aponta a saída, única, segundo ele: o pacto.

■

Começou

As fraldas Estrella argentinas estavam sendo o colírio dos olhos das mamães brasileiras. De repente, as embalagens com 52 unidades passaram a ter 48, tamanho para recém-nascido, igualzinho as produzidas no Brasil. E as que tinham 36 passaram para 24 unidades. As embalagens mudaram, mas os preços não, mesmo assim ainda estão mais baratas que as nacionais. No Mappin, por exemplo, continua o mesmo preço, Cr$ 1.300. Há casos, porém, em que as produzidas no Brasil são mais em conta, saem por até Cr$ 1.200, caso especial de promoções. No geral, o preço delas é em torno dos Cr$ 1.900.

Dívida

"As premissas são ótimas para o Brasil, a esquerda adorou, a ordem internacional é injusta mesmo e, justamente por essas razões, a proposta de negociação da dívida apresentada aos credores estrangeiros está completamente fora da realidade." A frase é de um ex-ministro de Estado, que se confessa preocupado com o risco de uma confrontação com os credores. Seguindo o raciocínio do ex-ministro, a equipe do governo está apostando nos banqueiros europeus e vai perder. "Eles pensam que os banqueiros europeus são bonzinhos. Não são, não. São mais radicais que os americanos e podem esperar. A impressão que eu tenho é de que foi feita uma proposta para consumo interno."

Estratégia

Outro motivo de apreensão para o mesmo ex-ministro é a firmeza — que ele também louva em princípio — da equipe ao anunciar que a proposta está feita e não será alterada. "O Kandir, que é um rapaz brilhante, falou isso na televisão esses dias. Acho muito arriscado e amador. Negociação é negociação. Quem promete e anuncia publicamente sua promessa numa sociedade complexa como a nossa corre o risco de não cumprir o que prometeu e isso afeta a credibilidade do todo." O que, segundo ele, é uma pena. "O programa é bom, temos um presidente determinado, já estamos vendo empresários falando em fazer sacrifícios, mas é preciso acabar com essa mania meio triunfalista de prometer." Vale para a dívida e vale para a queda da inflação.

Inflação

O Brasil teve a quarta maior inflação (12,7%) entre os países da América Latina em setembro, já sob o impacto do choque do petróleo. O campeão da inflação foi a Argentina, com 15,7%. Em segundo lugar, ficou o Uruguai, com 14,6%, e em terceiro o Peru, com 13,8%. A menor inflação entre os latino-americanos foi a do México, 1,4%, acumulando nos últimos doze meses 28,6%, contra 3.526% do Brasil.

Omelete

Para alcançar tal inflação, o México sofreu. A CNI, que defende ainda alguns cartórios e treme ao falar em recessão e política de juros altos, editou um estudo para dizer que os mexicanos deixaram, com seu programa de estabilização, câmbio desarrumado, saldo negativo na balança comercial por causa da abertura para a importação e taxa de juros nas nuvens. Quer dizer, está a favor de um programa para reduzir a inflação, mas no discurso. Quando chega a sua vez de entrar com uma parcela de sacrifício, quer tudo de volta. O estudo não cita que a inflação mexicana está a 1,4% e acumula 28,6% nos últimos doze meses. É a tal história da omelete sem quebrar os ovos.

Lucros & Perdas

Estudo do Departamento de Economia do Lloyds Bank, de Londres, Inglaterra: a Arábia Saudita vai ganhar US$ 38 bilhões com a crise do petróleo. É o grande vencedor da guerra que ainda não houve e quem está lucrando com a ocupação, pelos americanos, do próprio território. Em segundo lugar está a Venezuela, com encaixe adicional de US$ 13 bilhões.

Os grandes derrotados são, desde já, ainda segundo o estudo do Lloyds Bank: Coréia do Sul (menos US$ 4 bilhões); Índia, Brasil, Cingapura, Turquia e Formosa (todos com menos US$ 2 bilhões). Os países diretamente envolvidos no conflito (Iraque e Kwait) perderam juntos US$ 25 bilhões.

José Antônio Rodrigues (interino, com sucursais)

Novo regimento prevê a redução do poder do conselho

O primeiro ponto da pauta de reunião do Conin é a discussão do regimento interno do órgão. Caso o documento seja aprovado na íntegra, o conselho — composto por 12 representantes do governo e oito da sociedade civil — deixará de ser o todo-poderoso fórum das decisões da informática. Isto porque um dos artigos prevê que o secretário de Ciência e Tecnologia, José Goldemberg, presidente do Conin, tome decisões "ad referendum" do conselho e delibere através de ato administrativo sobre matérias que necessitem de "urgente" aprovação. Isto é: sem consulta ao colegiado.

"O novo ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, assumiu dizendo que não pretende recorrer às medidas provisórias mas a Secretaria de Ciência e Tecnologia acaba de criar a MP do Conin", critica Sergio Rosa, representante dos trabalhadores no Conselho. Além disso, a minuta do regimento, ao estabelecer as competências do colegiado utiliza expressões do tipo "propor" e "apreciar" em substituição às do regimento anterior, que dão poderes aos membros do conselho para "decidir" e "estabelecer".

A minuta, elaborada pela Secretaria de Ciência e Tecnologia, apresenta também um equívoco jurídico em suas primeiras linhas ao estabelecer que o Conin é um órgão de assessoramento direto do secretário e não do presidente da República conforme estabelece a Lei de Informática, denuncia o secretário-geral do MBI (Movimento Brasil Informática), Fernando Calicchio. Causou também estranheza a falta de competência do conselho para análise dos pedidos de incentivos fiscais. Por essas e outras, a reunião da próxima quarta-feira promete ser recheada de polêmica. O recurso da Cobra Computadores e da Digirede, contra decisões tomadas pela SEI no governo Sarney, também será julgado. (*C.C.*)

Quem é quem no Conin

George Charles Fischer — representante da Associação do Direito da Informática (ABDI), entidade que reúne 170 associados e está ocupando uma cadeira que historicamente era da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), pela primeira vez sem voz no Conin. Foi representante dos interesses da empresa americana Microsoft no caso MS-DOS, pivô da crise que resultou nas ameaças de retaliação americana ao Brasil. Representou também a americana American Telephone & Telegraph (ATT), produtora do sistema operacional Unix. O licenciamento do Unix foi autorizado pela SEI e contestado pela Cobra Computadores através de recurso administrativo impetrado no Conin, ainda pendente. Este recurso será julgado na próxima quarta-feira, na segunda reunião do conselho. Fischer garante que vai se abster de votar a matéria.

Enrico Misagi — Representante da Confederação Nacional da Indústria(CNI) e presidente da Olivetti Brasil. Personagem central do Caso Tenpo. Esta empresa, formada por ex-funcionários da Olivetti, tinha projeto de atuar na produção de terminais telex eletrônicos, segmento incluído na reserva de mercado e foi acusada de ser *testa-de-ferro* da Olivetti. A SEI deu parecer contra, sob alegação de que a Tenpo não era uma empresa nacional à luz da Lei de Informática. Desconsiderando parecer da SEI, o então ministro Roberto Cardoso Alves, no breve período em que acumulou a pasta da Ciência e Tecnologia e da Indústria e do Comércio, na gestão Sarney, enquadrou a Tenpo como empresa nacional. Esta decisão foi suspensa através de mandado de segurança obtido na Justiça pela Abicomp. A Tenpo recuou.

Carlos Rocha — Representante da Associação Brasileira da Indústria de Computadores e Periféricos (Abicomp) e presidente da empresa paulista TDA. Candidato derrotado à presidência da entidade nas últimas eleições da Abicomp, em junho de 1989. Rocha coordenou, dentro da entidade, o trabalho de elaboração de proposta da primeira lista de produtos que deveriam permanecer protegidos até 1992 e os critérios para redução progressiva das aliquotas de importação de bens de informática. Esta relação, que inicialmente apresentava 500 produtos.

Sérgio Rosa — Representante da Federação Nacional dos Trabalhadores em Processamento de Dados (Fenadados) e da Associação dos Profissionais de Processamento de Dados (APPD). Sua ação no Conin já lhe valeu um processo movido pelo empresário S.B. Fusco em decorrência de seu empenho em barrar doações de estações de trabalho computadorizadas para universidades intermediadas por Fusco, que estavam sob fortes suspeitas de serem ilegais. O Conin acabou por retirar a matéria da pauta e novas doações não foram mais autorizadas. Foi um dos formuladores do programa tecnológico de Luis Inácio Lula da Silva. É membro da Comissão Nacional de Tecnologia e Automação da Central Única dos Tralhadores (CUT-Nacional).

Clésio Tavares — Representante da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), onde ocupa a função de presidente, com madato até 1991. Professor titular de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) abriu mão de enviar canditados a uma vaga no conselho em apoio ao nome de Tavares.

Celso Cordeiro — Representante e presidente da Associação Brasileira das Empresas de Software, entidade dos distribuidores de *software* estrangeiro no país, com cerca de 170 associados, e presidente da empresa paulista Fluxo Informática. Está ocupando a cadeira que até então era do representante da associação dos produtores nacionais, a Assespro, excluída do conselho.

Fábio de Souza Neto — Representante da Sociedade Brasileira dos Usuários de Computadores, Equipamentos Subsidiários e Telecomunicações (Sucesu-Nacional). Eleito no início deste ano para a presidência da entidade, com mandato válido até o final de 1990. Funcionário do Bamerindus em Curitiba.

Armando Sobral Rolemberg — Representante da Federação Nacional dos Jornalistas. Eleito ano passado para a presidência da entidade pela segunda vez consecutiva, com mandato até 1992. Integrou a primeira comissão nacional pró-CUT. Teve um lugar assegurado no conselho por conta de uma emenda do ex-deputado Maurício Früet (PMDB-PR) que criou uma vaga para representante dos jornalistas no colegiado. A mesma emenda previa uma composição equilibrada no Conin, com a escolha de igual número de representantes do governo e da sociedade civil, mas o decreto que regulamentou a matéria garantiu 12 cadeiras ao governo e oito para os representantes civis.

Criadores de cavalos têm patrimônio de US$ 3 bilhões

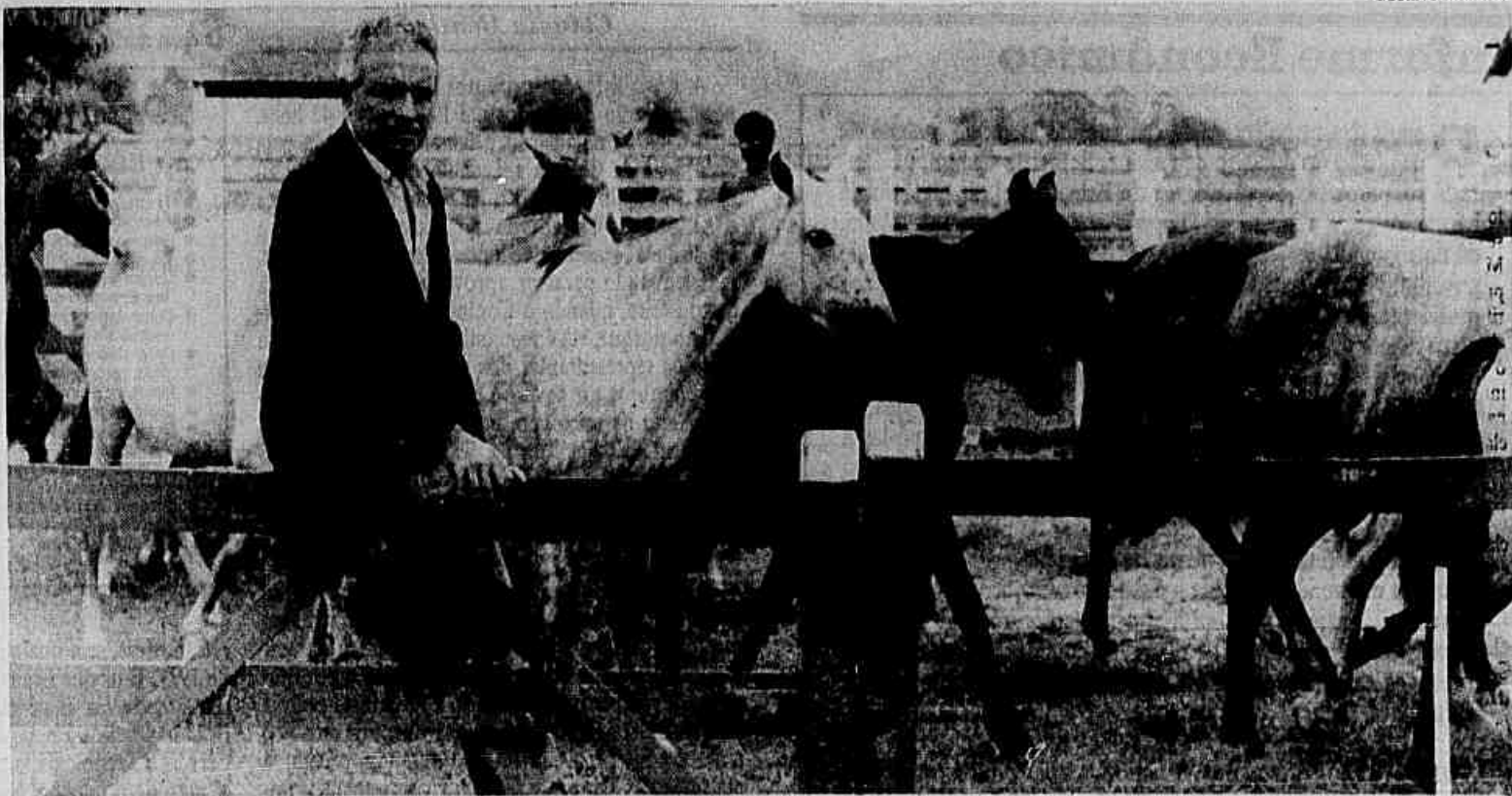
Paula Guatimosim

Com a marcha cômoda que caracteriza seu passo, o cavalo mangalarga marchador disparou na preferência dos criadores nacionais. Intitulado como o cavalo sem fronteiras, que agrada tanto o peão quanto o patrão, o mangalarga marchador tem o maior *stud book* do país, com 160 mil animais inscritos. Nos últimos dez anos, o número de criadores triplicou, passando de dois mil para seis mil, e a tropa, espalhada de norte a sul do país, quadruplicou.

Outra importante raça de cavalos marchadores, a campolina, reúne 3.350 associados no país, sendo que o Rio de Janeiro detém o segundo maior plantel, superado por Minas Gerais, com mais de 60% dos animais. Já no cavalo árabe, os criadores fluminenses, do total de 2.224 do país, estão em quarto lugar.

O Estado do Rio é o segundo criador de mangalarga marchador, com 1.200 filiados, perdendo apenas para Minas Gerais, onde surgiu a raça. Dos pastos fluminenses saem campeões de espécie e preço, como o atual grande vencedor da exposição nacional, onde um criador do Estado também obteve o recorde brasileiro de preço em leilões.

Os 35 mil criadores de todos os tipos, que somam 700 mil cavalos registrados no Brasil, têm um patrimônio liquido avaliado em US$ 3 bilhões e geram empregos em número superior a todas as montadoras de automóveis juntas. Há quem prefira o cavalo campolina, mais alto, robusto e fogoso; outros, o quarto de milha, por ser o mais rápido na corrida dos 400 metros; e muitos afirmam ser o árabe o rei dos eqüinos. O que não se pode negar é o fato de a criação de cavalos ser uma paixão, que também gera fantásticos negócios.

Gustavo Miranda

Eider Ribeiro Dantas tem 47 cavalos de raça, além de 200 cabeças de gado nelore e 110 vacas girolandas

Rio, Estado de campeões

O Rio de Janeiro, como segundo maior criador nacional de cavalos da raça mangalarga marchador, movimenta a cada ano US$ 9 milhões em mais de 30 leilões realizados no Estado. São autênticos fazendeiros e empresários que conquistam cada vez mais títulos nas exposições nacionais da raça e que obtêm os maiores lances em leilões, como o criador Osaná Almeida, de Cabo Frio, que vendeu a potra de *867 Prateado da Tosana*, de 14 meses, por Cr$ 6 milhões, recorde entre todas as raças criadas no país em sua faixa de idade. Vale ressaltar que a compradora do animal, Gilda Mello Ourivio, também é fazendeira no Estado.

O grande campeão nacional da raça, na 9ª Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador, realizada de 22 a 30 de setembro, em Belo Horizonte, foi o animal *Brinquedo de Porto Azul*, propriedade de Álvaro Geraldo Leite Lima, com haras em Santo Antônio de Pádua (RJ). Foi também do Rio que saíram os primeiros animais exportados, com ajuda do empresário Olavo Egydio Monteiro de Carvalho, que já encaminhou mais de 70 mangalargas marchadores para a Alemanha. Antevendo uma possibilidade futura, o advogado e criador Hélio Bello Cavalcanti inaugurou a coleta de sêmen desta raça. Ele não podia deixar de aproveitar todo o potencial de *Herdade Cadillac*, um dos maiores reprodutores mangalarga marchador, responsável por filhos e netos que valorizam qualquer leilão e freqüentes campeões.

Amanhã é dia de leilão, o terceiro promovido pela Fazenda Parahy, do empresário Arlei de Lima Costa, que será realizado na Sociedade Hípica Brasileira, às 19h. Serão oferecidos 35 animais, 34 fêmeas e um reprodutor, *Balé de Parahy*, propriedade do empresário promotor, que colocará mais 12 animais de sua criação à venda. Será uma noite em que estarão atentos aos animais da pista, a serem leiloados por Carlos Príncipe, da Destaque Leilões, empresários do mercado financeiro, como Antonio José Carneiro (Multiplic), Carlos Ernanny Mello e Silva (Investicorp), Edgard da Silva Ramos (Sênior), Renato Bonjean (Cotibra), e Cesar Manoel de Souza (Open).

A 9ª Exposição Nacional do Cavalo Mangalarga Marchador, realizada de 22 a 30 de setembro, em Belo Horizonte, reuniu 320 criadores de todo o país, que inscreveram um total de 770 animais. Foram realizados negócios no valor de Cr$ 68,5 milhões nos três leilões da raça. A Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador (ABCCMM) decidiu que, a partir do ano que vem, só serão aceitas inscrições de cavalos premiados em exposições regionais oficializadas pela entidade. A modificação foi necessária devido ao aumento do número de animais participantes da exposição, que pulou de 520 no ano passado para 770 este ano.

Novidade — Outra novidade da ABCCMM é o registro de animais castrados, ideais para lazer e trabalho (por serem mais dóceis que os reprodutores e manterem a comodidade do andamento característico da raça), que em primeiro leilão movimentaram Cr$ 4,4 milhões com a venda de 18 animais. O presidente da ABCCMM, Sílvio Lúcio de Araújo (presidente do Banco Mercantil do Brasil), surpreendeu-se com o resultado dos leilões, pois apesar do aperto de liquidez os preços médios obtidos demonstram um crescimento real (descontada a inflação do período) de 45% em compração aos leilões realizados entre janeiro e março deste ano.

Estimativas do publicitário e criador fluminense Bjarke Rink indicam que os 35 mil criadores de cavalos de raça em todo o Brasil têm um plantel de 700 mil animais registrados e patrimônio liquido superior a US$ 3 bilhões. Considerando que cada criador emprega uma média de quatro trabalhadores, Rink calcula que os criadores de cavalos empregam em suas fazendas cerca de 140 mil pessoas, número superior ao total de empregos gerados pelas quatro maiores montadoras de automóveis.

Entre as oito principais raças criadas no país, o mangalarga marchador tem o maior *stud book*, com 160 mil animais registrados, dos quais o Rio de Janeiro deve responder por 30 mil. O número de sócios da ABCCMM aumentou de dois mil para seis mil nos últimos 10 anos, período em que o tamanho da tropa registrada quadruplicou. O Núcleo do Rio, foi o primeiro a ser criado, por 23 criadores em 1984, e hoje conta com 400 sócios, do total de 1.200 criadores associados à ABCCMM. Em seis anos, a idéia de descentralizar os registros de animais e o fomento da raça se espalhou, e hoje existem mais dois núcleos no Estado e mais de 30 em todo o país, do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

Em Itaguaí, Eider fatura US$ 5 mil ao mês

Só a frustração na primeira investida na política talvez possa superar o abatimento do atual presidente do Núcleo Rio do Mangalarga Marchador, Eider Ribeiro Dantas Filho, com a perda dos dois reprodutores de sua Fazenda Iguatú, no início do ano. Com menos de 10 mil votos, Eider Dantas não conseguiu se eleger deputado estadual pelo PDT, mas descobriu que a política corre em seu sangue. Assim como a paixão pelo mangalarga marchador.

Na Fazenda Iguatú, com 460 hectares, em Itaguaí (a 65 quilômetros do Rio), Eider Dantas mantém 47 cavalos da raça, sendo 20 matrizes; 200 cabeças de gado nelore para corte; e um rebanho de 110 vacas girolandas (mestiças das raças holandesa e gir), 65 das quais produzem 500 litros de leite por dia. Com patrimônio liquido avaliado em Cr$ 229 milhões, a fazenda consegue gerar uma renda mensal de US$ 5 mil, contra um custo, que só na criação de cavalos, chega a US$ 1 mil por mês, e que está longe do faturamento de US$ 200 mil obtido por Eider Dantas com sua rede de cinco Óticas Foto Moderna, em São Paulo.

Segundo o criador, a receita obtida na fazenda oscila muito e a venda de cavalos é o faturamento menos constante. No entanto, quando acontece, permite vários meses de *folga*. No ano passado, Eider vendeu 10 éguas, pelas quais apurou nada menos que US$ 150 mil. Para aumentar sua receita no campo, o criador pretende instalar na entrada da propriedade uma usina de leite com capacidade para processar 10 mil litros por dia.

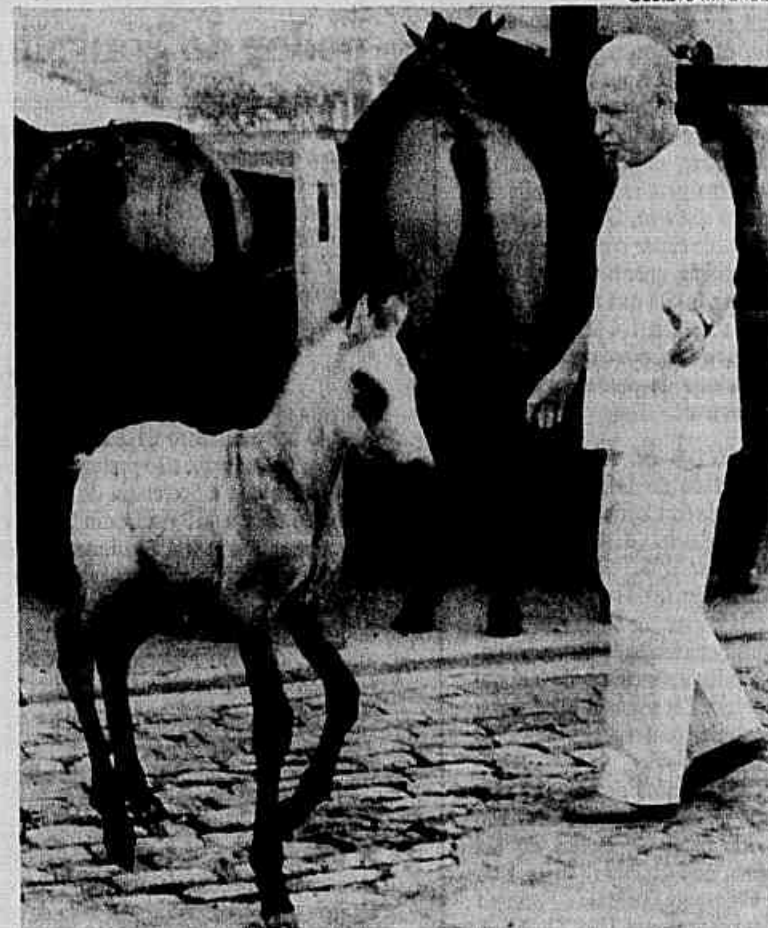
O projeto, elaborado pela Ruraltec, está orçado em Cr$ 124 milhões, dos quais 50% seriam financiados pelo Banerj. Mas precisou ser adiado devido à decisão do Banco Central de vetar a liberação de recursos para investimentos no setor rural. Quando sair do papel, a usina vai gerar 120 empregos diretos e absorver 7.000 litros de leite de sitiantes e fazendeiros da região, já que Eider elevará sua produção para 3.000 litros/dia. (*P.G.*)

Negociações intermediadas por advogado

O advogado Fernando Magalhães, que há 30 anos cria mangalarga marchador e recria gado nelore, é uma espécie de consultor e intermediador de negócios agropecuários no Estado do Rio. Com grandes amizades entre os empresários fluminenses, Magalhães assessorou muitos empresários na criação de cavalos desta raça. É ele que, na maioria das vezes, está por trás da concretização de venda de propriedades rurais, gado e cavalos. "Muitas vezes o criador não tem tempo para fazer os negócios, e acaba deixando em minhas mãos", explica Magalhães.

Segundo ele, nem sempre as vendas geram comissões, já que um favor pode valer o início de uma grande amizade. Em sua opinião, a entrada de empresários — "gente de outro ramo"— na atividade rural deu um novo impulso aos negócios. "Os que vivem de fazenda agradecem", afirma Magalhães, que mantém em posteres na parede do escritório da Fazenda Invejada, reportagens feitas no início da década de 70 pelo **JORNAL DO BRASIL**, onde por 11 anos ocupou a gerência financeira.

Comprada há nove anos, a Fazenda Invejada, a 70 quilômetros do Rio, na entrada do município de Paracambi, é um lugar de oportunidades: sem luxo, mas funcional, onde não se encontra uma ponta de cigarro no chão. O sistema de criação mantém os animais nos pastos, que ocupam boa parte dos 500 hectares. Neles são mantidas 800 cabeças de nelore para recria — animais adquiridos depois da desmama e mantidos até a fase que antecede a engorda.

Gustavo Miranda

Magalhães: experiência de 30 anos ajuda empresários

O plantel de mangalarga marchador soma 40 cabeças e o principal reprodutor é *Ianque do Pica-Pau Amarelo*, que além de campeão nacional da raça em 1983, ficou conhecido como o cavalo do *Sinhozinho Malta*, personagem vivido por Lima Duarte na novela *Roque Santeiro*. *Zinco da Invejada*, o segundo *raçador* da fazenda, é o único pampa (pelagem malhada) de preto e branco do Estado. Ideal para ser usado como reprodutor por criadores que querem obter cavalos parecidos com os usados por índios em filmes americanos.

Apesar da certeza de que o investimento em cavalos é superior aos gastos com a criação de gado, Fernando Magalhães não abre mão da receita, bastante superior, apurada com a venda de eqüinos. E dá um exemplo: uma boa potra de um ano pode render Cr$ 1,4 milhão em leilão, o equivalente a 30 bois de 16 arrobas, já que cada arroba vale Cr$ 3.000 e um boi engordado a pasto ganha seis arrobas a cada ano. (*P.G.*)

Empresário é pioneiro

Busca do mercado externo começou há quatro anos

Fernanda Mayrink

Carvalho: paixão antiga

Foi com a ajuda de Olavo Monteiro de Carvalho que os primeiros exemplares mangalarga marchador embarcaram para a Europa, há quatro anos. Em abril deste ano, sua participação foi decisiva para que a raça participasse da Equitana, exposição em Essen, Alemanha, onde atualmente marcham mais de 70 animais de vários criadores.

O criador conquistou prêmios com os seis animais que levou à exposição nacional deste ano. Um segundo lugar na categoria cavalo jovem, com o animal *Briton*, um terceiro prêmio na categoria égua jovem, com *Fada de Santarém*, e o quarto lugar na disputa de melhor progênie de pai, conquistado por seu principal reprodutor, *Cafundó Urânio*.

O Grupo Monteiro Aranha também investe em agropecuária, mas a Fazenda Santarém, em Bemposta (Petrópolis), é sua propriedade particular. A paixão por cavalos é antiga, mas a opção de Olavo de Carvalho pelo mangalarga marchador também recai sobre a marcha: "É um animal dócil, fácil de criar e de andamento cômodo, que pode ser montado até pelos visitantes que não estão em perfeita forma", diz o empresário.

Para o presidente do Grupo Monteiro Aranha, com patrimônio liquido avaliado em US$ 250 milhões, a fazenda é uma opção de lazer. Mas entre as três atividades econômicas — café, leite e cavalos —, o mangalarga marchador é a mais rentável. Fora do mercado há um ano, por causa das freqüentes viagens, Olavo Monteiro de Carvalho acredita que o mangalarga marchador está melhor cotado no mercado interno do que no externo. E justifica: "Só o transporte aéreo representa US$ 5 mil no custo da exportação."

Paciência — Por trás do nome de Sérgio Quintella (ex-Grupo Montreal e atual presidente da AD-Rio), e da denominação Paciência, está a atuação de Teresa Cristina, mulher do empresário, responsável pela fazenda. Mesmo antes do marido se aventurar na política, na tentativa de conquistar uma vaga de deputado federal pelo PL, era Teresa quem administrava a Fazenda Paciência, que além de mangalarga marchador, cria gado leiteiro, de corte, produz leite e faz reflorestamento.

Como os demais fazendeiros, Teresa Cristina afirma que os cavalos são os que dão mais retorno econômico (60% do total), e é o que mais une a família e dá prazer. O plantel, formado por 55 cavalos (e dois reprodutores), é negociado exclusivamente em leilões, "para não parecer que nos leilões só são colocados cavalos de descarte", afirma Teresa. Só este ano foram vendidos 22 animais, que renderam à Fazenda Paciência US$ 40 mil. (*P. G.*)

Potranca obtém recorde de preço em leilão

Uma potrinha de um ano e dois meses, a *867 Prateado da Tosana*, arrematada por Cr$ 6 milhões, é a recordista nacional de preços em leilão em sua faixa etária. Uma trajetória de prêmios e campeonatos, como o conquistado por *443 Marengo da Tosana*, grande campeão nacional da raça em 1989 ou o título de melhor criador e expositor na Exposição Estadual de Barra do Piraí este ano, garantiu ao criador Osaná Almeida, da Tosana Agropecuária, em Cabo Frio, obter o maior lance entre os três leilões realizados durante a exposição nacional do mangalarga marchador deste ano. A *867 Prateado* continuará a aprimorar a tropa no Rio de Janeiro, já que a compradora, Gilda Ribeiro Junqueira Mello Ourivio, do Rio Palace Hotel, também é fazendeira no Estado.

Quem arremata um animal da Tosana leva junto um livro impresso por computador com toda a genealogia do cavalo e suas premiações. É que a informática controla tudo nesta fazenda de cinco mil hectares, onde se planta arroz, feijão e milho; e cria-se 6.500 cabeças de bovinos das raças nelore, gir e indubrasil. Mas é o plantel de 400 cavalos mangalarga marchador que gera 50% do faturamento da fazenda. O principal reprodutor da Tosana, *Herdade Prateado*, mesmo sem nunca ter ganho prêmios em exposições, foi 20 vezes campeão progênie de pai, imprimindo sua raça em filhos e netos, que lotam o escritório da fazenda de troféus.

Em leilão exclusivo, realizado em meados de setembro, em São Paulo, uma cobertura (cruza) de *Herdade Prateado* saiu por US$ 10 mil, contra a média de US$ 2.300. Admitindo que a participação do peão é fundamental no sucesso da criação, Osaná divide entre os 30 empregados que cuidam exclusivamente dos cavalos os lucros, em participações que variam de 0,5% a 3% do preço de venda. Darcy Pinheiro, considerado por outros criadores como um dos melhores tratadores de cavalos do país, é o diretor-adjunto da empresa. Mas é ele mesmo que monta os animais nos campeonatos de marcha e apresenta os produtos da Tosana nos leilões e exposições.

A receita de sucesso deste baiano, que desde 1963 mora no Rio, é a obstinação, segundo ele, sua maior qualidade. Baratear a criação investindo em boas pastagens para que as matrizes (fêmeas) possam ser criadas no pasto é condição fundamental para reduzir custos. A opção pelo mangalarga marchador levou em consideração a resistência, a versatilidade, o temperamento dócil e o andamento cômodo, caraterística que agrada peão e patrão. Uma descoberta feita em 1967, quando Osaná deu início a criação no Rio, para atender à demanda de animais para serviço nas fazendas de Goiás, Mato Grosso e Bahia. Foi quando encerrou sua "fase de bandeirante" no desbravamento de novas fronteiras, manteve a fazenda na Bahia e no Rio. (P.G)

Osaná Almeida com Herdade Prateado: título de melhor criador e a conquista dos maiores prêmios da raça

Cotação

■ MARIA CHRISTINA MAGNELLI

A Securit de volta ao crescimento

SÃO PAULO — Há pelo menos duas maneiras de se apresentar a empresária Maria Christina Magnelli, principal acionista da Securit. A mais *clássica* é a que a chama de presidenta e, com o espanto provocado pelo inusitado, afirma que se não bastasse ser mulher e bonita, ela teve o mérito de reconduzir a empresa ao caminho do crescimento. Essa desagrada Maria Christina por ser machista demais. A outra não elimina o espanto diante de sua trajetória, mas o foco da admiração não se perde nos olhos verdes da empresária. O mérito, nesse caso, não é triplo. É o da administradora que prefere ser chamada de presidente e que oito anos atrás assumiu o posto com a segurança de quem atravessa uma avenida com os olhos vendados.

Ela sabia tudo de inglês, francês, italiano, artes plásticas. Mostrava talento no tear sueco. Cuidava dos quatro filhos com a dedicação de uma mãe italiana. Nada que se mostrasse útil diante daquela empresa em concordata, das dívidas crescendo em ritmo de bola de neve, dos 1.300 funcionários com os dois pés para trás diante da nova direção, dos concorrentes esfregando as mãos diante da *barbada*. "Pensei que fosse preciso viver três vezes para resolver tudo", diz.

Enganaram-se todos, inclusive ela mesma. Em oito anos, a Securit, empresa familiar que recém-completou meio século de existência como uma das principais fabricantes de móveis de metal e madeira, saiu da beira do abismo para alcançar um crescimento de 89,7% no ano passado, o maior do setor, segundo a edição de *Melhores e Maiores* de 1990, índice admirável quando confrontado com a média de crescimento da indústria de móveis como um todo, de apenas 7,7%. A Securit não está completamente saneada. Suas dívidas (fiscais, basicamente) somam US$ 20 milhões, dos quais US$ 10 milhões terão de ser pagos até o final do ano. Maria Christina, contudo, teria hoje de recorrer a uma luneta para ver de perto seu ponto de partida.

Inovação forçada — A mudança da Securit foi tão radical quanto a que a empresária constata quando se coloca à frente do espelho. Aos 42 anos ela está ainda mais bonita do que aos 34. E tão familiarizada com os meandros da profissão e do setor que, como vice-presidente da Associação Moveleira do Estado de São Paulo, tornou-se militante da modernização da indústria. "A nova política industrial está dando a toda indústria a oportunidade de trabalhar mais realisticamente", diz. "A inflação promovia uma corrida aos investimentos financeiros em detrimento de outros que teriam feito da nossa indústria uma indústria moderna e competitiva. Será difícil e é uma novidade para a maioria."

Para a Securit, nem tanto. Depois de atravessar momentos de altíssimo risco em 1981, 1982 e 1983, a empresa passou a investir em novas técnicas de fabricação, novas técnicas administrativas, expressões que a maioria dos empresários começou a balbuciar depois do Plano Collor e ela, como presidente de uma empresa com dívidas e sem dinheiro para investir, foi obrigada a pronunciar na marra, sem nenhuma intenção de se tornar o par perfeito para Ricardo Semler, o inovador presidente da Semco, um dos primeiros empresários a praticar o sistema de gestão participativa.

O caso Securit-Maria Christina Magnelli é daqueles que não escapam de um *quem te viu e quem te vê* pontuado com exclamação. Oito anos atrás, ela era uma herdeira acuada, a única que havia para assumir a empresa, depois da morte de seu marido, Sandro Magnelli, filho único, num acidente de carro. Se não falava, demonstrava em cada um dos gestos hesitantes que havia uma sensação de ilegitimidade a incomodá-la. Aquela cadeira de presidente pertencia, pela ordem, a seu sogro, o fundador, Aldo Magnelli, a seu marido e a seus quatro filhos.

A sensação de *estar presidente* e, pior ainda, no meio de um bombardeio, mexeu com a cabeça e com o corpo da herdeira. Enquanto ganhava alguns quilos dispensáveis, tamanha a pressão, apaixonava-se pelo quebra-cabeça da reconstrução da Securit. "Eu queria mudar o jeito da empresa, familiar, muito formal, que já havia passado por uma transição difícil quando meu sogro, por problemas de saúde, afastou-se repentinamente e cedeu lugar ao Sandro." Mas não queria tocar na vocação inovadora que permeou a trajetória da empresa, das relações de trabalho à preocupação com o *design* como componente da qualidade de um produto. Exemplo: anos antes de as mulheres terem direitos trabalhistas idênticos aos dos homens, Aldo Magnelli já praticava a igualdade em suas firmas, inclusive na Tecnogeral, conhecida por ter fabricado a carroceria completa do primeiro automóvel nacional, a Romi-Isetta.

Mãos à obra — Se continuasse sendo tratada como mulher-prodígio, a presidente da Securit poderia dizer que sua receita foi esta ou aquela. Mas não houve nenhuma receita. Ela começou apagando incêndios provocados pelos credores, por funcionários que tentavam passá-la para trás e pelas artimanhas de um mercado disputado por 11 mil empresas. Passou dois anos assim. Demitiu e contratou diretores como quem muda os móveis de lugar e afastou a possibilidade de contratar uma firma de consultoria para auxiliá-la. Até que achou o fio da meada, junto com um diretor-geral contratado sem a ajuda de nenhum *head hunter*, profissional tão empenhado em ser anônimo que não permite à presidente mencionar seu nome em entrevistas.

A Securit precisava, como Maria Christina, emagrecer. O número de funcionários caiu de 1.300 para 580 (hoje são 900); o total de itens fabricados passou de seis mil para dois mil; a Brazilian Securit Inc., filial instalada em Boston, tornou-se uma excentricidade e acabou desativada, destino idêntico ao da unidade industrial da Mooca, decidido em benefício da concentração de esforço na fábrica de Guarulhos. A maneira de produzir mudou, assim como o *lay out* da fábrica. Por trás dessas mudanças havia a intenção deliberada de criar núcleos, romper as barreiras entre as diversas etapas do processo.

As áreas de custo, matérias-primas e distribuição passaram a trabalhar como se fossem parte de uma orquestra, à qual começa agora a se integrar a área de vendas. Os níveis hierárquicos diminuíram. O organograma tem a presidente no topo e três diretorias (geral, jurídica e de relações com o mercado). Vários cargos de gerência foram abolidos e o exemplo mais interessante é o da área de *design* e pesquisa, onde não há chefia. Houve ainda uma horizontalização da produção, ou seja, tudo o que não compensava produzir, a Securit passou a comprar de fornecedores, atuando como uma espécie de montadora.

Investindo quase nada em maquinário, a Securit se modernizou e a base dessa modernização está na política de recursos humanos. "Percebi que a comissão de fábrica é um canal indispensável para o vaivém de informações e que os trabalhadores gostam de ser autores", diz Maria Christina. Seminários, cursos, até peças de teatro foram montadas para facilitar o diálogo, unificar a linguagem dentro da empresa e conquistar a confiança dos funcionários para a causa de reerguê-la. Não foi, portanto, com *jeitinho feminino* que Maria Christina Magnelli conseguiu atingir seu objetivo.

A herdeira que pretende, em 1991, criar cursos de economia empresarial para os funcionários, retomar seus planos de exportação e consolidar o projeto de informatização iniciado por seu marido em meio a uma tremenda resistência, tocou no ponto fraco da maioria das companhias e encontrou uma enxurrada de soluções. Isso até aparece nos livros de administração que despencaram sobre a sua mesa ao longo desses anos. Mas não foi em nenhum deles que Maria Christina Magnelli aprendeu. "Eles, em geral, são muito chatos e eu mal consigo chegar à metade." (*Célia Chaim*)

São Paulo — Ariovaldo Santos

Os números da Securit

Faturamento em 1989	US$ 29,7 milhões
Distribuição do faturamento	
móveis para escritórios	60%
móveis industriais	20%
cozinhas	15%
acessórios para escritório	5%
Número de funcionários	900
Dívidas	US$ 20 milhões
Liquidez	0,30 (média do setor: 1,49)
Consumo de aço em 1989	3.140 t
Consumo de madeira em 1989	120 mil m²

■ RICARDO SIMONSEN

Amor à economia, herança familiar

Marcia Kranz

O jovem Ricardo Simonsen, de 29 anos, aprendeu a gostar de economia em casa. Ali, cercado de livros e com um professor do primeiríssimo time, Mário Henrique Simonsen, ele começou uma paixão com as equações complicadas que explicam (ou pelo menos tentam) as relações econômicas dentro da sociedade.

Como o pai, Ricardo resolveu fazer Engenharia, e em 1985 pegou o diploma pela PUC carioca, uma das mais conceituadas universidades do país. Mas nem por um dia chegou a exercer a função de engenheiro mecânico. A sua atração realmente era a Economia. Foi, então, que concluiu o mestrado na Fundação Getúlio Vargas e dentro de um ano deve encerrar o doutorado, também na EPGE (Escola de Pós-Graduação em Economia), da qual o ex-ministro da Fazenda é diretor.

Mas antes de concluir o curso, Ricardo recebeu na semana passada um prêmio patrocinado pela financeira Losango, muito prestigiado dentro da comunidade acadêmica, exatamente pelo estudo que está desenvolvendo na sua tese *Dois ensaios sobre o setor financeiro externo*. Na primeira parte do estudo, aborda a queda-de-braço entre os bancos internacionais e os países, tendo como pano de fundo a dívida externa, um tema atualíssimo. Na segunda parte, estuda a política cambial.

"Eu vou usar a teoria dos jogos", conta Ricardo que, a exemplo do pai, gosta muito de matemática. Cauteloso, ele não arrisca a entrar em detalhes sobre a proposta do governo brasileiro para a renegociação da dívida. "É um primeiro movimento", resume.

Dedicado à família, Ricado Simonsen, casado com Maria Inês, divide o seu tempo no estudo e no trabalho — é professor de microeconomia na PUC — com a sua nova paixão: a filha Luísa, de 11 meses. "Desde que nasceu, o meu tempo livre é dedicado a ela", revela. (*Coriolano Gatto*)

José Varella — 20/08/85

■ JOÃO REGIS

A importância do seguro saúde

Depois de passar cinco anos, cinco meses e cinco dias — a repetição de cinco é pura coincidência — à frente da Susep (Superintendência de Seguros Privados) João Regis Ricardo dos Santos acaba de assumir a vice-presidência de produção e benefícios da Bradesco Seguros, maior seguradora do país. No novo cargo, Regis fica encarregado das áreas de seguros de saúde e vida. Isto significa coordenar duas diretorias, dezenas de sucursais e uma carteira de segurados que hoje engloba mais de 1 milhão de pessoas. "Meu trabalho agora é fazer com que cada vez mais o brasileiro procure uma seguradora para fazer seguros de vida e saúde", conta Regis. "Agora estou desenvolvendo um trabalho para convencer os grandes corretores de que o seguro de saúde tem potencial para se tornar o mais importante no Brasil. Aqui o hospitalar é muito alto e as pessoas não podem contar com os hospitais públicos", explica. (*E.A.*)

Adriana Loreto

■ PLÍNIO CASADO

Mais qualidade ao consumidor

Este ano, pela primeira vez, o governo federal nomeou um funcionário de carreira para ficar à frente da Susep (Superintendência de Seguros Privados) — encarregada de fiscalizar o mercado de seguros, capitalização e previdência. É Carlos Plínio de Castro Casado, há 22 anos trabalhando para a autarquia e que promete inovar a atuação do órgão. "Vamos concentrar nossa fiscalização em torno da liquidez das empresas e da qualidade dos produtos oferecidos ao consumidor", explica. No passado a Susep vinha mantendo sob sua custódia inúmeros detalhes operacionais das empresas de seguro, capitalização e previdência privada. "Agora, o que importa para a Susep é que o segurado esteja realmente protegido. Vamos usar muito o novo Código de Defesa do Consumidor para cobrar das empresas um padrão de qualidade digno dos países mais adiantados do mundo", garante Casado. (*Eduardo Alves*)

América Latina busca o caminho para mercado comum

Denise Neumann e Valéria da Silva

SÃO PAULO — No rastro do processo internacional de formação de blocos econômicos, os países da América Latina articulam um intercâmbio maior do que o simples direito de uma consumidora brasileira adquirir fraldas descartáveis argentinas, ou um argentino passear por Buenos Aires em um veículo da General Motors brasileira ou, ainda, o chileno vestir jeans com a marca Staroup. Existe uma intenção dos governos para a formação do Mercado Comum Latino-Americano, que prevê maior liberdade de comércio com a eliminação das barreiras alfandegárias. O primeiro passo nesse sentido será em 31 de dezembro de 1994, data marcada para o início da comercialização com alíquota zero entre Brasil e Argentina.

A formação do Mercado Comum Latino-Americano representa a personificação do ditado *a união faz a força*. É, ao mesmo tempo, uma defesa contra os grandes blocos continentais que estão se formando no resto do mundo, e um fortalecimento das economias latino-americanas para a competição nesses mesmos mercados. A Comunidade Européia, em 1992, será um poderoso bloco que restringirá os negócios com países não integrantes. O comércio entre Estados Unidos e Canadá já está marcado por benefícios fiscais mútuos e os países asiáticos também estão se organizando.

Etapas — Não existe uma idéia única ou uma fórmula pronta para o Mercado Comum Latino-Americano. O começo está no incremento do comércio bilateral entre cada um dos países, especialmente Brasil e Argentina, e, posteriormente, Uruguai e Chile, no chamado Cone Sul. Sem querer perder as vantagens comerciais de sua ligação com os Estados Unidos, o México não quer ficar fora do Mercado Comum Latino-Americano. Sua intenção é diminuir a grande dependência dos Estados Unidos, responsáveis por 70% de suas exportações. Existe um esforço por parte do México de suprir com produtos o Norte e Nordeste brasileiro.

Para José Luis Schiopetto, gerente de projetos da Management & Technology, empresa argentina de consultoria instalada no Brasil, associada ao Crefisul, o incremento comercial no Cone Sul é o primeiro passo e já está ocorrendo. Entre 1985 e 1989, o comércio bilateral brasileiro com a Argentina cresceu 80%, com o Chile 160%, com o Uruguai 180% e com o México, 24%, segundo dados da Coordenadoria de Intercâmbio Comercial (CIC), órgão do Departamento de Comércio Exterior (Decex), antiga Cacex.

"A segunda etapa está na formação de *joint-ventures* e na setorização da produção das empresas multinacionais, instaladas em mais de um país latino-americano", explica Schiopetto. A Mercedes Benz, a Scania e a Autolatina são bons exemplos dessa setorização. Visando à redução de custos, a partir de 1991, a Mercedes concentrará na Argentina a produção de caixas de câmbio e, no Brasil, a fabricação da cabines, eixos e motores de seus caminhões. A Scania, por sua vez, produzirá, na subsidiária argentina, todas as caixas de transmissões.

Para que o comércio fale a mesma língua, é preciso, também, a harmonização e especificação técnica dos produtos, com unificação de pesos e medidas, embalagens, exigências fitosanitárias (para os alimentos), entre outros. O Brasil, por exemplo, não aceita a entrada de biscoitos com embalagens de 80 g, 130 g e 220 g, tamanhos já tradicionais na Argentina.

O terceiro momento estaria no aproveitamento da tradição comercial e das vantagens competitivas de cada país, objetivando a conquista de outros mercados, inclusive a entrada nos demais blocos econômicos. Nesta situação, a Argentina seria a porta de entrada dos produtos latino-americanos na Europa Oriental e União Soviética, antigos parceiros comerciais argentinos.

Objetivos — A última etapa, muito distante do possível e próxima do sonho já centenário de Simon Bolívar, seria o estabelecimento de economias estáveis, inflações controladas, equilíbrio social, política cambial estável, moeda única, câmbio comum, legislação tributária e fiscal idênticas e, o mais complicado, uma maior sintonia política entre cada um dos países. "A integração diminui o poder do governo de cada país em regulamentar a economia ao seu gosto, sendo necessária a preservação de políticas macroeconômicas", pondera Dan Lavanceck, diretor da Coopers & Lybrand, empresa de consultoria com escritórios em diversos países.

A Associação Latino-Americana de Integração (Aladi) há 10 anos vem criando mecanismos para o mercado comum. Segundo João dos Santos Bizzelli, advogado especialista em legislação aduaneira, existem acordos gerais, bilaterais e por setor industrial. O Acordo de Preferência Tarifária Regional estabelece margens de reduções diferenciadas para os países, de acordo com o nível de desenvolvimento econômico. Quando o Brasil exporta para a Bolívia, se favorece de uma redução na alíquota de 8%. Na situação inversa, a Bolívia tem um desconto de 40%. Existe, entretanto, uma lista de produtos que não entram nesse acordo.

A exigência do dólar tem dificultado o comércio entre os países latinos. "O fraco poder de compra de suas moedas deixam os países desfalcados", alerta Robert Schoueri, vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo.

Monopólios — O livre comércio entre os países latinos-americanos significa muito mais que produtos baratos nas prateleiras — representa um instrumento contra os monopólios, oligopólios e cartéis, formados principalmente por poderosas multinacionais. Estes grupos, acostumados a ditar regras e preços, se vêem, de repente, frente a frente com o competidor externo. "A integração é uma ação contra-cartelizante", opina Lavanoek.

Nem todos, porém, estão satisfeitos com os acordos estabelecidos pelos governos. O presidente da Associação Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), Luiz Fernando Furlan, reclama da falta de igualdades tarifárias com a Argentina na questão do complexo soja. "A Argentina tem taxas diferenciadas para soja em grão, bruto e refinado, conferindo vantagens competitivas para suas empresas", acusa Furlan, também diretor da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp). As empresas reclamam muito do protecionismo criado no setor de transportes. Apenas duas empresas marítimas podem transportar produtos entre México e Brasil, além do adicional de frete da Marinha Mercante, fixado em 25%, um elemento encarecedor dos produtos importados para o Brasil.

Os exportadores também reclamam do critério de escolha de produtos não taxados. "Por que a banana tem comércio livre e o abacaxi não?", revolta-se Oscar Seitetsu Untem, diretor da Guaraú Comércio Exterior, que comercializa alimentos para a América Latina.

Balança comercial Brasil (em US$ 1.000 FOB) - 1989

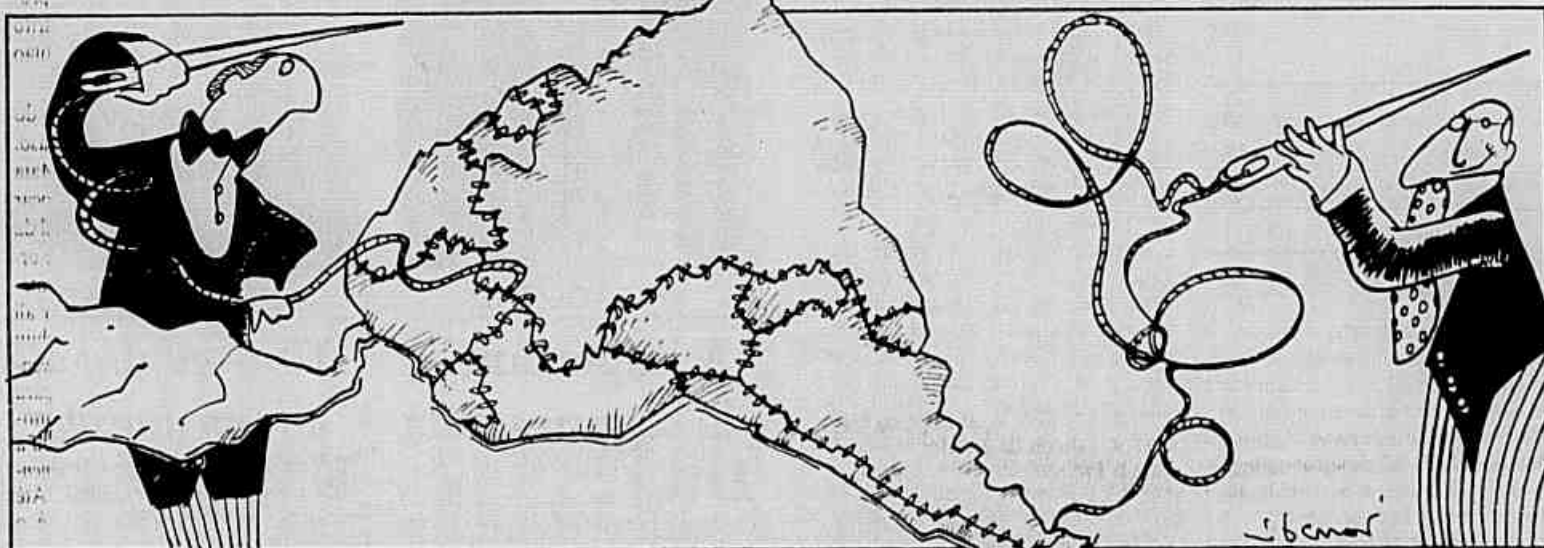
País	Exportação	Importação	Saldo
Argentina	711.786	1.124.965	-413.179
Chile	693.251	515.135	178.116
México	431.163	193.505	237.658
Uruguai	333.602	441.377	-112.923
Paraguai	321.002	358.828	-37.826
Venezuela	266.009	214.109	51.900
Bolívia	228.908	26.778	202.130
Colômbia	204.217	18.280	185.937
Equador	161.401	8.069	153.332
Peru	126.200	162.813	-36.613

Fonte: Coordenadoria de Intercâmbio Comercial (CIC)

Liberati

Troca entre Brasil e Aladi

País	Exportações	Importações
Argentina	Aparelhos de televisão, minérios, itabirito aglomerado, chapas de aço não revestidas, aço	Alimentos (leite e derivados, trigo, azeites e óleos, frutas, verduras, pescados, carnes...), autopeças, engrenagens e máquinas, vidros, laminados, produtos farmacêuticos.
Chile	Autopeças, automóveis, tratores, ônibus, caminhões, aparelhos eletrônicos, plásticos, têxteis, calçados.	Cobre, pescados, frutas, grãos (feijão), salitre, prata, papel, minérios (chumbo, zinco, cobre), madeira.
México	Grãos (principalmente soja), peças e componentes para automóveis.	Fios de cobre, tintas, solventes, corantes, filmes fotográficos, minérios (zin- co, cobre, manganês), cafei- na, vidros para embalagens e milho.
Uruguai	Caldeiras, máquinas, apara tos e artefatos mecânicos e elétricos, automóveis, tratores e velocípedes.	Vestuário em geral (tecidos e confecções em lã e couro), laticínios, tintas e corantes grãos (cevada, arroz), lulas e carne bovina.
Paraguai	Maquinário em geral (indus- trial e agrícola), tratores e automóveis.	Tecidos,madeira, óleos comestíveis especiais (hortelã, menta, cedro), carnes, soja, algodão, e matéria-prima química.
Venezuela	-	Petróleo
Bolívia	-	Algodão e fios crus, minérios (chumbo), látex (borracha)
Colômbia	CKD para montadoras de automóveis, tubos de ferro p/oleodutos, equipamentos p/compressores, pasta química de madeira, caminhões diesel, motores	Óleo diesel, sal marinho, carvão siderúrgico, fios de acetato, pneus, glicerina e confecções
Equador	Papel, alumínio, aço, peças de reposição para automóveis, maquinário em geral, pneus.	Conservas, sais, pescados (atum e sardinha), farinha de pescado e petróleo.
Peru	Pimenta-do-reino, açúcar, álcool, papéis fotográficos, PVC, polietileno, polipropileno, motores, tratores, veículosautomotrizes.	Prata, cobre, zinco, chumbo, alho, azeite de oliva, fios e tecidos de algodão, lã e alpaca, sal, azeitonas e outros produtos químicos.

Fonte: Coordenadoria de Intercâmbio Comercial (CIC)

Chile é o segundo sócio na América do Sul

Alíquota única de 15% para importação de qualquer produto e tratamento absolutamente idêntico àquele dispensado ao capital nacional para o investidor estrangeiro. Essas duas vantagens explicam porque o Chile é o segundo sócio comercial do Brasil na América Latina e porque aumentaram, ao longo dos primeiros dez meses de 1990, as viagens de emissários de empresários brasileiros ao Chile. Afinal, a inflação chilena está em 2% ao mês e Santiago, a capital desse país relativamente pequeno, se comparado ao Brasil — 12 milhões de habitantes e Produto Interno Bruto (PIB) de US$ 25,5 bilhões — fica a apenas quatro horas de vôo de São Paulo. Ou seja, é mais próxima do que os estados do Norte brasileiro e com uma economia muito mais estável.

O volume de negócios entre Brasil e Chile já está próximo dos US$ 10 bilhões anuais, segundo a Câmara de Comércio Brasil-Chile. A maior parte (85%) deste total é na área de serviços e o restante, US$ 1,2 bilhão em 1989, corresponde à balança comercial entre os dois países, com saldo de US$ 178 milhões favorável ao Brasil. O grande peso no setor de serviços deve-se às construtoras brasileiras, que estão disputando, palmo a palmo com empresas de outras partes do mundo, os US$ 8 bilhões em projetos governamentais já aprovados na área de infra-estrutura para o triênio 1990-92.

O presidente da Câmara de Comércio Brasil-Chile, Juan Horn, acredita ter encontrado os motivos para esse avanço das construtoras nacionais: "As empresas brasileiras possuem know-how e bom preço." Três dessas empreiteiras brasileiras, em consórcio com outras companhias, se inscreveram na licitação para a construção do novo aeroporto internacional de Santiago e a Norberto Odebrecht está executando projetos de usinas hidrelétricas na Cordilheira dos Andes, avaliados em US$ 1 bilhão. Também no fértil e próspero campo da construção civil encontra-se a presença brasileira no solo chileno. Nesse terreno, a ênfase está na edificação de shoppings centers, atualmente três contam com a participação de empresas brasileiras, movimentando significativa parcela desses recursos.

Insumos — *O interesse pelo Chile, de empresas brasileiras de outros setores que não o da construção, não é tanto o seu mercado consumidor, formado por cerca de 12 milhões de habitantes, e sim a riqueza em matérias-primas, principalmente minérios e condições favoráveis para a instalação de agroindústrias. Para o Chile, o Brasil representa uma porta de entrada no mercado mundial.*

A alíquota única para importação naquele país é de 15%. No caso brasileiro, muitos dos produtos vendidos (autopeças, têxteis, plásticos, bens de capital e outros) são beneficiados pelos protocolos comerciais assinados entre os dois governos, garantindo uma redução nesta tarifa. O escritório comercial do Ministério das Relações Exteriores do Chile, em São Paulo, o ProChile, acredita que o intercâmbio comercial com o Brasil deverá ser agilizado a partir de janeiro do próximo ano. As empresas chilenas, revela Rodrigo Valiente, diretor da ProChile, esperam que sejam reduzidas as tarifas existentes no Brasil e que protegem as empresas brasileiras da concorrência internacional. "As empresas chilenas colocam seus produtos nos Estados Unidos e na Europa, mas não conseguem vender no Brasil por causa das alíquotas existentes", afirma Valiente.

Se uma empresa brasileira resolver se instalar no Chile, não vai poder reclamar de discriminações: a legislação garante os mesmos impostos que os aplicados a uma empresa de capital chileno, não obriga associação com empresários locais e permite que os lucros sejam remetidos ao exterior (país de origem da empresa investidora) após o primeiro ano fiscal e que o capital seja igualmente retirado após quatro anos.

Se as alíquotas brasileiras forem reduzidas, os consumidores brasileiros poderão ver, nas gôndolas dos supermercados, as ofertas chilenas nos setores em que se consideram fotes: grande variedade de conservas de frutas e de pescados, doces, chocolates e massas; nas lojas, calçados e eletrodomésticos e, para os carros, autopeças produzidas no país andino.

México quer atrair empresas

José Carlos Brasil

Salinas: México está aberto à exportação

Ao visitar o Brasil há duas semanas, o presidente do México, Carlos Salinas de Gortari, incumbiu-se da importante missão de semear acordos e negócios entre os dois países. Longe do Brasil (geográfica e comercialmente) e muito próximo dos Estados Unidos, o México deseja ampliar o número de parceiros comerciais para fugir da dependência dos norte-americanos, que consomem 70% de suas exportações. Para os mexicanos, o Brasil desponta como o país de melhor potencial entre os sul-americanos. Do lado brasileiro, estabelecer negócios com os mexicanos pode representar uma porta de entrada para o saudável e disputado mercado dos EUA.

Esmerando-se por pronunciar corretamente o *portunhol*, empresários mexicanos e brasileiros travaram os primeiros contatos comerciais durante encontro na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Trocaram cartões e perspectivas de negócios que poderão suprir o excedente de suas produções não absorvidas pelo mercado interno de cada país. No ano passado, a balança comercial Brasil-México alcançou US$ 600 milhões, sendo as importações brasileiras responsáveis por US$ 450 milhões, ou 1,5% das exportações mexicanas.

Petróleo — De acordo com estimativas de Antônio Carlos Mourão Bonetti, presidente da Câmara de Indústria e Comércio Brasil-México, a balança comercial entre os dois países deve subir para US$ 1 bilhão este ano e, em 1991, atingir US$ 2 bilhões. "Isso representa uma retomada das relações comerciais em 1981, de US$ 1,4 bilhão, devido à volumosa importação de petróleo feitas pelo Brasil", lembra Bonetti.

Segundo o presidente Salinas, o México está muito interessado na importação de produtos nos setores de metalurgia, mecânica, siderurgia e informática. "Estamos abertos para as exportações brasileiras e, conforme ouvi do presidente Collor, o Brasil também está pronto para os produtos mexicanos", explica Salinas. "Queremos também atrair empresas brasileiras para o nosso país."

Algumas empresas brasileiras, segundo Bonetti, presidente da Câmara, descobriram as vantagens do mercado mexicano e já praticam algum tipo de negócio. Kadron, Comap e Zimetal, por exemplo, exportam autopeças; Continental 2001 e Brasmotor comercializam eletrodomésticos e a Sadia vende mortadela, presunto e frango. Também mantêm negócios com o México as empresas Nitroquímica, da Votorantim, a indústria de cerâmica Cecrisa, a Brasmetal (aço), a Papel Simão do grupo KSR, a General Motors e a Eucatex (divisórias e tintas).

Oportunidades — O México está longe de ser o maior parceiro comercial do Brasil mas, conforme empenho do presidente Salinas, poderá em breve ocupar a segunda posição, atrás dos Estados Unidos. Conforme o presidente da Seção Empresarial para a América do Sul e do Comitê Empresarial Brasil-México, o engenheiro Federico Ortiz Alvarez, que também é presidente do Conselho Empresarial Mexicano para Assuntos Internacionais (Cemai), o México pode significar para o país a oportunidade de comprar alguns produtos mais baratos dos setores de petroquímica, construção, plástico e manufaturas em geral.

Os planos mexicanos são atrair US$ 48 bilhões em investimentos estrangeiros até 1994. Este ano, deverá se situar em US$ 30 bilhões o que representa um acréscimo de US$ 6 bilhões sobre os resultados do ano passado. O México tem inflação anual prevista para este ani de 26% a 27%. O país pratica baixas alíquotas alfandegárias, em torno de 10%, enquanto a média brasileira fica em 40%.

Negócios com Argentina quase vão dobrar em 91

O comércio bilateral entre Brasil e Argentina vai crescer perto de 30% este ano em comparação com o volume obtido em 1989, passando de US$ 1,85 bilhão para US$ 2,4 bilhões. As projeções, entretanto, não param por aí: os governos dos dois países estimam que a balança comercial alcance US$ 3,5 bilhões em 1991, quase o dobro do registrado no ano passado. O otimismo se justifica. Afinal, o consumidor brasileiro descobriu, ao longo deste ano, o gosto dos vinhos, o sabor dos laticínios e a praticidade das fraldas argentinas. Mais do que isso: descobriu, para sua surpresa, que mesmo vindo de locais distantes, o preço é mais acessível do que os similares nacionais.

Os dois governos já assinaram 22 protocolos de intercâmbio comercial, no qual se destacam as áreas de alimentação, indústria automobilística e de autopeças, bens de capital e vestuário. O resultado prático desses acordos comerciais é que 490 alimentos diferentes e mais de 700 produtos na área de bens de capital, entre outros, podem ser comercializados entre os dois países com alíquota zero de importação. Outros 1.100 produtos brasileiros entram na Argentina com tarifas reduzidas por constarem da lista de preferências do país vizinho e 2.200 produtos argentinos também são vendidos aqui com descontos na alíquota por integrarem a mesma lista brasileira.

Fraldas — As fraldas argentinas, por exemplo, são beneficiadas por este acordo, classificado de expansão comercial. A tarifa de importação das fraldas é de 30%, mas por constarem da lista de preferências recebem um desconto de 82% e o imposto fica reduzido a 5,4%. Prova dos bons preços argentinos foram os mais de US$ 60 milhões negociados durante a Feira Argentina'90, encerrada no dia 18, em São Paulo. Seus organizadores acreditam que nos próximos seis meses as transações comerciais iniciadas durante a mostra cresçam e subam para os US$ 100 milhões.

Qual o peso mercadológico desse comércio bilateral entre Brasil e Argentina? Para o Brasil representa a possibilidade de adquirir produtos, principalmente alimentos e bebidas, a preços mais baratos. Do lado argentino, as compras brasileiras significam uma remexida em sua economia, mergulhada em profunda recessão, cujas empresas trabalham atualmente com apenas 40% de sua capacidade produtiva.

É nesse contexto que é mencionado um dos conceitos mais comuns nesses dias: o das vantagens comparativas, que é o de se aproveitar melhor o que cada um pode produzir mais e mais barato, de acordo com suas características de solo, clima e mão-de-obra. A produção de laticínios na Argentina leva nítida vantagem: o custo de um litro de leite no país vizinho é de US$ 0,18, enquanto no Brasil alcança US$ 0,30, ou seja, 66,6% mais. Este é um dos motivos pelos quais os produtores de laticínios brasileiros importam leite em pó da Argentina, reidratam-no e o utilizam na fabricação de queijos e outros derivados. O Brasil, por sua vez, vende para a Argentina aparelhos eletrônicos, máquinas industriais e madeira a preços bem em conta para os padrões do país vizinho.

Binacionais — Além do incremento do comércio entre os dois países, diversas empresas brasileiras e argentinas estão começando a se associar. Segundo Natálio Jamer, chefe do escritório comercial argentino em São Paulo, essa tendência é maior entre pequenas e médias empresas. "Cerca de 50 associações de autopeças estão em negociação neste momento", informa. Um dos primeiros negócios novos é a *joint-venture* entre a Alsina y H. Yrigoyen Los Toldos, uma indústria de autopeça argentina, com a Gabima do Brasil Ltda, empresa carioca, formando a M.L.H. do Brasil E.B.A.B. (Empresa Binacional Brasil-Argentina).

O presidente da Câmara Industrial dos Fabricantes de Autopeças da República Argentina (Cifara), Isaías Zylberberg, informa que as negociações entre empresas de autopeças já somam US$ 500 milhões em negócios para 1991, mas somente parte destes poderá ser realizada. O Protocolo 21 (assinado entre Brasil e Argentina) determina um volume financeiro de apenas US$ 300 milhões para a comercialização de autopeças entre os dois países no próximo ano.

Obstáculos — Uma das barreiras ao maior intercâmbio comercial já está sendo transposta. No último dia 10, os governos dos dois países assinaram um protocolo para aumentar o volume de transporte de carga através da fronteira. Antes, apenas 36 empresas detinham o credenciamento para passar de um lado para outro, em um total de 750 caminhões. Pelo acordo, a frota com autorização de trânsito aumenta em 400 veículos de carga para cada lado e mais 10.000 toneladas; em janeiro, mais 400 caminhões e 10.000 toneladas; em agosto de 1991, o transporte de carga entre Argentina e Brasil ficará totalmente liberado.

Brahma importa malte argentino para produzir cerveja

SÃO PAULO — Desde maio deste ano, boa parte dos brasileiros está bebendo cerveja com gostinho argentino. Isso porque a Brahma, que divide o mercado nacional de cervejas com a Antarctica, está importando o malte (sua principal matéria-prima) da empresa argentina Pampa, da qual detém 40% do capital. Os restantes 60% pertencem ao grupo argentino Londrina, que também abriga uma cervejaria. Trata-se da primeira empresa binacional Brasil-Argentina, cujo contrato de associação foi assinado em 1987. Contudo, a empresa entrou em operação apenas em maio deste ano.

A Brahma, controlada pelo grupo Garantia desde o ano passado, importa 95% da produção de 72 mil toneladas anuais da malteria Pampa. Isso supre quase 23% das necessidades da empresa, que consome 300 mil toneladas de malte por ano. As duas sócias desembolsaram investimentos totais de US$ 30 milhões para constituir a malteria — localizada na cidade de Puan, a 600 quilômetros de Buenos Aires —, para a qual a Brahma forneceu todo o maquinário e o grupo argentino Londrina incumbiu-se da construção civil.

Exemplo — O exemplo da Brahma e do grupo Londrina foi seguido. Neste mês uma pequena empresa de autopeças começou a montar 50 mil válvulas termostáticas para automóveis comerciais no Rio de Janeiro. A diferença desta empresa das demais autopeças brasileiras é que ela também é uma empresa binacional, a MLH do Brasil EBAB (Empresa Binacional Argentino-Brasileira), com 51% do capital de origem argentina, da Alsina e H. Yrigoyen Los Toldos, e o restante da brasileira Gabima do Brasil S/A.

O investimento inicial na formação da empresa, na verdade uma montadora aqui no Brasil das válvulas produzidas na Argentina, foi de US$ 100 mil, segundo Roberto Lui, diretor da MLH e da Argentina Alsina. A sua explicação para produzir no Brasil, além do fato estar amparado pelo Estatuto de Empresas Binacionais, assinado pelo governo dos dois países, é o mercado brasileiro. "No Brasil existem 20 milhões de veículos rodando", justifica.

Scania — De olho no fértil mercado brasileiro, o frigorífico uruguaio Fripur S/A está procurando um local entre Rio e São Paulo para se instalar. Mais adiantada nas negociações, a Scania do Brasil exportou recentemente 24 ônibus no valor de US$ 2,5 milhões para a empresa chilena Turbus. As construtoras brasileiras Norberto Odebrecht, segunda maior do mercado, e a Companhia Brasileira de Projetos e Obras optaram por uma entrada efetiva nos mercados argentino e chileno.

Arquivo

Edmundo Klotz: preparando-se para 1995

As duas construtoras constituíram em março uma *joint venture* com um consórcio de empresas argentinas (entre elas a Tecnomater e a Benito Roggio) para a construção de uma usina hidrelétrica na pequena cidade de Pichi Piun Leufe, ao sul da Argentina. O engenheiro José Lopez Mendez, presidente da empresa mexicana Derivados de Resina de Michoacan, esteve no país há duas semanas, integrando a comitiva do presidente Salinas. "Queremos ampliar as atuais cinco mil toneladas de resinas que exportamos para o Brasil", revela Mendez, que já faz negócios com as indústrias paulistas Proaroma (goma de mascar) e com a Exaquímica.

De acordo com Isaias Zylberberg, presidente da Câmara Industrial dos Fabricantes de Autopeças da República Argentina (Cifara), já existem um total de 25 *joint ventures* em negociação entre empresas brasileiras e argentinas. O principal motivo apontado por Zylberberg para a associação entre os dois países não é o aumento do comércio bilateral. "Depois de fortalecermos nosso comércio poderemos ir junto para outros mercados", avisa, pensando em um estande comum de autopeças brasileiras e argentinas na Feira Industrial de Frankfurt, na Alemanha.

Alimentos — Um dos movimentos comerciais mais fortes entre Brasil e Argentina é no setor de alimentos. O presidente da Associação Brasileira da Indústria de Alimentação (Abia), Edmundo Klotz, não perde tempo e já vai avisando: "O momento de investir é agora. Quem não se preparar para o mercado comum de 1995 pode perder espaço." Klotz reconhece que as empresas brasileiras, e também os agricultores e pecuaristas, são menos eficientes que os argentinos. "Até o final de 1994 é possível alcançar a eficiência necessária para competir com maior igualdade", pondera, lembrando que o mercado comum entre os dois países começa em 31 de dezembro de 1994.

Também na área de alimentos há empresas brasileiras acelerando negociações para se associarem com empresas argentinas, dando sequência a um comércio já intenso. A Fábrica de Produtos Alimentícios Vigor S/A já importa 10% de sua necessidade anual de leite da Argentina há quase 20 anos, revela Joir de Moraes, assessor da presidência e um dos responsáveis pelo comércio exterior da empresa. As exportações da Vigor acontecem na entressafra brasileira, e embora o preço pago pelo produto argentino, mesmo acrescido de frete, seja inferior aos US$ 0,30 pagos atualmente ao produtor brasileiro, a Vigor não pensa em aumentar essa compra porque desestimularia o produtor nacional. Em 1989 as importações da Vigor — que compra leite em pó e o reidrata para a produção de derivados de leite — somaram US$ 10 milhões.

Grupo Apoio produzirá programa de TV nos EUA

Odail Figueiredo

BRASÍLIA — A partir da primeira semana de novembro, os espectadores de sete redes de TV a cabo das cidades de Nova Iorque, Washington e Miami poderão assistir todos os sábados, no início da noite, a um programa de uma hora de duração sobre o Brasil. Destinado ao público norte-americano e à comunidade brasileira radicada nos EUA, o programa terá trechos em inglês, mas em grande parte será falado mesmo em português, com legendas na língua inglesa. Inteiramente produzido no Brasil, é resultado de um investimento de cerca de US$ 1 milhão do grupo Apoio, de Brasília, que já atua, entre outras, nas áreas de turismo, assessoria de imprensa, produção de vídeo e editoria, e, desde março último, opera a primeira emissora de TV UHF na capital da República.

Francisco Maia

É a primeira investida de uma empresa brasileira no rico mas difícil mercado de tevê americano e, segundo o presidente do grupo Apoio, Francisco Maia, o ponto de partida para vôos mais altos e ambiciosos. Numa segunda etapa, o grupo pretende levar o programa, que tem o nome provisório de *Brazilian TV*, a outras cidades americanas e repetir a experiência nos mercados europeu e japonês. Com a tevê japonesa NHK, por exemplo, já existem negociações para a produção de quatro programas sobre a Amazônia. "O Brasil tem um universo fantástico a ser mostrado lá fora, onde é sempre maior o interesse pela nossa realidade", diz Maia.

Consórcio — Para dividir os riscos, o grupo Apoio montou um consórcio com a Megatown Empreendimentos, grupo de capital japonês sediado em São Paulo, que atua em diversas áreas, desde o mercado financeiro até a construção civil e a mineração. O resultado é a A.M. Comunicações, empresa responsável pela produção do programa, que será veiculado nos EUA nos espaços comprados junto às emissoras de tevê a cabo. Apresentado em forma de revista, o programa terá um resumo dos fatos da semana ocorridos no Brasil, assuntos do momento como ecologia e Amazônia, *clips* musicais e até uma parte dedicada a ensinar as donas de casa americanas a preparar pratos típicos como feijoada e muqueca de peixe. Não faltarão também informações sobre empresas brasileiras e seus produtos, e nem mesmo os gols da rodada. "No início, será uma espécie de supermercado de coisas do Brasil", revela Maia.

O grupo Apoio surgiu há pouco mais de dez anos a partir de uma modesta empresa de assessoria de imprensa que tinha como único cliente o grupo Pão de Açúcar. Dos sete sócios iniciais do empreendimento, todos jornalistas, hoje só restam Francisco Maia e seu irmão Airton. Em compensação, os negócios cresceram e hoje o grupo reúne sete empresas, entre elas uma agência de turismo, uma fundação educativa e a TV Apoio, graças a uma concessão obtida há dois anos, no governo Sarney, para operar uma emissora UHF em Brasília. A TV Apoio tem também concessões de UHF em Piracicaba e Santos, cujas transmissões deverão ir ao ar nos próximos meses.

Exemplo acabado de *self made man*, o maranhense Francisco Maia chegou a Brasília em 1963 quando seu pai conseguiu um emprego no setor de limpeza do Ministério da Fazenda. Contrariando a vontade do pai, que queria vê-lo médico, Maia formou-se em jornalismo e trabalhou na imprensa de Brasília até ser demitido do *Correio Braziliense*, em 1982. Hoje acha que a demissão o ajudou a impulsionar sua vocação de empresário, já que o obrigou a viver do que ganhava na sua empresa, que ainda dava os primeiros passos.

Maia hoje é dono de um patrimônio estimado em US$ 10 milhões. Seus planos incluem o lançamento de um jornal diário em Taguatinga — cidade satélite de Brasília que, com cerca de um milhão de habitantes, tem três vezes a população do plano piloto originalmente concebido por Lúcio Costa — e o ingresso no promissor mercado imobiliário do Distrito Federal. Sem contar, é claro, o rico filão da TV.

O grande impulso nas atividades do grupo Apoio veio quase que por acaso. No início do governo Figueiredo, Maia foi levado por um amigo para almoçar com um empresário paulista. No final da conversa, o empresário pediu-lhe que organizasse uma lista dos principais integrantes do novo governo. Maia viu ali uma excelente oportunidade e concluiu que ganharia muito mais dinheiro se vendesse a lista não para um, mas para vários empresários. Comprou um antiquado mimeógrafo a álcool e começou a editar a *Lista de autoridades governamentais*, que teve o cuidado de patentear. Até hoje, com 10 mil clientes, a *Lista* é o negócio mais rentável do grupo.

Livre mercado faz do Uruguai um paraíso fiscal

Nos dois últimos invernos as roupas uruguaias se tornaram mais conhecidas dos brasileiros. Com preços até 50% abaixo de similares nacionais, jaquetas de couro e ternos de pura lã foram largamente vendidos por redes como a holandesa C&A, o Mappin (maior loja de departamentos paulista) e Lojas Guimarães, especializadas em moda masculina. A carne bovina, outro produto muito disputado no mercado nacional, é comprada pelos supermercados Paes Mendonça, Makro e Eldorado. No entanto, o que poucos brasileiros sabem sobre o Uruguai é que este país é considerado um paraíso fiscal para as empresas internacionais devido à liberdade de mercado que reina. Condição especialmente atraente para as empresas brasileiras devido à proximidade geográfica.

"O Uruguai é um mercado aberto, pode se trabalhar em qualquer atividade, com qualquer moeda e nem há restrições de remessa de lucro para o exterior", explica Joaquim Domingues Novo, presidente da Câmara de Comércio Brasil-Uruguai do Estado de São Paulo. As taxações uruguaias, pondera Novo, são simplificadas — a empresa precisa pagar apenas 22% de Imposto sobre o Valor Agregado (IVA), correspondente ao ICMS do Brasil, mais 31% sobre o lucro líquido a título de Imposto de Renda. "Pessoas físicas não pagam nada", atesta o presidente da Câmara.

Incentivos fiscais — A indústria brasileira Escovas Fidalga possui uma filial no Uruguai e a paulista Polial, atuante na área química, está abrindo um escritório comercial em Montevidéu, de acordo com a Câmara. Para incentivar empresas de outras nacionalidades a se instalarem em seu território, o Uruguai criou duas zonas livres: Nueva Palmira (a 220 km da capital) e Colonia (vizinha de Montevidéu). As empresas ali instaladas se beneficiam de uma total isenção fiscal (pela duração do contrato) desde que 75% da mão-de-obra seja local. Essas zonas oferecem também armazéns e galpões para locação.

A balança comercial entre os dois países pende fortemente para o lado uruguaio. Em 1989 ficou em US$ 769,8 milhões, sendo as importações nacionais responsáveis por US$ 441,3 milhões. Confirmando a tendência da balança favorável ao Uruguai, de janeiro a agosto deste ano o comércio entre ambos alcançou os US$ 508,9 milhões, sendo que as compras uruguaias contribuíram com US$ 217,9 milhões. O Brasil é o maior parceiro comercial do Uruguai. Ao importar produtos de lá, as empresas brasileiras se valeram de acordos comerciais como o Protocolo de Expansão Comercial (PEC), assinado entre os governos dos dois países, que estabelecem baixas alíquotas para o comércio mútuo.

Seguindo o exemplo da comunidade européia

Dieese faz estudo para subsidiar a luta sindical

Não são apenas os empresários brasileiros, argentinos, chilenos e uruguaios que estão preocupados com a integração comercial entre seus países. O movimento sindical já está discutindo os acordos de integração comercial latino-americanos, embalado pela experiência das representações européias de trabalhadores. O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) foi acionado e começa a produzir estudos para subsidiar a ação sindical.

Um dos sindicalistas mais preocupados com os reflexos que o aumento de importações pode provocar nas empresas brasileiras é Siderlei Silva Oliveira, diretor da Federação dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação do Rio Grande do Sul. "Durante as negociações para a formação do Mercado Comum Europeu, os trabalhadores da indústria do vinho na Espanha concluíram que ficariam desempregados, porque o vinho francês, de melhor qualidade, ocuparia o espaço do vinho espanhol. A intervenção dos sindicatos nessa discussão assegurou uma distribuição na produção vinícola, reservando espaço para a uva mais tradicional em cada país", relata ele, revelando que tipo de ação o movimento sindical pretende desencadear no Cone Sul.

As centrais sindicais do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai já realizaram dois encontros (um em 1988, no Uruguai e outro em 1989, em Porto Alegre) para analisar os diferentes protocolos de integração comercial existentes entre seus países. A intenção do movimento sindical, garante Oliveira, não é barrar nenhum movimento de integração. "Queremos conhecer os acordos e participar da sua aplicação", afirma. Uma das preocupações, informa, é que a integração aconteça apenas como uma complementação da produção, sem novos investimentos em cada um dos países que garantam o aumento do nível de emprego.

Automobilística — Em 1988, em Buenos Aires, aconteceu o 1º Encontro dos Trabalhadores da Autolatina, empresa que mantém duas unidades de produção na Argentina e 10 no Brasil. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Vicente Paulo da Silva, o *Vicentinho*, participou da reunião e sua principal preocupação com os acordos de integração é o reflexo no emprego. "Os governos dos dois países não podem decidir tudo sem a participação dos trabalhadores", argumenta.

A subseção do Dieese no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo concluiu recentemente um estudo denominado *A integração Brasil-Argentina — Setor automobilístico e a questão sindical*. A conclusão quanto ao Protocolo 21 entre Brasil e Argentina, que trata da indústria automobilística, é simples: "Em se tratando especificamente deste acordo, poder-se-ia afirmar com certa segurança que o Programa de Integração agora proposto dificilmente poderia, no seu todo ou em suas partes, ser bem recebido pelas representações sindicais."

Os técnicos do Dieese responsáveis pelo estudo — Osvaldo Cavignato, Luís Paulo Bresciani e Jefferson José da Conceição — justificam a crítica com a seguinte observação: "O programa não se insere em uma estratégia de desenvolvimento mais amplo para os dois países, que associe retomada do crescimento econômico com melhoria do bem-estar das populações mais carentes dos dois países e a redução das desigualdades sociais e regionais." Mais adiante o estudo pondera que o acordo restringe-se ao ajustamento de Brasil e Argentina ao novo cenário internacional, de constituição de blocos econômicos. Essa nova formação da economia mundial, observam os técnicos, "pode resultar em maiores estrangulamentos financeiros para a América Latina por via da redução de suas exportações e da redução da entrada de novos investimentos estrangeiros".

Os técnicos parecem convencidos de que a integração econômica entre Brasil e Argentina serviria somente para "as multinacionais racionalizarem seus investimentos, eliminarem duplicações e conquistarem economias de escala, além de terem reduzidos nos seus produtos finais e nas suas matérias-primas os custos com impostos alfandegários".

Vicentinho

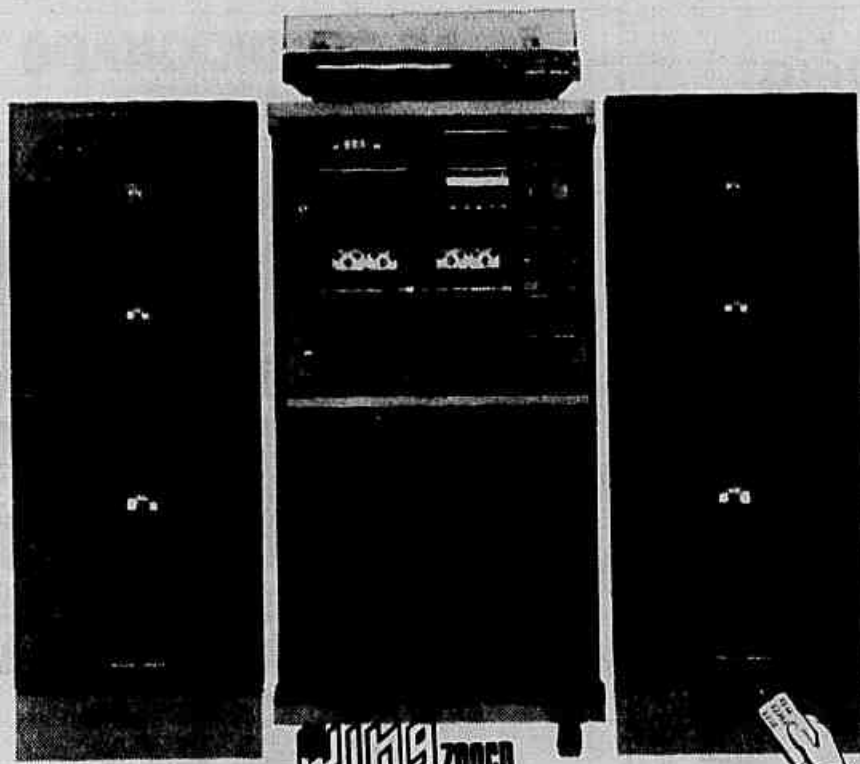
ATENÇÃO: Qualquer mercadoria anunciada pela concorrência neste jornal, será vendida mais barato no Ponto

PONTO FRIO MAIS BARATO

PHILCO HITACHI

TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

STEREO SYSTEM PHILCO-HITACHI PRDT-300.
150 watts de potência. Entrada especial para digi-laser ou TV/VTR. Cápsula magnética. Função karaokê. Cassete deck. Caixas acústicas bass reflex. Seletor de fita metal, cromo ou normal. Digi-laser modelo PDA 6000 (opcional). Com estante rack.

À VISTA **65.750,**
ou 6 x 19.265, = 115.590,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

AUDIO SYSTEM PHILCO-HITACHI
Receiver com 300 watts (PMPO) e sintonizador digital com 16 memórias AM/FM. Tape deck com dual cassete com reprodução contínua e cópia de fitas em alta velocidade. Sistema Dolby. Toca-discos Motor DC servo-control belt drive. Controle remoto comanda também o Digi-Laser PDA-6000. (opcional) Caixas acústicas bass reflex de 3 vias. Móvel rack.

À VISTA **105.500,**
ou 6 x 30.910, = 185.460,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

COMPACT DISC PLAYER DIGI-LASER PHILCO-HITACHI PDA - 6000.
Leitor ótico a laser de feixe triplo. Programação de 24 faixas na ordem desejada. Sistema de acesso direto às faixas. Mostrador digital.

À VISTA **39.950,**
ou 6 x 11.705, = 70.230,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

SONY

CONJUNTO DYNAPOWER SONY XO 710.
Com 350 watts PMPO. Duplo cassete high speed e continuous play. Sintonia digital. 2 caixas acústicas de 3 vias. Sistema karaokê (mic mixing). Entrada para compact disc. Com estante rack.

À VISTA **96.700,**
ou 6 x 28.330, = 169.980,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

MULTIDISC PLAYER SONY MDP 322 GX.
O 1º vídeo laser do Brasil. Reproduz CDs de 30cm e 20cm e vídeo laser.

À VISTA **175.600,**
ou 6 x 59.930, = 359.580,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

À venda somente nas lojas:
CENTRO: Rua Uruguaiana, 128 • BARRASHOPPING: Av. das Américas, 4666 - loja 255-B.

TOCA-DISCOS A LASER SONY CDP M 35 DE MESA.
Indica a quantidade de faixas de cada disco até 16. Reprodução aleatória. Controle remoto total. Feixe triplo. Filtro digital. Compatível com compact disc de 8 cm. Programação para gravar 30 m em fita cassete. Nas cores cinza e preto.

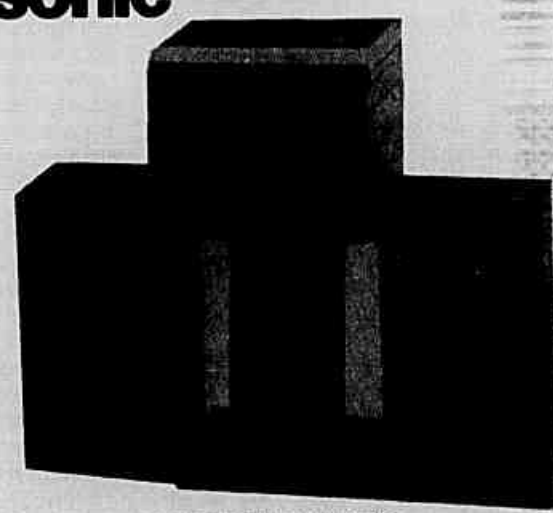
À VISTA **54.850,**
ou 6 x 16.070, = 96.420,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

TOCA-DISCOS A LASER SONY CDP 500 CARROUSSEL.

À VISTA **59.900,**
ou 6 x 17.550, = 105.300,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

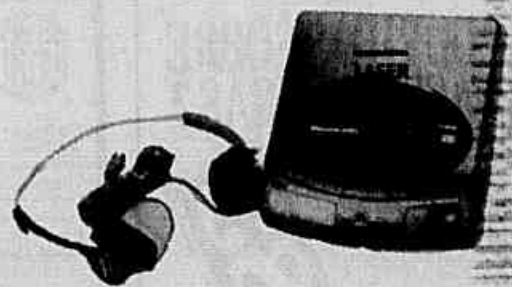
Panasonic DUPLO DECK

CONJUNTO DE SOM PANASONIC CRYSTAL LINE SS-9200.
Sintonia digital com 16 memórias programáveis AM/FM/FM estéreo. Equalizador gráfico com 5 faixas de frequência. Tape deck duplo. 160 watts de potência. Controle remoto com 10 funções. Volume up e down. Caixas acústicas de 3 vias ou Surround Sound (opcional). Com estante Rack.

À VISTA **149.200,**
ou 6 x 43.715, = 262.290,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

CONJUNTO SYSTEM PANASONIC SS6200.
100 watts de potência. Entrada para disc laser, receiver AM/FM estéreo, tape deck duplo com continuous play. Equalizador gráfico. Rack opcional.

À VISTA **69.980,**
ou 6 x 20.500, = 123.000,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

MICRO SYSTEM PANASONIC RX-C37
AM/FM/SW1/SW2. Equalizador gráfico com 3 faixas de frequência. 20 watts de potência. Sistema one touch para gravação. Caixas acústicas destacáveis com 2 vias.

À VISTA **34.500,**
ou 6 x 10.110, = 60.660,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

TOCA-DISCOS A LASER PANASONIC SC NP 12. Portátil.

À VISTA **69.900,**
ou 6 x 20.480, = 122.880,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

Colabore com o Brasil. Exija sempre sua nota fiscal.

• Esta promoção é válida de 21/10/90 a 24/10/90, para mercadorias existentes em nossos estoques, ou enquanto eles durarem. • Esta promoção é válida para todos os planos de pagamento em até, no máximo, 6 vezes.

CARTÕES DE CRÉDITO:
Você pode comprar no Ponto Frio com os cartões de crédito Nacional, Diners Club, Credicard, Ourocard, Bradesco e Chase, para pagar em até 40 dias.
Esta vantagem não é válida para as mercadorias anunciadas.

INSTALAÇÃO GRÁTIS NA COMPRA DO SEU CONJUNTO SYSTEM

CARTÃO CLIENTE ESPECIAL BONZÃO.
- Crédito imediato em qualquer loja do Ponto Frio.
- As pessoas autorizadas por você recebem seus próprios cartões.
- Nas compras à vista, o seu cheque é aceito na hora.
- Depois de dois anos, o seu cartão é renovado automaticamente.

Montagem, Assist
SAC -

Frio. Nós garantimos o menor preço à vista e a menor prestação. Ponto Frio. Mais barato todo dia. Aproveite.

MENOR PREÇO À VISTA. MENOR PRESTAÇÃO. SÓ NO PONTO FRIO BONZÃO.

O TODO DIA.

TOCA-DISCOS CYGNUS CD 1800 X.
Controle remoto. 3 feixes de laser. Função pause. Programação para até 10 músicas. Time - tempo de cada faixa. Função repeat.

À VISTA **69.950,**
ou 6 x 20.495, = 122.970,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

STEREO INTEGRATED CONTROL AMPLIFIER CYGNUS AC 200.
Amplificador estereofônico integrado. Seleção de 5 entradas, incluindo tape 1, tape 2 e EPL. Potência 140 W IHF.

À VISTA **44.800,**
ou 6 x 13.125, = 78.750,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

DUAL CHANNEL PROFESSIONAL HIGH POWER AMPLIFIER CYGNUS PA 1800 X.
Amplificador estereofônico profissional. Dynamic Super AB Class. Display indicador de nível médio de saída através de LEDS com seleção automática de escala e proteção contra curto-circuito. Chave de operação opcional em ponte (bridge). Potência estéreo 190W RMS (8 ohms) por canal ou 270 W RMS (4 ohms) por canal. Potência bridge 500 W RMS (80 ohms) ou 920 W IHF (80 ohms).

À VISTA **159.900,**
ou 6 x 46.850, = 281.100,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

FULL CONTROL STEREO PREAMPLIFIER CYGNUS CP 1800 X.
Pré-amplificador estereofônico de excelente performance. Trabalha conjuntamente a tecnologia laser e DAT e circuitos de alta velocidade. Indicador visual de funções, fontes e saídas. Controle de tonalidade em 3 vias. Loudness, mute e EPL (loop de processamento externo). Entradas de áudio de videocassete.

À VISTA **58.500,**
ou 6 x 17.140, = 102.840,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

MIX CYGNUS SAM 800.
Misturador estéreo de 8 canais com mixador simultâneo de até 4 aparelhos.
Exclusivo sistema de monitoração (pré-escuta) das 8 fontes e da saída. Inédito sistema de gravação e duplicação bilateral de fitas em 3 gravadores.

À VISTA **43.900,**
ou 6 x 12.860, = 77.160,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

MULTI FUNCTION STEREO GRAPHIC EQUALIZER CYGNUS GE 1800 X.
Equalizador gráfico de 10 oitavas. Equipado com chips especiais de última geração para reprodução de discos digitais e DAT's. Possui entrada para 2 gravadores e linha. 4 opções de monitoração e 3 tipos de saída para gravação.

À VISTA **44.500,**
ou 6 x 13.000, = 78.000,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

SEMP TOSHIBA
SEMPRE UMA SOLUÇÃO MELHOR.

CONJUNTO DE SOM TOSHIBA SM 150.
3 faixas FM estéreo. Toca-discos belt drive. Saída para fone de ouvido. Tape deck auto stop. 2 caixas acústicas bass reflex.

À VISTA **26.900,**
ou 6 x 7.880,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.
= 47.280,

COMPRE NO PONTO FRIO PELO TELEFONE
Você só paga quando receber suas compras

371-5055

Você também pode ligar de qualquer lugar do Brasil para

(021) 800-6931

De segunda a sexta das 8:30 às 17:30h
Sábado e domingo das 9:00 às 13:00h

ESTA VANTAGEM SÓ É VÁLIDA PARA AS COMPRAS À VISTA.

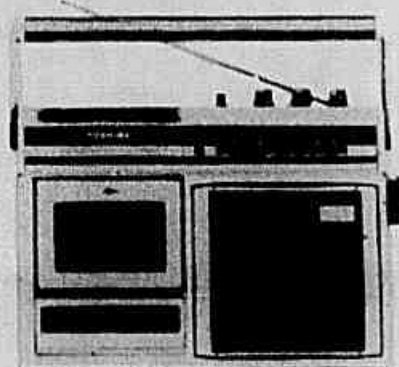
MICRO SYSTEM TOSHIBA RT-SX 26.
Stereo com 4 faixas: FM/MW/SW1/SW2.
Space Wide 2 vias/4 alto falantes. Bom beat - eliminador de ruídos.
Caixas acústicas destacáveis. Equalizador gráfico. Tomada para fone de ouvido.

À VISTA **21.900,**
ou 6 x 6.420, = 38.520,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

RÁDIO PORTÁTIL SEMP TOSHIBA TR-950 DX.
Com 3 faixas: FM/MW/SW.
Sistema IC Alta Sensibilidade.
Antena telescópica multidirecional. A pilha.

À VISTA **5.990,**
ou 6 x 1.755,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.
= 10.530,

RÁDIO RELÓGIO TOSHIBA ELETRÔNICO RR-8100.
AM/FM programável para dormir com música. Desperta com música ou alarme. Função Snooze para interromper temporariamente o alarme. Ajustes independentes de horas/minutos. Absoluta precisão, mesmo na falta de energia. 110/220 volts AC.

À VISTA **8.080,**
ou 6 x 2.365, = 14.190,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

RÁDIO GRAVADOR MIC MIXING TOSHIBA RT-3100.
Mic Mixing (mixagem com microfone). 3 faixas: FM/MW/SW. One touch recording, microfone embutido, antena telescópica multidirecional. Funciona à pilha ou eletricidade.

À VISTA **12.870,**
ou 6 x 3.770, = 22.620,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

MOTORADIO
INDUSTRIA 100% BRASILEIRA

RÁDIO PORTÁTIL MOTORADIO RPFM 23/A AM/FM.

À VISTA **5.250,**
ou 6 x 1.540, = 9.240,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

RÁDIO PORTÁTIL MOTORÁDIO RTV-M41.
Com 4 faixas: AM/FM/TV1/TV2. Antena telescópica. Sintoniza canais de televisão.

À VISTA **6.980,**
ou 6 x 2.045, = 12.270,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

CAIXA ACÚSTICA MOTORÁDIO MVC 2000.

À VISTA **10.900,** (cada)
ou 6 x 3.195, = 19.170,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

CAIXA ACÚSTICA MOTORÁDIO MVC 400.

À VISTA **2.998,** (cada)
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

SHARP
É só ligar

SID FAX SHARP 210.
87 memórias para discagem. Ajuste de contraste automático. Transmissão e polling automático. Modo de resolução superfino (8x15,4 pontos/mm²).

À VISTA **259.000,**
ou 6 x 75.890, = 455.340,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

gradiente

FITA CASSETE GRADIENTE GN-60.

À VISTA **150,**
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

FITA CASSETE GRADIENTE METAL GMT-46.

À VISTA **399,**
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

dismac

FAX SIMILE DISMAC 3800 MY FAX.
Reprodução de mensagem. Reconhecimento automático do tipo de chamada (FAX/TELEFONE). Seleção de voltagem. Alimentador automático de papel. Discagem e rediscagem programáveis. Ajuste de tonalidade de imagem. Transmissão programada.

À VISTA **185.000,**
ou 6 x 54.200, = 325.200,
PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

VAT

FITA PARA VIDEOCASSETE VAT T-120

À VISTA **590,**
OU PELO CRÉDITO FÁCIL BONZÃO.

Sua loja de eletrodomésticos, móveis e material de construção especializada em você.

O BONZÃO ESCUTA VOCÊ:
...ência Técnica ou qualquer dúvida, ligue para o Serviço de Atendimento ao Cliente.
Tel.: (021) 296-3122.

Toda a linha de som profissional CYGNUS à venda nas lojas
CENTRO: Rua Uruguaiana, 128
BARRASHOPPING: Av. das Américas, 4666 - loja 225B.

LOJA DE SALDOS
Mercadorias com pequenos defeitos, na garantia e por preços especiais.
Venha conferir!
CENTRO: Av. Mal. Floriano, 106/110
RAMOS: Rua Uranos, 1.033 a 1.035
NOVA IGUAÇU: Av. Mal. Floriano, 2.024

AMO Rio

Qualidade é o grande desafio da indústria brasileira

Célia Chaim

Peter Müller

SÃO PAULO — Para lançar seu primeiro brinquedo, a TecToy, empresa do grupo Evadin, buscou a parceria de um dos grandes fabricantes japoneses, a Tomy, dona de um produto que interessava especialmente ao novo fabricante, o Armatron. Bonito, esse braço mecânico com jeito de robô não é. Mas é cheio de mecanismos e detalhes que tornam complexa a sua confecção e atraem as crianças. Obtida a licença parcial, a TecToy passou alguns meses construindo o modelo que lhe daria sinal verde para colocar o Armatron nas lojas brasileiras. Parcial porque, antes disso, os japoneses viriam aqui checar o cumprimento da licença.

Vieram mesmo e a checagem deu-se da seguinte forma: os técnicos da Tomy pegaram nas mãos aquela *jóia* que a TecToy acabara de construir e, como se fossem crianças de quatro ou cinco anos, incapazes de compreender o tamanho da travessura, jogaram o Armatron no chão várias vezes, de todos os ângulos. O braço mecânico sobreviveu sem escoriações e a Tectoy passou no teste de qualidade.

Três anos depois, a Tectoy não está sozinha diante daquele *fantasma japonês* que, direta ou indiretamente, testa seu produto com crueldade. O fantasma da qualidade também se multiplicou. É americano, argentino e, quem diria, até brasileiro. Raríssimas exceções à parte, empresas de todos os portes e de todos os setores, habituadas a definir e impor o padrão de qualidade de seus produtos, começam a perder o controle da situação. De um lado, há a pressão que vem dos importados, e vem com certa pressa. De outro, a pressão latente do novo Código de Defesa do Consumidor, que entra em vigor em 11 de março de 1991.

"Mesmo com a morosidade da Justiça, as empresas vão ter de pensar que todos os consumidores, quando se derem conta de seus direitos, serão iguaizinhos aquele *chato* que manda carta para os jornais e esperneia diante da má qualidade de um produto", diz Marilena Lazzarini, presidente do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) e diretora da regional de São Paulo da Sunab nos tempos do Plano Cruzado.

Efeitos especiais — Não há tempo para se perder atrás de definições teóricas de qualidade. Nessas horas, ao jogar o brinquedo no chão, os japoneses que visitaram a Tectoy deram a melhor resposta."O desafio da competitividade, que tem na qualidade um de seus pontos de sustentação, é grande demais e destaca com crueza o atraso em que estamos, como herança de anos de protecionismo econômico", diz John Sequeira, diretor da empresa de consultoria Ernst & Young. Marilena Lazzarini arrisca medir o atraso em 30, 40 anos, lembrando que o Brasil não tem normas para a produção de um número gigantesco de produtos e, quando tem, como no caso de alimentos, não fiscaliza o seu cumprimento.

Outra maneira de medir o atraso é através da história contada por Celso lenaga, também da Ernst & Young, do banco japonês que, 10 anos atrás, resolveu aprimorar seus serviços e hoje tem um sistema que estipula e cumpre o limite de três a oito minutos no máximo para o cliente abrir uma caderneta de poupança. Chamadas telefônicas, naquele banco, são atendidas ao primeiro toque e quem atende tem um minuto para dar a resposta ao cliente ou passá-lo para quem, com certeza, resolverá o problema. Não é difícil entender que isso é qualidade.

Requintes desse quilate soam aqui como efeitos especiais de filmes do cineasta Steven Spielberg. Que o diga o engenheiro Peter Müller, diretor da Divisão de Garantia de Qualidade da SGS do Brasil, subsidiária da multinacional Société Générale de Surveillance, dedicada à inspeção de qualidade de produtos básicos e industrializados. Quando compra um copo de requeijão, Müller precisa deixar de lado tudo o que observa no seu dia-a-dia profissional. Ele também poupa as exceções, mas diz que a indústria de alimentos do país, e em especial a de laticínios, não tem um controle adequado para os produtos que vende.

O problema começa na especificação de matérias-primas e prossegue ganhando força até o momento em que o copo de requeijão, por exemplo, é colocado na prateleira do supermercado. A embalagem tem pontos críticos, o manuseio não é feito corretamente, as condições de transporte também não sobrevivem a uma inspeção rigorosa. Até a arrumação do produto dentro dos caminhões frigoríficos — que não são vistoriados com a freqüência ideal — merece reparos.

Se o foco de inspeção da SGS — que trabalha principalmente para empresas *trading* e importadores de produtos brasileiros — desvia-se para o setor de eletrodomésticos, o panorama contribuirá menos ainda para abonar a imagem do produto brasileiro. É um dos piores em termos de qualidade de nível internacional, na avaliação da empresa. Levam igualmente pontuação vermelha os chuveiros, os tecidos e as porcelanas.

Até para celebrar a qualidade dos calçados brasileiros, uma espécie de cartão de visitas da indústria brasileira no exterior, é preciso ser comedido. Na rotina da SGS, que inspeciona três milhões de pares por ano, não é raro embargar um lote inteiro de exportação por defeitos encontrados no couro (como marcas de arame farpado), na sola, na colagem. Couro que denuncia ter sido o gado vítima de berne não se enquadra em nenhum tópico do que se convencionou chamar de padrão internacional.

Como uma espada que ronda as costas do empresário brasileiro, esse padrão internacional vem movimentando as empresas de consultoria, congestionando as agendas com seminários e debates, promovendo acordos como aquele que o Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo (Simpi) assinou recentemente com o centro tecnológico de controle de qualidade do laboratório paulista L.A. Falcão Bauer, um dos mais conceituados do setor, para obter certificados de conformidade com normas e requisitos de cada área.

Corre-se assim atrás do tempo perdido, mas o efeito de anabolizante só se consegue quando a empresa revoluciona suas práticas gerenciais, com ênfase na administração de recursos humanos. "O Brasil, nesse aspecto, está com um atraso de 15 anos", diz Dalton Buccelli, diretor da Ernst & Young. "Somos do tempo do departamento pessoal e da técnica do chicote com cenoura."

Artigos do Brasil são inferiores

SÃO PAULO — Uma pesquisa concluída recentemente pelo escritório brasileiro da multinacional de consultoria Ernst & Young, com o apoio da Câmara Americana de Comércio para o Brasil e da Fiesp, sobre a competitividade da indústria aqui instalada em comparação com os padrões mundiais mostra um quadro feio. A distância dos padrões mundiais — ou seja, daquele conjunto de requisitos necessários para exportar, conquistar novos mercados ou mesmo se defender dos importados — é enorme. Pior ainda: os fabricantes brasileiros iludem-se quanto à qualidade do que produzem.

Eles pensam que estão se saindo razoavelmente bem, afirmam que adotam uma filosofia pró-qualidade no dia-a-dia de suas operações, mas quando indagados sobre o que fazem, na prática, para melhorar a qualidade de seus produtos, demonstram um profundo desconhecimento do que venha a ser a prática de qualidade. Em termos gerais, notou a pesquisa, menos de 10% dos fabricantes pesquisados alcançam os melhores níveis mundiais de operação. Freqüentemente, o desempenho é dezenas, até centenas de vezes pior do que aquele necessário para competir com sucesso no mercado global.

O desempenho brasileiro

Indicador	Média brasileira	Padrão mundial
Rotatividade de inventários (1)	10	75
Qualidade de produção (2)	25.700	200
Custo de produção (3)	114%	90%
Satisfação do cliente (4)	24	Inferior a 10
Tempo de entrega (5)	37	Inferior a 2
Custos de garantia e consertos (6)	3%	Inferior a 1%

(1) Número de vezes por ano em que o estoque gira
(2) Rejeições por milhão (somente material em processamento)
(3) Comparado ao melhor concorrente internacional
(4) Número de pedidos com reclamação a cada 1.000 vendas realizadas
(5) Média do número de dias que transcorre desde o recebimento do pedido até a entrega do produto
(6) percentual sobre o valor bruto das vendas

Fonte: Ernst & Young

A pesquisa, que será divulgada integralmente em novembro, ouviu 220 empresas, comparando a sua situação média com o que se chama de padrões de manufatura de classe mundial, concepções que abrangem vários indicadores de desempenho industrial, como rotatividade de estoques (matérias-primas e material em processamento), qualidade de produção e custo de produto. "O conceito de padrão mundial não é nenhuma visão teórica do futuro", diz John Sequeira, diretor da Ernst & Young e autor da pesquisa. "São patamares que já vêm sendo alcançado na prática por várias empresas no mundo."

Supérfluo — Uma mostra do tamanho da diferença: no item qualidade, o padrão mundial permite falhas de, no máximo, 200 peças por cada milhão fabricado, enquanto que a média das empresas pesquisadas foi acima de 25.000. Quanto ao custo, a média brasileira fica 14% acima da média global, enquanto a competitividade mundial exige um preço 10% abaixo. "A crença de que qualidade custa mais não é verdadeira", diz Sequeira. Os empresários pensam que é porque não avançam além da visão superficial de que um produto de qualidade está cheio de detalhes supérfluos. Empresas que adotam uma política gerencial pró-qualidade e de aprimoramento contínuo jogam fora menos matéria-prima, perdem menos tempo em cada etapa de produção, têm menos produtos devolvidos pelo consumidor e, pela soma de tudo isso, conseguem praticar preços mais baixos.

Para alcançar padrões mundiais, o ponto de partida é a participação dos empregados em todos os níveis, o que exige mão-de-obra com melhor nível de escolaridade. Duas conclusões pode-se extrair desses requisitos: a gestão autocrática tem de ser aposentada; as empresas precisam investir na educação de seus funcionários. No Japão, há empresas que investem até 10% de sua receita bruta em educação e treinamento, índice que cai para cerca de 4% nos Estados Unidos e, no Brasil, encosta no *zero*.(*C.C.*)

Testes apontam falhas dos produtos nacionais

SÃO PAULO — A abertura do mercado aos importados tem o poder de confrontar, na mesma prateleira, pares decididamente desiguais, da embalagem ao preço. A indústria brasileira diz que gosta da abertura, instrumento indispensável a um regime de economia de mercado, mas no fundo, preservadas as exceções, sente-se como a rival anônima e feiosa de Luiza Brunet. Efeito igualmente devastador têm os testes de qualidade que na Europa e Estados Unidos realizam-se aos milhares, através de institutos de defesa do consumidor, e que aqui ainda constituem uma iniciativa tímida — pela falta de dinheiro — de raras instituições. Uma delas é o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), que funciona em São Paulo mas procura fazer *barulho* no país inteiro.

O Idec não tem estrutura para averiguar com testes científicos o que diz o engenheiro Pedro dos Santos Borba, da SGS do Brasil, sobre os carros brasileiros, os quais, segundo ele, somam o atraso tecnológico a problemas de controle de qualidade que começam na chapa de aço. "O sistema de pintura evoluiu ao longo dos últimos anos, mas continua defasado em comparação com o que se faz nas indústrias competitivas, os motores consomem muito combustível e oferecem baixo rendimento — em parte por culpa de outro problema de qualidade, este relativo à gasolina — e o próprio projeto dos veículos reflete um atraso preocupante", diz Borba, ressalvando como única exceção, em termos de *design* e tecnologia, o Kadett, fabricado pela GM. Esse tipo de avaliação, muito comum nos Estados Unidos, custa uma fortuna incompatível com o caixa do Idec. "Nem laboratórios adequados temos no Brasil", afirma Marilena Lazzarini, presidente dessa entidade independente e sem fins lucrativos (sua receita sai das contribuições dos associados).

São Paulo — Murilo Menon

São Paulo — Ariovaldo Santos

Marilena e Borba: atraso tecnológico compromete

Macarrão sem ovos — Em três anos de atividade, no entanto, o Idec promoveu seis testes diferentes e sempre encontrou problemas. O mais recente, realizado com 10 marcas diferentes de macarrão, através da Secretaria Municipal de Abastecimento, constatou que em 50% das amostras a incrição *massa com ovos* da embalagem era mentirosa. A norma determina que para ser vendido com aquela designação impressa na embalagem, o fabricante precisa usar três ovos por quilo, no mínimo. Entre as 10 marcas testadas, cinco estavam fora do padrão.

Outro teste interessante foi feito no ano passado para verificar se 10 brinquedos cumpriam as normas norte-americanas. Apenas um, a Super Massa, foi integralmente aprovado. O laboratório químico juvenil, por exemplo, não atendeu as normas norte-americanas na análise visual da embalagem: o fabricante não escreveu ali qual a indicação de faixa etária, não recomendou a supervisão de adultos nas experiências, não discriminou o conteúdo das soluções químicas.

Alvoroço mesmo o Idec provocou quando enviou três marcas de leite ao laboratório da Secretaria Municipal de Abastecimento. Durante oito semanas, entre agosto e novembro de 1989, o Idec comprou leite diariamente. O resultado dos testes não foi estimulante: das três marcas (Paulista, Leco e Flor de Nata), duas (Leco e Flor de Nata) mostraram-se na época em desacordo com as normas exigidas por lei e, segundo avaliação do Idec, impróprias para consumo: sobravam coliformes, faltava qualidade. Se o novo código do consumidor, rigoroso no aspecto que afeta a saúde, estivesse em vigor, os fabricantes estariam em situação delicada. O código estabelece a responsabilidade objetiva do fabricante e, em caso de danos, exige a reparação. (*C.C.*)

Baixa renda oferece mercado promissor

Andréa Assef

Perto de 70% da renda do país estão nas mãos de 15% dos brasileiros. Então esse é o maior público consumidor, certo? Nem tanto. O estudo " A redescoberta do real mercado brasileiro" feito pela Interscience Informação em conjunto com a Gouvêa de Souza & MH indica que nas camadas de baixa renda está o maior mercado comprador em potencial. Hoje, essa maioria que fica à margem do mercado já tem nas mãos, a cada final de mês, algo em torno de US$ 4 bilhões, e dirige uma proporção maior de seus rendimentos ao consumo do que as camadas de renda mais alta. Mas, é um público praticamente esquecido, desconsiderado pelas campanhas publicitárias, fora do alvo principal das estratégias de marketing e, o que é mais grave, tendo que consumir produtos cuja fabricação é dirigida às camadas mais altas.

"O empresário brasileiro produz para esta minoria de 15% da população e acha que está tudo bem. Nenhum país do Primeiro Mundo obteve sucesso com margens exorbitantes de lucro e atendendo a um mercado tão pequeno, como é o caso do Brasil", analisa o consultor da Interscience, Paulo Secches.

Segundo os dados do estudo, a população de baixa renda tende a ganhar importância estratégica, na década de 90, pois existe uma demanda reprimida que precisa ser atendida pela indústria e, consequentemente, pelo comércio. Essa tendência já está sendo detectada por algumas empresas como a Souza Cruz e a Fashion do Brasil Cosméticos Ltda, e até mesmo por aquelas que já direcionam parte de sua produção para o consumidor de baixa renda.

É o caso da União Fabril Exportadora — do conhecido sabão Português — e da Indústria de Bebidas Joaquim Thomaz de Aquino Filho, fabricante do conhaque de alcatrão São João Da Barra.

"Estamos nos preparando para acompanhar esta movimentação do mercado. Para isso, acabamos de lançar um novo sabão, o Du Bom, voltado diretamente para este segmento mais popular", diz Gilberto Rabelo, diretor de marketing da União Fabril Exportadora (UFE). Líder no mercado de sabão, com uma produção mensal de 10 mil toneladas/mês, a UFE possui quatro tipos de sabão, além do novo lançamento. Destes, é o sabão Rio, o carro-chefe da empresa, com uma produção de 5 mil toneladas ao mês, um produto totalmente voltado para as camadas de menor poder aquisitivo.

Analia Barth

La Peña: existe um mercado novo, ávido para consumir

São Paulo — J.C.Brasil

Secches: filão a explorar

Tendências — "É um grande erro achar que essa população não consome, como se tivesse o privilégio físico de sobreviver ao vento", comenta Secches, da Interscience. Ele ilustra essa afirmação com a pesquisa que fez sobre as tendências de consumo na Grande São Paulo, onde a classe média reverte 47% de sua renda mensal ao consumo (de alimentos, produtos de limpeza, bebidas etc), enquanto a população de baixa renda gasta aí 67% do seu dinheiro. Outra característica do consumidor de baixa renda é que ele dirige seu interesse aos produtos nacionais, enquanto as classes média e alta valorizam mais os importados, ainda mais agora com as facilidades na importação. "É um filão que não é explorado", garante Secches.

Mas já existem empresas apostando nesse mercado. A Fashion do Brasil Cosméticos Ltda, que detém a licença de fabricação da sofisticada marca Companhia da Terra, lançou, há um mês, uma linha popular de xampu, a Regne Vegetal, que vai custar um terço do preço de produtos similares da Companhia da Terra.

"No Brasil, as empresas vendem pouco, com preços altos, para obter grandes lucros. Acontece que está surgindo um mercado novo, de menor poder aquisitivo e ávido para consumir. Por isso, estamos investindo nessa linha voltada para o consumidor de baixa renda", explica José La Peña, um dos sócios da empresa.

Segundo o estudo da Interscience, "o potencial de resposta desta parcela que participa marginalmente do mercado é enorme e rápido. A demanda reprimida no segmento de baixa renda é muito grande". Um exemplo disso, de acordo com Secches foi o que ocorreu durante o Plano Cruzado: "No momento em que houve uma interrupção no processo inflacionário e esse segmento adquiriu um maior poder de compra relativo e entrou no mercado, houve desabastecimento em vários setores. Isso porque não havia produção para este pessoal e nem capacidade produtiva de atender a demanda".

Modificações — Existem outros exemplos que avalizam esta constatação. Isso pode ser percebido no mercado de cigarros que movimentou algo em torno de Cr$ 10,2 bilhões no ano passado. Este segmento é dividido em duas categorias de preços: alta e baixa. Em setembro de 89, a faixa de cigarros mais baratos abocanhava 65% da produção total, enquanto a categoria dos preços mais altos ficava com 35%. Este ano, a distância entre as duas categorias ficou maior: 68.7% para os mais baratos e 31.3% para os da faixa mais elevada.

"Isso reflete uma tendência do mercado que está se voltando cada vez mais para os produtos mais baratos", comenta Wilson Baroncelli, do Departamento de Comunicação da Souza Cruz. A empresa que produz cigarros para todas as faixas sociais — do Charm ao Arizona — possui duas marcas especificamente consumidas pelas classes mais baixas: Elmo e Clássicos. Mas os indícios desta modificação no consumo pode ser sentido numa reversão que ocorreu nas vendas: o Belmonte, cigarro mais popular desbancou o Hollywood, tradicional carro-chefe da empresa.

Outro exemplo disso é o que acontece com a indústria de aguardente, que produz 2 bilhões de litros por ano. A empresa Joaquim Thomaz de Aquino Filho, que faz o popular conhaque de alcatrão São João da Barra — vende 1,5 milhão de caixas da bebida por ano — acaba de aumentar sua capacidade de produção com a compra de novas máquinas. "Nós sempre apostamos neste público consumidor e agora estamos querendo aumentar nosso poder de fogo", diz o procurador da empresa Lineu Correia.

Benetton, Williams e Ferrari mudam para 91

Ruth de Aquino
Correspondente

SUZUKA, Japão — A McLaren promete um motor Honda mais potente, de 12 cilindros. A Ferrari, além de apresentar uma nova arma, o arrojado piloto francês Jean Alesi, garante progresso na aerodinâmica e no motor. A Williams se apresenta com toda força, com a volta de Nigel Mansell e o sistema de suspensão ativa, operado por computadores. A Tyrrel, com um jovem e promissor piloto, Stefano Modena, terá o motor Honda 10 cilindros. E a Benetton, embora ainda com motor de oito cilindros, correrá com o novo carro, saído da cabeça do maior designer de Fórmula 1, John Barnard.

Essas são as principais novidades nas equipes maiores para a temporada de 1991. Espera-se que a disputa, de qualquer forma, continue principalmente entre a McLaren e a Ferrari, talvez contrabalançada pela Williams, que, após um ano decepcionante, está investindo muito dinheiro e esforço para chegar mais perto das duas equipes de ponta e não cair para quarto lugar entre os construtores, atrás da Benetton. Os chefes de equipe da Ferrari, Cesare Fiorio; da Williams, Frank Williams; e da Benetton, Flavio Briatore, falaram sobre o ano que se passou e sobre suas expectativas para a próxima temporada.

□ **Quem estava passeando no autódromo de Suzuka, ignorado pelas japonesas, era o ator francês Alain Delon. "Vim visitar meu amigo Alain Prost", afirmou. Com os mesmos olhos azuis e a boca perfeita que o transformaram num dos maiores mitos sexuais do cinema, Delon não poderia, no entanto, ter ficado imune ao tempo. Enrugado e com uma barriguinha, ele não tinha mesmo condições de disputar com os jovens pilotos da Fórmula 1 a atenção das fãs orientais. Os dois franceses conversaram no boxe da Ferrari e Delon desejou toda a sorte a Prost.**

Suzuka, Japão — Reuter

Alain Delon (D) foi a Suzuka dar seu apoio ao amigo Prost

CESARE FIORIO

Motor: "O que nós temos como programa é trabalho, trabalho e mais trabalho. Esta é a principal coisa. Lógico que teremos um novo carro adaptado aos novos regulamentos da Fisa. Vamos manter o mesmo motor, mas, com evoluções durante o inverno. Esperamos que o motor se torne mais competitivo no próximo ano. Vamos trabalhar na aerodinâmica e estamos mudando um dos pilotos.

Suspensão ativa: "Nós estamos já com um projeto de suspensão ativa sendo testado há alguns meses, mas ainda não está decidido se o usaremos ou não no próximo ano. Só se tivermos certeza da confiabilidade do sistema durante as corridas".

Competição: "Se dermos uma olhada nos últimos resultados, veremos que a McLaren e a Ferrari estão bem à frente das outras equipes, mas isso não significa que no próximo ano será igual. Tanto a Tyrrel, quanto a Benetton e a Williams poderão ser bem mais competitivas no ano que vem. Mas é possível que o título em 91 continue sendo disputado entre a Ferrari e a McLaren".

Novos testes: "Os primeiros testes com Jean Alesi serão a 19 de novembro em Fiorano, Itália. E dali iremos para outros circuitos".

O ano que passou: "Foi muito bom para nós. Para ganhar, uma equipe precisa de um bom motor, um bom chassi, boa eletrônica, boa confiabilidade e bom piloto. Para ser competitivo é preciso ter todas essas coisas juntas".

Prost: "É claro que ele é um piloto fantástico. Ele e mais dois pilotos são os melhores na tarefa de encontrar o melhor acerto, o melhor equilíbrio do carro. Mas o projeto do motor, da confiabilidade do carro, da parte elétrica, tudo isso é obra dos engenheiros que ficam sentados lá em Maranello (onde fica a fábrica da Ferrari) e não de Prost".

Senna na Ferrari em 92?: "Você nunca sabe... A vida é longa e a Ferrari está sempre lá no mesmo lugar".

FRANK WILLIAMS

Mansell: "Ele está muito entusiasmado, não só por causa do pacote que oferecemos mas porque ele será feliz aqui. Nós tomaremos conta dele. Ele será o piloto número 1 da equipe. Riccardo Patrese sabe disso. Nigel terá a primeira escolha de equipamento e o carro reserva o ano inteiro. Em 86 e 87, Nelson (Piquet) teve o reserva o tempo todo e Nigel não, mas mesmo assim Nigel venceu muitas corridas".

Novo carro: "Estamos confiantes mas estou em F 1 há 22 anos e não dá para saber com certeza até que ponto o carro do ano que vem será fantástico nas pistas. Estamos dando um grande passo mas os outros também. O carro é convencional, não há nada incomum, o motor está no mesmo lugar, o tanque também. Mas eu ficarei muito surpreso se o nosso carro não for muito mais rápido do que o desse ano, do ponto de vista do chassi".

Motor: "A Renault fez o que, efetivamente, é um motor de 10 cilindros completamente novo, o que deverá ser um imenso passo adiante também".

Suspensão ativa: "Estamos desenvolvendo esse sistema há quatro anos. Só Nelson (Piquet) e Ayrton (Senna) venceram com suspensão ativa (um sistema computadorizado que ajusta a suspensão do carro automaticamente de acordo com as exigências da pista). Nelson com a Lotus, Ayrton com a Williams. É um sistema de engenharia muito sofisticado. Teoricamente, torna o carro mais rápido. De acordo com Patrick Head (designer), é mais provável que seja usado na segunda metade do ano"

Câmbio automático: "Pela primeira vez na semana passada testamos nosso câmbio automático. Nigel sabe disso e por isso acha que o pacote será tecnicamente muito bom".

O ano que passou: "Francamente desapontador. Começamos bem, mas depois de Imola fizemos muito pouco progresso. Nove entre 10 coisas que tentamos não deram nenhum resultado. Há uma distância grande entre McLaren e Ferrari e a Williams. Vamos reduzir esse gap no próximo ano".

FLÁVIO BRIATORE

Novos testes: "Em janeiro ou no início de fevereiro".

Novo carro: "No momento é impossível dizer alguma coisa. Não sei nada. Está tudo na cabeça de John (Barnard) e ele está colocando no papel. No momento, é muito cedo. Talvez daqui a um mês possa dizer alguma coisa".

Novo motor V12: "Começaremos a temporada com o V8 e terminaremos com ele".

Competição: "Acho que no próximo ano ainda será entre a Ferrari e a McLaren".

O ano que passou: "Para a Benetton, chegar em terceiro no campeonato dos construtores será um bom resultado. Se chegarmos em quarto, atrás da Williams, será uma decepção, o ano não terá ido tão bem como esperávamos. Minha luta é para chegar à frente de Frank (Williams)".

Novo piloto: "É muito cedo depois da tragédia que aconteceu com Nannini. Na segunda-feira (amanhã) decidiremos quem correrá em Adelaide. Depois, quem correrá em 91".

Fotografia e motor

Suzuka é cenário ideal para conjugação das duas paixões japonesas

SUZUKA, Japão — O que os japoneses e os italianos têm em comum? A paixão por carros e motores. Um amor que se manifesta de formas diferentes, de acordo com o temperamento nacional. Os *tifosi* gritam, fazem um carnaval. Os *nipônicos* são silenciosos e organizados, mas vêm ao autódromo armados — com uma parafernália de câmeras, lentes e filtros.

Ayrton Senna já admitiu que, depois dos brasileiros, os japoneses são seus maiores fãs. A idolatria pelos motores Honda é tamanha que nem uma fila de misses orientais, todas de maiô preto bem cavado e cabelos longos, conseguiu desviar a atenção dos fotógrafos japoneses — profissionais e amadores — aglomerados diante do *box* da McLaren.

Parece piada. Eles ficam de tocaia, à espreita dos pilotos, engenheiros, mecânicos. Fotografam pneus, chassis e computadores. Fotografam a si mesmos nos lugares mais incompreensíveis. Alguns vêm tão carregados que parecem marcianos — antenas para todo lado, fios entre os braços, as pernas. Afinal, é a ocasião ideal para o casamento entre duas tecnologias que são orgulhos nacionais: fotografia e motores.

No autódromo, existe um parque de diversões ao lado da pista, chamado Motopia. É um complexo que inclui 25 tipos de veículos diferentes — de karts a abelhas voadoras, passando por carros rotativos feitos de pneus, barcos a vapor, caracóis suspensos, cápsulas espaciais e trens — e que podem ser dirigidos por gente de todas as idades. Aquela coisa bem colorida e espalhafatosa que para o ocidental beira o *kitsch*. Mas as famílias orientais amam. (*R.A.*)

F 200 do kart realiza o primeiro Brasileiro

GOIÂNIA — Criada no final de 1988, em Goiânia, apenas como uma categoria regional, a Fórmula 200 para karts alcança hoje, com a disputa do I Campeonato Brasileiro, no autódromo internacional da capital goiana, a condição de uma nova categoria nacional de velocidade. E já na primeira prova reúne cerca de 60 pilotos, divididos em duas faixas etárias: 17 a 29 anos e 30 anos em diante. Os corredores representam apenas três estados — Goiás, São Paulo e Minas Gerais — além do Distrito Federal, mas a expectativa é de que a representação nacional se amplie rapidamente.

A Fórmula 200 recebeu homologação oficial do conselho técnico da Confederação Brasileira de Automobilismo em julho deste ano. Os veículos são equipados com o motor de 200 centímetros cúbicos de cilindrada da motocicleta Dakar, produzida pela Agrale. Com isso, de acordo com o depoimento dos próprios pilotos, os pequenos veículos proporcionam, em escala reduzida, as emoções de dirigir um Fórmula 1.

Mais rápidos que os karts comuns, os veículos de Fórmula 200 percorrem os 1.909 metros do circuito de Goiânia em 57 segundos. A média horária chega aos 120 quilômetros, mas no final da reta de 600 metros, os cronômetros já registraram até 160 km/h. Os veículos, produzidos pela Lavrale, correm sem modificações no motor, à exceção da giclagem do carburador. Contudo, o charme do pequeno veículo de apenas 2,15m de comprimento está tanto no câmbio de seis marchas (inexistente nos karts normais), como no sistema de freios hidráulicos a disco.

A Fórmula 200 teve duas corridas experimentais em dezembro de 1988. No ano passado, foi realizado o primeiro Campeonato Goiano e da região Centro-Oeste reunindo 80 pilotos. Também São Paulo já está promovendo seu campeonato estadual, de seis etapas.

Hoje, depois de três baterias de 20 voltas cada, serão conhecidos os dois primeiros campeões da nova categoria, além do campeão entre os seniores. O Campeonato Brasileiro deste ano será disputado em apenas uma etapa e integra as comemorações dos 57 anos da cidade de Goiânia.

Brasil sofre para ficar em primeiro lugar

O Brasil precisou suar muito para ficar em primeiro lugar no grupo A do Campeonato Mundial de Vôlei Masculino. Os brasileiros só conseguiram dobrar a Suécia por 3 a 2 (15/17, 16/14, 8/15, 16/14 e 15/12), após 2h47 minutos de jogo. O time já está nas quartas-de-final e seu próximo adversário será um dos outros três primeiros colocados, que será conhecido hoje por sorteio. Esta partida, porém, não é eliminatória.

O Brasil começou o jogo sendo beneficiado pelos seguidos erros de recepção dos suecos, em especial de Gustafsson, e colocou rapidamente 3 a 0. A Suécia se recuperou — diminuiu para 3 a 2 —, mas outros erros no passe voltaram a prejudicar o time e os brasileiros colocaram 6 a 3. Aos poucos, porém, os suecos acertaram a recepção e o bloqueio, chegando a diminuir a diferença para 8 a 7. Um tempo do treinador Bebeto fez com que os brasileiros disparassem até 12 a 7. Os erros, porém, retornaram e os suecos, mostrando muita garra, diminuriam para 13 a 12 e, depois de impedir três *sets points* viraram o jogo para 15 a 14, suportaram o empate em 15 e acabaram fechando o *set* em 17 a 15, em 45 minutos de jogo.

O segundo *set* se pareceu muito com o primeiro. Os brasileiros começaram encontrando extrema facilidade e chegaram a colocar 4 a 0, 8 a 3 e 10 a 4. De repente, uma série de erros no passe recolocaram a Suécia no jogo. Os suecos marcaram sete pontos seguidos e viraram o jogo para 11 a 10. Neste momento, o técnico Bebeto fez uma mudança decisiva. Ele colocou Betinho no lugar de Maurício, que não vinha bem. O time se reequilibrou e virou para 14 a 13. Houve o empate, mas a equipe mostrou tranqüilidade, e fechou em 16 a 14, em 35 minutos.

A Suécia começou bem o terceiro *set* e colocou 3 a 0. O Brasil chegou ao empate, mas os eternos problemas no passe voltaram a atrapalhar e os suecos voltaram a colocar boa vantagem em 8 a 3. O time brasileiro mostrava-se perdido na quadra e apesar das instruções de Bebeto a equipe em nenhum momento se recuperou. A Suécia administrou o resultado e fechou o *set* em 15 a 8, em 39 minutos.

O quarto *set* parecia fácil para a Suécia. Os brasileiros não se encontravam e os suecos colocaram 8 a 1 em menos de 10 minutos. A entrada de Geovane, porém, mudou o jogo. Ele reforçou o bloqueio, o que, junto com o acerto no saque, fez os brasileiros virarem em para 12 a 11. A reação da Suécia, que colocou 14 a 12, não foi suficiente para deter os brasileiros, que fecharam em 16 a 14, em 30 minutos. O *tie break* foi uma emoção só. Os brasileiros colocaram 3 a 1, os suecos empataram, mas os saques táticos do Brasil e uma excelente atuação no bloqueio e na defesa puseram o time em vantagem de 12 a 5. Os suecos ainda reagiram — diminuíram para 13 a 10 —, mas, cansados, não conseguiram evitar a derrota por 15 a 12, em 30 minutos.

Ricardo Leoni

O brasileiro Paulão supera o bloqueio sueco na equilibrada decisão do grupo A

Holanda garante a segunda vaga

Paulo Cesar Vasconcellos

BRASÍLIA — Quando o bloqueio funciona e o atacante Zwerver (23 anos, 2,00m) joga bem, a seleção da Holanda se transforma numa das mais fortes do mundo. Foi o que aconteceu ontem contra o Canadá, no ginásio Nilson Nélson, na última partida entre os dois times pelo Grupo B do Mundial. A fácil vitória de 3 a 0 (15/3,15/9 e 15/8), em 73 minutos, mostrou que os holandeses não ficaram abalados com a derrota para a Argentina (3 a 0), na noite de sexta-feira.

O time holandês tem uma das mais altas médias de altura da competição — 1,99m — e, certamente, um dos bloqueios mais eficientes da Europa. Contrao Canadá, o time soube explorou bem esta vantagem e contou com a excelente atuação do atacante Zwerver. A maioria das bolas passadas pelo levantador Salinger foi aproveitada por Zwerver.

"Foi uma partida bem diferente da disputada contra a Argentina. Nosso time esteve mais seguro e soube aproveitar as vantagem que tem", disse o técnico Harry Brokking. O treinador holandês continua lamentando apenas o fato de não poder contar com três importantes jogadores: Grabet, Zoodsma e Blange, que foram contratados por clubes italianos e caíram numa determinação da Federação do seu país. A entidade proíbe o jogador que sai do país de continuar servindo à seleção.

A expectativa de um bom jogo entre Holanda e Canadá levou um público acima do normal — em torno de 1000 pessoas, num ginásio com capacidade para 25 mil — ao Nilson Nélson. Certamente, os torcedores ficaram frustrados. O Canadá estava bem diferente da equipe segura que derrotou os Estados Unidos na sexta-feira. Todas as tentativas do técnico Brian Watson de reverter a situação não deram certo. "Tentamos de tudo, mas os holandeses tiveram excelente atuação", disse ele.

Holanda: Salinger, Horst, Benne, Held, Zwerder, Boudrie, De Reus e Van Ree. *Canadá*: Walsh, Knight, Barret, Pescor, Gingera, Albert, Dunn, Padock, Frehlick, Willock e Coulter.

□ **Para conseguir a primeira vitória no Grupo D do Mundial, e garantir o terceiro lugar, o que ajuda a manter as esperanças de continuar brigando por um título ou posição honrosa — o mais provável —, a seleção da Bulgária precisou de 56 minutos. Tempo suficiente para derrotar Camarões por 3 a 0 (15/3,15/5 e 15/8) assegurando o direito de continuar em Brasília. "Espero que meu time renda mais na próxima fase", disse o técnico Seferinov. Já os invictos camaroneses viajarão hoje para Curitiba, onde enfrentarão o quarto colocado da chave disputada na capital paranaense. "Estamos ganhando muita experiência neste Mundial", comentou Nana Nganda, assistente do técnico Vassili Netchai.(*P.C.V.*)**

Apoio a desconhecidos

Torcida é pelas jogadas e não pelos atletas

Gisele Porto

Saudade não tem vez para os torcedores do vôlei brasileiro. A chamada *geração de ouro* acabou, mas o prestígio do esporte continua firme. Os novos, que lutam pelo reconhecimento definitivo neste Mundial, têm todo apoio do público. O Maracanãzinho ainda não atingiu sua lotação máxima, mas a seleção brasileira conta com seguidores apaixonados. Os jogadores nem sempre são identificados de primeira. Suas jogadas, porém, merecem aplausos e gritos de incentivo de adeptos fiéis.

Alguns vêm de longe, como a advogada Nilcéia Albuquerque, 43 anos, que saiu de Belo Horizonte com a irmã, de ônibus, só para torcer pelo Brasil. Na bagagem, apenas o essencial: binóculos, boné verde e amarelo e bandeira brasileira. Nilcéia voltou para casa ontem à noite e promete retornar se a seleção chegar à final. "Não sei se este time será campeão. Mas, tenho certeza de que ganhará muitos outros títulos no futuro." Nilcéia acompanha vôlei desde 1981 e não poupa elogios para Maurício e Marcelo Negrão.

Se a mineira é veterana nas arquibancadas, a carioca Penha Silveira, 23 anos, publicitária, fez sua estréia como torcedora na partida entre Brasil e Coréia, sexta-feira. Grávida de oito meses, Penha convocou o marido, Décio, radialista, e o irmão menor, Roberto, para, pela primeira vez, ver de perto um jogo de vôlei. "Vi na televisão a vitória sobre a Tcheco-Eslováquia e me animei". Mas, ela desconhece a maioria dos jogadores. "Sei quem são o Carlão e o Cidão."

O vestibulando João Antonio Farias, 16 anos, também não resistiu. Matou aula quinta e sexta-feira para ir ao Maracanãzinho, apesar de considerar "puxados" os Cr$ 1 mil cobrados pela arquibancada. João Antonio é um torcedor fanático, que viaja para ver jogos da Liga Nacional e até tem um time de coração, o Pão de Açúcar, de São Paulo. "Gosto muito de vôlei e conheço todas as equipes". Seu ídolo, contudo, não sai do banco. É o técnico Bebeto de Freitas.

Se pudesse falar com Bebeto, o estudante paulista Ricardo Vergamini, 15 anos, morador de Copacabana, teria uma queixa. Ele não entende porque o treinador mantém o atacante Pampa na reserva. "É absurdo", reclama Ricardo. Nem por isso ele deixa de prestigiar a seleção. "Adoro vôlei. É muito melhor do que futebol."

Jorge Edson, quase fora do Mundial

Mariucha Moneró

A seleção brasileira pode disputar todo o Campeonato Mundial com apenas 11 jogadores. A contusão do meio de rede Jorge Édson é preocupante. A dor na coxa esquerda, provocada pela contratura muscular, ainda persiste e o jogador continua em tratamento intensivo. O técnico Bebeto de Freitas acredita que para a próxima fase poderá contar com o atleta. Jorge Édson reza para que isso aconteça, mas o médico da seleção, Márcio Cunha, não está tão otimista.

"Uma contusão muscular é sempre difícil. Não é como uma torção que se pode imobilizar e apressar a recuperação. Qualquer esforço extra que o jogador faça pode piorar ainda mais", explica o médico. "Estamos tentando o possível, mas é uma contusão que precisa de tempo e não podemos afirmar que ele vai ter condições de jogo", complementa.

A confiança de Jorge Édson em estrear no Mundial já não é a mesma de poucos dias atrás. Ficar fora do primeiro jogo não o deixou tão preocupado. "É apenas uma partida e não uma final", dizia, ainda animado. Ontem, após ficar de fora do terceiro jogo, a disposição de quem era titular absoluto até um dia antes de iniciar a competição, já não era a mesma. "Não participar de um é ruim, de dois é péssimo, de três é horrível. Nem quero pensar em não poder jogar nunca. Treinei seis meses para isso", lembra ele.

Na preparação para o Mundial, Jorge Édson se contundiu várias vezes. Teve três torções no tornozelo, uma inflamação no tendão e um problema no ombro. Mas nunca em sua vida de atleta, o jogador sofreu qualquer contratura muscular. "O que me preocupa é que sinto a mesma dor desde o dia em que aconteceu. Veio aquela dor muito forte e depois melhorou 90%. Mas a dorzinha continua não vai embora", conta ele, que ficará sem participar do aquecimento até a próxima terça-feira.

Paulão acerta sua vida na seleção

O mais novo titular da seleção brasileira poderia não ter participado do Campeonato Mundial. Paulo André Jukowisky da Silva, um dos destaques brasileiros hoje na quadra, pensou em desistir de tudo. Desempregado, contas a pagar, Paulão não conseguia render nos treinamentos e conversou com Bebeto de Freitas disposto a deixar a equipe. O técnico o convenceu a ficar, lhe deu alguns dias e tudo se resolveu. O jogador assinou com o Frangosul, acertou a vida e se reintegrou à seleção. Hoje, ele agradece. "Todos me ajudaram muito. Dou graças a Deus por estar junto a essas pessoas."

A vida de Paulão na seleção brasileira sempre foi meio atropelada, desde a primeira convocação, em 86. Perseguido por inúmeras contusões, nem sempre viu os esforços recompensados. Agora, sua vez parece ter chegado. "Nunca me senti tão bem. É bom demais ver que estou sendo útil e rendendo o que esperavam de mim", conta, animado.

As atuações de Paulão no Mundial já mereceram elogios do técnico Bebeto de Freitas. Firme no bloqueio e bem no ataque, ele se sente seguro e já pensa em chegar ao título mundial. "Estou condicionado a isso. Treinei muito para ser campeão" Até mesmo as dores que ainda sente no tornozelo, que torceu também na véspera da estréia, são esquecidas. "Ainda vamos surpreender muita gente. O time tem sangue e adrenalina para vencer."(*M.M.*)

Teco surpreende Carrol e é semifinalista

Anna Muggiati

O brasileiro Flávio Teco Padaratz venceu o australiano Tom Carrol. Com este resultado, que levou ao delírio mais de quatro mil pessoas que lotaram a praia da Barra, Padaratz passou para as quartas de final do Alternativa Surf, 15ª etapa do campeonato mundial, que são realizadas hoje a partir das 9h. A surpreendente vitória significa uma tripla conquista para o único brasileiro que chegou incólume à reta final do campeonato: ele derrotou o perfeccionismo de Tom Carrol por cinco pontos e pela primeira vez chega às quartas de final em seu país e compete hoje com o suprassumo do surfe mundial — todos entre os Top 10. Teco tem hoje um outro desafio: o australiano Gary Ekerlton, o 2º atleta do ranking mundial.

O catarinense Padaratz, 20 anos, teve grandes aliados: o mar, a tranqüilidade e uma torcida que lembrava uma final de campeonato no Maracanã. "Entrei na água muito contente. Me concentrei muito para a escolha da primeira onda, e depois, com a ajuda da torcida, dei o máximo para vencer ". Padaratz já colecionava três derrotas para Carrol, uma no Hang Loose de 1988 e duas neste ano, na Espanha e na Austrália. "Ele estava com ânimo para acabar com esta história", disse a namorada Gabriela, que o acompanha em todos os momentos do circuito. A acirrada disputa incluiu últimos minutos de pura tensão: faltava menos de um minuto para a bateria acabar, quando ele conseguiu pegar uma onda, que foi aproveitada até a areia. Logo depois, o alarme foi disparado anunciando o final da bateria. Ovacionado pelo público, Teco subiu ao palanque e não conseguiu repetir o ritual de se retirar com a namorada Gabriela Machado. Era impossível sair devido ao assédio de uma pequena multidão que cercava o novo ídolo dos cariocas. "Estou vivendo um momento novo. Vencer Carrol é um incentivo, já que sempre me espelhei nele", declarou emocionado. Ele espera repetir a mesma performance hoje, "fazendo a escolha de onda certa, na hora certa"

Os outros sete atletas que concorrem hoje às quatro vagas das semi-finais, a partir das 11h20 e para as finais, às 13h10, representam o melhor do ranking mundial: Barton Lynch, oitavo, corre contra o australiano Richie Collins, sétimo. Dave Macaulay, a maior pontuação de ontem — 92.5 — e quinto colocado, enfrenta o americano Todd Holand. Já o *showman* Damien Hardman, campeão de 1987 e terceiro do mundo, disputa contra o havaiano Marty Thomas, 10º Lynch venceu o australiano Richard Marsh por uma diferença abissal de pontos: 49,3. É que Marsh cometeu uma irregularidade, interferindo numa onda em que a prioridade era de Lynch, perdendo grande pontuação. Além do evento principal, também acontecem as semi-finais e finais do *longboard* e do moreyboogie feminino.

Renato Velasco

Teco Padaratz pega agora o segundo melhor do mundo

Ondas que valem até US$ 12 mil

Uma onda bem aproveitada pode estar valendo hoje até US$ 12 mil. Este será o prêmio para o campeão do Alternativa Surf — um evento da classe 2A, que paga US$ 90 mil em premiações. Até os perdedores saem ganhando algum dinheiro: os eliminados no 1º round ficaram com US$ 1 mil cada; do 2º, US$ 1.375; das oitavas de final recebem US$ 1.675; e os que sairem das quartas de final, hoje, ganham US$ 2.525. Já os dois semi-finalistas que ficarem fora, ganham US$ 3 mil. E o vice- campeão leva US$ 6 mil.

As altas cifras têm acompanhado o campeonato mundial da ASP (Association of Surfing Professionals) desde a implantação deste circuito, em 1976. Naquele ano, foram pagos no total, US$ 65 mil em prêmios. Prova de que o esporte evoluiu é o total deste ano: US$ 2 milhões. Este sintomático acréscimo de premiações, é a imagem do bom negócio que o surf se transformou. Só para ter uma idéia, o primeiro atleta do ranking, o ausente Tom Curren, já tem acumulado somente neste ano, US$ 117.400. Em 1992, as perspectivas de aumento nas premiações já é um fato: só o Alternativa Surf passa a pagar cerca de US$ 150 mil, o que não só garante a equiparação às etapas realizadas na Califórnia e Espanha, como a evolução do esporte no país.(*A.M.*)

Herrera é o campeão do tênis na Bahia

COMANDATUBA, BA— A tranqüila vitória por 6/2 e 6/2 sobre o alemão Parick Baur, em pouco mais de uma hora de jogo, deu ao mexicano Luis Herrera o título do Brastemp Open, US$ 10.860 de prêmio e 67 pontos para o ranking da ATP. O *aranha*, como é chamado em seu país o pequeno e veloz Herrera, deve subir agora 30 posições no ranking, passando a 115º, classificação que o coloca à frente de Leonardo Lavalle, como o número 1 do México, logo no seu segundo ano de profissionalismo.

Além de vencer, Herrera mostrou qualidades de campeão, com nível de concentração e consistência dos golpes que o fazem jogar no limite do erro, mantendo o adversário sob constante pressão. Todas suas bolas buscam as linhas da quadra, e não lhe faltam recursos para responder agressivamente a qualquer tipo de tática, passando com rara precisão quem se arrisca na rede, ou subindo para voleir com golpes de preparação muito fortes e fundos, os que tentam envolvê-lo com o jogo de base.

Baur reconheceu que a única forma de vencer Herrera seria com seus fortes saques, mas sua porcentagem de aproveitamento do primeiro serviço esteve bem abaixo da média. "Da forma como eu joguei, ficou fácil para Herrera", disse. "Para vencê-lo teria que colocar pressão, mas sem meu serviço entrando isto foi impossível".

Baur recebeu US$ 6.360 de prêmio e 45 pontos para o ranking mundial o que deverá melhorar sua classificação para perto da 130ª colocação. Ele chegou às finais eliminando o chileno Pedro Rebolledo, campeão de três torneios recentes, e os brasileiros Cássio Motta, cabeça-de-chave 2, José Amin Daher e Danilo Marcelino.

O maior trunfo de Herrera foi ter entrado em jogo mais rápido que o alemão. Ambos tiveram seu aquecimento prejudicado pela chuva que caiu antes da partida, o que levou a um início de jogo tenso e irregular.

Prancha a vela — O espanhol Asier Fernandez de Bobadilla ganhou ontem a primeira regata do Campeonato Mundial de Prancha a Vela, classe Lechner, que está se realizando em Buenos Aires. O segundo colocado foi o argentino Jorge Garcia Velasco, ficando em terceiro o francês Michel Quintin. O brasileiro George Rebello ficou na quarta colocação. No feminino, a vencedora da primeira etapa foi a inglesa Penny May, com a americana Kate Chapin em segundo.

Ciclismo — O italiano Gianni Bugno assegurou ontem o título mundial individual da Copa do Mundo Perrier de Ciclismo ao ficar em sexto lugar na 84ª edição da Volta da Lombardia, disputada entre Milan e Monza. Ainda ainda falta uma prova para o final da Copa — o quilômetro contra o relógio, a ser disputada em Lunel, sul da França, sábado que vem —, mas Bugno tem uma grande vantagem sobre o segundo colocado, o francês Gel Delion, vencedor da Volta da Lombardia.

Boxe — O sul-coreano Moon Sung-Kil manteve a coroa dos supermosca (CMB) ao derrotar por nocaute ao japonês Kenji Matsumura, em Seul.

Placar JB

FUTEBOL

Campeonato Alemão-Ocidental

Bayer Leverkusen 0 x 0 Werder Bremen
Wattenscheid 1 x 1 Dortmund
St. Pauli 3 x 3 Bochum

Campeonato Inglês

Chelsea 0 x 0 Nottingham Forest
Coventry 1 x 2 Southampton
Derby County 1 x 1 Manchester City
Everton 0 x 0 Crystal Palace
Leeds 2 x 3 Queen's Park Rangers
Manchester Utd. 0 x 1 Arsenal
Norwich 1 x 1 Liverpool
Sunderland 2 x 0 Luton
Tottenham 4 x 0 Sheffield Utd
Wimbledon 0 x 0 Aston Villa

Campeonato Escocês

Aberdeen 3 x 0 Hearts
Celtic 0 x 0 Dundee United
Hibernian 1 x 0 Motherwell
St.Johnstone 0 x 0 Rangers
St.Mirren 0 x 1 Dunferline

Campeonato Grego

Olympiakos 0 x 0 Panathinaikos

TÊNIS

Torneio da Comunidade Européia

(Amberes, Bélgica)
Semifinais

Henri Leconte (Fr.) 7/5, 3/6, 6/0 Stefan Edberg (Sue.)

Torneio Marlboro de Hong Kong

(Semifinais)

Ivan Lendl (Tch.) 6/3, 6/0 Derrick Rostagno (EUA)
Michael Chang (EUA) 7/6 (7/3), 6/1 David Wheaton (EUA)

GP Porsche

(Filderstadt, Ale.)
Semifinal

Mary Joe Fernandez (EUA) 7/5, 6/0 Katerina Maleeva

Brasil sofre para ficar em primeiro lugar

O Brasil precisou suar muito para ficar em primeiro lugar no grupo A do Campeonato Mundial de Vôlei Masculino. Os brasileiros só conseguiram dobrar a Suécia por 3 a 2 (15/17, 16/14, 8/15, 16/14 e 15/12), após 2h47 minutos de jogo. O time já está nas quartas-de-final e seu próximo adversário será um dos outros três primeiros colocados, que será conhecido hoje por sorteio. Esta partida, porém, não é eliminatória.

O Brasil começou o jogo sendo beneficiado pelos seguidos erros de recepção dos suecos, em especial de Gustafsson, e colocou rapidamente 3 a 0. A Suécia se recuperou — diminuiu para 3 a 2 —, mas outros erros no passe voltaram a prejudicar o time e os brasileiros colocaram 6 a 3. Aos poucos, porém, os suecos acertaram a recepção e o bloqueio, chegando a diminuir a diferença para 8 a 7. Um tempo do treinador Bebeto fez com que os brasileiros disparassem até 12 a 7. Os erros, porém, retornaram e os suecos, mostrando muita garra, diminuiram para 13 a 12 e, depois de impedir três *sets points* viraram o jogo para 15 a 14, suportaram o empate em 15 e acabaram fechando o *set* em 17 a 15, em 45 minutos de jogo.

O segundo *set* se pareceu muito com o primeiro. Os brasileiros começaram encontrando extrema facilidade e chegaram a colocar 4 a 0, 8 a 3 e 10 a 4. De repente, uma série de erros no passe recolocaram a Suécia no jogo. Os suecos marcaram sete pontos seguidos e viraram o jogo para 11 a 10. Neste momento, o técnico Bebeto fez uma mudança decisiva. Ele colocou Betinho no lugar de Maurício, que não vinha bem. O time se reequilibrou e virou para 14 a 13. Houve o empate, mas a equipe mostrou tranqüilidade, e fechou em 16 a 14, em 35 minutos.

A Suécia começou bem o terceiro *set* e colocou 3 a 0. O Brasil chegou ao empate, mas os eternos problemas no passe voltaram a atrapalhar e os suecos voltaram a colocar boa vantagem em 8 a 3. O time brasileiro mostrava-se perdido na quadra e apesar das instruções de Bebeto a equipe em nenhum momento se recuperou. A Suécia administrou o resultado e fechou o *set* em 15 a 8, em 39 minutos.

O quarto *set* parecia fácil para a Suécia. Os brasileiros não se encontravam e os suecos colocaram 8 a 1 em menos de 10 minutos. A entrada de Geovane, porém, mudou o jogo. Ele reforçou o bloqueio, o que, junto com o acerto no saque, fez os brasileiros virarem em para 12 a 11. A reação da Suécia, que colocou 14 a 12, não foi suficiente para deter os brasileiros, que fecharam em 16 a 14, em 30 minutos.

O *tie break* foi uma emoção só. Os brasileiros colocaram 3 a 1, os suecos empataram, mas os saques táticos do Brasil e uma excelente atuação no bloqueio e na defesa puseram o time em vantagem de 12 a 5. Os suecos ainda reagiram — diminuiram para 13 a 10 —, mas, cansados, não conseguiram evitar a derrota por 15 a 12, em 30 minutos.

Ricardo Leoni

O brasileiro Paulão supera o bloqueio sueco na equilibrada decisão do grupo A

Vitória faz Bebeto chorar

Os jogadores do Brasil pulavam e se abraçavam dentro da quadra e o técnico Bebeto de Freitas saía sozinho por trás do banco, com as mãos no bolso. A primeira reação à dramática vitória foi um choro no rodo que servira para enxugar o suor dos jogadores que encharcou o piso. A segunda foi um longo abraço no levantador Maurício, que, aos prantos, comemorou com o técnico. Bebeto, então, também chorou. Sua aflição durou quase três horas, mas a vitória tão desejada aconteceu.

Maurício se desculpou com o técnico por ter se precipitado a um ponto de fechar o jogo e tentado uma bola de segunda. O placar mostrou um ponto para a Suécia e Bebeto cobrou com rigor do jogador. Em prantos, o levantador se desculpou e chorando muito também o treinador o perdoou. Valia o resultado e o primeiro lugar do grupo. "A equipe encontrou forças onde não tinha. A Suécia foi quase o tempo todo superior e, se ainda assim, conseguimos vencer, alguma coisa a mais os jogadores mostraram hoje", afirmou o técnico, ainda visivelmente nervoso e emocionado.

Bebeto estava satisfeito com a vitória e com a atuação de sua equipe. O nervosismo durante todo o jogo e muitos momentos de exasperação foram esquecidos com a classificação em primeiro lugar no grupo. "Até então não tínhamos enfrentado um adversário que nos exigisse. A Suécia nos marcou com perfeição. Foi um jogo dificílimo, se enfrentar um pior, me mato", brincou ele, já mais relaxado.

A dificuldade superada foi um bom ensinamento aos jogadores, na opinião do técnico. "Foi muito bom para que todos percebam que é um campeonato muito difícil", disse ele. "Me preocupa muito o óba-óba que se fez em torno das duas primeiras vitórias. O Maurício é mesmo um bom exemplo. Nunca vi ninguém na sua idade fazer o que ele faz, mas é preciso que ele saiba fazer tudo aquilo com consciência."

Bebeto elogiou os jogadores e mais uma vez insistiu em dizer que não tem apenas seis titulares. Os elogios a Giovane, jogador decisivo para a vitória, não foram poucos. "Ele conseguiu anular a melhor jogada deles, o ataque pelo meio da rede, que nos dificultou desde o início. Ele é um jogador excepcional e se encontrou no melhor des ua forma. Como posso considerá-lo um reserva?", questionou. "Parecia até que estava advinhando. Ainda no hotel, chamei o Giovane e o Pampa e repeti a eles que só não estavam no time porque não podemos jogar com oito. E acabaram sendo importantíssimos para a vitória." Aliviado, Bebeto conseguiu o que mais queria, ver o time em primeiro lugar do grupo. Agora sabe que nada será fácil. "Daqui para frente vai ser muito difícil. Mas não tenho porque não confiar no meu time."

Jogadores vêem equipe fortalecida

Gisele Porto

A seleção brasileira saiu fortalecida da difícil vitória por 3 a 2 sobre a Suécia. Esta, pelo menos, é a opinião dos jogadores, aliviados com o primeiro lugar do grupo A. "Mostramos que temos um coração muito grande e que somos unidos", definiu Paulão. Para ele, o resultado de virada sobre os suecos deixou claro até onde o Brasil pode ir neste Mundial. "Se continuarmos assim, seremos campeões", festejou.

O capitão Carlão, mais frio, disse que o Brasil jogou mal nos dois primeiros *sets*, apesar de os jogadores estarem prevenidos para uma partida mais dura do que nas duas primeiras rodadas, contra Tchecoeslováquia e Coréia do Sul. "Tivemos altos e baixos, mas crescemos depois, com a entrada de Giovane e Pampa. O time mostrou, então, vibração e garra e isso nos deu a maior força."

Pampa concorda ter sido responsável pela virada brasileira. "Entrei na quadra e falei para a moçada que nós não tínhamos treinado por seis meses para perder em casa. Pedi moral", afirmou. O jogador considerou normal sua participação no jogo. "Normalmente, entro quando o time está desanimando porque o Bebeto prefere começar com o Marcelo Negrão, que não tem a mesma experiência para entrar em momentos difíceis", explicou. Acima de qualquer coisa, porém, para o jogador, está o resultado obtido ontem. "Nós provamos que não somos um time apenas quando estamos ganhando um jogo fácil. Podemos chegar à vitória mesmo numa pior."

Para Giovane, entretanto, o pior ainda está por vir. "O time cumpriu o papel de ficar em primeiro lugar do grupo e agora deixamos esta fase para trás". Geovani disse que sua atuação, ontem, foi a melhor que já teve na seleção. "Tive momentos de inspiração", analisou o jogador, que às vezes se acha "meio preso", devido à falta de ritmo de quem fica no banco. "Estou realizado porque cumprimos nossa parte, mas nunca vou me conformar com a reserva. Agora, estou mais tranqüilo porque mostrei que estou pronto para o que der e vier."

Jorge Édson, quase fora do Mundial

A seleção brasileira pode disputar todo o Campeonato Mundial com apenas 11 jogadores. A contusão do meio de rede Jorge Édson é preocupante. A dor na coxa esquerda, provocada pela contratura muscular, ainda persiste e o jogador continua em tratamento intensivo. O técnico Bebeto de Freitas acredita que para a próxima fase poderá contar com o atleta. Jorge Édson reza para que isso aconteça, mas o médico da seleção, Márcio Cunha, não está tão otimista.

"Uma contusão muscular é sempre difícil. Estamos tentando o possível, mas é uma contusão que precisa de tempo e não podemos afirmar que ele vai ter condições de jogo", complementa. A confiança de Jorge Édson em estrear no Mundial já não é a mesma. "Não participar de um é ruim, de dois é péssimo, de três é horrível. Nem quero pensar em não poder jogar nunca. Treinei seis meses para isso", lembra ele.

Paulão, o substituto de Jorge Édson, quase nem joga o Mundial. Desempregado, ele não conseguia render nos treinamentos e conversou com Bebeto disposto a deixar a equipe. O técnico o convenceu a ficar, deu-lhe alguns dias e tudo se resolveu. A vida de Paulão na seleção sempre foi atropelada, desde a primeira convocação, em 86. Agora, sua vez parece ter chegado. "Nunca me senti tão bem. É bom demais ver que estou sendo útil e rendendo o que esperavam de mim", conta, animado.

Cuba justifica seu favoritismo

Paulo Cesar Vasconcellos

BRASÍLIA — Foi mais fácil do que os jogadores e o técnico Orlando Samuels esperavam. Na vitória de 3 a 0 (15/13, 15/9 e 15/8), em 79 minutos de jogo, a seleção de Cuba justificou a condição de favorita do Mundial, enquanto os italianos mostraram erros inaceitáveis para um time que é campeão da Liga Mundial e também da Europa. Com o resultado, Cuba assegurou o primeiro lugar do grupo D — a delegação segue hoje para o Rio — e a Itália continuará em Brasília, onde jogará na próxima terça-feira contra adversário a ser indicado por sorteio.

Logo no primeiro *set*, Cuba mostrou que seria um time bem diferente daquele que penou para ganhar da Bulgária por 3 a 2 e sofreu o terceiro *set* no jogo com Camarões. Apesar da má atuação do levantador Diago, a seleção cubana apresentava um incrível força no ataque, principalmente com Depaigne, Beltrán e Sarmientos, além disso o bloqueio anulava o ataque italiano. Diante de um ginásio Nilson Nélson com duas mil pessoas (o maior público dos jogs da chave até agora), o time treinado por Orlando Samuels, praticamente não tomou conhecimento da Itália.

No segundo *set*, o argentino Julio Velasco, treinador da Itália, colocou a estrela Andrea Zorzi — ele assitiu o primeiro *set* do banco de reservas — na quadra. A modificação, no entanto, não alterou o ritmo da Itália. Nervosos, seus jogadores reclamavam constantemente da arbitragem e se exasperavam com a eficiência do bloqueio adversário.

A mesma situação se repetiu no terceiro set. A vitória por 15/8 só veio a confirmar a total superioridade cubana pelo menos na partida de ontem. O que foi reconhecido pelo público que aplaudiu muito a equipe caribenha após a partida. Cuba utilizou os seguintes jogadores: Despaigne, Valdez, Beltrán, Milliam, Diago, Sarmientos, Brooks e Herrbnabndez. Itália: Cardini, Toffoli, Cantagalli, Bernerdi, KLuchetta, Viani, Martinelli, Di Giorgi, Anastasi, Zorzi e Bracci.

☐ **A seleção holandesa recuperou-se da derrota para a Argentina e liqüidou o Canadá por 3 a 0 (15/3, 15/9 e 15/8). Para conseguir a primeira vitória no Grupo D do Mundial e garantir o terceiro lugar, o que ajuda a manter as esperanças de continuar brigando por uma posição honrosa, a seleção da Bulgária precisou de 56 minutos. Tempo suficiente para derrotar Camarões por 3 a 0 (15/3,15/5 e 15/8), assegurando o direito de continuar em Brasília. Em Curitiba, a França derrotou o Japão por 3 a 0 com parciais de 15/7, 15/11 e 15/5.**

Teco surpreende Carrol e é semifinalista

Anna Muggiati

O brasileiro Flávio Teco Padaratz venceu o australiano Tom Carrol. Com este resultado, que levou ao delírio mais de quatro mil pessoas que lotaram a praia da Barra, Padaratz passou para as quartas de final do Alternativa Surf, 15ª etapa do campeonato mundial, que são realizadas hoje a partir das 9h. A surpreendente vitória significa uma tripla conquista para o único brasileiro que chegou incólume à reta final do campeonato: ele derrotou o perfeccionismo de Tom Carrol por cinco pontos e pela primeira vez chega às quartas de final em seu país e compete hoje com o suprassumo do surfe mundial — todos entre os Top 10. Teco tem hoje um outro desafio: o australiano Gary Ekerlton, o 2º atleta do ranking mundial.

O catarinense Padaratz, 20 anos, teve grandes aliados: o mar, a tranqüilidade e uma torcida que lembrava uma final de campeonato no Maracanã. "Entrei na água muito contente. Me concentrei muito para a escolha da primeira onda, e depois, com a ajuda da torcida, dei o máximo para vencer". Padaratz já colecionava três derrotas para Carrol, uma no Hang Loose de 1988 e duas neste ano, na Espanha e na Austrália. "Ele estava com ânimo para acabar com esta história", disse a namorada Gabriela, que o acompanha em todos os momentos do circuito. A acirrada disputa incluiu últimos minutos de pura tensão: faltava menos de um minuto para a bateria acabar, quando ele conseguiu pegar uma onda, que foi aproveitada até a areia. Logo depois, o alarme foi disparado anunciando o final da bateria. Ovacionado pelo público, Teco subiu ao palanque e não conseguiu repetir o ritual de se retirar com a namorada Gabriela Machado. Era impossível sair devido ao assédio de uma pequena multidão que cercava o novo ídolo dos cariocas. "Estou vivendo um momento novo. Vencer Carrol é um incentivo, já que sempre me espelhei nele", declarou emocionado. Ele espera repetir a mesma performance hoje, "fazendo a escolha de onda certa, na hora certa".

Os outros sete atletas que concorrem hoje às quatro vagas das semi-finais, a partir das 11h20 e para as finais, às 13h10, representam o melhor do esporte mundial: Barton Lynch, oitavo, corre contra o australiano Richie Collins, sétimo. Dave Macaulay, a maior pontuação de ontem — 92.5 — e quinto colocado, enfrenta o americano Todd Holand. Já o *showman* Damien Hardman, campeão de 1987 e terceiro do mundo, disputa contra o havaiano Marty Thomas, 10º. Lynch venceu o australiano Richard Marsh por uma diferença abissal de pontos: 49,3. É que Marsh cometeu uma irregularidade, interferindo numa onda em que a prioridade era de Lynch, perdendo grande pontuação. Além do evento principal, também acontecem as semi-finais e finais do *longboard* e do moreyboogie feminino.

Renato Velasco

Teco Padaratz pega agora o segundo melhor do mundo

Ondas que valem até US$ 12 mil

Uma onda bem aproveitada pode estar valendo hoje até US$ 12 mil. Este será o prêmio para o campeão do Alternativa Surf — um evento da classe 2A, que paga US$ 90 mil em premiações. Até os perdedores saem ganhando algum dinheiro: os eliminados no 1º round ficaram com US$ 1 mil cada; do 2º, US$ 1.375; das oitavas de final recebem US$ 1.675; e os que saírem das quartas de final, hoje, ganham US$ 2.525. Já os dois semi-finalistas que ficarem fora, ganham US$ 3 mil. E o vice- campeão leva US$ 6 mil.

As altas cifras têm acompanhado o campeonato mundial da ASP (Association of Surfing Professionals) desde a implantação deste circuito, em 1976. Naquele ano, foram pagos no total, US$ 65 mil em prêmios. Prova de que o esporte evoluiu é o total deste ano: US$ 2 milhões. Este sintomático acréscimo de premiações, é a imagem do bom negócio que o surf se transformou. Só para ter uma idéia, o primeiro atleta do ranking, o ausente Tom Curren, já tem acumulado somente neste ano, US$ 117.400. Em 1992, as perspectivas de aumento nas premiações já é um fato: só o Alternativa Surf passa a pagar cerca de US$ 150 mil, o que não só garante a equiparação às etapas realizadas na Califórnia e Espanha, como a evolução do esporte no país.(*A.M.*)

Herrera é o campeão do tênis na Bahia

COMANDATUBA, BA — A tranqüila vitória por 6/2 e 6/2 sobre o alemão Parick Baur, em pouco mais de uma hora de jogo, deu ao mexicano Luis Herrera o título do Brastemp Open, US$ 10.860 de prêmio e 67 pontos para o ranking da ATP. O *aranha*, como é chamado em seu país o pequeno e veloz Herrera, deve subir agora 30 posições no ranking, passando a 115ª, classificação que o coloca à frente de Leonardo Lavalle, como o número 1 do México, logo no seu segundo ano de profissionalismo.

Além de vencer, Herrera mostrou qualidades de campeão, com nível de concentração e consistência dos golpes que o fazem jogar no limite do erro, mandando o adversário sob constante pressão. Todas suas bolas buscam as linhas da quadra, e não lhe faltam recursos para responder agressivamente a qualquer tipo de tática, passando com rara precisão quem se arrisca na rede, ou subindo para volear com golpes de preparação muito fortes e fundos, os que tentam envolvê-lo com o jogo de base.

Baur reconheceu que a única forma de vencer Herrera seria com seus fortes saques, mas sua porcentagem de aproveitamento do primeiro serviço esteve bem abaixo da média. "Da forma como eu joguei, ficou fácil para Herrera", disse. "Para vencê-lo teria que colocar pressão, mas sem meu serviço entrando isto foi impossível".

Baur recebeu US$ 6.360 de prêmio e 45 pontos para o ranking mundial o que deverá melhorar sua classificação para perto da 130ª colocação. Ele chegou às finais eliminando o chileno Pedro Rebolledo, campeão de três torneios recentes, e os brasileiros Cássio Motta, cabeça-de-chave 2, José Amin Daher e Danilo Marcelino.

O maior trunfo de Herrera foi ter entrado em um jogo mais rápido que o alemão. Ambos tiveram seu aquecimento prejudicado pela chuva que caiu antes da partida, o que levou a um início de jogo tenso e irregular.

Prancha a vela — O espanhol Asier Fernandez de Bobadilla ganhou ontem a primeira regata do Campeonato Mundial de Prancha a Vela, classe Lechner, que está se realizando em Buenos Aires. O segundo colocado foi o argentino Jorge Garcia Velasco, ficando em terceiro o francês Michel Quintin. O brasileiro George Rebello ficou na quarta colocação. No feminino, a vencedora da primeira etapa foi a inglesa Penny Way, com a americana Kate Chapin em segundo.

Ciclismo — O italiano Gianni Bugno assegurou ontem o título mundial individual da Copa do Mundo Perrier de Ciclismo ao ficar em sexto lugar na 84ª edição da Volta da Lombardia, disputada entre Milan e Monza. Ainda falta uma prova para o final da Copa — o quilômetro contra o relógio, a ser disputada em Lunel, sul da França, sábado que vem —, mas Bugno tem uma grande vantagem sobre o segundo colocado, o francês Gel Delion, vencedor da Volta da Lombardia

Boxe — O sul-coreano Moon Sung-Kil manteve a coroa dos supermosca (CMB) ao derrotar por nocaute ao japonês Kenji Matsumura, em Seul.

Placar JB

FUTEBOL

Campeonato Brasileiro

Grêmio 5 x 0 Náutico

Campeonato Alemão-Ocidental

Bayer Leverkusen 0 x 0 Werder Bremen
Wattenscheid 1 x 1 Dortmund
St. Pauli 3 x 3 Bochum

Campeonato Inglês

Chelsea 0 x 0 Nottingham Forest
Coventry 1 x 2 Southampton
Derby County 1 x 1 Manchester City
Everton 0 x 0 Crystal Palace
Leeds 2 x 3 Queen's Park Rangers
Manchester Utd. 0 x 1 Arsenal
Norwich 1 x 1 Liverpool
Sunderland 2 x 0 Luton
Tottenham 4 x 0 Sheffield Utd.
Wimbledon 0 x 0 Aston Villa

Campeonato Escocês

Aberdeen 3 x 0 Hearts
Celtic 0 x 0 Dundee United
Hibernian 1 x 0 Motherwell
St.Johnstone 0 x 0 Rangers
St.Mirren 0 x 1 Dunfertine

Campeonato Grego

Olympiakos 0 x 0 Panathinaikos

Campeonato Português

Estrela Amadora 0 x 0 Marítimo
Nacional Madeira 0 x 2 Sporting

TÊNIS

Torneio da Comunidade Européia

(Amberes, Bélgica)
Semifinais
Henri Leconte (Fr.) 7/5, 3/6, 6/0 Stefan Edberg (Sue.)

Brasil sofre para ficar em primeiro lugar

O Brasil precisou suar muito para ficar em primeiro lugar no grupo A do Campeonato Mundial de Vôlei Masculino. Os brasileiros só conseguiram dobrar a Suécia por 3 a 2 (15/17, 16/14, 8/15, 16/14 e 15/12), após 2h47 minutos de jogo. O time já está nas quartas-de-final e seu próximo adversário será um dos outros três primeiros colocados, que será conhecido hoje por sorteio. Esta partida, porém, não é eliminatória.

O Brasil começou o jogo sendo beneficiado pelos seguidos erros de recepção dos suecos, em especial de Gustafsson, e colocou rapidamente 3 a 0. A Suécia se recuperou — diminuiu para 3 a 2 —, mas outros erros no passe voltaram a prejudicar o time e os brasileiros colocaram 6 a 3. Aos poucos, porém, os suecos acertaram a recepção e o bloqueio, chegando a diminuir a diferença para 8 a 7. Um tempo do treinador Bebeto fez com que os brasileiros disparassem até 12 a 7. Os erros, porém, retornaram e os suecos, mostrando muita garra, diminuiram para 13 a 12 e, depois de impedir três *sets points* viraram o jogo para 15 a 14, suportaram o empate em 15 e acabaram fechando o *set* em 17 a 15, em 45 minutos de jogo.

O segundo *set* se pareceu muito com o primeiro. Os brasileiros começaram encontrando extrema facilidade e chegaram a colocar 4 a 0, 8 a 3 e 10 a 4. De repente, uma série de erros no passe recolocaram a Suécia no jogo. Os suecos marcaram sete pontos seguidos e viraram o jogo para 11 a 10. Neste momento, o técnico Bebeto fez uma mudança decisiva. Ele colocou Betinho no lugar de Maurício, que não vinha bem. O time se reequilibrou e virou para 14 a 13. Houve o empate, mas a equipe mostrou tranqüilidade, e fechou em 16 a 14, em 35 minutos.

A Suécia começou bem o terceiro *set* e colocou 3 a 0. O Brasil chegou ao empate, mas os eternos problemas no passe voltaram a atrapalhar e os suecos voltaram a colocar boa vantagem em 8 a 3. O time brasileiro mostrava-se perdido na quadra e apesar das instruções de Bebeto a equipe em nenhum momento se recuperou. A Suécia administrou o resultado e fechou o *set* em 15 a 8, em 39 minutos.

O quarto *set* parecia fácil para a Suécia. Os brasileiros não se encontravam e os suecos colocaram 8 a 1 em menos de 10 minutos. A entrada de Geovane, porém, mudou o jogo. Ele reforçou o bloqueio, o que, junto com o acerto no saque, fez os brasileiros virarem em para 12 a 11. A reação da Suécia, que colocou 14 a 12, não foi suficiente para deter os brasileiros, que fecharam em 16 a 14, em 30 minutos. O *tie break* foi uma emoção só. Os brasileiros colocaram 3 a 1, os suecos empataram, mas os saques táticos do Brasil e uma excelente atuação no bloqueio e na defesa puseram o time em vantagem de 12 a 5. Os suecos ainda reagiram — diminuíram para 13 a 10 —, mas, cansados, não conseguiram evitar a derrota por 15 a 12, em 30 minutos.

Ricardo Leoni

O brasileiro Paulão supera o bloqueio sueco na equilibrada decisão do grupo A

Vitória faz Bebeto chorar

Os jogadores do Brasil pulavam e se abraçavam dentro da quadra e o técnico Bebeto de Freitas saia sozinho por trás do banco, com as mãos no bolso. A primeira reação à dramática vitória foi um chute no rodo que servira para enxugar o suor dos jogadores que encharcou o piso. A segunda foi um longo abraço no levantador Maurício, que, aos prantos, comemorou com o técnico. Bebeto, então, também chorou. Sua aflição durou quase três horas, mas a vitória tão desejada aconteceu.

Maurício se desculpou com o técnico por ter se precipitado a um ponto de fechar o jogo e tentado uma bola de segunda. O placar mostrou um ponto para a Suécia e Bebeto cobrou com rigor do jogador. Em prantos, o levantador se desculpou e chorando muito também o treinador o perdôou. Valia o resultado e o primeiro lugar do grupo. "A equipe encontrou forças onde não tinha. A Suécia foi quase o tempo todo superior e, se ainda assim, conseguimos vencer, alguma coisa a mais os jogadores mostraram hoje", afirmou o técnico, ainda visivelmente nervoso e emocionado.

Bebeto estava satisfeito com a vitória e com a atuação de sua equipe. O nervosismo durante todo o jogo e muitos momentos de exasperação foram esquecidos com a classificação em primeiro lugar no grupo. "Até então não tinhamos enfrentado um adversário que nos exigisse. A Suécia nos marcou com perfeição. Foi um jogo dificílimo, se enfrentar um pior, me mato", brincou ele, já mais relaxado.

A dificuldade superada foi um bom ensinamento aos jogadores, na opinião do técnico. "Foi muito bom para que todos percebam que é um campeonato muito difícil", disse ele. "Me preocupa muito o ôba-ôba que se fez em torno das duas primeiras vitórias. O Maurício é mesmo um bom exemplo. Nunca vi ninguém na sua idade fazer o que ele faz, mas é preciso que ele saiba fazer tudo aquilo com consciência."

Bebeto elogiou os jogadores e mais uma vez insistiu em dizer que não tem apenas seis tituares. Os elogios a Giovane, jogador decisivo para a vitória, não foram poucos. "Ele conseguiu anular a melhor jogada deles, o ataque pelo meio da rede, que nos dificultou desde o início. Ele é um jogador excepcional e se encontra no melhor des ua forma. Como posso considerá-lo um reserva?", questionou. "Parecia até que estava advinhando. Ainda no hotel, chamei o Giovane e o Pampa e repeti a eles que só não estavam no time porque não podemos jogar com oito. E acabaram sendo importantíssimos para a vitória." Aliviado, Bebeto conseguiu o que mais queria, ver o time em primeiro lugar do grupo. Agora sabe que nada será fácil. "Daqui para frente vai ser muito difícil. Mas não tenho porque não confiar no meu time."

Jogadores vêem equipe fortalecida

Gisele Porto

A seleção brasileira saiu fortalecida da difícil vitória por 3 a 2 sobre a Suécia. Esta, pelo menos, é a opinião dos jogadores, aliviados com o primeiro lugar do grupo A. "Mostramos que temos um coração muito grande e que somos unidos", definiu Paulão. Para ele, o resultado de virada sobre os suecos deixou claro até onde o Brasil pode ir neste Mundial. "Se continuarmos assim, seremos campeões", festejou.

O capitão Carlão, mais frio, disse que o Brasil jogou mal nos dois primeiros *sets*, apesar de os jogadores estarem prevenidos para uma partida mais dura do que nas duas primeiras rodadas, contra Tchecoeslováquia e Coréia do Sul. "Tivemos altos e baixos, mas crescemos depois, com a entrada de Giovane e Pampa. O time mostrou, então, vibração e garra e isso nos deu a maior força."

Pampa concorda ter sido responsável pela virada brasileira. "Entrei na quadra e falei para a moçada que nós não tinhamos treinado por seis meses para perder em casa. Pedi moral", afirmou. O jogador considerou normal sua participação no jogo. "Normalmente, entro quando o time está desanimando porque o Bebeto prefere começar com o Marcelo Negrão, que não tem a mesma experiência para entrar em momentos difíceis", explicou. Acima de qualquer coisa, porém, para o jogador, está o resultado obtido ontem. "Nós provamos que não somos um time apenas quando estamos ganhando um jogo fácil. Podemos chegar à vitória mesmo numa pior."

Para Giovane, entretanto, o pior ainda está por vir. "O time cumpriu o papel de ficar em primeiro lugar do grupo e agora deixamos esta fase para trás". Geovani disse que sua atuação, ontem, foi a melhor que já teve na seleção. "Tive momentos de inspiração", analisou o jogador, que às vezes se acha "meio preso", devido à falta de ritmo de quem fica no banco. "Estou realizado porque cumprimos nossa parte, mas nunca vou me conformar com a reserva. Agora, estou mais tranquilo porque mostrei que estou pronto para o que der e vier."

Jorge Édson, quase fora do Mundial

A seleção brasileira pode disputar todo o Campeonato Mundial com apenas 11 jogadores. A contusão do meio de rede Jorge Édson é preocupante. A dor na coxa esquerda, provocada pela contratura muscular, ainda persiste e o jogador continua em tratamento intensivo. O técnico Bebeto de Freitas acredita que para a próxima fase poderá contar com o atleta. Jorge Édson reza para que isso aconteça, mas o médico da seleção, Márcio Cunha, não está tão otimista.

"Uma contusão muscular é sempre difícil. Estamos tentando o possível, mas é uma contusão que precisa de tempo e não podemos afirmar que ele vai ter condições de jogo", complementa. A confiança de Jorge Édson em estrear no Mundial já não é a mesma. "Não participar de um é ruim, de dois é péssimo, de três é horrível. Nem quero pensar em não poder jogar nunca. Treinei seis meses para isso", lembra ele.

Paulão, o substituto de Jorge Edson, quase nem joga o Mundial. Desempregado, ele não conseguia render nos treinamentos e conversou com Bebeto disposto a deixar a equipe. O técnico o convenceu a ficar, deu-lhe alguns dias e tudo se resolveu. A vida de Paulão na seleção sempre foi atropelada, desde a primeira convocação, em 86. Agora, sua vez parece ter chegado. "Nunca me senti tão bem. É bom demais ver que estou sendo útil e rendendo o que esperavam de mim", conta, animado.

Cuba justifica seu favoritismo

Paulo Cesar Vasconcellos

BRASÍLIA — Foi mais fácil do que os jogadores e o técnico Orlando Samuels esperavam. Na vitória de 3 a 0 (15/13, 15/9 e 15/8), em 79 minutos de jogo, a seleção de Cuba justificou a condição de favorita do Mundial, enquanto os italianos mostraram erros inaceitáveis para um time que é campeão da Liga Mundial e também da Europa. Com o resultado, Cuba assegurou o primeiro lugar do grupo D — a delegação segue hoje para o Rio — e a Itália continuará em Brasília, onde jogará na próxima terça-feira contra adversário a ser indicado por sorteio.

Logo no primeiro *set*, Cuba mostrou que seria um time bem diferente daquele que penou para ganhar da Bulgária por 3 a 2 e sofreu o terceiro *set* no jogo com Camarões. Apesar da má atuação do levantador Diago, a seleção cubana apresentava um incrievel força no ataque, principlamente com Depaigne, Beltrán e Sarmientos, além disso o bloqueio anulava o ataque italiano. Diante de um ginásio Nilson Nélson com duas mil pessoas (o maior público dos jogs da chave até agora), o time treinado por Orlando Samuels, praticamente não tomou conhecimento da Itália.

No seguindo *set*, o argentino Julio Velasco, treinador da Itália, colocou a estrela Andrea Zorzi — ele assitiu o primeiro *set* do banco de reservas — na quadra. A modificação, no entanto, não alterou o ritmo da Itália. Nervosos, seus jogadores reclamavam constantemente da arbitragem e se exasperavam com a eficiência do bloqueio adversário.

A mesma situação se repetiu no terceiro set. A vitória por 15/8 só veio a confirmar a total superioridade cubana pelo menos na partida de ontem. O que foi reconhecido pelo público que aplaudiu muito a equipe caribenha após a partida. Cuba utilizou os seguintes jogadores: Despaigne, Valdez, Beltrán, Milliam, Diago, Sarmientos, Brooks e Herrbnabndez. Itália: Cardini, Toffoli, Cantagalli, Bernerdi, KLuchetta, Viani, Martinelli, Di Giorgi, Anastasi, Zorzi e Bracci.

□ **A seleção da União Soviética liqüidou facilmente a equipe da Venezuela por 3 a 0 (15/4, 15/2 e 15/7) e a França derrotou o Japão por 3 a 0, com parciais de 15/7, 15/11 e 15/5. A Holanda, que vinha de uma derrota para a Argentina, venceu o Canadá por 3 a 0 (15/3, 15/9 e 15/8). Para conseguir a primeira vitória no Grupo D do Mundial e garantir o terceiro lugar, a seleção da Bulgária precisou de 56 minutos, tempo suficiente para derrotar Camarões por 3 a 0 (15/3,15/5 e 15/8).**

Teco surpreende Carrol e é semifinalista

Anna Muggiati

O brasileiro Flávio Teco Padaratz venceu o australiano Tom Carrol. Com este resultado, que levou ao delírio mais de quatro mil pessoas que lotaram a praia da Barra, Padaratz passou para as quartas de final do Alternativa Surf, 15ª etapa do campeonato mundial, que são realizadas hoje a partir das 9h. A surpreendente vitória significa uma tripla conquista para o único brasileiro que chegou incólume à reta final do campeonato: ele derrotou o perfeccionismo de Tom Carrol por cinco pontos e pela primeira vez chega às quartas de final em seu país e compete hoje com o suprassumo do surfe mundial — todos entre os Top 10. Teco tem hoje um outro desafio: o australiano Gary Ekerlton, o 2º atleta do ranking mundial.

O catarinense Padaratz, 20 anos, teve grandes aliados: o mar, a tranqüilidade e uma torcida que lembrava uma final de campeonato no Maracanã. "Entrei na água muito contente. Me concentrei muito para a escolha da primeira onda, e depois, com a ajuda da torcida, dei o máximo para vencer ". Padaratz já colecionava três derrotas para Carrol, uma no Hang Loose de 1988 e duas neste ano, na Espanha e na Austrália. "Ele estava com ânimo para acabar com esta história", disse a namorada Gabriela, que o acompanha em todos os momentos do circuito. A acirrada disputa incluiu últimos minutos de pura tensão: faltava menos de um minuto para a bateria acabar, quando ele conseguiu pegar uma onda, que foi aproveitada até a areia. Logo depois, o alarme foi disparado anunciando o final da bateria. Ovacionado pelo público, Teco subiu ao palanque e não conseguiu repetir o ritual de se retirar com a namorada Gabriela Machado. Era impossível sair devido ao assédio de uma pequena multidão que cercava o novo ídolo dos cariocas. "Estou vivendo um momento novo. Vencer Carrol é um incentivo, já que sempre me espelhei nele", declarou emocionado. Ele espera repetir a mesma performance hoje, "fazendo a escolha de onda certa, na hora certa".

Os outros sete atletas que concorrem hoje às quatro vagas das semi-finais, a partir das 11h20 e para as finais, às 13h10, representam o melhor do ranking mundial: Barton Lynch, oitavo, corre contra o australiano Richie Collins, sétimo. Dave Macaulay, a maior pontuação de ontem — 92.5 — e quinto colocado, enfrenta o americano Todd Holand. Já o *showman* Damien Hardman, campeão de 1987 e terceiro do mundo, disputa contra o havaiano Marty Thomas, 10º. Lynch venceu o australiano Richard Marsh por uma diferença abissal de pontos: 49,3. É que Marsh cometeu uma irregularidade, interferindo numa onda em que a prioridade era de Lynch, perdendo grande pontuação. Além do evento principal, também acontecem as semi-finais e finais do *longboard* e do moreyboogie feminino.

Renato Velasco

Teco Padaratz pega agora o segundo melhor do mundo

Ondas que valem até US$ 12 mil

Uma onda bem aproveitada pode estar valendo hoje até US$ 12 mil. Este será o prêmio para o campeão do Alternativa Surf — um evento da classe 2A, que paga US$ 90 mil em premiações. Até os perdedores saem ganhando algum dinheiro: os eliminados no 1º round ficaram com US$ 1 mil cada; do 2º, US$ 1.375; das oitavas de final recebem US$ 1.675; e os que saírem das quartas de final, hoje, ganham US$ 2.525. Já os dois semi-finalistas que ficarem fora, ganham US$ 3 mil. E o vice- campeão leva US$ 6 mil.

As altas cifras têm acompanhado o campeonato mundial da ASP (Association of Surfing Professionals) desde a implantação deste circuito, em 1976. Naquele ano, foram pagos no total, US$ 65 mil em prêmios. Prova de que o esporte evoluiu é o total deste ano: US$ 2 milhões. Este sintomático acréscimo de premiações, é a imagem do bom negócio que o surf se transformou. Só para ter uma idéia, o primeiro atleta do ranking, o ausente Tom Curren, já tem acumulado somente neste ano, US$ 117.400. Em 1992, as perspectivas de aumento nas premiações já é um fato: só o Alternativa Surf passa a pagar cerca de US$ 150 mil, o que não só garante a equiparação às etapas realizadas na Califórnia e Espanha, como a evolução do esporte no pais.(*A.M.*)

Herrera é o campeão do tênis na Bahia

COMANDATUBA, BA— A tranqüila vitória por 6/2 e 6/2 sobre o alemão Parick Baur, em pouco mais de uma hora de jogo, deu ao mexicano Luis Herrera o título do Brastemp Open, US$ 10.860 de prêmio e 67 pontos para o ranking da ATP. "O *aranha*, como é chamado em seu pais o pequeno e veloz Herrera, deve subir agora 30 posições no ranking, passando a 115º, classificação que o coloca à frente de Leonardo Lavalle, como o número 1 do México, logo no seu segundo ano de profissionalismo.

Além de vencer, Herrera mostrou qualidades de campeão, com nível de concentração e consistência dos golpes que o fazem jogar no limite do erro, mantendo o adversário sob constante pressão. Todas suas bolas buscam as linhas da quadra, e não lhe faltam recursos para responder agressivamente a qualquer tipo de tática, passando com rara precisão quem se arrisca na rede, ou subindo para volear com golpes de preparação muito fortes e fundos, os que tentam envolvê-lo com o jogo de base.

Baur reconheceu que a única forma de vencer Herrera seria com seus fortes saques, mas sua porcentagem de aproveitamento do primeiro serviço esteve bem abaixo da média. "Da forma como eu joguei, ficou fácil para Herrera", disse. "Para vencê-lo teria que colocar pressão, mas sem meu serviço entrando isto foi impossível".

Baur recebeu US$ 6.360 de prêmio e 45 pontos para o ranking mundial o que deverá melhorar sua classificação para perto da 130ª colocação. Ele chegou às finais eliminando o chileno Pedro Rebolledo, campeão de três torneios recentes, e os brasileiros Cássio Motta, cabeça-de-chave 2, José Amin Daher e Danilo Marcelino.

O maior trunfo de Herrera foi ter entrado em jogo mais rápido que o alemão. Ambos tiveram seu aquecimento prejudicado pela chuva que caiu antes da partida, o que levou a um início de jogo tenso e irregular.

Prancha a vela — O espanhol Asier Fernandez de Bobadilla ganhou ontem a primeira regata do Campeonato Mundial de Prancha a Vela, classe Lechner, que está se realizando em Buenos Aires. O segundo colocado foi o argentino Jorge Garcia Velasco, ficando em terceiro o francês Michel Quintin. O brasileiro George Rebello ficou na quarta colocação. No feminino, a vencedora da primeira etapa foi a inglesa Penny May, com a americana Kate Chapin em segundo.

Ciclismo — O italiano Gianni Bugno assegurou ontem o título mundial individual da Copa do Mundo Perrier de Ciclismo ao ficar em sexto lugar na 84ª edição da Volta da Lombardia, disputada entre Milan e Monza. Ainda ainda falta uma prova para o final da Copa — o quilômetro contra o relógio, a ser disputada em Lunel, sul da França, sábado que vem —, mas Bugno tem uma grande vantagem sobre o segundo colocado, o francês Gel Delion, vencedor da Volta da Lombardia

Boxe — O sul-coreano Moon Sung-Kil manteve a coroa dos supermosca (CMB) ao derrotar por nocaute ao japonês Kenji Matsumura, em Seul.

Placar JB

FUTEBOL

Campeonato Brasileiro

Grêmio 5 x 0 Náutico

Campeonato Alemão-Ocidental

Bayer Leverkusen 0 x 0 Werder Bremen
Wattenscheid 1 x 1 Dortmund
St. Pauli 3 x 3 Bochum

Campeonato Inglês

Chelsea 0 x 0 Nottingham Forest
Coventry 1 x 2 Southampton
Derby County 1 x 1 Manchester City
Everton 0 x 0 Crystal Palace
Leeds 2 x 3 Queen's Park Rangers
Manchester Utd. 0 x 1 Arsenal
Norwich 1 x 1 Liverpool
Sunderland 2 x 0 Luton
Tottenham 4 x 0 Sheffield Utd.
Wimbledon 0 x 0 Aston Villa

Campeonato Escocês

Aberdeen 3 x 0 Hearts
Celtic 0 x 0 Dundee United
Hibernian 1 x 0 Motherwell
St.Johnstone 0 x 0 Rangers
St.Mirren 0 x 1 Dunfertine

Campeonato Grego

Olympiakos 0 x 0 Panathinaikos

Campeonato Português

Estrela Amadora 0 x 0 Maritimo
Nacional Madeira 0 x 2 Sporting

TÊNIS

Torneio da Comunidade Européia

(Amberes, Bélgica)
Semifinais
Henri Leconte (Fr.) 7/5, 3/6, 6/0 Stefan Edberg (Sue.)

Indian Chris, invicta, é favorita no GP Diana

Indian Chris, propriedade da Fazenda Mondesir, líder da geração carioca de potrancas de três anos, defende hoje à tarde, no Hipódromo de Cidade Jardim, em São Paulo, a invencibilidade de três corridas no GP Diana, segunda prova da tríplice-coroa. Atoka, ganhadora do GP Barão de Piracicaba, candidata à coroa; Candorosa, argentina, invicta depois de duas apresentações, e a também carioca Viewing Blue são as grandes adversárias da conduzida por Gonçalino Feijó de Almeida.

A campanha de Indian Chris no turfe carioca não deixa dúvidas. Trata-se de animal extra-classe. Na estréia, em prova comum, venceu disparada sem tomar conhecimento das adversárias. Em seguida, foi inscrita na esfera clássica, contra as melhores e mais experientes potrancas cariocas e voltou a ganhar. Na oportunidade, derrotou com alguma dificuldade a Viewing Blue, do Haras Santa Maria de Araras. Na última apresentação, a sua terceira nas pistas, deixou a mesma adversária para trás sem qualquer dificuldade. Filha de Ghadeer, pai de Falcon Jet, It's The Day, Houret e Unifrance, entre outros craques, Indian Chris é mais um produto espetacular do notável reprodutor.

Atoka ganhou o GP Barão de Piracicaba, em 1.600 metros, disparada e sua adaptação a distância desta tarde, 2.000 metros, é muito provável. Entre as 21 candidatas, parece ter as melhores credenciais para tentar acabar com a invencibilidade de Indian Chris. Candorosa também deve ser respeitada. Depois da liberação da inscrição de animais estrangeiros em provas de tríplices-coroas é a primeira vez que aparece uma candidata na coroa paulista. Viewing Blue, montaria de Carlos Lavor, que sempre dá muita sorte em Cidade Jardim — já venceu dois Derbies com Troyanos e Satyr, o GP São Paulo, com Troyanos, e o quilômetro internacional com Treccia — vai tentar fora do Rio de Janeiro, o que não conseguiu aqui por duas vezes: derrotar Indian Chris.

Delvecchio volta bem no GP Salgado Filho

Delvecchio, de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, é o favorito do Grande Prêmio Salgado Filho, prova central desta tarde no Hipódromo da Gávea, em 1.600 metros, na grama, com a dotação de Cr$ 825 mil para o proprietário do ganhador. Bem preparado por João Maciel, e contando com a direção do líder da estatística, Jorge Ricardo, o alazão pode apagar a má impressão deixada na milha internacional, em que chegou afastado dos primeiros colocados.

Dono de campanha bastante expressiva nas pistas, bem superior aos demais inscritos na prova desta tarde, Delvecchio tem como principais obstáculos, a idade — já completou seis anos — e a pista pesada, em que sempre rendeu abaixo de suas reais possibilidades. Apesar destes pequenos detalhes, sua categoria deve ser suficiente para levá-lo a mais um triunfo clássico nas pistas cariocas.

Present The Gold, de propriedade do Stud Anderson, está em fase de franca evolução, mas é outro animal que sofre rebate na raia molhada. Em caso de pista seca, deve ser apontado como maior rival do grande favorito. Imnature, do mesmo proprietário, reforça bastante o número, e terá a direção do campeoníssimo Juvenal Machado da Silva. Andie, U For Us e Trader's Vic lutam por uma colocação na pedra em condições semelhantes e na expectativa do fracasso dos favoritos.

Fidanzato pode surpreender

Fidanzato, treinado por Oraci Cardoso, pode surpreender os favoritos da sétima prova desta tarde na Gávea. Depois de várias corridas apenas regulares em turmas reforçadas, o castanho mostrou progressos nos treinos e vai enfrentar, esta tarde, páreo desfalcado. No apronto de quinta-feira, assinalou 52s nos 800 metros, sempre de galope largo montado por Marcelo Cardoso. É pule alta viável.

Bara Ija, com Joelson Pessanha, floreou os 600 metros em 38s. Gambetto, de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, diminuiu para 37s, conduzido por Jorge Ricardo. Para a segunda prova da reunião, Kelpa, com Edvaldo Rodrigues, passou os 600 metros em 36s cravados. Easy Won, com Jorge Ricardo, impressionou pela facilidade com que abordou os 700 metros em 44s escassos.

More And More, dos Haras São José e Expedictus, agradou no exercício de 44s nos 700 metros. Raio Mirim, inscrito no mesmo páreo, não precisou ser exigido para marcar 53s nos 800 metros. Está em fase de evolução este pensionista de Dulcino Guignoni. Wandemberg, do Stud Landinho, passou os 800 metros em 52s2/5.

Maleriado realizou ótimo exercício para disputar a quinta prova forçando turma. Montado por Marcelo Almeida, assinalou 24s numa partida curta de 400 metros. Love Boy, do Haras Odessi, realizou o melhor treino para disputar o Grande Prêmio Salgado Filho. Montado por Edvaldo Rodrigues, passou os 800 metros em 50s cravados, com arremate sensacional de 11s para os 200 metros finais.

Fast Poker, com Rogério Rodrigues, passou os 800 metros em 49s4/5. Averróes, treinado por João Coutinho, floreou os 800 metros em 51s cravados. Dai Suki, com Edson Gomes, diminuiu para 50s2/5, com sobras. Sotygre, montaria de Marco Antônio Santos, passou os 800 metros em 52s escassos. Input, que só rende bem no gramado, agradou no floreio de 1.000 metros em 1m05s. Allofs passou os 600 metros em 37s. Otoko aumentou para 37s2/5.

Hoje na Gávea

1º páreo — Às 14h30m — 1.300 metros Cr$ 165.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO 14 BIS

	Cavalo, jóquei		
1	Sovepasso, W. Gonçalves	1	56
2	Bara Ija, J. Pessanha	2	56
3	Hakam Armando, J. M. Silva	3	56
4	Gambetto, J. Ricardo	4	56
5	Obelaoo, L. F. Gomes	5	56
6	Dont Court, J. Malta	6	56

2º páreo — Às 15 horas — 1.300 metros Cr$ 120.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO CORREIO AÉREO NACIONAL

	Cavalo, jóquei		
1	Triestino, J. M. Silva	1	57
2	Friday Night, J. Ricardo	2	56
3	Kelpa, E. S. Rodrigues	3	56
4	Ouvidor Mor, M. Almeida	4	57
5	Don Castelões, C. G. Netto	5	57
6	Chapretano, I. Lanes	6	57

3º páreo — Às 15h30m — 1.300(GRAMA) Cr$ 100.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO COMAR

	Cavalo, jóquei		
1	Easy Won, J. Ricardo	1	58
2	Have Fun, J. Aurélio	2	58
3	La Top, M. A. Santos	3	50
4	Leadership, J. Pinto	4	54
5	Very Childish, C. G. Netto	5	58
6	Chapelo, M. Andrade	6	58

4º páreo — Às 16 horas — 1.400 metros Cr$ 120.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA INÍCIO DO CONCURSO DE 7 PONTOS PRÊMIO FORÇA AÉREA BRASILEIRA

	Cavalo, jóquei		
1	Celebrate, G. Souza	1	57
2	More And More, W. Gonçalves	2	55
3	Bay Lark, J. M. Silva	3	55
4	Raio Mirim, E. S. Gomes	4	57
5	Bolero Dancer, C. G. Netto	5	57
6	Irish Zita, J. Aurélio	6	52
7	Wandemberg, G. F. Silva	7	57
8	First Conection, J. Ricardo	8	57
9	New Sagittarius, J. S. Gomes	9	57
10	Médoc, J. Berthoido	10	57

5º páreo — Às 16h30m — 1.000(GRAMA) Cr$ 120.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO SANTOS DUMONT

	Cavalo, jóquei		
1	Grand-Africano, J. S. Gomes	1	57
2	Aizos, W. Gonçalves	2	57
3	Legrix, L. Esteves	3	57
4	Quisuit, J. Ricardo	4	57
5	Ultra-Régio, C. G. Netto	5	57
6	Lexington Way, J. M. Silva	6	57
7	Malcriado, M. Almeida	7	53

6º páreo — Às 17 horas — 1.600(GRAMA) Cr$ 825.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA GRANDE PRÊMIO SALGADO FILHO (G.II)

	Cavalo, jóquei		
1	Delvecchio, J. Ricardo	10	60
2	Imnature, J. M. Silva	6	59
"	Present The Gold, J. Pessan	5	59
3	Andie, J. Aurélio	2	54
"	U For Us, A. L. Sampaio	7	59
4	Trader's Vic, M. Cardoso	3	60
5	Fast Poker, R. Rodrigues	4	60
6	Ask And Gett, F. Pereira Fº	8	59
7	Love Boy, E. S. Rodrigues	9	59
8	Golden Cup, G. Souza	1	58

7º páreo — Às 17h30m — 1.300(GRAMA) Cr$ 120.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AVIAÇÃO CIVIL BRASILEIRA

	Cavalo, jóquei		
1	Malambó, M. Garcia	1	57
2	Uomo Bello, R. Rodrigues	2	57
3	Seli Rico, E. D. Rocha	3	57
4	John Hancock, G. Souza	4	57
5	Lanka, M. A. Santos	5	57
6	Chá Frito, N. Cipriano	6	57
7	Fidanzato, M. Almeida	7	57
8	All That Jazz, A. Batista	8	56

8º páreo — Às 18h. — 2.000 (GRAMA) Cr$ 120.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO 1º GRUPO DE CAÇA

	Cavalo, jóquei		
1	Golden Sunset, J. M. Silva	1	55
2	Averróes, A. L. Sampaio	2	57
3	Day Suki, E. S. Gomes	3	57
4	Sot Gre, M. A. Santos	4	57
5	Golden Dancer, C. G. Netto	5	57
6	Hortelão, J. Pinto	6	57
7	Quejet, M. Almeida	7	55
8	Input, J. Ricardo	8	57

9º páreo — Às 18h30m — 1.300 metros Cr$ 120.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

	Cavalo, jóquei		
1	Allofs, M. A. Santos	1	57
2	Otoko, J. Ricardo	2	57
3	Trinca de Azes, M. Silva	3	57
4	Conde Niel, A. Souza	4	57
5	Rhythmus, L. Esteves	5	57
6	Arthur Rei, J. Aurélio	6	57
7	Sir Pig, G. Souza	7	57
8	Lee Gren, J. M. Silva	8	57
9	Alegani, J. Pinto	9	57

10º páreo — Às 19 hs. — 1.300 metros Cr$ 165.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AUGUSTO SEVERO

	Cavalo, jóquei		
1	Claudinha, R. Rodrigues	1	56
2	La Ricoleta, M. Pinto	2	56
3	Ri a Toa, M. A. Santos	4	56
4	Obraga, E. S. Gomes	4	56
5	Deep Lagoon, J. S. Gomes	5	56
6	Minstrel Blue, M. Almeida	6	56
7	Tulty Melody, C. G. Netto	7	56
8	Isle of Beauty, J. Pinto	8	56
9	Ruta Libre, J. M. Silva	9	56
10	Ashley, J. Aurélio	10	56
11	Glory Baby, J. Ricardo	11	56
12	Queen Victoria, M. Silva	12	56
"	Bee Danu, J. Pessanha	13	56

Indicações

1º Páreo: Don Court ■ Hakam Armando ■ Gambetto
2º Páreo: Friday Night ■ Chapretano ■ Kelpa
3º Páreo: Have Fun ■ Leadership ■ Easy Won
4º Páreo: Irish Zita ■ First Connection ■ Bay Lark
5º Páreo: Ultra-Régio ■ Aizos ■ Legrix
6º Páreo: Delvecchio ■ Present The Gold ■ Trader's Vic
7º Páreo: Uomo Bello ■ Chá Frito ■ Fidanzato
8º Páreo: Sotygre ■ Hortelão ■ Averróes
9º Páreo: Alegani ■ Lee Gren ■ Otoko
10º Páreo: Glory Baby ■ Minstrel Blue ■ Ruta Libre
Acumuladas: 2º2 (Friday Night), 6º1 (Delvecchio) e 10º11 (Glory Baby)

Regata a remo na Lagoa terá provas de canoagem

A 14ª edição da Regata a Remo da Escola Naval será realizada hoje, a partir das 9h, na Lagoa Rodrigo de Freitas. A competição deste ano, que poderá ser acompanhada das tribunas do Estádio de Remo da Lagoa, traz uma atração à parte, com a disputa de quatro provas de canoagem, da modalidade Águas Calmas (Velocidade). A decisão de incluir os canoistas no programa foi estimulada pela criação do departamento de canoagem para alunos e aspirantes, na Ilha de Villegaignon — onde está sediada a Escola Naval.

A regata de abertura será para os concorrentes estreantes do remo, na categoria dois com, em 1.000 metros. Os juniores serão os primeiros canoistas a entrar na raia, às 10h10, para a prova de 500 metros. As demais provas de canoagem acontecerão às 10h40 (seniores, em 500 metros), 11h20 (aberto feminino, em 500 metros) e 11h50 (sênior, em 1.000 metros).

Além dos participantes tradicionais — Flamengo, Vasco, Botafogo, Guanabara e Boqueirão do Passeio —, também estarão presentes atletas convidados das principais federações estaduais, clubes e universidades brasileiras. No remo, que terá 12 regatas, o destaque será a representação do Flamengo, campeã carioca e brasileira. Entre os canoistas, 12 alunos da USP, alguns deles integrantes da equipe brasileira, como Sebastian Quartin — campeão pan-americano dos 5.000 metros — têm presença confirmada.

Os principais dirigentes da canoagem no país estarão acompanhando o desempenho dos juniores (de 15 a 18 anos), como avaliação para o Pan-Americano de Velocidade, em abril de 1991, no mesmo local. No intervalo das regatas, o público, que terá entrada franca no estádio, poderá visitar exposição de armamento do Corpo de Fuzileiros Navais.

Indian Chris, invicta, é favorita no GP Diana

Indian Chris, propriedade da Fazenda Mondesir, líder da geração carioca de potrancas de três anos, defende hoje à tarde, no Hipódromo de Cidade Jardim, em São Paulo, a invencibilidade de três corridas no GP Diana, segunda prova da tríplice-coroa. Atoka, ganhadora do GP Barão de Piracicaba, candidata à coroa; Candorosa, argentina, invicta depois de duas apresentações, e a também carioca Viewing Blue são as grandes adversárias da conduzida por Gonçalino Feijó de Almeida.

A campanha de Indian Chris no turfe carioca não deixa dúvidas. Trata-se de animal extra-classe. Na estréia, em prova comum, venceu disparada sem tomar conhecimento das adversárias. Em seguida, foi inscrita na esfera clássica, contra as melhores e mais experientes potrancas cariocas e voltou a ganhar. Na oportunidade, derrotou com alguma dificuldade a Viewing Blue, do Haras Santa Maria de Araras. Na última apresentação, a sua terceira nas pistas, deixou a mesma adversária para trás sem qualquer dificuldade. Filha de Ghadeer, pai de Falcon Jet, It's The Day, Houret e Unifrance, entre outros craques, Indian Chris é mais um produto espetacular do notável reprodutor.

Atoka ganhou o GP Barão de Piracicaba, em 1.600 metros, disparada e sua adaptação à distância desta tarde, 2.000 metros, é muito provável. Entre as 21 candidatas, parece ter as melhores credenciais para tentar acabar com a invencibilidade de Indian Chris. Candorosa também deve ser respeitada. Depois da liberação da inscrição de animais estrangeiros em provas de tríplices-coroas é a primeira vez que aparece uma candidata na coroa paulista. Viewing Blue, montaria de Carlos Lavor, que sempre dá muita sorte em Cidade Jardim — já venceu dois Derbies com Troyanos e Satyr, o GP São Paulo, com Troyanos, e o quilômetro internacional com Treccia — vai tentar fora do Rio de Janeiro, o que não conseguiu aqui por duas vezes: derrotar Indian Chris.

Delvecchio volta bem no GP Salgado Filho

Delvecchio, de criação e propriedade do Haras Santa Ana do Rio Grande, é o favorito do Grande Prêmio Salgado Filho, prova central desta tarde no Hipódromo da Gávea, em 1.600 metros, na grama, com a dotação de Cr$ 825 mil para o proprietário do ganhador. Bem preparado por João Maciel, e contando com a direção do líder da estatística, Jorge Ricardo, o alazão pode apagar a má impressão deixada na milha internacional, em que chegou afastado dos primeiros colocados.

Dono de campanha bastante expressiva nas pistas, bem superior aos demais inscritos na prova desta tarde, Delvecchio tem como principais obstáculos, a idade — já completou seis anos — e a pista pesada, em que sempre rendeu abaixo de suas reais possibilidades. Apesar destes pequenos detalhes, sua categoria deve ser suficiente para levá-lo a mais um triunfo clássico nas pistas cariocas.

Present The Gold, de propriedade do Stud Anderson, está em fase de franca evolução, mas é outro animal que sofre rebate na raia molhada. Em caso de pista seca, deve ser apontado como maior rival do grande favorito. Imnature, do mesmo proprietário, reforça bastante o número, e terá a direção do campeoníssimo Juvenal Machado da Silva. Andie, U For Us e Trader's Vic lutam por uma colocação na pedra em condições semelhantes e na expectativa do fracasso dos favoritos.

Ontem na Gávea

1º Páreo: 1º Dally-Ber M.Almeida 2º Gran Pedrita J.Ricardo 3º Diamond Mine M.Pinto — Vencedor(3)2,8 Inexata(36)1,4 Placês(3)1,0 e (6)1,0 D.Exata(3-6)3,7 Triexata(3-6-2)6,5 Tempo:1m16s1/5.

2º Páreo: 1º Ramadan J.M.Silva 2º Echaburu G.F.Silva 3º Grão Puro J.Ricardo — Vencedor(2)4,7 Inexata(26)8,5 Placês(2)2,0 e (6)1,6 D.Exata(2-6)17,4 Triexata(2-6-3)22,0 Tempo:1m22s1/5.

3º Páreo: 1º Kamurati J.Ricardo 2º French-Colour G.Souza — Vencedor(2)2,1 Inexata(23)1,7 Placês(2)1,0 e (3)1,0 D.Exata(2-3)3,8 Triexata — Não têm. Tempo:1m21s4/5.

4º Páreo: 1º Don Pedrón J.Ricardo 2º Limiar E.D.Rocha 3º Mister Frog J.F.Reis — Vencedor(8)2,4 Inexata(89)4,0 Placês(8)1,6 e (9)1,5 D.Exata(8-9)6,8 Triexata(8-9-7)39,6 Tempo:1m16s3/5.

5º Páreo: 1º Abençoada G.F.Almeida 2º Baby Magic G.F.Silva 3º Polvareda C.Lavor — Vencedor(5)1,7 Inexata(45)14,8 Placês(5)1,4 e (4)3,5 D.Exata(5-4)27,3 Triexata(5-4-1)409,7 Tempo:1m8s.

6º Páreo: 1º El Tupa G.F.Almeida 2º Maranguez C.G.Netto 3º Cats Winner M.A.Santos — Vencedor(2)3,9 Inexata(26)3,6 Placês(2)1,4 e (6)1,1 D. Exata(2-6)11,3 Triexata(2-6-3)20,9 Tempo:1m22s1/5.

7º Páreo: 1º Top Sky R.Rodrigues 2º Escovão J.Pinto 3º Kotisne I.Lanes — Vencedor(4)6,7 Inexata(48)89,2 Placês(4)3,2 e (8)5,4 D.Exata(4-8)306,1 Triexata(4-8-5)379,1 Tempo:1m9s3/5.

8º Páreo: 1º Generalité C.G.Netto 2º Nedjed G.Souza 3º Isis Belle G.F.Almeida — Vencedor(6)1,6 Inexata(36)3,5 Placês(6)1,0 e (3)1,2 D.Exata(6-3)7,7 Triexata(6-3-1)12,8 Tempo:1m22s1/5.

9º Páreo: 1º Levezza Ouro J.Ricardo 2º Racituva F.Pereira Filho 3º Princesa Porcina J.Aurélio — Vencedor(5)2,9 Inexata(58)2,7 Placês(5)1,2 e (8)1,2 D.Exata(5-8)5,9 Triexata(5-8-4)73,6 Tempo:1m23s4/5.

10º Páreo: 1º French Patrol C.G.Netto 2º Lucky Halley M.Andrade 3º Racecourt J.S.Gomes — Vencedor(10)2,1 Inexata(10-12)16,5 Placês (10)1,6 e (12)2,7 D.Exata(10-12)22,5 Triexata(10-12-3)129,5 Tempo:1m22s1/5.

Hoje na Gávea

1º páreo — Às 14h30m — 1.200 metros Cr$ 150.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO 14 BIS

1 Sovepasso, W. Gonçalves ... 1 56
2 Bara Ija, J. Pessanha ... 2 56
3 Hakam Armando, J. M. Silva ... 3 56
4 Gambetto, J. Ricardo ... 4 56
5 Obelisco, L. F. Gomes ... 5 56
6 Dont Court, J. Malta ... 6 56

2º páreo — Às 15 horas — 1.300 metros Cr$ 120.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO CORREIO AÉREO NACIONAL

1 Triestino, J. M. Silva ... 1 57
2 Friday Night, J. Ricardo ... 2 55
3 Kelpa, E. S. Rodrigues ... 3 55
4 Ouvidor Mor, M. Almeida ... 4 57
5 Don Castelões, C. G. Netto ... 5 57
6 Chapretano, I. Lanes ... 6 57

3º páreo — Às 15h30m — 1.300(GRAMA) Cr$ 100.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO OCEAR

1 Easy Won, J. Ricardo ... 1 58
2 Have Fun, J. Aurélio ... 2 58
3 Lé Top, M. A. Santos ... 3 50
4 Leadership, J. Pinto ... 4 54
5 Very Childish, C. G. Netto ... 5 58
6 Chapelo, M. Andrade ... 6 58

4º páreo — Às 16 horas — 1.400 metros Cr$ 150.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA INÍCIO DO CONCURSO DE 7 PONTOS PRÊMIO FORÇA AÉREA BRASILEIRA

1 Celebrate, G. Souza ... 1 57
2 More And More, W. Gonçalves ... 2 55
3 Bay Lark, J. M. Silva ... 3 55
4 Rajo Mirim, E. S. Gomes ... 4 57
5 Bolero Dancer, C. G. Netto ... 5 57
6 Irish Zita, J. Aurélio ... 6 52
7 Wandemberg, G. F. Silva ... 7 57
8 First Conection, J. Ricardo ... 8 57
9 New Sagittarius, J. S. Gomes ... 9 57
10 Médoc, J. Bertholdo ... 10 57

5º páreo — Às 16h30m — 1.300(GRAMA) Cr$ 150.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO SANTOS DUMONT

1 Grand-Africano, J. S. Gomes ... 1 57
2 Alzos, W. Gonçalves ... 2 57
3 Legrix, L. Esteves ... 3 57
4 Quesuid, J. Ricardo ... 4 57
5 Ultra-Régio, C. G. Netto ... 5 57
6 Lexington Way, J. M. Silva ... 6 57
7 Malcriado, M. Almeida ... 7 53

6º páreo — Às 17 horas — 1.600(GRAMA) Cr$ 825.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA GRANDE PRÊMIO SALGADO FILHO (G.II)

1 Delvecchio, J. Ricardo ... 10 60
2 Imnature, J. M. Silva ... 6 59
" Present The Gold, J. Pessanha ... 5 59
3 Andie, J. Aurélio ... 2 54
" U For Us, A. L. Sampaio ... 7 58
4 Trader's Vic, M. Cardoso ... 3 60
5 Fast Poker, R. Rodrigues ... 4 60
6 Ask And Get, F. Pereira Fº ... 8 58
7 Love Boy, E. B. Rodrigues ... 9 59
8 Golden Cup, G. Souza ... 1 59

7º páreo — Às 17h30m — 1.300(GRAMA) Cr$ 150.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AVIAÇÃO CIVIL BRASILEIRA

1 Malambú, M. Garcia ... 1 57
2 Uomo Bello, R. Rodrigues ... 2 57
3 Salt Rico, E. D. Rocha ... 3 57
4 John Hancock, G. Souza ... 4 57
5 Lanka, M. A. Santos ... 5 57
6 Chá Frito, N. Cipriano ... 6 57
7 Fidanzato, M. Almeida ... 7 57
8 All That Jazz, A. Batista ... 8 56

8º páreo — Às 18hs. — 2.000 (GRAMA) Cr$ 150.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO 1º GRUPO DE CAÇA

1 Golden Sunset, J. M. Silva ... 1 55
2 Averróes, A. L. Sampaio ... 2 57
3 Day Suit, E. S. Gomes ... 3 57
4 Sol Gris, M. A. Santos ... 4 57
5 Golden Dancer, C. G. Netto ... 5 57
6 Hortelão, J. Pinto ... 6 57
7 Quejal, M. Almeida ... 7 55
8 Input, J. Ricardo ... 8 57

9º páreo — Às 18h30m — 1.000 metros Cr$ 150.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO BARTHOLOMEU DE GUSMÃO

1 Aliofa, M. A. Santos ... 1 57
2 Otoko, J. Ricardo ... 2 57
3 Trinca de Ases, M. Silva ... 3 57
4 Conde Niel, A. Souza ... 4 57
5 Rhythmus, L. Esteves ... 5 57
6 Arthur Rei, J. Aurélio ... 6 57
7 Sir Pig, G. Souza ... 7 57
8 Lee Gren, J. M. Silva ... 8 57
9 Alegani, J. Pinto ... 9 57

10º páreo — Às 19 hs. — 1.000 metros Cr$ 150.000,00 — TRIEXATA-DUPLA-EXATA PRÊMIO AUGUSTO SEVERO

1 Claudinha, R. Rodrigues ... 1 56
2 La Recoleta, M. Pinto ... 2 56
3 Fit a Tos, M. A. Santos ... 4 56
4 Clorage, E. S. Gomes ... 4 56
5 Deep Lagoon, J. S. Gomes ... 5 56
6 Minstrel Blue, M. Almeida ... 6 56
7 Tutty Melody, C. G. Netto ... 7 56
8 Isle of Beauty, J. Pinto ... 8 56
9 Ruta Libre, J. M. Silva ... 9 56
10 Ashley, J. Aurélio ... 10 56
11 Glory Baby, J. Ricardo ... 11 56
12 Queen Victoria, M. Silva ... 12 56
" Bee Danu, J. Pessanha ... 13 56

Indicações

1º Páreo: Don Court ■ Hakam Armando ■ Gambetto
2º Páreo: Friday Night ■ Chapretano ■ Kelpa
3º Páreo: Have Fun ■ Leadership ■ Easy Won
4º Páreo: Irish Zita ■ First Connection ■ Bay Lark
5º Páreo: Ultra-Régio ■ Alzos ■ Legrix
6º Páreo: Delvecchio ■ Present The Gold ■ Trader's Vic
7º Páreo: Uomo Bello ■ Chá Frito ■ Fidanzato
8º Páreo: Sotygre ■ Hortelão ■ Averróes
9º Páreo: Afegani ■ Lee Gren ■ Otoko
10º Páreo: Glory Baby ■ Minstrel Blue ■ Ruta Libre
Acumulada: 2º2 (Friday Night), 6º1 (Delvecchio) e 10º11 (Glory Baby)

Regata a remo na Lagoa terá provas de canoagem

A 14ª edição da Regata a Remo da Escola Naval será realizada hoje, a partir das 9h, na Lagoa Rodrigo de Freitas. A competição deste ano, que poderá ser acompanhada das tribunas do Estádio de Remo da Lagoa, traz uma atração à parte, com a disputa de quatro provas de canoagem, da modalidade Águas Calmas (Velocidade). A decisão de incluir os canoístas no programa foi estimulada pela criação do departamento de canoagem para alunos e aspirantes, na Ilha de Villegaignon — onde está sediada a Escola Naval.

A regata de abertura será para os concorrentes estreantes do remo, na categoria dois com, em 1.000 metros. Os juniores serão os primeiros canoístas a entrar na raia, às 10h10, para a prova de 500 metros. As demais provas de canoagem acontecerão às 10h40 (seniores, em 500 metros), 11h20 (aberto feminino, em 500 metros) e 11h50 (sênior, em 1.000 metros).

Além dos participantes tradicionais — Flamengo, Vasco, Botafogo, Guanabara e Boqueirão do Passeio —, também estarão presentes atletas convidados das principais federações estaduais, clubes e universidades brasileiras. No remo, que terá 12 regatas, o destaque será a representação do Flamengo, campeã carioca e brasileira. Entre os canoístas, 12 alunos da USP, alguns deles integrantes da equipe brasileira, como Sebastian Quartin — campeão pan-americano dos 5.000 metros — têm presença confirmada.

Os principais dirigentes da canoagem no país estarão acompanhando o desempenho dos juniores (de 15 a 18 anos), como avaliação para o Pan-Americano de Velocidade, em abril de 1991, no mesmo local. No intervalo das regatas, o público, que terá entrada franca no estádio, poderá visitar exposição de armamento do Corpo de Fuzileiros Navais.

Nova Iorque — Fotos de Eduardo Mack

O alto custo do uniforme para o futebol americano estimula o desenvolvimento do soccer

'Soccer' avança na escola pública

Nos EUA, por razões econômicas, o futebol ganha o seu espaço

Eduardo Mack

NOVA IORQUE — Passado o fiasco do desempenho da seleção americana nos campos italianos, os Estados Unidos convivem com a polêmica do futuro do futebol num país onde, derrubar a supremacia do beisebol e do futebol americano, é tarefa que nem Pelé conseguiu por completo. Uma pesquisa acusou um número mínimo de telespectadores que acompanharam as partidas do Mundial da Itália, fato alarmante, já que os Estados Unidos sediarão a próxima Copa, em 1994.

Mas, ao contrário do que muitos pensam, o futebol nos EUA vem conquistando importantes espaços que podem mudar o atual desinteresse no país. Um exemplo é a comunidade de Rocky Point, na Ilha de Long Island, Nova Iorque, onde o *soccer* é a palavra do momento nas escolas públicas locais. Naturalmente, a forte influência dos imigrantes europeus e do Caribe na região influenciou as mudanças. Com a quase total inexistência de times profissionais, o caminho para se especializar está nas escolas. Bem de acordo com as tradições democráticas, as comunidades das cidades americanas votam para autorizar os orçamentos e até para a escolha dos esportes a serem praticados pelos estudantes, uma vez que 75% dos impostos prediais pagos no país são investidos nas escolas. Na Rocky Point High School, o *soccer* já derrubou o futebol americano e é mais popular que o beisebol, fenômeno que se repete em várias outras cidades americanas.

Yves Mev, 17 anos, americano, passou boa parte da infância no Haiti. Ele descobriu o futebol nas ruas da ilha do Caribe, jogando *peladas* com amigos em campeonatos entre bairros, onde qualquer objeto redondo servia de bola. Apaixonado pelo esporte, Yves voltou para o Queens, um subúrbio novaiorquino, e iniciou sua campanha, convidando amigos para assistir a Copa do México, através da TV a cabo, em língua espanhola. E, aos poucos, trouxe o *soccer* para as ruas do Queens.

"O *soccer* está crescendo graças ao alto custo do seguro para os alunos que jogam futebol americano e pelos preços absurdos dos uniformes e do material. As famílias de renda mais baixa — principalmente imigrantes — votam contra o futebol americano nas escolas, o que é uma força para o *soccer*. Mas a realidade é que os pais americanos querem seus filhos jogando futebol americano, para ganharem bolsas de estudo nas universidades. É lá que está a *grana preta*", revela Yves.

Brasileiro — Como não poderia deixar de ser, entre os jogadores da escola está um brasileiro, Alex Chirivas, 15 anos, que nasceu em Boston, mas morou no Rio até os 9 anos. Alex, um verdadeiro aficionado do windsurf, joga o *soccer* na escola, mas acha que lá não se aprende tudo. "Os técnicos são bons, embora eu tenha aprendido mais jogando na rua. A garotada aqui gosta do jogar, mas ainda tem muito o que aprender", justificou num bom português.

O que então impede que o *soccer* tome

O esporte é tão popular entre meninas quanto entre meninos

impulso e ganhe seu espaço? A teoria mais defendida é a falta de interesse da televisão pelo esporte. Lebbons, o técnico do time das meninas — que é tão popular quanto o dos meninos — é muito crítico quanto ao papel da televisão.

"O *soccer* não tem intervalos o suficiente para justificar o interesse comercial, diga-se anunciantes. No futebol americano, no beisebol e no basquete, existem vários intervalos, tempos pedidos pelos técnicos, o que é ótimo para a TV", justifica Lebbons.

Já Ira Jersey, 20 anos, estudante de jornalismo e estagiário da WRC TV, tem uma teoria diferente: ele diz que o canal espanhol de TV a cabo, a Univision, ganhou muito dinheiro com a Copa da Itália, pois eles serviram à comunidade espanhola. Mesmo assim, as grandes redes, ABC, NBC e CBS, aindam pensam em mudar as regras do jogo antes de 94 para incluirem mais anúncios durante a cobertura.

"Nós somos um povo muito esnobe e sempre mudamos as regras de tudo. A lei do impedimento já foi mudada várias vezes para aumentar o número de gols; o número de substituições é ilimitado, o que torna o jogo mais lento; e para piorar as coisas, os juízes não permitem o contato físico e dão falta para tudo. Imagine a confusão na cabeça dos jogadores, quando eles tentam proteger a bola", lamentou Lebbons.

Estrelas — O que pesa também é a necessidade dos americanos de terem muitos heróis para tudo, de vários vencedores. Enquanto que no *soccer* quem mais se destaca é o goleador, no basquete ou no futebol americano vários jogadores conseguem se transformar em *estrelas*. Logo após a Copa, o jornal americano *Washington Post* publicou um editorial no qual justifica o pouco interesse devido ao poucos gols nas partidas.

A estrela do time de Rocky Point, Joe Ashwood, 16 anos, nascido em Serra Leoa, e que veio para os EUA com 10 anos, acha que o *soccer* ainda tem muito a aprender. " A mentalidade aqui é ataque-defesa, igual ao futebol americano. O negócio é ter força, correr e marcar gols. Tática não é o nosso forte. Nós temos que aprender o jogo de equipe", lamentou o jovem goleador.

O técnico do time principal, Al Ellis, está com o time desde 1978 e já trouxe vários títulos para a escola, sendo o principal o de campeão do estado (*high school*) em 1984. Para ele, os EUA estão muito carentes de bons técnicos, que tenham experiência internacional. A falta de boas táticas é o maior pecado do *soccer*.

"Nós temos que aprender a trabalhar com a bola no chão e não ficar dando passes longos sem direção. Na Itália, o nosso time tinha jogadas manjadas, sem criatividade, e deu no que deu", revelou o técnico. O número de ligas juvenis chega a 10.000 em Long Island e os jornais já dão maior destaque ao *soccer* se comparado a cinco anos atrás. Um problema sério, alerta o técnico, é o complexo de superioridade dos americanos, que insistem em criar um estilo próprio de jogo, e não adotar o dos outros.Se o pensamento não mudar, nem um milagre vai salvar os EUA na Copa de 94.

Pelé não quer fazer feio na festa dos 50

Fernando Barbosa

SÃO PAULO — Ao entrar em campo com a seleção brasileira no dia 31, em Milão, para comemorar seus 50 anos, Pelé vai deixar milhões de espectadores, no estádio e diante da tv, na expectativa de saber se ele será ainda capaz de executar o infernal repertório de jogadas marcantes de sua carreira, baseada na genialidade e incomparável capacidade física. "Vão cobrar de mim tudo o que eu fazia", admitiu o jogador ao seu amigo particular, o ex-preparador físico do Santos, Júlio Mazzei, orientador da cuidadosa preparação iniciada logo depois da Copa da Itália, dia 8 de julho.

"O Pelé sempre foi perfeccionista e não quer fazer feio", resume Mazzei ao comentar as preocupações do ex-craque. Em novembro de 1969, pouco antes do jogo contra o Vasco em que Pelé marcou seu milésimo gol, Júlio Mazzei fez uma cuidadosa análise das características físicas que ajudavam a tornar Pelé, aos 29 anos, um fora-de-série do futebol.

Do ponto-de-vista cinesiológico (estudo dos movimentos), Pelé apresentava perfeita coordenação muscular entre os membros superiores e inferiores, fosse na preparação do chute, no salto ou no arranque. "Mesmo sendo baixo (1,72m), Pelé sempre levou vantagem no arranque, na impulsão e na potência de batida na bola", analisa Mazzei, lembrando que o jogador tinha a capacidade de "parar no ar" para executar o cabeceio. Uma capacidade comparável à do jogador de basquete, ao executar o *jump* ou à bola de dois tempos no vôlei.

Destaques — A elasticidade muscular, o equilíbrio conferido pela posição dos braços elevados lateralmente na hora do chute, o apoio muscular perfeito e a exata coordenação de movimentos eram outros destaques anotados pelo preparador. Além disso, ele lembrava a visão lateral (periférica) superior à média em Pelé e o sexto sentido que fazia o jogador descobrir o companheiro ou a melhor opção de jogada em um passe perfeito em frações de segundo. "O Pelé tinha uma percepção instintiva infalível da velocidade relativa dos companheiros", recorda Júlio Mazzei. Uma capacidade comprovada nas seqüências de tabelas perfeitas que completou em sua carreira com companheiros variados como Pagão, Coutinho, Toninho, Tostão, ou quem mais houvesse ao lado capaz de acompanhar seu raciocínio.

Júlio Mazzei lamenta não ter aproveitado a oportunidade do jogo dos 50 anos para fazer um estudo comparativo entre a capacidade física de Pelé de hoje com os tempos de jogador. "A idéia é interessante, mas faltam dados para uma avaliação científica". Mesmo assim, ele vê muitos dados positivos ainda presentes no atleta. Pelé deixou os Estados Unidos com o mesmo peso dos seus tempos de profissional, oscilando entre 74 e 75 quilos. No dia do seu primeiro treino na Vila Belmiro, na semana passada, pesou 75,5 quilos. Um dado significativo da boa forma do jogador, que aparentemente herdou do pai, seu *Dondinho*, o tipo longelíneo sem tendência para engordar.

A preparação para o jogo do dia 31 constou principalmente de corridas de longa distância, *interval-trainning* (corrida intervalada com exercícios) e treinos com bola em jogos no campo de sua casa, perto de Nova Iorque. Nesses treinos, o maior sacrificado foi o filho de Pelé, Edinho, submetido a duras sessões de chutes a gol. Nessas ocasiões, Edinho, 30 anos mais moço e que está no Brasil em busca de uma chance como goleiro no Santos, ficava exausto. Uma vez, chegou a passar mal, provocando um comentário provocativo de Pelé: "Eu já tenho 50 anos e você ainda quer ser profissional?"

Programação — Desde que chegou ao Brasil, Pelé tem procurado manter um programa de preparação com ênfase para o trabalho com bola. Corre freqüentemente na praia. Treinou uma vez com os juniores do Santos, fazendo um circuito de exercícios com saltos e arranques. "Estou me sentindo ótimo. Só percebo que tenho 50 anos, quando olho para o meu filho", disse o jogador. Pelé diz que sua preocupação maior é o arranque. "Essa explosão inicial sempre foi a minha grande arma contra os adversários."

Júlio Mazzei concorda e lembra, que em um espaço de dois metros, Pelé costumava livrar uma vantagem de até 20 centímetros sobre os adversários, deixando seu marcador sem ação. Algo como o que fazia Garrincha. A perda de tonicidade muscular causada pelo fim da carreira em 1977, quando Pelé deixou definitivamente o futebol com a camisa do Cosmos, deve afetar a explosão física característica do jogador, acredita Mazzei. O arranque, a impulsão e a potência não serão os mesmos, apesar de todas as partidas de tênis e das corridas que sempre o mantiveram em forma.

Conhecedor profundo do ex-jogador, Mazzei prevê que Pelé poderá sentir nervosismo ao chegar ao vestiário do estádio de Milão. Uma sensação que compara com o medo do artista diante do confronto com seu público. A sensação vai terminar quando a bola começar a rolar. Virá então a hora da verdade. E Mazzei aposta na genialidade de Pelé parasuperar todas as dificuldades. "Há jogadores que dependem só do físico, mas Pelé sempre foi cerebral e o gênio sabe contornar e descobrir novos caminhos", acredita. Mais realista em sua auto-avaliação, Pelé só garante uma coisa: jogar 45 minutos. "Estou preparado para isso. Ir além vai depender do momento."

Muita coisa a consertar

Oldemário Touguinhó

Quarta-feira, enquanto assistia ao amistoso contra o Chile, Pelé passou os 90 minutos diante da televisão, em seu apartamento, em São Paulo, observando a movimentação da equipe e refletindo sobre possíveis providências a serem tomadas, quando integrar a seleção brasileira. "Na saída de bola, o meio-campo tem que ficar mais à frente, ao invés de recuar para junto dos zagueiros. Formamos um bloco atrás e a bola fica rolando de um para o outro. O pior é que com esta descida o ataque adversário imprensa a gente em nosso campo, o que é ruim".

Desde que o jogo começou, Pelé passou a analisar as jogadas para alguns amigos. Ele teve dificuldades para reconhecer a maioria dos jogadores. Conhecia o goleiro Sérgio, do Santos, Moacir e Leonardo — devido ao Mundial de juniores, na Arábia Saudita, quando assistiu aos jogos do Brasil — além de Cafu e Neto. Os outros eram identificados pela posição.

Com menos de 10 minutos, já alertava para o atraso na saída de bola. "Quando o zagueiro receber a bola do goleiro, o meio-campo tem que avançar. O passe tem que ser para a frente. Com isso, o adversário tem que recuar para acompanhar nosso avanço. A turma da frente tem que abrir para deixar os zagueiros com opções de jogadas. Se a turma recua, acontece isso, a bola fica rolando na horizontal, de uma lateral a outra. Temos que mudar essa saída, a inexperiência dos jovens dificulta um pouco a visão dessa jogada. O que nós estamos fazendo é o jogo que interessa aos chilenos."

A partida continua e Pelé vê que os jogadores do meio-campo estão muitos juntos. "Esse setor é fundamental para dar velocidade às jogadas. Temos que trocar passes para frente. Se um jogador está na nossa intermediária, o outro tem que ir para o círculo central e daí dar continuidade. Não se deve fazer futebol horizontal. Tem que ser na vertical. Se demorar, o adversário tem tempo de se organizar na defesa. Tocando para a frente, cada um se posicionando dentro dessa filosofia, vamos chegar mais rápido no campo deles."

Lembranças — Quando fazia essas observações, Pelé chegou a falar em Gérson. "Na Copa de 70, nosso time se organizava no meio e saía em velocidade nos contra-ataques. Nada de bola para trás ou para o lado. O único que às vezes não fazia isso era o Gérson, que em determinadas ocasiões prendia a bola. O adversário ficava na expectativa e acabava perdido, porque nós estávamos correndo lá na frente e o *canhotinha* lançava no pé ou no peito, era só dominar e concluir. Tudo era feito para a gente ir pra cima deles."

Enquanto lembrava essa jogada de ataque, Pelé comentava o jogo contra o Chile, dizendo que o meio-campo estava em linha, recuado, deixando a dupla de área isolada entre os zagueiros adversários. "O Neto, que poderia ajudar nessa ligação, não se movimenta. Com isso, facilita a marcação. É preciso muita mexida para dar velocidade do meio para o ataque. Até mesmo para se fazer um passe longo é preciso que haja coordenação, com o atacante correndo para um lugar certo, a fim de encontrar um espaço para receber o passe. Sem aumentar o ritmo das trocas de passes e posicionamentos, fica muito mais difícil chegar na área chilena."

Santos, SP — José Thomás Carvalho

Pelé está se preparando com afinco para o amistoso

Outra observação foi sobre o trabalho dos atacantes. Além de sentir o ataque preso, Pelé acha que é preciso ter o meio chegando junto à dupla de área. "Não se pode receber um passe cercado de marcadores. Se o passe demorar, o atacante perde a viagem. Isso está acontecendo seguidamente na seleção brasileira. É preciso acertar essa movimentação porque, se não, não se faz nenhum gol."

Após lamentar o 0 a 0, Pelé falou do seu desejo de treinar com o time uma semana antes da viagem. Acreditava, que assim como tinha acontecido nos preparativos para a partida na Espanha, novamente o grupo fosse se reunir na Granja Comary. A sua preocupação é a de se entrosar com os novos companheiros. No entanto, mais tarde, acabou tendo a confirmação que só haverá treino na Itália.

"Vou seguir as recomendações do Falcão. No entanto, acho que posso ajudar a dar velocidade ao time. Vou tentar dialogar com o meio campo para se posicionar mais adiantado nas saídas de bola. Aí, deve começar a aumentar o nosso ritmo. Isso vem sendo um mal do futebol brasileiro nos últimos anos. A bola fica presa na defesa, custando a sair para o campo do adversário. Reclamo muito disso nos clubes e o mesmo acontece na seleção. Agora, vou ver se dentro do campo consigo repetir aquilo que fazíamos antes, no Santos e na seleção. O que não podemos é continuar repetindo erros."

Napoli precisa vencer Milan para subir na classificação

AFP — 25/6/88

Após o decepcionante empate de quarta-feira, contra a Hungria, pelo Campeonato Europeu de Seleções, o torcedor italiano tem muitos motivos para lotar estádios neste domingo, após o recesso de duas semanas de sua mais importante competição. E a principal partida da rodada, com transmissão pela Rede Bandeirantes, às 11h30, será entre Napoli e Milan, jogo que reúne os dois primeiros colocados do torneio da temporada passada, em Nápoles. Sem favoritismo, o Milan tentará manter sua liderança isolada — em cinco jogos conseguiu nove pontos — contra um Napoli preocupado em deixar a incômoda 14ª colocação que ocupa.

A Inter de Milão, uma das três vice-líderes, recebe o instável Pisa, abalado após excelente início de temporada, quando chegou a liderar a competição. Com sete pontos, o time dos alemães Klinsmann, Matthäus e Brehme tem a obrigação de vencer, para não deixar que a Juventus, de Turim — sua adversária na próxima rodada —, consiga livrar vantagem. A milionária equipe turinesa enfrenta o Lazio, de Roma, em casa. A Sampdoria, de Gênova, também em seu estádio, terá como adversário a Atalanta (atual 5º lugar), de Bérgamo.

Mais atrás, e em ascensão, vem a Fiorentina, de Lazaroni e Dunga. Em Florença, agora com total apoio da torcida — que se tornou de amores pelo grupo desde a goleada do dia 7, sobre o Pisa (4 a 0) —, o time *viola* recebe o Parma com uma motivação: vencendo, afasta do numeroso bloco intermediário que ocupa um perigoso adversário.

Gullit está voltando à forma

Dispostos a deixar longe o *fantasma* do rebaixamento, Roma e Lecce realizam, na capital, uma partida empolgante. Qualquer ponto perdido pode representar uma maior aproximação dos quatro últimos lugares — aqueles que, na próxima temporada, descem para a série B, a segunda divisão —, hoje ocupados por Bologna, Cagliari e Bari e Lecce. Não tão preocupado com o descenso, mas ainda pensando em vaga nas copas européias, o Torino viaja até Cagliari, para enfrentar o time local. Nos outros jogos, Bari x Genoa e Bologna x Cesena.

Esporte na TV

Horário	Programa
TVE	
11h15	**Stadium**
12h15	**Futebol** — Videoteipe
20h	**Repórter Esportivo** — Manchetes esportivas, gols e loterias. Apresentação: Paula Hernandez.
20h30	**Mesa Redonda** — Debate dos principais assuntos esportivos do domingo e da semana. Apresentação Raul Quadros.
23h30	**Futebol** — Videoteipe de jogo da rodada
GLOBO	
12h15	**Fórmula 1** — Compacto do GP do Japão
22h10	**Gols do Fantástico**
22h30	**Esporte Espetacular**
MANCHETE	
12h	**Tênis** — Torneio da Antuérpia
15h50	**Automobilismo** — Penúltima etapa do Sul-Americano de Fórmula 3
22h	**Show de gols**
23h15	**Toque de Bola**
BANDEIRANTES	
10h00	**Show do Esporte** — Abertura
10h15	**Futebol** — Gols do Campeonato Brasileiro; compacto de Brasil 0 x 0 Chile e reportagem sobre a III Copa Pelé de Futebol Masters
11h30	**Futebol** — Campeonato Italiano, Napoli x Milan
13h30	**Boxe** — Especial sobre Buster Douglas, campeão mundial dos pesos pesados
15h	**Futebol** — Campeonato Brasileiro, Flamengo x Fluminense, ao vivo de Juiz de Fora para toda a rede
17h	**Futebol** — Campeonato Brasileiro, Santos x Bahia, ao vivo da Vila Belmiro para São Paulo (capital) e Bahia. São Paulo x Palmeiras, ao vivo do Morumbi para o restante da rede.
19h	**Fórmula Indy** — Última etapa do Mundial de Fórmula Indy, ao vivo de Laguna Seca.
20h50	**Show do Esporte** — Resumo do domingo esportivo, gols da rodada e encerramento
CORCOVADO	
10h	**Camisa Nove** — Mesa-redonda com Luiz Orlando, Oldemário Touguinhó, Orlando Batista e convidados
11h	**Automobile**

Fla-Flu em Juiz de Fora deixou más lembranças

Zico ainda é uma triste recordação para rubro-negros

Tadeu de Aguiar

As últimas 7.752 horas foram as piores da história do Flamengo. Quando Zico deixou o campo do Estádio Municipal de Juiz de Fora, aos 7m25 do segundo tempo do histórico Fla-Flu de 2 de dezembro de 1989, encerrou-se o ciclo mais importante do clube rubro-negro. Na platéia, mais de 13 mil pessoas o aplaudiam, ao mesmo tempo em que cresciam indagações e desconfianças sobre o futuro de um time acostumado por quase duas décadas a escorar-se no talento de seu principal artista. Passados 323 dias, 63 jogos, 34 vitórias, 16 empates e 13 derrotas, o Flamengo desamparado ainda sofre a ausência do grande ídolo.

Pouca coisa restou da fase áurea, apesar das cores vermelha e preta, das alamedas arborizadas da Gávea, da paixão eterna de seus torcedores e de Júnior, único remanescente da geração. Na rotina do dia-a-dia, Zico já não está presente e a freqüência da torcida diminuiu drasticamente em dias de treino. O time, como não poderia deixar de ser, perambulou por jogos e competições quase sem rumo. Pela primeira vez em muitos anos, o Flamengo ficou fora de um triangular decisivo do Campeonato Estadual, amargando um desprezível quarto lugar, sem vencer um clássico sequer. Às vezes, Zico faz falta.

"De repente, era como se eu o procurasse pelo campo e não o achasse. Passamos por diversas situações que ele teria resolvido", diz Júnior, recostado à parede, optando por deixar-se levar pelas boas lembranças. "Quando arrancava em diagonal, sabia que a bola chegaria a meus pés. Era uma jogada nossa, com nossa assinatura." O ex-lateral reage como a maioria das pessoas que tiveram o privilégio de viver aquela época. "Um novo Zico é impossível."

Funcionário do clube há 30 anos, Ayer Andrade, 56 anos, examina seus papéis. "O Flamengo nunca ganhou tantos títulos", constata, ao somar 34 conquistas nos 18 anos em que o atacante brindou seu público com 508 gols em 730 jogos. Com o velho boné rubro-negro e muitas saudades na cabeça, o antigo mestre Modesto Bria, quase 50 anos de Flamengo, não esquece o pequeno aprendiz que ele acolheu na Gávea. "Um ano é pouco para esquecer Zico." Na verdade, ninguém esquece o ídolo. "Ele nos deixou um vazio", entende o dirigente George Helal. A sentida ausência de Zico, no entanto, não se traduz em números. "Talvez, tenhamos uma queda de público nos jogos, mas é impossível uma avaliação precisa", acrescenta. Felizmente, o caminho aberto pelo craque em gramados internacionais não se fechou. As cotas continuam generosas.

"Jogamos por US$ 25 mil no recente giro pela Europa", conta o vice-presidente Josef Berenzjstein. Ele tem uma boa explicação. "O importante é que mantivemos o prestígio com as vitórias no exterior, o que nos trará novos convites", disse, referindo-se às duas únicas conquistas do time profissional este ano, Copa Sharp (Japão) e Copa Marlboro (EUA). Se financeiramente o Flamengo sobrevive, a técnica de seu futebol já não é a mesma, embora tenha dado evidentes sinais de recuperação nas últimas rodadas do Campeonato Brasileiro. Enfim, o clube começa a entender que não conseguirá fazer um novo Zico e abre espaço às novas gerações, sem comprometê-las com o passado.

O Flamengo e os rubro-negros ainda sofrem por Zico. Há muitas recordações de um dia de Fla-Flu em Juiz de Fora.

Paulo Nicolella — 2/12/89

Em seu último jogo oficial, Zico entrou em campo cercado pelos filhos e torcedores

Nas Laranjeiras, mudança foi total depois do vexame

Paulo Julio Clement

Poucos nas Laranjeiras sobreviveram ao massacre do dia 2 de dezembro de 1989. Dos 12 jogadores tricolores que participaram do histórico episódio, em Juiz de Fora, apenas Ricardo Pinto, Torres e Dedei permanecem no clube. Os demais foram negociados, ou mesmo esquecidos dentro do próprio Fluminense, como no caso do júnior Marcelo Barreto. "Este time de hoje nada tem a ver com aquele. O ânimo é outro", assegura Ricardo Pinto, um dos que mais sofreu com os 5 a 0 impostos por Zico e seus amigos.

O atual time tricolor quer provar que "o trauma do Flamengo acabou." O experiente Torres lembra que, ano passado, a equipe tricolor se ressentia de fracassos anteriores diante do rubro-negro. "No Campeonato Estadual, perdemos de 4 a 0 e 1 a 0. Fomos a Juiz de Fora naquele dia com medo," lembra. Hoje, ao menos no que diz respeito aos confrontos, não há razão para complexos. O Fluminense venceu um jogo por 1 a 0 na Taça Rio e arrancou o empate em 1 a 1, na Taça Guanabara.

Apesar do aparente otimismo, os jogadores do Fluminense sabem que terão problemas. Como ano passado, a equipe se arrasta pelo Campeonato Brasileiro e, mais grave que em 1989: começa uma lutar para fugir do ameaçador descenso. "Temos que esquecer o passado. Lembrar que nossa luta hoje é para vencer. E já provamos que podemos conseguir", garante Ricardo Pinto.

O goleiro, aliás, é exemplo de uma volta por cima. Sob o falso argumento de que Ricardo teria dito se sentir honrado em tomar o último gol da carreira de Zico — o jogador jamais deu tal declaração—, a torcida passou a persegui-lo, pediu sua saída do clube e chegou a até a agressão física. Ele sobreviveu a tudo e hoje é novamente respeitado. "É como eu digo. O importante é esquecer o passado," filosofa. Torres não viu seu prestigio abalado, enquanto o sempre esquecido dedei jogou pouco tempo para ficar marcado.

Outro destino teve a maioria de seus companheiros naquela infeliz tarde. João Santos, Silvio e Franklin e Carlos André foram apara o Bragantino. Só o último não se sagrou campeão paulista. Edson Mariano, parou no Botafogo-SP, Vitor recebeu passe livre e Vander Luis voltou para o São José. O irrequieto Marcelo Henrique virou centroavante do Bangu. Enquanto Donizete virou titular da seleção ao se transferir para o classificado Grêmio.

O mais *queimado*, na verdade, foi Marcelo Barreto, um júnior que atuou improvisado na lateral-esquerda — é quarto zagueiro — e nunca mais jogou entre os profissionais. Apesar da fama de craque entre os jovens formados nas Laranjeiras, se viu esquecido pelos atuais dirigentes que, influenciados pelo empresário Tadeu Sérgio, optaram por trazer o zagueiro Sandro, reserva do Grêmio, pagando-lhe Cr$ 30 mil por mês, embora até hoje não o tenham inscrito no Campeonato Brasileiro. Males que uma inesperada goleada deixa num clube.

Inter-RS tenta contra o Goiás segunda vitória

PORTO ALEGRE — A alegria dos jogadores do Internacional é tanta, depois de terem conseguido a primeira vitória no campeonato, quarta-feira, contra a Inter de Limeira, que o treinador Ênio Andrade tem uma única preocupação: evitar que a euforia atrapalhe. "Time que eu dirijo jamais vai entrar no *já ganhou*", anuncia o treinador. Até porque, hoje à tarde, muitos perigos rondam o Inter no jogo contra o Goiás, apesar de ser no Beira-Rio. O mais temível deles chama-se Túlio, um jovem centroavante que costuma conferir todas dentro da área.

Ênio Andrade e o preparador físico Gilberto Tim, na certa, terão mais condições de realizar um trabalho com mais tranqüilidade. A começar pelo uso mais intensivo na bola no treinamento, até mesmo nas sessões de exercícios físicos. E, aos poucos, Ênio tenta dar uma forma de jogar ao time bem ao seu estilo, com saídas de bola rápidas da defesa ao ataque e muita marcação. A volta de Letelier, na ponta direita, e a provável escalação de Edu, na ponta esquerda, devem dar mais velocidade ao ataque. Na zaga, há dúvida entre Zaballa ou Sandro Becker para jogar ao lado de Márcio Santos. O lateral direito Chiquinho cumpre suspensão automática. Em seu lugar, entra Célio.

Inter-RS: Maizena, Célio, Márcio Santos, Sandro Becker (Zaballa) e Ricardo; Caçapava, Luís Fernando e Paulinho Criciúma; Letelier, Hamilton e Edu. **Goiás:** Edurado; Marçal, Richard, Rubem Carlos e Lira; Wallace, Josué, Luvanor e Fagundes; Túlio e Niltinho **Local:** Beira Rio **Horário:** 17 horas **Juiz:** Pedro Carlos Bregalda (RJ).

Jurandir Silveira

Ênio quer muita marcação

Sergio Moraes — 01/05/89

Telê enfrenta hoje seu antigo time, agora com novo esquema de jogo

Coríntians inova na escalação para jogar contra a Portuguesa

SÃO PAULO — As diferenças não poderiam ser maiores entre Corintians e Portuguesa, protagonistas do clássico desta tarde, às 17h, no Pacaembu, pelo Campeonato Brasileiro. Animado com a invencibilidade de 10 jogos e a boa situação do time no torneio, o técnico Nelsinho resolveu inovar no jogo de hoje, escalando um zagueiro na lateral esquerda, para aproveitar o fato de o adversário não ter um ponta fixo. Do outro lado, cheio de problemas e ameaçado pelo rebaixamento, Leão faz mistério com a escalação da Portuguesa.

O Corintians foi definido ainda na sexta-feira, quando Nelsinho confirmou a entrada de Wilson Mano no lugar do lateral-esquerdo Jacenir. Wilson Mano terá a missão de acompanhar o atacante que cair do lado esquerdo da defesa corintiana, mas quando time tiver a bola, ele se desloca para o meio-campo, ajudando a liberar mais um jogador para o ataque. A Portuguesa segue à beira da crise. O técnico Leão poderá contar com a volta de Cristóvão no meio campo — o jogador sofreu fratura no nariz e atua com proteção no rosto. As dúvidas são entre Éder e Júnior, na lateral-esquerda, e entre Bentinho e Adil, no ataque.

Corintians: Ronaldo, Giba, Marcelo, Guinei e Wilson Mano; Márcio, Tupanzinho e Neto; Fabinho, Paulo Sérgio e Antonio Carlos. **Portuguesa:** Maurício; Betão, Fernando, Vladimir e Éder (Júnior); Capitão, Cristovão, Lê e Arnaldo; Vágner Mancini e Bentinho (Adil). **Local:** Pacaembu. **Horário:** 17h. **Juiz:** João Paulo Araújo.

Cruzeiro começa contra São José maratona de jogos

BELO HORIZONTE — Quando entrar em campo, hoje à tarde, para enfrentar a equipe do São José, às 17 horas, no Mineirão, o Cruzeiro estará iniciando uma maratona de nove jogos em apenas 28 dias, consequência da participação do clube em duas competições paralelas: o Campeonato Brasileiro e a Supercopa dos Campeões da Libertadores da América. Mais do que o adversário desta tarde, o que preocupa o técnico Carbone é o desgaste dos seus jogadores. "São duas competições difíceis, que exigem muito dos atletas".

Para tentar manter a liderança do grupo B, que divide com o Palmeiras — ambos com quatro pontos — o Cruzeiro será uma equipe ofensiva diante do São José, que promete uma forte retranca. Sem poder contar com o meia Luís Fernando, que cumprirá suspensão automática, Carbone optou pela volta ao sistema 4-3-3, com dois pontas especialistas: Heider e Édson, que volta ao time após realizar uma cirurgia dentária. Outra que volta é o lateral-direito Balu, recuperado de uma contusão, que o afastou da equipe por várias rodadas.

"Teoricamente é um jogo bom para a volta destes jogadores", comentou Carbone. Segundo ele, a situação do Cruzeiro permite algumas experiências.

O técnico Ademir Mello foi obrigado a alterar novamente o time do São José, que precisa desesperadamente de um resultado positivo para afastar a ameaça cada vez maior de rebaixamento para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro em 1991. O zagueiro Joãozinho torceu o tornozelo e será substituído por Bira.

O técnico Ademir Mello considera as constantes mudanças que tem sido obrigado a fazer, por problemas de contusão ou cartões, como uma das causas da irregularidade do São José. "Não é possível manter um padrão desse jeito", reclama. Ao mesmo tempo, aumentam as cobranças da torcida sobre o centroavante Viola, que não marcou nenhum gol desde sua contratação no final do primeiro turno. O jogador se defende dizendo que está atuando fora de sua verdadeira posição.

Carbone

Cruzeiro: Paulo César, Balu, Paulão, Adilson e Nonato; Ademir, Paulo Isidoro e Ramon; Heider, Luis Gustavo e Edson. **São José:** Luis Henrique, Marcelo, Leandro, Celso e Bira; Amauri, Henrique e Ângelo; Tita, Viola e Wanks. *Local:* Mineirão. *Horário:* 17h. **Juiz:** José Bocelin.

Santos enfrenta Bahia que joga sem Charles

SÃO PAULO — O Santos conta com a volta do centroavante Serginho no jogo de hoje, às 17 horas, com o Bahia, na Vila Belmiro, para manter a invencibilidade de 22 jogos no seu estádio. O técnico Pepe gostou do desempenho da equipe no empate de 0 a 0 com o Peñarol, quinta-feira, em Montevidéu, pela Supercopa Libertadores. E vai manter a mesma base. "A volta de Serginho é importante, porque ele impõe respeito ao adversário", disse o treinador.

Com uma vitória e um empate no segundo turno, o Santos começa a acreditar na classificação para a próxima fase do Campeonato Brasileiro. Segundo o treinador, os jogos em casa são importantes para reforçar a posição da equipe. "Eu sempre conscientizei o time de que, na Vila, o Santos tem a obrigação de se impor.

Machucado e cumprindo suspensão automática, o centro-avante Charles será o grande desfalque do Bahia. Luís Henrique — o outro jogador convocado para a seleção —, será deslocado para o comando do ataque. Com a ausência de Charles, o técnico Candinho teve de mexer na estrutura do time que vinha fazendo as últimas partidas.

Santos: Sérgio, Índio, Pedro Paulo, Luís Carlos e Flavinho; César Sampaio, Axel, Edu Marangon e Sérgio Manoel; Almir e Serginho (Mendonça). **Bahia:** Chico, Mailson, Jorginho, Wagner Basílio e Gléber; Paulo Rodrigues, Gil e Delacir; Naldinho, Luis Henrique e Marquinhos. **Local:** Vila Belmiro. **Horário:** 17h. **Juiz:** Silvio Luis Oliveira.

Bragantino acha que acaba com o último invicto

SÃO PAULO — O Bragantino confia no apoio da torcida e na sua boa fase para acabar com a invencibilidade do Atlético Mineiro no jogo de hoje, às 16 horas, no estádio Marcelo Stefani, em Bragança. A novidade do time é a volta de Ivair ao meio campo em lugar de Souza. O técnico Vanderlei Luxemburgo conversou muito com os jogadores para corrigir as falhas mostradas no empate contra a Portuguesa, há uma semana.

Com uma equipe bastante desfalcada, o Atlético Mineiro terá a difícil missão de manter sua invencibilidade diante do Bragantino. As ausências de titulares como Gérson, Moacir e Paulo Roberto (contundidos), além de Cléber e Ailton (suspensos), não diminui o entusiasmo dos jogadores atleticanos.

Bragantino: Marcelo; Gil Baiano, Júnior, Carlos Augusto e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair e Mazinho; Tiba, Barbosa e João Santos. **Atlético-MG:** Carlos; Carlão, Tobias, Toninho Carlos e Neto; Éder Lopes, Gilberto Costa e Marquinhos; Tato, Altair e Mauricinho (Edu). **Local:** Estádio Marcelo Stefani (SP). **Juiz:** Dalmo Bozzano.

Duelo tático no clássico motiva torcedor paulista

SÃO PAULO — O clássico entre São Paulo e Palmeiras, hoje, às 17h, no Morumbi, põe frente a frente, pela primeira vez, a teoria ofensiva de Telê Santana com a prudente cautela do seu ex-auxiliar Dudu, que o substituiu no time palmeirense. Telê deixou o Palmeiras no meio do primeiro turno, sem conseguir aplicar, na prática, suas teses de futebol ofensivo. Com Dudu, o time mudou a forma de jogar e conseguiu uma recuperação que o coloca na liderança do Grupo B.

Enquanto no campo o duelo de treinadores chama a atenção, nas arquibancadas o possível duelo das torcidas preocupa a Polícia Militar, que preparou esquema especial. "Não vamos tolerar a violência", garantiu o comandante do 2º BP Choque, coronel Edson Faroro.

São Paulo: Gilmar, Zé Teodoro, Ricardo Rocha (Antônio Carlos), Ronaldo e Leonardo; Bernardo, Cafu, Raí e Gilmar; Mário Tilico e Paulo César. **Palmeiras:** Veloso, Odair, Toninho (Aguirregaray), Eduardo e Dida; Júnior, Betinho e Ranieli; Jorginho, Careca e Erasmo (Marcelo). **Juiz:** José Aparecido de Oliveira.

Vitória precisa derrotar Inter na Fonte Nova

SALVADOR — É de crise profunda o ambiente no Vitória, que enfrenta, hoje, a Inter de Limeira, às 17 horas, na Fonte Nova. Depois de ficar invicto nos nove primeiros jogos da primeira fase do Campeonato Brasileiro, o time agora acumula três derrotas consecutivas. E, para piorar a situação, está com três titulares entregues ao departamento médico, e outros três em fase de recuperação.

Ainda revoltada com os erros de arbitragem na derrota do meio de semana para o Inter de Porto Alegre, a Internacional de Limeira tenta a reabilitação na partida de hoje. O técnico Valdemar Carabina decidiu deslocar Valdeni para a lateral-esquerda para cobrir a ausência de Pecos, que recebeu o terceiro cartão amarelo.

Vitória: Ronaldo, Jairo, Edson, Beto e Sérgio Alberto; Reginaldo (Tobi), Lino e Luís Carlos (Fernando Cruz); André Carpes (Catatau), Júnior e Roberto Gaúcho. **Inter-SP:** Silas; Mauro, Ricardo, Marco Antonio e Valdeni; Manguinha, Ribamar e Vanderlei; Formiga, Nando e Claudinho. **Local:** Fonte Nova. **Horário:** 17h. **Juiz:** José Oliveira Filho.

Um Fla-Flu com a promessa de jogo ofensivo

Juiz de Fora traz boas e más recordações — depende da torcida. O Fla-Flu, esta tarde, no Estádio Municipal, lembra o último confronto entre os dois times na cidade mineira, em que o Flamengo venceu o Fluminense por 5 a 0, ano passado. Enquanto os rubro-negros esperam resgatar o talento do final da época de ouro de Zico, os tricolores procuram esquecer os traumas de uma impiedosa goleada. De ambas as partes, a promessa é a mesma: atacar. "Não temos mesmo muito a perder. O negócio é arriscar", afirmou Edemilson, do Fluminense, amparado no ousado 4-2-4 do técnico Gilson Nunes.

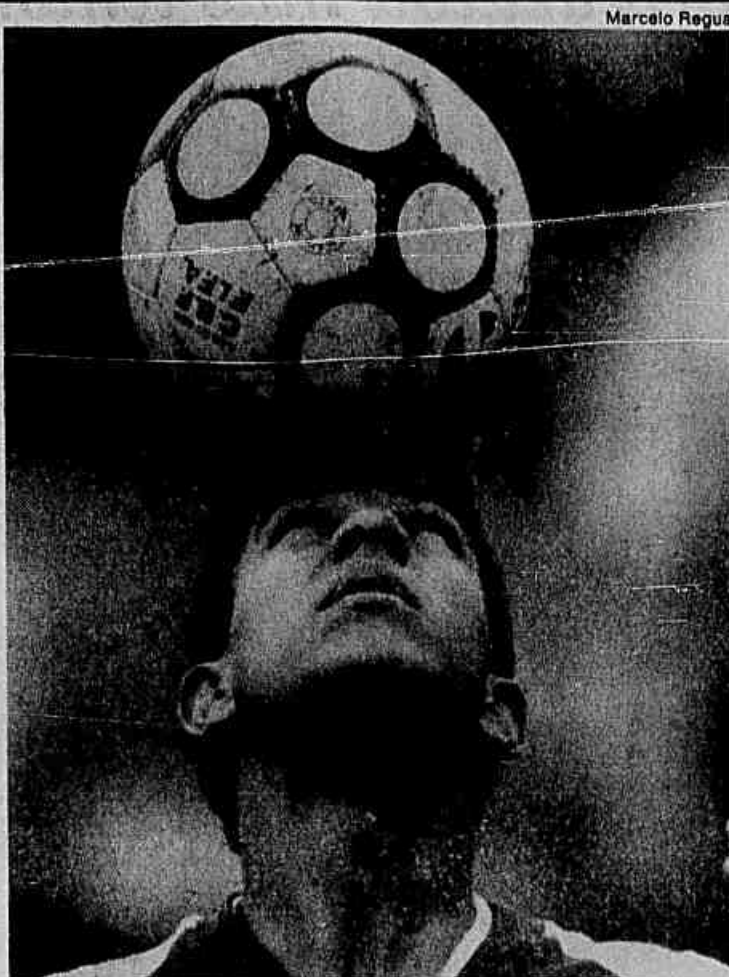
O Flamengo não tem tanto desespero. O time de Jair Pereira quer consolidar o começo da boa fase com uma vitória no clássico. "O Fla-Flu é sempre importante. Não há favoritos, mas precisamos da vitória", disse o treinador, com o cuidado de evitar brincadeiras sobre o mau momento do adversário. "Não serei eu que vou acirrar os ânimos deles." Ao contrário do Fluminense, o Flamengo tem acumulado bons resultados nas últimas partidas, o que deu aos jogadores mais tranqüilidade.

A maior prova de que para o Fluminense é tudo ou nada está no esquema traçado por Gilson Nunes. Indiferente à qualidade do adversário, sabe que precisa se lançar ao ataque para derrotar o Flamengo e começar a espantar a terrível sobra do rebaixamento que tem rondado as Laranjeiras nos últimos dias. "Precisamos vencer. Temos que ser ousados", afirmou o técnico, certo de que seu esquema dará resultado, apesar do ceticismo de alguns jogadores.

Macula e Dacroce, por exemplo, receiam que a vocação ofensiva de Denílson, Dedei, Edemilson e Rinaldo faça com que os sonhos de vitória reabilitadora se transformem em dura derrota. "Os companheiros têm que atacar, mas não podem esquecer de ajudar a povoar o meio-campo. O Flamengo não pode ter mais homens no setor", avisou Macula. Os jogadores rubro-negros esperam, sinceramente, que isso aconteça.

Flamengo	Fluminense
Zé Carlos 1	1 Ricardo Pinto
Ailton 2	4 Marquinhos
Fernando 6	3 Válber
Rogério 3	2 Torres
Piá 4	6 Luciano
Fabinho 8	5 Dacroce
Júnior 5	8 Macula
Djalma Dias 10	10 Edemilson
Zinho 11	7 Denílson
Renato 7	9 Dedei
Gaúcho 9	11 Rinaldo
Técnico: Jair Pereira	**Técnico:** Paulo Emílio

Local: Estádio Municipal de Juiz de Fora. **Horário:** 15h15. **Juiz:** José Roberto Wright. O jogo será transmitido pela Rede Bandeirantes e pelas rádios Tupi (1.280khz), Globo (1.220khz), Nacional (1.130khz), Capital (1.080khz), Tamoio (930khz).

Marcelo Regua

Djalma Dias se mira no exemplo do ídolo Zico

O novo Djalma Dias

Jovem camisa 10 abandona imagem de garotinho

Djalma não gosta de ser Djalminha — prefere Djalma Dias, nome herdado do pai, excelente zagueiro dos anos 60, que morreu de derrame há cinco meses. "Não quero ficar conhecido o resto de minha carreira como um Djalminha." A preocupação com o futuro é uma das características deste jovem de 19 anos, 1,76m, 66kg, que carrega nas costas o mesmo 10 que pertenceu a Zico. "Sempre joguei com esta camisa. Para mim é normal, é um hábito", confessa, bem-articulado, o meia que venceu o trauma rubro-negro — o fim da paranóica procura de um substituto para Zico acabou lhe beneficiando.

É a segunda vez que seu futebol é requisitado. Na primeira, no início do ano, com o técnico Valdir Espinoza, Djalma Dias não conseguiu se firmar. "Foi diferente. Estava no júnior e entrei no time de cima. Agora, com Jair Pereira, já treinava entre os profissionais. O ritmo era outro." Djalma não se considera titular absoluto. Ao contrário, entende que está em fase de afirmação. "Preciso mostrar muito mais." Contra o Náutico, pela Copa do Brasil, marcou seu primeiro gol na equipe e em grande estilo, livrando-se de três marcadores.

Gols sempre foram o forte de sua habilidosa perna esquerda. Foi artilheiro dos campeonatos de juvenil (1987) e juniores (1989), com 17 e 13 gols, respectivamente. "A diferença é grande entre jogar no profissional e nas divisões amadoras. No júnior, tínhamos um time forte, de muito conjunto. Agora, minha participação tem que ser maior e com mais objetividade, sem firulas." Djalma aprendeu com o pai a buscar a perfeição. "Gosto de observar grandes jogadores. De certa forma, sempre se assimila alguma coisa", diz, sem esconder a admiração por Pita, Maradona e, é claro, Zico.

"É um jogador que está crescendo e amadurecendo rapidamente", constata Júnior. Djalma Dias já começou a conquistar a admiração e o respeito dos companheiros. E a desfazer a imagem de garotinho, que espera ver definitivamente enterrada com o nome Djalminha.

JORNAL DO BRASIL

B CASA

Privacidade sem sair de casa

Há quem prefira piscinas às praias cariocas

ISABELLA VARGAS

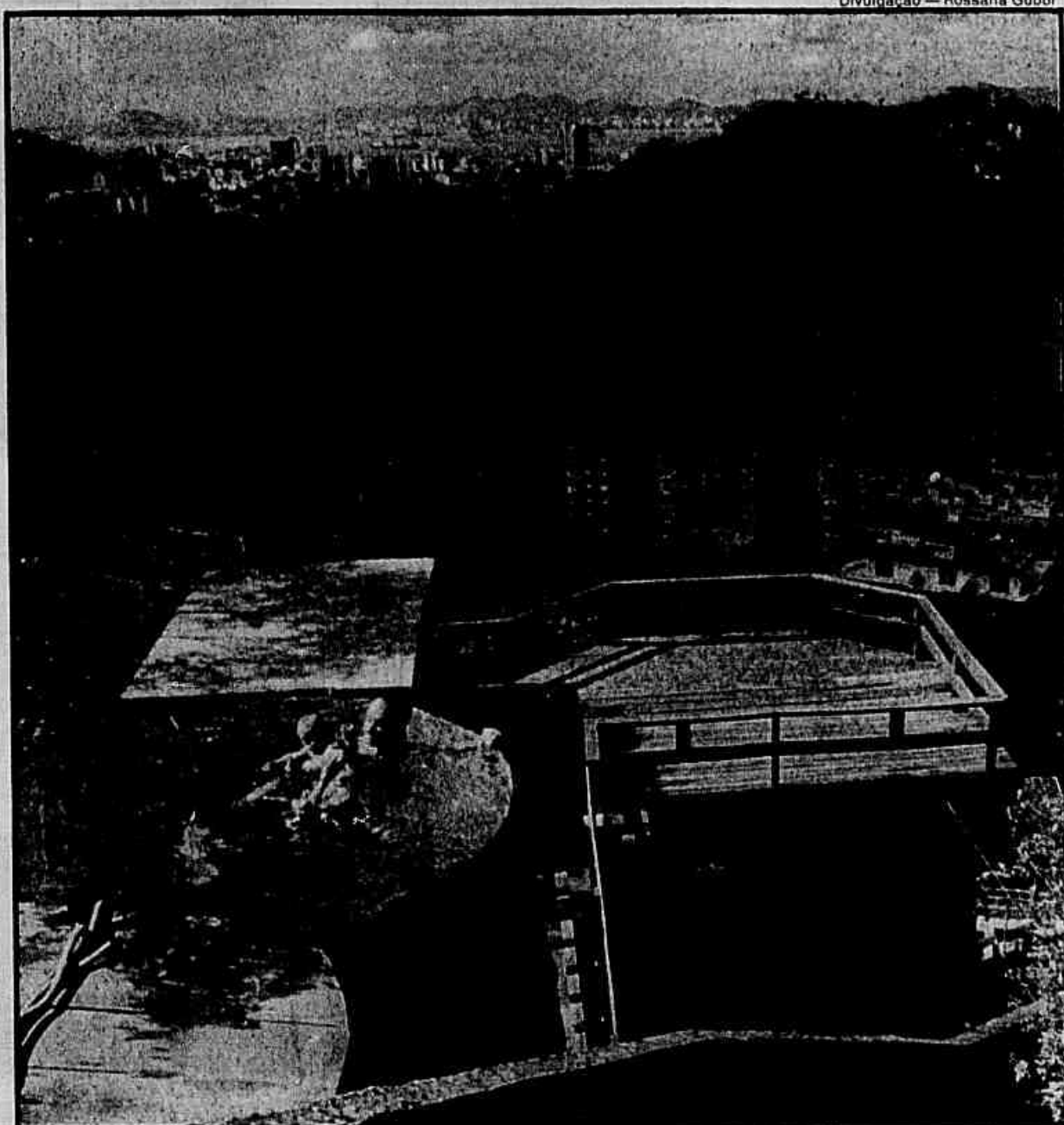
SOB um calor de 40°, ao invés de disputarem um micro-espaço na areia das praias lotadas do verão, os felizes possuidores de uma piscina tomam sol e se refrescam em águas limpas, com todo o conforto e privacidade do mundo. Não é só um tanque cheio de água. Quem tem piscina em casa costuma invariavelmente adaptar esse espaço ao seu modo de vida, gosto na decoração e visão do mundo. O arquiteto Paulo Casé, que detesta as piscinas de atletas, diz que "a piscina de lazer é preciso ser usada com sensibilidade, praticamente como um cenário para descansar". Pensando assim, atribui à dele fins terapêuticos. Sempre depois de correr e fazer exercícios, independente do tempo, o arquiteto mergulha na piscina da sua cobertura e quando vem à tona volta "um outro homem". Para Casé ter piscina em casa significa possuir um *spa* confinado. No verão, ele e a mulher, Guga, ficam até altas horas da noite no terraço. Casé acredita que a piscina de uma casa tem que ser integrada ao ambiente e por isso colocou a sua ao lado de um blindex, o que faz com que, quando iluminada, ela vire a vedete da casa. Em volta da piscina, o casal pôs muitas plantas, um *deck* de madeira, espreguiçadeiras e uma rede. "Acho também importante usar recursos como fontes, repuxos ou registros que valorizam o barulho da água e abafam os sons urbanos."

O cantor românticq Wando pensa um pouco diferente. Ele está começando a fazer obras em casa e no centro das reformas está sua piscina. Desde de que se mudou, há três anos, para um apartamento na Barra, Wando remodelou totalmente o *design* original da piscina, além de pôr pedras e um *deck* de madeira em volta. "A reforma tem o objetivo de fazer a piscina mais integrada ao ambiente", explica. Em matéria de recursos confortáveis, é difícil bater Wando. Sua piscina tem um equipamento de limpeza que se auto-regula, tratamento natural e sistema de aquecimento solar que esquenta a água quando está muito fria. Agora ele está planejando cobrir o terraço para poder usar a piscina o ano todo. "Com o vento noroeste, chuva, poeira, a gente perde muito o terraço", diz ele, acrescentando que vai cobrir com vidro a parte da piscina para não perder o sol, e, conforme a temperatura do dia, vai ligar o ar-condicionado ou o aquecedor. Piscina para Wando é para ser usada nos dias de sol e nas noites quentes: "É um sinônimo de relaxamento."

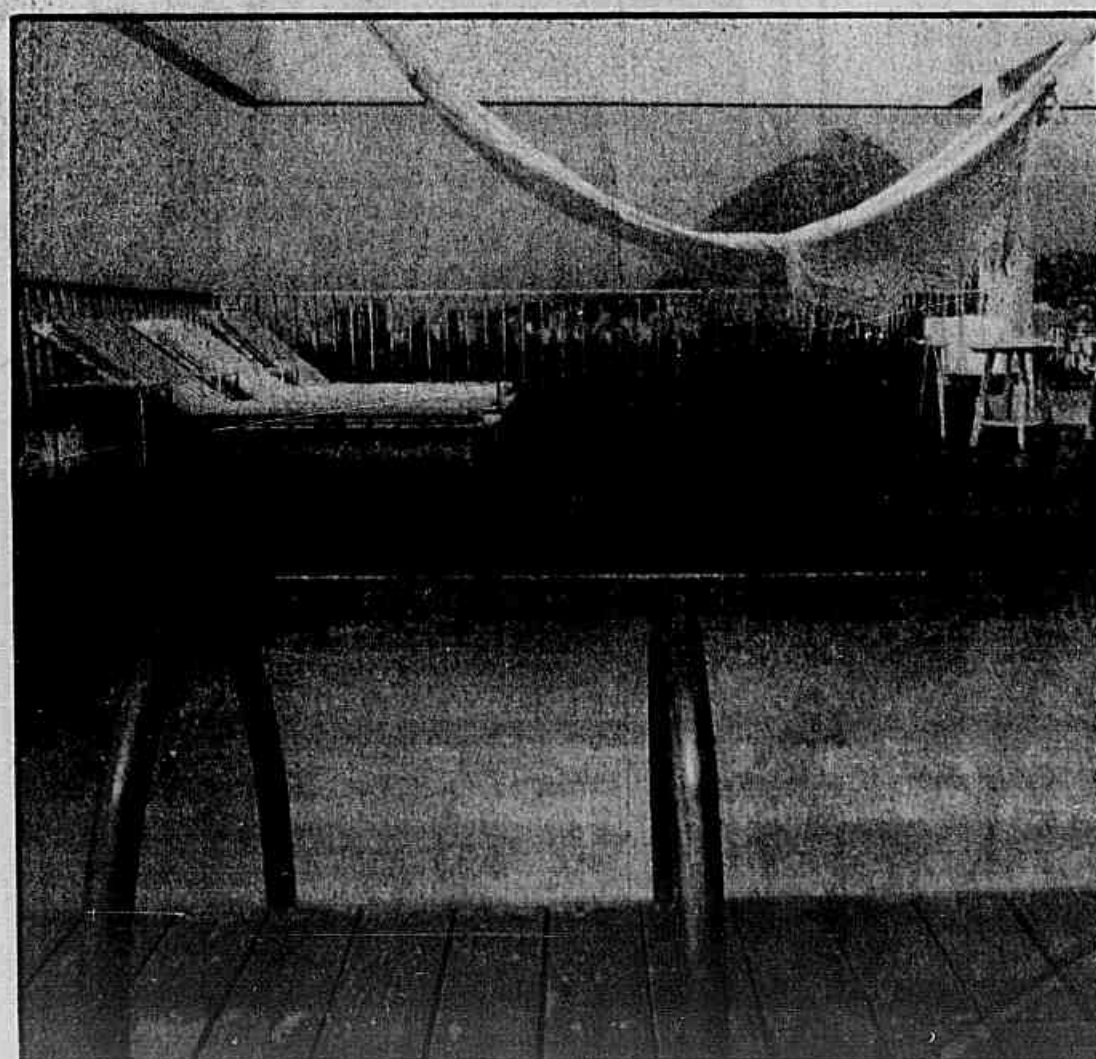
A arquiteta Kátia Serejo Genes também gosta de coisas originais. Em 85, ela e o marido construíram, em Laranjeiras, uma casa de madeira na pedra que ganhou o prêmio de melhor projeto residencial do IAB. Os dois queriam uma piscina também de madeira, não tradicional por causa do estilo da casa e que fosse ao mesmo tampo funda para que Kátia praticasse balé aquático. A solução para o problema é até agora inédita na cidade. Kátia e o marido descobriram numa fábrica de cachaça uma dorna em madeira — nome técnico do grande barril que armazena a bebida — e transportaram para a casa. A tampa da dorna foi deslocada, transformando-se num *deck*. Tratada de maneira comum, com equipamentos e produtos químicos, a piscina tem três metros de diâmetro, dois metros e setenta de profundidade e acesso pelas pedras. A vista do alto de Laranjeiras é maravilhosa, e a família usa a piscina sempre que pode, especialmente nas noites quentes.

Outra que tem piscina em casa para manter sua privacidade, sem dúvida impossível numa praia cheia de gente, a cantora Joanna comprou seu apartamento na Barra da Tijuca e a única condição que impôs era que tivesse uma piscina. A cantora reformou todo o apartamento, inclusive o terraço, a parte que mais curte na casa. Joanna elevou a piscina de forma que ficasse paralela ao bar que fica dentro de casa. "Ficou bem mais agradável. No verão, muitos amigos vêm para cá, as janelas que dão para o bar ficam abertas, e o acesso de bebidas e comidas é mais fácil", conta. Nos dias quentes, ela toma sol e se refresca de oito às onze e meia da manhã e nunca tem muito trabalho com a piscina: o sistema que usa é o mesmo do Wando, de autolimpeza e sem produtos químicos. Só tem que aspirar os resíduos, tarefa que um empregado do prédio faz diariamente.

■ Conheça as novidades e como manter sua piscina na página 7

Divulgação — Rossana Gubbi

A piscina da arquiteta Kátia Serejo Genes foi montada com a tampa de um barril de cachaça

Fotos de Tude Munhoz

A de Joanna, na Barra da Tijuca, fica perto do bar e é lá que a cantora recebe amigos

O arquiteto Paulo Casé diz que ter piscina em casa é como ter um spa confinado

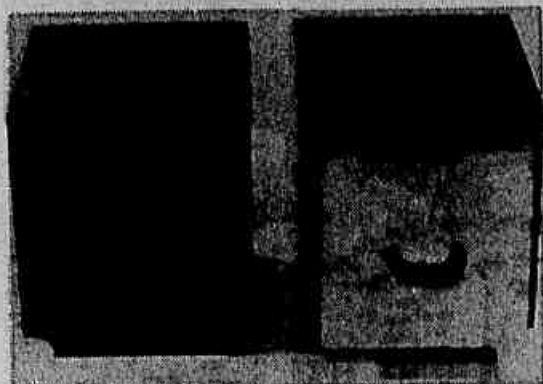
ACHADOS

Fotos José Roberto Serra

QUATRO *designers* paulistas lançam novidades numa loja no Leblon usando o ferro, a cerâmica e a madeira como materiais para objetos utilitários e decorativos. Uma seleção de lançamentos do quarteto:

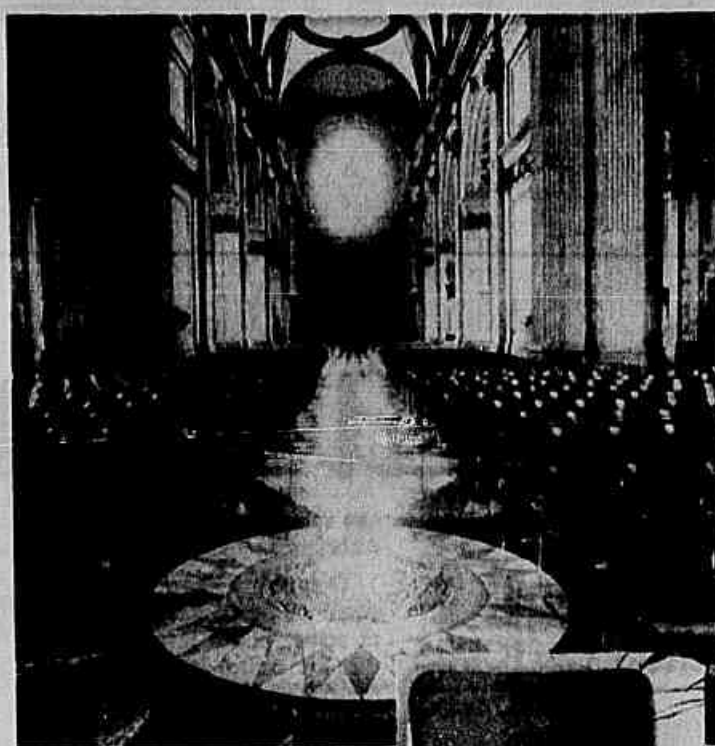
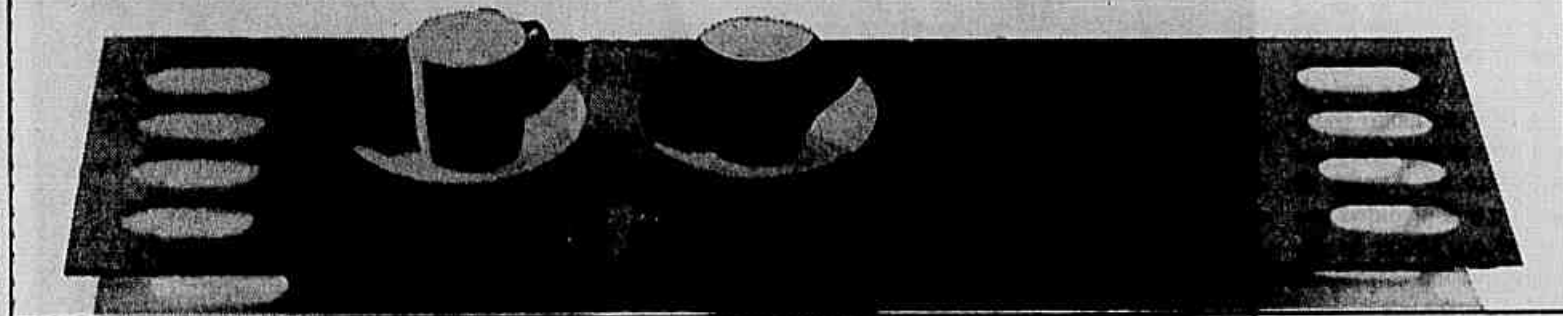
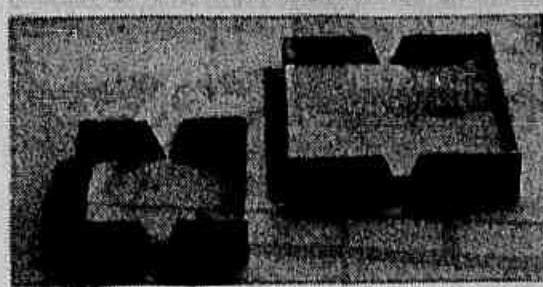
□ O conjunto para escritório é uma criação de Ari Lyra. Em ferro com pintura eletrostática e acabamento em pintura manchada. Os preços das peças variam entre Cr$ 2.640 e Cr$ 6.030.

□ Práticas e simples as caixas de madeira de Fulvio Nanni. A parte frontal é em rádica com pigmento de cores como salmão, cinza e azul. Em vários tamanhos, custam entre Cr$ 5.500 e Cr$ 8.900.

□ A ceramista Dora Weiner consegue uma bela textura nas peças de cerâmica tratadas com alta temperatura. A pintura com cores contrastantes é feita a mão. Os pratos podem ser encontrados a partir de Cr$ 4.950, e os vasos, a partir de Cr$ 6.800.

□ Uma sugestão do designer Vilson de Rocco para levar os guardanapos à mesa com classe e sofisticação: caixas em ferro cromado em dois tamanhos. A menor custa Cr$ 6.160, e a maior, Cr$ 7.040.

ONDE ENCONTRAR

Interni - Rua Bartolomeu Mitre, 325 - loja 116 - Leblon +

□ A simplicidade de linhas e o material, ferro com pintura eletrostática, são os destaques da bandeja assinada pelo **designer** Ari Lyra. O preço da bandeja é Cr$ 4.500, e as minixícaras nas cores preta e branca custam Cr$ 770, cada uma.

Meio século de sucesso

A Securit comemora os seus 50 anos com uma grande exposição na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil (Rua Pinheiro 10, Flamengo), a partir de amanhã. Em quatro segmentos, a exposição vai mostrar diversos produtos feitos com material da empresa. Há esculturas de Cacipore Torres, Emanel Araújo, Gilberto Salvador e Ione Saldanha feitas com aço; o primeiro automóvel fabricado no Brasil com carroceria Securit, o Romi — Isetta; um audiovisual assinado por Luigi Staville e móveis para escritórios produzidos na década de 40 e ainda em uso. Na linha de móveis, a vedete é a cadeira 40/4, criada pelo *designer* David Rowland. A cadeira, que faz parte do acervo dos museus de Artes Decorativas de Paris, de Arte Moderna de Nova Iorque e do Victoria and Albert de Londres, já recebeu vários prêmios importantes de *design* em Viena e em Milão. No Rio, ela pode ser comprada na Securit, na Avenida Rio Branco, 177/10º e é encontrada em mogno, louro e frejó. Os preços variam de acordo com o forro do assento e vão de Cr$ 7.000 a Cr$ 10.000.

A cadeira 40/4 na Saint Paul's Cathedral, pode ser encontrada no Rio

Como decorar com economia

O perfil do consumidor está mudando. Para saber comprar é preciso conhecer um pouco de estilo, materiais e tendências de decoração. Esse é o objetivo do curso ***Como economizar na decoração mantendo a qualidade e o visual***, coordenado pelo arquiteto Paulo Terra. Durante o curso, o aluno terá acesso aos materiais e produtos, além de indicações de onde encontrar materiais mais em conta. O programa é básico, com uma linguagem bastante acessível, não sendo necessário nenhum pré-requisito. Todas as aulas serão ilustradas com desenhos e *slides* para facilitar a assimilação dos tópicos que serão tratados. As oito aulas que compõem o curso abordarão temas como mobiliário funcional, reformas e aproveitamentos, ambientes conjugados até truques para economizar e materiais econômicos. O curso é aberto a todos os tipos de profissionais e donas-de-casa e será realizado no período de 22/10 a 01/11. As inscrições podem ser feitas no Forum de Ipanema - Rua Visconde de Pirajá, 351 - Pavimento P - salão A ou pelo telefone 259-9447 e 511-5417. O preço total é Cr$ 10.000, e as aulas avulsas custam Cr$ 1.800.

Zózimo

Condição

● *Segundo o* Le Figaro, *o Brasil não verá tão cedo a cor dos 2 bilhões de dólares prometidos como empréstimo pelo FMI.*

● *Afirma o jornal francês que o Fundo só entregará o dinheiro, já acertado com o governo brasileiro, depois que este chegar a um acordo com os bancos credores.*

• • •

● *Pelo andar da carruagem, no dia de São Nunca.*

■ ■ ■

Preju

● Sumiu misteriosamente sem deixar vestígios a enorme tapeçaria de Concessa Colaço que enfeitava o hall de entrada da Academia Brasileira de Letras.

● O presidente da Casa, Austregésilo de Athayde, está tiririca.

■ ■ ■

Paz e amor

● **Uma das próximas medidas do ministério da Justiça, agora sob a administração do senador Jarbas Passarinho, será a adoção de uma rigorosa legislação sobre o comércio de armas no país.**

● **É idéia do governo acabar com a facilidade de compra e venda de armas e aumentar substancialmente o controle de propriedade e porte.**

• • •

● **Será o início de uma grande campanha nacional de desarmamento a ser detonada no ano que vem.**

Mais uma

● *A Aeroflot soviética e a British Airways inglesa acabam de se associar na criação de uma nova companhia aérea — a Air Russia.*

● *A nova empresa, que a princípio voará internacionalmente apenas no hemisfério norte, começará a operar em 92.*

Bom exemplo

● O presidente do BNDES, Eduardo Modiano, passou a carregar no bolso, desde que foi publicado, um recente editorial do **The New York Times** sobre as dificuldades da privatização em todo o mundo.

● Exibe-o sempre que alguém se queixa da morosidade do processo de privatização brasileiro.

• • •

● No editorial, que afirma que é "demoniacamente difícil executar um processo de privatização", há uma informação que absolve os administradores brasileiros de qualquer acusação de lentidão.

● A Inglaterra, cuja operação de privatização foi a mais bem sucedida até hoje em todo o mundo, demorou mais de 10 anos para transferir do Estado para mãos particulares pouco mais de uma dúzia de empresas.

■ ■ ■

Carro perfeito

● *O carro de luxo da Toyota, o Lexus, está tirando o sono dos altos-comandos da Mercedes-Benz e do BMW.*

● *Todo eletrônico, de um luxo literalmente oriental, capaz de chegar à velocidade de 250 quilômetros por hora, o Lexus está sendo considerado o carro perfeito.*

● *Basta dizer que, em vendas nos Estados Unidos e na Europa, já passou este ano, pelo menos até agora, à frente dos dois concorrentes.*

● *Até pelo preço, já que o carro da Toyota custa 38 mil dólares.*

Ronaldo Zanon

Nos salões, Kiki Garavaglia e a embaixatriz Hortênsia do Nascimento Silva, filha e mãe

As 10 mais

● **Acaba de sair do forno uma pesquisa promovida nos Estados Unidos sobre as marcas mundiais de maior poder de imagem entre seis mil indicadas pelos organizadores.**

● **As 10 primeiras, escolhidas por 10 mil entrevistados, foram a Coca-Cola, Sony, Mercedes Benz, Kodak, Disney, Nestlé, Toyota, McDonalds, IBM e Pepsi.**

■ ■ ■

Show

● *O Teatro Zenith, um dos maiores e mais bem programados de Paris, abrirá amanhã as portas para receber mais um artista brasileiro.*

● *Cantará ali, em apresentação única, Gilberto Gil.*

■ ■ ■

Pobre bandeira

● Há dias, o supermercado Freeway lançou uma promoção curiosa.

● Quem comprasse seis rolos de papel higiênico ganhava uma bandeira nacional.

• • •

● Anteontem, na cena do sepultamento do senador, na novela **Araponga**, o caixão desceu à sepultura coberto pela bandeira nacional.

● Um pouquinho de informação não faria mal a ninguém.

● Em casos como o da cena, a bandeira é sempre retirada antes do sepultamento, dobrada e entregue a alguém da família.

■ ■ ■

Brigalhada

● **Já começou na Itália a brigalhada pela herança de Alberto Moravia.**

● **A família do morto entrou na Justiça contra a última mulher do falecido, Carmem Llera, a quem deveria caber metade dos bens deixados pelo escritor.**

● **Entende-se a brigalhada: Moravia deixou de herança 32 milhões de dólares.**

Paulo Jabur

Bebel Klabin, anfitriã do coquetel que movimentou o seu show-room *em Botafogo, com Antônia Mayrink Veiga Frering*

Rubem Monteiro

Em sociedade, Helô Guinle e a embaixatriz Yeda Assumpção

Mais um

● *A cadeia Holliday Inn está interessada em construir um hotel no Rio.*

● *Mais precisamente num terreno vizinho ao Aeroporto Internacional, na Ilha do Governador.*

Roda-Viva

● O presidente Fernando Collor recebeu na sexta-feira em Brasília um presente enviado do México pelo seu colega Carlos Salinas de Gortari: uma papeleira em miniatura.

● **Estará em Brasília nos dias 27 e 28 de novembro o ministro das Relações Exteriores da Tunísia, Habib Boulares.**

● O Colégio Santo Inácio convidando os ex-alunos para a sua festa anual, dia 27, com missa e jantar no claustro do colégio.

● **Estão sendo esperados no dia 22 em São Paulo, de onde virão para o Rio, os americanos Bucky Howard e Joseph Gimenez, ambos peças-chave do grupo Trump para a área de cassinos e internacional.**

● A jornalista Lucia Rito movimentará amanhã a noite do Rio com o lançamento, na Timbre, no shopping da Gávea, de seu livro **Fernanda Montenegro - o exercício da paixão**.

● **A ministra Zélia Cardoso de Mello estará no início de novembro em Santiago do Chile. Será recebida pelo presidente Patricio Aylwin.**

● O acadêmico Herberto Sales estará lançando mês que vem pela editora Melhoramentos o livro de memórias **Andanças pela Lembrança.**

● **O presidente Fernando Collor dará de presente ao presidente Mário Soares uma gravura do artista moderno brasileiro Vicente Kutka.**

● Helena Gondim, depois do lançamento do livro **Sociedade Brasileira**, dia 29, no Rio Palace, voará para um mês de descanso em Nova Iorque.

● **A partir de depois de amanhã, durante três terças-feiras, Denise Leyraud Guinle, estará dando um curso sobre pintura no século XVII na Casa de Cultura Laura Alvim.**

● É o ministro Ozires Silva quem representará o presidente Collor, esta semana, em Nova Iorque, na solenidade de entrega do prêmio às personalidades do ano.

● **Hero Ortemblad** reuniu **um grupo de amigas na sexta-feira para chá no Chá e Simpatia.**

● Metade da receita do grande leilão que a Receita Federal promoverá dias 24 e 25, em Niterói, reverterá para os cofres da LBA.

A força do dinheiro

● Mais do que irreverente, chegou a beirar a galhofa o tom com que a imprensa americana tratou da recente reunião da Internacional Socialista em Nova Iorque nos ultrasofisticados e elegantes salões do Waldorf Astoria — um dos mais ilustres templos do capitalismo visíveis em Manhattan.

• • •

● Desorganizada, sem saber ao certo quantos delegados receberia, a Internacional Socialista reservou um determinado número de quartos, posteriormente reduzido porque parte da numerosa família real saudita, hospedada no hotel, resolveu estender a sua permanência para além do inicialmente previsto.

● Entre respeitar as reservas para abrigar todos os socialistas e despejar os endinheirados sauditas, a direção do hotel não hesitou um segundo.

● Mandou os socialistas que ficaram sem quarto bater à porta de outros hotéis.

• • •

● Divertida de verdade, contudo, foi a explicação dada à imprensa sobre o fato pelo gerente de vendas do hotel, Bruce Watkins:

— Não existe nada de socialista em qualquer parte ou canto desse hotel. O Waldorf é, na verdade, uma tentativa diária de maximizar lucros. Tudo aqui é feito com o objetivo de ganhar dinheiro. Ora, há décadas que a família real saudita deixa aqui rios de dinheiro, pagos **cash**, rigorosamente em dia. Daí, a direção do hotel não ter tido a menor dificuldade em fazer a escolha, permitindo que os sauditas guardassem seus aposentos.

• • •

● Em miúdos, para o Waldorf, os socialistas que se lixem.

Sede

● Estavam secas as goelas dos convidados que movimentaram a festa de casamento de Renata Bonjean e Marquinhos Freire, no Itanhangá.

● Além de **scotch** e de vinho, consumiram-se nada menos de 19 caixas de **champagne** francês.

Mimo

● *O sultão de Brunei, o homem mais rico do mundo, dono de uma fortuna pessoal estimada em 25 bilhões de dólares, decidiu distribuir parte das riquezas de seu sultanato.*

● *A partir de 1º de novembro, cada criança que nascer em Brunei ganhará do governo uma conta em banco no valor de 10 mil dólares.*

● *A única condição imposta pelo sultão é a de que o beneficiado só saque a grana quando completar 18 anos.*

Curiosidade

● **O Diário Oficial que circulou na sexta-feira continha uma curiosidade.**

● **O decreto definindo a nova estrutura regimental do ministério da Agricultura.**

● **A curiosidade ficou por conta do artigo 4º, que revoga as disposições em contrário, "em especial as que se seguem".**

● **Abaixo, uma relação de 580 decretos anteriores anulados.**

• • •

● **A nova estrutura do ministério coube em oito linhas; as disposições revogadas, em quatro páginas.**

Zózimo Barrozo do Amaral e Fred Suter

B ROTEIRO

CINEMA

ESTRÉIAS

O ESTADO DAS COISAS *(Der stand der dinge)*, de Wim Wenders. Com Patrick Bauchau, Viva Auder, Isabelle Weingarten e Samuel Fuller. *Estação Botafogo/Sala 1* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 15h30, 17h40, 19h50, 22h. (14 anos).

Equipe de cinema trabalha num hotel em ruínas até que uma crise ameaça o filme, depois que o produtor desaparece com o material filmado. Alemanha/1982.

CORAÇÃO DE CAÇADOR *(White hunter, black heart)*, de Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Jeff Fahey, George Dzundza e Marisa Berenson. *Ópera-2* (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945), *Leblon-1* (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): 15h, 17h10, 19h20, 21h30. *Tijuca-Palace 2* (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).

Cineasta filma na África, mas sua atenção está voltada para a obsessão de caçar o enorme elefante africano. Baseado na história de Peter Viertel sobre as filmagens de *Uma aventura na África*, de John Huston. EUA/1990.

BLACK RAIN — A CORAGEM DE UMA RAÇA *(Kuroi ame)*, de Shohei Imamura. Com Yoshiko Tanaka, Kazuo Kitamura e Etsuko Ichihara. *Star-Ipanema* (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. *Bruni-Tijuca* (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-8975): 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos).

Família é surpreendida, numa barcaça, com a chuva radioativa que cai, em Hiroshima, no momento em que explode a primeira bomba atômica. Japão/1989.

A ÁRVORE DA MALDIÇÃO *(The guardian)*, de William Friedkin. Com Jenny Seagrove, Dwier Brown, Carey Lowell e Brad Hall. *Odeon* (Praça Mahatma Gandhi, 2 — 220-3835): 14h, 15h40, 17h20, 19h, 20h40. *São Luiz 2* (Rua do Catete, 307 — 285-2296), *Ópera-1* (Praia de Botafogo, 340 — 552-4945), *Copacabana* (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), *Leblon-2* (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. *Barra-2* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487), *América* (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246): 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (14 anos).

Terror. Casal contrata *baby-sitter* para cuidar do filho, mas descobre que a mulher esconde um terrível segredo. EUA/1990.

A CONVENÇÃO DAS BRUXAS *(The witches)*, de Nicolas Roeg. Com Anjelica Huston, Mai Zetterling, Jasen Fisher e Rowan Atkinson. *Palácio-2* (Rua do Passeio, 40 — 240-6541): 14h, 15h40, 17h20, 19h, 20h40. *São Luiz 1* (Rua do Catete, 307 — 285-2296), *Roxy* (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), *Rio-Sul* (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532): 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. *Tijuca-2* (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246), *Norte-Shopping 1* (Av. Suburbana, 5.474 — 592-9430): 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (Livre).

Garoto de nove anos, acostumado a ouvir histórias de terror, descobre que uma bruxa de verdade pretende acabar com todas as crianças tranformando-as em roedores. Inglaterra/1989.

JUGGERS — GLADIADORES DO FUTURO *(The salute of the jugger)*, de David Webb Peoples. Com Rutger Hauer, Joan Chen, Vincent Phillip D'Onofrio e Anna Katarina. *Art-Casashopping 3* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746), *Madureira-2* (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 450-1338), *Olaria* (Rua Uranos, 1.474 — 230-2666): 15h30, 17h20, 19h10, 21h. *Palácio-1* (Rua do Passeio, 40 — 240-6541): 13h40, 15h30, 17h20, 19h10, 21h. *Studio-Catete* (Rua do Catete, 228 — 205-7194), *Carioca* (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (14 anos).

Num mundo futuro, devastado por sucessivas guerras, gladiadores nômades praticam um tipo de jogo em que a violência é regra. EUA/1989.

CONTINUAÇÕES

A BARRIGA DO ARQUITETO *(The belly of an architect)*, de Peter Greenaway. Com Brian Dennehy, Lambert Wilson e Chloe Webb. *Estação Paissandu* (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653), *Ricamar* (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 15h30, 17h40, 19h50, 22h. (14 anos).

A realidade e a fantasia presentes na vida de um eminente arquiteto americano, que vai a Roma organizar uma exposição. Inglaterra/1987.

UMA CIDADE SEM PASSADO *(The nasty girl)*, de Michael Verhoeven. Com Lena Stolze, Monika Baumgartner, Michael Gahr e Fred Stillkrauth. *Art-Fashion Mall 3* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 15h, 16h45, 18h30, 20h15, 22h. *Art-Casashopping 1* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): 15h45, 17h30, 19h15, 21h. *Star-Copacabana* (Rua Barata Ribeiro, 502/C): 14h30, 16h20, 18h10, 20h, 22h. (10 anos).

Estudante pesquisa a participação de sua cidade durante o III Reich, mas não consegue ajuda dos vizinhos e resolve retomar o tema, anos mais tarde, mesmo enfrentando todos os riscos. Alemanha/1989.

VINGANÇA INFERNAL *(Blue heat)*, de John Mackenzie. Com Brian Dennehy, Joe Pantoliano, Jeff Fahey e Bill Paxton. *Ramos* (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

Policial investiga uma importante conexão do tráfico de drogas e descobre que a polícia e o sistema judiciário estão por trás da operação. EUA/1990.

UMA CRIANÇA POR TESTEMUNHA *(Cohen & Tate)*, de Eric Red. Com Roy Scheider, Adam Baldwin, Harley Cross e Cooper Huckabee. *Studio-Copacabana* (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (14 anos).

Garoto de nove anos testemunha um crime e precisa usar de esperteza para escapar dos matadores profissionais, que o seqüestram depois de matar seus pais. EUA/1989.

O VINGADOR DO FUTURO *(Total recall)*, de Paul Verhoeven. Com Arnold Schwarzenegger, Rachel Ticotin, Sharon Stone e Ronny Cox. *Art-Copacabana* (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), *Art-Fashion Mall 2* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): de 2ª a 6ª, às 15h20, 17h30, 19h40, 21h50. Sábado e domingo, a partir das 13h10. *Art-Casashopping 2* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746), *Art-Tijuca* (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. *Art-Madureira 1* (Shopping Center de Madureira — 390-1827): 14h45, 16h55, 19h05, 21h15. *Art-Madureira 2* (Shopping Center de Madureira — 390-1827): de 2ª a 6ª, às 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. Sábado e domingo, a partir das 16h20. *Pathé* (Praça Floriano, 45 — 220-3135): de 2ª a 6ª, às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. *Paratodos* (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

No ano de 2.084, trabalhador da construção civil é perseguido por sonhos estranhos e viaja até Marte para confrontar-se com seu mistério. EUA/1990.

CONSELHO DE FAMÍLIA *(Conseil de famille)*, de Costa-Gavras. Com Fanny Ardant, Johnny Halliday, Guy Marchand e Laurent Romor. *Estação Botafogo/Sala 3* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 17h30, 19h30, 21h30. Até terça. (10 anos).

Depois de cumprir pena de cinco anos, pai de família pretende continuar a carreira de assaltante, mas é questionado pelos filhos que descobrem a verdade sobre sua profissão. França/1986.

DIAS DE TROVÃO *(Days of thunder)*, Tony Scott. Com Tom Cruise, Robert Duvall, Randy Quaid e Nicole Kidman. *Metro Boavista* (Rua do Passeio, 62 — 240-1291): 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. *Largo do Machado 1* (Largo do Machado, 29 — 205-6842), *Condor Copacabana* (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

Audacioso piloto arrisca a vida nas pistas de corrida até sofrer um sério acidente que o faz repensar a vida. EUA/1990.

GREMLINS 2 — A NOVA GERAÇÃO *(Gremlins 2, the new batch)*, de Joe Dante. Com Zach Galligan, Phoebe Cates, John Glover e Robert Prosky. *Barra-1* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. *Art-Méier* (Rua Silva Rabelo, 20 — 249-4544), *Campo Grande* (Rua Campo Grande, 880 — 394-4452): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).

Cômicos e bizarros, os novos Gremlins provocam anarquia total num gigantesco prédio de Nova Iorque. EUA/1990.

AS TARTARUGAS NINJAS *(Teenage mutant ninja turtles)*, de Steve Barron. Com Judith Hoag, Elias Koteas, Josh Pais e Michelan Sisti. *Tijuca-1* (Rua Conde de Bonfim, 422 — 264-5246): 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. *Largo do Machado 2* (Largo do Machado, 29 — 205-6842): 14h30, 16h10, 17h50, 19h30, 21h10. *Madureira-3* (Rua João Vicente, 15 — 593-2146), *Norte-Shopping 2* (Av. Suburbana, 5.474 — 592-9430): 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (Livre).

Quatro tartarugas assumem posturas humanas e tornam-se mestres em artes marciais depois de caírem num bueiro radioativo. EUA/1990.

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA *(Akira Kurosawa's dreams)*, de Akira Kurosawa. Com Akira Terao, Martin Scorsese, Masayuki Yui e Tessho Yamashita. *Cinema-1* (Av. Prado Júnior, 281 — 295-2889): 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (Livre).

Filme dividido em pequenos episódios, que revelam as visões particulares dos sonhos do diretor. EUA/1990.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS *(Dead poets society)*, de Peter Weir. Com Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke e Josh Charles. *Jóia* (Av. Copacabana, 680 — 255-7121): 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (10 anos).

Numa escola conservadora, professor de literatura estimula o inconformismo dos alunos, mas essa nova postura cria inúmeros conflitos. Oscar de melhor roteiro original. EUA/1989.

UM MORTO MUITO LOUCO *(Weekend at Bernie's)*, de Ted Kotcheff. Com Andrew McCarthy, Jonathan Silverman, Catherine Mary Stewart e Terry Kiser. *Art-Fashion Mall 1* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): 16h30, 18h20, 20h10, 22h. (Livre).

Ação, romance e morte acontecem quando dois empregados de uma grande companhia vão passar o fim-de-semana com o patrão. EUA/1990.

UMA LINDA MULHER *(Pretty woman)*, de Garry Marshall. Com Richard Gere, Julia Roberts, Ralph Bellamy e Laura San Giacomo. *Tijuca-Palace 1* (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610), *Madureira-1* (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 450-1338): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (10 anos).

Magnata contrata prostituta para passar uma semana com ela, mas o encontro acaba por mudar a vida dos dois. EUA/1990.

TE AMAREI ATÉ TE MATAR *(I love you to death)*, de Lawrence Kasdan. Com Kevin Kline, Joan Plowright, William Hurt e River Phoenix. *Art-Fashion Mall 4* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): de 2ª a 6ª, às 16h30, 18h20, 20h10, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h40. (10 anos).

Comédia. Homem casado vive várias aventuras fora do casamento, até que a mulher descobre e arquiteta um plano para matá-lo. EUA/1990.

REAPRESENTAÇÕES

BERNARDO E BIANCA *(The rescuers)*, desenho animado de Wolfgang Reitherman, John Lounsbery e Art Stevens. Produção de Walt Disney. *Cândido Mendes* (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7295): de 4ª a 6ª, às 16h. Sábado e domingo, às 14h e 16h. (Livre).

Dois ratinhos tentam salvar pequena órfã seqüestrada por uma megera, que pretende apoderar-se do maior diamante do mundo. EUA/1977.

SPLENDOR *(Splendor)*, de Ettore Scola. Com Marcello Mastroianni, Massimo Troisi e Marina Vlady. *Cândido Mendes* (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7295): 18h, 20h, 22h. (Livre).

O auge e a decadência de um cinema, numa pequena cidade italiana, e o cotidiano das pessoas envolvidas na sua história. Itália/1989.

TENTAÇÃO PERIGOSA *(Impulse)*, de Sondra Locke. Com Theresa Russell, Jeff Fahey e George Dzundza. *Lagoa Drive-In* (Av. Borges de Medeiros, 1.426 — 274-7999): 20h30, 22h30. Último dia. (14 anos).

Policial da divisão de narcóticos acaba envolvida como suspeita no caso que tenta desvendar, depois que uma testemunha é assassinada. EUA/1989.

AS NOITES DE LUA CHEIA *(Les nuits de la pleine lune)*, de Eric Rohmer. Com Pascale Ogier, Fabrice Luchini e Tchekay Karyo. *Estação Botafogo/Sala 2* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): 19h, 21h.

Mulher, cheia de problemas, não suporta ser amada demais nem viver sem amor. Da série *Comédias e provérbios*. França/1984.

LUA DE CRISTAL *(Brasileiro)*, de Tizuka Yamasaki. Com Xuxa, Sérgio Mallandro, Rubens Corrêa, Júlia Lemmertz e Marilu Bueno. *Art-Fashion Mall 1* (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258): sábado e domingo, às 14h50. *Art-Casashopping 1* (Av. Alvorada, Via 11, 2.150 — 325-0746): sábado e domingo, às 14h. *Art-Madureira 2* (Shopping Center de Madureira — 390-1827): sábado e domingo, às 14h40. (Livre).

Garota do interior vem para a cidade grande com o sonho de tornar-se cantora, mas sofre muito até encontrar seu príncipe encantado. Produção de 1990.

FANTASIA *(Fantasy)*, desenho animado de Walt Disney. *Veneza* (Av. Pasteur, 184 — 295-8349): 15h, 17h10, 19h20, 21h30. *Barra-3* (Av. das Américas, 4.666 — 325-6487): 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).

Desenho aminado sincronizado com músicas clássicas de Bach, Tchaikovsky, Stravinsky e Beethoven. EUA/1940.

EXTRA

CASANOVA E A REVOLUÇÃO *(La nuit de Varennes)*, de Ettore Scola. Com Marcello Mastroianni, Jean-Louis Barrault e Hanna Schygulla. Hoje, às 17h, no *Cineclube Jean Renoir*, Rua Jacinto, 7. (14 anos).

Baseado num episódio da história francesa — a tentativa de fuga da família real — o filme mostra as idéias, as origens e as conseqüências da Revolução de 1789. Itália/França/1982.

O MÉDICO DE STALINGRADO *(Der arzt von Stalingrad)*, de Geza Radvanyi. Com O. E. Hasse, Eva Bartok, Hannes Messemer e Mario Adorf. Hoje, às 19h, no *Cineclube Jean Renoir*, Rua Jacinto, 7.

Ao final da guerra, num campo russo, médico do exército alemão dedica-se a superar os problemas e o tenso relacionamento entre os prisioneiros. Alemanha/1957.

MOSTRAS

PEQUENA VIAGEM À ÍNDIA — Hoje: *De repente, um dia (Ek din achanak)*, de Mrinal Sen. Com Sreeram Lagoo, Shabana Azmi e Aparna Sen. *Centro Cultural Banco do Brasil* (Rua 1º de Março, 66): 18h30, 20h30. Legendas em inglês. Entrada franca com distribuição de senhas 1h antes da sessão.

Professor aposentado desaparece misteriosamente mas, através das lembranças, revela-se sua personalidade e ele torna-se cada vez mais presente. Índia/1988.

PEQUENA VIAGEM À ÍNDIA — Hoje: *Sati (Sati)*, de Aparna Sen. Com Shabana Azmi, Kali Banerjee e Pradip Mukherjee. *Centro Cultural Banco do Brasil* (Rua 1º de Março, 66): 16h. Com legendas em inglês. Entrada franca com distribuição de senhas 1h antes da sessão. Índia/1988.

MOSTRA DE ANIMAÇÃO SOVIÉTICA CONTEMPORÂNEA (IV) — Hoje: *Os vizinhos (Gluzkie)*, de T. Davlachvile, *Carrossel alegre nº 3 (Veselaia karousel nº 3)*, de Anatoli Petrov, *Quem é o dono da floresta? (Kito v lecy chozialn?)*, de M. Gladkova, *Os cossacos campeões olímpicos (Kak kazaki olimpiami stali)*, de I. Mazera, *O elefante amarelo (Chelti slon)*, de G. Kovrov, *A história da dor de dente (Zubnaia bil)*, de Vladimir Dakhno e *Como um patinho músico se tornou futebolista (Kak utenok-musikant stal futebolistom)*, de K. Antonov. *Cinemateca do MAM* (Av. Beira-Mar, s/nº): 16h30. Narrados em português.

CENTENÁRIO DE FRITZ LANG (V) — Hoje: *Depois da tempestade (Das wandernde bild)*, de Fritz Lang. Com Mia May, Hans Marr e Rudolf Klein-Rogge. *Cinemateca do MAM* (Av. Beira-Mar, s/nº): 18h30. Alemanha/1920.

CENTENÁRIO DE FRITZ LANG (VI) — Hoje: *Pode o amor mais que a morte? (Der mude tod)*, de Fritz Lang. Com Lil Dagover, Walter Janssen e Bernhard Goetzke. *Cinemateca do MAM* (Av. Beira-Mar, s/nº): 20h30.

O filme narra, em três momentos históricos diferentes, a importância da morte diante de jovens apaixonados. Alemanha/1921

PERTO DE VOCÊ

SHOPPINGS

ART-CASASHOPPING 1 — *Lua de cristal*: sábado e domingo, às 14h. (Livre). *Uma cidade sem passado*: 15h45, 17h30, 19h15, 21h. (10 anos).

ART-CASASHOPPING 2 — *O vingador do futuro*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (14 anos).

ART-CASASHOPPING 3 — *Juggers — Gladiadores do futuro*: 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (14 anos).

ART-FASHION MALL 1 — *Lua de cristal*: sábado e domingo, às 14h50. (Livre). *Um morto muito louco*: 16h30, 18h20, 20h10, 22h. (Livre).

ART-FASHION MALL 2 — *O vingador do futuro*: de 2ª a 6ª, às 15h20, 17h30, 19h40, 21h50. Sábado e domingo, a partir das 13h10. (14 anos).

ART-FASHION MALL 3 — *Uma cidade sem passado*: 15h, 16h45, 18h30, 20h15, 22h. (10 anos).

ART-FASHION MALL 4 — *Te amarei até te matar*: de 2ª a 6ª, às 16h30, 18h20, 20h10, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h40. (10 anos).

BARRA-1 — *Gremlins 2 — A nova geração*: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (Livre).

BARRA-2 — *A árvaore da maldição*: 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (14 anos).

BARRA-3 — *Fantasia*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).

NORTE SHOPPING 1 — *A convenção das bruxas*: 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (Livre).

NORTE SHOPPING 2 — *As tartarugas ninjas*: 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (Livre).

RIO-SUL — *A convenção das bruxas*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (Livre).

COPACABANA

ART-COPACABANA — *O vingador do futuro*: de 2ª a 6ª, às 15h20, 17h30, 19h40, 21h50. Sábado e domingo, a partir das 13h10. (14 anos).

CINEMA-1 — *Sonhos de Akira Kurosawa*: 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (Livre).

CONDOR COPACABANA — *Dias de trovão*: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

COPACABANA — *A árvore da maldição*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (14 anos).

JÓIA — *Sociedade dos poetas mortos*: 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. (10 anos).

RICAMAR — *A barriga do arquiteto*: 15h30, 17h40, 19h50, 22h. (14 anos).

ROXY — *A convenção das bruxas*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (Livre).

STAR-COPACABANA — *Uma cidade sem passado*: 14h30, 16h20, 18h10, 20h, 22h. (10 anos).

STUDIO-COPACABANA — *Uma criança por testemunha*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (14 anos).

IPANEMA/LEBLON

CÂNDIDO MENDES — *Bernardo e Bianca*: de 4ª a 6ª, às 16h. Sábado e domingo, às 14h, 16h. (Livre). *Splendor*: 18h, 20h, 22h. (Livre).

LAGOA DRIVE-IN — *Tentação perigosa*: 20h30, 22h30. (14 anos).

LEBLON-1 — *Coração de caçador*: 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (Livre).

LEBLON-2 — *A árvore da maldição*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (14 anos).

STAR-IPANEMA — *Black rain — A coragem de uma raça*: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (10 anos).

BOTAFOGO

BOTAFOGO — *Castelo dos prazeres e Sexo livre*: de 2ª a 6ª, às 14h, 16h40, 19h20. Sábado e domingo, às 15h, 17h40, 19h10. (18 anos).

ESTAÇÃO 1 — *O estado das coisas*: 15h30, 17h40, 19h50, 22h. (14 anos).

ESTAÇÃO 2 — *As noites de lua cheia*: 19h, 21h.

ESTAÇÃO 3 — *Conselho de família*: 17h30, 19h30, 21h30. (10 anos).

ÓPERA-1 — *A árvore da maldição*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (14 anos).

ÓPERA-2 — *Coração de caçador*: 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (Livre).

VENEZA — *Fantasia*: 15h, 17h10, 19h20, 21h30. (Livre).

CATETE/FLAMENGO

ESTAÇÃO PAISSANDU — *A barriga do arquiteto*: 15h30, 17h40, 19h50, 22h. (14 anos).

LARGO DO MACHADO 1 — *Dias de trovão*: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre).

LARGO DO MACHADO 2 — *As tartarugas ninjas*: 14h30, 16h10, 17h50, 19h30, 21h10. (Livre).

SÃO LUIZ 1 — *A convenção das bruxas*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (Livre).

SÃO LUIZ 2 — *A árvore da maldição*: 14h50, 16h30, 18h10, 19h50, 21h30. (14 anos).

STUDIO-CATETE — *Juggers — Gladiadores do futuro*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (14 anos).

CENTRO

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL — Ver a programação em *Mostras*.

CINEMATECA DO MAM — Ver a programação em *Mostras*.

METRO BOAVISTA — *Dias de trovão*: 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30. (Livre).

ODEON — *A árvore da maldição*: 14h, 15h40, 17h20, 19h, 20h40. (14 anos).

PALÁCIO-1 — *Juggers — Gladiadores do futuro*: 13h40, 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (14 anos).

PALÁCIO-2 — *A convenção das bruxas*: 14h, 15h40, 17h20, 19h, 20h40. (Livre).

PATHÉ — *O vingador do futuro*: de 2ª a 6ª, às 12h, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Sábado e domingo, a partir das 14h. (14 anos).

REX — *Lollypop e Penetrações*: de 2ª a 6ª, às 13h, 15h45, 18h35. Sábado e domingo, às 14h30, 17h15, 18h50. (18 anos).

VITÓRIA — *Em busca dos prazeres perdidos*: de 2ª a 6ª, às 13h30, 15h, 16h30, 18h, 19h30, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h. (18 anos).

TIJUCA

AMÉRICA — *A árvore da maldição*: 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (14 anos)

ART-TIJUCA — *O vingador do futuro*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (14 anos).

BRUNI-TIJUCA — *Black rain — A coragem de uma raça*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos).

CARIOCA — *Juggers — Gladiadores do futuro*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (14 anos).

TIJUCA-1 — *As tartarugas ninjas*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (Livre).

TIJUCA-2 — *A convenção das bruxas*: 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (Livre).

TIJUCA-PALACE 1 — *Uma linda mulher*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (10 anos).

TIJUCA-PALACE 2 — *Coração de caçador*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).

MÉIER

ART-MÉIER — *Gremlins 2 — A nova geração*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).

BRUNI-MÉIER — *Contra o império do vício*: 15h, 16h30, 18h, 19h30, 21h. (16 anos).

PARATODOS — *O vingador do futuro*: 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

RAMOS/OLARIA

RAMOS — *Vingança infernal*: 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

OLARIA — *Juggers — Gladiadores do futuro*: 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (14 anos).

MADUREIRA/ JACAREPAGUÁ

ART-MADUREIRA 1 — *O vingador do futuro*: 14h45, 16h55, 19h05, 21h15. (14 anos).

ART-MADUREIRA 2 — *Lua de cristal*: sábado e domingo, às 14h40. (Livre). (Livre). *O vingador do futuro*: de 2ª a 6ª, às 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. Sábado e domingo, a partir das 16h20. (14 anos).

MADUREIRA-1 — *Uma linda mulher*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (10 anos).

MADUREIRA-2 — *Juggers — Gladiadores do futuro*: 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (14 anos).

MADUREIRA-3 — *As tartarugas ninjas*: 15h30, 17h20, 19h10, 21h. (Livre).

CAMPO GRANDE

CAMPO GRANDE — *Gremlins — A nova geração*: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).

NITERÓI

CENTER — *Coração de caçador*: 14h30, 16h40, 18h50, 21h. (Livre).

CENTRAL — *Juggers — Gladiadores do futuro*: 14h10, 16h, 17h50, 19h40, 21h30. (14 anos).

CINEMA-1 — *Black rain — A coragem de uma raça*: 15h, 17h, 19h, 21h. (10 anos).

ICARAÍ — *A convenção das bruxas*: 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (Livre).

NITERÓI — *A árvore da maldição*: 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (14 anos).

NITERÓI SHOPPING 1 — *Bagdad Cafe*: 14h30, 16h10, 17h50, 19h30, 21h10. (Livre).

NITERÓI SHOPPING 2 — *O vingador do futuro*: 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

WINDSOR — *O vingador do futuro*: 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

SÃO GONÇALO

STAR-SÃO GONÇALO — *O vingador do futuro*: 15h, 17h, 19h, 21h. (14 anos).

TAMOIO — *Violentadores de meninas virgens*: 15h, 18h, 21h. (18 anos). *O sócio do silêncio*: 16h30, 19h30. (14 anos).

B ROTEIRO

CRIANÇAS

O REI ARTUR E OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA — Texto e direção de Celso Lemos. Com Carla Marins, Edson Fieschi e outros. *Teatro Ipanema*, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 500.

ESFIHA — UMA GÊNIA DA PESADA — Texto de Fátima Valença. Direção de Bernardo Jablonski. *Teatro Vanucci*, Rua Marquês de São Vicente, 52 (274-7296). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 600.

PETER PAN — Texto de Sura Berditchevsky e Neuza Caribé. Direção de Sura Berditchevsky. Músicas de Edu Lobo. *Teatro Villa-Lobos*, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb., às 17h; e dom., às 16h. *Excepcionalmente, hoje, às 16h e 18h.* Ingressos a Cr$ 600.

O CAVALINHO AZUL — Texto e direção de Maria Clara Machado. *Teatro Tablado*, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Sáb. e dom., às 16h e 17h30. Ingressos a Cr$ 500.

BABALU — Texto de Denise Crispum. Direção de Carina Cooper. Com Guida Viana, Bel Kutner e Felipe Martins. *Teatro Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 500.

CINDERELA — Musical de José Wilker. Direção de Eduardo Martini. Com Élida L'Astorina. *Teatro Clara Nunes*, Rua Marques de São Vicente, 53 (274-9696). Sáb., às 17h; e dom., às 16h30. Ingressos a Cr$ 600.

O GAROTO QUE VIROU TELEVISÃO — Texto e direção de Marcelo Silveira. *Teatro da Cidade*, Av. Epitácio Pessoa, 1.664 (242-3292). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 500.

MUITA MENTIRA PARA NÃO SER VERDADE — Texto e direção de Theotonio de Paiva. *Teatro Benjamin Constant*, Av. Pasteur, 350 (295-3448). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 500.

A ÁRVORE QUE FUGIU DO QUINTAL — Baseada no livro de Álvaro Ottoni de Menezes. Adaptação de Ricardo Hofstatter. Direção de Isaac Bernat. *Teatro Benjamin Constant*, Av. Pasteur, 350 (295-3448). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 450.

A MENINA SEM NOME — Texto de Guilherme Figueiredo. Direção de Clenyr Campos. Com o grupo Rebento. *Teatro Dulcina*, Rua Alcindo Guanabara, 24 (240-4879). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 300. Até 28 de outubro.

O MISTÉRIO DO BOLO — Texto de Leila Carvalho e Josué Soares. Direção de Josué Soares. *Teatro Sesc Madureira*, Rua Ewbank da Câmara, 90 (350-9433). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 300.

KALIMADÚ — A ESPERANÇA MÁGICA — Texto de Carlos Henrique Casanova. Direção de Neyde Lyra. *Teatro Barrashopping*, Av. das Américas, 4.666 (325-5844). Sáb. e dom., às 16h e 17h30. Ingressos a Cr$ 600. Até 28 de outubro.

APENAS UM CONTO DE FADAS — Musical de Eduardo Tolentino. Direção de Fernando Carrera. *Teatro Vannucci*, Rua Marquês de S. Vicente, 52 (239-8545). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 600.

MEIA VOLTA VOU VER — Texto e direção de Helvécio Alves Jr. *Teatro Villa-Lobos - Sala Monteiro Lobato*, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). Sáb. e feriados, às 17h30; dom., às 16h30. Ingressos a Cr$ 400.

UM SONHO ATRÁS DO SOL — Texto do grupo Educart, Rosângela Araújo e Murilo Barquette. Direção de Helson Patury. *Teatro Glauce Rocha*, Av. Rio Branco, 179 (220-0259). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 400.

A CASA DE CHOCOLATE — Texto de Nazi Rocha. Direção e adaptação de Vivien Rocha. Com o grupo Ares do Tempo. *Teatro de Bolso Aurimar Rocha*, Av. Ataulfo de Paiva, 269 (294-1998). Sáb., dom. e feriados, às 18h. Ingressos a Cr$ 650.

UMA VIAGEM ENCANTADA — Texto de Heloísa Périssé. Direção de André Matos. Com o grupo Fazenda da Arte. *Planetário da Gávea*, Av. Padre Leonel Franca, 240 (274-0096). Sáb. e dom., às 16h30. Ingressos a Cr$ 400.

CHEIRO VERDE — UM INFANTIL INTERPLANETÁRIO — Texto de Sérgio Pereira da Silva. Direção de Marcelo Valle. *Planetário da Gávea*, Av. Padre Leonel Franca, 240 (274-0096). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 350.

O PEQUENO FRANKENSTEIN — Texto e direção de Cláudio MacDowell. *Teatro Galeria*, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 400. Até novembro.

O BRUXINHO TRAPALHÃO — Texto e direção de Luiz Alfredo de Lima. *Casa de Cultura Lima Barreto*, Av. Heitor Beltrão, 353 (228-2938). Dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 250.

A PRINCESINHA TEIMOSA — Texto de Luiz Alfredo de Lima. *Casa de Cultura Lima Barreto*, Av. Heitor Beltrão, 353 (228-2938). Dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 250.

AS AVENTURAS DO CAPITÃO PERNA BAMBA — Texto e direção de Jaguar. Com o grupo Gang da Cidade. *Centro Cultural Noel Rosa*, Boulevard 28 de Setembro, 109 (248-0247). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 300 (sáb.) e Cr$ 350 (dom.).

PALHACINHO TRAPALEÃO COM BRANCA DE NEVE, CHAPEUZINHO VERMELHO E GRANDE ELENCO — Texto de Procópio Mariano e Cléa Marinho. Direção de Procópio Mariano. *NEC — Sala Vianinha*, Rua do Catete, 243. Dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 300.

SOPA DE LETRINHAS — Texto e direção de Cláudio Ramos. *Teatro Leopoldo Fróes*, Rua Manoel de Abreu, 16, Pça. da República (717-1600). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 350.

O CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto e direção de Jorge Rosa Jr. *Teatro Brigitte Blair 1*, Rua Miguel Lemos, 51-H (521-2955). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 400.

O CASAMENTO ECOLÓGICO DE DONA BARATINHA — Texto e direção de Jorge Rosa Jr. *Teatro Brigitte Blair 1*, Rua Miguel Lemos, 51-H (521-2955). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 400.

JOÃOZINHO E MARIA NA CASA DA BRUXA — Texto e direção de Jorge Rosa Jr. *Teatro Brigitte Blair 1*, Rua Miguel Lemos, 51-H (521-2955). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 400.

PAPAI NOEL EM A REVOLTA DO ESPANTALHO — Texto e direção de Jorge Rosa Jr. *Teatro Brigitte Blair 1*, Rua Miguel Lemos, 51-H (521-2955). Sáb. e dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 400.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Limachem Cherem. *Teatro Tereza Rachel*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Sáb., às 17h; e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 500.

BRANCA DE NEVE NO JARDIM DAS BORBOLETAS — Texto de Limachem Cherem. Direção de Henriqueta Brieba. Com o grupo Tapuminho. *Teatro Posto Seis*, Rua Francisco Sá, 51 (287-7496). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 400.

A CAÇA AO TESOURO — Texto e direção de Oswaldo Senra. *Teatro Posto Seis*, Rua Francisco Sá, 51 (287-7496). Sáb. e dom., às 16h30. Ingressos a Cr$ 300.

PLANETA DOS CABEÇUDOS — Texto e direção de Flávio Freitas. *Teatro Cawell*, Rua Desembargador Isidro, 10 (238-6000). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 500.

O CASAMENTO DE DONA BARATINHA — Texto e direção de Jorge Azevedo. *Teatro Cawell*, Rua Desembargador Isidro, 10 (238-6000). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 400.

TOM E THÉO — Texto de Arnaldo Miranda. Direção de Patrícia Ventania. *Teatro Sesc Engenho de Dentro*, Av. Amaro Cavalcanti, 1.661 (249-1391). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 300.

VIAGEM AO MUNDO PRATEADO — Texto de Rose Cortez. Direção de Henrique Chequetti. *América Futebol Clube*, Rua Campos Sales, 118 (234-2060). Sáb. e dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 350 e Cr$ 300 (sócios).

KEIRBECK, A PEDRA NEGRA — Texto de Eugênia Santos. Direção de Luís Igreja. *América Futebol Clube*, Rua Campos Sales, 118 (234-2060). Sáb. e dom., às 16h30. Ingressos a Cr$ 400.

LINGÜIÇA DE SAPO — Texto de Raimundo Alberto. Direção de Fernando Reski. *Teatro Óperon*, Rua Sarg. João Lopes, 315 (393-9454). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 450.

A CIGARRA E A FORMIGA IN CONCERT — Texto de Inês Veltri. *Teatro César Fabbri*, Rua Engenheiro Richard, 83 (577-2365). Sáb. e dom., às 17h30. Ingressos a Cr$ 400.

VIAJANDO E CANTANDO — Texto de Zé Antônio. *Teatro César Fabbri*, Rua Engenheiro Richard, 83. Sáb. e dom., às 16h (577-2365). Ingressos a Cr$ 400.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — *Teatro Iracema de Alencar — Retiro dos Artistas*, Rua Retiro dos Artistas, 571 (392-2807). Dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 300. Até 28 de outubro.

PIM PAM PUM — Texto de M. Cena e Vinicius Fraga Mesqueu. Direção de Antônio Antonino. *Dueré*, Estrada Caetano Monteiro, 1.882 (710-3435). Dom., às 18h. Ingressos a Cr$ 250. Até dia 21 de outubro.

CINEMA

MOSTRA MÚSICA NO CINEMA — Coletânea de curtas de animação sobre o tema *Animação de hoje*: *Enfim sós*, de Gláucia Lima; *Animando*, *Meow* e *Boi no trilho*, de Marcos Magalhães; *Frankenstein punk*, *A garota das telas* e *Pantanal* de Cao Hamburger. Participação dos alunos da Escola de Música Cenário e do trio Moving. *Estação 1* (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 286-6149): às 11h.

MÔNICA E A SEREIA DO RIO *(Brasileiro)*, desenho animado de Maurício de Souza. Participação de Tetê Espíndola. *Lagoa Drive-in*, Av. Borges de Medeiros, 1.426 (274-7999): às 18h30. (Livre).

MÚSICA

PROJETO MÚSICA NO CAMPO — Apresentação do show Cantoria Infantil. Com a cantora Glória Latini e com o pianista Renato Pfeil. Às 11h. *Centro Cultural Paschoal Carlos Magno*, Campo de São Bento — Niterói. Entrada franca.

DANÇA

PROJETO SEM PALAVRAS — OS MUMINS — Espetáculo de dança Contemporânea e mímica, com o grupo Amálgama. *Teatro Cacilda Becker*, Rua do Catete, 338 (265-9933). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 400. Até 28 de outubro.

SHOW

MALÚ SPLIT MALÚ — Brincadeiras, lambada e karaokê. Apresentação de Malú Macedo. *Fluminense Futebol Clube*, Rua Álvaro Chaves, 41 (225-7240). Dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 200 e a Cr$ 150 (sócios).

EXTRAS

CRIANÇAS AO CENTRO — Apresentação dos alunos da Escola Nacional de Circo, mágicos, aulas de origami e capoeira, com o mestre Garrincha. *Centro Cultural banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66. Sáb. e dom., às 15h. Entrada franca. Até dia 28.

BRINCADEIRA E DESCOBERTA — Brinquedos, peças e desenhos do cotidiano indígena. Ainda brincadeiras e oficina da sucata. Às 14h. *Museu do Índio*, Rua das Palmeiras, 55 (286-8899). Entrada franca.

JARDIM ZOOLÓGICO — 2.400 animais entre répteis, aves e mamíferos. *Parque da Quinta da Boa Vista*, s/nº (254-2024). De 3ª a 6ª, das 9h às 16h30; sáb. e dom., das 9h às 17h30. *Em outubro, o Zôo funcionará diariamente, de 9h às 16h30.* Ingressos a Cr$ 250. Às 3ªs, ingressos a Cr$ 125. Entrada franca para criança até um metro de altura.

FEIRA DE CÃES & CIA. — Sessenta estandes com diversas raças de cães, gatos, peixes, coelhos e aves. *Norteshopping*, Av. Suburbana, 5.474. De 3ª a 6ª, das 16h às 22h; sáb., dom. e feriados, das 10h às 22h. Ingressos a Cr$ 450 (adultos) e Cr$ 350 (crianças entre dois e 11 anos). Menores de dois anos não pagam. Último dia.

TIVOLI PARQUE — Parque de diversões. 5ª e 6ª, das 14h às 20h. Sáb., das 14h às 22h; e dom., das 10h às 22h. Nos fins de semana, às 16h30, show de lambada com Dodô da Bahia & As Virgens de Porto Seguro, os cantores Diana Paul e Marcos Rei e banda. Av. Borges de Medeiros, s/nº (294-2045). Ingressos a Cr$ 800.

FAZENDA ALEGRIA — Pacote familiar ecológico: mini-fazenda, brinquedos, cachoeira e almoço caseiro na Cantina da Fazenda. Sáb., dom. e feriados, das 10h às 16h. Estrada Boca do Mato, s/nº — Vargem Pequena (342-9066). Ingressos a Cr$ 1.400 (adulto) e Cr$ 800 (crianças até 12 anos).

KARAOKÊ

KARAOKÊ DO VOVÔ JEREMIAS — Festival de lambada, discoteca, brincadeiras, gincanas e karaokê com Walter Jeremias. Participação do mágico e ilusionista Nizo Neto. Dom., às 17h, no *Botanic*, Rua Pacheco Leão, 70 (259-6427). Ingressos a Cr$ 600, com direito a lanche.

CIRCO

CIRCO ORLANDO ORFEI — Ursos polares, cavalos, acrobatas romenos, e mais 20 números. Av. Alvorada esquina com Av. das Américas. De 3ª a 6ª, às 20h; sáb., às 15h, 18h e 21h, e dom., às 10h, 14h, 17h e 20h. Ingressos a Cr$ 400 (geral), Cr$ 400 (arquibancada para menores de 10 anos) Cr$ 600 (arquibancada para adultos e maiores de 10 anos), Cr$ 800 (cadeira não numerada para crianças), Cr$ 1.000 (cadeira não numerada para adulto), Cr$ 1.500 (cadeira numerada) e Cr$ 8.000 (camarote com quatro lugares).

GRAN BARTHOLO CIRCUS — Atrações internacionais como o Fabuloso African Show, o Show dos Pombos Austríacos e a domadora Débora, de três anos, e seu elefante de 5 toneladas. 5ª, às 17h30 e 21h; 6ª, às 21h; sáb., às 15h, 17h30 e 20h; dom., às 10h, 15h, 17h30 e 20h. *Praça Onze*. Tels: 242-8228/8691. Cadeira lateral a Cr$ 500 (adulto) e Cr$ 300 (criança); cadeira central a Cr$ 700 (adulto) e Cr$ 400 (criança); camarote de 4 lugares a Cr$ 4.000. *Em outubro, criança até dez anos, acompanhada, não paga.*

TEATRO

AIURICAUA — Texto de Márcio de Souza. Direção de Marcos Moreyra. Com o grupo OO.P.O.L.A.. *Teatro Glauce Rocha*, Av. Rio Branco, 179 (220-0259). De 4ª a 6ª, às 19h; sáb. e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 600. Duração: 1h30.

Visão contemporânea da vida, paixão e morte do líder indígena assassinado no séc. 18.

ALOISIO DE ABREU E LUIZ SALEM IN SUBVERSÕES — Texto e interpretação de Aloisio de Abreu e Luiz Salem. Direção de Stella Miranda. *Teatro Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). De 4ª a sáb., às 21h30; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 800. Duração: 1h05.

Esquetes musicais e cenas subvertidas.

BRECHT: CANÇÕES DO ESCRITOR DE PEÇAS — Espetáculo teatral baseado nas canções de Brecht e Kurt Weill. Direção de Cláudia Tatinge. Com Cláudia Tatinge, Alberto Tibagi e os músicos Cristina Bhering, Ronaldo Victorio e Rui Alvim. *Teatro Villa-Lobos*, Sala Monteiro Lobato, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). 6ª e sáb., às 21h30; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 500, Cr$ 350 (estudantes) e Cr$ 300 (classe artística). Duração: 1h.

CASAMENTO BRANCO — Texto de Tadeus Rózewicz. Direção de Sérgio Britto. Com Fábio Sabag, Suzana Faini, Ada Chaseliov e outros. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Teatro II, Rua Primeiro de Março, 66 (216-0237). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 17h e 21h; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 500. Duração: 1h40. Até dia 18 de novembro.

COMÉDIA DOS SEXOS — Texto de Gugu Olimecha e Petersen. Direção de Gugu Olimecha. Com Rogério Cardoso, Agnes Fontoura e outros. *Teatro Barra Shopping*, Av. das Américas, 4.666 (325-5844). 5ª e 6ª, às 21h; sáb., às 19h30 e 22h; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 900 (5ª), Cr$ 1.000 (6ª) e Cr$ 1.200 (sáb. e dom). Duração: 1h30.

Comédia. Dois casais tentam gerar filhos na esperança de preencherem suas vidas.

CONFESSIONAL — Texto e direção de Márcio Viana. Com o grupo A Contrador. *Teatro da Aliança Francesa de Copacabana*, Rua Duvivier, 43 (541-9497). Reservas de 8h às 18h. 5ª, às 21h30; 6ª e sáb., às 21h e dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 800 a Cr$ 500 (classe). *O espetáculo começa rigorosamente no horário e não será permitida a entrada após seu início.* Duração: 1h.

Texto único originando duas montagens: *Vincent* e *Confessional*, sobre a vida e fracassos do pintor Van Gogh. Neste, 14 atores em confessionários falam para 13 espectadores.

DESCALÇOS NO PARQUE — Comédia Romântica de Neil Simon. Tradução de Flávio Marinho. Direção de Ricardo Waddington. Com Lidia Brondi, Thales Pan Chacon, Myrian Pires, Edney Giovenazzi e João Camargo. *Teatro Clara Nunes*, Rua Marquês de São Vicente, 52/3º Piso (274-9696). De 4ª a 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h30 e dom., às 19h. Preços promocionais: ingressos a Cr$ 600 (4ª, 5ª e 6ª) e Cr$ 700 (sáb. e dom.). Duração: 1h50.

Nova Iorque de 1963, as aventuras e tropeços de dois jovens no início de seu casamento.

ELAS POR ELA — Roteiro de Marília Pêra. Direção de André Valle, Beta Leporage, Marília Pêra e Sandra Pêra. Com Marília Pêra e grande elenco. *Teatro Ginástico*, Rua Graça Aranha, 187 (210-1382). 4ª e 5ª, às 19h; 6ª e sáb., às 21h; dom., às 19h. Ingressos de 4ª e 5ª a Cr$ 1.200; de 6ª a Cr$ 1.500; de sáb. a Cr$ 1.600; e de dom. a Cr$ 1.400; fila AA e BB, Cr$ 800 (em todas as sessões). *Até o final de outubro crianças até 14 anos pagam meia entrada. O espetáculo começa rigorosamente no horário.* Duração: 1h30. Ingressos antecipados, a domicílio, pelo telefone 220-6053/5406/262-6329.

Musical. Interpretação de 50 canções que fizeram sucesso entre 1920 e 1970.

ENFIM, SÓ (SOLIDÃO À COMÉDIA) — Texto de Vicente Pereira. Direção de Jorge Fernando. Com Vicente Pereira. *Teatro do Posto Seis*, Rua Francisco Sá, 51 (287-7496). De 5ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h. Preços populares: ingressos a Cr$ 300. Duração: 1h10. Até dia 28 de outubro.

Quatro peças curtas que enfocam a dificuldade dos relacionamentos de pessoas solitárias.

A ESCOLA DE BUFÕES — Texto de Michel de Ghelderode. Tradução de André Praça Telles. Direção de Moacyr Góes. Com Leon Góes, Floriano Peixoto e outros. *Teatro Villa-Lobos, Espaço III*, Av. Princesa Isabel, 440 (275-6695). De 4ª a sáb., às 21h30; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 800 (4ª, 5ª e dom.), Cr$ 900 (6ª), Cr$ 1.000 (sáb.) e Cr$ 500 (classe, de 4ª a 6ª). Duração: 1h30. *O espetáculo começa rigorosamente no horário e não será permitida a entrada após o seu início.*

O texto de inspiração poética sugere a discussão sobre a questão da arte.

A ESTRELA DO LAR — Texto e direção de Mauro Rasi. Com Marieta Severo, Luiz Carlos Arutim, Sônia Guedes e outros. *Teatro Copacabana*, Av. N.S. de Copacabana, 291 (257-0881). Às 19h. Ingressos a Cr$ 1.000. Duração: 2h. Último dia.

Pai e filho escrevem, paralelamente, textos com visões antagônicas sobre a mulher e a mãe.

FICA COMIGO ESTA NOITE — Texto de Flávio de Souza. Direção de Jorge Fernando. Com Debora Bloch e Luiz Fernando Guimarães. *Teatro dos Quatro*, Rua Marquês de São Vicente, 52/2º (274-9895). 5ª e 6ª, às 21h30; sáb., às 20h e 22h; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 1.000 (5ª), Cr$ 1.200 (6ª e dom.) e Cr$ 1.500 (sáb., feriado e véspera de feriado). *Jovens até 25 anos têm desconto de 50% às 5ªs, 6ªs e sábs. (1ª sessão).* Duração: 1h20. *O espetáculo começa rigorosamente no horário e não será permitida a entrada após o início.*

O reencontro de uma viúva com seu marido numa noite inesquecível para ambos.

FIM DE JOGO — Texto de Samuel Beckett. Direção de Gerald Thomas. Com Beth Coelho, Giulia Gam, Magali Biff e Mario Cesar Camargo. *Teatro Nelson Rodrigues*, Av. Chile, 230 (262-0942). De 4ª a sáb., às 21h; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 700 (de 3ª a 5ª) e Cr$ 900 (de 6ª a dom.). Desconto de 50% para estudantes. Até dia 28 de outubro.

AS GENEROSAS — Texto de Jean Claude Danaud. Direção de José Renato. Com Angela Valério, Thereza Teller e Carmem Figueira. *Teatro Sesc de Madureira*, Rua Ewbanck da Câmara, 90 (350-9433). De 6ª a dom., às 20h30. Ingressos a Cr$ 500.

LEMBRANDO-NUS DA GENTE — Texto de João Siqueira. Direção de Almério Belém. Com Rita Vianna e Zé Antônio. *Teatro César Fabri*, Av. Engenheiro Richard, 83 (577-2365). Sáb., às 21h e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 500. Até dia 28 de outubro.

LEÔNCIO E LENA — Texto de Georg Büchner. Direção de Flávio Desgranges. Com Paulo David, Heloisa Brantes, Mônica Caron e outros. *Teatro da Aliança Francesa de Botafogo*, Rua Muniz Barreto, 730 (226-4118). De 5ª a sáb., às 21h; dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 500 e Cr$ 300 (categoria artística e estudantes). Duração: 1h30.

M. BUTTERFLY — Texto de David Henry Hwang. Tradução de Flávio Marinho. Direção de José Possi Neto. Com Raul Cortez, Carlos Takeshi, Ariclê Perez e outros. *Teatro de Arena*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). De 4ª a sáb., às 21h; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 1.000 (4ª e 5ª), Cr$ 1.200 (6ª e dom.) Cr$ 1.500 (sáb., feriado e véspera de feriado).

OS MANSOS DA TERRA — Texto de Raimundo Alberto. Direção de Kika Dantas. Com Ricardo Sanfer, Marco RAzek, Nina Thereza Mendes e outros. *Espaço DCE*, Rua Visconde do Rio Branco, 625 (717-8080 r.208). De 6ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 600 e Cr$ 400 (estudantes).

MENO MALE — Comédia de Juca de Oliveira. Direção de Bibi Ferreira. Com Tereza Rachel, Otávio Augusto, Juca de Oliveira e outros. *Teatro Tereza Rachel*, Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 800 e Cr$ 1.000 (de 6ª a dom). Duração: 1h40.

O MISTÉRIO DE IRMA VAP — Texto de Charles Ludlan. Direção de Marília Pêra. Com Marco Nanini e Ney Latorraca. *Teatro João Caetano*, Praça Tiradentes, s/nº (221-0305). De 5ª a sáb., às 21h; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 500 (5ª) e Cr$ 700 (de 6ª a dom.). Duração: 1h50.

Comédia que envolve suspense, terror e mistério e acontece no final do séc. 19, na Inglaterra.

MUITO RISO, POUCO SISO: O AMOR NÃO TEM JUÍZO — Texto de Paulo Afonso de Lima e Bemvindo Sequeira. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Bemvindo Sequeira e Monique Lafond. *Teatro Casa Grande*, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4045). Às 20h. Ingressos a Cr$ 1.000. Duração: 1h30. Último dia.

Comédia. As confusões vividas por um casal de atores brasileiros que conquista o Oscar.

PRA CORRUPTO E LOUCO... FALTA POUCO — Comédia de William Van Zandt. Direção de Jacqueline Laurence. Com Toni Ferreira, Fátima Freire, Yolanda Cardoso e Elias Gleiser. *Teatro Princesa Isabel*, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Ensaio aberto, às 18h30 e 21h; e 3ª, às 21h30. Ingressos a Cr$ 500.

A PARTILHA — Texto e direção de Miguel Falabella. Com Susana Vieira, Natália do Vale, Arlete Sales e Thereza Piffer. *Teatro Vannucci*, Rua Marquês de São Vicente, 52/3º (274-7246). De 4ª a 6ª, às 21h30. Sáb., às 20h e 22h; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 900 (4ª e 5ª) e Cr$ 1.200 (6ª, sáb., véspera de feriado e feriado) e Cr$ 1.000 (dom.). *Às 4ªs menores de 21 anos pagam Cr$ 500.* Duração: 1h30. *O espetáculo começa rigorosamente no horário. O valor do ingresso não será devolvido aos retardatários.*

Comédia dramática. Quatro irmãs se reencontram e trazem à tona profundos sentimentos.

POR FALTA DE ROUPA NOVA PASSEI O FERRO NA VELHA — Texto de Abílio Fernandes. Direção de Carvalhinho. Com Carvalhinho, Henriqueta Brieba, Myriam Tereza e outros. *Teatro Sesc de São João de Meriti*, Av. Automóvel Clube, 66. De 6ª a dom., às 20h30. Ingressos a Cr$ 600. Até dia 28 de outubro.

RECEITA DE VINÍCIUS — Roteiro de Ismênia Dantas, Andrea Dantas e Annabel Albernaz. Direção de Andrea Dantas. Com Marcelo Saback, Annabel Albernaz, Jorge Maia e Zezé Polessa. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176 (247-6946). 5ª e 6ª, às 21h30; sáb., às 20h30 e 22h e dom., às 20h30. Ingressos a Cr$ 800 (5ª e sáb., às 20h30) e Cr$ 1.000 (6ª, sáb., às 22h e dom.).

O RINOCERONTE — Texto de Eugene Ionesco. Direção de Eduardo Loyola. Tradução de Luís de Lima. Com Evandro Carvalho, Márcio Guth, Gisele Sumar e outros. *Palácio do Catete*, Rua do Catete, 153 (255-4003). De 4ª a dom., às 19h30. Espetáculo ao ar livre. Duração: 1h20. Ingressos a Cr$ 300.

SOMENTE ENTRE NÓS — Comédia de Reginaldo Faria. Direção de Roberto Frota. Com Reginaldo Faria, Ângela Vieira, Vinicius Salvatori e Chico Tenreiro. *Teatro Glória*, Rua do Russel, 632 (245-5533). De 5ª a sáb., às 21h; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 800 (5ª e 6ª), Cr$ 1.200 (sáb.) e Cr$ 1.000 (dom.). Duração: 1h20.

Industrial convida seu melhor amigo para testar a fidelidade da mulher, criando grandes confusões.

TEM UM PSICANALISTA NA NOSSA CAMA — Texto de João Bethencourt. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Sandra Brês, Cesar Pezuolli e Leonardo Franco. *Teatro da UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 (717-8080). De 5ª a sáb., às 21h; e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 800 (5ª), Cr$ 1.000 (de 6ª a dom.).

TRÊS SOLTEIRONAS BALANÇANDO O RAMBO — Texto de Zilda Cardoso. Direção de Abílio Fernandes e Berta Loran. Com Berta Loran, Suely Franco, Lilian Fernandes e Gerson Brener. *Teatro da Praia*, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). 4ª e 5ª, às 21h30; 6ª, às 22h; sáb., às 20h e 22h30; e dom., às 18h e 20h30. Ingressos Cr$ 700 (4ª e 5ª), Cr$ 800 (6ª e dom) e Cr$ 1.000 (sáb.). Censura: 16 anos.

TUPY OR NOT TUPY? — Texto e direção de Sidney Cruz. Com o grupo Depois do Baile. *Mercado São José das Artes*, Rua das Laranjeiras, 90. De 5ª a sáb., às 21h, dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 700 e Cr$ 400 (classe). Até 31 de dezembro.

Texto inspirado na vida e obra do escritor modernista Oswald de Andrade.

A VEDETE DO SUBÚRBIO — Musical de José M. Rodrigues e Ronaldo Grivet. Direção de José M. Rodrigues. Com Gina Teixeira, Didi de Aquino, Kátia Destri, entre outros. *Teatro Óperon*, Rua Sargento João Lopes, 315 (393-9454). 6ª e sáb., às 21h; e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 600. Até 28 de outubro.

VINCENT — Texto e direção de Márcio Viana. Com o grupo A Contrador. *Teatro Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63 (267-7295). 6ª e sáb., às 24h; De dom. a 3ª, às 21h30. Ingressos a Cr$ 800 e Cr$ 500 (classe). *O espetáculo começa rigorosamente no horário e não será permitida a entrada após o seu início.* Duração: 1h.

INFANTO-JUVENIL

JOGOS DE 3 X 3 — Texto e direção de João Siqueira. *Mercado São José das Artes*, Rua das Laranjeiras, 90. Sáb., às 18h; e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 300. Até dia 18 de novembro.

A FLAUTA MÁGICA — Adaptação da Ópera de Mozart e Shikaneter. Direção de Celso Lemos. Com os formandos da Escola de Teatro Martins Pena. *Teatro Armando Costa*, Rua 20 de Abril, 14. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 400.

□ A programação publicada no *Roteiro* está sujeita a alterações de última hora. É aconselhável confirmar horários e programas por telefone.

SHOW

SANDRA! — Show da cantora Sandra de Sá e banda Serta, lançando seu novo LP. 5ª, às 21h30; 6ª e sáb., às 22h30; e dom., às 20h. *Canecão*, Av. Venceslau Braz, 215 (295-3044). Ingressos a Cr$ 1.000 (arquibancada), Cr$ 1.200 (mesa lateral e mezaninos) e Cr$ 1.500 (mesa central e frisas). Último dia.

ROCK LANÇAMENTOS II — Show das bandas Santa Aliança, Kashmir e Antibiótico. Às 21h. *Teatro Ipanema*, Rua Prudente de Moraes, 824 (247-9794). Ingressos a Cr$ 500.

ARTE NAS RUAS — Apresentação do pianista Arthur Moreira Lima De Beethoven a Luiz Gonzaga. Às 19h. *Parque Garota de Ipanema* — Praia do Arpoador. Entrada franca.

PANDORA — Show com o grupo Pandora. 6ª e sáb., às 21h30; e dom., às 21h. *Espaço Versátil Dalal Achcar*, Estrada da Gávea, 899 — São Conrado Fashion Mall (322-0794). Ingressos a Cr$ 600. Até 28 de outubro.

SÉRIE MÚSICA NAS ARCADAS — Apresentação do Coral Uniarte. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176 (267-1647). Às 18h. Ingressos a Cr$ 300. Último dia.

SÉRIE MÚSICA NO PORÃO — Apresentação de Ricardo Mac Cord Trio. 6ª e sáb., às 22h; e dom., às 21h. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176 (267-1647). Ingressos a Cr$ 400. Último dia.

PROJETO MUSISFÉRIO — Apresentação do Duo Melodia Americana. Participação do percussionista Marcos Albuquerque. Às 20h. *Espaço Cultural Sérgio Porto*, Rua Humaitá, 163 (266-0896). Ingressos a Cr$ 400. Último dia.

MU CHEBABI — Show do músico. Às 22h. *Jazzmania*, Av. Rainha Elizabeth, 769 (227-2447). *Couvert* a Cr$ 600.

PROJETO PRIMAVERA CANTÃO DE MÚSICA — ITAMARA KOORAX — Show da cantora. Às 20h. *Teatro João Theotônio*, Rua da Assembléia, 10 (224-8622). Ingressos a Cr$ 600. Último dia.

SIVUCA NA TERRA/COM UM PÉ NA ESTRADA E OUTRO NA BURAQUEIRA — Show do instrumentista e banda. Participação de Glorinha Gadelha. De 3ª a 6ª às 18h30; sáb., às 18h30 e 21h30; e dom., às 19h. *Teatro Rival*, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). Ingressos a Cr$ 500. Até 28 outubro.

EM CONTRASTE — Pocket-show com Adagobe.to Arruda e Rosamaria Murtinho. 6ªs e sáb., às 21h; dom., às 20h. *Sesc do Engenho de Dentro*, Av. Amaro Cavalcanti, 1.661 (249-1391). Ingressos a Cr$ 500. Até dia 28 de outubro.

25 ANOS DE ROCK'N ROLL — Show da banda Os Lobos. Dom., às 22h. *Kool Ibiza*, Av. Quintino Bocayuva, 679 (710-0505). Praia de Charitas — Niterói. De 4ª a sáb., às 22h30, dom., às 21h30. Matinê sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 400 (homens), Cr$ 350 (mulheres) e Cr$ 250 (matinê).

DEU MULHER NA CABEÇA — Texto e direção de Brigitte Blair Com Patricia Blair, Clovis Gierkens, Blanca Blonde e outros. *Teatro Brigitte Blair I*, Rua Miguel Lemos, 51 H (521-2955). De 6ª a dom., às 21h30. Ingressos a Cr$ 600. *Desconto de 20% para quem levar este anúncio.*

AS BONECAS DA SUCATA — Texto e direção de Walter Costa. Com Pamela Lacosta, Walter Costa, Carla Lambrym e outros. *Teatro Tigresa*, Rua do Riachuelo, 260 (232-1792). 6ªs e sáb., às 20h30; dom., às 19h. Ingressos a Cr$ 500.

REVISTAS

NOITE DOS LEOPARDOS — Show erótico com o travesti Eloína e modelos masculinos Coreografias de Cyro Barcelos. *Teatro Alasca*, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). 5ª e dom., às 21h30; 6ª e sáb., 24h. Ingressos a Cr$ 700 (5ª) e Cr$ 800 (de 6ª a dom.).

MULHERES PROVISÓRIAS — Revista de travestis. Texto e direção de Brigitte Blair. Com Luis Valentim, Jorge Rosa Júnior e outros. *Teatro Brigitte Blair II*, Rua Senador Dantas, 13 (220-5033). 5ª, 6ª e dom., às 18h30 e 21h; sáb., às 21h. Ingressos a Cr$ 600 (5ª e 6ª) e Cr$ 700 (sáb. e dom.). *Desconto de 20% para quem levar este anúncio.*

POESIA

ELETROPOESIA — Pretensão, de Lis Anselmi. Diariamente. *Centro Cultural Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63. Entrada franca. Até dia 31 de outubro.

PAGODE/GAFIEIRA

DOMINGUEIRA VOADORA — Música para dançar com a Orquestra Tabajara do Maestro Severino Araújo. Apresentação da Cia Dance Studio. Dom., a partir de 22h. *Circo Voador*, Lapa. Ingressos a Cr$ 400.

ELITE CLUBE — Lambafieira, 6ª e sáb., às 23h e dom., às 22h, conjunto Turma da Gafieira. Rua Frei Caneca, 4 (232-3217). Ingressos a Cr$ 150.

QUILOMBO SERRINHA — Show com a banda Afro Contemporânea. Todos os domingos, a partir de 18h. *Quadra da Escola de Samba Império Serrano*, Madureira. Ingressos a Cr$ 100.

BANDA AFRO LEMY AIÔ — Apresentação da banda. Todos os domingos de 16h às 22h. *Quadra do Grêmio Recreativo Unidos de São Braz*, Rua Goiás, 16 — Engenho de Dentro. Entrada franca.

BARES

ASA BRANCA — Show Amigo é pra essas coisas, com o MPB 4. 5ª, às 22h30; 6ª e sáb., às 23h; e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 1.000 (5ª e dom.), Cr$ 1.200 (6ª e sáb.). Até 4 de novembro.

GULA BAR — Show com a Ramblers Traditional Jazz Band. Dom., às 18h. *Couvert* a Cr$ 500 e consumação a Cr$ 250. Av. Delfim Moreira, 630 (259-5212).

JAZZMANIA/PROJETO OLHO NELES — O outro lado, show dos cantores Rita Peixoto e Marcos Sacramento e banda. Dom., às 22h. *Couvert* a 800. Av. Rainha Elizabeth, 769 (227-2447).

MISTURA UP — Show do instrumentista Paulinho Trompete e Banda 2/4. De 4ª a dom., às 22h. *Couvert* a Cr$ 750 (4ª, 5ª e dom.) e Cr$ 850 (6ª e sáb). Consumação a Cr$ 650. Rua Garcia D'Ávila, 15 (267-6596).

PEOPLE — Show do grupo Terra Molhada, com músicas dos Beatles. Dom. e 2ª, a partir de 22h30. *Couvert* a Cr$ 600 (dom.) e 500 (2ª). Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547).

PERESTROIKA — Show com a banda Hiero Jazz Sexted. Dom., às 21h. *Couvert* a Cr$ 400 e consumação a Cr$ 450. Rua Conde D'Eu, 133 (399-9073) — Largo da Barra.

RIO JAZZ CLUB — Porter a Porter, show da cantora Cida Moreira. 5ª, às 22h; 6ª e sáb., às 23h; dom., às 21h30. *Couvert* a Cr$ 800 (5ª e dom.) e Cr$ 1.000 (6ª e sáb.). Rua Gustavo Sampaio, s/nº (541-9046). Último dia.

TRIVOLY — Show dos cantores Tatiana, Denise, Luis Camilo e banda da casa. 6ª e sáb., às 22h; dom., às 20h. *Couvert* a Cr$ 200(6ª e sáb.) e Cr$ 150 (dom.). Rua Bulhões Marcial, 125 (391-4238).

VINÍCIUS — Show do cantor Luiz Emiliano e banda. Dia 21/10. Dom., às 22h. Música ao vivo antes e depois do show. *Couvert* a Cr$ 500. Rua Vinicius de Morais, 39 (287-1497).

RÁDIO

JORNAL DO BRASIL

AM 940 KHz ESTÉREO

JBI — Jornal do Brasil Informa — Às 8h30, 12h30, 18h30 e 23h30.

Repórter JB - Informativo às horas certas.

Especiais JB — Das 11h às 12h30.

Revista do domingo — às 17h.

Balanço do Rock — Às 19h.

Som Latino — Das 21h às 22h30.

Arte Final Jazz — Das 22h à 23h30.

Lotação Esgotada — Das 23h50 à 0h30. Bert Kaempfert, em Londres, 1974.

Noturno — De 0h30 à 2h.

FM ESTÉREO 99,7 MHz

Reprodução digital (CDs e DATs): *Concerto em Mi bemol maior, para trompete e orquestra*, de Hummel (Maurice André - DDD - 20:55); *Duas Peças para cordas*, de William Walton (OC Inglesa, Barenboim - ADD - 4:45); *Danças Húngaras nºs. 1 a 10*, de Brahms (Duo Kontarsky - AAD - 28:43); *Concerto nº 3 em si menor, para violino e orquestra, op. 61*, de Saint-Saens (Perlman, Barenboim - DDD - 27:44); *Miserere mei*, de Allegri (Quirk, Coral Westminster, Cleobury - DDD - 11:12); *Sinfonia nº 7, Le Midi, em Dó maior*, de Haydn (Ac. St. Martin, Marriner - DDD - 21:50); *Sonata nº 26, em Mi bemol - Les adieux, op. 81a*, de Beethoven (Arrau - Grav. 1968 ao vivo, em Santiago - AAD - 17:26); *Sinfonia nº 2, em Mi bemol maior*, de Gounod (OS Toulouse, Plasson - AAD - 30:28) — 10h.

Reprodução digital (CDs e DATs): Giselle - O Ballet completo, em dois atos, de Adolphe Adam (OT Bolshoi Moscou, Juraitis - DDD - 49:34); *Passacalha em ré menor*, de Ferdinand Fischer (Pinnock - DDD - 5:30); *Capricho Italiano*, de Tchaikowsky (OS Dallas, Mata - DDD - 15:10); *Concerto nº 1, em sol menor, para piano e orquestra, op. 25*, de Mendelssohn (Schiff, OSR Bávara, Dutoit - DDD - 18:46); *Pequena Fuga em sol menor*, de Bach-Stokowski (OP Cincinnati, Kunzel - DDD - 3:49); *Concerto de Câmara em Dó maior, para flauta doce, oboé, dois violinos e contínuo RV87*, de Vivaldi (Petri, Holliger, Ayo, Pellegrino - DDD - 8:09); *Prometheus - Poema sinfônico*, de Liszt (Fil. Londres, Solti - ADD - 12:27); *O Martírio de São Sebastião - Fragmentos sinfônicos*, de Debussy (OS Londres, Monteux - ADD - 21:52); *Rios*, de Almeida Prado (Antonio Barbosa - 18:55); *Suite orquestral da ópera Dardanus*, de Rameau (Gardiner - DDD - 57:53).

CIDADE — 102,9 MHz

Hot Mix — Às 12h.

Saudade Cidade - Às 14h.

Novas Tendências — Às 17h.

American Top 40 — Às 21h.

Curto Circuito — Uma surpresa a qualquer momento.

Cidade Dá De Dez — Dez músicas sem intervalos.

FM 105 — 105,1 MHz

105 na Madrugada — Às 24h.

Programação Corrida — Às 6h.

Vale a Pena Ouvir de Novo — às 12h.

105 Sem Parar — Às 14h.

Programação Corrida — Às 16h.

B ROTEIRO

TELEVISÃO

Jeff Golblum e Geena Davis vivem em A mosca *uma experiência de mutação repugnante de um homem em inseto*

OS FILMES / ROGÉRIO DURST

48 HORAS
TV Globo — 13h55
■ **Policial** (48 hours) de Walter Hill. Com Nick Nolte, Eddie Murphy, Annette O'Toole, Frank McRae e James Remar. Produção americana de 82. Cor (97m).

Detetive de São Francisco (Nolte) requisita à força a ajuda de um esperto ladrão (Murphy) para encontrar uma dupla de assassinos de policiais. Filme que projetou no cinema o popular comediante de TV Eddie Murphy. A velha história dos dois-heróis-de-personalidades-muito-diferentes-que-aprendem-a-se-respeitar-enfrentando-juntos-a-adversidade é beneficiada por um tratamento vertiginoso de câmera, montagem e direção. Mas só se a Globo exibir este violento filme completo ao contrário do que fez nas últimas vezes.

CAHILL, O XERIFE DO OESTE
TV Manchete — 17h
■ **Faroeste** (Cahill — US Marshall) de Andrew V. McLaglen. Com John Wayne, George Kennedy, Gary Grimes e Neville Brand. Produção americana de 73. Cor (97m).

Veterano delegado federal (Wayne) descobre que seu filho mais velho (Grimes), ao qual nunca conseguiu dar muita atenção devido ao trabalho, se envolveu com uma quadrilha de assaltantes. Filme moralista e paradão no estilo que caracterizou a fase dos anos 70 da carreira de Wayne. Mas o herói de chapelão, pistola e cavalo e ainda tendo George Kennedy como vilão consegue manter o interesse.

A OCASIÃO FAZ O HERÓI
TV Bandeirantes — 20h
■ **Comédia romântica** (Nothing personal) de George Bloomfield. Com Donald Sutherland, Suzanne Somers, Lawrence Dane, Roscoe Lee Brown e Dabney Coleman. Produção americano-canadense de 80. Cor (97m).

Professor (Sutherland) e advogada (Sommers) se unem para protestar contra a construção de uma base militar que ameaça de extinção uma rara espécie de foca. Boba comédia romântico-ecológica com uns tons de Frank Capra. Nada que mereça maior atenção a não ser para os improváveis fãs da modelo, manequim e teleatriz Suzanne Somers que neste aqui ganhou seu primeiro papel principal no cinema.

KERUAK, O EXTERMINADOR DE AÇO
TV S — 22h
■ **Ficção científica** (Hands of steel) de Martin Dolman. Com Daniel Greene, Janet Agren, Claudio Cassinelli, John Saxon e Amy Werba. Produção italiana de 86. Cor (89m).

Num futuro próximo e desolado, criatura meio homem meio máquina (Greene) se revolta contra seus criadores mas acaba tendo uma terrível surpresa. Quando um diretor — o italiano Sergio Martino — se esconde atrás de um pseudônimo já dá para desconfiar. Mas neste caso nem precisa. Tenha certeza. Fotografia suja, roteiro óbvio e montagem desconexa criam uma imitação rasteira do cinema SS (Stallone e Schwarzenneger) americano.

A MOSCA
TV Globo — 23h30
■ **Ficção científica** (The fly) de David Cronenberg. Com Jeff Goldblum, Geena Davis, John Gertz, Joy Bushell e Les Carlson. Produção americana de 86. Cor (100m).

Gênio da ciência (Goldblum) inventa um aparelho de teletransporte mas ao testá-la mistura por acidente suas moléculas com as de uma mosca tornando-se aos poucos uma repelente criatura. Excelente mistura de terror e ficção científica. Com remelentos efeitos especiais, Cronenberg torna plausível — e também pungente e humana — a história de um homem que aos poucos vai perdendo sua substancia física e mental. Uma obra prima desde que voce não veja na hora da janta.

CANAL 2 — TV Educativa

Telefone da emissora: 292-0012

- 8h45 **MISSA AO VIVO** — Culto religioso
- 9h30 **PALAVRAS DE VIDA** — Mensagem religiosa de D. Eugênio Sales
- 10h15 **UNIVERSIDADE ABERTA** — Debates
- 10h45 **GLOBO CIÊNCIA** — Documentário
- 11h15 **STADIUM** — Esportivo
- 12h15 **FUTEBOL DE DOMINGO** — Esportivo
- 14h **VÍDEO SOM** — Musical. Hoje: *Léo Gandelman e Wagner Tiso*
- 15h **OS COMANDANTES** — Documentário. Hoje: *Rommel*
- 16h **MUSICAL ESPECIAL** — Hoje: *MPB — Aguinaldo Timóteo*
- 17h **EFEITO ESTUFA** — Documentário
- 18h **INTERVALO** — Informativo sobre propaganda
- 19h **CANAL JAZZ** — Musical. Apresentação de Roberto Moura
- 20h **REPÓRTER ESPORTIVO** — Esportivo
- 20h30 **MESA REDONDA** — Debate esportivo. Apresentação de Raul Quadros
- 22h **OPINIÃO PÚBLICA** — Revista jornalística. Apresentação de Tarcísio e Haroldo de Hollanda, entre outros
- 23h30 **FUTEBOL** — Compacto dos jogos da rodada

CANAL 4 — TV Globo

Telefone da emissora: 529-2857

- 6h50 **SANTA MISSA EM SEU LAR** — Religioso
- 7h45 **TELECURSO IRRIGAÇÃO** — Informativo sobre agricultura. Apresentação de Sérgio Roberto Ribeiro
- 8h **GLOBO RURAL** — Informativo sobre o campo
- 9h **DISNEYLÂNDIA** — Desenho. Hoje: *O pato fujão*
- 9h45 **NA MIRA DO TIRA** — Seriado. Episódio: *Lavagem cerebral*
- 10h10 **TRÊS É DEMAIS** — Seriado. Episódio: *Um grande medo*
- 10h35 **ANJOS DA LEI** — Seriado. Episódio: *Castigo merecido*
- 11h30 **ALF, O E. TEIMOSO** — Seriado. Episódio: *Faminto como um lobo*
- 12h15 **COMPACTO DO GP DO JAPÃO**
- 12h40 **PROFISSÃO: PERIGO** — Seriado. Episódio: *Curso de colisão*
- 13h35 **TEMPERATURA MÁXIMA** — Filme: *48 horas*
- 15h30 **DOMINGÃO DO FAUSTÃO** — Programa de auditório. Apresentação de Fausto Silva
- 19h **OS TRAPALHÕES** — Humorístico
- 20h **FANTÁSTICO** — Variedades
- 22h10 **GOLS DO FANTÁSTICO** — Esportivo
- 22h30 **ESPORTE ESPETACULAR** — Esportivo
- 23h30 **DOMINGO MAIOR** — Filme *A mosca*

CANAL 6 — TV Manchete

Telefone da emissora: 285-0033

- 7h30 **EDUCATIVO**
- 8h **COMETA ALEGRIA** — Infantil. Apresentação de Cinthya e Patrick
- 10h **ESTAÇÃO CIÊNCIA** — Jornalístico sobre ciências
- 10h30 **MANCHETE RURAL** — Informativo sobre o campo
- 11h30 **SESSÃO ANIMADA**
- 12h **TORNEIO DE TÊNIS ANTUÉRPIA**
- 15h50 **FÓRMULA 3**
- 17h **SESSÃO BANG BANG** — Filme: *Cahill, o xerife do oeste*
- 19h **CRIANÇA 90** — Especial com Angélica
- 20h **PROGRAMA DE DOMINGO** — Variedades
- 21h30 **JORNAL DA MANCHETE — EDIÇÃO DE DOMINGO** — Noticiário nacional e internacional
- 22h **SHOW DE GOLS** — Esportivo
- 22h15 **FREE JAZZ** — Musical
- 23h15 **TOQUE DE BOLA** — Esportivo. Apresentação de Alberto Léo

CANAL 7 — TV Bandeirantes

Telefone da emissora: 542-2132

- 6h30 **A HORA DA GRAÇA** — Religioso
- 7h **ANUNCIAMOS JESUS** — Religioso
- 7h30 **SELEÇÕES PORTUGUESAS — O SHOW DA MALTA** — Musical. Apresentação de Jorge Sereno
- 8h30 **PRIMEIRO PLANO**
- 9h **SHOW DE TURISMO** — Turístico. Apresentação de Paulo Monte
- 11h **SHOW DO ESPORTE** — Esportivo. Apresentação de Luciano do Valle
- 20h **CINEMAX** — Filme: *A ocasião faz o herói*
- 22h **CARA A CARA** — Entrevistas. Apresentação de Marília Gabriela
- 23h **CRÍTICA E AUTOCRÍTICA** — Entrevistas. Apresentação de Dirceu Brizola
- 0h **KUNG FU** — Seriado

CANAL 9 — TV Corcovado

Telefone da emissora: 580-1536

- 7h15 **O CÉU NÃO TE ESQUECEU** — Religioso
- 7h30 **POÇO DE JACÓ** — Religioso
- 7h45 **PROJETO VIDA NOVA** — Religioso
- 8h **POSSO CRER NO AMANHÃ** — Religioso
- 9h **COMUNIDADE NA TV** — Programa de entrevistas organizadas pela Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro
- 10h **CAMISA NOVE** — Mesa-redonda sobre esporte e entrevistas. Apresentação de Oldemário Touguinhó, Luiz Orlando e Orlando Baptista
- 11h **AUTOMOBILE** — Automobilismo
- 12h **VÍDEO MUSIC** — Clips apresentados pelo VJ Gastão
- 16h **CLÁSSICOS MTV** — Apresentação da VJ Daniela
- 18h **TOP 10 EUROPA**
- 19h **SEMANA ROCK**
- 19h30 **NON STOP** — Clips variados
- 21h30 **ROCK BLOC** — Mini-biografia com clips de um mesmo artista
- 22h **BUZZ**
- 22h30 **CLÁSSICOS MTV** — Apresentação da VJ Daniela
- 23h30 **ROCKSTÓRIA**
- 0h **YO RAPS MTV** — Clips de rap
- 1h **VÍDEO MUSIC** — Clips apresentados pelo VJ Gastão
- 2h **POINT BY BENÍCIO BRAGA** — Entrevistas

CANAL 11 — TV S

Telefone da emissora: 580-0313

- 7h15 **EDUCATIVO**
- 7h30 **CLUBE IRMÃO CAMINHONEIRO SHELL** — Informativo
- 8h **PÉ NA ESTRADA** — Musical sertanejo
- 9h **UM HOMEM DE OUTRO PLANETA** — Seriado
- 10h **DUCK TALES** — Desenho
- 10h30 **URSINHO PUFF** — Desenho
- 11h **CHAVES** — Seriado
- 11h30 **PROGRAMA SÍLVIO SANTOS** — Programa de auditório
- 22h **SESSÃO DAS DEZ** — Filme: *Keruak, o exterminador de aço*
- 23h55 **PRIMEIRA FILA** — Automobilismo
- 0h **REPRISE DA SESSÃO DAS DEZ**

CANAL 13 — TV Rio

Telefone da emissora: 293-0012

- 6h35 **STADIUM** — Esportivo
- 7h30 **VINDE A CRISTO** — Religioso
- 8h **INSTANTE BRASILEIRO** — Musical
- 8h05 **COMBATE** — Seriado
- 9h05 **O FUGITIVO** — Seriado
- 10h **CLIP TV** — Musical
- 11h **PERDIDOS NO ESPAÇO** — Seriado
- 12h **NASHVILLE** — Musical regional
- 13h **CLIP TV**
- 14h **TÚNEL DO TEMPO** — Seriado
- 14h55 **INSTANTE BRASILEIRO**
- 15h **COMBATE**
- 16h **CLIP'S**
- 17h **GRANDES MOMENTOS INTERNACIONAIS** — Musical
- 19h **COLUMBO** — Seriado
- 20h25 **INSTANTE BRASILEIRO**
- 20h30 **MOD SQUAD** — Seriado
- 21h30 **GRANDES MOMENTOS INTERNACIONAIS** — Musical
- 22h30 **ALÉM DA IMAGINAÇÃO** — Seriado
- 23h30 **NA CORDA BAMBA** — Seriado
- 0h **TÚNEL DO TEMPO**

CANAL 10/25 · TV Búzios

Telefone da emissora: (0246) 23-1502

- 12h15 **REALCE** — Músicas, esportes e entrevistas. Apresentação de Patrícia Barros, Ricardo Bocão e Antônio Ricardo. Reprise
- 13h30 **BÚZIOS SHOW** — Musical
- 17h **MAR E IMAGEM** — Turístico. Apresentação de Erica
- 17h30 **ECOLOGIANDO** — Jornalismo ecológico. Apresentação de Ricardo Gutierrez e Ana Richard
- 8h **TVE** — Retransmissão da programação do Rio
- 9h30 **AUTOMOBILE** — Programa automobilístico. Apresentação de Paulo Sant'Anna. Reprise
- 10h30 **VIBRAÇÃO** — Programa de esporte de ação e música. Apresentação de Cesinha Chaves
- 11h15 **STADIUM** — Esportivo

(Às sextas, sábados e domingos, a coluna *Televisão* apresenta a programação da *TV Búzios*. Os programas só podem ser captados na Armação de Búzios, Cabo Frio, Arraial do Cabo, São Pedro da Aldeia e Rio das Ostras)

SUPERCANAL

ESPN UHF 48

- 1h **GOLFE**
- 4h **FUTEBOL ESPANHOL**
- 5h **FUTEBOL AMERICANO**
- 8h **CORRENDO E COMPETINDO**
- 8h30 **SEMANA ILUSTRADA DE MOTORES**
- 9h **TBD**
- 9h30 **MODELAGEM FÍSICA COM CORY EVERSON**
- 10h **POR DENTRO DA TURNÊ PGA**
- 10h30 **TOP RANK BOXING**
- 12h30 **TDB**
- 13h **GOLFE**
- 15h **AUTOMOBILISMO**
- 15h30 **HIPISMO**
- 16h **NASCAR WINSTON CUP**
- 19h **GOLFE**
- 21h **FUTEBOL ESPANHOL**
- 22h **BASEBALL TONIGHT**
- 1h **ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE LUTA LIVRE**

RAI SHF 4

- 17h30 **MÃOS OBRAS ARTES**
- 18h **POP INTERNAZIONALE**
- 19h **CINEMA**
- 21h **COCCO**
- 21h30 **TELEGIORNALE**
- 22h **SHOW GHIBLI**
- 23h **RAI IN CONCERT**
- 23h30 **STASERA MI BUTTO**
- 1h **MÚSICA CLÁSSICA RAI**
- 2h **RITIRA IL PREMIO**
- 3h **CABO SAN REMO**
- 5h **ESPECIALE GINO PAOLI**
- 6h **POP INTERNAZIONALE**
- 7h **MODA 1990**
- 8h30 **TG 1 SETTE**
- 9h **CARO ZECCHINO**
- 10h30 **HAN HASS**
- 11h **AMANHÃ SERÁ TARDE**
- 11h30 **MÚSICA CLÁSSICA**
- 12h **O HOMEM E A NATUREZA**
- 12h30 **COMUNICAÇÃO**
- 13h **MEZZOGIORNO È**
- 14h **MÚSICA CLÁSSICA**
- 14h30 **CINEMA**
- 15h30 **CARO ZECCHINO**
- 16h30 **HAN HASS**
- 17h **O HOMEM E A NATUREZA**

TVM SHF 2

- 7h **DO YOU REMEMBER?**
- 8h **LANÇAMENTOS TVM**
- 9h **ROCK HOUR**
- 10h **POLYGRAM ESPECIAL**
- 11h **BMG ARIOLA**
- 12h **BLACK TENDENCY**
- 13h **SUPER CLIP**
- 15h **STILLETO ESPECIAL**
- 16h **TOP CLIPS**
- 18h **BLACK TENDENCY**
- 19h **CBS ESPECIAL**
- 20h **WEA ESPECIAL**
- 21h **EMI ODEON ESPECIAL**
- 22h **ROCK HOUR**
- 23h **LANÇAMENTOS TVM**
- 0h **DO YOU REMEMBER?**
- 1h **NIGHT BEAT**

CNN SHF 5

- 6h30 **MONEYWEEK** — Boletim financeiro
- 7h **NEWS UPDATE** — Noticiário
- 7h10 **HEALTHWEEK**
- 7h30 **STYLE WITH ELSA KLENSCH** — Moda
- 8h **DAYBREAK** — Noticiário
- 8h30 **THE BIG STORY** — Noticiário
- 9h **DAYBREAK**
- 9h30 **EVANS & NOVAK** — Entevistas
- 10h **CNN MORNING NEWS**
- 10h30 **YOUR MONEY** — Boletim financeiro
- 11h **NEWS UPDATE**
- 11h10 **ON THE MENU**
- 11h30 **NEWSMAKER SUNDAY** — Noticiário
- 12h **NEWS UPDATE**
- 12h10 **CNN TRAVEL GUIDE**
- 12h30 **SPORTSWEEK IN REVIEW**
- 13h **NEWSDAY** — Noticiário
- 13h30 **SCIENCE & TECHNOLOGY WEEK** — Ciência e tecnologia
- 14h **NEWSDAY**
- 14h30 **MONEYWEEK**
- 15h **THE WEEK IN REVIEW** — Noticiário
- 16h **CNN WORLD REPORT** — Reportagens mundiais
- 17h **NEWSWATCH** — Noticiário
- 17h30 **NEWSMAKER SUNDAY** — A personalidade da semana
- 18h **SPORTSWEEK IN REVIEW**
- 18h30 **INSIDE BUSINESS** — Boletim financeiro
- 19h **NEWSWATCH**
- 19h30 **SPORTS SUNDAY** — Esportivo
- 20h **PRIMENEWS** — Noticiário
- 21h **THE WEEK IN REVIEW**
- 22h **CNN EVENING NEWS** — Noticiário
- 23h **INSIDE BUSINESS**
- 23h30 **CNN SPORTS TONIGHT**
- 0h **CNN WORLD REPORT — FINAL EDITION**
- 3h30 **SPORTS LATENIGHT** — Esportivo
- 4h **EVANS & NOVAK**
- 4h30 **FUTURE WATCH** — O futuro da Terra
- 4h45 **CNN NEWSROOM** — Noticiário
- 5h **NEWS UPDATE**
- 5h10 **SHOWBIZ THIS WEEK** — Agenda de shows
- 5h30 **CROSSFIRE** — Debate econômico
- 6h **SPORTS LATENIGHT** — Esportivo

(O Super Canal funciona por assinaturas, nas ondas UHF e SHF. Contatos pelo telefone: 205-8612)

EXPOSIÇÕES

CELEIDA TOSTES — Esculturas. *Escola de Artes Visuais do Parque Lage*, Rua Jardim Botânico, 414. De 2ª a 6ª, das 10h às 19h. Sábados e domingos, dass 10h às 17h. Último dia

GABRIELLA BESANZONI — Exposição comemorativa com libretos, fotos, objetos pessoais e audição de gravações. *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176. De 3ª a 6ª, das 15h às 21h. Sábados e domingos, das 16h às 19h. Último dia

JÚLIO RESENDE — Pinturas e croquis. *Museu Nacional de Belas Artes*, Av. Rio Branco, 199. De 3ª a 6ª, das 12h às 18h. Sábados e domingos, das 15h às 18h. Último dia

CARMEN — UM PONTO DE VISTA — Cerâmicas, esculturas e pinturas feitas pelos fãs de Carmen Miranda. *Museu Carmen Miranda*, Parque do Flamengo, em frente à Av. Rui Barbosa, 560. De 2ª a 6ª, das 11h às 17h. Sábados, domngos e feriados, das 13h às 17h. Até dia 31

MARGARET MEE, UMA MULHER NA AMAZÔNIA — Desenhos e aquarelas. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66. De 3ª a domingo, das 10h às 22h. Até dia 4

CARLOS VERGARA — Pinturas. *Paço Imperial*, Praça XV. Diariamente, das 11h30 às 18h30. Até dia 2 de dezembro

I EXPO COLETIVA — Pinturas e esculturas. *Casa de España*, Rua Vitório da Costa, 254. De 3ª a domingo, das 14h às 21h. Último dia

EXPOSIÇÃO MIRIM — Coletiva com trabalhos dos alunos do Parthenon Centro de Artes e Cultura. *Plaza Shopping*, Rua XV de Novembro, 8. Diariamente, das 10h às 22h. Último dia

FEIRA DA ASSOCIAÇÃO DE ANTIQUÁRIOS DO RIO DE JANEIRO — Bijouterias, cristais, porcelanas, pratarias e outras peças. Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h, na *Praça Antero de Quental*, Leblon

FEIRA DE ANTIGUIDADES — Objetos e móveis. Aos sábados, das 9h às 17h, na *Praça Marechal Âncora* e aos domingos, das 10h às 19h, no *Casashopping*.

HENRIQUE SANT'ANNA — Pinturas. *Galeria de Arte Borghese*, Rua Marquês de São Vicente, 52/138. De 2ª a sábado, das 10h às 22h. Domingos, das 14h às 22h. Até dia 23.

CORES E FORMAS — Coletiva de pinturas e esculturas. *Galeria Maria Augusta*, Av. Atlântica, 4.240/131. Diariamente, das 13h30 às 19h. Até dia 27

CÉDULAS E MOEDAS — IMAGENS DE UMA CULTURA — Peças de diversas épocas e diversos países. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66. De 3ª a domingo, das 10h às 22h. Até dia 30

COLETIVA — Pintores e escultores brasileiros e italianos. *Hotel Nacional*, Av. Niemeyer, 759. De 2ª a 6ª, das 13h às 21h. Sábados e domingos, das 10h30 às 20h. Até dia 30

PATRÍCIA FREIRE E SÔNIA HARUMI OTA — Paisagens. *Centro Cultural Paschoal Carlos Magno*, Campo de São Bento — Niterói. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Sábados, das 10h30 às 18h30. Domingos, das 10h30 às 14h. Até dia 4

GALVÃO PRETO E ELIANE CARRAPATEIRA — Trabalhos em papel. *Centro Cultural Paschoal Carlos Magno*, Campo de São Bento — Niterói. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Sábados, das 10h30 às 18h30. Domingos, das 10h30 às 14h. Até dia 4.

DO INFINITO DO OLHAR AO FINITO DO VISTO — Mostra gráfica de Irene Peixoto e Márcia Cabral. *Gabinete de Arquitetura do Espaço Cultural Sérgio Porto*, Rua Humaitá, 163. Diariamente, das 14h às 19h30. Até dia 4.

FRANS POST — RETRATOS DO PARAÍSO — Obras o pintor holandês do século XVII. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66. De 3ª a domingo, das 10h às 22h. Até dia 4.

ALVIM CORRÊA — Pinturas e desenhos. *Sala Bernardelli do MNBA*, Av. Rio Branco, 199. De 3ª a 6ª, das 12h às 18h. Sábados e domingos, das 15h às 18h. Até dia 4.

ATW — Arte internacional através de telefax. *Museu de Arte Moderna*, Av. Beira-Mar, s/nº, foyer. 3ª, 4ª, 6ª, sábados e domingos, das 12h às 18h. 5ª, das 12h às 21h. Até dia 11 de novembro

ROBERTO LOEB — Projetos, desenhos, fotos e maquetes do arquiteto. *Museu de Arte Moderna*, Av. Beira-Mar, s/nº — 2º andar. 3ª, 4ª, 6ª, sábados e domingos, das 12h às 18h. 5ª, das 12h às 21h. Até dia 11 de novembro.

LÚCIA DAUSTER VIVACQUA — Fotografias. *Museu de Arte Moderna*, Av. Beira-Mar, s/nº — 3º andar. 3ª, 4ª, 6ª, sábados e domingos, das 12h às 18h. 5ª, das 12h às 21h. Até dia 11 de novembro.

O CRU E O COZIDO — Objetos e fotos sobre a culinária indígena. *Museu do Índio*, Rua das Palmeiras, 55. De 3ª a 6ª, das 10h às 16h. Sábados e domingos, das 12h às 17h. Até dia 12 de novembro.

MANUSCRITOS DA LITERATURA BRASILEIRA — Cartas, rascunhos e manuscritos de escritores brasileiros. *Casa de Rui Barbosa*, Rua São Clemente, 134. De 2ª a 6ª, das 10h às 17h. Sábados, das 12h às 17h. Até dia 24 de novembro.

O ESTADO NOVO EM NITERÓI — Fotografias do DIP, documentos, objetos e textos. *Museu do Ingá*, Rua Presidente Pedreira, 78 — Niterói. De 3ª a 6ª, das 11h às 17h. Sábados e domingos, das 14h às 18h. Até dia 30 de novembro.

A CULTURA NA MESA DA CONSTITUINTE — Exposição ilustrativa das Assembléias Constituintes de 1823 a 1891. *Museu Histórico Nacional*, Av. Marechal Âncora, s/nº. De 2ª a 6ª, das 10h às 17h30. Sábados e domingos, das 14h30 às 17h30. Até dia 31 de dezembro.

ELISEU VISCONTI — Pinturas e cerâmicas. *Sala Joaquim Lebreton do MNBA*, Av. Rio Branco, 199. De 3ª a 6ª, das 12h às 18h. Sábados e domingos, das 15h às 18h. Até dia 6 de janeiro.

MUSEU CARMEM MIRANDA — Exposição do acervo de Carmem Miranda, incluindo trajes, adereços, troféus e fotos da artista. *Museu Carmem Miranda*, Parque do Flamengo, em frente à Av. Rui Barbosa, 560. De 2ª a 6ª, das 11h às 17h. Sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h. Exposição permanente.

MUSEU DO FOLCLORE — Acervo com peças de artesanato em tecelagem, barro, madeira e renda. *Museu do Folclore*, Rua do Catete, 181. De 3ª a 6ª, das 11h às 18h. Sábados, domingos e feriados, das 15h às 18h. Exposição permanente

DANÇA

A MAGIA DO POVO CIGANO — Danças e músicas ciganas da Rússia, Espanha e outros países, com 15 bailarinos. Dom., às 16h. *Teatro do Ibam*, Largo do Ibam, 1. Ingressos a Cr$ 1.200, à venda na Rua Uruguaiana, 98 e Av. Copacabana, 380-B.

FESTIVAL DA PRIMAVERA — Apresentação das companhias de dança Art e Cia., Grupo Elos, Centro Cultural de Dança e outras. Dom., às 10h. *Teatro João Caetano*, Praça Tiradentes, s/nº (221-0305). Ingressos a Cr$ 350. Até dia 28 de outubro.

LOUCOS E AMANTES — Espetáculo com quatro balés da Cia. de Dança Fim de Século: *O alienista*, *Rebeldes*, *Sedução* e *Uma flor na lapela*. Direção de Renato Vieira. 5ª e sáb., às 21h, 6ª e dom., às 19h. *Teatro Dulcina*, Rua Alcindo Guanabara, 17 (240-4879). Ingressos a Cr$ 600 e Cr$ 500 (estudantes). Último dia.

VÍDEO

MAGNETOSCÓPIO — Exibição do ciclo *As novelas da Tupi*, incluindo trechos de várias novelas. Hoje, às 17h, 21h, 23h, no *Magnetoscópio*, Rua Siqueira Campos, 143/sala 30 (235-5069). Até dia 25.

MAGNETOSCÓPIO — Exibição de *Book of days*, de Meredith Monk. Hoje, às 18h, 22h, 24h, no *Magnetoscópio*, Rua Siqueira Campos, 143/sala 30 (235-5069). Até dia 25.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL — Às 10h30: *O menino e a foca dourada*. Às 16h: *Itália vídeo: programa videoteatro I*. Às 18h: *Itália vídeo: programa videodança*. Às 20h: *Itália vídeo: perfidi incanti*. Hoje, no *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1º de Março, 66. Entrada franca.

NÚCLEO ATLANTIC DE VÍDEO/MOSTRA INFANTIL — Exibição de *João e Maria*. Hoje, às 16h, na *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176. Entrada franca

TV PIRATA — Exibição dos vídeos *Metallica* (São Paulo 89), *Slayer* (San Francisco 86), *Death* (Combat 2), *Dark Angel* (Combat 2), *Suicidal tendencies* (MTV 89) e *King Diamond* (Live Flint 89). Hoje, às 18h, no *TV Pirata*, Rua do Catete, 243.

BANDAS DE ROCK — Às 18h: *Rolling Stones*. Às 20h: *Iron Maiden — Behind the iron courtain*. Às 22h: *Scorpions — Super rock in Japan*. Hoje, no *Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63.

TOCA DO LOBO — Exibição de vídeos com *Rod Stewart*, *Madonna* e *Engenheiros do Hawai*. Hoje, a partir das 21h, na *Toca do Lobo*, Rua Juiz Alberto Nader, 14 — Niterói.

CINEMA NO MUSEU — Exibição de *Benedito, o santeiro*, de Celso Brandão. Hoje, às 16h, no *Museu do Folclore*, Rua do Catete, 181. Entrada franca.

OUTUBRO ROCK — Exibição de *Big world sessions — Joe Jackson e Thomas dolby clips*. Hoje, às 20h, na *Casa de Cultura Laura Alvim*, Av. Vieira Souto, 176

Piscina limpa exige cuidados

Especialista ensina como fazer a manutenção de uma piscina

ARLIETE ROCHA

PARA ter uma piscina em casa é preciso gastar entre Cr$ 370.000 — se o consumidor optar por uma Jaccuzzi com 3 m de diâmetro por 90cm de profundidade — ou pagar Cr$ 20.000 por metro quadrado de construção, sem incluir os equipamentos necessários que ficam em torno de Cr$ 78.000. Além do preço alto, ter piscina uma piscina em casa requer alguns cuidados com a manutenção para manter a água cristalina e saudável.

Uma piscina não tratada pode se tornar foco de uma série de doenças como micoses, pé de atleta, conjuntivite, otite, provocadas por bactérias e vírus trazidos pelo banhista e pelo ar. Um outro problema é o aparecimento de algas que se multiplicam rapidamente na água da piscina, além dos odores desagradáveis que surgem com a água suja e o aparecimento de materiais orgânicos como folhas, poeira, óleos bronzeadores e gordura natural da pele e cabelos. Eliomar Azevedo, gerente da Azul Piscina's, uma loja de São Conrado, explica que para um perfeito funcionamento, a piscina precisa de cuidados diários e semanais, com tratamento físico e químico da água. Suas dicas e sugestões de rotina para manutenção são as seguintes:

■ *Filtração:* realizada pelo filtro, bomba, pré-filtro, areia e manômetros. Todo o volume de água passa por esses equipamentos e retorna limpa à piscina. Deve ser feita diariamente para garantir a remoção de sujeira suspensa na água. O preço de um conjunto hidráulico Jaccuzzi para filtração éCr$ 63.890.

■ *Aspiração*: processo complementar da filtração. Remove partículas de sujeira depositadas sobre o fundo e paredes da piscina. É feita com um aspirador próprio conectado a um bocal de aspiração. A frequência é determinada pelo acúmulo de sujeira depositada. Aspirador: Cr$ 2.200.

■ *Peneiração*: deve ser feita quando houver folhas, insetos e resíduos em geral no nível da água. Para esse trabalho é utilizada uma peneira com cabo. Peneira: Cr$ 890; cabo Cr$ 1.700.

■ *Escovação*: escovar as bordas fundo sempre que houver acúmulo de gordura e sujeiras. Escovas: a partir de Cr$ 890.

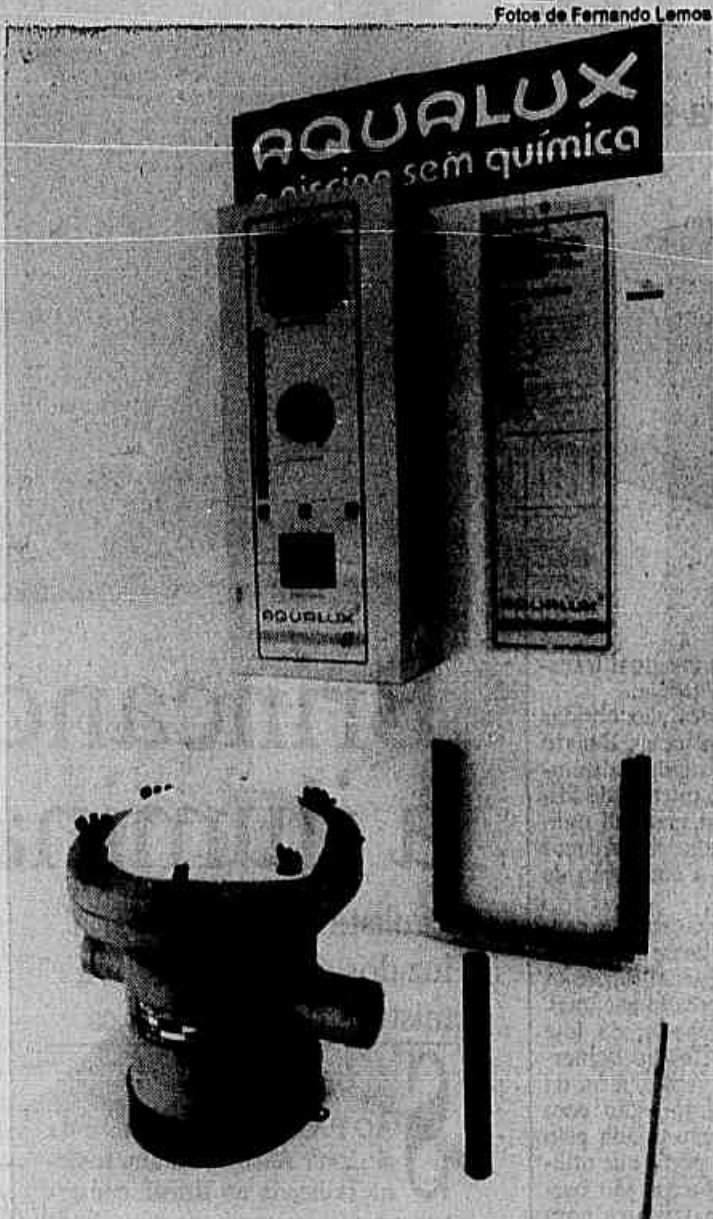
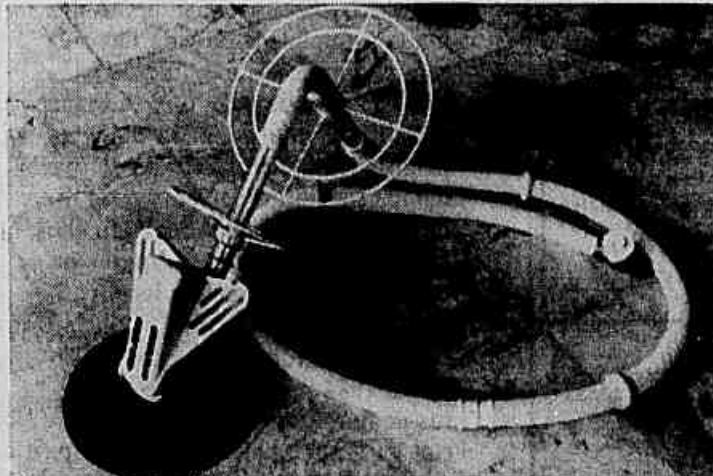
■ *Limpeza de pré-filtro*: a bomba dispõe de pré-filtro para reter impurezas maiores. A limpeza frequente desse equipamento é necessária para o perfeito funcionamento da bomba.

Além desses cuidados, o especialista aconselha manter a área em torno da piscina sempre limpa e os equipamentos em boas condições de operação. O uso de redes de proteção evita a penetração de sujeiras e proporciona segurança. O metro quadrado da rede de proteção na loja de Eliomar custa em média Cr$ 580. Ele adverte ainda quanto a necessidade de tratamento químico na água e explica que é preciso saber o volume de água da piscina para usar as fórmulas adequadas. Os principais passos a seguir são:

■ *Controle do pH*: o ph ideal deve ficar entre 7.0 e 7.6. Existem estojos de testes especiais com tabelas e indicações de produtos para correção de ph alto ou baixo. O estojo para teste custa Cr$ 700 e o redutor de ph sai por Cr$ 300, o litro.

■ *Cloração*: deve ser feita seguindo as tabelas de dosagens dos produtos e sempre à noite. Nas piscinas de fibra ou vinil o produto deve ser dissolvido primeiro num balde e nunca aplicar cloro e algecidas no mesmo dia. O preço do cloro granulado é Cr$ 475, o quilo

■ *Purificação*: quando a água aparece turva mesmo depois da filtrição. Deve ser utilizado um clarificante químico a cada dois dias, sempre à noite, para manter a água cristalina. Clarificante: Cr$ 580, o litro

Fotos de Fernando Lemos

O aqualux deixa a água livre de algas e bactérias

O barracuda é um aspirador prático: funciona sozinho

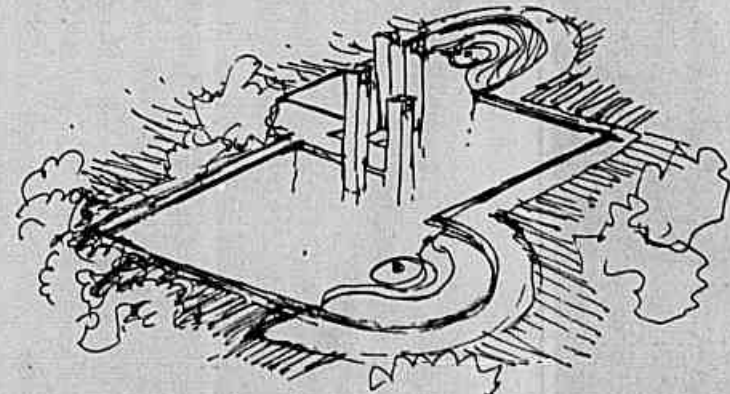
O que há de novo para as piscinas

Nas lojas especializadas há uma série de acessórios para ajudar a manter a piscina bem tratada. Os mais práticos são:

■ *Aqualux* — equipamento que dispensa a utilização de produtos químicos para eliminação de algas e bactérias. Além de evitar o uso de cloro e outros produtos químicos que provocam irritação nos olhos, coceiras e ressecamento na pele e cabelos, a grande vantagem do aqualux é que ele é controlado por um **timer**, que liga e desliga a bomba e o filtro diariamente. O único cuidado é aspirar normalmente o fundo da piscina e retrolavar periodicamente o filtro. Preço médio Cr$ 33.300.

■ *Barrucada*: um aspirador de piscina que parece um pequeno **robot**. Funciona através de um diafragama pulsante que provoca a sua movimentação por toda piscina, sem precisar de nenhum auxílio. O aparelho circula por toda piscina, aspirando poeiras, algas, folhas, insetos, etc. e enviando diretamente para o filtro. O preço desse tipo de aspirador é Cr$ 54.000.

■ *Isoflux*: Além de proteger as partes metálicas contra corrosão, evita depósitos de manchas de óleos bronzeadores ou da gordura natural da pele. Atua com efeito magnético que emulsifica as impurezas, aglomerando-as em partículas maiores, que são removidas pelo filtro. O Isoflux custa Cr$ 4.300

■ *Revestimento em poliuretano*: substitui os tradicionais azulejos de piscinas. Pode ser aplicado diretamente sobre a estrutura de concreto, deixando a superfície impermeabilizada e brilhante. Simplifica a conservação e limpeza, impedindo a fixação de algas e outras impurezas. Super resistente a impactos, pode ser aplicado em várias cores. O metro quadrado desse tipo de revestimento está custando Cr$ 1.650.

□ *O arquiteto Paulo Casé sugere destacar especialmente o barulho da água através de repuxos perto dos degraus e uma fonte no centro, que pode ser pintada da mesma cor do fundo. Um deck de madeira e plantas circundam a piscina.*

MAPA DA MINA

Azul Piscinas - Estrada da Gávea, 847
Aqualar - Estrada da Barra da Tijuca, 1636
Acquadimi Piscinas - Av. das Américas, 1510
Acqua Design - Av. das Américas, 2111
Paraíso Tropical - Av. das Américas, 1700
Hiclabi - Av. das Américas, 1720 -
Barra Piscinas - Av. das Américas, 2000
SPA Piscinas - Av. das Américas, 5150

DESIGN

Reciclando a pedra

Um empresário e dois *designers* descobrem a plasticidade da pedra-sabão

ARLIETE ROCHA

A maciez e plasticidade da pedra-sabão é aproveitada na fabricação de objetos utilitários e decorativos pelos designers Luis e Patrícia Marinho da Saldanha Marinho Arquitetura, em associação com o empresário Renato Andreu. O material, encontrado unicamente em Minas Gerais e na região centro-oeste do Brasil, teve presença marcante na imponência da arquitetura do século XVIII, e também na história da arte e artesanato brasileiro e foi pensando em reviver e valorizar a pedra que Renato começou a pesquisar as possibilidades de produzir peças que fugissem ao tradicional estilo do artesanato mineiro, onde ela é um dos carros-chefe. A linha de produtos quando ele encontrou a dupla de designers, responsável pelos desenhos.

A principal preocupação de Renato era acabar com o preconceito em relação à pedra-sabão. "Apesar de ser um material bonito, era muito mal explorado, com aplicação de vernizes que davam um falso brilho e descaracterizavam a textura e tonalidades", explica ele. Já Luis e Patrícia se empolgaram com a possibilidade reintroduzir um material que teve presença tão marcante no cotidiano da sociedade brasileira. Para eles criar peças com pedra-sabão, uma pedra genuinamente brasileira, única no mundo, é resgastar um pouco da nossa cultura e tradição.

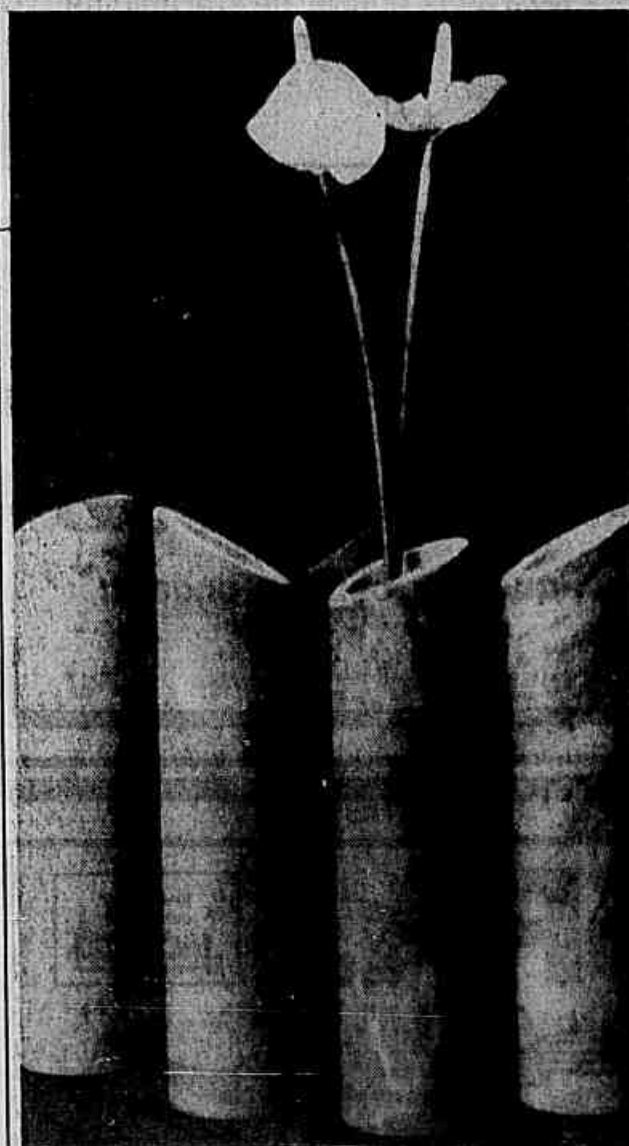
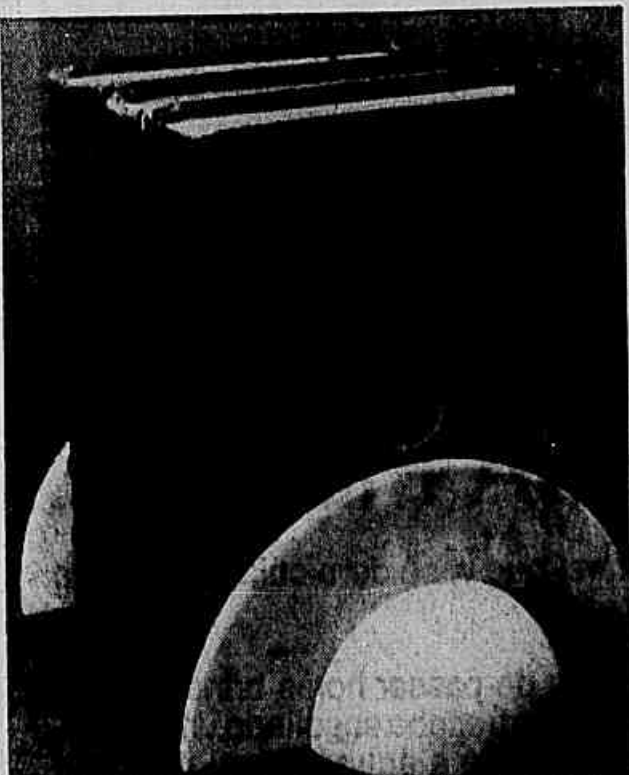
Fruteiras, vasos, castiçais, aparadores de livros preservam a tradição dos objetos utilitários, complementados por elegantes luminárias de pé e refinados **sousplats**. Nos desenhos de linhas simples e suaves ficam ressaltadas todas as qualidades do material. Com o torneamento e polimento natural, a pedra ganha colorações esverdeadas, azuladas ou rosadas e veios tão bonitos e inéditos, que muitas pessoas cofundem com mármore. "Cada pedra é uma surpresa. As cores e desenhos dos veios não se repetem nunca. É possível uma mesma peça ter duas nuances de cores diferentes e até uma eventual transparência", surpreende-se Patrícia.

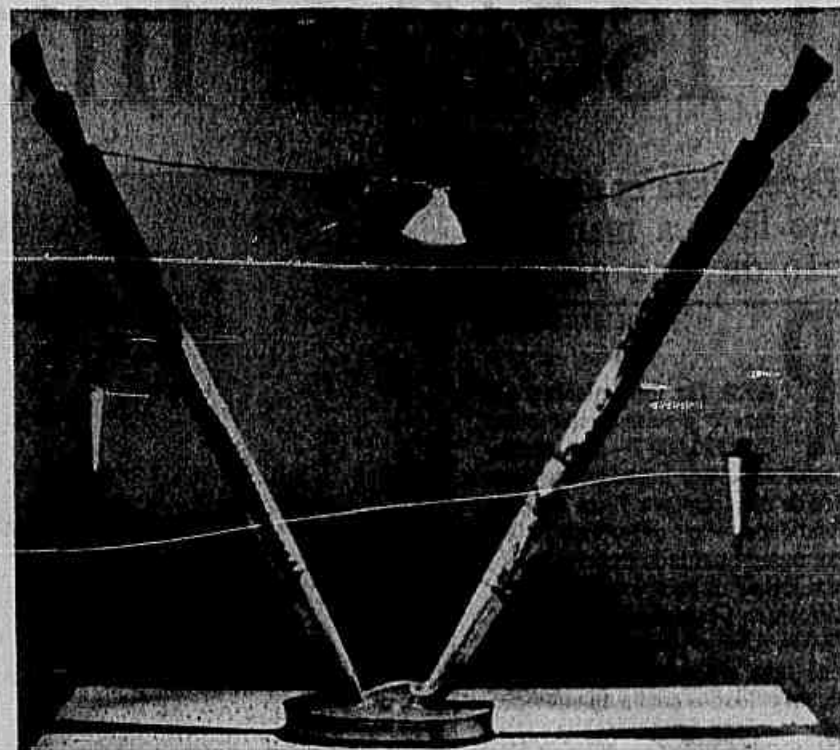
Muitas dessas qualidades são obtidas em função da qualidade da rocha. Renato só compra pedras selecionadas, diretamente dos mineradores no interior de Minas Gerais. "A maioria do material utilizado em artesanato é refugo em pedaços pequenos, que dificultam a confecção de peças maiores", explica.

Preocupados com a aceitação, eles pensaram, a princípio, em produzir uma linha para exportação, mas acabaram surpresos com a receptividade no mercado nacional. Nomes como Sérgio Machado, da loja Hum, Romildo Silva Fº, Cláudio Bernardes e Cynthia Pedrosa da AMC, além da Intedesign de São Paulo, já estão com peças dessa primeira coleção criada pelo trio. Em comparação com peças que utilizam outros materiais os preços são bastante convidativos: uma fruteira com 37cm de diâmetro está em torno de Cr$ 8.000, os vasos podem ser encontrados por Cr$ 4.800, as luminárias de parede custam Cr$ 9.000 e as de pé Cr$ 32.000.

ONDE ENCONTRAR:

Loja Hum - São Conrado Fashion Mall - 2º piso
Romildo Silva Fº - Av. Ataulfo de Paiva, 135 - loja 204
AMC - Shopping da Gávea - 2º piso
Sign - Rua Visconde de Pirajá, 351 - 2º piso
Pronta entrega - tel. 293-0527

Fernando Lemos

A plasticidade da pedra-sabão em aparadores de livros e luminária de parede (em cima), ou em vasos e luminárias (em-baixo), um novo material para os designers

O empresário Renato Andreu redescobriu a pedra-sabão no design de Patrícia e Luís Marinho

Brincando com a iluminação

Paulista propõe mudar a luz dos ambientes com a mistura de muitas cores

SÃO PAULO — Na opinião da *designer* Adriana Adam, romena radicada no Brasil, conservar uma iluminação sempre igual nos ambientes é como ouvir o mesmo disco incessantemente. "A luz muda a qualidade de vida das pessoas e quando ela é estática, a vida torna-se monótona", diz. Adriana acredita, como dona da empresa paulista Arquitetura da Luz, que iluminar significa dar uma nova dimensão à arquitetura. Segundo ela, a luz valoriza as linhas arquitetônicas, a cor e a textura do local redimensionando o espaço.

A Arquitetura da Luz foi fundada em 1984 para dedicar-se a projetos de iluminação, de casas a edifícios de grande porte. "Nós criamos climas em diversos ambientes", explica. "Uma das nossas intenções é mostrar a magia da luz". A Arquitetura da Luz definitivamente não se enquadra nos moldes ortodoxos de iluminação. As soluções podem até parecer estranhas, mas Adriana garante que elas são as mais funcionais. Os preços dos projetos variam de Cr$ 500 mil, para um pequeno apartamento, até Cr$ 5 milhões, para grandes residências.

Uma das criações da empresa, sediada num galpão em Pinheiros, e com loja nos Jardins, é o sistema aéreo aparente. São fios semelhantes a varais com vários pontos móveis e direcionáveis, que acabam com o conceito de iluminação estática, pois a pessoa pode mudar constantemente os efeitos, tanto para uma festa quanto para um clima mais intimista. As lâmpadas usadas são as halógenas de 50 watts e 12 volts. Estes tipos possuem o filamento mais próximo da luz solar. Ela é branca, não queima e dá maior brilho. "Antes, para conseguir o mesmo efeito da halógena, era necessário colocar uma lâmpada incandescente de 145 watts. Hoje nós ganhamos em economia e estética", diz Adriana.

A lâmpada halógena vem acoplada a uma redoma *multi mirror*, ou seja, uma esfera espelhada e multifacetada que multiplica o facho da luz. Elas existem em modelos de três fachos: fechado, médio e aberto, de 18, 24 e 36 graus respectivamente, que podem iluminar detalhes ou paredes inteiras. Adriana também sugere outros recursos no desenho da iluminação como telas de cobre, latão, gelatinas e lentes. "Nós precisamos de criatividade e soluções sutis".

A Arquitetura da Luz também comercializa cerca de 100 variações de luminárias de pé, mesa e teto de outros *designers* como Gunther Pachalk, que acaba de lançar a coleção denominada *Umecendi*, luz espiritual em tupi-guarani. Entre os recentes modelos destacam-se a Kaiapó (1.002 BTNFs), Kuikuru II (919 BTNFs), e a Karajá II (835 BTNFs). "O nosso conceito é minimalista, o máximo de efeitos com o mínimo de recursos", define Adriana.

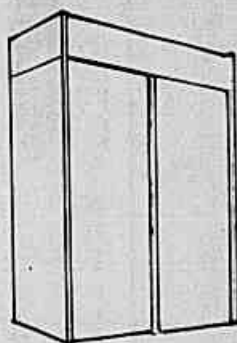
Em breve a empresa vai diversificar seu nome. Adriana associou-se ao arquiteto italiano Gaetano Pesce, idealizador da Torre Pluralista, um prédio de apartamentos que será erguido no bairro de Campo Belo, zona sul da cidade. A torre exibe um conceito nada tradicional de arquitetura: cada andar do edifício vai ser desenhado por diferentes arquitetos, como uma moderna torre de Babel.

Adriana Adam propõe brincadeiras para mudar a iluminação

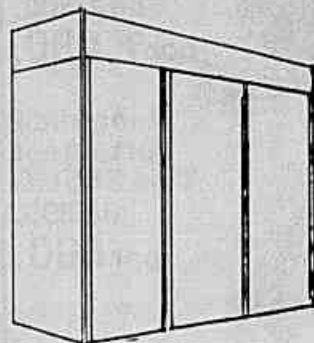
PROJETOS & OFERTAS

Promoção por tempo limitado ou enquanto durar nosso estoque

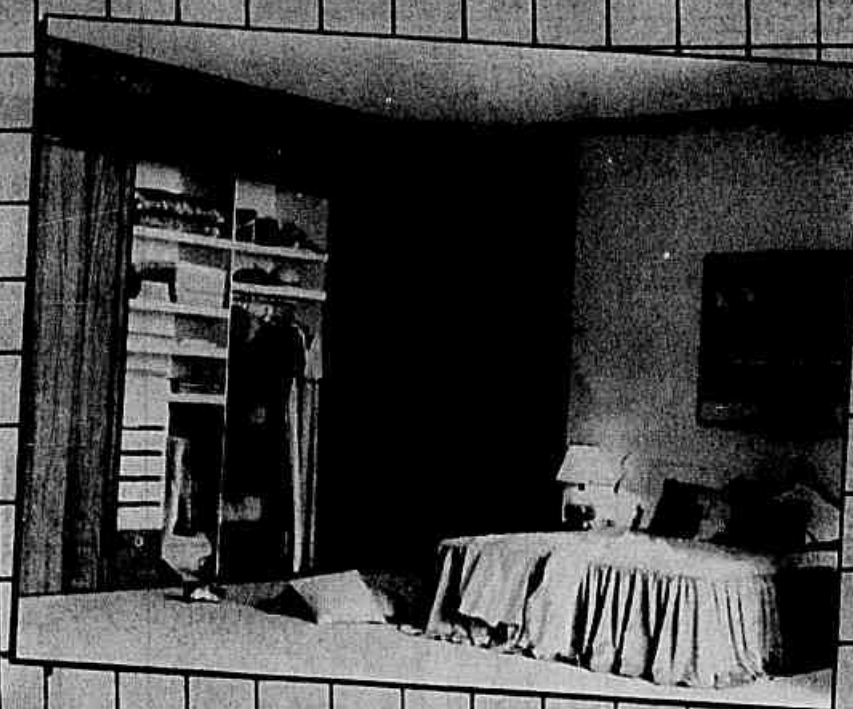
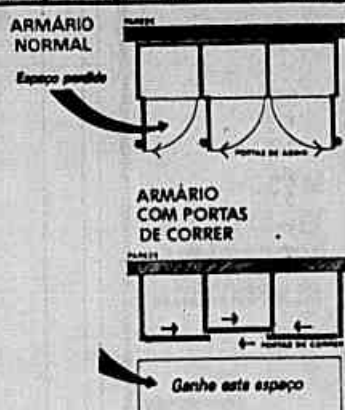
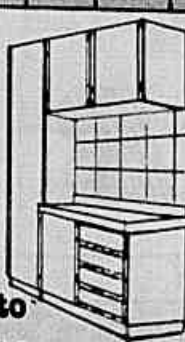
ARMÁRIOS C/PORTAS DE CORRER

VENDA DIRETA DA FÁBRICA

Projeto

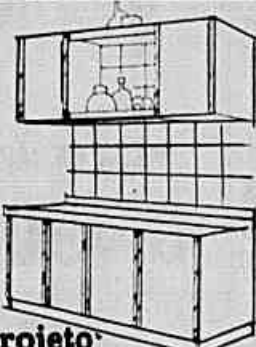
Armário linear para nicho de 1,22 × 2,63 m com 2 portas de correr, 8 prateleiras e 2 varas de cabide

SUPER OFERTA
Cr$ 54.714,00

Projeto

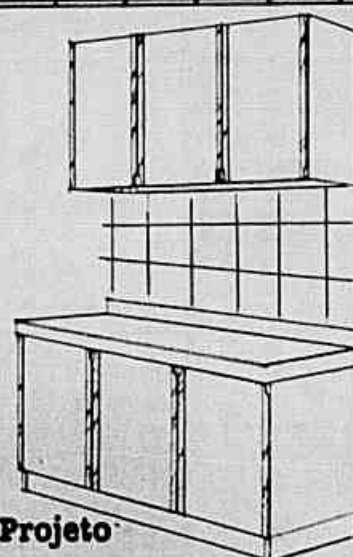
Armário linear para nicho de 1,93 × 2,63 m com 3 portas de correr, 12 prateleiras e 3 varas de cabide

SUPER OFERTA
Cr$ 79.247,00

COZINHAS

Projeto

1 armário superior com 2 portas, 1 armário inferior, 1 gaveteiro e 1 armário paneleiro

SUPER OFERTA
Cr$ 71.626,00
À vista

Projeto

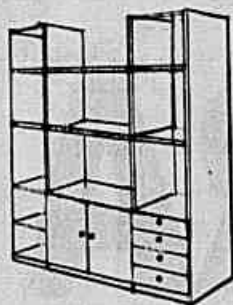
2 armários superiores, 2 prateleiras e 1 armário inferior com 4 portas

SUPER OFERTA
Cr$ 66.707,00
À vista

Projeto

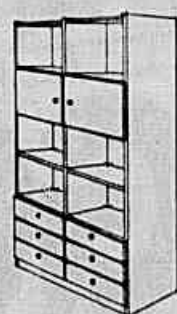
1 armário superior com 3 portas e 1 armário inferior com 3 portas

SUPER OFERTA
Cr$ 57.409,00
À vista

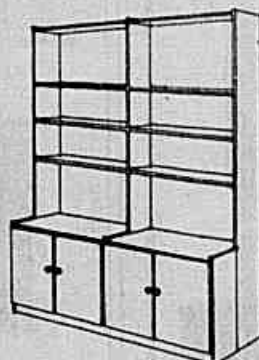
* Corpo branco c/portas em promoção

ESTANTES

Projeto

Estante com 1,76 × 1,84 m com 2 portas, 4 gavetas e 10 prateleiras

SUPER OFERTA
Cr$ 66.159,00
À vista

Projeto

Estante com 1,76 × 0,93 m com 2 portas, 6 gavetas e 8 prateleiras

SUPER OFERTA
Cr$ 55.683,00
À vista

Projeto

Estante com 1,76 × 1,84 m com 4 portas e 8 prateleiras

SUPER OFERTA
Cr$ 53.368,00
À vista

SuperCentro VOGUE

EMPRESA DO GRUPO MP móveis práticos

Aceitamos cartões de crédito

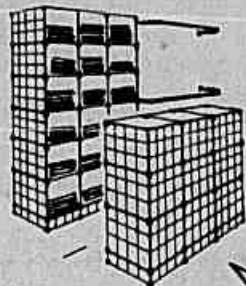
Vendas para todo o Estado

COPA: Barata Ribeiro, 194-J - Tels.: 542-2698/541-8447 **TIJUCA:** Conde de Bonfim, 80-B - Tels.: 234-5775/234-4788 **LEBLON:** Ataulfo de Paiva, 19-F - Tel.: 239-5195
CENTRO: Buenos Aires, 85 - Tel.: 222-2134 **AV. BRASIL - BONSUCESSO:** Av. Brasil, 6.179 - Tel.: 260-4897/260-0447 **LEBLON:** Ataulfo de Paiva, 80-B - Tel.: 259-0545
V. IZABEL: Pereira Nunes, 395 Tels.: 228-1992/254-5637 **BARRA:** CasaShopping - Tels.: 325-9837/325-8588 (Sábados até 20h)

Em outubro desconto de + 5% para funcionários da Petrobrás e Banco do Brasil

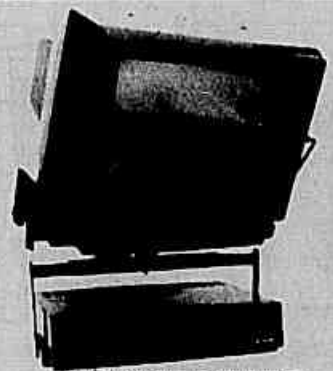
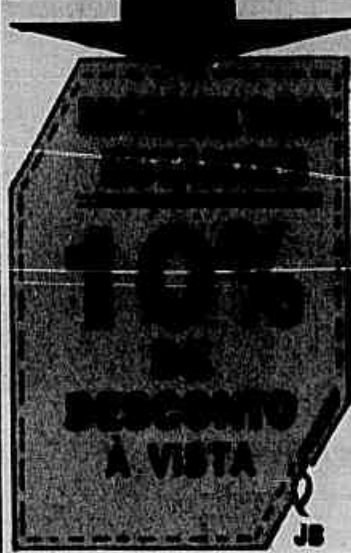
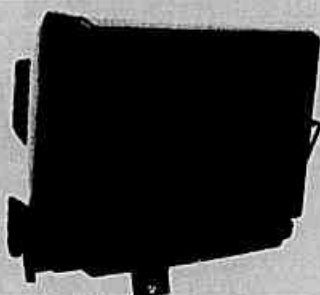
RECORTE E GANHE

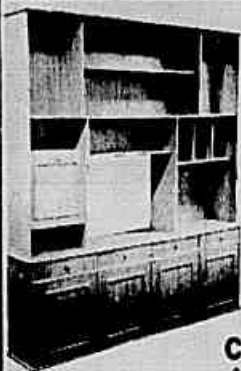
SUPER OFERTA

KIT COMPLETO P/SUA LOJA

COMPOSTO DE:
1 - Escaninho
1 - Balcão
2 - Araras Fixas
1 - Biombo
1 - Arara m/10

Montamos lojas de qualquer ramo ou atividade

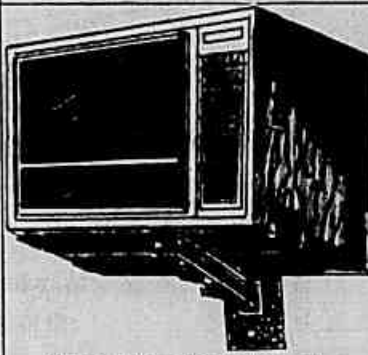
ARAMADOS
Também em exposição na Ilha
Estr. do Galeão, 2715
Bl. 2 Sala 215
280-9990

2 x **13.900,**
À vista 27.800, c/cupom 25.000,

SUPORTE DE TV E VÍDEO STANDARD
2 x **990,** c/cupom 1.790, À vista 1.988,

SUPORTE DE TV STANDARD
2 x **830,** c/cupom 1.490, À vista 1.660,

MESA TELEFONE E SECRETÁRIA ELETRÔNICA
2 x **1.490,** c/cupom 2.690, À vista 2.988,

ESTANTE SUPER SOUND CEREJEIRA
2,00 mts x 2,30 mts
2 x **13.900,** c/cupom 25.900, À vista 28.780,

MESA DE MICRO SL
2 x **3.190,** c/cupom 5.790, À vista 6.430,

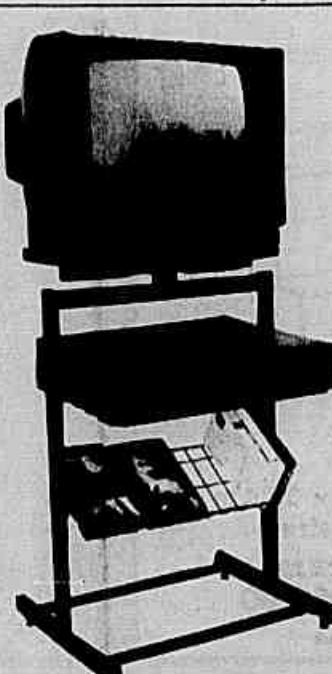
MESA DE MICRO ST
2 x **3.490,** c/cupom 6.290, À vista 6.990,

MESA DE IMPRESSORA ST
2 x **2.990,** c/cupom 5.490, À vista 6.100,

SUPORTE FORNO E LAVA LOUÇAS
2 x **830,** c/cupom 1.490, À vista 1.655,

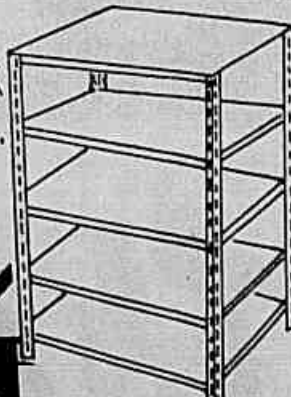
MOCHI-CAR
Só à Vista **890,**

CORTADORA DE GRAMA ELÉTRICA
1/2 HP à Vista 15.470, c/cupom **13.900,**
1 HP à Vista 16.569, c/cupom **14.900,**

ESCADA DE FERRO CARACOL
Com 3 metros
À vista 22.000,
c/cupom **18.800,**
ou entrada De 11.000, + 2 x 5.500,
Total = 22.000,

ESTANTE DE AÇO
C/5 Prateleiras
198 x 092 x 030
À vista 2.545,
2.290, c/cupom

MESA TV E VÍDEO MODELO STANDARD
2 x **1.390,** c/cupom 2.490, À vista 2.780,

TEMOS TODA A LINHA DE ESTANTES REFORÇADAS

TEMOS P/PRONTA ENTREGA

INSTALAÇÕES SUPORTES E VENTILADORES
242-7003 - 242-4047
221-0241 - 232-3823

TELEX 21-37824 21-40784

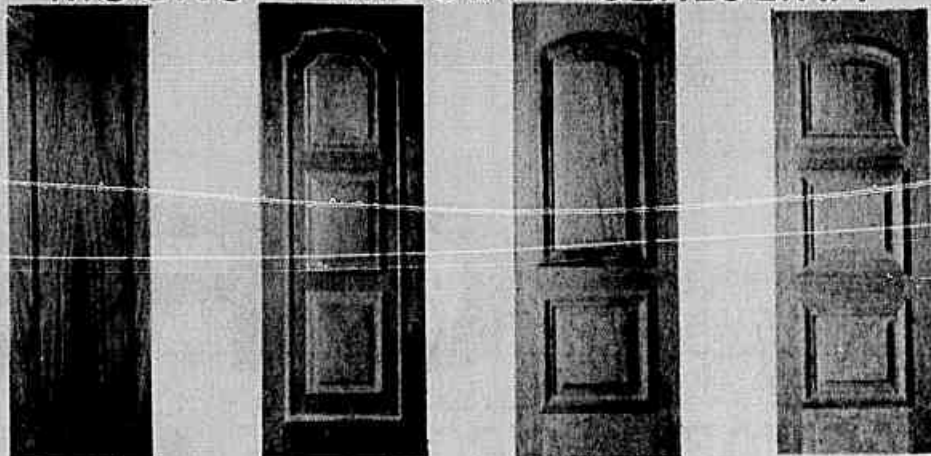
SHOPPING MATRIZ DAS ESTANTES

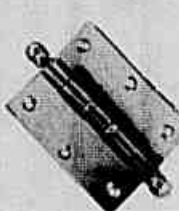
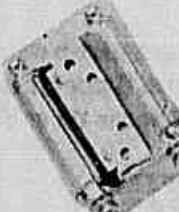
LOJAS DO VAREJO DA FÁBRICA

CENTRO: R. Riachuelo, 325 Lj.B (esq. Henrique Valadares) 242-7003/242-4047/221-0241/232-3823
NOVA IGUAÇU - Rua Otávio Tarquino, 282, na rua do BANERJ, 767-8369
SÃO JOÃO DE MERITI - Rua Expedicionario, 46 -rua da CEF 756-3765/756-5811/756-4934
MADUREIRA - Rua Edgar Romero, 526 - em frente ao Campo do Cajueiro - 351-8919
BENTO RIBEIRO - Rua Carolina Machado, 1482/1488 - em frente a Estação - 390-2954
IRAJÁ - Av. Monsenhor Félix, 870 - Ao lado do Supermercado Guanabara - 371-9977
MÉIER - Cônego Tobias, 31 - Em frente a Estação - 593-9849
CAXIAS - Av. Duque de Caxias, 333 Ao lada Antiga Rodoviária - 771-5430
ABOLIÇÃO - Av. Suburbana, 7131 - Ao lado do Nacional - 593-1899
COPACABANA - Av. Copacabana, 581/209 - Centro Comercial Copacabana -256-4865
CAMPO GRANDE - Av. Cesário de Melo, 3393 -frente as Sendas

GIL

COLOQUE SEGURANÇA EM SUA CASA

MOGNO — IMBUIA — CEREJEIRA

PROMOÇÃO DE FERRAGENS

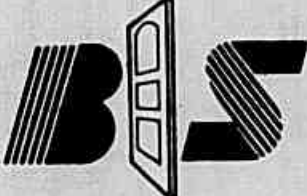
Dobradiça Fechamatic
de 1.600, por **1.490,**

Dobradiça Forte Anel Tipo 344 L.O
de 890, por **800,**

Dobradiça Vai-Vem
de 1.560, por **1.400,**

FABRICAÇÃO FERRAGENS PAGÉ

FRETE GRÁTIS

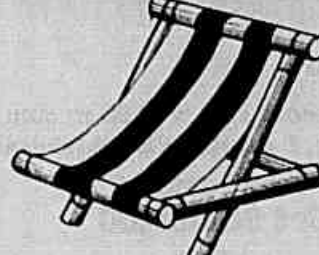
Fechadura Colonial
de 9.000, por **7.000,**

Fechadura Papaiz
4 voltas de 2.900, por **2.600,**
2 voltas de 2.600, por **2.000,**

TEMOS COLOCAÇÃO

234-9864
Rua Mariz e Barros, 1.058 Lojas D e E — Tijuca

É AGORA!

GTAO

Cadeira de praia PICOLLINA
Mais de 20 anos de praia
Lançamento.
3.500,

Diversos tipos de móveis também para interiores.
Venha conhecer!

Conheça nossa linha de saunas seca e a vapor, piscinas em fiberglass com diversos modelos.

Equipamentos e acessórios para piscinas. Filtro a partir de
14.500, À VISTA

Sauna seca ou a vapor.
Projetos, construção e instalação em qualquer espaço.

Conjunto Francês TAWANDA (importado) Mesa e 4 cadeiras

4 VEZES SEM JUROS

Banheiras de Hidromassagem
Em várias cores e tamanhos.
A mais completa linha em Fiberglass.

ATENDIMENTO DAS 9H ÀS 20H. INCLUSIVE SÁBADOS E DOMINGOS.

SHOW DE LAZER
Av. das Américas, 1720
Ao lado do Paes Mendonça.
Tel.: 325-8583

ALUGO OU VENDO — Betoneiras 250, 320 ou 750 litros Dumpers 750 litros Agrale. Tels 270-2787 e 270-0344

AD7 ?? CI — ... zero emb a óleo — Partida direta — Cb Florestal — Rodante exc. Só 2880 mil Ac. Carro — 031 — 464-2701/ 7812 — 3ª f

MÁQUINAS DE COSTURA INDUSTRIAL — Vendo maquinário completo para Jeans total ou separadamente, inclusive lavanderia. Tratar no horário comercial de 2ª a 6ª feira Tel. 787-0345 789-0290

COMPOSER ELETRÔNI... — Com 56 fontes. Exceler... estado de conservação. Tel 253-6578 Hor com... bens

PROMOÇÃO ARMÁRIOS E COZINHAS

guelmann

TIJUCA — R. CONDE DE BONFIM, 44 TEL.: 284-4743

60% DE DESCONTO

PROJETO, ENTREGA E MONTAGEM INTEIRAMENTE GRÁTIS

PLANTÃO HOJE
DISQUE JÁ 284-4743

LANÇAMENTO

Só 52.000,
ou 3x20.455,

COZINHA EM FÓRMICA BEGE C/ DETALHE EM CEREJEIRA, COMPOSTA DE:

- Armário superior c/ 3 portas c/ prateleira interna.
- Nicho p/ geladeira
- Armário superior c/ 2 portas. c/ prateleira interna.
- Paneleiro duplo c/ prateleira interna.
- Armário inferior c/ tampo. 2 portas + 1 gaveteiro.

PROMOÇÃO VÁLIDA SOMENTE P/ AS PRIMEIRAS 50 COZINHAS

COZINHAS PLANEJADAS, MODELOS A SUA ESCOLHA.

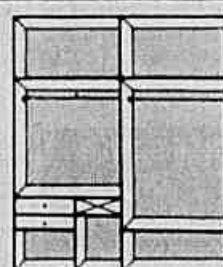
PORTAS DE CORRER OU ABRIR EM:

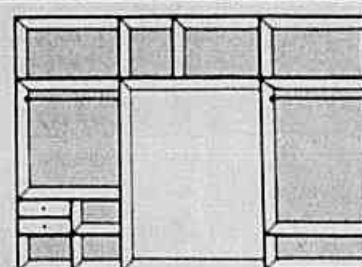
- Laqueado, cores a escolher
- Mogno
- Marfim
- Freijó
- Cerejeira
- Espelho
- Molduras (madeira ou colorida)
- Apliques (c/ detalhe dourado)
- Fechaduras c/ chaves tipo Yale

LCS Publicidade

CONFIRA NOSSOS PREÇOS

ARMÁRIO 6 PORTAS LAQUEADO OU MADEIRA
- 2 gavetas
- 1 prateleira
- 1 prateleira dupla
- 2 cabideiros

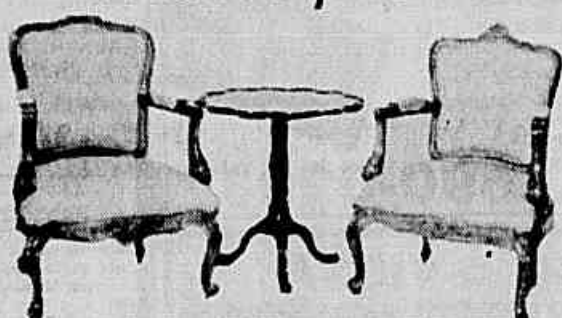
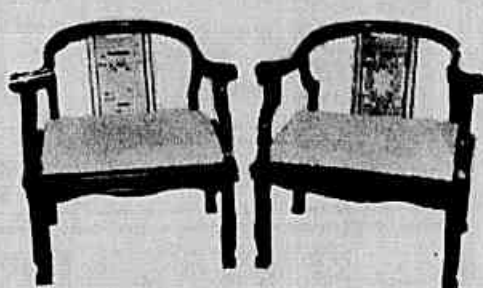
2x29.683,
CEREJEIRA OU MOGNO

ARMÁRIO 8 PORTAS LAQUEADO OU MADEIRA
- 2 gavetas
- 2 prateleiras duplas
- 1 calceiro
- 2 cabideiros

2x39.545,
CEREJEIRA OU MOGNO

ARMÁRIO 11 PORTAS C/VÃO P/ CAMA DE CASAL LAQUEADO OU MADEIRA
- 2 gavetas
- 1 prateleira
- 2 prateleiras duplas
- 2 cabideiros

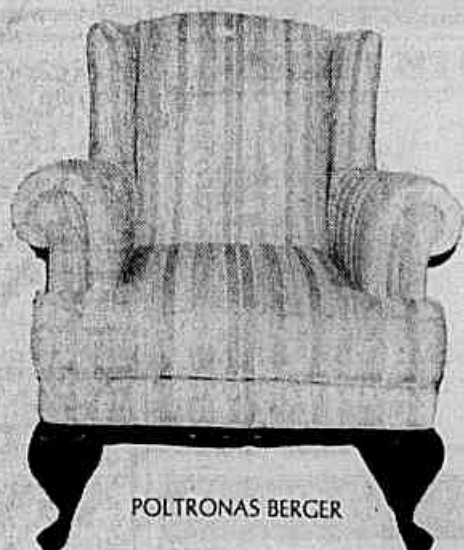
2x46.196,
CEREJEIRA OU MOGNO

CATETE — R. PEDRO AMÉRICO, 107 — TEL.: 205-5626 TIJUCA — R. HADOCK LOBO, 175 — TEL: 293-3141

"PROMOÇÃO PAPAI NOEL". ANTECIPE SUAS COMPRAS DE NATAL. TUDO EM 3 VEZES SEM JUROS.

UTILIZE SEU CARTÃO

PAR DE POLTRONAS ESTOFADAS EST. LUIS XV

PAR DE CADEIRAS EST. CYSNE EM MOGNO (PROMOÇÃO)

ESCRIVANINHA EST. IMPÉRIO C/TAMPO EM VERDE (pirografado)

CONSOLE LUIS XV DOURADO C/ESPELHO.

POLTRONAS BERGER

GRUPO LUIS XV EM (DECAPÊ) BRANCO EM DAMASCO FRANCÊS.

POLTRONA VITORIANA

CADEIRA DE BRAÇO ANTIGA EST. LUIS XVI (TEMOS O PAR)

• COMPRAMOS • VENDEMOS • TROCAMOS • FINANCIAMOS

"AGORA O SEU CRUZEIRO VALE MAIS."

Rua dos Inválidos, 59-63 - Centro - Tel.: (021) 252-9002 - RJ
224-3278

TIRANTE

- CONSULTE NOSSAS CONDIÇÕES ABAIXO
- 3 VEZES PELO CREDICASA
- USE SEU CARTÃO DE CRÉDITO

PROMOÇÃO - PREÇOS À VISTA

Consulte ou faça seu pedido pelo telex 2140617

AZULEJOS

KLABIN/CECRISA

Item	Preço
15x15 Extra	
Branco	699,00
Azul	719,00
Jovita	549,00
Loreci	549,00
Lorenna	599,00
Forno e Fogão	649,00
Olimpia Verde	599,00
15x15 C	
Branco	548,40
Morgana	499,00
Juraci	499,00
Fátima Marrom	499,00

GUAINCO

Item	Preço
20x20 Extra	
Chipre	899,00
Travertino	899,00
Las Palmas	859,00
Romana	699,00
Celta	899,00
Fiorentino	899,00
20x20 1ª	
Las Palmas	458,00
Celta	528,00
Malta	528,00
Campestre	598,00

REVESTIMENTO INCEPA

Item	Preço
20x33 Extra	
Carmen II Rubis	1.827,00
25x25 Extra	
Antila Snow	1.838,74
Antila Onix	1.838,74
25x25 1ª	
Draco Cream	1.261,80
25x25 D	
Icaro Grey	698,00
Icaro Cream	698,00
25x36 Extra	
Kerma Cream	1.605,00
Adana Grey	1.398,00
15x15 Liso	
Azul Extra	747,00
Branco 1ª	658,00
15x25 Extra	
Mozaico Ivory Cream	1.148,40

Item	Preço
20x25 Extra	
Fundo Marmore Grey	1.152,83
20x25 1ª	
Astro Grafite	1.398,00

Coleção 90

Item	Preço
20x25 Extra	
Dacia	1.912,00
Cronos Ivory	1.912,00
Amir Ivory	1.912,00
Odeon Ivory	1.912,00
Metauro Palmino	1.912,00
Marbella	1.912,00
20x25 1ª	
Callas Ivory	1.541,00
Milon Ivory	1.541,00

METAIS

FABRIMAR

Item	Preço
Ap. p/ Lav. 1875 DL	4.412,01
Ap. p/ Lav. 1875 SO	6.303,39
Torneira p/ Lav. 1193 AQ	1.365,47
Torneira p/ Lav. 1194 DL	1.866,80
Torneira p/ Lav. 1194 CAP	2.523,98
Torneira p/ Pia 1157 PRAT	3.100,00
Torneira p/ Pia 1170 VESP	2.980,75
Torneira p/ Pia 1170 AQ	2.491,59
Torneira p/ Tanq. 1158 AQ	1.383,12
Ducha Aquajet 2195 AQ	3.713,85
Ducha Aquajet 2195 FQ	3.903,94

PISOS

CHIARELLI

Item	Preço
20x30 Extra	
Areia	553,74
Savana	699,00
N. Cinza	598,00
34x34 Extra	
Panamá Beige	799,00
Ocra	740,00
Negrita	614,00
34x34 C	
Bruma	599,00
Cobre	599,00
33x33 1ª	
Aluminio Beige	528,00
Almond	498,00
Bruma	498,00
30x40 Extra	
Antares	789,00
30x40 1ª	
Delphos	458,00
Carrara Cinza	498,00
30x40 C	
Carrara Cinza	392,40
Carrara Marrom	392,40

SÃO JOSÉ

Item	Preço
30x30 1ª	
Lajota Fosca	483,60
Natural	363,60
Vitrif. Brilh.	568,80

TUBARÃO

Item	Preço
20x30 Extra	
Canela	586,00

BUSCINELLI

Item	Preço
21x32 Extra	
Marrom 007	477,60
Verde 0008	418,96
21x32 C	
Marrom 007	398,00
32x32 Extra	
Cinza 004	438,00
Marrom 003	438,00
32x32 C	
Verde 005	398,00
Cinza 004	398,00

BARCELONA

Item	Preço
20x30 Extra	
Mayorca	469,20

INCEPA

Item	Preço
33x33 Extra	
Pérgamo	1.207,20
Paxix Preto	1.207,20
Paxix Cinza	1.207,20
Paxix Areia	1.207,20

CIMENTO AMIANTO

ETERNIT

Item	Preço
Ondulada 5 mm	
1.22x1.10	399,00
1.53x1.10	538,80
Ondulada 6 mm	
1.22x1.10	540,00
1.83x1.10	885,31
Caixa D'água	
Caixa D'Água 1000 lt c/tampa	7.506,45

TINTAS

Item	Preço
Suvinil PVA bl	4.635,00
Massa Suvinil PVA Lt	1.536,00

TUBOS

CARDINALI

Item	Preço
Esgoto 6 mt	
40 mm	319,40
50 mm	534,54
75 mm	774,09
100 mm	999,00
ÁGUA 6 MT	
1/2	295,10
3/4	419,00
1	629,00
1 1/4	859,00
1 1/2	1.199,00
2	1.710,00

LOUÇAS

Item	Preço
Vaso c/caixa Flamingo	
Cores 101/126	11.020,80
Conjunto Flamingo 3 Pçs.	
Cores 101/123/125/126/132	13.498,00

FERRO P/CONSTRUÇÃO

Item	Preço
4.2 Vara c/12 Mt	112,76
3/16 Vara c/12 Mt	121,89
1/4 Vara c/12 Mt	180,00
5/16 Vara c/12 Mt	267,89
3/8 Vara c/12 Mt	442,49

ARMÁRIOS

SUIÇA

Item	Preço
Armário reto 0.60	6.444,90
Armário reto 0.80	8.850,60
Armário reto 1.00	9.711,00

DULAR

Item	Preço
Armário reto 0.60	7.166,70
Armário reto 0.80	9.405,00
Armário reto 1.20	12.591,00
Espelheira 0.60	4.624,20
Espelheira 0.80	6.504,30
Espelheira 1.00	7.001,10

TIRANTE ITAIPU — ESTRADA DE ITAIPU, 3675 — ITAIPU - NITERÓI — TELS.: 709-0011 e 709-3938

TIRANTE INOÃ — RODOVIA AMARAL PEIXOTO (RJ 106) KM. 18 - MARICÁ — TELS.: 736-5210 e 736-5211

TIRANTE NOVA CIDADE — R. VICENTE LIMA CLETO, 66 — NOVA CIDADE - SÃO GONÇALO — TEL.: 701-4840

TIRANTE ROCHA — AV. MARICÁ, 44 — PRAÇA DO ROCHA - SÃO GONÇALO — TELS.: 712-3104 e 712-7834

ROLO — PAINEL C/MOLDURA — CORTINA TRADICIONAL

FÁBRICA RUA OPERÁRIO FORTES, 74 - RAMOS

280-4896 * 280-4097

OLELI'S DECORAÇÕES
COZINHAS PLANEJADAS — BANHEIROS
ARMÁRIOS EMBUTIDOS

FABRICAÇÃO PRÓPRIA
NÃO USAMOS AGLOMERADO
EXECUTAMOS REFORMAS DE ALVENARIA
TUDO SOB MEDIDA
4 X SEM JUROS
PROJETOS E ORÇAMENTOS GRÁTIS
Rua Cândido Benício, 1037
Tel.: 288-0391

BANQUETAS!

A SOLUÇÃO DO SEU ESPAÇO COM CONFORTO E QUALIDADE

1.550, — 1.300, — PROMOÇÃO em mogno ou cerejeira

Charm — Av. 28 de Setembro, 214 — 284-1142 — 284-9310

TOLDOS E COBERTURAS DE ALUMÍNIO
COMERCIAIS E RESIDENCIAIS
761-4327
Colocação em 72 horas
2.400,00
3 x s/ juros

CASA — PRODUTOS E SERVIÇOS PARA O LAR
700

MÓVEIS DECORAÇÕES 710

APARELHO DE JANTAR — Antigo, louça inglesa, 44 peças, perfeito estado. Apartir US$ 1300. T. 226-8597.

MÓVEIS DE SALA — Imbuia maciça, mesa c/ 6 cadeiras, estante, mesinha, abajour. Tudo 35 mil. Tel. 710-4364.

RAMOS ESTOFADOR — Reforma seus móveis estofados em geral. Facilita pagamento. Tel. 201-7400.

LAQUEAÇÃO À PISTOLA — Móveis e Armários embutidos. Tel.: 285-6952 — Mello.

SUPER LAVAGEM
Grupo estofado 1.500,00
Banco de carro 1.200,00
249-3931 JORGE

REFORMA DE ESTOFADOS
Serviço rápido e garantido. Mostruário completo de tecido.
COREMA
Tel. 391-5870.

LAQUEAÇÃO
Lustra-se e conserta-se móveis. Troca-se cor, qualquer estilo doura e decapê.
Tel.: 225-5670
Paulo Santos

VENDO — PORTA DE IGREJA — Traduzida em estilo neolítico, confeccionada por artesãos provenientes da imigração alemã no início do século, Estado de Minas Gerais. Tel: 293-6280.

SOFÁ BIÇAMA — 7.000. 3 poltronas 4.000 cada. Cadeira vime. 4.000. T.: 205-7605.

VENDO CAMA CASAL — Turca colchão 1.50x2.00 novos e 8 cadeiras sala de jantar estofadas espaldar alto. Tel. 239-8477

CLASSIFICADOS JB — 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas.

ANTIGÜIDADES 711

ATENÇÃO COLECIONADORES — Decoradores etc. gde promoção de objetos antigos. Ótimos preços peças a partir de 1.000,00 venha conferir. R. Voluntários da Pátria, 452, Loja J ao lado da Cobal.

LUSTRE DE CRISTAL — Tcheco, 6 braços, 50 anos, perf. 577-8120/ 577-3709.

SENSACIONAL PROMOÇÃO
SOPISO - Revestimentos.

Pisos: Formipiso; Unifloor; Vinamipiso; Vulcapiso; Vinalite; Pavflex
Carpetes: Tabacow; Plavigor; Tapeflex; Marajó; Raveria; Nylon 6mm; Anti Derrapante; Tábua corrida em mandeira de lei

Plantão aos sábados, domingos e feriados
R.S. JANUARIO, 187
580-3834 ● 580-3034

GEIMAR DECORAÇÕES
FABRICAÇÃO PRÓPRIA
Preços Honestos e Serviços de Qualidade
- Cortinas, românticas e tradicionais
- Rolos e painéis
- Colchas, mantas e almofadas em matelassê.

ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO
R. Siqueira Campos, 143 sbj.110
☎ 255-9492/255-5029/235-3648

CASAS EM MADEIRA DE LEI

COMPROVE VOCÊ MESMO TODAS AS VANTAGENS QUE PODEMOS LHE PROPORCIONAR.

Casas a partir de: 667.000,

FACILITAMOS O PAGAMENTO

- MONTANHA
- CIDADE
- CAMPO
- PRAIA

Antônio Lemos Rep e Serv Ltda.
Rua Senador Dantas nº 117 - Sala 509

FÁBRICA DE BARES

Bares Personalizados não vendidos para as lojas.

Modelos exclusivos em mogno Resinado, Verniz Poliuretâneo, alto brilho ou acetinado.
Vários estilos de Bares, Estantes e Mesas de centro.

Facilitamos pagamento

JS Decorações
Consulte-nos.
Tel.: 590-6293

O MENOR PREÇO À VISTA

COIFAS ELETROSTÁTICA — FOGÕES DE EMBUTIR

PAGAMENTO EM 3 VEZES

C.L.A.
Rua Campos da Paz, 58 - Rio Comprido
Rua Siqueira Campos, 143 Loja 70 - Copa

TELEFONES: 273-5121 235-5375 293-5284

SEMER, BRASTEMP e CONTINENTAL
Entrega imediata
Instalações grátis

FORMIPISO
Vulcapiso * Vulcatex
Revestimento monamassa
Papel de parede/Tapetes
Limpiso em tábuas corridas com brilho.
336-7905/331-2690/331-7905

CORTINAS EM PROMOÇÃO
3 vezes s/juros
- Cortina painel por apenas 2.390, a folha
- Cortinas japonesas todos modelos a partir de 1.700 m

Tels. 289-7466 • 717-1136

PURIFICADOR DE ÁGUA

EUROPA
- Não é ozônio
- Não é elétrico

TEL.: 712-5898

TAPETES ARRAIOLOS (Diamantina — MG.)
* Grande variedade a preços especiais para lojistas e decoradores.
* Aceitam-se encomendas.
Rua Conde do Bonfim, 106 — Lj. 106 — Tijuca — Rio
234-8682 e 204-0581 — Domingos e feriados 593-1414.

LEITURA DINÂMICA

É só passar os olhos na Seção de Material de Ensino do JORNAL DO BRASIL e marcar a opção correta. No JB você encontra todo dia tudo sobre cursos, material didático, apostilas e, sobretudo, cultura.
Ligue 580.5522 e tire a prova.

JORNAL DO BRASIL
Classificados

ELETRODOMÉSTICOS 720

AR CONDICIONADO — Dois aparelhos a Ar. Hitachi ou Coldex 5 TR (HP) — Sistema DUTO — funcionamento normal. Tel. 221-3022 ou 221-2188

COMPRO TUDO GELADEIRAS TV
Ar condicionado e móveis e tudo do lar, pago bem hoje mesmo. Tel. 389-4142 e 253-0...

GELADEIRA PINTURA — 6.000, pistola c/tinta porc. a dom., troco borracha 3.500. Tel: 257-4422 — Luiz

COMPRA TUDO
222-3451
252-7060
Aparelho de som e vídeo, ar refrig. acordeon, LP máq. de lavar e coser e costura, freezer geladeira, TVs à cor e PB e relógio de ponto, eletro doméstico em geral.

COMPRAR VENDER ALUGAR TUDO.
Classificados

VENDO SECADORA DE ROUPA BRASTEMP — Nova, nunca foi usada. Cr$ ... mil. Tel: 274-0244.

GIL COMPRA TV
A cores: som 3x1 e ... p/b portátil parada ou funcionando. Preço a combinar.
Tel.591-2923 at. rápido

VENDO TV A CORES 20" SONY IMPORTADA — ... nova, som stéreo, controle remoto. Valor US$ 80... Procurar Heló, tel. 220-4... ou 240-9677.

CLASSIFICADOS JB 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas, para as edições de domingo e 2ª feira até às 20 horas de sexta-feira.

MODAS CONFECÇÕES 750

DISCOTECA INFANTIL — Som, luz, fumaça, luz negra, globo, aranha, máquina de bolha e animação. Sérgio. 270-2168.

A Verdade dos Móveis de Jardim e Piscina

- ☐ **Madeira** Apodrecem, descolam, descascam e quebram.
- ☐ **Ferro** Desconfortáveis, pesados, enferrujam etc...
- ☐ **Tubular** Trincam, as cores esmaecem, as juntas quebram, as tiras soltam. (Vide encanamentos de PVC).
- ☒ **Alumínio Silício c/Polipropileno** Consagrados na Europa, resistentes à umidade,maresia, sol, chuva, poeira e a maus tratos.

CONJUNTO IPANEMA - Mesa Polipropileno c/4 cadeiras Extra-fortes empilháveis.

DE: 22.865, POR: **17.846,**

LINHA EKOLOGICA MARFINITE

PREÇOS COM DESCONTO 3 x SEM JUROS

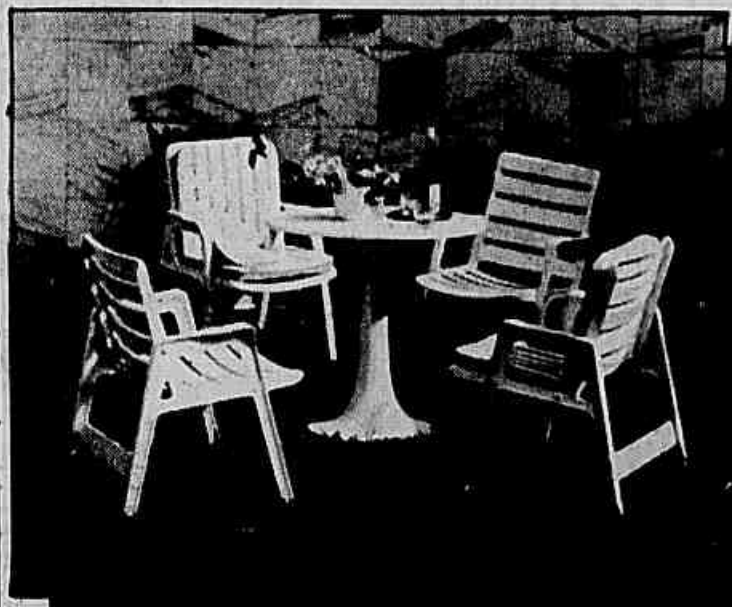
DINER'S OU CREDICARD

DIRETO DA FÁBRICA SEM INTERMEDIÁRIOS

CONJUNTO NEO CLÁSSICO — Espetacular mesa Alumínio-Silício com Mármore Poliester c/ 4 cadeiras Alumínio-Silício a Polipropileno. Design exclusivo.

DE: 96.682, POR: **74.992,**

Veja que oferta!!!

Mesa polipropileno C/4 cadeiras giratórias à vista de 25.496, Por 19.314, ou entrada de **9.314,** + 2 X 5.000

CONJUNTO SENHORIAL — Mesa Calcita c/ pés tipo taça revestida c/ mármore poliester c/ 4 cadeiras integrais. Alto conforto. Empilháveis.

De 62.705, Por **44.926,**

CONJUNTO TROPICAL — Mesa Alumínio-Silício e Polipropileno c/ 4 cadeiras integrais. Alto conforto. Empilháveis.

De 50.035, Por **39.300,**

CONJUNTO IBIZA — Mesa Polipropileno c/ 4 cadeiras

De 25.496 por **47.868,**

SÓ ATÉ SÁBADO

Item	De	Por
Cadeira Ipanema Fixa	DE 4.147	POR. 3.255,
Cadeira Dobrável, Polipropileno	DE 4.611	POR 3.435,
Cadeira Giratória, Polipropileno	DE 4.776	POR 3.622,
Cadeira Polipropileno c/braços	DE 8.437	POR 6.574,
Poltrona integral c/5 posições	DE 11.940	POR 9.211,
Cadeira Alumínio Silício	DE 17.074	POR 13.355,
Espreguiçadeira Polipropileno	DE 18.475	POR 13.763,
Espreguiçadeira BASCULANTE	DE 35.514	POR 27.517,
Mesa Alumínio Silício c/polipropileno		
Diâmetro 0,80	DE 16.287	POR 13.004,
Diâmetro 1,10	DE 28.028	POR 21.941,
Mesa Alumínio Silício c/mármore de Poliester		
Diâmetro 0,80	DE 28.385	POR 21.572,
Diâmetro 1,00	DE 43.965	POR 34.238,
Diâmetro 1,20	DE 59.759	POR 44.513,

TEMOS EM ESTOQUE TODAS AS MERCADORIAS ANUNCIADAS

MATRIZ DAS ESTANTES

LOJAS DO VAREJO DA FÁBRICA

CENTRO - Rua Riachuelo, 325 Loja B esquina Henrique Valadares. 242-7003 242-4047
NOVA IGUAÇU - Rua Otávio Tarquino, 282 - na rua do BANERJ. 767-8369
SÃO JOÃO DE MERITI - Rua Expedicionário, 46 - Na Rua da CEF. 756-3765 756-5811 756-4934.
MADUREIRA - Rua Edgard Romero, 526 - em frente ao Campo do Cajueiro. 351-8919.
BENTO RIBEIRO - Rua Carolina Machado, 1482/1488 - em frente a Estação. 390-2954.
IRAJÁ - Av. Monsenhor Félix, 870 - ao lado do Supermecardo Guanabara. 371-9977.
MÉIER - Cônego Tobias, 31- em frente a Estação. 593-9849
CAXIAS - Av. Duque de Caxias, 333. - ao lado da antiga Rodoviária. 771-5430.
ABOLIÇÃO - Av. Suburbana, 7131 - ao lado do Bradesco. 593-1899.
COPACABANA: Av. Copacabana, 581 Loja 209 — 256-4865
CAMPO GRANDE - Av. Cesário de Melo, 3393 - em frente as Sendas. 394-8799.
SHOW-ROOM - Martins Júnior, 44 km 4,5 Washington Luiz (descida). 771-4717 771-0770 771-6132 772-0064.

DO JANTAR AO LAZER — Excelente mesa de jantar com gaveteiro, transformável em maravilhosa Sinuca. **UMA GRANDE TACADA**:

BOLAS CANADIAN SPHERE — ESPETACULARES de 6.500, por **3.990,** a caixa.

Telex: 21-40784
Telex: 21-37824

PING PONG

O PING PONG profissional GABIMA está sempre pronto em décimos de segundo. Passa de um móvel com rodizios que não ocupa espaço, para uma mesa semi-aberta, para treino pessoal, ou uma magnífica mesa oficial à prova de água, com velocidade e quique de bola regulamentares. De

De 49.563, Por **39.860**

As mesas de Sinuca GABIMA são construídas em Aço 1.020 e Aço Inoxidável com tampos resínicos, totalmente indeformáveis e garantidos. A GABIMA já fabrica no Brasil tacos de Alumínio.

De 69.691, Por **52.800** (Brinde 8 bolas e 2 tacos)

Essas feras têm nome:

Gabima

Fabricada em aço e alumínio a mesa de totó **GABIMA** é uma festa permanente para adultos e crianças. Totalmente fundida em alumínio. Durabilidade eterna.

De 70.348, Por **62.600**

BORZOI — Belíssima ninhada, pai campeão nacional sul americano e internacional, 50 dias. Tratar Cristina. 511-2264, após 20 h.

BOXER — Filhotes dourados. Telefone: 263-3556.

CANIL HOHLE VON WOLF - Vende dobermann filhotes, pais c/ excel. pedigree, vacinados, vermifugados, rabo e ergô cirurgiados. Tel: 241-2198 e 396-0620.

DOBERMAN - Filhotes e adultos. Lindos. Excelentes guardas. Tel: 396-3970, Marcos.

HUSKY SIBERIANO - Vende-se filhotes c/ pedigree, olhos azuis, Cr$ 18 mil. Tr. 228-0442.

MINE POODLE - Lindos, rabinhos cortados, 48 dias, 2 fêmeas e 1 macho. Tel: 205-9169/ 541-5795.

MINI PONEIS — Vdo. 2, excepcionais, reprodutores, pedegree, US$ 3.000 cada. Sr. Vitor. Tel. 325-6211 — F.C. Marapendi.

POODLE TOY - Branco, linda ninhada, c/ pedigree. Tel. 399-2628.

POODLE TOY — Canil wood pigeon linhagem mackintosh, 60 dias, verm. excel. pedigree. Tr.: 238-3188, Jorge.

POODLE TOY ANÃO - c/ pedigree, lindas fêmeas, cor abricó, c/ 40 dias, pais no local. Tel: 325-0157.

POODLE ANÃO BRANCO — Lindos filhotes 45 dias c/ pedigree. Tel: 398-3970 Marcos.

ROTTWEILER — Macho porte grande, 87 dias, excelente pedigree e temperamento. Mãe no local, pai importado. Tel: 399-0268

ROTTWEILER — Filhotes com 3 meses - Excelente pedigree ótimo temperamento. Vacinados. Tel: 709-1205 Marcio.

VENDE-SE CABRAS — 18 matrizes, 13 pequenas e 1 reprodutor, Cr$ 600 mil. Tr. 767-2663.

CLASSIFICADOS JB — 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO 786

SERVIÇOS GERAIS — Pintor ladrilheiro, pedreiro bombeiro hidrom. etc. Orçamento grátis. Francisco. Tel.: 2[illegible] 5553.

BUFFET FESTAS E REFEIÇÕES 760

CONDESSA FESTAS - Serviço completo de buffet e trenzinho de: hamburguer, pizza, cachorro-quente, batata frita, pastel, pipoca e algodão doce. Tel: 581-1141.

CONDESSA PRODUTOS NATURAIS - Entregamos leite de cabra a domicílio. Tel: 581-1141.

FILMAGENS VHS — Qualquer evento / conversões sonorizadas de fotos, slides e super 8 para videocassete Tel. 264-3787/248-5456 Alvaro.

TOALHA/ ALUGUEL — Lindíssima toalha de tule, iluminada c/ aplicação de renda e flores. 285-0080, Vera.

PLANTAS E JARDINS 770

PLANTAS E JARDINS — Execução, manutenção e reformas (Casas e Condomínios). Aluguel de plantas, hotel de plantas, orç. sem compromisso pgto facilitado. Tel. 391-1394/ 392-7641.

DIVERSOS 790

TREM ELÉTRICO — Alemão, "Marklin" — escala HO, ótimo estado, Cr$ 80.000,00. Eduardo. Tel: 247-6340.

FAQUEIRO DE PRATA - Vendo com 130 peças, 0 km. Tratar tel. 235-7821.

CLASSIFICADOS JB — 580-5522 Anuncie por telefone de 2ª a 6ª feira para todas as edições até às 18 horas.

ANIMAIS E VETERINÁRIA 791

BOXER DOURADO - excelente ninhada com pedigree. Tel. 390-9707 após 16 horas.

ADESTRAMENTO SIST. USA — Atualizado método prog. s/ garras. Tel. 521-4059. Sergio Hor. com.

BASSET HOUND — Vende-se lindos filhotes. 1 mes. Machos e fêmeas. Tr. T. (0242) 21-1020, Petrópolis-Correas.

TUDO MAIS BARATO QUE AS FÁBRICAS

INCA

Pedra Bahia 21 x 32 Extra
Aquarius 30 x 40 Extra — **450,00**

DECORITE

9001 Orion Extra
9053 Ilha de Marajó Extra
9007 Anzio 20x20 Extra
9054 Ilha de Paquetá 20x20 Extra. — **750,00**

31 x 31
Siena 361 Extra — **900,00**

LOUÇAS

INCEPA CIDAMAR

MODELO IBIZA

Item	Preço
Vaso Convencional	11.700
Bidet 3 furos	11.700
Lavatório p/coluna	7.000
Coluna p/lavatório	5.000
Vaso c/caixa acoplada	20.000
Cuba Sobrepor	5.000

NAS CORES:
Bone - Branco - Wild Rose - Silver Grey - Macê - Ambar Griz - Rosa Shell - Marina Green

MODELO SQUARE

Item	Preço
Vaso Convencional	11.700
Bidet 3 Furos	11.700
Lavatório p/ Coluna	7.000
Coluna p/Lavatório	5.000
Vaso c/Caixa acoplada	20.000
Cuba Sobrepor	5.000

NAS CORES:
Bone — Branco — Wild Rose — Silver Grey — Macê — Ambar Griz — Rosa Shell — Marina Green

MODELO STUDIO E STUDIO LYGHT

Item	Preço
Vaso Convencional	19.600
Bidet 3 Furos	21.000
Lavatório p/Coluna	9.100
Coluna p/Lavatório Suspensa	8.400
Vaso c/Caixa acoplada	30.000
Cuba Embutir	6.000
Cuba Sobrepor Studio	9.000
Cuba Sobrepor Studio Lyght	9.000

NAS CORES:
Branco — Bone — Ambar Griz — Azul Império — Wild Rose — Macê — Silver Grey

TANQUE DE LOUÇA

22 Lts. c/ coluna branco = 8.500

CIDAMAR COZINHA

Pia p/ cozinha Lacave Completa. Cor 301/302
Pia p/ cozinha Marjolet Completa Cor 301/302 — **10.000**

Cuba p/ Pia Chandon Completa. Funda Cor = 301/302/303
Cuba p/ Pia Chablis Completa. Rasa = Cor = 301
Escorredor P/ Pia Lejon Completo Cor = 301 — **6.000**

CIDAMAR BANHEIRO

Piso Box (Cidabox) 80x80. Em Louça Grez Cor = Branco/Bone/Silver Grey Wilde Rose/Âmbar Griz
Lavatório Magno 1,00 ml. Cor = Creme — **10.000**

IDEAL STANDARD

MODELO PARIS

Item	Preço
Vaso convenc. c/assento	18.000
Vaso c/caixa acoplada c/assento	27.000
Bidet 3 furos	12.200
Lavatório p/coluna	8.100
Coluna p/lavatório	8.000
Cuba sobrepor Paloma	8.500
Cuba embutir oval	3.900
Cuba embutir Luna pequena	3.700
Lavatório s/coluna Habitat Branco	2.000

TUDO MAIS BARATO QUE AS FÁBRICAS

DECA

MODELO DEVILHE

Item	Preço
Vaso Convencional	8.000
Bidet 3 Furos	8.000
Lavatório p/Coluna	5.000
Coluna p/Lavatório	4.000
Vaso c/Caixa acoplada	15.000
Cuba Sobrepor	6.000

NAS CORES:
Branco – Creme – Cinza – Verde Village – Marrom Village – Castor – Bege – Amêndoa – Champagne – Caramelo

MODELO VOGUE

Item	Preço
Vaso Convencional	7.800
Bidet 3 Furos	7.800
Lavatório p/Coluna	3.800
Coluna p/Lavatório	4.000
Cuba Embutir L 37	3.900
Lavatório L710	5.000
Vaso c/caixa acoplada	15.000

NAS CORES:
Branco – Creme – Cinza – Verde Village – Marrom Village – Castor – Bege – Amêndoa – Champagne – Caramelo.

MODELO MONTE CARLO

Item	Preço
Vaso	11.000
Bidet	11.000
Lavatório p/coluna	6.500
Coluna p/lavatório	5.000
Assento AP-80	5.000

NAS CORES:
Bege 68 - Branco - Marrom Village - Bege Castor
Creme 37 — Cinza 87 — Amêndoa 78 — Verde Village 63

METAIS

CRIS-METAL

ARMÁRIOS

Medida	EMBUTIR	SOBREPOR
38x48	3.200,00	5.100
45x60	4.000,00	6.860
75x48	5.900,00	9.400
90x60	6.500,00	12.000
Papeleira	800,00	
Saboneteira 15x15.	800,00	

DECA E 54 MESON

Item	Preço
Aparelho p/Lavatório 1875	11.700
Aparelho p/Bide 1895	11.700
Registro Pressão 1416 3/4	4.400
Torneira p/Lavatório 1198 1/2	5.000

CORES
BRANCO - BEGE - CROMADO

DECA LINHA C-40

Item	Preço
Aparelho Lavatório 1875	5.000
Aparelho Bidet 1895	5.000
Registro Gaveta 3/4	2.000
Registro Gaveta 1 1/4	4.000
Registro Gaveta 1 1/2	4.000
Registro Pressão 3/4	2.000

DECA LINHA C-45

Item	Preço
Aparelho p/Lavatório 1875 C-45	5.000
Aparelho p/Bidet 1895 C-45	5.000
Registro Pressão 1416 C/45 3/4	2.000
Registro Gaveta 1509 C-45 3/4	2.000
Registro de Gaveta 1509 C. 45 1".	3.000,00
Registro de Gaveta 1509 C. 45 1"/4.	4.000,00
Registro de Gaveta 1509 C. 45 1"/2.	4.500,00

QUALIDADE, ESTOQUE E PREÇO

3 VEZES SEM ENTRADA

DECA LINHA C-44

Item	Preço
Aparelho p/Lavatório 1875 C-44	5.000
Aparelho p/Bidet 1875 C-44	5.000
Registro de Pressão 1416 3/4 C-44	2.000
Registro de Gaveta 1509 3/4 C-44	2.000

DECA VÁLVULAS DE DESCARGA

Item	Preço
Ref. 2520 Luxo Cromada 1/4	3.900
Ref. 2520 Luxo Cromada 1 1/2	4.000
Ref. 2530 Master Cromada 1 1/4	4.400
Ref. 2530 Master Cromada 1 1/4	4.900

PRESSURIZADOR AQUAMAX

Ref. 2100 Branco ou Bege — 25.000

PIA DE AÇO FISCHER

Item	Preço
Nº 1 Aço 304	2.500
Nº 2 Aço 304	2.800
Nº 3 Aço 304 Cuba Dupla CD 40	5.000

DIVERSOS

3 VEZES SEM ENTRADA

ESPELHOS H. CHEBLI — **BRONZE**

Item	Preço
Espelho DT 2060	10.900,00
Espelho AR 4073	18.000,00
Espelho AR 3053	14.900,00
Armário AR 700	11.500,00
Espelho VA 4120 — 1,20x0,75x0,15	18.000,00
Espelho DT 3064 — 0,34x0,84x0,14	15.700,00
Espelho VA 4100 — 1,00x0,70x0,15	15.700,00
Espelho VA 4080 — 0,80x0,85x0,15	15.700,00
Espelho VA 9100 — 1,00x0,70x0,15	15.700,00

BANHEIRAS C/HIDROMASSAGEM

OURO FINO

PRONTA ENTREGA

Tulipa 4 1,50 = 1,50 x 0,75 Branco
Tulipa 4 1,50 = 1,50 x 0,75 Marfim
Tulipa 4 1,65 = 1,65 x 0,80 Branco
Tulipa 4 1,65 = 1,65 x 0,80 Marfim
Spuma 1,30 = 1,33 x 0,85 Branco
Spuma 1,30 = 1,33 x 0,85 Marfim
Spuma 1,50 = 1,51 x 0,85 Branco
Spuma 1,50 = 1,51 x 0,85 Marfim
Spuma 1,70 = 1,72 x 0,85 Branco
Spuma 1,70 = 1,72 x 0,85 Marfim
Petit 1,35 = 1,35 x 0,81 Branco
Petit 1,35 = 1,35 x 0,81 Marfim
Petit 1,50 = 1,50 x 0,85 Branco
Petit 1,50 = 1,50 x 0,85 Marfim
— **39.000**

MULTIMAX

PRONTA ENTREGA

Copacabana = 1,20 x 0,70 Bone
Copacabana = 1,20 x 0,70 Branco
Copacabana = 1,50 x 0,70 Bone
Copacabana = 1,50 x 0,70 Branco
Copacabana 1,65 x 10
Mult Ouro = 1,30 x 0,84 Bone
Mult Ouro = 1,30 x 0,84 Branco
Mult Ouro = 1,54 x 0,84 Branco
Mult Ouro = 1,54 x 0,84 Bone
Havaí = 1,40 x 0,84 Branco
Havaí = 1,40 x 0,84 Bone
— **39.000**

ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO

- CREDICARD
- DINER'S
- NACIONAL
- BRADESCO
- ELO
- SOLLO
- AMERICAN EXPRESS
- OURO CARD

GRUPO DIVINO

CONSTRULASER
R. Ferreira de Andrade, 29 lojas A e B - Méier (esquina c/Capitão Resende) Amplo Estacionamento
Tels: 581-6243/581-7982

CASIMA
Rua Silva Rabelo, 61 Loja A Méier (em frente ao Viaduto do Méier - lado Dias da Cruz)
Tels: 593-1947/581-2498

NUANCE
Rua São Manoel, 05 Loja C
Tels: 275-1798/295-5894 - Botafogo

SANITÁRIA SMC
Rua Frei Caneca, 17
Tels: 232-6736/232-6718 - Centro

DIVINO DAS LOUÇAS
Rua Frei Caneca, 59
Tels. 232-8675/ 242-2880/ 242-2853/ 252-5350 - Centro

SANITÁRIA MACHADO'S
Rua Frei Caneca, 58
Tels: 252-5946/232-5122 - Centro

D. L. ACABAMENTOS
R. Frei Caneca, 73
Tel: 232-4129

20% DE DESCONTO EM CHEQUE OU DINHEIRO OU 3 VEZES IGUAIS COM 4% DE DESCONTO NOS PREÇOS DESTE ANÚNCIO.

HORÁRIO DE EXPEDIENTE:
DE 2ª À 6ª FEIRA
DAS 8:00 ÀS 17:30 HS.
SÁBADO
DAS 08:00 ÀS 13:30 HS.

ACEITAMOS CARTÕES

DINERS CLUB · SOLLO · Itaú

COM 4% DE DESCONTO NOS PREÇOS BRUTOS.

GUADALUPE
Rua Francisco Portela, 330
Tels: 359-6161/ 359-6262
Telex (021) 32506

BANGU
Av. Brasil, 32.310
Tel.: 332-3850
Telex (021) 21237

Eternit

TELHAS — CAIXAS D'ÁGUA — CANALETES

BRASILIT

ONDULADA 0,50 x 4mm — SUPERONDA/ONDINA

	3 VEZES c/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
1,22	173,75	139,00
2,44	336,25	269,00

ONDULADA 0,50 x 4mm — VOGATEX/FIBROTEX

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
1,22	186,25	149,00
2,44	373,75	299,00

ONDULADA 1,10 x 5mm — ETERNIT/BRASILIT

	3 VEZES C/ 4% DESC	À VISTA LÍQUIDO
1,22	586,25	469,00
1,53	736,25	589,00
1,83	873,75	699,00
2,13	1.023,75	819,00
2,44	1.173,75	939,00

CAIXA D'AGUA C/TAMPA

	3 VEZES C/4% DESC	À VISTA LÍQUIDO
250 Lts	2.848,75	2.279,00
500 Lts	4.473,75	3.579,00
1.000 Lts	Veja na página seguinte	

ONDULADA 1,10 X 6MM — ETERNIT/BRASILIT

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
1,22	686,25	549,00
1,53	861,25	689,00
1,83	1.036,25	829,00
2,13	1.198,75	959,00
2,44	1.373,75	1.099,00
3,05	1.723,75	1.379,00
3,66	2.061,25	1.649,00

TEMOS ACESSÓRIOS E PARAFUSOS PARA TELHAS

CANALETE 90 — ETERNIT/BRASILIT

	3 vezes C/ 4% desc.	À vista Líquido
3,00	2.623,75	2.099,00
3,70	3.223,75	2.579,00
4,60	3.998,75	3.199,00
6,00	5.236,25	4.189,00
6,70	5.848,75	4.679,00
7,40	6.461,25	5.169,00
8,20	7.161,25	5.729,00
9,20	8.023,75	6.419,00

TELHAS PLASTICAS ZENITAL

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
2,44 x 0,50	1.161,25	929,00
1,53 x 1,10	1.811,25	1.449,00
1,83 x 1,10	2.161,25	1.729,00
2,13 x 1,10	2.523,75	2.019,00
2,44 x 1,10	3.086,25	2.469,00

KALHETA 44 BRASILIT

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
2,00	1.123,75	899,00
2,50	1.423,75	1.139,00
3,00	1.686,25	1.349,00
3,60	1.998,75	1.599,00
4,00	2.198,75	1.759,00
4,50	2.448,75	1.959,00
5,00	2.698,75	2.159,00
5,50	2.961,25	2.369,00
6,00	3.211,25	2.569,00
6,50	3.411,25	2.729,00
7,20	3.748,75	2.999,00

MAXIPLAC BRASILIT

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
3,00	2.248,75	1.799,00
3,30	2.473,75	1.979,00
3,70	2.786,25	2.229,00
4,10	3.398,75	2.719,00
4,60	3.811,25	3.049,00

CANALETE 49 ETERNIT

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
2,00	1.248,75	999,00
2,50	1.573,75	1.259,00
3,00	1.867,50	1.494,00
3,60	2.225,00	1.764,00
4,00	2.423,75	1.939,00
4,50	2.711,25	2.169,00
5,00	2.986,25	2.389,00
5,50	3.273,75	2.619,00
6,00	3.548,75	2.839,00
6,50	3.773,75	3.019,00
7,20	4.236,25	3.389,00

MODULADA ETERNIT 0,60

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
1,85	873,75	699,00
2,30	1.086,25	869,00
3,20	1.523,75	1.219,00
3,70	1.748,75	1.399,00
4,10	1.936,25	1.549,00
4,60	2.186,25	1.749,00

AZULEJOS DECORADOS

KLABIN

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Loreta 15x15 Com / Jovita 15x15 Com / Xenia 15x15 Com	598,75	479,00
Grey 15x15 Extra / Silver 15x15 Extra / Bone 15x15 Extra	623,75	499,00
Fdo Pricila 15x15 Extra / Fdo Loreta 15x15 / Fdo Austin 15x15 Extra	686,25	549,00
Lorena 15x15 Extra / Judith 15x15 Extra / Etel 15x15 Extra	748,75	599,00
Fatima 15x15 / Jovita 15x15 Extra / Marilu 15x15 Extra	798,75	639,00
Carmen 20x20 Extra / Tosca 20x20 Extra / Iris 20x20 Extra	936,25	749,00

IASA 15 X 15

	3 Vezes C/4% Desc.	À vista Líquido
Fdo Argelia Extra / Fdo Marrocos Extra / Fdo Senegal Extra	748,75	599,00
Quenia Extra / Senegal Extra / Argelia Extra	798,75	639,00
Marrocos Extra / Lyon Extra / Havre Extra	811,25	649,00

ELIANE

	3 Vezes C/4% Desc	À Vista Líquido
Vilhena 15 X 15 / Tocantins 15 X 15 Extra / Carajas 15 X 15 Extra	748,75	599,00
Tanguará 15 X 15 Extra / Primavera 15 X 15 Extra / Araxá 15 X 15 Extra	798,75	639,00

INCEPA

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Fdo FMB 25x25 D. / Fdo Cream 25x25 D / Fdo Shell 25x25 D.	748,75	599,00
Sirus 25x25 1ª / Pixis 25x25 1ª / Hybris 25x25 1ª	1.123,75	899,00
Aires Bege 25x25 Extra / Aires Cinza 25x25 Extra / Lingres 25x25 Extra	1.373,75	1.099,00
Pixis 25x25 Extra / Avis 25x25 Extra / Antares 25x25 Extra	1.573,75	1.259,00
Scorpius 25x25 Extra / Andromeda 25x25 Extra / Argo 25x25 Extra	1.623,75	1.299,00
Centaurus 25x25 Extra / Phoenix 25x25 Extra / Aquila 25x25 Extra	1.686,25	1.349,00

AZULEJOS LISOS

LISOS 15x15

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Klabin Branco D	411,25	329,00
Klabin Creme D	436,25	349,00
Klabin Branco Com	611,25	489,00
Klabin Creme Com	623,75	499,00
Klabin Azul Com	636,25	509,00
Klabin Branco Extra	748,75	599,00
Klabin Creme Extra	773,75	619,00
Klabin Azul Extra	811,25	649,00
Incepa Branco 1ª	936,25	749,00
Incepa Branco Extra	998,75	799,00

INCEPA DECORADO

INCEPA

	3 VEZES C/ 4%	À VISTA LÍQUIDO
Ritoma 20x20 1ª / Fdo Brindisi 20x20 1ª / Fdo Padova 20x20 1ª	973,75	739,00
Fdo Royal 20x20 Extra / Prisma 20x20 Extra / Fdo Blubrik 20x20 Extra	998,75	799,00

TEMOS FAIXAS KITS

PASTILHAS E REVESTIMENTOS

PASTILHAS JATOBA

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Confete 3/4 Fosca Com	1.123,75	899,00
Confete 1" Esmalt 1ª	1.373,75	1.099,00
Marrom 3/4	1.948,75	1.559,00
Creme 3/4	1.998,75	1.599,00
Branco 1"	2.586,25	2.069,00
Beg. Ar 3302 1:1/2	2.736,25	2.189,00

PASTILHAS NGK

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Ref. 4210 Branca	3.348,75	2.679,00
Ref. 40P 135 Havana	3.348,75	2.679,00
Ref. 4130 Havana	3.348,75	2.679,00
Ref. 4135 Havana	3.348,75	2.679,00
Ref. 4R 521 Mel	3.348,75	2.679,00
Ref. 6R 703 Vermelho	4.123,75	3.299,00

PORTOBELLO EXTRA

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Madeira 10x10	2.498,75	1.999,00
Juruá 10x10	2.498,75	1.999,00
Solimões 10x10	2.498,75	1.999,00
Tapajós 10x10	2.498,75	1.999,00

LOUCAS SANITARIAS

CELITE AZALÉA

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Conj. 03 Pçs. cor Normal	13.623,75	10.899,00
Conj. 04 Pçs. cor Normal	18.748,75	14.999,00

ICASA SABARÁ

	3 VEZES	À VISTA
Conj. 03 Pçs. Branco	8.123,75	6.499,00
Conj. 03 Pçs. A. Ouro	8.498,75	6.799,00
Conj. 03 Pçs. cor Ocre	8.748,75	6.999,00

IDEAL CARINA

	3 VEZES	À VISTA
Conj. 03 Pçs. Cores: 22-24-76-77-79-86	9.998,75	7.999,00
Conj. 04 Pçs Cores: 08-22-77-78-85	12.498,75	9.999,00

CELITE MÓDULO

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Conj. 04 pçs. Branco	13.748,75	10.999,00
Conj. 04 pçs. AM-26	14.373,75	11.499,00
Conj. 04 pçs. MA-70	14.373,75	11.499,00
Conj. 04 pçs. VE-34	14.373,75	11.499,00

DECA RAVENA

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Conj. 03 Pçs Cor Normal	11.248,75	8.999,00
conj. 04 Pçs Cor Normal	15.998,75	12.799,00

DECA VOGUE

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Conj. 03 Pçs Cor Normal	14.823,75	11.859,00
Conj. 04 Pçs Cor Normal	20.848,75	16.679,00

INCEPA THEMA

	3 vezes C/ 4% desc.	À vista Líquido
Conj. 03 pçs. cor normal	15.998,75	12.799,00
Conj. 04 pçs. cor normal	21.248,75	16.999,00

Tanque Logasa

	3 vezes C/ 4% desc.	À vista Líquido
Tanque 18 litros branco	7.423,75	5.939,00
Coluna branca	1.386,25	1.109,00

Tanque Celite

	3 vezes c/ 4% desc.	À vista Líquido
Tanque 18 lts. bco.	7.736,75	6.189,00
Tanque 22 lts. bco.	8.623,75	6 899,00
Coluna bca.	1.861,25	1.489,00
Tanque 18 lts. cor	8.511,25	6.809,00
Tanque 22 lts. cor	9.486,25	7.589,00
Coluna cor	2.048,75	1.639,00
Fixação	686,25	549,00

METAIS D

FABRIMAR VEGA

	3 vezes C/ 4% Desc.	À vista Líquido
Aparelho 1875 lavat	4.198,75	3.359,00
Aparelho 1895 bidet	4.886,75	3.909,00
Torneira 1192	1.361,25	1.089,00
Registro 1416 3/4	961,25	769,00
Registro 1509 3/4	986,25	789,00

FABRIMAR AQUARIUS

	3 vezes c/ 4% desc.	À vista Líquido
Aparelho 1875 lavat	4.048,75	3.239,00
Aparelho 1895 bidet	4.748,75	3.799,00
Torneira 1193	1.323,75	1.059,00
Registro 1416 3/4	973,75	779,00
Registro 1509 3/4	998,75	799,00

FABRIMAR DIGITAL LINE

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Aparelho 1875 Lavat	4.436,25	3.549,00
Aparelho 1895 Bidet	5.286,25	4.229,00
Torneira 1194	1.823,75	1.459,00
Registro 1416 3/4	1.123,75	899,00
Registro 1509 3/4	1.136,25	909,00

FABRIMAR ADAGIO

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Aparelho 1875 Lavat	5.198,75	4.159,00
Aparelho 1895 Bidet	5.748,75	4.599,00
Torneira 1194	2.273,75	1.819,00
Registro 1416 3/4	1.223,75	979,00
Registro 1509 3/4	1.248,75	999,00

MÉIER
. Suburbana, 5.269
m frente ao Norte
Shopping. Tel.:
591-1147

SEÇÃO DE ATACADO

VENDEMOS MAIS BARATO QUE AS FÁBRICAS!

ONDULADA 0,50 X 4MM

	VOGATEX FIBROTEX	SUPERONDA ONDINA
2,44 (4.500 pçs)	259,00	239,00
2,44 (3.000 pçs)	264,00	244,00
2,44 (1.500 pçs)	269,00	249,00
2,44 (1.200 pçs)	271,00	251,00
2,44 (750 pçs)	274,00	254,00

ONDULADA 1,10 X 6MM

	ETERNIT	BRASILIT
1,22 (50 pçs)	524,00	509,00
1,53 (50 pçs)	654,00	639,00
1,83 (50 pçs)	784,00	769,00
2,13 (50 pçs)	914,00	899,00
2,44 (50 pçs)	1.054,00	1.029,00
3,05 (50 pçs)	1.314,00	1.279,00
3,66 (50 pçs)	1.584,00	1.539,00

CAIXA D'ÁGUA C/ TAMPA

ETERNIT/BRASILIT

250 Litros (10 Pçs)	2.129,00
500 Litros (10 Pçs)	3.339,00

1.000 Litros (10 Pçs) Veja na pág. seguinte

ONDULADAS 1,10 x 5mm

	ETERNIT	BRASILIT
1,22 (50 Pçs)	449,00	439,00
1,53 (50 Pçs)	569,00	549,00
1,83 (50 Pçs)	669,00	654,00
2,13 (50 Pçs)	789,00	769,00
2,44 (50 Pçs)	899,00	879,00

FORMIPLAC FORMIPISO FORMICOLA

FORMIPLAC

CHAPA TEXTURIZADA	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
2,51 x 1,25 x 1.0 (pç.)	2.586,25	2.069,00
2,51 x 1,25 x 1.3 (pç.)	2.837,50	2.270,00
3,08 x 1,25 x 1.0 (pç.)	3.173,75	2.539,00
2,51 x 1,25 x 1.3 (pç.)	3.486,25	2.789,00

COR: JAMBO - ITAPU - VERDE - PELICA

FORMIPLAC

CHAPA	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
2,51 x 1,25 x 1.0 (pç.)	3.348,75	2.679,00
2,51 x 1,25 x 1.3 (pç.)	3.686,75	2.949,00
3,08 x 1,25 x 1.0 (pç.)	4.111,25	3.289,00
3,08 x 1,25 x 1.3 (pç.)	4.523,75	3.619,00

COR: À ESCOLHER
TEMOS CHAPAS TAMANHO DIVISÓRIA E PORTA.

FORMIPISO
uma exclusividade

FORMIPISO

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Padrão Liso (m2)	1.611,25	1.289,00
Padrão Madeira (m2)	1.836,25	1.469,00
Formicola 3 kg (galão)	1.011,25	809,00
Formicola 15 kg (lata)	4.498,75	3.599,00
Cascola 3 kg (galão)	936,25	749,00
Cascola 15 kg (lata)	4.123,75	3.290,00
Diluente 18 litros	4.236,25	3.389,00

(PARA CADA 10 LATAS DESC. DE 5%)
SRS. MARCENEIROS VENHAM CONFERIR NOSSOS PREÇOS

FIOS E CABOS

PIRELLI

FIOS ELÉTRICOS

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LIQUIDO
1.5 mm2	1.561,25	1.249,00
2.5 mm2	2.698,75	2.159,00
4.0 mm2	4.361,25	3.489,00
6.0 mm2	6.698,75	5.359,00
10.0 mm2	11.373,75	9.099,00
16.0 mm2	17.523,75	14.019,00

ROLO COM 100 METROS

CABOS ELETRICOS

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LIQUIDO
4.0 mm2	4.773,75	3.819,00
6.0 mm2	7.948,75	6.359,00
10.0 mm2	11.689,75	9.349,00
16.0 mm2	18.023,75	14.419,00
25.0 mm2	28.148,75	22.519,00
35.0 mm2	38.623,75	30.899,00
50.0 mm2	52.686,25	42.149,00

TEMOS LINHA COMPLETA COM BOBINA INCLUSIVE

TINTAS SUVINIL

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Galão de Massa	348,75	279,00
Lata de Massa	1.423,75	1.139,00
Galão Tinta Suviplast	748,75	599,00
Lata Tinta Suviplast	3.348,75	2.679,00
Galão Tinta Suvinil	936,25	749,00
Lata Tinta Suvinil	4.161,25	3.329,00
Galão Liqui Brilho	823,75	659,00
Galão Verniz Poliuretano	823,75	659,00
Galão Esmalte Sintético BR	1.423,75	1.139,00
Galão Esmalte Sintético ACT	1.536,25	1.229,00

MASSA KOLIMAR

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Galão de Massa	323,75	259,00
Lata de Massa	1.073,75	859,00

TUBOS PVC ESGOTO

TUBOS E CONEXÕES TIGRE

6 METROS	TIGRE 3 VEZES C/ 4% DESC.	TIGRE À VISTA LÍQUIDO	PROVINIL 3 VEZES C/ 4% DESC.	PROVINIL À VISTA LÍQUIDO
100mm	1.461,25	1.169,00	1.248,75	999,00
75mm	1.123,75	899,00	961,25	769,00
50mm	698,75	559,00	598,75	479,00
40mm	448,75	359,00	386,25	309,00
150mm	2.573,75	2.059,00	2.186,25	1.749,00

TUBOS PVC AGUA-ROSCA

TUBOS E CONEXÕES TIGRE

6 METROS	TIGRE 3 VEZES C/ 4% DESC	TIGRE À VISTA LIQUIDO	PROVINIL 3 VEZES C/ 4% DESC	PROVINIL À VISTA LIQUIDO
1/2	423,75	339,00	361,25	289,00
3/4	586,25	469,00	498,75	399,00
1	886,25	709,00	761,25	609,00
1.1/4	1.386,25	1.109,00	1.186,25	949,00
1.1/2	1.661,25	1.329,00	1.411,25	1.129,00
2	2.198,75	1.759,00	1.873,75	1.499,00

TUBO PVC ELETRODUTO TIGRE

	3 vezes C/ 4% desc.	À vista Liquido
1/2	161,25	129,00
3/4	223,75	179,00
1	323,75	259,00
1.1/4	498,75	399,00
1.1/2	586,25	469,00
2	761,25	609,00

TUBOS DE COBRE

CLASSE E	3 VEZES C/4% DESC	À VISTA LIQUIDO
15mm	1.311,25	1.049,00
22mm	2.073,75	1.659,00
28mm	2.632,75	2.099,00
35mm	3.723,75	2.979,00
42mm	4.898,75	3.919,00
54mm	7.111,25	5.689,00

TUBOS GALVANIZADOS

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
1/2	1.311,25	1.049,00
3/4	1.673,75	1.339,00
1	2.248,75	1.799,00
1 1/4	2.898,75	2.319,00
1 1/2	3.711,25	2.969,00
2	4.673,75	3.739,00

PISO ESMALTADOS

CASANOVA 20x30

	3 VEZES C/ 4% DESC	À VISTA LÍQUIDO
Flandria 760 Extra / Castor 700 Extra	873,75	699,00
Granito 780 Extra / Granito 770 Extra	936,75	749,00

SANTANA 33x33

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LIQ
Persis Extra / Solium Extra	1.811,75	1.449,00
Britania Extra / Femtania Extra	1.873,25	1.499,00

REVESTIMENTO INDAIATUBA

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LIQ
Marfim 7x25 Extra / Terracota 7x25 Extra	936,25	749,00

LAJOTÃO

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LIQ
Natural	411,25	329,00
Vitrificado Fosco	548,75	439,00
Pantanal Esmaltado	573,75	459,00
Danubio Esmaltado	586,25	469,00

ELIANE/ORNATO EXTRA

	3 vezes C/ 4% desc.	À vista Liquido
Colonial 8080 20x20 / Colonial 8040 20x20	836,25	669,00
Colonial 9629 20x30 / Colonial 9614 20x20	911,25	729,00

GYOTOKU EXTRA

	3 vezes C/ 4% desc	À vista Liquido
Tabaco 20x30 / Solaris 20x30	1.061,25	849,00
Rustique 20x30 / Medaglia 20x30	1.123,75	899,00
Antares 31x31 / Pavilon 31x31	1.373,75	1.099,00

PORTOBELLO EXTRA

	3 vezes C/ 4% desc	À vista Liquido
Aluminium 20x20	1.123,75	899,00
Renascencia 21x31	1.248,75	999,00
Carga Pesada Coral 21x31	1.248,75	999,00
Pérola Champanhe 31x31	1.248,75	999,00
Carga Pesada Grafite 31x31	1.373,75	1.099,00
Carga Pesada Branco 35x35	1.373,75	1.099,00

CEMINA/ELDORADO EXTRA

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Slate White 20x20 / Petra Almond 20x20	998,75	799,00
Beige 25x25 / Slate Almond 25x25	1.048,75	839 ,00
Petra Rosa 20x30 / Petra Rosa Almond 20x30	1.061,2 5	849 ,00
Sand 30x30 / Manhattan 30x30	1.123,75	899,00

GERBI EXTRA

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Bege 770 20x30 / Couro 701 20x30	998,75	799,00
Nuvolato 723 20x30 / Granilha 702 20x30	1.036,25	829,00
Nuvolato 870 30x30 / Nuvolato 887 30x30	1.123,78	899,00
Pedregulho 836 30x30 / Finicio 837 30x30	1.248,75	999,00

AQUECEDORES

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Junkers GR/GE 6 Lts Esm	19.123,75	15.299,00
Junkers GR/GE 6 Lts Inox	23.686,75	18.949,00
Junkers GR/GE 10 Lts Esm	26.511,25	21.209,00
Junkers GR/GE Inox	29.536,25	23.629,00
TG STD 6 Lts Esm	18.486,25	14.789,00
JMS 40 Lts Horiz.	19.623,75	15.699,00
JMS 60 Lts Horiz.	21.748,75	17.399,00
JMS 80 Lts Horiz.	25.248,75	20.199,00
JMS 100 Lts Horiz.	27.998,75	22.399,00
Gaskent GE 50 Lts	55.623,75	44.499,00
Gaskent GE 75 Lts	57.123,75	45.699,00
Espectrosol Cobre Eletr. 75 Lts	58.373,75	46.699,00
Espectrosol Cobre Eletr. 100 Lts	58.998,75	47.199,00

BANCAS ACO INOX 304

BANCAS DE AÇO INOX CONCRETADA

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
1,10	8.423,75	6.739,00
1,20	8.798,75	7.039,00
1,50	10.361,25	8.289,00
1,60	10.736,25	8.589,00
1,70	11.536,25	9.229,00
1,80	11.123,75	9.699,00
2,00	13.311,25	10.649,00

CUBA E TANQUE AÇO INOX

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Cuba nº 1	2.336,25	1.869,00
Cuba nº 2	2.873,75	2.299,00
Tanque nº 1	7.798,75	6.239,00
Tanque nº 2	10.586,25	8.469,00

LORENZETTI

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Maxiducha STD	1.698,75	1.359,00
Lorenducha	4.161,25	3.329,00
Chuv. Normal STD c/ Desv.	6.236,75	4.989,00
Chuv. Luxo STD c/ Desv	7.223,75	5.799,00
Ducha Jet Set Silver Gold	6.936,25	5.549,00
Torneira Quente	9.611,25	7.689,00

BOMBAS DANCOR

	3 VEZES C/4% DESC	À VISTA LÍQUIDO
Mod.95 3/4 - 1/4HP	9.011,25	7.209,00
Mod.103 Rs 3/4 - 1/3HP	9.861,25	7.899,00
Mod.114 Rs 3/4 - 1/2HP	10.636,25	8.509,00
Mod. 60 3/4 - 1/3 HP	14.748,75	11.799,00
Mod. 44S 3/4 - 1/2HP	15.361,25	12.289,00

E LUXO

CELITE JADE

	3 vezes C/ 4% desc	À vista Liquido
Aparelho 1875 Lavat	3.736,25	2.989,00
Aparelho 1895 Bidet	4.386,25	3.509,00
Torneira p/ Lavat	1.798,75	1.439,00
Registro 1416 3/4	911,25	729,00
Registro 1509 3/4	911,25	729,00

LEISER C-23

	3 vezes C/ 4% desc	À vista Liquido
Aparelho 1875 Lavat	2.498,75	1.999,00
Aparelho 1895 Bidet	2.873,75	2.299,00

DUCHAS LEISER

	3 vezes C/ 4% desc	À vista Liquido
Ducha Lotus 1904 c/ 1,20	2.523,75	2.019,00
Ducha Carina 1901 c/ 1,20	3.536,25	2.829,00
Ducha Vanessa 1905 c/ 1,20	3.748,75	2.999,00
Ducha Carina 1902 c/ 1,80	4.986,25	3.989,00

VÁLVULAS DE DESCARGA

	3 vezes c/4% desc.	À vista Liquido
Primor lisa s/ reg. 1.1/2	2.948,75	2.359,00
Primor Alv. s/ reg. 1.1/2	3.023,75	2.419,00
Oriente S. Lisa c/ reg. 1.1/2	3.748,75	2.999,00
Oriente s. alv. c/ reg. 1.1/2	3.798,75	3.039,00
Docol bege 1.1/2	5.936,25	4.749,00
Docol Silver 1.1/2	6.998,75	5.599,00
Deca 2530 CR 1.1/4	5.536,25	4.429,00
Deca 2530 CR 1.1/2	6.148,75	4.919,00
Fabrimar 3600 CR 1.1/4	4.298,75	3.439,00
Fabrimar 3600 CR 1.1/2	4.411,25	3.529,00

MINI COZINHA CONJUGADA

FOGÃO/GELADEIRA

	3 VEZES C/4% DESC	À VISTA LÍQUIDO
G-22 ZA 2x1 c/2 bocas-gas	38.336,25	30.669,00
G-24 ZA 2x1 c/4 bocas-gas	40.498,75	32.399,00

MADEIRAS

PORTAS LISAS

	3 VEZES C/4% DESC	À VISTA LÍQUIDO
0,60	1.536,25	1.229,00
0,70	1.748,75	1.399,00
0,80	1.823,75	1.459,00
Aduela 13	361,25	289,00

CHAPA RESINADA

	3 VEZES C/4% DESC	À VISTA LÍQUIDO
6mm	936,25	749,00
10mm	1.223,75	979,00
12mm	1.373,75	1.099,00
14mm	1.661,25	1.329,00
17mm	1.961,25	1.569,00

CRISMETAL

	3 VEZES C/4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
38x48 embutir	3.786,25	3.029,00
45x60 embutir	4.948,75	3.959,00
75x48 embutir	7.398,75	5.919,00

ESQUADRIMETAL

	3 VEZES C/ 4% DESC.	À VISTA LÍQUIDO
Basculante 0,60 x 0,60 c/ vidro	6.698,75	5.359,00
Basculante 0,80 x 0,80 c/ vidro	10.198,75	8.159,00
Basculante 0,80 x 1,00 c/ vidro	11.961,75	9.569,00
Janela ven. 1,20 x 1,40 c/ vidro	34.236,25	27.389,00
Janela ven. 1,20 x 1,60 c/ vidro	37.336,25	29.869,00
Janela band. 1,20 x 1,60 c/ vidro	26.048,75	20.839,00
Janela band. 1,20 x 1,80 c/ vidro	29.036,25	23.229,00
Janela band. 1,20 x 2,00 c/ vidro	31.111,25	24.889,00
Porta 2,10 x 0,90 c/ basculante	41.861,25	33.489,00

OS PREÇOS DESTE ANUNCIO SÃO PROVISORIOS PODENDO RETORNAR AO PREÇO DE TABELA

FEIRÃO DA COSNTRUÇÃO

MAIS BARATO QUE A PROMOÇÃO. PISOS, AZULEJOS, LOUÇAS ETC. AOS SÁBADOS DAS 8:00 ÀS 13:30 HS. EM BANGU, AV. BRASIL 32.298

"Eu pensei que não tinha mais jeito aquela poltrona que era do papai..."

Esse é um comentário autêntico de uma cliente que viu reformada a poltrona "bergere", trazida pela família da Europa, há mais de sessenta anos

Poltrona tradicional em couro trabalhada em "CAPITONÉ".

Casos como esse são bastantes comuns numa casa onde o que importa mesmo é a qualidade do serviço e a amizade que se firma após cada obra realizada. Os clientes chegam à PENIDO DECORAÇÕES sempre recomendados por outros já atendidos, caracterizando assim, um atendimento pessoal, o que leva essa família de artesãos, a acreditar sempre naquilo que faz de melhor há mais de quarenta anos.

Dirigida por Geraldo Penido e seus filhos, a PENIDO DECORAÇÕES oferece serviço de pintura em couros pirogravura, sofás sob encomendas, criações e projetos personalizados com mostruário completo em couro e tecido.

— Há quem prefira reformar um estofado caro a comprar um sofá barato. É uma questão de opção — Explica Américo Penido, que ao lado do seu irmão Paulo Penido, ajuda Seu Geraldo a dirigir a PENIDO DECORAÇÕES, hoje especializada em serviços sofisticados para uma clientela Classe A.

Este é um sofá de canto feito sob medida (um dos mais solicitados).

Móvel com 30 anos de uso. Madeira recuperada, almofadas novas forradas com tecido "GORGURÃO RÚSTICO".

Américo reconhece que os serviços de reforma da PENIDO DECORAÇÕES não são "baratos" e que o preço depende do modelo da peça e do material a ser utilizado.

— Temos uma mão-de-obra especializada, só fazemos trabalhos de qualidade. Levamos muito tempo para formar uma equipe de alto padrão técnico, do ajudante ao mais experiente profissional, para que pudéssemos atender às expectativas de nossos clientes, com o objetivo de alta qualidade do serviço por amor à profissão, o que nos leva a considerar a PENIDO DECORAÇÕES como uma grande família.

Hoje, o prazo médio para a entrega de um serviço é 30 dias, mas perto do Natal, época em que os pedidos aumentam muito, este prazo pode ser maior. (Os mais espertos começam a fazer suas reformas agora) — comenta Américo.

A clientela da PENIDO DECORAÇÕES é atendida à domicílio e a loja não cobra orçamento.

Sempre orientando e dando sugestões aos clientes nos projetos de decorações ou simplesmente na arrumação da sala ou aquele "cantinho gostoso" para ouvir música ou ver televisão.

A PENIDO DECORAÇÕES coleciona clientes famosos como: Ivon Cury, Carlos e Kate Lyra, Sergio Brito, Carlos Bianchine, Flora Gil e outros.

— Para nós, o mais importante é que o cliente fique inteiramente satisfeito — assegura Seu Geraldo, que está sempre a espera, para tomar aquele cafezinho no velho casarão da Rua 24 de Maio, 461 - Tel.: 281-3870 e 581-2147

Só música

Para os já refinados ouvidos que curtem o melhor do blues e do jazz americano, o Centro Cultural Cândido Mendes oferece o poder de também ver. É o ciclo de videos Só Música que serão exibidos a partir de segunda-feira, dia 22 de outubro, na sala de vídeo da Praça XV, sempre às 12:30h. O primeiro dia une duas pessoas que conseguiram ser sucesso tanto na música quanto na tela, numa coincidência não ocasional. São mãe e filha, e dois monstros sagrados americanos: Juddy Garland e Liza Minelli. Na continuação, um concerto com o pianista Ray Charles. Na quinta-feira a dose é dupla, com dois shows na mesma fita: Sarah Vaughn e Dizzy Gillespye, em dois espetáculos onde interpretam grandes clássicos do jazz americano. Fechando a semana é a vez de Billie Holliday partir com sua voz portentosa pelos caminhos que fizeram do blues programa obrigatório para leigos e entendidos.

22/10/90 — (2ªf) Juddy Garland and Liza Minelli Live
- At the Paladium
- 55 minutos

23/10/90 — (3ªf) Ray Charles in Concert
- Direção: John Blanchard
- 45 minutos

25/10/90 — (5ªf) Jazz em Dose Dupla
- Com Sarah Vaughn e Dizzy Gillespye

26/10/90 — (6ªf) Tribute to the Billie Holliday
- Show de Blues

Videocassete prega peças nos que tentam programá-lo

Elaine Uzeda

Colocar uma fita no videocassete, apertar a tecla *play*, sentar e assistir um filme é tarefa considerada fácil até para os mais desajeitados. Mas quando se trata de apertar os inúmeros botões, na ordem certa e rigorosa, necessários para programar uma gravação de vídeo da TV, as dificuldades logo aparecem. Por maior que sejam os esforços dos fabricantes de videocassetes, ainda são bem poucos os que dominam a arte da programação.

"Tenho vídeo há oito anos e sempre tive curiosidade de aprender, mas fico deixando para depois. Acho que é preguiça", desculpa-se a atriz Lucélia Santos. Foi exatamente isso que ela disse ao amigo paulista a quem recorreu para gravar os 30 capítulos da reprise compacta da novela *A escrava Isaura*.

Outra atriz, Tônia Carrero, é uma das que chegou a aprender a programar. Hoje — confessa —, já esqueceu. "Acho o processo elementar, mas realmente desaprendi." Recentemente a neta de Tônia, Luiza Thiré, apareceu num capítulo da minissérie *Mãe de Santo*. Ela teve vontade de programar a gravação. Mas não conseguiu.

Para muitos, o grande culpado é o manual de instrução. Em inglês ou espanhol, não facilita. Membro da Academia Brasileira de Letras, a escritora Nélida Piñon também não sabe mexer nas teclas de programação do vídeo. Mas acredita que uma das dificuldades

Lucélia Santos — Nélida Piñon — Itamara Koorax — Tônia Carrero

está no manual, que considera técnico e complexo. "Acho a linguagem insuportável. E refiro-me aos manuais em português mesmo, em geral, mal traduzidos", diz ela.

O poeta Antônio Cicero, que reconhece ser complicado fazer a programação, acha que um pouco de paciência e boa vontade podem contornar as dificuldades surgidas com a leitura do manual. Mais relaxado diante do problema, o teatrólogo Vicente Pereira já comprou seu segundo videocassete, mas até hoje não programou nada. "É verdade. Não sei e nem tenho vontade de saber, porque não me interessa assistir a nada do que passa na TV. Sou fã mesmo é de cinema", desconversa. O colunável Jorge Guinle caminha em sintonia com o teatrólogo. "Só uso o aparelho para assistir aos filmes que alugo no videoclube", resume.

Mas, claro, existem exceções. Entre a minoria que maneja com desenvoltura o equipamento para programar está o ator Felipe Camargo. "Nunca entendi os termos técnicos em inglês do manual. Mas há pouco, quando tive um problema na ligação do vídeo com a TV, um técnico esteve aqui em casa e me ensinou também a programar. Agora que sei, acho bastante fácil", conta. A cantora *Itamara Koorax*, cuja compra do videocassete foi recente, não admitiu a espera. Tratou de aprender logo a programá-lo. Teve um estímulo especial: era a intérprete de *Iluminada*, música tema que embalava o romance de Vera Fisher e Carlos Alberto Ricelli no seriado *Riacho Doce*. "Como nunca estou em casa à noite, o jeito foi aprender e programar a gravação", explica.

Às vezes, o segredo de quem aprende é bem simples. Há nove anos, que o ator Ary Coslov é familiarizado com a programação de vídeo. Desde a época em que poucos tinham o aparelho, cujo funcionamento, ainda por cima, era mais complicado. "Errei muito no princípio. Perdi gravações que desejei muito fazer. Mas depois de me concentrar, assimilei, afinal, o processo. Aprendi a distinguir e prestar atenção no AM e PM dos horários."

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1990 — Ano I Nº 68

Não pode ser vendido separadamente

JORNAL DO BRASIL

Idéias

ENSAIOS

Sumário

Ficcionistas que se apropriam do texto alheio sem citar suas fontes não cometem plágio, mas ferem a ética literária
■ *Por Antonio Alcir Bernárdez Pécora*
(Página 6)

A citação de fontes no texto literário pode induzir o leitor a acreditar que a ficção busca a verdade histórica
■ *Por Ana Miranda*
(Págs. 7 e 8)

O Brasil moderno, tal como se pensa hoje, surgiu com a Revolução de 30 e seu modelo 'liberal-autoritário'
■ *Por Lucília de Almeida Neves Delgado*
(Págs. 8 e 9)

Preservar os hospícios é compactuar com um regime de exclusão que rouba a cidadania do louco
■ *Por Pedro Gabriel Godinho Delgado*
(Páginas 10 e 11)

CONEXÃO DIRETA COM DEUS

A sedução pelo fanatismo não explica o crescimento das igrejas pentecostais no Brasil. Elas se multiplicam porque prometem não apenas proteção, mas salvação. E, substituindo a hierarquia por uma autoconfiança exacerbada, oferecem um contato direto com o Salvador

■ *Por Rubem César Fernandes*

(Páginas 4 e 5)

Paulo Mendes Campos

Andantino Brasiliano II

O sacrifício das incursões bandeirantes por este território descomunal deve ter cansado para sempre as gerações que chegaram depois. Com toda a melhoria das condições eugênicas, parece que a paralisia se agrava: nossos avós andaram mais que os nossos pais, nossos pais mais do que nós, e nós, coitados de nós, somos a geração cujos filhos **precisam** de um carro para ir ao colégio. Do fraco e disposto Anchieta ao forte e indisposto rapagão de hoje desandamos. O singular é que adoramos os esportes corridos, o futebol, o basquete, desde que se dispute uma bola. Retirada a bola, o brasileiro prefere estar parado a estar andando; estar sentado a estar em pé; estar deitado a estar sentado.

Embora todos os europeus gostem das caminhadas (os mais comodistas preferem andar de bicicleta), não há povo mais consciente e mais propagandista do prazer de andar que o britânico. Não será fácil encontrar muitos escritores inglêses que não hajam escrito qualquer página sobre passeios a pé. De Bunyan a Dylan Thomas, a literatura inglêsa anda sem parar. *Canterbury tales* é a narrativa de uma peregrinação; andarilhos reais percorrem as poeirentas estradas de Shakespeare; *Robinson Crusoe* é a história do périplo do homem, buscando escapar ao confinamento; Tom Jones é um ambulante; Gulliver, outro; *Sentimental journey* é uma peregrinação; Childe Harold, outra; Mr. Pickwick bate pernas o tempo todo; *Pippa Passes*; Leopold Bloom sofre de delírio ambulatório nas ruas de Dublim.

Apesar do clima horroroso, os inglêses andam. Chesterton, um gordo de espírito mais leve que o ar, dava grandes passeios a pé. O filósofo Bertrand Russel chegou aos 90 anos caminhando, por gosto salutar e, quando necessário, por protesto, nas passeatas. Os vagabundos de Londres atravessavam a cidade toda, em cortejo de dois ou três dias, para pegar a sopa de uma paróquia do subúrbio; ao contrário dos nossos pobres, tão sedentários quanto os ricos, preferiam a mendicância nômade. Um deles cruzou o Atlântico, percorreu os Estados Unidos sem um centavo durante cinco anos e ganhou dinheiro escrevendo a **autobiografia** de um supervagabundo.

Idéias
ENSAIOS

Editor: José Castello/ **Editores-assistentes:** Wilson Coutinho (Rio) e Humberto Werneck (São Paulo)/ **Redatores:** Ney Reis e Tina Correia **Colaborador:** Guilherme Fiúza/ **Diagramador:** Antoninho de Paula **Capa:** Foto de Bruno Veiga (**Arquivo**, 09/7/88)

Colaboram nesta edição:

- **Celso Lafer**, professor titular de Filosofia do Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Autor de *Reconstrução, direitos humanos, diálogo* (Companhia das Letras, 1989) e de *Hannah Arendt: pensamento, persuasão* (Paz e Terra).
- **Sérgio Sá Leitão**, repórter da editoria Política e Governo do **JORNAL DO BRASIL** e produtor do programa de rock *Caixa preta*, na rádio Fluminense FM.
- **Rubem César Fernandes**, antropólogo, pesquisador do Museu Nacional e presidente do Instituto Estudos da Religião.
- **Antonio Alcir Bernárdez Pécora**, professor do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Autor da tese de doutorado *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos Sermões de Antonio Vieira* (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1990) e de ensaios sobre Antonio Vieira publicados nas antologias *O olhar* e *O desejo* (Companhia das Letras, 1988 e 1989).
- **Ana Miranda**, escritora, autora de *Boca do inferno* (Companhia das Letras, 1989).
- **Lucília de Almeida Neves Delgado**, doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e professora do Mestrado de História da FAFICH-Universidade Federal de Minas Gerais.
- **Pedro Gabriel Godinho Delgado**, psiquiatra, da equipe da Colônia Juliano Moreira, professor da UFRJ e co-autor de *Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil* (Vozes, 1987).
- **Daniel Chutoriansey**, psiquiatra, membro da Coordenação de Saúde Mental da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio. Coordenador da Comissão Municipal de Defesa da Vida/Aids, da Secretaria de Saúde do Município.
- **Ana Lúcia Lopes**, psicóloga, membro da Coordenação de Saúde Mental da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio e ex-presidente do Conselho Regional de Psicologia do Rio.

Universidade

Homenagem

A partir de terça-feira, até o dia 28, o poeta concretista Haroldo de Campos será homenageado durante o evento *Haroldo de Campos no Rio de Janeiro*. Promovido pelo Circulo de Investigação Poética do Rio de Janeiro, o Centro Cultural Banco do Brasil e a Faculdade de Letras da UFRJ, o evento oferece a seguinte programação: exibições do filme *Os sermões*, de Julio Bressane e vídeos de Gil Hungria, no Centro Cultural Banco do Brasil e na Faculdade de Letras da UFRJ; na quinta-feira a homenagem *40 anos de poesia* será na Ilha do Fundão; e sexta-feira, no Centro Cultural Banco do Brasil; haverá um debate com a participação de Haroldo de Campos e do cineasta Julio Bressane

Mulher

O conferencista desta terça-feira do seminário *Estratégia da geração de renda da família brasileira* é o economista Guilherme Luis Fedlacek, que apresentará um estudo da participação da mulher no mercado de trabalho e a sua contribuição no processo de formação da renda familiar. Às 15h30, no IPEA (Presidente Antônio Carlos, 51, 16º andar). Informações: 292-5141, ramal 157.

Morte

A morte na perspectiva cristã, no mundo grego, na filosofia budista e segundo a psicologia junguiana são alguns dos temas a serem debatidos durante o ciclo de palestras *O homem e a morte*, no Teatro da Barra, dias 27 e 28, das 13h às 19h. Entre os conferencistas estarão o teólogo Frei Leonardo Boff, o especialista em literatura grega, Junito Brandão e o professor de filosofia Márcio Tavares d'Amaral. Informações: 225-3507.

Alcoolismo

Com debates sobre a sistemática de tratamento de viciados, terminam hoje, o *3º Seminário mineiro de Alcoolismo* e o *1º Seminário mineiro sobre drogas*, promovidos pela Universidade Federal de Ouro Preto e Associação Brasileira de Estudos Sobre Álcool e Outras Drogas. Médicos, assistentes socias, e empresários participaram dos eventos, que discutiram, entre outros temas, a dependência das drogas, o tratamento e complicações neuropsíquicas.

Adolescentes

A Unidade Clínica de Adolescentes do Hospital Pedro Ernesto (Uerj) inaugurou sexta-feira passada, no Centro Comunitário Nossa Senhora Auxiliadora, no Morro do Pau da Bandeira, em Vila Isabel, um ambulatório avançado de atenção à saúde do adolescente, formado por uma equipe de médicos, assistentes sociais, psicólogos e alunos da Faculdade de Educação e Comunicação da Universidade.

Noturnos

Mais um curso noturno — de Arquivologia — será oferecido a partir do próximo ano, pelo Departamento de Biblioteconomia da Universidade de Brasília. A opção do curso de Arquivologia no horário noturno — o primeiro foi Administração — faz parte da proposta da UnB de ampliar em 10% as suas vagas a cada vestibular, além de oferecer à comunidade novas opções de horário.

Política

Qual o futuro do socialismo e a relação entre justiça social e liberdade? Para responder a estas perguntas, o Museu Histórico Nacional e o Centro de Estudos Luso-Brasileiros realizam um ciclo de debates com a participação dos professores Lamartine Pereira da Costa, Saturnino Braga e Paulo Mercadante, entre outros. Amanhã e dia 29, das 16h às 18h, no Museu Histórico Nacional (Praça Marechal Âncora, s/nº).

Arquivo

Oswald de Andrade

Oswald

Em comemoração ao centenário de nascimento de Oswald de Andrade, o Instituto de Letras, através da Coordenação de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, realiza o encontro *Oswald hoje*, de 23 a 25, no campus do Gragoatá, em Niterói. Os professores Antonio Candido (USP), Roberto Corrêa dos Santos (UFRJ), Renato Cordeiro (Uerj), João Luiz Vieira (UFF) e o poeta Haroldo de Campos falarão sobre a obra owaldiana. Informações: 717-4082.

Medicina

Orgonoterapia, homeopatia, acupuntura e a medicina chinesa são temas do *I Forum de medicinas alternativas* que se realizará no próximo sábado, no auditório da Escola de Administração em Saúde (Rua dos Adradas, 96). Informações: 253-1009.

História

Continua no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o curso *Como vem sendo escrita a História do Brasil*. No próximo dia 31 a palestra do professor Arno Wehling será sobre Capistrano de Abreu e Silvio Romero: um paralelo científicista.

Brasil

Abre-se mais um espaço para discussão de temas polêmicos e atuais com a inauguração do núcleo *Pensar Brasil*, na Escola de Artes Visuais. O primeiro curso oferecido será *Tradição e modernidade na cultura brasileira*, nesta quarta-feira, com o pintor e escritor Virgílio Costa, que abordará, entre outros tópicos, a relação entre a pintura brasileira e a americana. Informações: 274-0240.

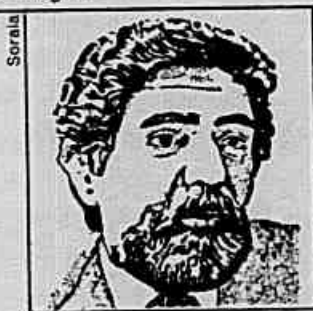
Tina Correia

(Colaborou a sucursal de Belo Horizonte)

Literatura

Sentido onde impera o caos

O Prêmio Nobel a Octávio Paz faz justiça a um autor que ilumina a anarquia de significados da modernidade

Celso Lafer

Os poemas, diz Octavio Paz, são objetos verbais inacabados e inacabáveis, e as palavras que os compõem só podem "cravar uma lança no centro sensível" se o poeta "girar em torno delas / virá-las pela cauda".

Girar em torno das palavras parece-me, assim, o caminho apropriado para buscar o sentido da concessão do Nobel de Literatura de 1990 a Octavio Paz. Excepcional escritor, filiado à tradição moderna de Goethe e Valéry do poeta-pensador, vem ele na sua trajetória, conjugando, numa complementaridade dialética, poesia e crítica, e propiciando aos seus leitores um acesso privilegiado à figura do mundo contemporâneo. Um mundo que ele vê como um grande texto disperso — povoado pela multiplicidade cultural da linguagem dos homens — e explora — seja na criatividade de sua poesia, seja na originalidade de seu pensamento — detectando as relações de afinidade e oposição entre os signos.

Começo, à sua maneira, pela linguagem enquanto vasta metáfora da realidade, como aliás o vi fazer quando na Universidade de Cornell presenciei, fora da sala de aula e como amigo, a elaboração do texto *Revolta, Revolução, Rebelião*, que tem precisamente como ponto de partida o reestabelecimento do significado das palavras. Quais são as acepções dos termos prêmio, homenagem, honra, usualmente associados ao Nobel?

Prêmio é recompensa — material ou moral. A palavra provém do latim — *praemium* — que, etimologicamente, por força do verbo *emo*, tomar, quer dizer a parte do butim subtraída ao inimigo para ser oferecida ao responsável pela vitória. O campo semântico da palavra abrange: presa, a proximidade com preço, ágio, reconhecimento de aproveitamento escolar, sucesso na loteria ou no turfe. A etimologia e as suas derivações de significado, no caso, nada têm a ver com Octavio Paz. Por isso são "pontos de entrada e saída e entrada de um corredor que vai de parte alguma a lado algum".

Homenagem também nos veio do latim, *hominaticu*, de *homine*, através do provençal, aí com o sentido de vassalagem, palavra, por sua vez, derivada do celta *vassos*, servidor. *Homo* que se alterna com *hemo*, de raiz indo-européia, significa terra, donde humus. Homem, portanto, quer dizer nascido da terra, terrestre, por oposição aos deuses, que são celestes. Isto claramente é um ponto de partida para Octavio Paz, que considera as eternidades dos deuses como invisíveis para os mortais e ciente da condição humana se volta, como escritor, para a "Homenagem e profanações" de servidor da nomeação perdurável dos "sentimentos e dos sucessos cotidianos do mundo relativo de cada dia" que são o tecido da verdadeira literatura contemporânea.

No clássico dicionário etimológico do latim de Ernout e Meillet, o verbete que, como uma correspondência analógica, se segue a *homo* é *honos/honor*. De *honos/honor* — cuja etimologia é desconhecida — originam-se honra e honesto. No singular, a palavra honra aponta para a virtude, merecedora de homenagem. No plural, honras, honrarias, evoca a ostentação da comédia social, que convida à crítica. Esta ambigüidade da palavra que, no singular, denota o rosto da autenticidade e, no plural, as máscaras das aparências, exemplifica, para recorrer a Carlos Drummond de Andrade, o *claro enigma* da poesia e do pensamento de Octavio Paz: uma *ars combinatoria* que desvenda, nos signos em rotação, as conjunções e disjunções dos povos e de suas civilizações e a alternância específica entre o criativo libertário e o petrificado petrificante nas letras, na cultura, e na política.

Esta *ars combinatoria* é constitutiva da singularidade do estilo de Paz. Não representa uma técnica, mas sim, para falar com Proust, uma qualidade única de visão, que é uma imagem do seu caráter e do dom do seu talento, continuamente atento, pelo exercício da inteligência e da sensibilidade, ao requisito "A forma que se ajusta ao movimento / é pele — não prisão — do pensamento". Assim vem ele enfrentando os dilemas da anarquia dos significados da modernidade para iluminar na dispersão dos fragmentos centrífugos da especificidade nacional e regional e centrípetos das forças universais a compreensão do mundo em que vivemos. Por isso está sendo homenageado, honrado e recompensado com o reconhecimento generalizado que o Prêmio Nobel traz consigo.

Recado

Há vida inteligente no pop

A atual crise do rock está gerando sua superação, com grupos que resgatam a rebeldia dos dias de glória

Sergio Sá Leitão

Há gente que ainda vê o rock segundo parâmetros da teoria conspiratória, somando ao olhar paranóico temperos de confusão e saudosismo. Na última edição deste caderno, Júlio Medaglia insistiu na idéia de que o rock, "um hamburguer sonoro consumido em qualquer país", é o responsável pelo "sufocamento do folclore". O alvo de sua verve é o "rockinho brega que entope FMs", um "detrito cultural que sequer lembra a Nação Woodstock". Se acerta na definição do som que rola nas ondas do rádio, ele erra no atacado — principalmente quando mistura os conceitos de pop e rock no mesmo caldeirão. Raul Seixas, em contrapartida, diria: "atrás da curva sempre há coisas novas e vibrantes".

O sol queima a praça, mas há lugar para todos na aldeia global contemporânea. A indústria cultural vive da novidade fugaz e de suas eternas repetições e mutações — um sistema internacional que alterna no *top of the pops* a lambada de Belém e o blues do Mississipi, a *house* de Manchester e a *juju music* da Nigéria, a bossa nova de Ipanema e o punk londrino. Diversidade é a palavra. Há massificação e fetichismo de sobra, mas a inteligência também sobrevive em meio à fragmentação. Não a encontramos no grosso do pop que movimenta os milhões de hoje. Mas, quem sabe, que tal procurar nos desviantes que vão movimentar os milhões de amanhã ou na nata do que a história tornou clássico?

Um famoso quarteto de Liverpool foi o pop do início dos 60; hoje é rock de consumo limitado e inteligente. O movimento, às vezes, ocorre na mão inversa — os tropicalistas, que surgiram como músicos criativos e inovadores, exibem como cartão de visitas, no império de Sullivan e Massadas, uma mesmice degradante. E há os que estão sempre à frente do seu tempo, mesmo quando honram o creme do passado — como David Bowie, o Mr. Metamorfose do pop. Assim é a vida cultural na era da indústria. De qualquer modo, a vala comum do pop não reúne somente o dispensável e meteórico "rockinho brega" — por que o maestro não aponta baterias para seus amigos mineiros e baianos, há anos no mesmo vai-não-vai?

É hora de desmascarar os vendilhões do templo. Em primeiro lugar, o rock não pode ser julgado pelos padrões da música erudita barroca — sua busca é a do ruído e do caos, não a do belo e do harmônico. Em segundo, o rock feito no Brasil é música brasileira — assim como a *fusion* ou o samba. Por fim, o rock mergulhou e saiu de várias crises — de Woodstock, por exemplo, nasceu o rock erudito que o *punk* liqüidou. A atual crise do rock hegemônico, na crista do pop, está gerando sua superação — ouça-se, por exemplo, o *rap-radical* do Public Enemy e o *black-heavy* do Living Colour. Com eles, o rock resgata seu espírito rebelde e dá um sopro de vitalidade ao universo pop. Há vida inteligente no pop — mas é preciso ter mais do que ouvidos para escutá-la.

Correções

1. Devido à supressão de um trecho do artigo do professor Celso Lafer (*Ensaios 14/09*), reproduzimos integralmente o nono parágrafo: "A dicotomia esquerda/direita data da Revolução Francesa, e teve como desdobramento histórico a identificação da esquerda com o primado do valor de igualdade básica entre os homens. No pólo da esquerda, a afirmação do valor da igualdade traduz-se num juízo de identidade que, em função da legitimidade dos fins, coloca sempre a hipótese de uma convergência entre as suas múltiplas correntes. Esta hipótese que, nos anos 30, levou a França ao governo da Frente Popular e mais recentemente à aliança entre socialistas e comunistas que deu a Mitterrand, no começo da década passada, o seu primeiro mandato presidencial, colocou-se entre nós por ocasião do segundo turno da eleição presidencial e continua sendo problema discutida, tendo como objetivo a definição de uma postura comum da Esquerda."
2. A respeito da carta do leitor Germano Machado (*Ensaios 14/10*) esclarecemos que são da responsabilidade da Redação o título e o texto "Os dirigentes do PSU alemão oriental comportaram-se como os cristãos que foram seduzidos pelo poder" do artigo assinado por Frei Betto (*Ensaios 16/09*).

Batismo de fogo

Não é correto tratar os pentecostais como fanáticos. Eles seduzem com uma fé sem ritos e sem hierarquias

Rubem César Fernandes

Beatriz

Os pentecostais são objeto de um julgamento curiosamente ambíguo: parecem ser bons para o trabalho e ruins para tudo o mais. Bons pela disciplina, que tanto nos falta; mas lamentáveis pela negação dos melhores componentes dos nossos cartões-postais. Biquíni, caipirinha, carnaval, milagre de Santo, festa de candomblé, mistérios de rios e florestas, tudo isto para eles é "perdição". Resulta que muitos os querem como empregados ou empregadas, mas poucos os desejam como companheiros ou confidentes. Será, pois, que em nosso juízo o que é bom para o trabalho faz mal ao coração?

Esta é uma pergunta sentimental. Há outra, no entanto, que carrega nas tintas, e acena com o perigo: não serão eles os "fascistas" da religião? Seita, fanatismo, manipulação de credulidade popular, promessas messiânicas, histeria coletiva, exaltação dos líderes, exploração do dinheiro etc., são expressões freqüentes na sua caracterização. Esta série de imagens negativas é acentuada pela ameaça dos números. Eles parecem crescer e multiplicar-se incontrolavelmente. São os nossos ***Gremlins***.

Antes de passar julgamento, no entanto, deve-se reconhecer que se eles estão aí, e se conseguem uma audiência, é porque fazem sentido. Em algum nível são razoáveis, em algum outro respondem a indagações profundas. Buscar ouvi-los não implica, ainda, defendê-los, pois tudo que acontece faz sentido em alguma medida, o fascismo inclusive. Mas a compreensão modifica a qualidade do julgamento, para melhor.

O que dizem, então? Nada que não seja do conhecimento geral. Falam do Pai, do Filho e do Espírito Santo, segundo a Bíblia. Fazem-no, contudo, de um modo que escapa aos costumes locais. Levam a sério a mensagem de Salvação. Estamos perdidos, mas podemos nos salvar. Alguém duvida da primeira parte da mensagem? Não faltam sinais, de toda ordem. Ouçam, pois, a segunda parte: a salvação é possível, está ao alcance da mão!

Aí é que está o problema. A incredulidade campeia; e, mais grave ainda, não estamos acostumados a pedir por "salvação". É outra a palavra-chave para a religiosidade brasileira. Quando a necessidade aperta, busca-se Proteção. Recorre-se aos Santos, aos Guias, aos Espíritos de Luz, aos Orixás, ao Anjo da Guarda, em busca de apoio, firmeza, orientação. Se estamos perdidos, pergunta-se pelos caminhos, para que nos sejam abertos. Ninguém em sã consciência espera do Santo a promessa de que tudo vai mudar. Quem o fizer arrisca-se a receber um sorriso irônico por resposta, ou mesmo uma gargalhada.

A palavra é conhecida, naturalmente. Veio com a catequese dos primeiros missionários. Mas a experiência histórica do catolicismo brasileiro ganhou profundidade num outro plano, menos dependente das palavras e dos gestos clericais. Foi pelo culto dos Santos, ordenado segundo o calendário litúrgico, que a tradição cristã formou raízes nesta terra. Por ele tem dialogado e inventado juntamente com outras tradições, naquilo que chamamos "sincretismo". Neste sentido, a dificuldade pentecostal é semelhante àquela encontrada pelo contingente do clero católico que retoma a esperança salvadora de total transformação. A Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base também remam contra a maré da religiosidade que chamamos "popular". Também eles se descobrem afinal, e paradoxalmente já que são católicos, uma "Minoria". A vertente escatológica, apocalíptica, messiânica do cristianismo está presente no Brasil, como em toda parte, mas é secundária, raramente faz sentido para o conjunto da população.

A resposta pentecostal parece absurdamente simples: a Salvação é fácil, basta aceitá-la. Mas como é difícil dizer "Sim"! Os pregadores que encontramos pelas praças ou nas estações de trem estão a malhar este ponto: abra o coração, esqueça os pseudoprotetores, diga sim ao único, primeiro e último, Cristo o Redentor. Retomam a intuição fundamental de Lutero, no início da Reforma. A Salvação é um dom gratuito, um ato de puro amor (mas quem é que acredita no "Amor"?), não carece de obras, ritos, obrigações. Não depende do pertencimento a esta ou àquela Ordem, não se ajusta a Hierarquias. É um ato de Graça. Os transeuntes no mais das vezes duvidam — "poderei eu dispensar a Proteção?"

O pregador tem outra resposta. O Espírito Santo derruba as amarras do coração escravizado. O toque que suscita o "Sim" tem o poder da renovação espiritual. É um batismo de fogo, labareda que consome as resistências. Daí o nome, em memória ao pentecostes, quando o Espírito de Deus baixou sobre os apóstolos. Das três figuras do Divino, é a terceira que ressalta na experiência destes representantes tardios da reforma protestante.

Carlos Mesquita - 08/10/90

O "Bispo" Macedo, presidente da Igreja Universal do Reino de Deus: conexão direta com a Salvação

Não prometem o céu na terra. Ao contrário, são leitores assíduos do Apocalipse, apontam para tribulações e provações, garantem, sim, estar no lado certo e vitorioso da batalha, recuperando, sob um outro sentido, o sentimento de segurança. Se Deus é por nós, quem será contra nós? Nisto consiste a transformação. Vestem-se com a armadura de Deus, a couraça da justiça, o escudo da fé, o capacete da salvação, a espada do espírito, e assim, fortalecidos no Senhor, estão prontos para enfrentar os principados e as potestades, os governadores das trevas do mundo, os espíritos de malícia espalhados pelos ares (*Efésios* 6: 10-20). Tornam-se guerreiros exemplares nas lutas de cada dia. Desafiam a pobreza, o desemprego, a droga, os bandidos, as querelas familiares, as tentações do sexo, as doenças que assaltam o corpo e o espírito. Desafiam o próprio dinheiro, entregando-o ousadamente, além das contas, para a obra de Deus, da qual são parceiros.

As pessoas de fora escandalizam-se com tanta bravata, e suspeitam charlatanismo. Esquecem-se, contudo, que a farsa, quando existe, pressupõe a possibilidade de versão verdadeira. A mentira supõe a verdade; e a Verdade, dizem eles, vos libertará. Parece absurdo, mas remete a uma experiência fundadora de outros povos. Faz pensar nos puritanos do Mayflower, ou nos metodistas de John Wesley, portadores históricos desta aura de autoconfiança em meio às piores circunstâncias, aura que hoje faz o fascínio e o escândalo dos pentecostais em tantas regiões do hemisfério sul.

Ocorre no entanto que, entre nós, eles não são

fundadores. Retomam, ao invés, vertentes secundárias da nossa formação, e apresentam-se assumidamente como minoria militante chamada a confrontar "o mundo". É esta condição minoritária que me parece merecer atenção especial. Comporta múltiplas possibilidades — pode ser ativa porém discreta, como o sal nos alimentos, solidária e tolerante, como o Bom Samaritano, profética, serva dos servos, exemplar, ou secretária, guerreira — de tudo isto um pouco encontramos em meios pentecostais.

Aliás, é bom que se saiba, "Pentecostal" é uma expressão difusa e imprecisa. Alguns assim chamados reconhecem-se como tais, outros recusam a denominação. Confunde-se às vezes com os "crentes" em geral, significando o conjunto dos evangélicos presentes em meio popular. Com efeito, pertencem ao universo religioso protestante. Nasceram na América do Norte, em fins do século passado, e compartilham muita das idéias e símbolos veiculados pelas igrejas de história mais longa, como os batistas, metodistas, presbiterianos, luteranos etc. Fala-se inclusive de uma tendência à "pentecostalização das denominações históricas". Há entre eles igrejas bem estabelecidas, como a Assembléia de Deus ou a Congregação Cristã do Brasil, no país desde os inícios do século. Há, por outro lado, uma miríade de movimentos pouco estruturados, frutos de dissidências ou de iniciativas locais. Há múltiplas tendências pastorais. Botar tudo no mesmo saco e colar em cima o rótulo "seita fanática" é uma violência injustificável.

A simplificação persecutória segue um mecanismo bem conhecido. Toma-se a parte pelo todo, identificando-se na parte assim destacada as razões para o estigma. No caso, a acusação fica fácil graças à visibilidade crescente de uma certa tendência pentecostal. Sua principal representante é a Igreja Universal do Reino de Deus. A Universal aderiu ao jogo das contradições, assumindo com entusiasmo o potencial guerreiro da posição minoritária. Conduz uma guerra simbólica contra os Santos, Guias e Orixás que povoam a espiritualidade ambiente. Seu sucesso é revelador da exacerbação dos espíritos no subsolo do nosso cotidiano.

A fronteira agitada está no Exorcismo. Dizem os crentes da Universal: os espíritos da "Macumba" não "baixam". Eles se "manifestam". Estão no interior dos indivíduos. Nascem e crescem com eles. Permeiam o dia-a-dia deste país. São muitos, trapaceiros, disputam o domínio sobre a cabeça das pessoas. Confundem suas vidas, dividem suas mentes, corroem o corpo, perturbam a família, estragam o trabalho. Provocam insegurança, infelicidade, doença. É preciso expulsar cada um destes espíritos maléficos. Chamá-los pelo nome, enfrentá-los por Jesus. Esvaziar a pessoa dos seus demônios interiores, para que o Espírito Santo possa nela habitar e tomá-la por inteiro, dando sentido claro e sadio à sua existência. O exorcismo transforma o pentecostes numa batalha, o fogo do Espírito "queima" o Inimigo. A oferenda da Salvação vira uma guerra.

Ferreira Júnior - 21/5/89

Crentes na Cinelândia: para eles, os espíritos da Macumba não "baixam", mas "se manifestam", pois estão dentro do homem

A Universal faz sentido, como o fez a Inquisição. Sabemos hoje que o catolicismo não pode ser reduzido à figura do Inquisitor; igualmente falso seria reduzir o pentecostalismo à batalha da Universal. Vale salientar que o exorcismo é apenas um dentre os muitos DONS despertados pela presença do Espírito Santo. Um texto muito citado da 1ª Carta de Paulo aos Coríntios (12:4-11) resume a doutrina: "Há pois repartição de graças, mas um mesmo é o Espírito, e os ministérios são diversos, mas um mesmo é o Senhor. As operações são diversas, mas um mesmo Deus é o que obra tudo em todos. E a cada um é dada a manifestação do espírito para proveito. Porque a um pelo espírito é dada a palavra de sabedoria, a outro porém a palavra da ciência, segundo o mesmo espírito; a outro a fé pelo mesmo espírito, a outro graça de curar as doenças em um mesmo espírito, a outro a operação dos milagres, a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro a variedade de línguas, a outro a interpretação das palavras. Mas todas estas coisas obra só um e o mesmo espírito repartindo a cada um como quer."

As pessoas bem-pensantes, que não acreditam em milagres, reagem com desconfiança diante de tal abundância espiritual. Deveriam lembrar-se, contudo, que não temos boas razões para acreditarmos no que quer que seja. Nem mesmo os nossos sentidos merecem a confiança que por costume lhes atribuímos. A dúvida metódica, pedra angular do senso comum compartilhado pelas elites esclarecidas, principiou justamente neste ponto. Por isto Descartes empenhou-se em demonstrar a necessidade lógica da existência de Deus. A religiosidade brasileira não foi globalmente tomada pela cultura científica da modernidade. Nela, o Divino se faz sensivelmente presente, de múltiplas maneiras, dando forma e sentido ao comportamento das pessoas. Os pentecostais participam deste universo encantado, apresentando nele os Dons extraordinários do Espírito. A autoconfiança que encontram em meio às tribulações correntes não se explica pela manipulação comezinha de interesses menores. Ela não se sustentaria sobre bases tão frágeis. Sua possibilidade é dada por um outro plano de conhecimento, que sendo outro, justamente, manifesta-se através de Línguas Estranhas, como no tempo dos primeiros apóstolos.

Os bem-pensantes reagem com desconfiança diante de tal abundância espiritual. Deveriam lembrar-se de que a religiosidade não foi esgotada pela modernidade

Depois de ler o romance *Boca do Inferno*, da cearense Ana Miranda, o prof. Alcir Bernárdez Pécora, da Unicamp, ficou com uma idéia na cabeça: estava certo de que já tinha lido, em algum lugar, trechos do livro, mas não sabia onde. Por fim, lembrou-se da *Carta Ânua*, de Antonio Vieira, em que o autor descreve a invasão da Bahia pela esquadra de Willekens — pano de fundo da descrição geográfica que abre *Boca do Inferno*. Foi procurar, num reflexo acadêmico, o registro da apropriação literária no fim do romance, e não o encontrou. Isso o fez escrever o ensaio abaixo, onde medita não propriamente sobre o plágio, como pareceu a alguns, mas sobre os limites éticos da criação ficcional.

Ana Miranda, logo a seguir, faz sua defesa. Argumenta que, desde remoto passado, escritores se apropriam de documentos da cultura para retrabalhá-los com a moldura da imaginação. Foi o que fez, em *Boca do inferno*, não só com Vieira, mas com Gregório de Mattos, deixando registrada sua pessoal e profunda admiração. A escritora diz que o prof. Pécora confunde criação literária com pesquisa acadêmica. E se pergunta, então, até que ponto não se deveria considerar uma observação casual num restaurante, que depois motiva um trecho de romance, igualmente como fonte criativa — e, logo, digna de registro. O que faria a criação literária naufragar num mar revolto de notas de pé de página, fontes e referências.

Limites éticos da ficção

Não se trata de um plágio, mas não seria melhor Ana Miranda citar os textos de que se apropriou?

Antonio Alcir Bernárdez Pécora

Soraia

Estudioso de Antonio Vieira que sou, interessei-me vivamente pelo livro de Ana Miranda, *Boca do Inferno*, cuja trama se passa na Bahia seiscentista, e, mais do que isso, que trata justamente do escabroso caso do assassinato do Alcaide-mor da cidade, no ano de 1683, que acabou por envolver o nome do velho e ilustre jesuíta como um dos possíveis autores do crime. Pedro Calmon, em um livro da década de 30, *O crime de Antonio Vieira*, já havia se preocupado particularmente em elucidar esse episódio. Logo que me entreguei ao prazer da leitura, porém, bem à primeira página, quando o narrador de Ana Miranda faz uma descrição segura e geométrica da cidade da Bahia, algo no texto me pareceu, de uma vez, estranho e familiar. Não consegui ir além, incomodado pela sensação de que qualquer coisa, ali, demandava algum esforço suplementar, que, quando me decidira a lê-lo, pela primeira vez, não chegara a prever e, menos, desejar. Volta e meia, voltava ao livro, pesando aquelas palavras, e certo já de que elas ecoavam muito de perto algo de Antonio Vieira — mas o quê? Num momento qualquer, com os olhos demorando-se no corpo daquelas frases à espera de uma centelha de esclarecimento, a lembrança me veio súbita: a *Carta Ânua*, de 1626, que Vieira escrevera ao Geral da Companhia de Jesus, para dar conta dos acontecimentos de 24, quando da invasão da Bahia pela esquadra de Willekens... A descrição geográfica da abertura do livro de Ana Miranda era, com pequenas variações — que hoje chamaríamos barbaramente de efeitos de copidescagem —, a *mesma* com que Vieira fazia imaginar a Bahia ao Geral Mucio Vitelleschi, naquele estilo para-geométrico e pictórico que Fernando Pessoa, em nosso século, reconhecia próprio do "maior prosador", do maior artista da língua portuguesa".

Tratei, então, como me pareceu apropriado, de procurar a indicação, no livro de Ana Miranda, da utilização que se faz do trecho de Antonio Vieira: revirei-o, e não achei nenhuma. Seguindo, posteriormente, com a leitura do livro, compreendi que a apropriação — muitas vezes, literal — de fontes e textos, não apenas de Vieira, mas de Gregório de Mattos (mais óbvios e menos resolvidos no livro, por advirem de poemas, com rima, métrica etc. e serem aproveitados como fala coloquial num romance de gênero tendencialmente realista) e outros possíveis, era verdadeiramente parte constitutiva da economia daquela ficção. Algo que podia lembrar uma concepção borgiana da escritura (o que, com efeito, não parece o caso), ou, por outra, que admitia aproximações com tendências pós-modernas (e, mesmo, modernistas) em que as fontes se esvaziam como história, vivida e ainda real na memória e no cruzamento das tradições, e se oferecem como produto potencial de múltiplos aproveitamentos e oportunidades. Um e outro procedimento, diga-se, parecem hoje práticas relativamente correntes, e, em geral, incapazes de suscitar mais que um ou outro comentário entendido bem ao gosto desta ou daquela escola crítica em moda no Brasil, modeiro como nunca.

Mas a questão, segundo me pareceu durante a leitura do livro de Ana Miranda — e parece-se até agora — está ainda longe de ser claramente posta, para ser democraticamente debatida. Devo dizer, desde já, que não tenho respostas que acredite conclusivas; devo dizer, igualmente, que não usaria o termo plágio para o caso, mesmo porque não se emprega hoje com tranqüilidade ou a confiança que, certamente, um crítico do século XIX depositaria nele.

> Devo dizer que não usaria o termo *plágio* para o caso, mesmo porque não se emprega, hoje, com a confiança que no século 19 nele se depositaria

Qual é o caso então? Em primeiro lugar, pensando no livro específico de Ana Miranda e ainda mais especificadamente na apropriação que faz de trechos de Antonio Vieira, creio que seria preciso ter claro que tal apropriação não é a mesma, nem uniforme. Seria possível detectar-se graus em que ela se dá. Os menos problemáticos seriam, talvez, aqueles em que, por exemplo, uma carta efetiva de Vieira aparece no romance como um carta que o Vieira-personagem escreve ou lembra, e tal carta vem, inclusive, destacada com aspas (1), embora sem indicação, ali ou em qualquer parte do romance, da fonte utilizada — fonte que, para as cartas, não há dúvida, como se verá adiante, de que seja primordialmente a edição organizada e anotada por João Lúcio D'Azevedo, em 1925. Outro caso simples exemplifica-se com a utilização de carta ou trecho de sermão de Vieira como trecho de fala ou lembrança, própria ou alheia, do Vieira-personagem. A coisa aparentemente se complica quando um trecho de carta de Vieira aparece parcialmente aspado, como possível índice de citação, e trecho dela é apropriado diretamente, sem aspas ou qualquer sinal, pelo discurso do narrador; ou seja, ao apontar-se para um trecho como citação, mas outra parte dele não, não se reafirmaria justamente a idéia de que a parte não aspada é citação? (2).

Outra apropriação que, em mim, causa estranheza é quando trecho da explicação dada em nota-de-rodapé por João Lúcio, a propósito de passagem mais obscura da carta, esta sim, de Vieira, passa também diretamente, no livro de Ana Miranda, como frase aspada do Vieira-personagem; ou seja, até que ponto é razoável dar-se como citação de Vieira o que é de fato esforço elucidativo de seu laborioso biógrafo e compilador, jamais citado em qualquer canto do romance, a despeito de ser a sua principal fonte no que se refere às cartas de Antonio Vieira? (3) E há aquele caso, que eu notei, por assim dizer, de ouvido, logo na primeira página do romance: uma carta de Vieira copidescada e atribuída ao narrador em terceira pessoa do romance e dotando-o de um diapasão subidíssimo por onde se afina o conjunto da narração. E que extraordinário narrador não soa quando tem Vieira por voz?

Pensemos sobre esses graus de apropriação, nem de longe exaustivos. Ana Miranda, esta sim, quem sabe, se interessasse por dá-los exaustivamente a público, incluindo aí as demais fontes, que não apenas as de Vieira que pude localizar mais ou menos de cabeça. Pensemos eventualmente em critérios, limites éticos, quem sabe, para tais graus, ainda mais considerando o gênero ficcional não-irônico em que se efetua.

No caso de Antonio Vieira, há que se atentar, no mínimo, ainda, para o fato de que ele não é, absolutamente, uma fonte neutra, uma pilha de documentos sem autor, mas sim o maior estilista que o século XVII permitiu à língua portuguesa. Tivéssemos maior consciência histórica das virtudes e da vida própria desse estilo — digamos, tivéssemos dele a consciência que temos do valor único do texto de um Fernando Pessoa ou de um Borges, por exemplo, e nos apropriaríamos dele sem problemas na narração de um romance ou de uma ficção qualquer que desejássemos produzir? E se se tratasse de um autor ainda vivo faríamos sempre as nossas boas cópias, com a alegre eficácia mista de um *sampler*? Que relação há, ou pode haver, entre a nossa notável ignorância cultural e histórica e a tranqüilidade com que lançamos mão, como nosso, do que é passado, mas que, afinal, pôde ser plenamente, sem nós? E em que, fundamentalmente, reverte para o próprio conhecimento de Antonio Vieira a apropriação que se faça dele, sem que se fique sabendo que é dele, afinal, que se trata?

A questão posta pela apropriação praticada por Ana Miranda tem a ver com ética, história e cultura

Isso apenas em relação a Vieira, mas e no que diz respeito ao historiador João Lúcio D'Azevedo? Certamente ele não é produto espontâneo da natureza ou das cartas de Vieira: anos de trabalho foram necessários para que coligisse e anotasse, com todas as imperfeições que dão a medida formidável da tarefa, o que hoje se pode consultar com ordem sob o título tão óbvio de *Cartas*. Não valeria a pena informar sobre a existência deste trabalho de que nos apropriamos, certo, com a aparente legitimidade que a prática e o costume dão? A questão que me interessa levantar, já se vê, não tem a ver com "plágio", mas com ética, história e cultura. Por que não abrir a boca, ainda mais que, até agora, ninguém mais parece ter dado o óbvio por achado?

Notas:

(1) É preciso considerar, também, que nem todas as aspas, no romance, necessariamente implicam citação de texto alheio, uma vez que elas são utilizadas sistematicamente como índice de discurso direto.

(2) Tal é particularmente o caso do uso que Ana Miranda faz — e sem qualquer indicação, naturalmente — da carta que o Padre Vieira escreve ao Conde de Ericeira, no dia 23 de maio de 1689, explicando-lhe certas atitudes que tomara quando de suas diligências diplomáticas a serviço de D. João IV. O que Vieira, em sua carta-história, escreve como transcrição suposta de discurso direto, o romance delimita com aspas; o restante aparece simplesmente como fala do narrador onisciente de terceira pessoa.

(3) É o caso curiosíssimo do uso que a autora do romance faz da nota que João Lúcio, jamais citado, abre sobre carta de Vieira ao Marquês de Gouveia, de 23 de maio de 1682.

Entre a imaginação e a verdade

A citação de fontes pode induzir os leitores a imaginarem que se busca na ficção a verdade histórica

Ana Miranda

Beatriz

Isaac Bashevis Singer, escritor de quem recebo muitos ensinamentos, disse, num congresso sobre tradução literária, na cidade de Nova Iorque em 1970, que seus tradutores eram seus melhores críticos. "Um autor pode enganar a si mesmo em sua própria língua, porém muitas de suas falhas tornam-se claras para ele em outra língua. *Translation tells the bitter truth*"

Compreendi o sentido das palavras de Singer quando comecei a me corresponder com meus tradutores. Com eles, não apenas aprendi inúmeros significados contidos em meu romance *Boca do Inferno*, descobrindo novos aspectos e interpretações de meu próprio texto, como também percebi erros que cometera. A verdade é que, nas madrugadas de delírio imaginativo que passei tentando investigar a alma humana através de nosso passado colonial, por muitas vezes não tive ciência de todas as acepções de meu texto e, nem mesmo, noção dos motivos que me levavam a escrever esta ou aquela palavra, frase, cena.

Mas a abertura de meu primeiro romance foi algo que fiz absolutamente consciente quanto à sua importância e aos significados que deveria conter. De todas as partes do livro, foi a que me tomou mais tempo e a que exigiu maior reflexão. O romance apresentava emblematicamente uma cidade dividida entre o Céu e o Inferno, alicerce de toda a história; e tinha como personagens principais: Vieira, padre, teólogo; e Gregório de Matos, poeta, marginal. A melhor maneira de começar, portanto, seria dando a visão de cada um desses personagens sobre a cidade. A abertura do livro passou a ser uma descrição da cidade vista pelos olhos do padre, seguida de uma descrição concebida pelo poeta.

A visão do teólogo é espiritual, distante. A do poeta é carnal, através de uma janela, ligada aos poderes ínferos. Num primeiro momento, a descrição de Vieira fora transcrita com suas próprias palavras, em itálico; mas logo percebi haver ali uma promessa aos leitores de que o livro seria narrado em estilo barroco, a qual não se cumpriria ao longo do texto; linguagem que, acredito, deveria ser delicadamente introduzida, pouco a pouco. Eu precisava, também, indicar que era um narrador, e não um personagem, quem iria conduzir o leitor pelo sonho do céu/inferno colonial brasileiro. Por esses motivos usei a linguagem atemporal do narrador a partir das primeiras palavras, e ainda porque Vieira só iria surgir como personagem alguns parágrafos depois.

Durante todo o livro adotei como critério a utilização dos textos de Vieira e aqueles atribuídos a Matos apenas em cenas onde os personagens estavam presentes; quer transcritos literalmente, ou não, nos diálogos, quer recriados sob o ponto de vista do narrador expondo a reflexão de tais personagens. A presença da obra dos dois escritores sempre me pareceu — e parece — de uma obviedade gritante.

Muitas expressões contidas nas obras de Matos e Vieira, de uso corrente na época, eram bastante interessantes para serem transmitidas ao meu leitor. Essas expressões, assim como outras, retiradas, num trabalho quase arqueológico, de autores e documentos do período, são registradas em alguns diálogos e reflexões de outros personagens, mesmo os fictícios. Nada disso significa que o estilo de *Boca do Inferno* seja o "parageométrico e pictórico" de Vieira. O estilo do livro é o meu.

A História e os textos antigos têm servido de matéria-prima para inúmeros poetas e romancistas, que os usam, de maneira diferente dos historiadores e críticos, com total liberdade. Na poesia, há os casos de Virgílio em relação a Homero e Hesiodo; o de Dante, com sua "amorosa dependência de discípulo" de Virgílio, como disse Nogueira Moutinho; o de Camões em relação a Petrarca; o do próprio Matos em relação a Gongora; isso para ficar apenas em casos clássicos do passado literário. Mas a poesia, assim como o teatro — de onde podemos retirar como exemplo o uso que Shakespeare fez do texto do Plutarco, ao escrever a tragédia Julius Caesar — apresentam características diferentes do romance histórico, ao qual vou ater-me.

O romance histórico, todos sabem, surgiu no começo do século XIX, com alguns livros de Walter Scott. Fez um imenso sucesso junto ao público leitor e entre os próprios escritores que, durante esses quase 200 anos, o transformaram numa vigorosa vertente da literatura de diversos países. Esse gênero, ao surgir, não demonstrava nenhuma preocupação com a recriação da época, e seus personagens eram mostrados sem maior profundidade, como se pode verificar em Bulwer-Lytton *(Os últimos dias de Pompéia)* ou em Henryk Sienkiewicz (*Quo Vadis*), avidamente consumidos pelos nossos avós. E *I promessi sposi*, de Manzoni, um dos grandes textos da literatura universal, os personagens apresentaram, pela primeira vez, maior comple- ▶

A História e os textos antigos têm servido de matéria-prima a inúmeros poetas e romancistas que, ao contrário do historiador, sempre os usaram com total liberdade

ḍade. E a partir de *Salambô*, de Flaubert, o nero incorporou a "preocupação pela minuciosa criação de uma época". Pelo gênio de grandes critores da literatura universal, como Hugo, ıchkin, Gogol, os Tolstoi, Vigny, Alexis, Hercuno, Larreta, Durych, Móricz, Mann, Carrasco, an Lennep, Almqvist, e mais recentemente Burss, Márquez, Yourcenar, Eco, Saramago, Vidal, octorow, apenas para citar alguns, o romance de ementos históricos vem se transformando e adıirindo as mais diversas características.

No entanto, todos esses romances jamais tratam a verdade histórica, da qual os historiadores se cumbem. Eles tratam da verdade poética, tal omo os outros romancistas "não-históricos" e os etas o fazem. Como disse Marguerite Yourcear, "Aqueles que incluem o romance histórico uma categoria à parte esquecem que o romancista unca faz mais que interpretar, com a ajuda dos rocessos do seu tempo, um certo número de fatos assados, de lembranças conscientes ou não, pesais ou não, tecidos do mesmo material que a istória. Tanto como *Guerra e paz*, a obra de roust é a reconstituição de um passado perdido. lo nosso tempo, o romance histórico, ou o que, or comodidade, se admite designar como tal, só ode ser imerso num tempo reencontrado, na toıada de posse de um mundo interior."

Alguns escritores gosam de fazer a própria xegese. Valéry passou astante tempo de sua vila explicando sua obra (e de outros). Marguerite 'ourcenar chegou a incluir em seu *Memórias de Adriano* um diário sobre a elaboração do livro; acompanhou-o de uma nota com explicações sobre o que era ficcional e o que era histórico, e suas fontes, embora na abertura da nota afirme que "poderia dispensar peças justificativas" por tratarse de obra de ficção. Racine citava suas fontes minuciosamente. Mesmo assim, em nenhum desses livros pode-se discernir a verdade histórica da verdade poética.

Outros autores são avessos a explicações, como Shakespeare ou Gregório de Matos, que nunca se interessaram em publicar suas obras. Maurice Druon, da Academia Francesa, premiado com o Goncourt, em *Rei de Ferro*, apenas agradece a sua equipe de pesquisadores, sem dizer que fontes foram pesquisadas.

Quando Gore Vidal arranca do ostracismo o enigmático Aaron Burr, em seu romance que leva o nome deste personagem, usa para construir a trama as próprias palavras de Hamilton, Washington, Jefferson, Adams, ou Lafayete, personagens do livro. Não cita suas fontes por considerar que "it would be endless, and *political*" (o grifo é meu). E, se Vidal em *Juliano* registra uma parca bibliografia, justifica-se diante dos leitores afirmando que o fazia apenas para que não se pensasse ser a única fonte de seu livro a história de Amiano Marcelino, ou o *Decline and fall of the Roman Empire*, de Gibbon, tal como ocorrera com Robert Graves. Em *Eu, Cláudio, imperador*, que não cita fontes, Graves foi acusado de ter-se baseado apenas nos comentários de Suetônio. Respondeu, em *Cláudio, o deus e Messalina*, com "uma longa bibliografia, relacionando quase todos os textos relevantes do mundo antigo que sobreviveram até nossos dias".

Bernard-Henry Lévy em *Os últimos dias de Charles Baudelaire*, ou DeLillo em *Libra*, sobre o assassinato de Kennedy, ou Saramago em seu aclamadíssimo *Memorial do Convento*, apenas para enumerar mais alguns exemplos tirados de minha biblioteca pessoal, não citam suas fontes. Umberto Eco em *O nome da rosa* faz uma introdução eivada de pistas falsas, e nada mais. O nosso J. J. Veiga não cita suas fontes em *A casca da serpente*, sobre Antônio Conselheiro, da mesma forma que Vargas Llosa, ao tratar do mesmo personagem, apenas dedica seu *Guerra do Fim do Mundo* a Euclides da Cunha.

Quando Flaubert "reconstitui minuciosamente o palácio de Amílcar", há certamente informações recolhidas em documentos de origens diversas, assim como produtos da imaginação e do espírito poético do autor. Não cita fontes. Quando Julian Barnes, em seu premiadíssimo *Papagaio de Flaubert*, reconstitui os passos de Flaubert, usando para isso a própria obra do autor francês, com ou sem apenas aspas, tampouco cita fontes.

No Brasil o reconhecido escritor e professor universitário Deonísio da Silva não cita fontes em seu livro sobre o marquês de Pombal, *Cidade dos padres*. A respeitada professora universitária e escritora Maria José de Queiroz, em seu *Joaquina, filha do Tiradentes* limita-se a uma breve Nota Bene sobre o destino da personagem.

Todos esses livros, assim como outros, publicados antes do meu, foram, durante a elaboração de *Boca do Inferno*, objeto de cuidadoso estudo de minha parte.

De que maneira registrar a observação que fiz, num restaurante, de um homem almoçando, que depois me levou a escrever a refeição de João da Madre de Deus?

Citar fontes, ou incluir peças justificativas em livros de ficção, portanto, trata-se de uma questão apenas de critério pessoal do escritor face a um determinado texto. A citação de fontes através de bibliografias, de notas de pé-de-página, de peças justificativas, poderia induzir meus leitores a imaginarem que se tratava de uma tese na qual eu essencialmente pretendia provar alguma verdade histórica, quando meu livro é fruto de minha imaginação, da minha maneira de ser e de pensar, da minha visão do mundo. Notas explicativas sobre o uso da obra de Vieira e Matos tornariam meu romance enfadonho. A utilização de aspas, ou qualquer outro sinal gráfico, para indicar citação ou recriação de texto barroco ou de informação vinda de alguma fonte, seria não apenas elemento de confusão para o leitor, mas também insuficiente explicação. De que maneira registrar em meu romance uma observação que fiz, num restaurante, de um homem vorazmente almoçando, e que me levou a escrever a cena da refeição de João da Madre de Deus? Não é aquele homem também uma fonte? Deveria eu ter registrado como fontes as pinturas e desenhos do rosto de Gongora que analisei para compror seu retrato em meu livro? Minhas fontes, como as de todos ficcionistas, são infinitas. Incluem livros, arquivos, documentos, teses, cartas, como também e principalmente pessoas, paisagens, a arquitetura das cidades, desenhos, gravuras, pinturas, sonhos — e tudo aquilo que nos estimula os sentidos.

E, fundamentalmente, minhas fontes foram Gregório de Matos e Antonio Vieira, aos quais, imagino, prestei homenagens com a "amorosa dependência de discípula" e para quem registrei pessoal e profunda admiração trazendo-os, trezentos anos depois, para povoarem meu mundo e o mundo dos leitores que se interessaram pelo meu livro.

Um país em liberdade condicional

O discurso liberal e salvacionista com práticas autoritárias está presente no Brasil desde 1930

Lucília de Almeida Neves Delgado

"O passado não deixa de viver e de se tornar presente."
(Jacques Le Goff)

O ano de 1930 é tido como um dos marcos mais expressivos da história republicana brasileira. O movimento que levou Vargas ao poder, naquela data, tem sido mitificado como marco de origem de um processo novo, modernizante e transformador, responsável por mudanças significativas ao nível do político, do social e do econômico. Na verdade, o processo político que culminou com a denominada "Revolução de 30" esteve profundamente relacionado com movimentos e transformações iniciadas na década de 20. Datam daquela década o tenentismo, a promulgação das primeiras leis trabalhistas, a crise intra-oligárquica, uma forte pressão advinda do movimento operário — em um primeiro momento, através da liderança anarquista e em seguida, sob a liderança dos comunistas — e a crise internacional do capitalismo que afetou, de forma decisiva, a economia agro-exportadora brasileira.

Esse processo desdobrou-se, ao longo da década de 30, em relações complexas e contraditórias entre interesses divergentes, acabando por se constituir num acontecimento prolongado e dinâmico que, de fato, deixou marcas profundas na vida política brasileira. Adotando-se, portanto, uma perspectiva analítica que compreende o caminhar da história como uma dinâmica constante de interinfluências múltiplas, torna-se plausível afirmar que a herança de 1930 não tem na data precisa de 3 de outubro daquele ano seu ponto de origem. Fatos anteriores ao marco que estabelece, oficialmente, a derrocada da "República Velha", se atualizaram no contexto do pós-30, conformando, em conjunto com o desenvolvimento político e social do novo período republicano, elementos constitutivos de sua herança, de sua permanência.

Na dinâmica do referido processo, três temas adquirem relevância especial, não só por sua contemporaneidade àquele período anterior, mas também, e principalmente, por sua renovação e atualização através da história. O primeiro refere-se ao autoritarismo que, pela lógica da permanência, tem perpassado a política nacional; o segundo diz respeito à questão social, que após 1930 em muito se confundiu com a questão trabalhista; e o terceiro relaciona-se com o processo de industrialização e modernização que, ao longo das décadas de 30 e subseqüentes, adquire uma importância ímpar.

O movimento que levou Vargas ao poder, legitimado por um discurso liberal-salvacionista, acabou, de forma paradoxal, por reproduzir-se através de uma prática antiliberal e antipluralista que teve na ditadura do Estado Novo seu momento culminante. À dispersão federativa e liberal da fase republicana anterior sucedeu uma forte centralização política, acompanhada por atos de força que durante oito anos mantiveram inativas todas as casas legislativas do país. O ditador governava por decretos-leis. Hoje, em outra conjuntura, através de mecanismos diferenciados, a prática autoritária volta a se manifestar. Apesar de seu discurso neo-liberal, o atual governo não hesita em utilizar, de forma abusiva, de recursos, como o da edição sistemática de medidas provisórias, que distorcidas em relação a seus objetivos constitucionais, em muito se assemelham aos decretos-leis estadonovistas.

Arquivo-JB

Getúlio foi o retrato mais fiel de um autoritarismo sempre presente na política brasileira

A prática anterior de Vargas e a atual do governo Collor estão inseridas na tradição autoritária nacional. Essa tradição matizou-se com determinados tons na república *liberal autoritária* e com outros mais fortes no primeiro governo Vargas. Adquiriu tonalidade especial sob o regime militar de pós-64. Hoje suas nuances são outras, talvez mais sutis. Todavia, seu suporte autoritário é de fato estrutural. Aliás, a convivência entre autoritarismo e liberalismo tem sido característica singular da república brasileira.

Do ponto de vista da questão trabalhista, a discussão sobre a herança dos anos 30 é instigante e polêmica. O arcabouço legislativo, elaborado no decorrer dos anos 30 e consolidado em 1943 pela CLT, fez parte de uma lógica governamental que apostava na incorporação dos trabalhadores ao mundo institucional público. Essa mesma lógica buscava criar mecanismos eficazes que permitissem, de forma mais permanente, a neutralização de conflitos no mundo do trabalho. Para atender a esses objetivos montou-se uma estrutura basilar na qual quatro segmentos são fundamentais: a Justiça do Trabalho, a Previdência Social, o Ministério do Trabalho e os Sindicatos. É evidente que a concepção original dessas quatro estruturas não se manteve inalterada ao longo dos anos. A Previdência Social tem passado por mudanças significativas, na maior parte das vezes influenciadas por fatores políticos conjunturais. A Justiça do Trabalho, por sua vez, tem estado sujeita a esse mesmo tipo de influência. O Ministério do Trabalho apesar de exercer funções estruturais e de caráter permanente, tem ficado, historicamente, sujeito à linha política do titular da pasta. O mundo sindical também não se furtou a modificações conseqüentes tanto de pressões dos trabalhadores, como em decorrência de políticas governamentais. Centraremos nossa análise em torno de dois pontos específicos relativos à questão sindical: o recolhimento compulsório de "contribuição" sindical e a criação de centrais de trabalhadores.

Os denominados liberais da UDN muito criticaram a política trabalhista de Vargas, por considerá-la geradora de um estatismo clientelista. Apregoavam a necessidade da adoção de uma legislação do trabalho menos "paternalista" e intervencionista. Inserida nessas idéias estava a defesa da abolição do imposto sindical, que durante longos anos tem sustentado o sindicalismo brasileiro. O atual governo, em consonância com sua pregação neoliberal, decidiu por aboli-lo. O significado dessa medida política é profundo e abrangente. O mundo sindical será afetado, de forma definitiva, por tal decisão, mesmo porque a iniciativa final de implementá-la não é espontânea do mundo do trabalho, mas sim oficial. Ao intervencionismo de 30 sucede, independente do mérito, outra forma de intervenção: uma prática antiga é reeditada para se alcançar objetivos definidos como novos.

O ditador governava por decretos-leis. Hoje, através de mecanismos diferenciados, a prática autoritária volta a se manifestar

Em contrapartida, outra característica basilar da estrutura sindical oficial, que era a proibição de se criarem organizações intersindicais, acabou por ser superada pela dinâmica da luta dos trabalhadores. A criação de centrais sindicais inaugurou, em âmbito nacional, um pluralismo durante muitos anos proibido por lei. Nesse aspecto, de forma quase que inédita, rompeu-se com a intervenção e com a definição de práticas relativas à sociedade civil, gestadas de cima para baixo.

Um dos objetivos mais acalentados pelo novo governo implantado em 1930, foi o de modernizar o país através da adoção de uma política industrializante. A partir daí, difundiu-se a concepção de que o moderno e o novo seriam conseqüências naturais da implantação de indústrias. De fato, a face da economia nacional modificou-se, profundamente, a partir do processo de industrialização crescente, que teve seu ensaio nos primeiros vinte anos deste século e sua reprodução mais significativa a partir dos anos 30. As décadas sucessivas a 1930 foram um tempo de aprofundamento da economia urbano-industrial: se isso, de fato, levou o país a se modernizar, também contribuiu, apesar do discurso nacionalista de muitos de seus políticos, para a reprodução de algo tão antigo quanto o próprio país: sua dependência estrutural.

Hoje, a renda advinda da produção industrial é superior à gerada pela agricultura. A urbanização também é crescente. Todavia, o capitalismo brasileiro tem muito pouco de dinâmica própria: assolado por contradições profundas, não foi capaz de contribuir para a superação de problemas gerados pelo atraso estrutural de um país de passado colonial. De fato, não se pode falar em dois Brasis, mas sim num único país, no qual desenvolvimento e subdesenvolvimento se integram na lógica da exclusão e da miséria de seu mais expressivo contingente populacional. Olhar através do tempo, mergulhar em sessenta anos de história, perceber a reprodução do passado no presente, das mudanças nas continuidades, do novo no velho, nos faz pensar que o Brasil da modernidade, apesar de alterações significativas gestadas na tessitura de sua história, ainda caminha a passos lentos na construção do que possa ser identificado como substancialmente novo e moderno. ■

No ensaio *O hospício não pode acabar*, publicado na edição do *Idéias/Ensaios* de 23/09 último, o psicanalista Chaim Samuel Katz postula que a idéia de eliminar os hospícios não elimina a questão dos loucos, apenas ignora sua dor psíquica. Discorda dos que apontam como solução a devolução do louco à sua família, argumentando que esta não é o lugar unitário para a constituição do sujeito, e muitas vezes a opção pela internação visa, no fundo, ampliar o espaço familiar. Em vez da extinção, Chaim propõe uma severa transformação dos hospícios em locais menores de atendimento, onde os internos ajudem a delimitar seu próprio espaço de vida. A seguir, os psiquiatras Pedro Gabriel Godinho Delgado, Daniel Chutoriansky e Ana Lúcia Lopes rebatem com veemência a tese do psicanalista, defendendo a extinção gradual, porém radical dos hospícios.

O futuro está do lado de fora

O hospício, engenho de exclusão, não é natural. Deve ser extinto, em nome da cidadania do louco

Pedro Gabriel Godinho Delgado

Soraia

A quem interessa a manutenção dos hospícios? Aos loucos e a suas famílias, têm afirmado vozes de variada origem. O debate está posto: uma proposta ronda a Psiquiatria, esse continente de 200 anos. A utopia da sociedade sem manicômios oferece-se como cogitação irrecusável a pacientes, seus familiares, profissionais *psi* e à opinião pública. Proposta que suscita a urgência de se exprimirem velozmente em território ambíguo, acostumado à lentidão atemporal: os hospícios, as salas de espera, os ambulatórios, mas também no dia-a-dia dos jornais e do debate intelectual, de que é exemplo o artigo de Chaim Katz, "O hospício não pode acabar" (*Idéias/Ensaios*, 23/09).

Sim, estamos propondo a extinção dos manicômios ou hospícios. Trabalhada numa intensa programação de debates e eventos, que anualmente convergem para espocar em um "Dia de Luta", o 18 de maio, a proposta se materializa em sucessos terapêuticos que se vão disseminando pelo país (discutiremos adiante o CAPS) de São Paulo, e a experiência de Santos, como estimulantes exemplos). E submete-se ao legislativo brasileiro através de um projeto de lei, nº 3657/89, do deputado Paulo Delgado, do PT de Minas, já aprovado nas comissões de Justiça e de Saúde da Câmara dos Deputados. Na singeleza de seus quatro artigos, esse projeto institui os pressupostos operacionais *sine qua non* para que o cuidado dos loucos não seja incompatível com a liberdade e a cidadania.

Que propõe essa nova Lei, a ser pactada nas relações da sociedade com a loucura? A extinção progressiva dos manicômios, através de sua *substituição* por novas modalidades de cuidado: intensivas e extensivas, buscando sempre que possível a participação ativa dos vínculos sociais do louco, acolhendo-o em sua singularidade — *inventando* cooperativamente circunstâncias novas — de trabalho, de sociabilidade — que tornem seu quotidiano menos penoso e os dispositivos de discriminação menos cruéis. Os clientes e familiares do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), um serviço público situado no centro de São Paulo, que há três anos atende a pacientes com problemas muito graves em regime de liberdade, reivindicam sua entrada nesse debate olhando para o futuro, propondo alternativas, interrogando a necessidade da retaguarda manicomial, pensando a solução de problemas (novos) suscitados pelo novo gênero de cuidado: habitação, trabalho, lazer. Ora: os cerca de 140 mil cidadãos (cidadãos?) brasileiros manicômio-dependentes nem sequer podem debater essa questão — a sociedade designou-lhes um lugar, o hospício; um *ethos*, a dependência e a ociosidade; e os intelectuais nos fornecem as justificações que naturalizam e tornam eternos tais engenhos de exclusão.

O Brasil teria 95.506 leitos psiquiátricos. A aparente precisão de tais números oculta três contra-informações: o número de pacientes que se internam apesar da superlotação do hospício; o périplo interinstitucional — repetitivo, permanente — que faz circularem como zumbis os pacientes, entre um hospício, uma emergência, um ambulatório, um exame pericial do INPS (onde devem provar que são loucos-incapazes, ou não receberão a parte que lhes cabe do salário-mínimo de 50 dólares), a busca de medicamentos aqui e ali ("não distribuirei entorpecentes", queria Drummond, mas existem ruas inteiras na região metropolitana do Rio onde *todos* os domicílios consomem psicotrópicos). Finalmente, oculta o dado crucial, de que não existe qualquer política, senão a baseada na segregação asilar. Embora se observe uma discreta tendência de redução dos leitos, decorrente dos esforços de racionalização e qualificação do atendimento público em saúde mental, desde 1982, ela não afeta ainda o núcleo fundamental do dispositivo segregador, ancorado na ideologia da internação como método de escolha do cuidado, no conceito de periculosidade do louco, e na submissão — enfeitada aqui e ali de uma retórica crítica — à hierarquia médico-organicista, quando se trata de discutir a psicose.

Quando os trabalhadores em saúde mental propuseram o conceito de *manicômio* para compreender a forma específica de segregação e mortificação da subjetividade exercida pelo dispositivo psiquiátrico, em todas as suas formas, era justamente para que se pudessem entender suas projeções e ramificações nas instâncias da vida social, a família, inclusive.

Chaim Katz faz o elogio do manicômio, baseando-se principalmente na premissa equivocada de que estaríamos propondo a "devolução" dos loucos a suas famílias. Apesar de sua etnografia ter descoberto diferenças entre a estruturação familiar na Rocinha e na Viena fin-de-siècle, nosso autor acaba repetindo duas estereotipias do discurso psicanalítico dominante, acerca da psicose: primeiro, "aos loucos o hospício", que significa simultaneamente uma abdicação do desafio terapêutico e uma reverência ao edifício erigido de Pinel a Kraepelin, e hoje invadido pelos posseiros de certa farmacologia multinacional triunfante; segundo, uma certa patologização da família, misturada com a argumentação errônea de que eliminar o asilo é "devolver" os loucos a formas de abandono intrafamiliares. Sabemos há mais de 10 anos que, quando se trata de discutir loucos-e-suas-famílias, a palavra "família" torna-se mais um artefato ideológico que um

conceito etnográfico: assim, o argumento de Chaim Katz acaba muito parecido com o do Edmundo Maia ("O Manicômio é necessário", Ponto de Vista, VEJA, 26:31, 08/08/90), proprietário da clínica onde foi internada à força a constituinte Dirce Tutu Quadros, e também da Casa de Saúde Anchieta, sob intervenção da Prefeitura de Santos, por violência e morte de trabalhadores ali internados. Para Maia, é a internação manicomial que cria as condições de possibilidade de participação da família no tratamento, o que soa familiar ao argumento de Chaim de que "o asilo é uma ampliação do lar".

É o terceiro artigo do projeto Paulo Delgado — que substitui uma lei de 1934, cuja obsolescência pelo desuso não a impede de estar formalmente em vigor — que está em jogo: aquele que regulamenta a internação compulsória, criando instâncias da sociedade que fiscalizem, controlem e problematizem o poder legal de seqüestro do dispositivo psiquiátrico. Um sistema de atendimento psiquiátrico pode ser avaliado em sua qualidade também pela proporção entre internações compulsórias e voluntárias (Mangen, S. Mental health care in the european community. Londres, Croom Helm, 1985), o que só se torna possível caso se estabeleçam controles legais e técnicos sobre a internação contra a vontade. No Brasil, o que se chama de voluntárias são aquelas internações pateticamente determinadas pelo estado de dependência institucional, de abandono, de busca do benefício previdenciário, de falta de casa e comida. Chaim Katz dirige seu canto de sereia aos familiares e aos psiquiatras e faz o elogio do mínimo, defende a ética do conformar-se com o pouco que temos, pois poderia ser pior...

"Para os loucos mais pobres", diz Chaim, o hospício "é o único lugar que os deixa no reino do humano, que atende suas mínimas necessidades de prazer". Tal digressão sobre o prazer dos pobres — que a Federação de Hospitais talvez subscrevesse — revela, na verdade, uma escotomização do hospício *real*, das clínicas privadas que sitiam o Rio, São Gonçalo, Niterói, Nova Iguaçu, Volta Redonda, além da miséria intolerável ainda presente nos manicômios públicos. Não entendo tal argumento, como insisto em intrigar-me com essa encarniçada fidelidade ao velho, ao projeto pineliano, à dicção "isso é natural". Assim, se desconhecem ou se omitem êxitos terapêuticos no cuidado não-asilar de pacientes psicóticos graves, e ao autor, pessimista da razão, só lhe interessa o Basaglia "pensador", não sua prática. Entretanto, brande-se uma arma poderosa: quem propõe o fim dos hospícios na verdade "ignora a dor intolerável". Está desqualificado, pois, para lidar com ela: é insensível e incompetente para tratar a... "psicose". Fecha-se o circuito: o argumento aproxima-se do de Edmundo Maia, que recorre à designação "antipsiquiatras" como categoria de acusação, o que, dirigido a público diverso, busca idêntico efeito.

Os doentes mentais no Brasil são quotidianamente massacrados pelo modelo de atendimento baseado na internação em manicômios. São incapazes para o trabalho e para os atos da vida civil. Se cometem delitos, não podem sequer se defender legalmente. São não-cidadãos. A partir de novembro, estará funcionando no Rio de Janeiro um serviço do Instituto Franco Basaglia e entidades de direitos humanos, o SOS — Direitos do Louco. Sua tarefa: trazer à tensão da cena explícita a cidadania dos loucos, os direitos das minorias sociais. Em várias cidades do país, experiências de atender com liberdade vão se implantando. Como ajudaremos o imenso contingente que já se tornou de alguma forma dependente do asilo? Discutamos isso: os lares abrigados do Juquery, a vida de ex-pacientes da Juliano Moreira, já nos ensinam alguma coisa. Aprender nos erros, na prática quotidiana, na recusa do mesmo. E com isso gradualmente eliminar os manicômios de nossa vida, como várias cidades do mundo já fizeram.

Quem são os loucos?

O hospício só é eterno no discurso insano daqueles que vêem a loucura como um estado eternamente marginal

Daniel Chutoriansky e Ana Lúcia Lopes

Soraia

Soraia

Parece que o gueto rico da zona Sul do Brasil, tradicional reduto da aristocracia, cercada de grades, aparatos eletrônicos e técnicas sofisticadas do Primeiro Mundo está excessivamente preocupado com a invasão, pelos túneis que atravessam suas colinas, dos loucos, famintos, marginais, desviados, mutantes etc. Aliás "eles", os loucos, pedintes, os de segunda categoria, precisam ser confinados além-túnel, para se manter o pedigrée, a pureza, a integridade e, principalmente, a modernidade desta espécie de fim de século; teoria defendida por alguns "psis" que têm mais a ver com o satânico Dr. No do que com o angustiado judeu vienense Sigmund e de sobrenome Freud.

Também é lamentável que, ao final do século XX, aliás, 20 séculos de Era Cristã, pouco se fez e muito se excluiu, marginalizou, puniu, com naus e rumos insensatos, a loucura, que atravessou todo este período, com as mais variadas versões: religiosa, política, filosófica, esotérica, organicista, psicológica, sociológica etc.; sempre incólume, apesar das explicações de época. Afinal, os loucos sempre denunciaram a insanidade dos normais, seus processos e teorias de exploração do homem pelo homem, aviltamentos, guerras ao próximo. Ninguém perturbou tanto o próximo como os normais, quer pela força, quer pela riqueza, quer pelo poder do saber. Quem são os loucos, afinal?

> Os seres das cidades são beduínos que, no deserto de suas vidas, pisoteiam o habitante natural da região, o cactus — que simboliza os loucos: duros por fora, doces por dentro

Como dizíamos, ao final do século XX percorreu-se um longo caminho pela Doença Mental, e era de se esperar que, nestes momentos de apagar as luzes do Século da Tecnologia, já houvesse alguma coisa clara para alguns homens e mulheres bem nutridos, bem estudados, bem formados, bem empregados, bem orientados, normovígis e normotenazes de alguns segmentos da área "psi" — não existe a verdade ou perspectiva única. Relativizando, a outra via, a da Saúde Mental, na verdade, a Saúde como elemento básico da cidadania, encontra os mesmos obstáculos da realidade para avançar, porém, ideologicamente, "vê" a questão sob outra ótica, a ótica da inclusão. Já é mudança; aliás, a dor da mudança é grande, mas é menor do que a da cegueira. Dói perder algo, mas é necessário para a conquista do novo. Em muitos casos, é melhor ficar agarrado ao antigo por antigos interesses.

Além da proposição da manutenção do hospício e seu instrumental do século passado para segurança da zona sul do Brasil, diz-se, também, que "ele é louco", e não, "ele está louco". Isso não é frescurinha semântica; "é", no caso, significa eterno; "está", o transitório. Observe as duas frases: "Fulano é doente" e "Fulano está doente", e reflita sobre a diferença. Se o discurso é de eternidade, eternidade também para o hospício e seus eternos habitantes. Quando se diz "ele é louco", significa a perda da cidadania, dos direitos mínimos elementares básicos, quase nunca garantidos pela Constituição. E, para a LBP (Legião Brasileira de Pobres), nunca.

A loucura tem estado civil; é solteira, separada, divorciada da família. Para tais teóricos, a família quase não tem nada a ver; o problema é "dele"; colocam-no no hospício, e pronto, tudo resolvido. Descartável. Será?

Apesar dos discursos, existe, como sempre existiu, e não é frescura, a vinculação afetiva entre os seres humanos, queira-se ou não.

No Brasil, segundo estatísticas oficiais, 10% da população sofrem de algum tipo de afecção mental (afecção é ótimo, não?), ou seja, 14 milhões de brasileiros e brasileiras, cada qual com uma família média de cinco viventes. Na matemática elementar, 14 vezes 5 é igual a 70 milhões de pessoas, isto é, metade da população. Em que metade o leitor estaria? Dificilmente, uma família brasileira não apresenta um ou mais casos de loucura no seu seio. Será que temos 70 milhões de enlouquecidos? Vai ver que sim. E, para conter essa gente toda, ainda faltariam ser construídos 350 mil manicômios (200 loucos por unidade). Fantástico!

Afeto segura muito mais do que imaginam alguns. É muito mais forte que o hospício. Na realidade, o hospício é um monstrengo em extinção. Sobrarão, apenas, as emergências psiquiátricas para os casos agudos, dentro do hospital geral. O modelo hospicial ficou crônico e falido, apesar dos grandes lucros. Mas a família não faliu. A Lei Orgânica do município do Rio de Janeiro impede a construção de novos hospícios e a contratação de leitos.

Manter o hospício funcionando só serve para alimentar o paternalismo, com baixíssima quantidade de proteínas. Mais espantoso é quando se propõe um "CIEP da loucura", que cremos ser um Centro Integrado de Exclusão e Punição. Quer dizer, construam, cada vez mais, hospícios e fechem e controlem, se possível com pedágio e alfândega, as entradas dos túneis.

De que loucura estamos falando? Será apenas dos psicóticos? Ou muito mais da marginalidade, da exploração, da fome, da miséria, do discurso oficial do colonizador?

Os teóricos da modernidade colocam, com certa razão, que as megacidades, com seu aspecto árido e desértico, dessensibilizam e desqualificam os indivíduos e a família. Os moradores desse deserto-cidade tornam-se uma espécie de beduínos, cuja experiência e resistência em atravessar, em caravanas, os desertos de suas vidas, com seus camelos, armas, petróleo, odaliscas, cães que ladram enquanto a caravana passa, afastam-se e pisoteiam o habitante natural da região — o cactus — que simboliza os loucos, duros e espinhosos por fora, doces e suculentos por dentro. Eles, no final das contas, nas noites frias, servem para serem esfaqueados e arrancados, tornando-se a lenha das fogueiras, e transformando-se naquela fumacinha que sobe aos céus, irritando os olhos, enquanto a zona sul do Brasil dorme tranqüila, velada pelas polícias e seguranças e teóricos de plantão.

O que eles estão pensando

Você acha que a vida amorosa de um ministro de Estado pode interferir na sua atuação política?

Carlos Vogt
Reitor da Universidade Estadual de Campinas

■ Depende. A vida pessoal de quem quer que seja tem o seu próprio universo. No caso específico dos ministros Bernardo Cabral e Zélia Cardoso de Mello, foi mais um pretexto para o que já se vinha desenhando: fatos que estavam desagradando as linhas do governo. A questão é mais política do que amorosa, pois o ocorrido interfere na atuação política pelo modo como ele se apresenta. É tudo uma questão de imagem.

Nicete Bruno
Atriz (a Dona Neiva da novela *Rainha da sucata*)

■ Não. Eu acho que não tem nada a ver a atitude íntima, pessoal, de um ministro com o seu desempenho profissional. As duas coisas deveriam ser completamente separadas. Acho também que a vida particular deve ser sempre respeitada.

Roberto Freire
Psicanalista e autor do livro *Ame e dê vexame*

■ Não. Ela não tem nada a ver com a vida profissional, mas acho que o que aconteceu com a Zélia e o Cabral foi um vexame. Quando a profissão interfere, é sinal que o amor não é a coisa mais importante para ambos. Afinal, o que é um cargo diante de uma paixão? Seria mais honrosa uma saída *a la Romeu e Julieta*: não com suicídio, mas com a renúncia dos dois. O desfecho mostra o que é o amor na sociedade burguesa.

Plínio Corrêa
Presidente da TFP (Tradição, Família e Propriedade)

■ Sim. Conduzo desde jovem uma luta ininterrupta pelos princípios que sustento hoje à frente da TFP: tradição, família e propriedade. Logo, sem qualquer acepção de pessoa, respondo pela afirmativa, principalmente na hipótese de o ministro ser casado.

Iberê Camargo
Artista plástico

■ Depende. Se a pessoa consegue separar a vida particular das atribuições públicas, não há problemas. Havendo decoro e desde que não sobreponham as intimidades às questões nacionais, a vida privada deve ser respeitada. Mas acho difícil separar as coisas quando ambos têm cargos públicos relevantes, pois num casal sempre há o dominado e o dominador, mesmo que não transpareça. O equilíbrio absoluto é raro.

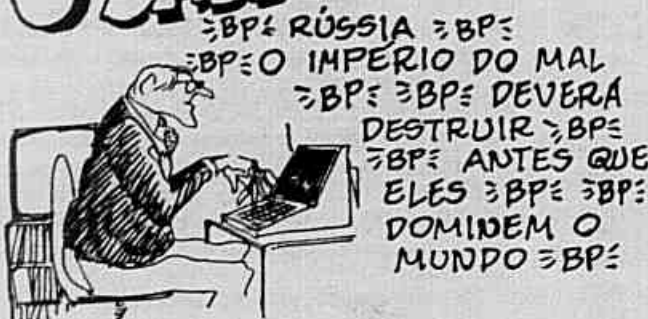
Patrícia Bins
Escritora

■ Sim. Não deveria, mas infelizmente acaba sempre havendo a interpenetração entre o particular e a função sócio-política dos indivíduos. As pessoas apaixonadas têm emoções fortes que, às vezes, se tornam incontroladas e escapam para o plano geral, e isto se torna ainda mais delicado quando os envolvidos ocupam cargos tão relevantes. Com uma mulher num cargo desses, a situação se torna ainda mais excepcional.

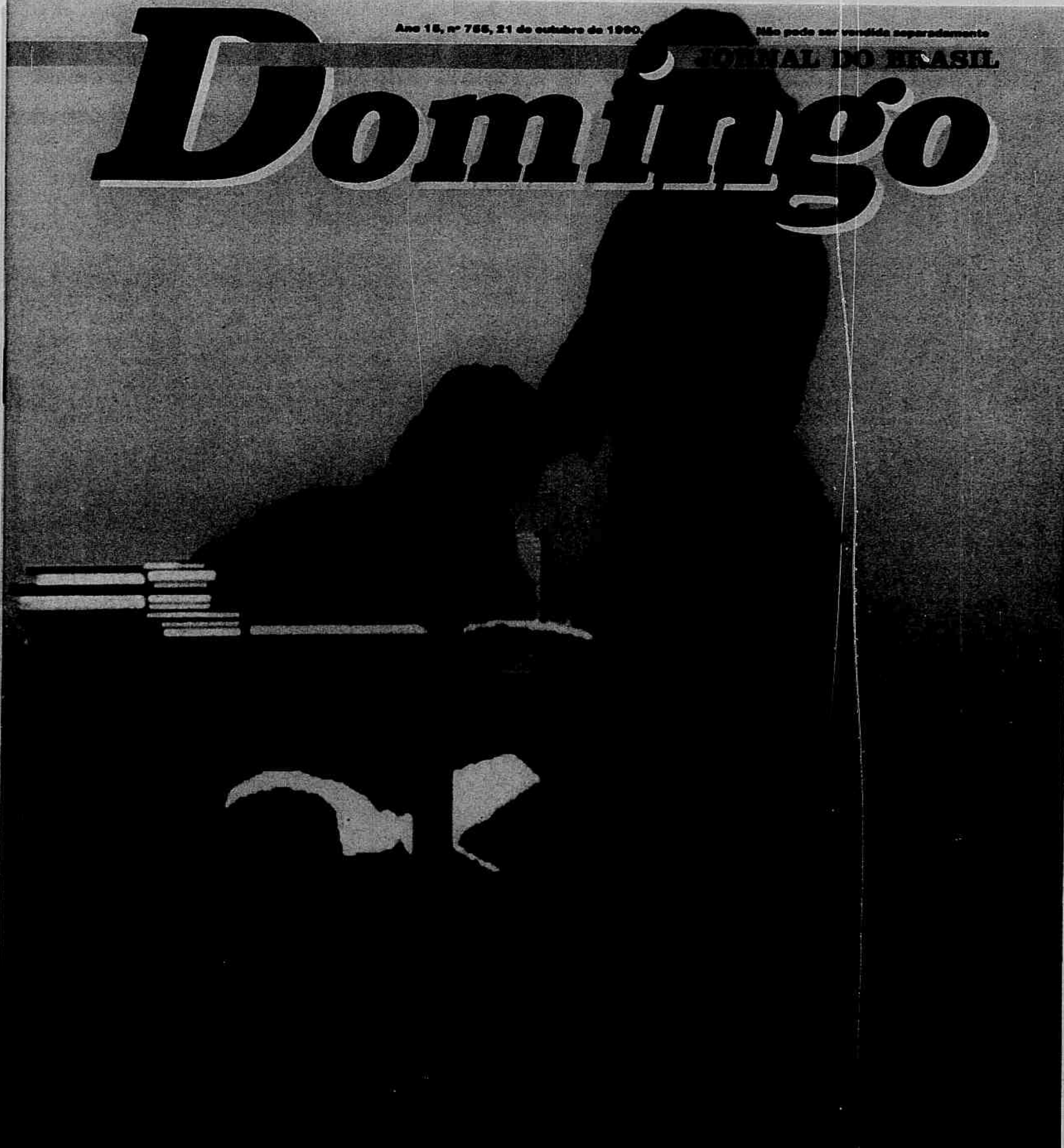
O que ele está fazendo

Carlos Alberto Messeder Pereira
(Antropólogo)

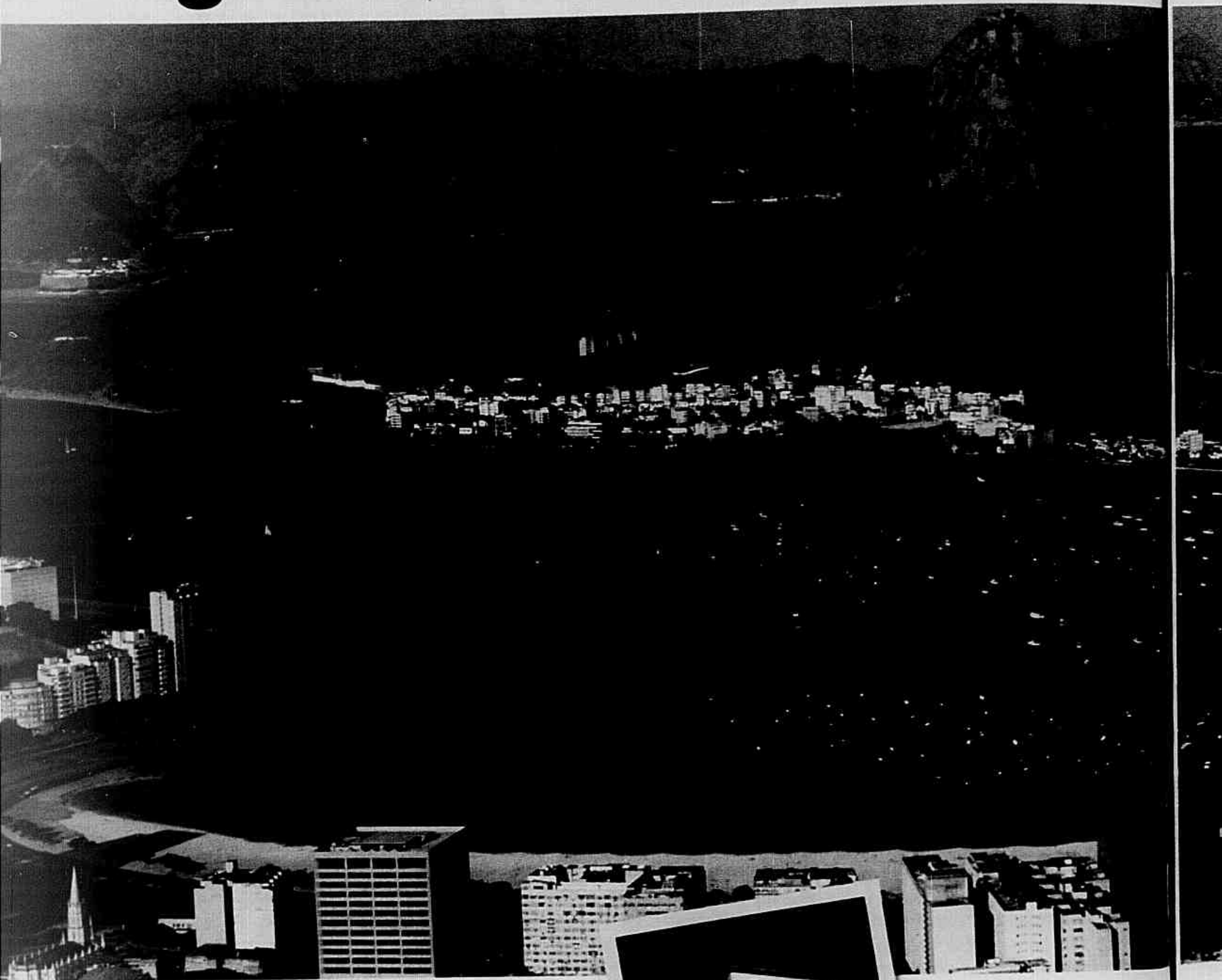
"Estou pesquisando a questão da medicina legal nas décadas de 1920 e 1930: a maneira como ela lidava com a questão do homossexualismo", revela o antropólogo e diretor da Escola de Comunicação da UFRJ. Segundo ele, é nos anos 20 e 30 que começa a ser pensado e implementado o projeto do Brasil *moderno*, "mestiço e erotizado". Naquele momento, passava-se de uma designação de *crime* para a de *doença* em relação ao homossexualismo. "Para a época, foi um avanço, pois a questão saiu da esfera policial para a médica. A chegada das idéias de Freud e da psicanálise ajudou, é claro." A ligação com a questão da Aids é inevitável: "Naquela época, era sífilis que metia medo. Hoje, a Aids reacendeu preconceitos e estereótipos que os anos 70, revolucionários sexualmente, pareciam ter enterrado." Além desse trabalho, que pode virar livro, o antropólogo pretende fazer um *mapeamento erótico* da cidade do Rio na época (anos 30), "catalogando os locais de encontros homossexuais que os livros da época citavam".

Feiffer

Ano 15, nº 755, 21 de outubro de 1990. Não pode ser vendida separadamente

JORNAL DO BRASIL

Domingo

A briga pela escola

Milhares de crianças disputam uma vaga nos supercolégios do Rio

Nos grandes centros tem arr a

anha-céu, shopping, lazer...

...e Pronto-Serviço Consul.

Quando compra um produto Consul você tem a certeza de contar com a mais avançada tecnologia. Mas para a Consul é importante também que seu aparelho tenha sempre a mais perfeita assistência. É por isso que existe a Rede Nacional de Pronto-Serviços Consul, formada por cerca de 600 empresas autorizadas e com técnicos especializados e treinados pela própria fábrica.
O Pronto-Serviço Consul está onde você estiver, com suas autorizadas distribuídas de forma estratégica por todo o território nacional. Do Oiapoque ao Chuí tem sempre um Pronto-Serviço Consul perto de você prestando um atendimento perfeito.

BOLETIM IOB

VOCÊ SÓ ESTARÁ BEM INFORMADO QUANDO ESTIVER BEM ASSESSORADO

Este é o mais avançado e pioneiro boletim informativo à sua disposição. Detalhado, completo, o Boletim IOB é um instrumento de informação fundamental para a administração de sua empresa. Seja ela de pequeno, médio, ou grande porte. Numa linguagem clara e acessível, o Boletim IOB traz todas as informações sobre legislação empresarial. Veja: semanalmente você recebe o caderno de **Textos Legais,** com toda a legislação empresarial recente em âmbito federal. De 10 em 10 dias você recebe mais quatro cadernos que abordam: **Imposto de Renda e Legislação Societária, ICMS/IPI e outros, Temática Contábil e Balanços, Legislação Trabalhista e Previdenciária.** E ainda: todos os meses você recebe o **Suplemento Especial**, com uma seleção de temas abordados pela equipe de especialistas IOB, além do **Calendário Objetivo de Obrigações Fiscais e Trabalhistas.** De quebra, a cada semestre, você recebe, também, as **Tabelas Práticas IOB,** com uma série de indicações de grande utilidade. Quer mais? Como assinante IOB você conta com a melhor e mais completa assessoria: a Rede IOB de Consultoria. Afinal, quem assina o Boletim IOB precisa estar bem assessorado.

IOB: A MAIS IMPORTANTE EMPRESA DE ASSESSORIA E INFORMAÇÃO DO PAÍS

REDE IOB DE CONSULTORIA

VOCÊ SÓ ESTARÁ BEM ASSESSORADO QUANDO ESTIVER BEM INFORMADO

A Rede IOB de Consultoria é o mais completo e gratuito serviço de apoio e assessoria ao assinante do Boletim IOB na área da legislação empresarial. É um serviço criado especialmente para eliminar dúvidas com a rapidez e eficiência que os empresários e profissionais precisam. A Rede IOB de Consultoria abrange todo o país e possui uma equipe com mais de 300 especialistas nas mais diversas áreas à disposição do assinante.

Aqui no Rio de Janeiro, você pode chegar a esse poderoso banco de dados, com mais de 20 especialistas, por telefone (210-1213: Imposto de Renda e Contabilidade / 210-2454: ICMS/IPI e outros impostos / 240-9799: Trabalhista e Previdenciária); via Fax (262-9463); via Telex (2137604); por carta ou pessoalmente, à Av. Marechal Câmara nº 160 - 3º andar no Centro Empresarial Charles De Gaulle. Além disso, a Rede IOB de Consultoria oferece serviços complementares como a **Consultoria Eletrônica** (220-3310), **Consult IOB, Plantão Informativo** e **Urgent IOB** (240-4663).

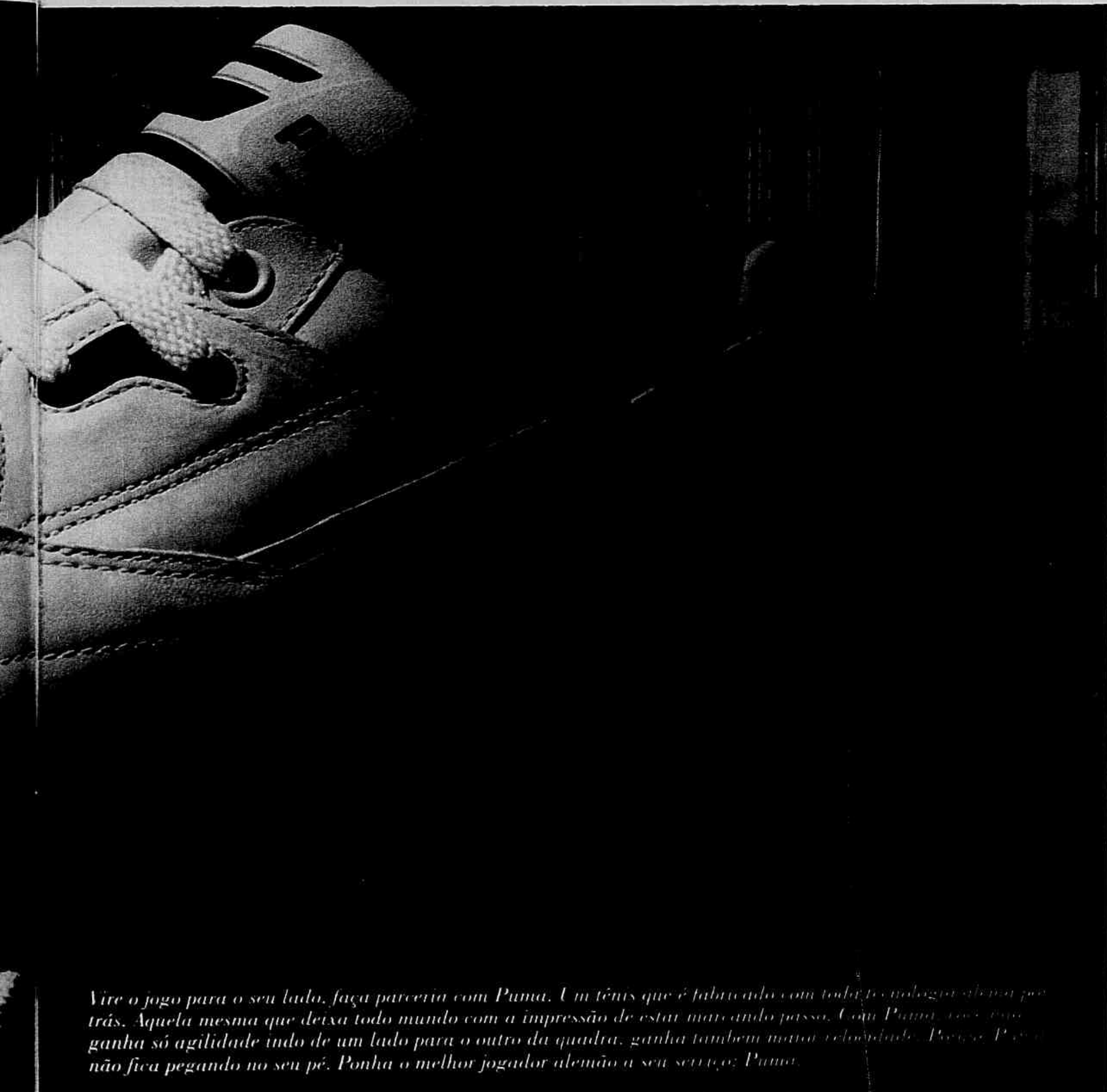
Dessa maneira a Rede IOB de Consultoria e o Boletim IOB dão ao assinante o mais completo suporte para agilizar e facilitar suas atividades profissionais.

F. BARCELLOS

VERSA

IOB
informações objetivas

20540 - Rua Goiânia, 38
(Andaraí) - Tels.: (021)
571-9722/571-4397/208-0601
Rio de Janeiro - RJ

Favor enviar-me, sem compromisso, mais informações sobre o Boletim IOB & Rede IOB de Consultoria

Nome:

End. Coml.:

Cidade:

CEP

Est.:

Tel.:

Ass.:

A ALEMANHA V

VIROU O JOGO.

Vire o jogo para o seu lado, faça parceria com Puma. Um tênis que é fabricado com toda tecnologia alemã por trás. Aquela mesma que deixa todo mundo com a impressão de estar marcando passo. Com Puma, você não ganha só agilidade indo de um lado para o outro da quadra, ganha também muita velocidade. Porque Puma não fica pegando no seu pé. Ponha o melhor jogador alemão a seu serviço: Puma.

Todo ano é a mesma coisa. Os pais ficam nervosos e os filhos ansiosos quando chega a hora de escolher a escola das crianças. No momento da decisão, alguns nomes passam zunindo pela cabeça dos pais. Colégios como o São Vicente de Paulo, o Militar, Santo Inácio e outros mais povoam os sonhos de uma educação ideal. E eles não são muitos, como provam o verdadeiro vestibular a que as crianças são submetidas para conseguir uma vaga em estabelecimentos como o São Bento ou o Pedro II, ou a ansiedade que maltrata os pais e os cerca de 3 mil inscritos para escassas 30 vagas na 5ª série do Colégio de Aplicação da Uerj.

Sérgio Moraes

O Colégio Pedro II faz parte do time dos mais procurados do Rio

Mas, ao examinar de perto esse momento de angústia, as repórteres Márcia Vieira, mãe de um pimpolho de dois anos que ainda vai esperar algum tempo antes de viver esse problema, e Esther Damasio descobriram que, mais do que a tradição, o que vale é o bom senso. "Não existem boas escolas, mas boas escolhas", diz a educadora Zaia Brandão. "É importante que a escola escolhida seja a dos sonhos da criança e não dos pais", concorda a psicóloga Julia Torres na reportagem que começa na página 22. Para ilustrar sua capa, **Domingo** também procurou o apoio de quem sabe. Ormeo Botelho e Eric Altit, da Azimuth Computação Gráfica, fizeram uma leitura computadorizada da foto de Fernando Lemos. Foi um trabalho nota 10.

FÁBIO RODRIGUES

SUMÁRIO

Tude Munhoz

Bochecha foi do Morro do Cantagalo para o surfe

Esportes

Eles cresceram em bairros pobres ou favelas e, graças ao talento, se transformaram em campeões de esportes sofisticados como o golfe, o surfe e o vôo livre. **Pág. 12**

Perfil

Pós-graduado em Educação Física, e ex-esportista militante, Galvão Bueno transmite hoje seu 159º Prêmio de Fórmula 1. **Pág. 16**

Fernando Lemos

Galvão: fã de Senna

Moda

A roupa do homem muda mais lentamente do que a da mulher. Mas, mesmo alterando muito pouco a forma, ganhou cores novas e ousadas para este verão. **Pág. 36**

R. T. Fasanello

Clássico só no corte

Domingo

Editores Alfredo Ribeiro e Joaquim Ferreira dos Santos. **Subeditores** Fábio Rodrigues, Helena Carone e Paulo Vasconcellos. **Redator** Cadu Ladeira. **Repórteres** Anna Muggiati, Cláudio Figueiredo, Esther Damasio, Helena Tavares, Maria Sílvia Camargo, Márcia Vieira, Mauro Ventura, Sidney Garambone, Sérgio Rodrigues, Sonia Pedrosa. **Moda** Regina Martelli e Danièle Scherer. **Arte** Fábio Dupin (editor) e Fernando Pena (subeditor). **Diagramadores** David Lacerda, Eliana Krajcsi, Ila Maria Kohen. **Fotografia** Jurandir Silveira (editor), Otávio Magalhães (editor), Hipólito Pereira (subeditor). **Colaboradores** Bruno Liberati, Carlos Magno, Miguel Paiva, Tutty Vasques. **Secretária** Oneir Pinho. **Secretário gráfico** José Fernando Cordeiro. **Programador** Nelson Luiz Lima. **Gerência comercial** Heloysa Helena C. Magalhães — RJ. Tels.: 585-4324 e 585-4322. Tile Avelaira — SP. Tel.: (011) 284-8133. **Redação** Av. Brasil, 500/6º andar. Tel.: 585-4697. **Composição e fotolito JORNAL DO BRASIL. Impressão Gráfica JB** Rua P, nº 200, Penha. Uma publicação do **JORNAL DO BRASIL**.

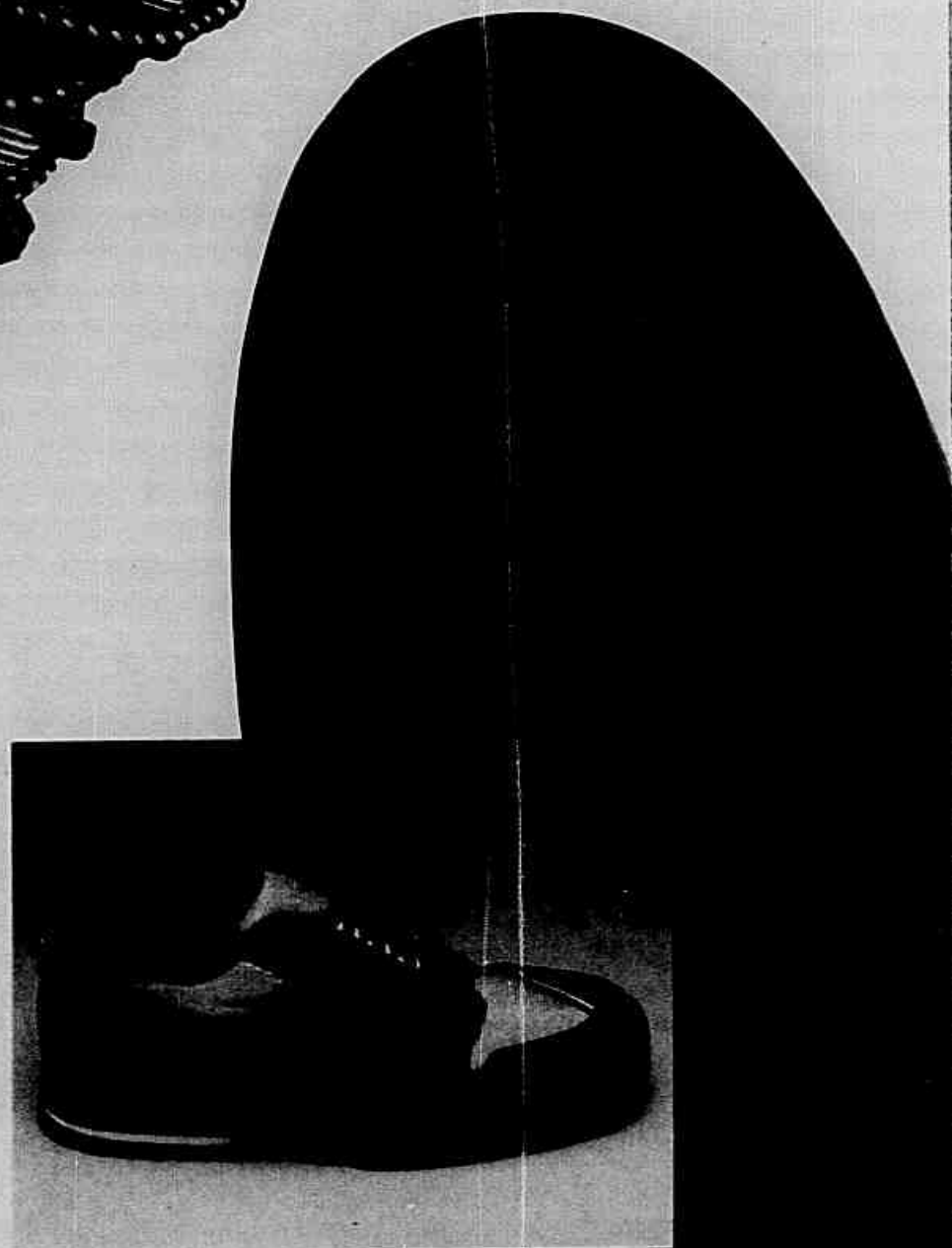
Nº 755, 21 de outubro de 1990
Capa: Foto de Fernando Lemos, arte de Azimuth Computação Gráfica

WALKING SHOES

WALKING SHOES é o primeiro na largada de uma nova linha da CIA PÉS.
É apropriado para caminhadas e qualquer tipo de lazer.
É exclusivo e tem a nossa garantia de um produto de qualidade e conforto.
Comprove...

Foto: Paulo Arthur

SOLADO
omega ®

DESDE 1978

Humildes campeões

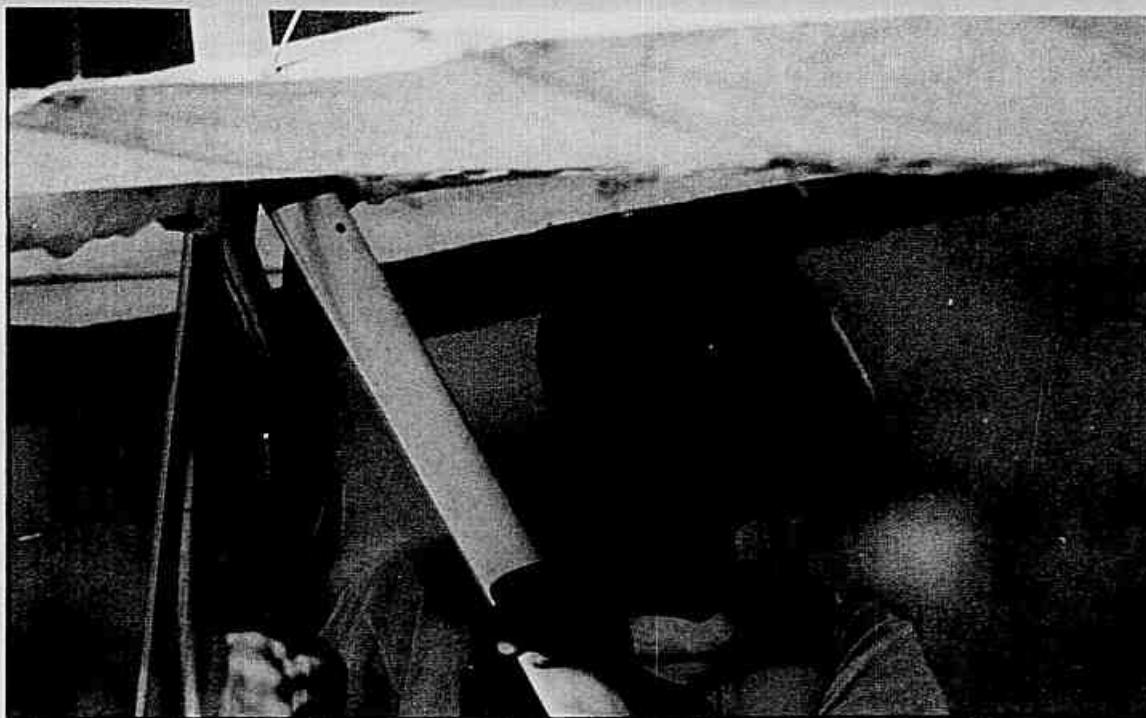
Uma geração de vitoriosos supera no esporte o estigma de favelados

Fotos de Tude Munhoz

Ademilson, o Bochecha, desceu o Morro do Cantagalo para se tornar campeão de surfe nas praias cariocas e agora sonha se consagrar com um título nas ondas do Havaí

Não é pássaro nem avião, muito menos o Super-Homem. Os moradores da pequena favela de Vila das Canoas, uma espécie de braço prolongado da Rocinha, localizada nos fundos do Gávea Golfe Clube, já sabem reconhecer o estilo inconfundível de seu mais ilustre filho: o campeão de vôo livre Paulo Coelho. Capaz de pousar no alto do Morro Dois Irmãos, descer sobre um capacete atirado na areia da praia e fazer piruetas de deixar tontos os observadores, o garoto que dez anos atrás ganhava uns trocados montando e desmontando asas-delta hoje é a estrela de uma geração de campeões saídos das favelas e bairros pobres para o pódio de esportes de elite, como o squash, o golfe, o hipismo e o surfe.

Cada um tem um troféu para contar a história de sua vitória sobre a falta de dinheiro e de tempo para treinar, o preço dos equipamentos, as dificuldades de locomoção e o preconceito de quem nasceu em berço de ouro na hora de dividir as quadras ou as ondas do mar com os atletas do morro — e ainda por cima perderem. Foi isso que Paulo Coelho, 27 anos, impôs a 130 *feras* de todo mundo ao ganhar este ano o Pré-Mundial de Vôo Livre e na viagem de sete meses a países tão distantes quanto o Japão, a Suíça e os EUA, competindo em 10 campeonatos e conseguindo dois primeiros lugares. Com patrocinadores como a *griffe* Villas, o grupo Lorentzen e a fábrica australiana de asas XS, Paulo Coelho ostenta ainda o recorde brasileiro de dez horas e quarenta minutos no ar — além de troféus extras como morar em Copacabana, ter carro e telefone. "Os vizinhos reclamam que fiquei rico e sumi."

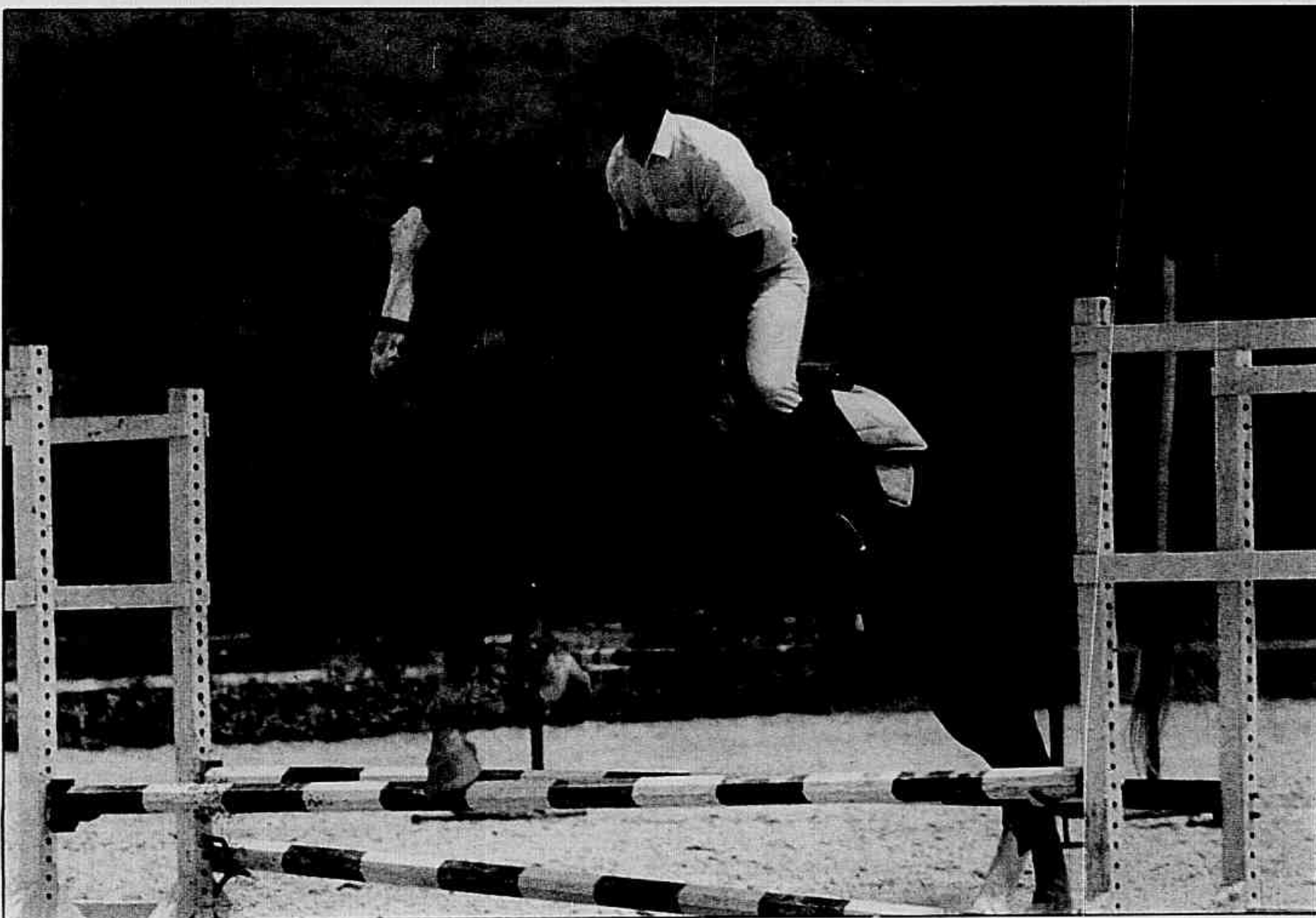
Nada mal para o garoto que ficava louco quando via uma asa-delta passar em frente a sua casa, no alto do morro. "Há dez anos, eu desci e passei a ajudar o pessoal a montar e desmontar asa. Trabalhei para muita gente boa como o Pepê e o Beto Dourado." Hoje, é ele quem paga a um garoto para fazer esse trabalho. Mas não vê, entre a multidão de meninos pobres que circulam entre os voadores, um sucessor. "Para ganhar, é preciso paciência, muita paciência", ensina. Foi com ela e outro tanto de humildade que, para fazer o curso de graça, ajudava os alunos ricos a montar e desmontar suas asas. "No final da aula, o professor me deixava voar com o equipamento dele." Em menos de um ano, e aos 17 anos, já tinha batido o recorde brasileiro de permanência no ar e ganho o campeonato estadual de vôo livre. De lá para cá, foi uma sucessão de vitórias em campeonatos nacionais e boas colocações em campeonatos internacionais

Paulo: da Vila das Canoas ao título do Pré-Mundial de Vôo Livre

num esporte que, para começar, exige um investimento de pelo menos US$ 1.500 na compra de asa, capacete, cinto, pára-quedas e mosquetão.

PROFISSIONAL. Muitos funcionários do Gávea Golfe Clube ainda se lembram de Paulo Coelho tentando ganhar a vida como *kaddie*, antes de se aventurar pelos ares. José Marcelo Silva, seu ex-vizinho da favela da Vila das Canoas, preferiu ficar com os pés no chão e acabou campeão de golfe. Concorrendo com 40 *kaddies* de vários clubes do Rio, Teresópolis e Petrópolis, venceu o 5º Campeonato Interclubes de Kaddies em agosto. Agora, sonha em se tornar profissional, o que significa dar aulas e competir em torneios com prêmios superiores a US$ 10 mil.

"Não é para qualquer um", reconhece. Muito menos para quem é filho de funcionários do clube, cresceu nos gramados de golfe e aprendeu o esporte sozinho. Há 12 anos, José Marcelo caminha mais de sete quilômetros diariamente, carregando tacos de golfe nas costas. Treinos, só nas segundas-feiras, dia reservado aos *kaddies*, com o equipamento emprestado pelos *patrões*. Afinal, um jogo de tacos custa em média US$ 1 mil, um sapato especial não sai por menos de US$ 150, um par de luvas fica em Cr$ 2.500 e cada uma das 30 bolas necessárias para começar no esporte está a Cr$ 100,00 — fora o título e a mensalidade do clube.

O mesmo tipo de dificuldade não barrou a carreira de Marcelo Souza, um rapaz de 25 anos que há cinco era faxineiro do Squash Center da Ilha do Governador, onde mora no bairro pobre de Cacuia. Sem condições financeiras, ele vence num esporte em que só o aluguel da quadra custa em média Cr$ 700,00 por hora. Ex-jogador de futebol da Portuguesa e do Flamengo e ex-boleiro de tênis do Iate Clube Jardim Guanabara, Marcelo limpava a academia, cortava grama e capinava em troca do salário mínimo. "Trabalhava das 7h da manhã às 6h da tarde, mas de vez em quando dava uma olhada nos jogos e, na hora do almoço, pegava uma raquete escondido e batia sozinho." O dono da academia, que já conhecia o talento do rapaz no tênis, acabou deixando que ele treinasse no fim do expediente e o inscreveu no torneio interno, para ganhar experiência. "Para surpresa de todo mundo, fui campeão. Aí o patrão se empolgou e me colocou no torneio da federação." Acabou vice-campeão.

Veio o campeonato carioca e ele venceu de novo. Desde então, deixou a classe principiante para acumular títulos nas principais categorias do squash. Há dois anos, quando foi promovido ao grupo A, Marcelo deixou a academia. "Eu ainda fazia os mesmo serviços de faxineiro e dava aula nas horas vagas. O salário

José Marcelo (acima) nasceu na humilde Vila das Canoas e virou campeão do sofisticado golfe, enquanto Marcelo Souza (D) mora na parte pobre do bairro da Cacuia, na Ilha do Governador, mas acumula títulos no caríssimo squash

mínimo não dava nem para comer." Mesmo dividindo-se para dar aulas em diversos lugares, foi vice-campeão carioca por dois anos consecutivos, em 1988 e 1989. Dias piores viriam. No início desse ano, perdeu todos os patrocinadores com o Plano Collor e ficou sem dinheiro até para comprar os equipamentos. "Se comprasse, iria passar fome." Ficou com a mesma raquete quase um ano, até que no final do campeonato ela quebrou. "Sorte que os amigos fizeram uma vaquinha e me deram duas de presente."

Com o patrocínio da Clínica Ortopédica Bangu as coisas melhoraram. Marcelo Souza reencontrou o caminho da vitória sagrando-se pela primeira vez campeão de um torneio na categoria A, depois de dois anos consecutivos esbarrando em Paulo Dale na final. "Joguei tudo, não sei de onde tirei jogo, mas venci", vibra Marcelo, que dedicou a vitória ao filho recém nascido. Mesmo treinando apenas duas horas e meia por dia, quando o mínimo indicado para uma preparação perfeita é de quatro horas, o ex-faxineiro Marcelo se tornou campeão.

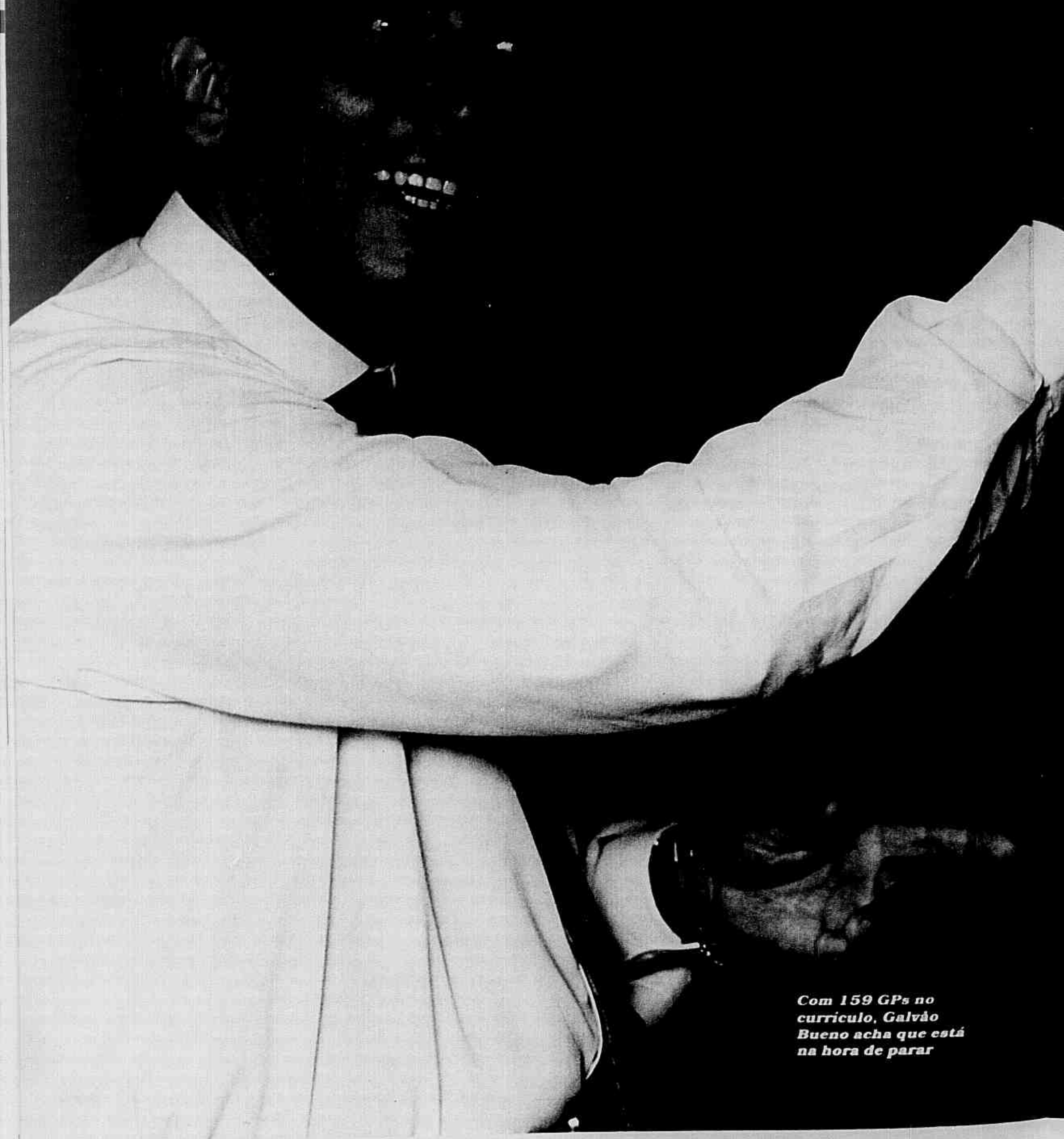
Adriano Guimarães, de 11 anos, também — só que de hipismo. Filho do tratador de cavalos Aparecido Guimarães, ele ganhou com apenas um ano de treinamento nada menos que seis provas da classe pônei. "Meu sonho é ser um cavaleiro e montar na hípica", diz o menino. Não é o único. Assim como ele, Carlos César Irineu da Silva, de 17 anos, treina nas horas vagas entre o trabalho e o estudo para ser um *fera* do esporte. "Quando fui na hípica, fiquei sonhando de noite", conta Carlos César, que é irmão da babá dos filhos do cavaleiro Luís Felipe de Azevedo. "Eles levam muito jeito", atesta o campeão brasileiro de hipismo.

RAIAS E ONDAS. Os dois garotos treinam no *manège* de Luís Felipe de graça — o que garante a cada um deles a economia das 100 BTNs que os outros alunos pagam por aula. "O hipismo é realmente um esporte de elite, mas se eles mostrarem competência e dedicação o preconceito desaparece", garante o cavaleiro. Luís Felipe, que sonha abrir uma escola pública de hipismo, ensina que, quem se intimida, some de vez. "Não é porque a família de um viveu na Cidade de Deus e o outro veio dos cafundós do Nordeste que não podem vencer no esporte. A falta de sobrenome e dinheiro para algumas pessoas dá mais vontade de vencer."

Há bons exemplos disso no surfe. Embora mais popular, o esporte também exige um investimento inicial de pelo menos Cr$ 30 mil — ou o equivalente a mais de três salários mínimos — para a compra de uma prancha. Apesar disso, conquista cada vez mais os morros da cidade. Já foi criada até a Surfavela — Associação de Surfe da Favela —, que reúne os garotões do Cantagalo, Pavão, Pavãozinho, Chapéu Mangueira, Cruzeiro, Rocinha e Vidigal. "A cultura do morro agora é o surfe", garante Celso da Conceição, o *Saquarema*, surfista e piloto de asa-delta quando não está fazendo fretes com uma velha kombi para se sustentar.

No Morro do Cantagalo, com vista privilegiada para o Arpoador, justamente o berço do surfe no Brasil, a estrela é *Bochecha* — e ai de quem imaginar que se trata do último chefe do tráfico de drogas no lugar. Para Ademilson dos Santos, 15 anos, o barato são as ondas. Primeiro do ranking na categoria iniciante, em 1988, primeiro lugar na categoria mirim do campeonato estadual, segundo colocado na júnior, *Bochecha* acaba de ganhar uma passagem para o Peru pela vitória no torneio Barramasters. Um dos seis filhos de um barbeiro desempregado, ele também está entre os poucos surfistas do Cantagalo que já conseguiu patrocínio — a Lightning Boat e a Blue Hawaii dão roupas, pranchas e pagam as inscrições nos campeonatos. Como todo surfista, a viagem dele tem como roteiro o Havaí. "A gente chega lá, porque quanto mais pobre, mais garra."

CRISTIANE COSTA

Móveis que dão
a casas,
mansões,
apartamentos
e apart-hotéis.
Fabricamos sob encomenda
bares, estantes, dormitórios,
armários embutidos, banheiros,
cozinhas e peças avulsas.
Solicite projeto sem compromisso.
NOVA LOJA

Com 159 GPs no currículo, Galvão Bueno acha que está na hora de parar

O locutor da pátria

Galvão Bueno narra o GP do Japão na torcida por Ayrton Senna

Os gestos exagerados e o vozeirão de Galvão Bueno não respeitam o brilho da concorrência. Nem Pelé foi capaz de pôr essa popularidade à sombra. Dia desses, o ex-campeão mundial de futebol teve que repartir com o locutor a atenção dos clientes de um restaurante em João Pessoa, na Paraíba, e a [illegible] seria dividida por igual entre os dois. "Ninguém conseguiu tanto", [illegible] o chefe de redação da Divisão de Esportes da Rede Globo, Telmo Zanini. "Se ele não fosse locutor, seria animador de auditório."

No dia de hoje, porém, quando completa sua 159ª transmissão de Fórmula 1, o principal narrador esportivo da TV Globo espera desviar as atenções para um grande amigo seu, Ayrton Senna, o piloto brasileiro que disputa o Grande Prêmio do Japão em busca do bicampeonato mundial. "Ele é o maior talento que já passou pelas pistas do mundo", diz Galvão. Essa empolgação por Senna significa que cada volta do brasileiro na prova de hoje será sublinhada por uma locução vibrante, às vezes esgoelada, que assume a torcida mas não mascara a informação. Traduzindo, os telespectadores podem esperar Galvão Bueno em seu estado mais puro. "Sou um vendedor de emoções, e o esporte é meu produto."

Esse comércio é antigo. Mas até os anos 70, era mais fácil encontrar Carlos Eduardo Galvão Bueno do lado de dentro das piscinas, pistas de atletismo e quadras de basquete, vôlei e futebol. Foi com o basquete, aliás, que jogou na seleção de Brasília e em times como Palmeiras, Minas Tênis, Paulistano e Motonáutica. Chegou ainda a completar a faculdade de Educação Física e fazer pós-graduação em basquete e handball antes de concluir que para sobreviver de esporte no Brasil era preciso mais do que boas intenções e um talento mediano. Acabou abrindo um escritório de representação comercial de embalagens plásticas. Uma aposta em 1974 o devolveu à rota original. "Meu sócio me inscreveu num concurso que a Rádio Gazeta promoveu para recrutar um comentarista esportivo." Galvão ganhou a vaga e passou três anos palpitando sobre todos os esportes — de partidas de futebol a corridas de Fórmula 1. Até que se transferiu para a TV Bandeirantes, onde a escassez de locutores o transformou em narrador.

"A televisão é um veículo terrível", acredita. "O locutor não pode se imaginar mais importante que a imagem, pois se tornaria ridículo, mas também não deve se minimizar, pois se tornaria dispensável." O segredo, ele diz, está em dosar a emoção e a informação. "Ele conhece tanto de esporte que chega a ser chato", brinca Telmo Zanini, da Globo. "Ele tem uma memória fantástica e antevê as coisas." No GP da Bélgica deste ano, Galvão alertou que o circuito era complicado e que não seria surpresa haver mais de uma largada — houve três. "Ele tem um poder de concentração muito grande e uma forma simples e clara de ver e sentir a corrida", diz o repórter Reginaldo Leme, seu companheiro de transmissão e o mais antigo brasileiro na Fórmula 1 — tanto que foram poucas as derrapadas de Galvão em 16 anos de corridas, a pior delas justamente em sua estréia na Globo. "Dei a classificação final completamente errada."

"Sou um vendedor de emoções, e o esporte é o meu produto. Mas o bom locutor não pode esquecer a informação."

Não é sempre que Galvão consegue dosar a emoção. Na última Copa do Mundo — a quinta de sua carreira —, ele exagerou na torcida e provocou um comentário na coluna Informe JB: "Galvão Bueno, Pelé e Faustão produziram um espetáculo de mau gosto, de incentivo à violência e de bobagens." Um dos alvos da crítica eram os programas que Galvão apresentava com Pelé e o técnico Sebastião Lazzaroni após os jogos do Brasil. Neles, o locutor se esmerava em florear no estúdio as bisonhas atuações da seleção em campo pouco antes. "Eu era o anfitrião e não me cabia sair dando porrada no técnico, mesmo tendo vontade de falar um monte de coisas. Essa seleção nunca me enganou."

O locutor, sim. E só não se desculpa pelo excesso de torcida. "Não tenho vergonha de ser brasileiro." O público parece ter concordado com tamanho patriotismo e abarrotou a Globo de correspondência dirigida ao locutor. Não é esse, porém, o sentimento que ele desperta com o entusiasmo por Ayrton Senna. "Quando o Armando Botelho, empresário do Senna, morreu, disseram que eu ia ocupar o lugar dele." Os boatos incluem até uma sociedade entre os dois. "É tudo delírio." Mas a amizade pessoal com o piloto, que o apelidou de "papagaio", é motivo de orgulho. "Minha maior emoção como locutor foi narrar a conquista do campeonato mundial do Senna em 1988. Eu acompanhei todo o drama dele naquele ano."

Os filhos Carlos Eduardo, de 14 anos, e Paulo Eduardo, de 12, acompanham o pai na idolatria. "Eles são fãs incondicionais do Senna." Apaixonados pela mesma velocidade que faz o pai transmitir empolgação com as atuações de Senna, os dois só abandonaram as corridas de kart por causa do mau desempenho na escola. Ele, ao contrário, nunca quis ser corredor. Aos 40 anos, sonha mesmo é estacionar de vez no boxe a frase "Bem, amigos da Rede Globo", marca inconfundível com que costuma abrir as transmissões da emissora. "Nos últimos cinco meses, só passei 22 dias no Brasil. Tá na hora de parar", anuncia. Há 10 anos ele diz isso. A televisão vai continuar esperando por seu animador de auditório.

MAURO VENTURA

Mestres dos cacos de vidro

Dois artesãos mantêm viva a arte do vitral

Emílio faz em Santa Teresa vitrais para a decoração de casas

À primeira vista, o que aproxima Jonas Sliachticas, 79 anos, grandalhão e falante, e Emilio Mayta, 57, pequeno e introvertido, é o fato de nenhum dos dois ter nascido no Brasil. Jonas veio ao mundo a bordo do navio em que seus pais russos fugiam das agitações que precederam a Revolução de 1917, enquanto o peruano Emilio, ex-professor da Escola Nacional de Belas-Artes de Lima, chegou há 20 anos em busca de novos desafios profissionais. Mas existe entre os dois uma identificação mais profunda: a paixão por uma arte de dez séculos que está ameaçada de extinção. Jonas e Emilio são vitralistas, artesãos que conciliam cacos de vidro, tinta, chumbo e raios solares na criação de painéis de puro encantamento.

"Ninguém mais quer aprender a arte dos vitrais. Parece que a pressa do dia-a-dia é incompatível com as formas artesanais antigas", lamenta-se Emilio Mayta, que calcula em menos de meia dúzia o número de "vitralistas artísticos" em todo o país. Em seu ateliê em Santa Teresa, ele trabalha com dois auxiliares na confecção de três ou quatro peças por mês. "Tenho muitos pedidos, mas a inflação sempre ganha. Não há jeito de acelerar a produção." A confecção de um vitral cumpre oito etapas, desde o projeto original, desenhado em papel, até o processamento do vidro — corte, pintura e diversas idas ao forno — e a montagem do esqueleto de chumbo onde os fragmentos se encaixam.

Embora tenha participado da restauração de um velho casarão em Botafogo e da Matriz de Santa Teresa, Mayta tem uma lista de clientes composta basicamente de representantes da classe média em busca de novas opções de decoração para suas casas — como o advogado Nilo Batista, que lhe encomendou um painel florido em tons de verde e amarelo. "É meu maior trabalho", diz o artesão. Essa nova aplicação de uma arte que já foi exclusiva de ambientes grandiosos, como catedrais e palácios, é que vem permitindo a Jonas Sliachticas manter a duras penas sua modesta dinastia. Em tempos melhores, o velho artesão e seus três filhos vitralistas — Jonas Filho, 46 anos, George, 41, e Alexandre, 37 — já chegaram a empregar cinco auxiliares no galpão que a família tem em Maricá, cidade litorânea a 60 quilômetros do Rio.

DÍVIDA. "Há pouco tempo fizemos a restauração dos vitrais do Teatro Municipal e da clarabóia do Museu da República", conta o pai. "Até hoje o Municipal não nos pagou. O governo está sem dinheiro, fazer o quê?" Por razões semelhantes, a encomenda de seis painéis grandes feita pela Aeronáutica — para decorar sua base de lançamento de foguetes na cidade maranhense de Alcântara — também entrou em compasso de espera. Fechado a maior parte do tempo, a oficina vem sendo mantida em atividade, segundo Alexandre, graças às encomendas de pequenos vitrais para casas. "Um vitral simples sai por uns Cr$ 40 mil o metro quadrado", avalia ele. É pouco para quem, como o velho Jonas, já realizou obras em igrejas pelo país inteiro — sobretudo entre as décadas de 30 e 50, quando era um dos principais empregados da Casa Conrado Saugenich, grande firma de vitrais instalada por alemães em São Paulo.

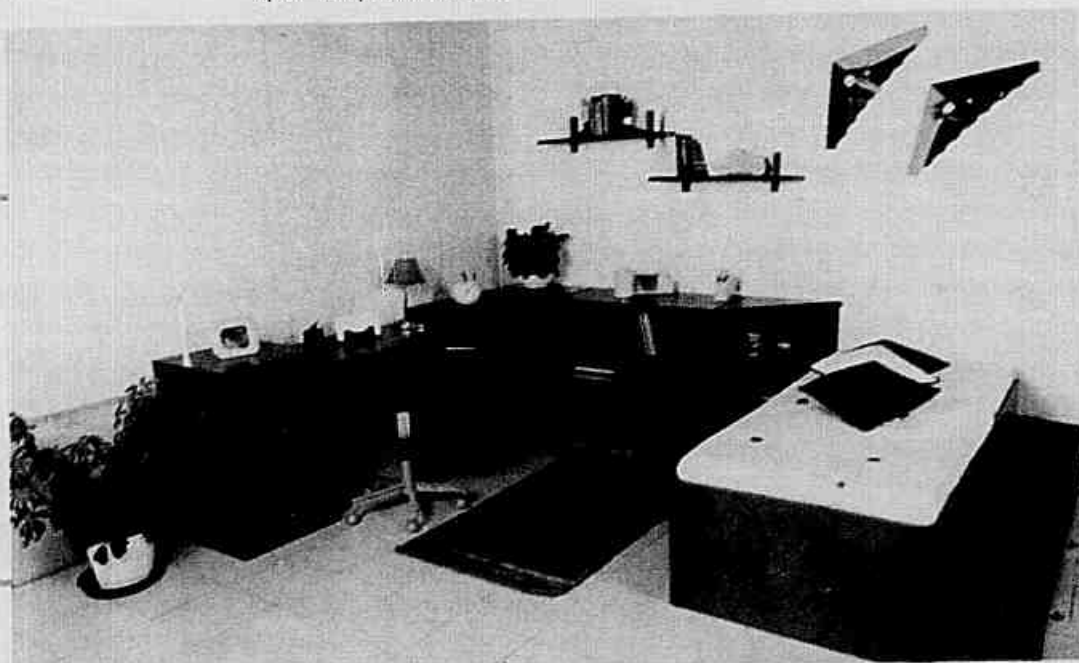
Assim que chegou ao Brasil, Emilio Mayta trabalhou como diretor artístico na mesma empresa, que um neto do fundador tentava reerguer após a crise financeira que se abatera sobre ela no final dos anos 50. A tentativa não foi longe. Já se desenhava um quadro de grande dificuldade para os vitralistas,

encurralados entre o esfriamento do mercado de grandes obras e a obrigação de trabalhar com vidro importado da França, da Alemanha e da Bélgica. "O único vidro colorido do Brasil é rústico, difícil de manusear e só existe em três cores", afirma Mayta. Mas talvez o fim de sua profissão não esteja tão próximo. Jonas Sliachticas acha que "os jovens não querem mais saber disso", mas ele próprio era um truculento peso-médio quando, no final dos anos 20, às vésperas de uma luta em Buenos Aires, entrou por acaso numa oficina de vitrais e se apaixonou por sua delicadeza. Mesmo os afobados anos 90 podem copiar o exemplo e produzir novos cultores dessa arte meticulosa.

Jonas trocou o boxe pela delicadeza da arte

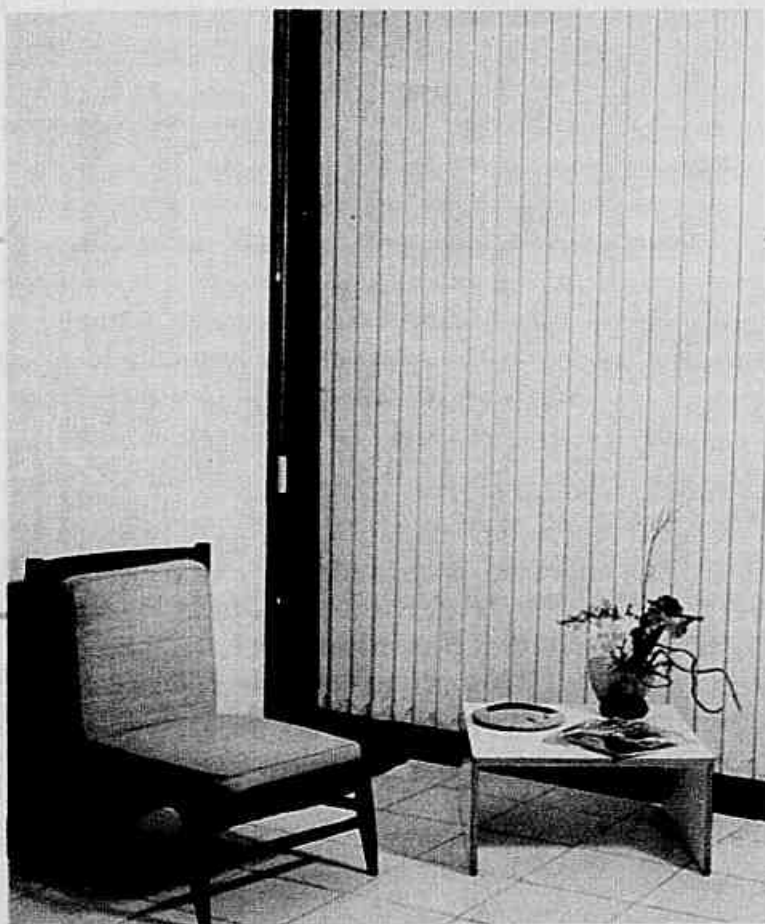
Casa • nova
casa shopping
Av. Alvorada, 2150 - Barra

Design com promoção. Modelus oferece no Casashopping a coleção de móveis **CASSINA**, com significantes descontos e facilidades de pagamento, (por tempo limitado).

MODELUS
325-0644

YOUNG SPACE — a nova linha em mogno lançada pela Babylândia. Totalmente modulada e versátil, soluciona qualquer problema de espaço. Aproveite as condições de lançamento, até o final do mês.

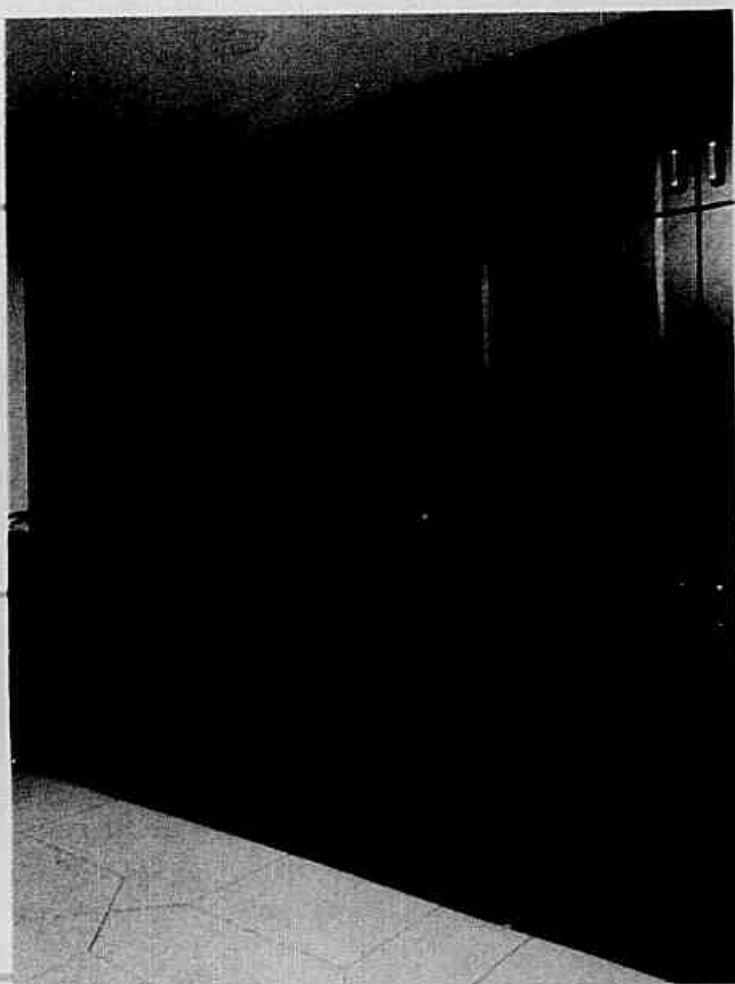
BABYLANDIA
325-6677

A Tok Stok tem tudo o que você precisa para montar sua casa ou presentear todos... Aceitamos cartões de crédito.

TOK&STOK
325-6855

Persianas verticais e horizontais. Modernas, decorativas, funcionais. Em alumínio, com acabamento Ducco Dupont, ou em tecido plastificado.

325-6066

Armário sob medida com portas em freijó, combinando com a fórmica vinho (cores a escolher) **20 mil 700** o metro quadrado, com interior incluído. Promoção válida até 31/10. Favo: o melhor em casa pelo menor preço.

325-3830 / 325-4671

Roma: fabricante pioneiro em venda direta ao consumidor. Armários modulados sob medida, para quartos e cozinhas. Oferta para outubro — **17 mil 500** o metro quadrado, para armários de quartos em melamina - **20 mil 200** o metro linear para cozinhas.

MODULADOS ROMA

325-0955 / 325-4914

Armários modulados by Celina, em freijó e melamina ovo. Os únicos com garantia de 15 anos. São feitos sob medida para suas necessidades e sem contra-indicações para sua parede e para seu orçamento. Promoção válida até 31/10 — **21 mil 800** o metro quadrado, com interior incluído.

CELINA by Celina

325-0855/325-9769

Escolha difícil

A luta por uma vaga nas boas escolas da cidade faz os pais ficarem nervosos e os filhos ansiosos

Roberto Santiago Sabido tem apenas sete anos e já vai enfrentar seu segundo vestibular. No ano passado, ele tentou mas não conseguiu passar para a primeira série do cobiçado Colégio São Bento. Quando recebeu a notícia por telefone, sua mãe, Consuelo Santiago Sabido, teve uma crise de choro. Seu pai, o bancário aposentado Roberto Gouveia, também ficou abatido. Mas os dois não desistiram. Redobraram os esforços e, desde junho, Robertinho tem diariamente duas horas de aula particular, além das quatro que passa estudando no Colégio Pio XI, em Ramos. Tudo isso para, na próxima quarta-feira, voltar ao São Bento e disputar com outros 129 pretendentes uma das 20 vagas na segunda série da escola. Se for aprovado, Roberto ganha dos pais uma viagem à Disneyworld. "Se não passar este ano, não faz mal. Ano que vem ele tenta de novo", diz Consuelo. "Eu quero muito passar para deixar a minha mãe feliz", garante Robertinho.

Roberto é uma das milhares de crianças de 6 a 15 anos que enfrentam a pressão do vestibulinho, uma série de provas que define quem vai ocupar as poucas vagas dos supercolégios da cidade (leia quadros nas páginas seguintes). Todo ano é a mesma coisa. Com o desprestígio da rede pública de ensino, e apesar do preço das escolas particulares, os pais levam seus filhos a disputarem uma vaga no colégio de seus sonhos. A peregrinação começa geralmente em setembro e a tensão só acaba depois da divulgação dos resultados das provas, que se realizam em outubro, novembro e dezembro. É uma época em que os pais ficam nervosos e os filhos sofrem com o ritmo exaustivo das aulas particulares.

É nessa época também que a mineira Miriam Xavier vê a média de alunos que atende subir para cerca de 30 por semana. Das 7h às 19h, de segunda a domingo, Miriam dá aulas particulares aos pequenos candidatos a uma vaga em colégios como o São Bento, o Santo Agostinho, o Santo Inácio e o Aplicação da UFRJ, os mais procurados pelas mães de classe média da Zona Sul. A clientela de Miriam é formada principalmente por alunos do Curso de Alfabetização (CA) à quarta-série do primeiro grau, que pagam de Cr$ 2 mil a Cr$ 3 mil por hora/aula. "A partir de março, os pais começam a trazer as crianças para terem aula comigo, principalmente quando querem colocar os filhos em colégios muito difíceis de entrar, como o São Bento."

Mauro Nascimento

São Bento: religião e educação

Mais do que ensinar o bê-a-bá, Miriam acaba trabalhando também como psicóloga quando os pais ficam muito ansiosos em relação ao sucesso do filho. "O grau de nervosismo da criança depende do comportamento dos pais. Tem criança muito bem preparada que na hora da prova se descontrola. Eu procuro conversar com os pais para que eles não passem ansiedade para os filhos." É uma tarefa difícil. A empresária Tereza Chamas está há três meses rodando a cidade à procura da escola certa para a pequena Tereza Cristina, de 8 anos: "Quero um colégio em que ela fique até o último ano do segundo grau, que lhe possa dar noções gerais para que ela entre na faculdade sabendo coisas úteis." Tereza tentou de tudo. Desde conversas com as amigas para saber a orientação pedagógica dos colégios de seus filhos a visitas a várias escolas. Mas, até agora, só tomou uma decisão. "Quero para minha filha uma boa escola, melhor do que o Colégio Santa Tereza, onde ela cursa a 2ª série."

PESADELO. Tereza Cristina vai enfrentar uma maratona de provas. Ela já está inscrita no Instituto Guanabara, no Colégio Cruzeiro e no Colégio Marista São José, todos na Tijuca. Três vezes por semana, tem aulas particulares de Português e Matemática. Mesmo assim, o pesadelo da mãe continua. Só em dezembro, ela vai saber quantas vagas o São José, seu favorito, vai oferecer para a 3ª série. As perspectivas não são boas. "Teremos poucas vagas", garante o vice-diretor pedagógico, Sérgio Maia. É esta escassez que tira o sono dos pais e deixa os filhos ansiosos. Há colégios disputadíssimos. O São Bento tem 300 inscritos para a primeira série e apenas 50 vagas disponíveis.

Entrar na primeira série é geralmente o grande terror dos pais. Para garantir uma vaga para seus filhos no São Vicente de Paulo, 30 pais fizeram um plantão de 24 horas na porta da escola. "Tivemos 125 vagas para a primeira série, mas nosso critério de seleção de alunos não é a prova. Primeiro, recebemos as crianças das escolinhas com que mantemos convênio e os irmãos de nossos alunos. Depois, anunciamos as 30 vagas, que seriam preenchidas por ordem de chegada", explica a orientadora educacional, Maria de Lourdes Rangel. As inscrições foram marcadas para uma segunda-feira, mas, às 9 horas do domingo, 30 pais já estavam na fila. Apenas às 7h de segunda-feira, eles foram atendidos. "Nós mantemos uma lista de espera para as outras séries, mas são pouquíssimas as chances de se obter uma vaga, que depende da desistência

Fernando Lemos

Consuelo faz tudo para ver seu filho, Roberto, estudando no São Bento

de um de nossos alunos." Quando aparece uma vaga, o colégio usa critérios nem sempre objetivos, como a existência de outros irmãos na escola ou afinidades do pai com a orientação educacional, para escolher o aluno.

DEMOCRACIA. A situação é ainda pior na rede municipal de ensino, que só neste ano deixou de atender a 1.900 crianças. Por isso, as escolas gratuitas e reconhecidas como de alto nível educacional acabam se transformando em um dos sonhos dos pais. O Aplicação da Uerj (CAP), no Rio Comprido, ainda não sabe quando fará as provas de seleção, mas as mães não param de telefonar. "Pelo ritmo, a expectativa é de 3 mil inscritos para 30 vagas na 5ª série", calcula a diretora, Maria Cristina da Silva. O Aplicação tem regras rígidas. Ou a criança entra no CA, aos seis anos, por sorteio público, ou apenas na 5ª série com prova classificatória. "O sorteio é uma forma de democratizar o acesso ao ensino e de testar a nossa metodologia. Queremos formar tanto os filhos da classe média, que têm acesso a uma série de conhecimentos e facilidades, quanto os das classes mais pobres."

O CAP oferece 30 vagas no CA e 5ª série para filhos de professores da Uerj e de funcionários do Hospital Pedro Ernesto, e mais 30 para a comunidade externa. Criado em 1957, o Aplicação tem um índice de aprovação de 100% no vestibular. Ele oferece disciplinas raras de serem

R.T. Fasanello

O tradicional Colégio São José oferecerá poucas vagas este ano

Renato Velasco

O rigor do Santo Agostinho não tira a alegria de seus alunos

Fernando Lemos

Zaia Brandão: 'Toda mãe erra'

Conselhos para os pais

Professora de mestrado de Educação da PUC e da UFRJ, Zaia Brandão aconselha bom senso às mães que estão à procura da escola para o filho. Ela não se baseia apenas em sua experiência profissional para dar sugestões, mas recorre também à sua experiência de mãe. "Até meu filho fazer cinco anos, não tive televisão em casa para evitar que ele fosse domesticado por ela. Depois de seu primeiro dia de aula, ele chegou em casa perguntando 'o que é Batman?' Resolvi comprar uma televisão na hora", diz ela, que não se inibe de admitir: "Toda mãe erra. Alguns conselhos de Zaia para os pais:

1 *Desidealize a escola. Não existem boas escolas. Os colégios tradicionais, de nome, são bons porque têm alunos que independem deles para ser bons. Quando o aluno fracassa em Matemática, por exemplo, a escola não se mexe. São os pais que procuram professor particular porque, na maioria das vezes, responsabilizam a criança pelo fracasso. Na verdade, o erro pode ser dos pais, que colocaram o filho na escola errada, ou da escola, que não consegue fazer a criança aprender.*

2 *A escola tem que ser próxima de casa. Não tem sentido morar na Zona Norte e matricular o filho na Zona Sul. Ele fará amigos longe de casa, as festinhas de fim de semana vão ser um transtorno para os pais.*

3 *É importante que o nível social, econômico e cultural das crianças seja semelhante. É ruim para um menino estar num meio que é muito diferente do dele. Há sempre comparações de mochilas, brinquedos etc.*

4 *A escola tem que ter permanente interação com os pais. Desconfie daquelas em que os pais não podem conversar com o diretor ou com os professores.*

5 *Observe o comportamento das outras crianças nas escolas que for visitar. É preciso que haja um ambiente favorável à interação dos alunos. Uma escola muito repressiva é péssima.*

Renato Velasco

Diego, Tiago e Ian têm aulas particulares com Miriam Xavier

Zeca Fonseca

Marina quer ver a filha feliz

6 *Vá à cantina, ao pátio, à biblioteca. Há escolas que se orgulham de ter bibliotecas e, na verdade, não possuem mais de 10 livros. Sinta o clima da escola.*

7 *Ouça a opinião do seu filho. Mantendo o critério de um bom ensino, deixe que ele diga as escolas que prefere. É muito importante a criança se sentir bem.*

8 *Avalie sempre o seu filho. Se ele estuda feito um louco, não vai mais à praia e não sabe quem é Eric Clapton, mude-o de escola. Uma criança precisa ter uma vida equilibrada. Estudar, mas também fazer bagunça, brincar, passear.*

9 *Se a mãe começar a perceber que está estudando muito, que as pesquisas do filho lhe tomam muito tempo, e que na verdade é ela quem está se formando novamente no primário ou no ginásio, algo está errado. Uma boa escola prepara o aluno para estudar. A mãe não tem que ficar fazendo o dever de casa junto com o filho.*

10 *Desconfie das escolas que só têm méritos. Uma boa escola tem sempre algum aspecto em que ela precisa se desenvolver mais.*

encontradas nos demais colégios do Rio, como Artes Cênicas, Gráficas e Plásticas, oficinas de alemão e Iniciação Científica em convênio com a Fundação Oswaldo Cruz. A partir da 5ª série, os alunos têm horário integral. "Nós desenvolvemos o espírito crítico do aluno. Nosso objetivo é formar indivíduos para viver na sociedade", define Maria Cristina.

A união da disciplina liberal com um ensino rigoroso, e ainda por cima gratuito, faz chover pedidos de uma vaga no Aplicação de apadrinhados por *pistolões*: "Nós recusamos todos." É a mesma atitude da direção do Pedro II, uma autarquia federal ligada diretamente ao Ministério da Educação, que atende gratuitamente a 15 mil alunos em cinco unidades no Centro, Engenho Novo, Tijuca, Humaitá e São Cristóvão. O secretário de ensino do colégio, Wilson Choeri, se orgulha do acesso democrático ao Pedro II. Metade do número de vagas oferecidas todos os anos no CA — que também utiliza o sistema de sorteio — e na 5ª série é destinada a filhos de pessoas que tenham renda de até 3 salários mínimos: "É uma maneira de democratizar o ensino. No Pedro II temos alunos de todos os níveis sociais."

NÃO HÁ VAGAS. Choeri não tem boas perspectivas para este ano: "Dificilmente abriremos novas turmas. Não temos professores suficientes que suportem a entrada de nem mais um aluno." O último concurso para professores do Pedro II foi em 1985. Notícias como esta levam mães ao desespero. A pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, Marina Ferreira de Noronha, começou em junho a procurar um novo colégio para a filha Maíra, que termina este ano a quarta série no Espaço e Edu-

COLÉGIO MARISTA S. JOSÉ
(R. Conde de Bonfim, 1067/ Tijuca. Telefone: 208-8032)
☐ **Inscrição:** *até 31/10*
☐ **Séries:** *Pré-escolar ao 3º ano do 2º grau*
☐ **Prova:** *5 e 8/11 (5ª, 6ª e 7ª); 9 e 12/11 (6ª, 7ª, 8ª séries e 2º grau)/Da 1ª a 4ª série há uma lista de espera*
☐ **Nº alunos:** *5.200*
☐ **Mensalidade (outubro):** *Cr$ 3.885 (até a 4ª série)*
☐ **Linha pedagógica:** *tradicional; o colégio é dirigido pelos irmãos maristas*

INSTITUTO METODISTA BENNETT
(Rua Marquês de Abrantes, 55/ Flamengo. Telefone: 245-8000)
☐ **Inscrição:** *até o dia 31 de outubro*
☐ **Séries:** *do pré-escolar ao 3º ano do segundo grau*
☐ **Provas:** *24 de novembro, para o primeiro e o segundo graus)*
☐ **Nº de alunos:** *1.692*
☐ **Mensalidade (outubro):** *Cr$ 9.616 (1ª a 4ª séries)*
☐ **Linha pedagógica:** *escola tradicional*

ESCOLA PARQUE
(Rua Marquês de S.Vicente, 483/Gávea. Telefone: 274-2998)
☐ **Inscrição:** *amanhã (5ª série); 29 de outubro (maternal a 4ª série)*
☐ **Séries:** *do maternal à 5ª série*
☐ **Provas:** *serão marcadas no ato da inscrição dos alunos*
☐ **Nº de alunos:** *500*
☐ **Mensalidade (outubro):** *Cr$ 9.800*
☐ **Linha pedagógica:** *escola alternativa*

COLÉGIO SANTO INÁCIO
(Rua São Clemente, 226/Botafogo. Telefone: 286-8022)
☐ **Inscrição:** *até 27 de outubro, só para o Jardim II*
☐ **Séries:** *do Jardim II até o 3º ano do segundo grau*
☐ **Provas:** *não tem; os diretores analisam a condição acadêmica dos candidatos*
☐ **Nº de alunos:** *3.500*
☐ **Mensalidade (outubro):** *Cr$ 6.194 (CA à 4ª série do primeiro grau)*
☐ **Linha pedagógica:** *rigor no ensino e na disciplina*

ESCOLA SENADOR CORRÊA
(Rua Esteves Junior, 42/Pça. São Salvador/ Laranjeiras. Telefone: 285-2948)
☐ **Inscrição:** *início do mês que vem*
☐ **Séries:** *do maternal à 8ª série*
☐ **Provas:** *ainda sem datas marcadas*
☐ **Nº de alunos:** *500*
☐ **Mensalidade (outubro):** *Cr$ 8.280 (1ª a 4ª série)*
☐ **Linha pedagógica:** *escola alternativa*

COLÉGIO ANDREWS
(Praia de Botafogo, 308. Tel.: 551-7742)
☐ **Inscrição:** *ainda sem data definida*
☐ **Séries:** *maternal ao 3º ano do 2º grau*
☐ **Provas:** *ainda sem datas marcadas*
☐ **Nº de alunos:** *3 mil*
☐ **Mensalidades (outubro):** *Cr$ 6 mil (do pré-escolar à 4ª série)*
☐ **Linha pedagógica:** *escola tradicional*

Renato Velasco

Mei Lin escolheu a escola onde vai fazer a primeira série

cação. Marina fez uma lista de prioridades que incluía o São Vicente de Paulo, o Teresiano e o São Marcelo. Nos três recebeu a mesma resposta: "Não há vagas." No desespero, Marina inscreveu Maira no Eden, em Laranjeiras, no Constructor Sui, na Gávea, no Santo Agostinho, no Leblon, e no Aplicação da UFRJ, na Lagoa. Maira, que tem aula particular uma vez por semana, tenta manter-se alheia à aflição da mãe: "Eu não estou nervosa, mas acho que a minha mãe está, porque todo dia ela vai numa escola diferente."

É uma preocupação justa: "Quero uma escola que deixe a minha filha ser criança, que a respeite acima de tudo. Tem que ter um bom ensino, mas que não seja tão exigente a ponto de ela não fazer outra coisa na vida. Quero que ela brinque, se divirta. Não me preocupo agora com preparação para o vestibular. Este é um problema que ela só vai ter que pensar quando chegar a hora." Marina é o que a educadora Zaia Brandão, professora de mestrado da PUC e da UFRJ, chamaria de uma mãe com bom senso (leia quadro na página 24). "Não existe a boa escola, mas a boa escolha", garante Zaia. Marina sabe disso: "Eu só vou matricular a Maira quando estiver completamente segura sobre a escolha. Vai depender muito da sensação que sinto quando entro na escola, da conversa com a educadora, do comportamento das crianças que já estudam lá."

Sérgio Moraes

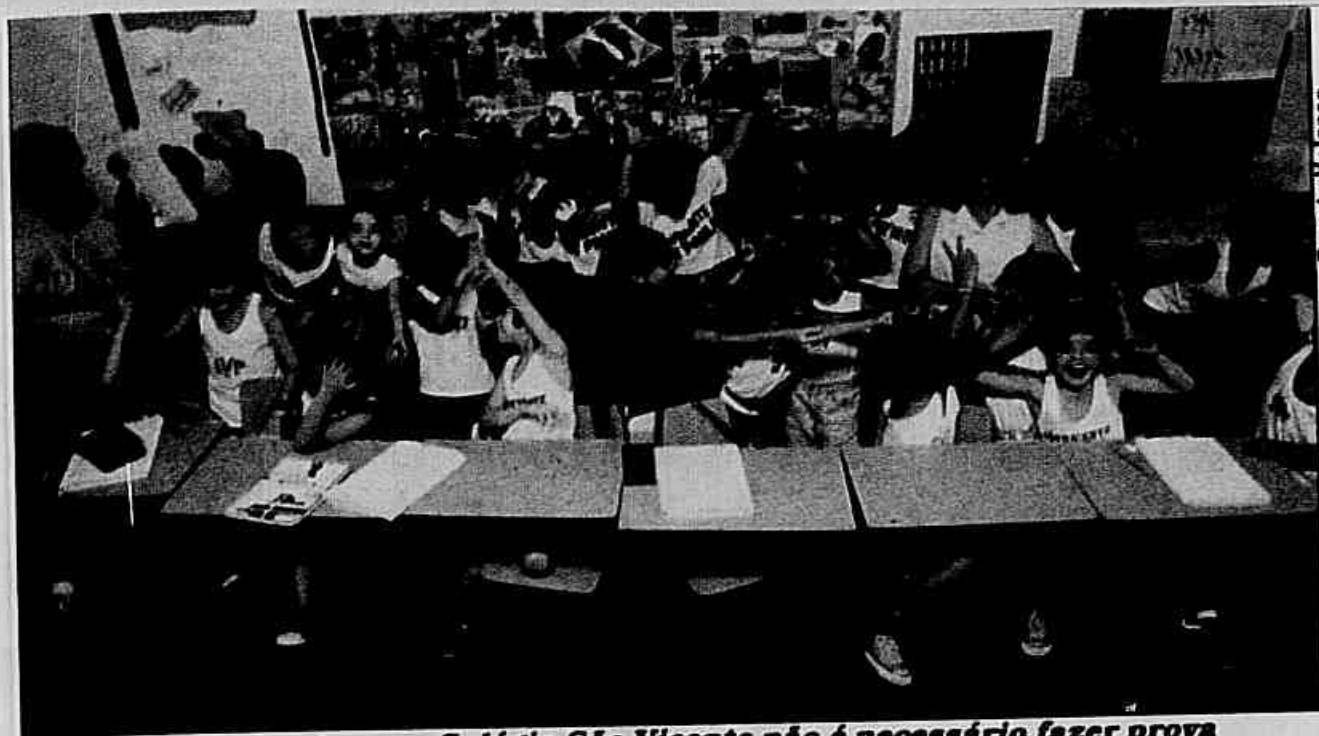
Choeri: democracia no Pedro II

FRUSTRAÇÃO. Consuelo Santiago Sabido já passou por tudo isto. Desde que Robertinho, seu filho único, entrou para o CA, Consuelo começou a ler tudo sobre educação. Não demorou muito e elegeu o Colégio São Bento como o melhor para o seu filho: "É o que melhor prepara uma criança para a competição no futuro. O ensino lá é ótimo, o ambiente é maravilhoso e o horário é integral. Para uma mãe que trabalha fora é fundamental deixar o filho o dia inteiro numa boa escola." Certa de que Robertinho passaria na prova no ano passado, Consuelo teve uma crise nervosa ao saber do resultado adverso: "Eu me senti tão frustrada.

Uma opção cara, mas muito eficiente

As escolas estrangeiras do Rio conquistam a cada ano um número maior de pais e crianças. A opção por um ensino de qualidade, que inclui o aprendizado de até três idiomas, e a perspectiva de uma boa colocação no mercado profissional são as principais razões para esta procura. Na Escola Suiço-Brasileira, onde estudam os dois filhos do presidente Collor, já não existem mais vagas para 1992. "A não ser que hajam desistências", informa o administrador geral da escola, Carlos Alberto Alves da Silva. Mas há outro motivo para a opção pelas escolas estrangeiras: as provas seletivas para admissão nos mais tradicionais colégios da cidade assustam pais que temem ver seus filhos frustrados em caso de fracasso. "Pensei em colocar meus dois filhos no Santo Agostinho, mas desisti por causa das provas", diz Kátia Bouzon Leta, mãe de Karina e Enrico, alunos da Escola Americana do Rio de Janeiro.

Só que, estudar em escolas comos essas exige muito dinheiro no bolso. Na Americana, a taxa de matrícula custa US$ 3 mil ao câmbio oficial, e o valor das mensalidades está em torno de Cr$ 40 mil. Na Escola Suiço-Brasileira, os preços caem um pouco. Este mês, a mensalidade do 1° ao 3° ano do 2° grau foi de Cr$ 23 mil, enquanto na Escola Italiana, um aluno do Liceu, que equivale ao nosso 2° grau acrescido de mais um ano, pagou Cr$ 28.500. Mesmo assim, segundo garantem mães e alunos, compensa. Afinal, escolas assim "dão segurança, não têm greve e ensinam inglês desde cedo", como diz Kátia Leta. A Escola Americana, por exemplo, exige que a partir dos 4 anos e meio de idade as crianças já saibam falar inglês. Com 1.075 alunos — 641 deles, brasileiros —, o colégio tem quatro níveis de ensino — Early Childhood Education, *para crianças de 3 a 5 anos;* Lower School, *que equivale ao período da 1ª à 5ª série;* Middle School, *da 6ª à 8ª, e* High School, *do 1° ao 4° ano do 2° grau — e funciona como uma típica escola dos Estados Unidos. Nela, o ano letivo começa em agosto e termina em junho.*

"Tive uma educação liberal, aprendi literatura mundial, participei do jornalzinho da escola, fiz teatro, além de uma série de outras atividades", diz Júlio Feferman, 18 anos, nove dos quais passados dentro da Escola Americana, que deixou ano passado. Júlio é o exemplo típico do aluno que acha que "escola brasileira, nem pensar". Ex- aluno do Souza Leão, Júlio entrou para a Escola Americana por insistência do pai e dos irmãos que já estudavam lá. Hoje, só pensa em ir para uma universidade americana fazer Engenharia Eletrônica. Mesmo sendo disputadíssimas pelos pais, ávidos por dar aos seus filhos uma excelente formação, as escolas estrangeiras também têm problemas. Um deles é o alto índice de evasão, que aumenta nos últimos anos do 1° grau. Segundo Carlos da Silva, da Escola Suiço-Brasileira, isto se deve ao fato de que, a partir da 6ª série, a criança tem aulas de inglês, alemão e francês em regime de semi-internato. "É muito difícil para uma criança se submeter a esse tipo de regime."

Renato Velasco

Para entrar no Colégio São Vicente não é necessário fazer prova

Cai em prantos porque a minha expectativa era muito grande. Depositei no sucesso daquele exame o futuro dele. Eu ensino o Robertinho a batalhar sempre para ser o melhor."

Apesar do descontrole que a notícia provocou, Consuelo garante que passou tranqüilidade para o filho: "Eu disse apenas que ele não tinha feito boa prova." Para tentar achar uma explicação, Consuelo procurou o colégio para ver a prova do filho: "O Robertinho tirou 88 na primeira prova. Mas, na hora da leitura, ele tirou 20. A coordenadora me disse que faltou maturidade." Samaritana Vieira, coordenadora da 1ª à 4ª série, admite que este é um conceito importante para a escola, que recebe crianças de apenas 7 anos para passar o dia inteiro longe dos pais: "Na primeira prova nós testamos os conhecimentos de Português e Matemática. Para passar, basta o aluno ter feito um bom CA. Na segunda, eu sinto a criança e faço uns testes para saber se ela tem condições de ficar aqui o dia inteiro." Samaritana adora as crianças. "Quem me dá trabalho no dia da prova são os pais. As crianças são ótimas."

Robertinho não se interessa por essas explicações. "Eu me danei porque quis bancar o esperto. Na hora da leitura escolhi a página que tinha menos linhas." O problema é que na tal página tinha a palavra moita de que Robertinho nunca tinha ouvido

R.T. Fasanello

Para estudar na Escola Americana, a criança precisa falar inglês desde os quatro anos

COLÉGIO S. BENTO
(Rua Dom Gerardo, 68/ Pça Mauá/Centro. Telefone: 291-7122
☐ ***Inscrição:*** *já está encerrada*
☐ ***Séries:*** *da 1ª série do primeiro grau até a 3ª série do segundo grau*
☐ ***Provas:*** *começaram este mês e terminam em novembro*
☐ ***Nº de alunos:*** *1.250*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *Cr$ 13.212 (1ª série do primeiro grau)*
☐ ***Linha pedagógica:*** *dirigido por padres beneditinos, o colégio é rigoroso no ensino e na disciplina; só aceita meninos e o horário é integral*

COLÉGIO SANTO AGOSTINHO
(Rua Cupertino Durão, 75/Leblon. Telefone: 239-0532)
☐ ***Inscrição:*** *até dia 31 deste mês*
☐ ***Séries:*** *da 1ª série do primeiro grau ao 3º ano do segundo grau*
☐ ***Provas:*** *21 de novembro (1ª série do primeiro grau) e 22 de novembro (2ª série primeiro grau)*
☐ ***Nº de alunos:*** *1.881*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *Cr$ 6.586 (da 1ª até a 4ª série)*
☐ ***Linha pedagógica:*** *o colégio é dirigido por padres agostinianos e ministra um ensino tradicional*

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ
(Rua J.J. Seabra, s/nº/Lagoa. Telefone: 294-6597)
☐ ***Inscrição:*** *ainda está sem data marcada, mas existem vagas para a 1ª e 5ª séries do primeiro grau e para a 1ª do segundo grau*
☐ ***Séries:*** *da 1ª série do primeiro grau ao 3º ano do segundo grau*
☐ ***Provas:*** *datas serão divulgadas em edital que será publicado amanhã nos jornais*
☐ ***Nº de alunos:*** *700*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *grátis (a escola é mantida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro)*
☐ ***Linha pedagógica:*** *procura desenvolver o espírito crítico dos estudantes*

COLÉGIO MILITAR
(Rua São Francisco Xavier, 267/Maracanã. Telefone: 228-7189)
☐ ***Inscrição:*** *até o dia 31 deste mês*
☐ ***Séries:*** *da 5ª série ao 3º ano do segundo grau*
☐ ***Provas:*** *dezembro*
☐ ***Nº de alunos:*** *1.600*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *Cr$ 1.500*
☐ ***Linha pedagógica:*** *rigor no ensino e na disciplina*

ESCOLA SÁ PEREIRA
(Rua Capistrano de Abreu, 29/Botafogo. Telefone:246-2434
☐ ***Inscrição:*** *a partir de 1º de novembro*
☐ ***Séries:*** *do maternal à 4ª série*
☐ ***Provas:*** *não tem; os candidatos a uma vaga precisam apenas levar seus boletins para serem analisados*
☐ ***Nº de alunos:*** *180*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *Cr$ 10.500*
☐ ***Linha pedagógica:*** *escola alternativa, com opção de horário integral*

falar: "Quando saí da prova, perguntei a minha mãe o que era *moita*. Ela me disse que o certo era moita e vi logo que tinha me danado." Aluno exemplar do Instituto Pio XI, por sinal, outro supercolégio, ele adora jogar Micro System e comer. Só fica triste quando tira nota ruim na escola ou comete muitos erros no dever de casa. "Eu fico nervosão porque a minha mãe só briga comigo por causa destas coisas de escola." Apesar de saber que os pais estão tensos com mais esta tentativa de entrar no São Bento, Robertinho garante que desta vez passa: "Eu estou muito bem preparado."

SEM PROBLEMAS. É a mesma certeza de Ian Abraão, 6 anos, Thiago Rodrigues Correia, 7, e Diego Vieira de Oliveira, 8, que freqüentam a sala da professora particular Miriam Xavier. "Se eu passar para o São Bento vou para a Disney, mas, se não conseguir, não vai ter problema", diz Diego. "Acho que os meus pais estão preocupados, mas acho que eu vou passar", confia Thiago. "Eu não tenho medo da prova", afirma Ian. São exemplos de crianças que conseguem passar incólumes pela experiência do vestibulinho. A psicóloga Julia Torres, que depois de cinco anos trabalhando em colégios está-se dedicando principalmente a pacientes particulares, não vê problemas com o vestibulinho: "A reação da criança na hora da prova depende

Tude Munhoz

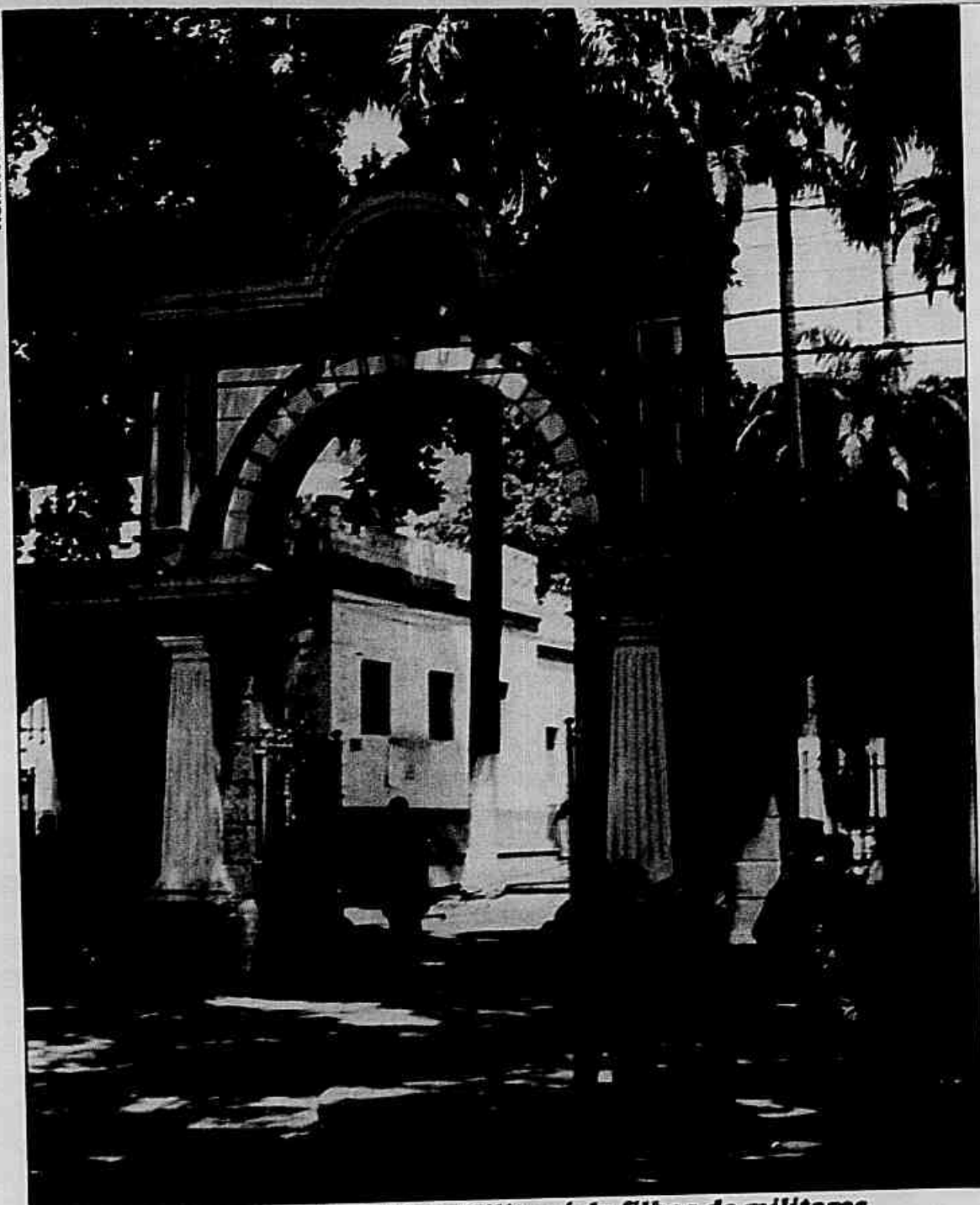
A psicóloga Júlia Torres não vê problemas nos vestibulinhos

R.T. Fasanello

A empresária Tereza Chamas ainda procura escola para a filha

Renato Velasco

O Colégio de Aplicação da Uerj oferece aulas de Artes Plásticas para seus alunos da 5ª série

Renato Velasco

A maioria das vagas do Colégio Militar é de filhos de militares

dos pais. Se ela souber que a desclassificação não é uma tragédia, que os pais vão arrumar outra solução, ela lida bem com esse processo. Mas, se até o último momento os pais ficam dando instruções, a criança pode reagir muito mal. Há algumas que até se recusam a fazer a prova."

O nervosismo dos pais geralmente está ligado ao grau de dificuldade para conseguir uma vaga. No Colégio Militar, notório pela disciplina e rigor, o clima de tensão é grande. Para o próximo ano, ele oferece para filhos de civis apenas 42 vagas para meninos e 5 para meninas na 5ª série. Filhos de militares têm 78 e 25 vagas, respectivamente. O colégio não sofreu nenhuma queda na procura depois do suicídio de Celestino José Rodrigues Neto, o Netinho, de 14 anos. Netinho deu um tiro na cabeça depois de ter sido punido na frente da mãe e dos colegas por ter colado numa prova. "Foi um choque muito grande para todos da escola e o primeiro incidente em 100 anos", afirma o coronel Robertson Balbuino de Oliveira, subcomandante do Colégio Militar.

Na hora de escolher a escola, casos como este passam pela cabeça dos pais. "A gente fica meio perdida, depois vai ouvindo o que as outras mães sabem sobre os colégios até conseguir se definir", explica Marcia Regina Pesse Tai, mãe de Mei Lin, que termina este ano o CA na Escola Patotinha, no Jardim Botânico. Marcia selecionou três escolas — Andrews, Santo Inácio e Aplicação da UFRJ —, mas na hora de escolher levou em consideração a opinião da pequena Mei Lin. Como a maioria das amigas da Patotinha, ela quer ir para o Andrews. Marcia e Mei Lin conseguiram escapar do clima neurótico que atinge pais e filhos. Mei Lin não vai ter aula particular e Marcia não vai dar nenhum prêmio ou castigo por causa do resultado da prova de seleção. É um caso raro de bom senso.

ESTHER DAMASIO E MÁRCIA VIEIRA

INSTITUTO PIO XI
(R. Roberto Silva,71/ Ramos. Tel.: 230-9181)
☐ ***Inscrição:*** *até o dia 30 de novembro*
☐ ***Séries:*** *pré-escolar ao 3º ano do 2º grau*
☐ ***Provas:*** *dias 6 de dezembro (pré-escolar); 7 de dezembro (CA); e 14 de dezembro (para as outras séries)*
☐ ***Nº de alunos:*** *2 mil*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *Cr$ 2.800 (1ª série)*
☐ ***Linha pedagógica:*** *rigor no ensino e na disciplina*

COLÉGIO PEDRO II
(Campo de São Cristóvão, 177/S. Cristóvão. Telefone: 580-7872)
☐ ***Inscrição:*** *data ainda não definida*
☐ ***Séries:*** *do CA até a 3ª série do segundo grau*
☐ ***Provas:*** *as datas das provas ainda não foram marcadas*
☐ ***Nº de alunos:*** *15 mil (em cinco unidades: Centro, Engenho Novo, Tijuca, Humaitá e São Cristóvão)*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *grátis (a escola é federal)*
☐ ***Linha pedagógica:*** *preocupação com o desenvolvimento do espírito de cidadania dos alunos*

APLICAÇÃO DA UERJ
(Rua Barão de Itapagipe, 311/Rio Comprido. Telefone: 284-8322)
☐ ***Inscrição:*** *provavelmente, na segunda quinzena do mês que vem*
☐ ***Séries:*** *a partir do CA até a 3ª série do segundo grau*
☐ ***Provas:*** *as datas ainda não foram marcadas*
☐ ***Nº de alunos:*** *1.261*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *grátis (a escola é ligada à universidade estadual)*
☐ ***Linha pedagógica:*** *desenvolvimento do espírito crítico dos alunos*

COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO
(Rua Cosme Velho, 241/Cosme Velho. Telefone: 205-0796)
☐ ***Inscrição:*** *restam apenas 20 vagas para a 1ª série do segundo grau. Para as outras séries é preciso se inscrever numa lista de espera*
☐ ***Séries:*** *da 1ª série do primeiro grau ao 3º ano do segundo grau*
☐ ***Provas:*** *novembro*
☐ ***Nº de alunos:*** *1.903*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *Cr$ 7.120 (da 1ª a 4ª série)*
☐ ***Linha pedagógica:*** *preocupação com o desenvolvimento do espírito crítico dos estudantes*

CEAT
(Rua Almirante Alexandrino, 4.098/Santa Tereza. Tel.: 205-7046)
☐ ***Inscrição:*** *até o dia 10 de novembro*
☐ ***Séries:*** *do maternal ao 3º ano do segundo grau*
☐ ***Provas:*** *Ainda sem data marcada*
☐ ***Nº de alunos:*** *1.200*
☐ ***Mensalidade (outubro):*** *Cr$ 9.131*
☐ ***Linha pedagógica:*** *procura formar nos alunos o espírito de cidadania*

Renato Velasco

Valdognani, Ubiratan e a modelo exibem a roupa de ferro

A roupa da pesada

A griffe Equipage cria a moda feita de metal

Neste verão, nada de sunquine. A moda será vestir camisetas de metal, coisa para cavaleiro da Idade Média nenhum botar defeito. A idéia surgiu há dois anos, quando o ex-administrador de empresas Ubiratan Mubarak, de 34 anos, e o estilista Valdognani, de 21, começaram a pensar como as pessoas se vestiriam nos anos 90. Hoje, os dois produzem 2.500 peças de metal por mês entre bijuterias, camisetas, vestidos e pelerines — espécie de xales de metal para os ombros. As peças, exclusivas, já são vendidas em lojas como Yes Brazil, Chopper e Boys and Girls, entre outras 47 butiques do Rio e São Paulo. "Fazemos o enlatado sofisticado", acredita Ubiratan. Feitas com metal trançado, as roupas metálicas, que lembram as usadas por Mel Gibson e Tina Turner no filme *Mad Max*, pesam entre 400 e 600 gramas e devem ser usadas por cima de roupas básicas, como camisetas e vestidos lisos.

"Procuramos fazer uma roupa ousada, que valorize a silhueta da mulher brasileira e se adapte às nossas condições climáticas", explica Ubiratan, que jura não ter se baseado em nenhuma referência de moda estrangeira para bolar sua etiqueta em metal. Nem mesmo em Vivianne Westwood, estilista inglesa que também gosta de transformar seus modelos em guerreiros urbanos. Administrador de empresas com pós-graduação na Inglaterra, Ubiratan era gerente financeiro da indústria farmacêutica Roche há dois anos, com salário em torno de Cr$ 400 mil. "Mas eu não agüentava mais trabalhar em multinacional, queria fazer algo pela moda brasileira, que está muito carente", conta. Sem experiência no ramo, ele não vacilou em pegar sua poupança de US$ 7 mil e investir em bijuterias. Foi quando conheceu o paulista Valdognani, estudante no Rio à procura de emprego, que nunca tinha trabalhado antes. Ele é o estilista que cria todas as roupas com as próprias mãos — um trabalho que às vezes demora até seis horas.

Hoje, a *griffe*, que a dupla batizou de Equipage, tem uma fábrica com 15 funcionários em Campo Grande, um escritório e um ateliê. As peças, que custam de Cr$ 5 mil a Cr$ 15 mil, são consideradas pelos dois como "obras de arte" e assim foram enviadas ao concurso do Museu de Belas-Artes de Brasília para concorrer ao lado de esculturas e pinturas. "Nossas criações primam pela plasticidade e praticidade", explica Valdognani. "São para serem usadas por pessoas de todas as idades, mas que tenham cabeça e estilo para isto. A Fernanda Abreu, por exemplo, se veste conosco", conta Ubiratan. Agora os dois pesquisam peles sintéticas e outras matérias básicas "que não sejam derivadas do petróleo ou nada natural" para criar novas roupas para a próxima década.

A Agência JB de Notícias, em parceria com a Gráfica JB e com o Jornal do Brasil, lançou um novo produto: a Revista Repórter AJB. Uma publicação que trata de temas atuais com riqueza de detalhes.

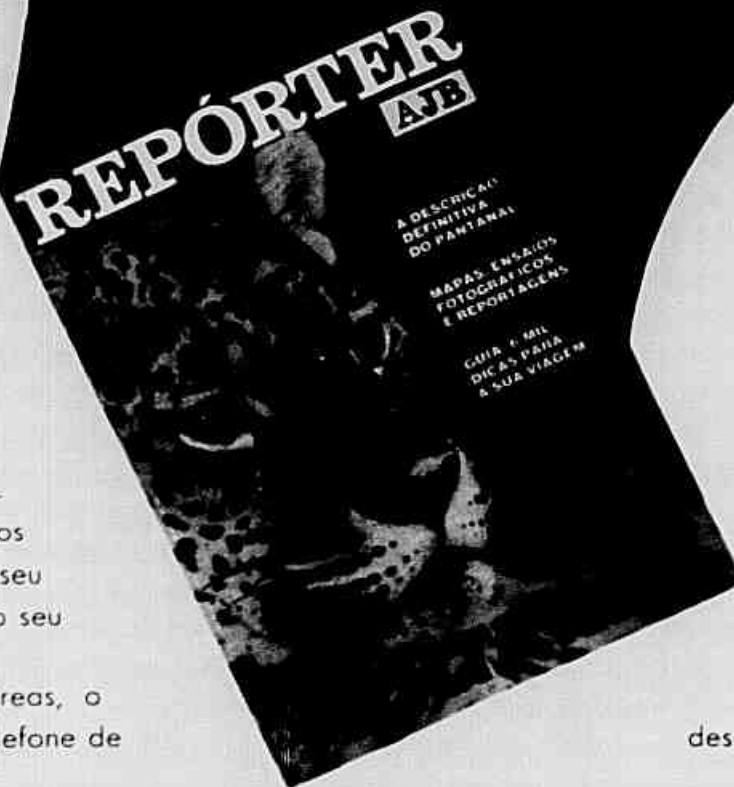
A primeira edição da série é sobre o Pantanal, um dos mais belos santuários ecológicos do Planeta. Repórter AJB mergulhou tão fundo no assunto que, além das informações básicas como origem, ocupação, cultura, fauna e flora, mostra 25 roteiros específicos para levá-lo ao Pantanal. Seja qual for o seu interesse no Pantanal, a Repórter AJB é o seu guia completo.

Para começar, traz as companhias aéreas, o horário dos vôos, escalas, endereço e telefone de hotéis, com preços e promoções.

REPÓRTER AJB

A DESCRIÇÃO DEFINITIVA DO PANTANAL

MAPAS ENSAIOS FOTOGRÁFICOS E REPORTAGENS

GUIA E MIL DICAS PARA A SUA VIAGEM

Para quem busca as belezas do Pantanal, um roteiro completo com as cidades, atrações, eventos, e o tipo de roupa adequado à região.

E mais informações especiais, como o roteiro das Entidades Ecológicas, dicas para obter as melhores fotos, as leis da caça e da pesca e até os tipos de mosquitos com receitas naturais para evitá-los.

Só mesmo a equipe de jornalistas da Agência JB poderia criar uma revista tão completa assim. A única para você ler, pesquisar e guardar.

Mergulhe na Repórter AJB Pantanal e descubra que essa região tem muito mais que belas paisagens. Em outubro nas bancas.

AGÊNCIA **JB**

a qualidade **JORNAL DO BRASIL** em notícia

CAMPANHA DE SAÚDE ESCOLAR

Hospital de Clínicas da UDJ convida você a fazer um exame de consciência inteiramente grátis.

Hospital de Clínicas da UDJ está realizando, junto às empresas, uma campanha de alta relevância social: a Campanha de Saúde Escolar. Essa iniciativa visa melhor compreensão e maior conscientização do empregador da necessidade de exames parasitológicos para seus filhos. Face à intensificação das doenças parasitárias no Rio de Janeiro, em decorrência dos problemas de saneamento básico que afetam toda a nossa população, a campanha está realizando, além dos exames parasitológicos, o mapeamento dos focos dessas doenças. A sua empresa tem que estar presente neste mapeamento epidemiológico da parasitose no Rio de Janeiro. Como centralizadora de mão-de-obra reúne populações funcionais dos diferentes segmentos urbanos. A Campanha de Saúde Escolar será feita dentro da própria empresa, facilitando a participação de todos. Abaixo, os serviços oferecidos inteiramente grátis pela campanha.

- **Orientação específica aos pais, através de palestras ministradas por profissionais especializados.**
- **Distribuição de coletores de fezes (descartáveis).**
- **Recolhimento do material na Empresa, em dia e hora marcados.**
- **Avaliação dos exames em laboratórios do Hospital.**
- **Emissão dos resultados por computador em nome de cada um dos examinados.**
- **Entrega de resultados individuais na própria empresa, em dia e hora marcados.**

A Campanha de Saúde Escolar está precisando de doações para continuar a atender a milhares de crianças, inclusive seu filho. Você pode colaborar depositando sua doação na conta nº 01834-13 UDJ — CAMPANHA DE SAÚDE ESCOLAR - do Banerj — AG. 031 — fornecemos o recibo da doação.

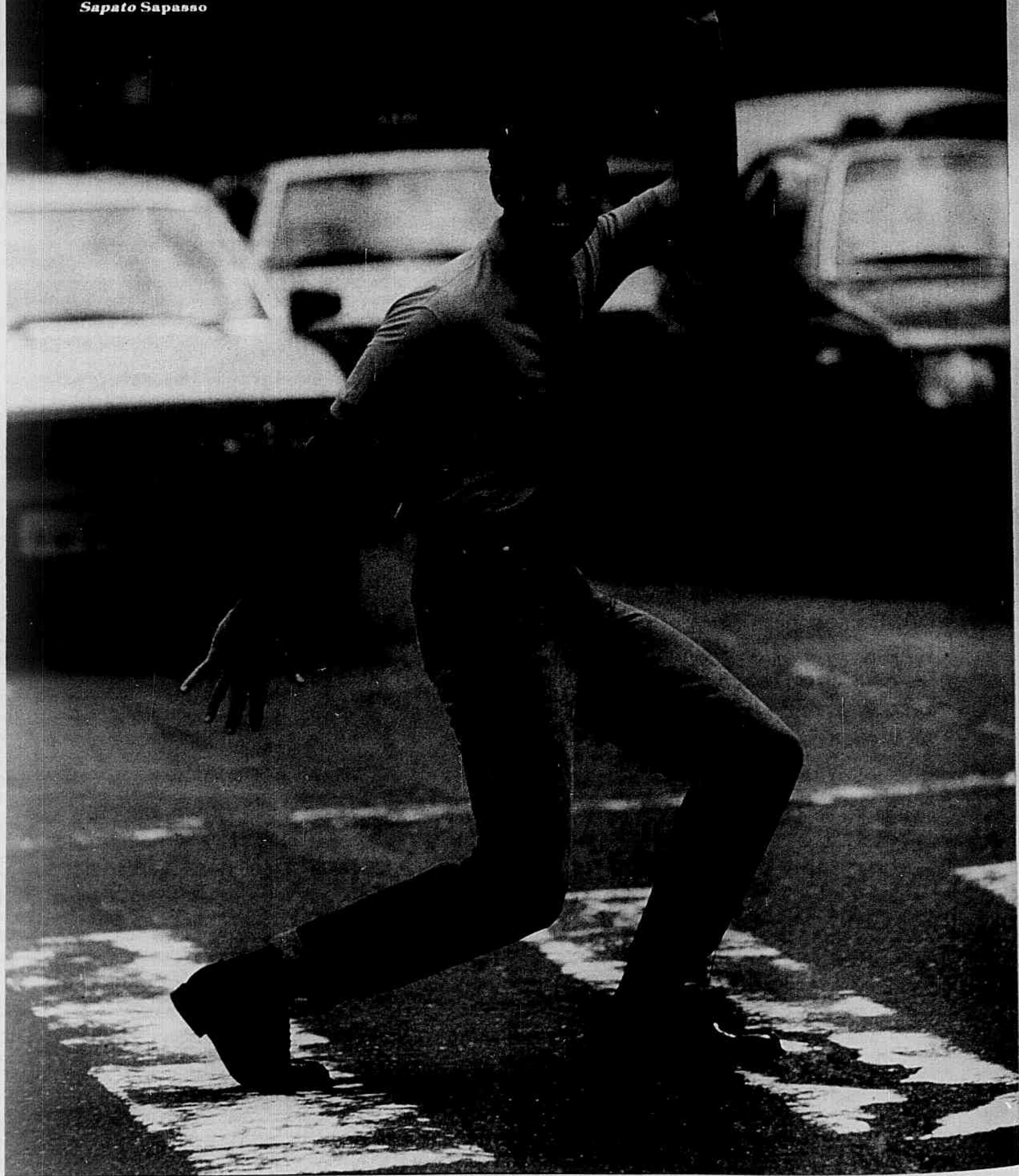
PARTICIPE! SAÚDE DE CRIANÇA NÃO É BRINCADEIRA.

Uma iniciativa do Hospital de Clínicas da UDJ.

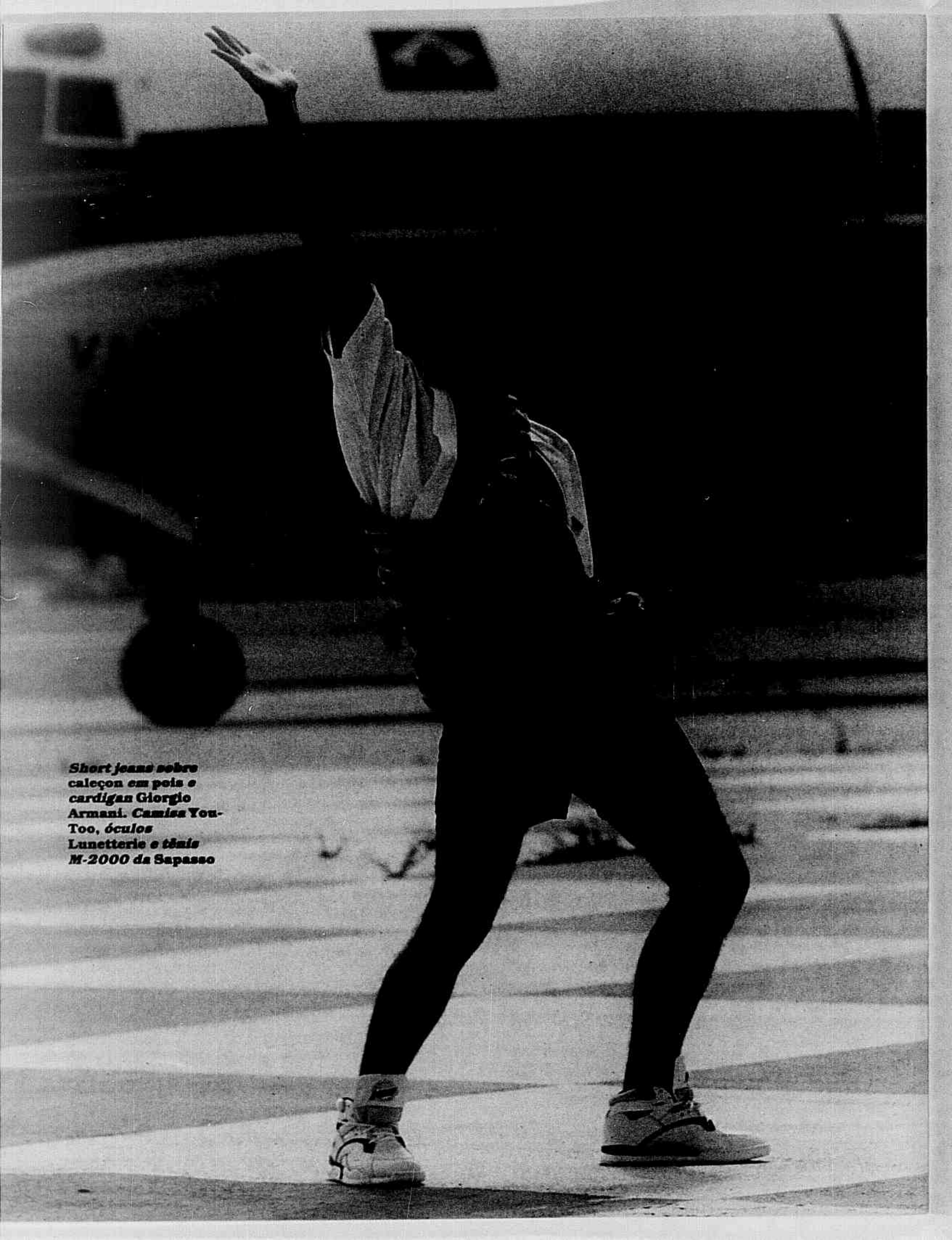
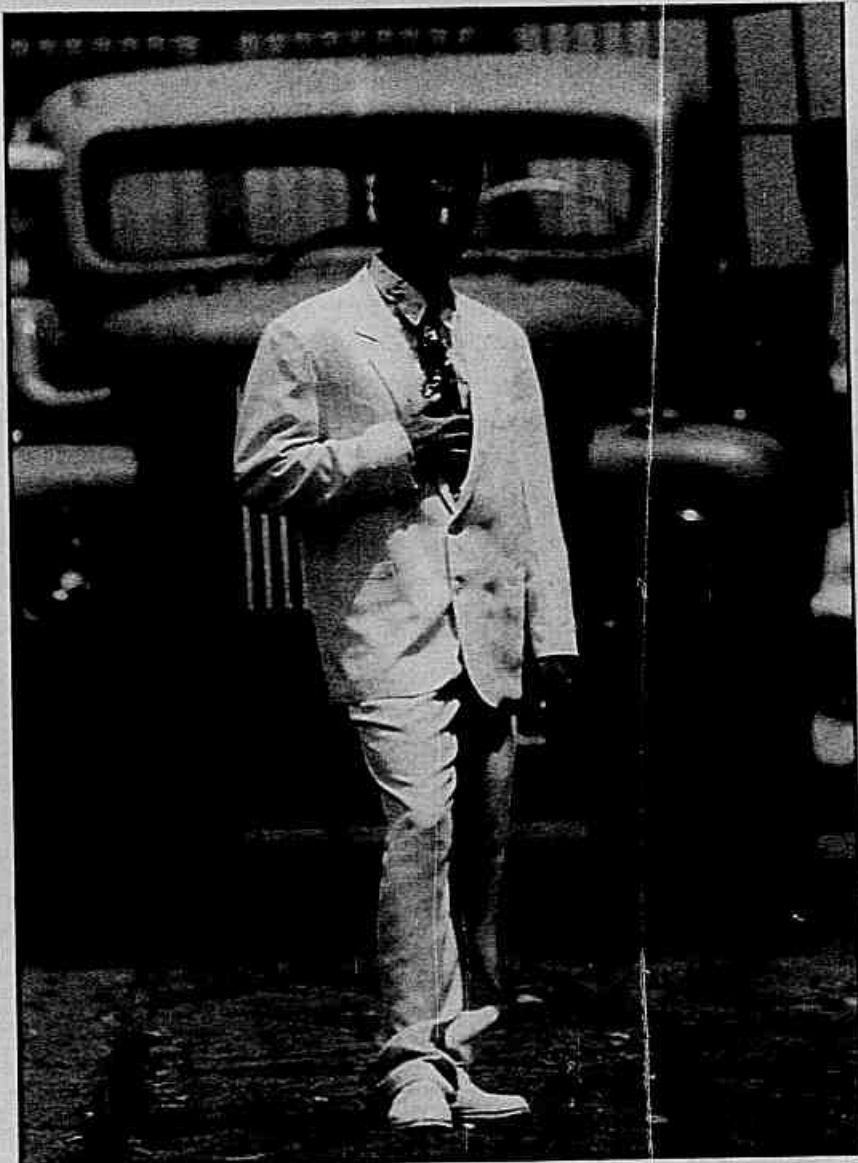
Rua Torres Homem, 1315 — Vila Isabel. Tels.: 577-5125 — 577-5135

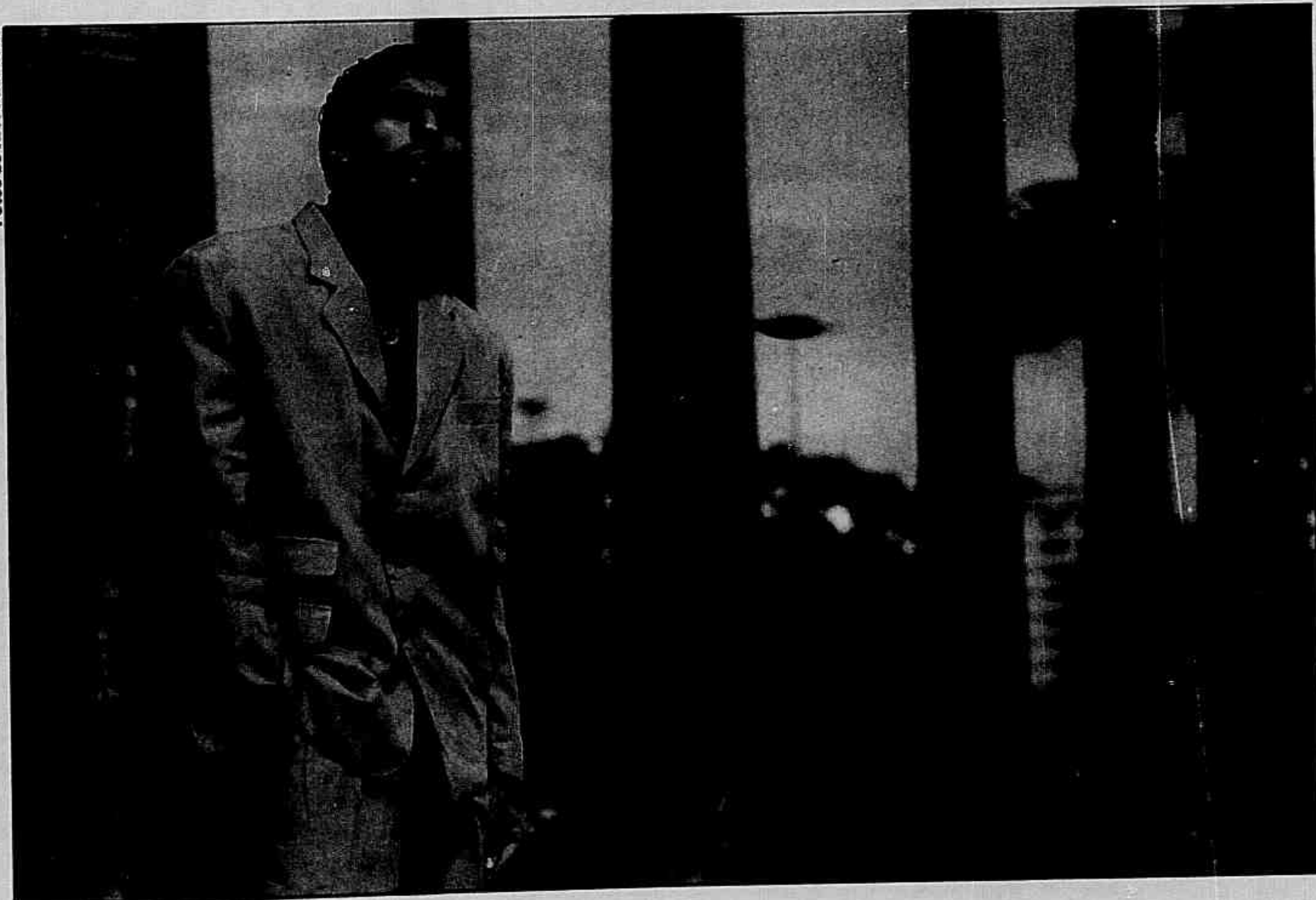
CGC Nº 30917975/0001-40 - utilidade pública Decreto Nº 85896 de 13/04/81- CRMRJ 52079533.

Insc. CNSS nº 45961/65 — CRM 52079533

Com a camisa pólo, uma gravata. Elle et Lui. *Calça* Zetta, *cinto* Rick Ventura, *meia* Sox Appeal *e chapéu* Ritual. *Sapato* Sapasso

• MODA

Em cores bem vivas

Ao contrário da feminina, a moda masculina não corre o risco de viver o efêmero. Qualquer mudança é sutil e requer tempo porque, em geral, o homem tende a se assustar com o novo, especialmente no vestir. Nos anos 50, este público precisou assistir muito filme de James Dean e Marlon Brando para aceitar a camisa vermelha e o jeans. Mais 10 anos e nova mexida, desta vez ligada ao movimento *hippie*, Beatles etc. Até que Giorgio Armani redesenhou a forma do figurino masculino para os 80. Bem, enquanto se discute se a década de 90 já começou ou se isso só vai ocorrer em 91, a roupa do homem mantém todas as conquistas de conforto e descontração das últimas décadas, mas não se altera muito quanto a forma. A única ousadia está no colorido. Sem medo de usar laranja, goiaba, verde ervilha, vermelho cassis, beringela em peças clássicas ou em superposições pouco convencionais, teremos um homem vibrante neste verão. Nas fotos, Ike, da Talent, com cabelo de Caetano Gusmão, do Studio Forum. Produção de André Andrade Côrtes.

REGINA MARTELLI

Acima, um modelão tropical. Terno de linho branco, camisa de seda floral e gravata idem. **Mr. Wonderful.** *Mocassim branco,* **Sapasso.** *Abaixo, linho cor de damasco no terno* **Rick Ventura**

Fotos de R.T. Fasanello

***Short jeans* sobre caleçon *em peia e cardigan* Giorgio Armani. *Camisa* You-Too, *óculos* Lunetterie *e tênis M-2000* da Sapasso**

Endereços da Moda: □ **Giorgio Armani** — Rua Visconde de Pirajá, 559 □ **Rick Ventura** — Rua Visconde de Pirajá, 550/sobreloja □ **You Too** — Av. Copacabana, 647/208 □ **Zetta** — Rua Visconde de Pirajá, 550/405 □ **Elle et Lui** — São Conrado Fashion Mall □ **Ritual** — Rua Visconde de Pirajá, 550/5º andar □ **Sapasso** — Rio Sul, 2º piso □ **Mr. Wonderful** — Rua Visconde de Pirajá, 503-A □ **Gregório Faganello** — Rua Barão da Torre, 422 □ **Sox Appeal** — Rio Sul, 4º piso □ **Studio Forum** — (021) 287-9544

Viva a criança

Criança feliz

Queria agradecer a toda a equipe da **Domingo** em nome da minha filha, Isabel Cristina Cordovil da Rosa. Em especial, ela manda um beijo para os repórteres Marcia Vieira e Sidney Garambone. Que a mensagem da matéria *Meninos do Rio* (nº 753) sirva de bom exemplo. Estou superfeliz e está sendo o maior barato. (...) Tenho certeza que este trabalho está sendo e vai ser ainda muito gratificante, pois só o fato de vocês fazerem com que crianças de níveis sociais diferentes se conheçam já é um passo para uma nova civilização. (...) Estou certa de que um dia vou poder contar com vocês e lhes mostrar que vamos conseguir vencer, eu na minha meta, que é a medicina, e minha filha na de ser pintora, se é que ela não vai mudar de idéia. (...) *Nancy Cordovil da Rosa, Rio de Janeiro, RJ.*

□

Parabéns pela matéria *Meninos do Rio*, pois ficou claro que não são as diferenças sociais que separam as pessoas, mas o sentimento. (...) Para Cristiano, foi um momento de enriquecimento, principalmente pelo convívio com Isabel e Renato, o que lhe deixou a mais firme certeza de que o que não quer ser quando crescer é político, como disse ao Sidney, pois não fazem nada. Confesso que pra mim ficou que as quatro crianças são iguais, têm os mesmos sentimentos, esperanças, medos e desejos. São pessoas que crescem com seu lado humano livre, voando alto, como a pipa do Renato. (...) Essas são as verdadeiras "crianças-esperança" para um Brasil sem desigualdades sociais impostas pelos que buscam unicamente suas vaidades. São a força que nos impele a unir as mãos e dizer que crescer junto com humanidade e liberdade é o melhor caminho para (...) uma sociedade mais justa, com oportunidades iguais para todos. *Anamaria Prado, Rio de Janeiro, RJ.*

□

Quero parabenizar a **Domingo** pela matéria Meninos do Rio. Ela mostra claramente o quadro de atraso social e econômico em que se encontra o Brasil. Enquanto uns poucos têm tudo, outros milhares não têm nada. Mais triste ainda é a situação dos menores abandonados não só no Rio, mas em todo o Brasil. As crianças são o futuro do nosso país. Sem carinho, proteção e amparo, qual será o futuro delas? Com certeza se tornarão marginais, seqüestradores, estrupadores e traficantes. Não podemos culpá-las. A culpa é sim das autoridades, que nada têm feito para amenizar o estado de pobreza em que se encontra todo o Brasil. (...) *Daniel Oiticica, Rio de Janeiro, RJ.*

Outras palavras 2

Gostaria de agradecer a belíssima reportagem *Contra a corrente* (**Domingo** nº 752) e retificar algumas informações. (...) Com relação aos meus colegas técnicos de gravação, estes são considerados e tratados como meros "apertadores de botões", quando deveriam ser considerados músicos integrantes do processo de criação, pois sem dúvida acrescentam muito às gravações (...). Gostaria também de retificar a declaração quanto à tentativa "frustrada" dos guitarristas Victor Biglione e Ricardo Silveira de "acontecer" no mercado americano. Ricardo é atualmente o instrumentista brasileiro

Leitor conta a Tutty a verdadeira história do ombudsman

de maior sucesso nos EUA e Victor Biglione detém elogios das mais importantes revistas especializada da América, além de ter tido seu LP *Baleia Azul* lançado lá com grande sucesso. (...) *Carlos de Andrade, Rio de Janeiro, RJ.*

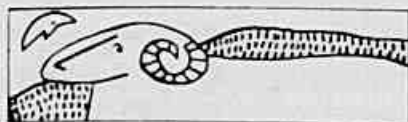
Ele é sueco, Tutty

Tutty Vasques, sou leitor assíduo de sua coluna e aprecio sua originalidade. Permita-me apenas um pequeno reparo marginal ao seu artigo *O nome dele é ombudsman* (**Domingo** nº 753), em que você afirma que "ombudsman, como todo mundo sabe, é uma expressão alemã oriental...". Tanto quanto eu sei, ombudsman é uma expressão sueca, cuja origem data dos anos 1809-1810, para designar um cidadão incumbido pelo legislativo de investigar as queixas dos seus concidadãos contra os abusos e entraves da burocracia, função que ainda hoje se acha mais confinada à Escandinávia (Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia), mas que já encontra uso em outros países como Inglaterra, Nova Zelândia etc. (...) *Antônio Viegas Malheiros, Rio de Janeiro, RJ.*

Barrados no baile

A propósito da reportagem *A nova geração da TV* (**Domingo** nº 752), faço algumas ressalvas. Ao contrário da "sorte" e talento de alguns profissionais, existe o outro lado da moeda, que são os profissionais preteridos pelas redes de tevê. Se o ator tem talento, mas não tem a sorte de ser bonito, ter conhecimetos pessoais, não está fazendo teatro e nunca fez publicidade, as possibilidades para um teste são ínfimas ou nulas. A Manchete surgiu como uma opção no mercado, mas aos poucos vai caindo nos mesmos mecanismos parciais de seleção que vinha criticando na concorrente. (...) Fica aqui o meu protesto, não pela reportagem, bastante oportuna, mas pela superficialidade e "purpurina" como é tratado o tema. (...) *Mônica Araújo, Rio de Janeiro, RJ.*

HORÓSCOPO de 21 a 27 de outubro

CARLOS MAGNO

Áries □ 21/3 a 20/4

Marte está retrógado e só recupera o movimento direto em 1º de janeiro de 91. Até lá você será forçado a agir com mais segurança e versatilidade, evitando o comodismo.

Câncer □ 21/6 a 21/7

A semana começa trazendo mudanças no cotidiano e na sua forma de se organizar profissionalmente. Quarta e quinta-feira são dias que pedem maturidade ao se relacionar.

Libra □ 23/9 a 22/10

Fase para se preocupar mais com sua segurança e o modo de usar seus recursos e talentos de forma consolidadora, tenaz e prática. Novidades financeiras. Aplique.

Capricórnio □ 22/12 a 20/1

Semana que faz você tomar conhecimento de fatos que poderão mudar profundamente sua visão do mundo e seu lugar na comunidade em que faz parte. Mudança de objetivos.

Touro □ 21/4 a 20/5

Semana decisiva, que testa a sua capacidade de conciliar divergências e triunfar diante de obstáculos que retardam um pouco o sucesso dos seus projetos. Renove suas uniões.

Leão □ 22/7 a 22/8

Fase para reciclar seus últimos três meses e partir para uma aplicação prática das lições aprendidas. Desafios internos e familiares tomam o seu tempo. Mude.

Escorpião □ 23/10 a 21/11

Semana cheia de acontecimentos. Segunda, terça e quinta são dias que fortalecem sua ambição pessoal, sua agilidade mental e seu lado passional e apaixonado. Amor.

Aquário □ 21/1 a 19/2

Mutações climáticas e ventos lisérgicos alteram o panorama da primavera. Dentro de você há também alterações dos sentimentos e dos condicionamentos sociais. Mude de estação.

Gêmeos □ 21/5 a 20/6

Amanhã, a conjunção exata do Sol com Mercúrio favorece seus reflexos mentais e traz boas chances de progresso através do bom uso da inteligência e dos talentos intelectuais.

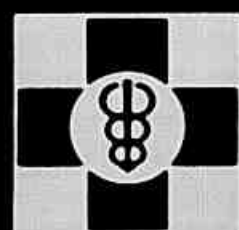
Virgem □ 23/8 a 22/9

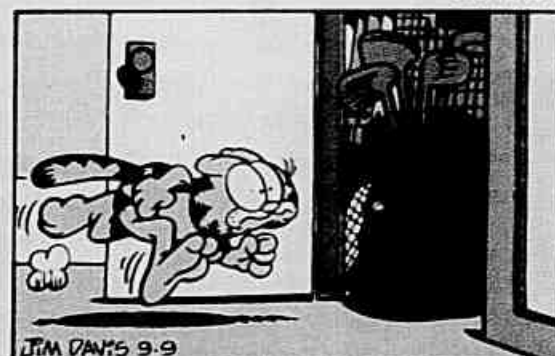
Vontade de fazer as coisas de forma diferente, liberando sua mente para atividades novas e experimentais. Supere dilemas com irmãos ou colaboradores. Faça contatos.

Sagitário □ 22/11 a 21/12

O acaso e os altos e baixos podem trazer algum desgaste no início da semana, mas em compensação há um acréscimo notável de percepção extra-sensorial. Reavaliações forçadas.

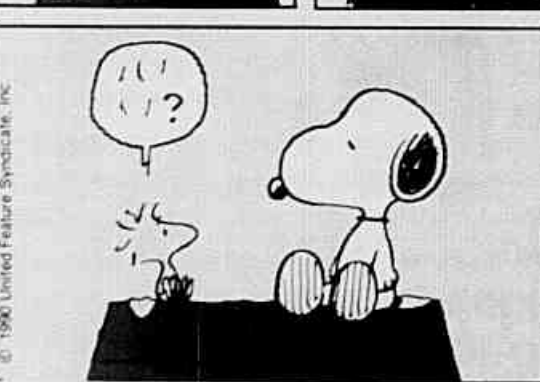
Peixes □ 20/2 a 20/3

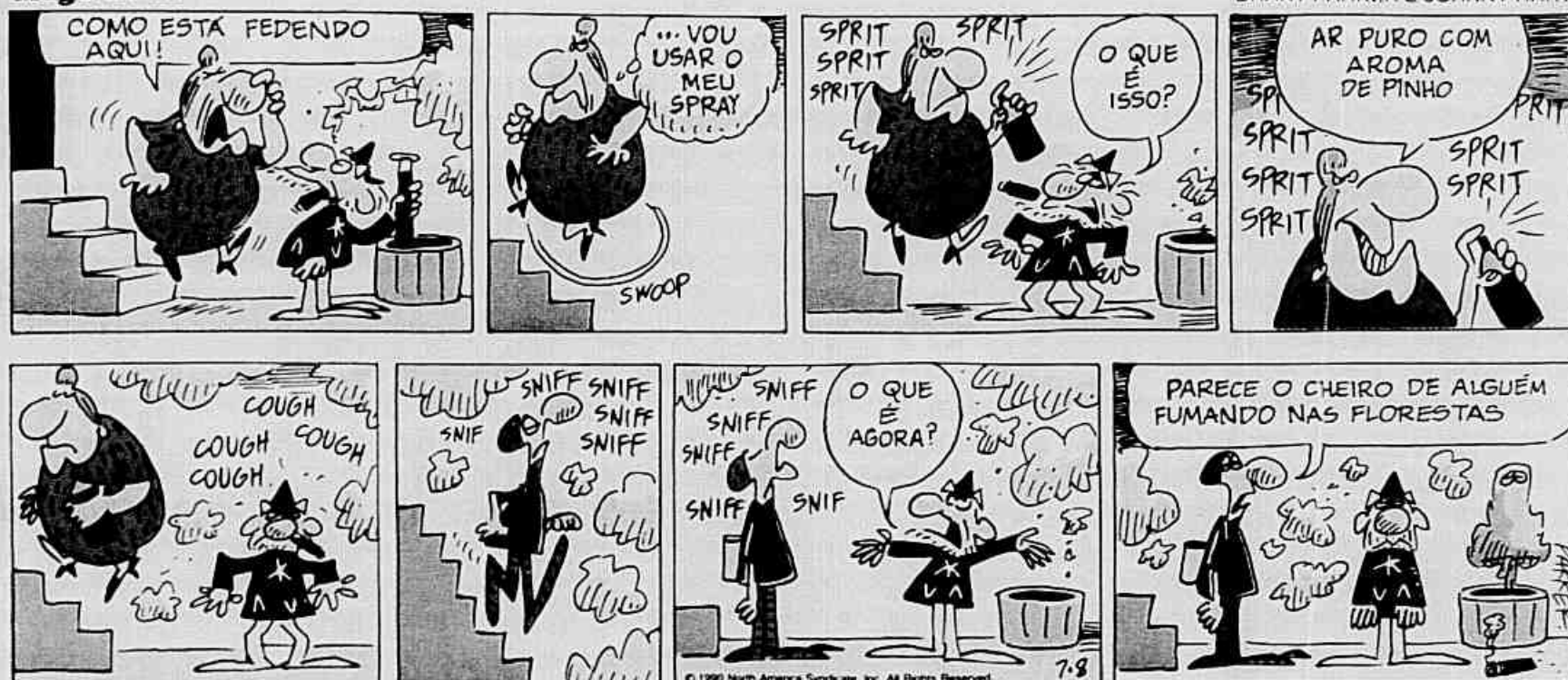
Uma semana escorpiana com certeza, excelente para reformas de peso na forma de ser, pensar e amar. Mesmo que isto seja promovido a toque de caixa, não deixe o medo vencer.

QUADRINHOS

Garfield — JIM DAVIS

Belinda — DEAN YOUNG E STAN DRAKE

Peanuts — CHARLES M. SCHULZ

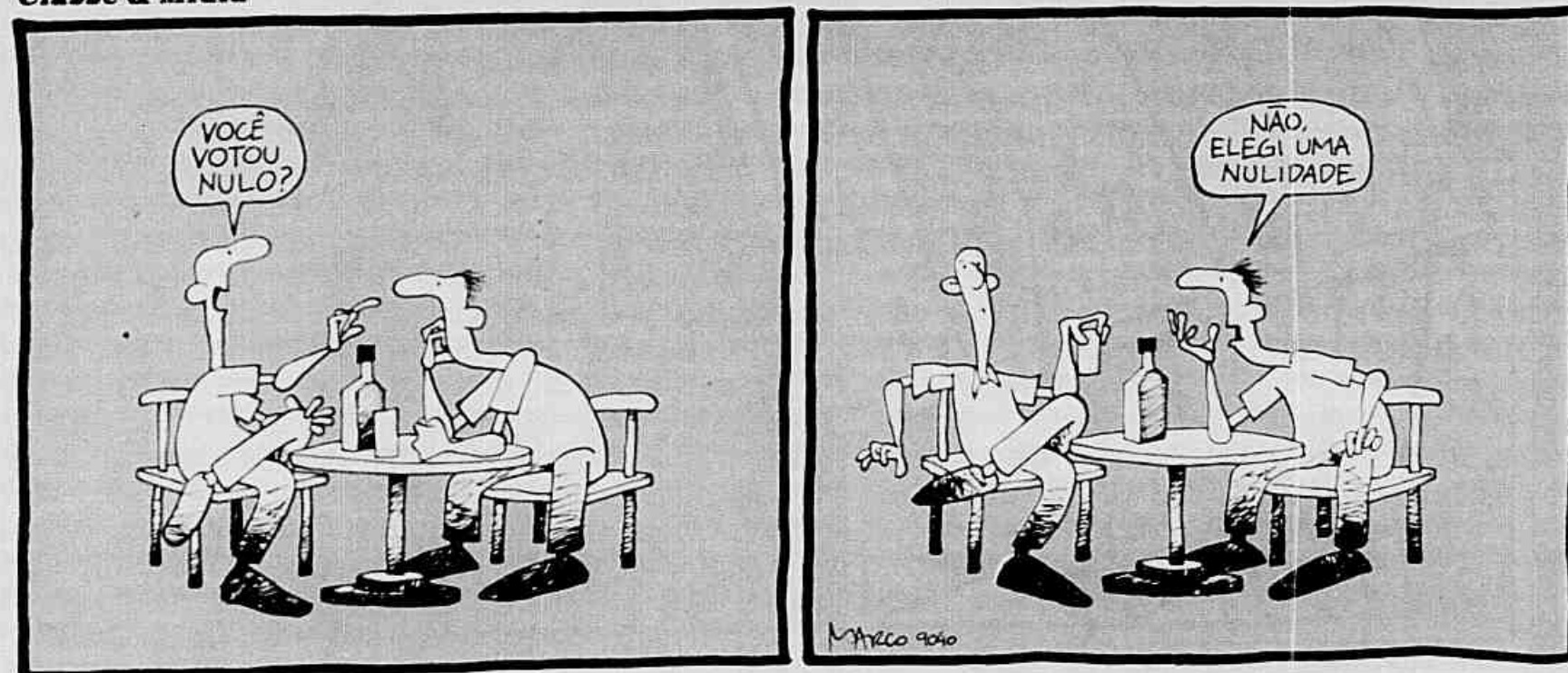
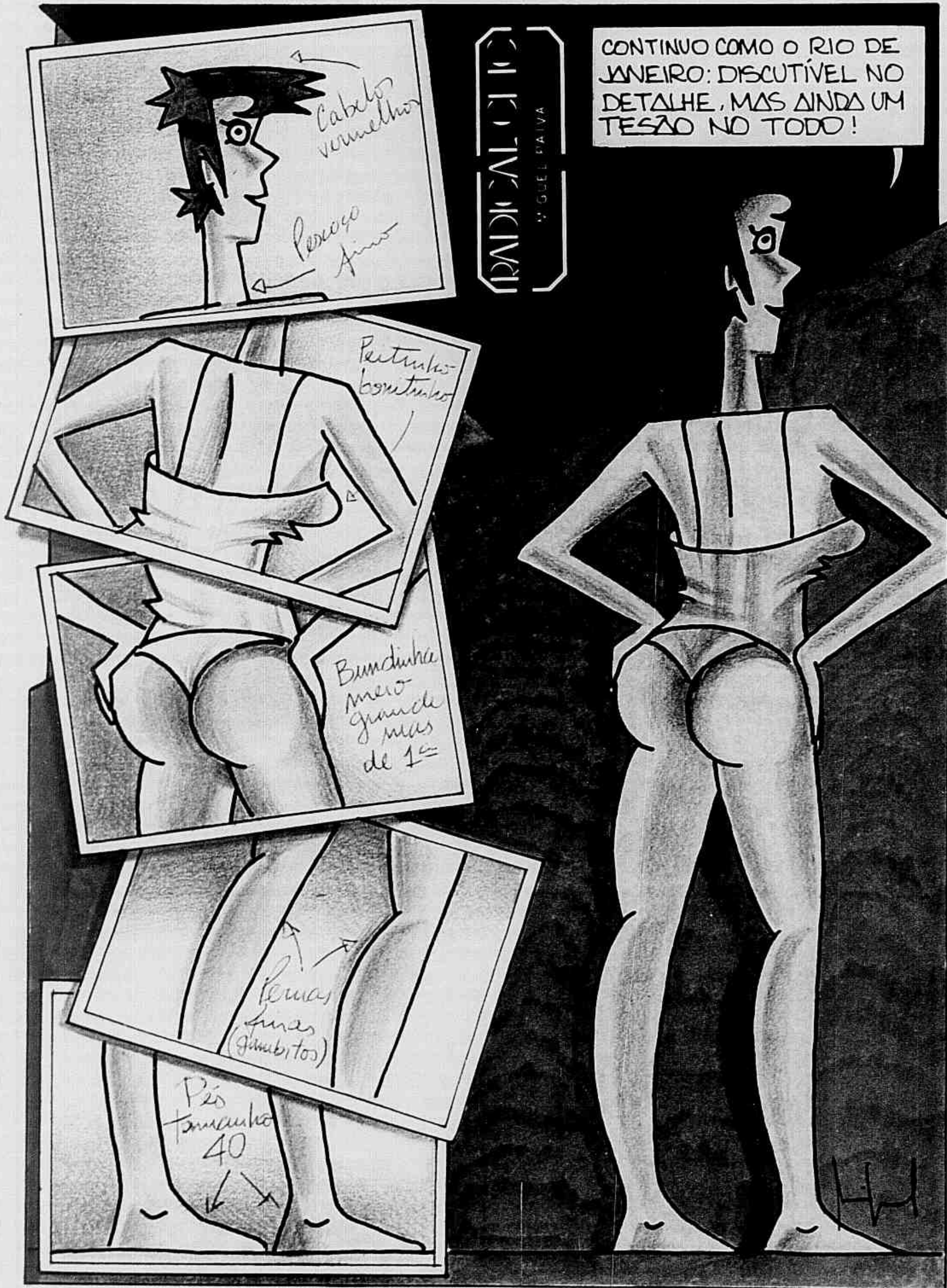
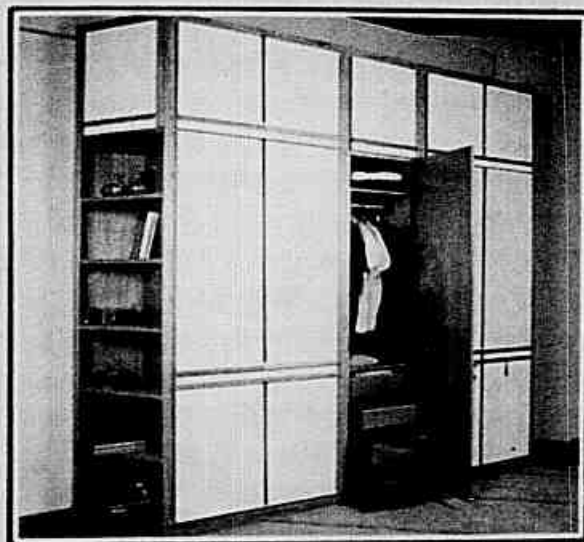
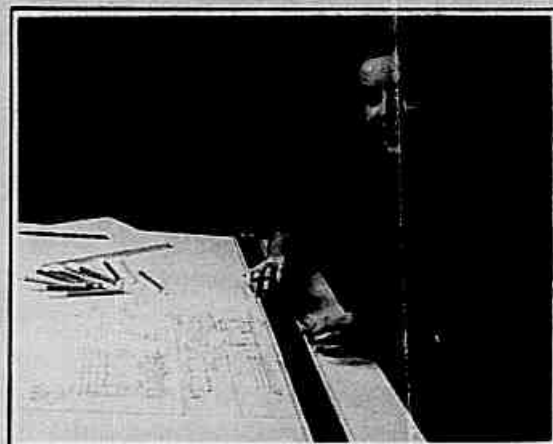
O DENTE DO BIGLE DEIXOU PRA ELE UMA MOEDINHA!

8-26

Mago de Id

BRANT PARKER E JOHNNY HART

Kid Farofa

TOM K. RYAN

Classe & Mídia

MARCO

RADICAL CHIC
MIGUEL PAIVA
Cabelo vermelho
Pescoço fino
Peitinho bonitinho
Bundinha meio grande mas de 1ª
Pernas finas (gambitos)
Pé tamanho 40
CONTINUO COMO O RIO DE JANEIRO: DISCUTÍVEL NO DETALHE, MAS AINDA UM TESÃO NO TODO!

QUEM DISSE QUE OS MÓVEIS SOB ENCOMENDA SÃO MAIS CAROS?

Claro! Cada um se defende como pode. Afinal os móveis sob encomenda, são para aquelas pessoas que possuem idéias fora de série e querem viver em um ambiente exclusivo e especial.
Fazendo móveis sob encomenda, ao contrário do que muita gente pensa, você economiza muito mais, esbanjando criatividade.
Venha a Madeira & Alma conversar, trocar idéias e depois surpreender-se com um projeto onde o seu toque pessoal permanecerá, apoiado na experiência dos nossos projetistas e arquitetos, especialistas em dar ao espaço o uso máximo. Sem tirar o seu.

A Madeira & Alma não fabrica móveis modulados. Realiza idéias. Em madeira de 1.ª qualidade e acabamento impecável. Agora, quando alguém afirmar que móveis sob encomenda são mais caros, você terá uma boa resposta para dar. Quanto aos outros móveis, já estão prontos e você não vai poder mudar nada.

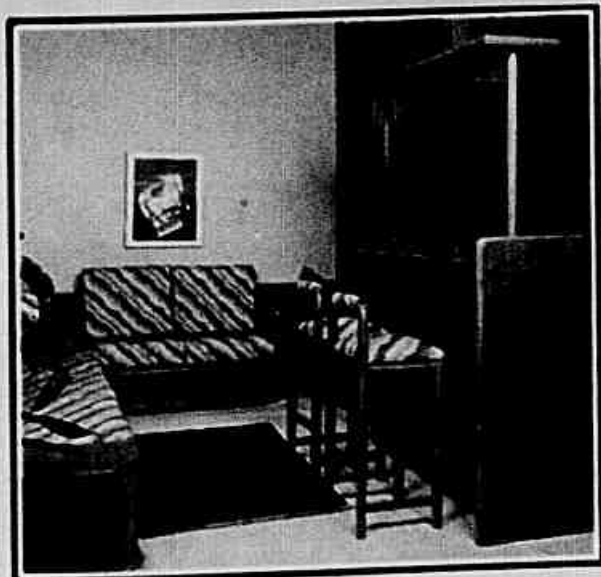
O móvel sob encomenda
como você imagina.

- **Estantes**
- **Armários embutidos**
- **Cozinhas**
- **Banheiros**
- **Projetos**

ATELIER DE ARQUITETURA:
Av. das Américas, 2.000 - Barra da Tijuca
(Entrada do estacionamento do Freeway)
Tels.: 325-4410 e 325-1477

FÁBRICA:
Tels.: 776-2521 - 776-2500

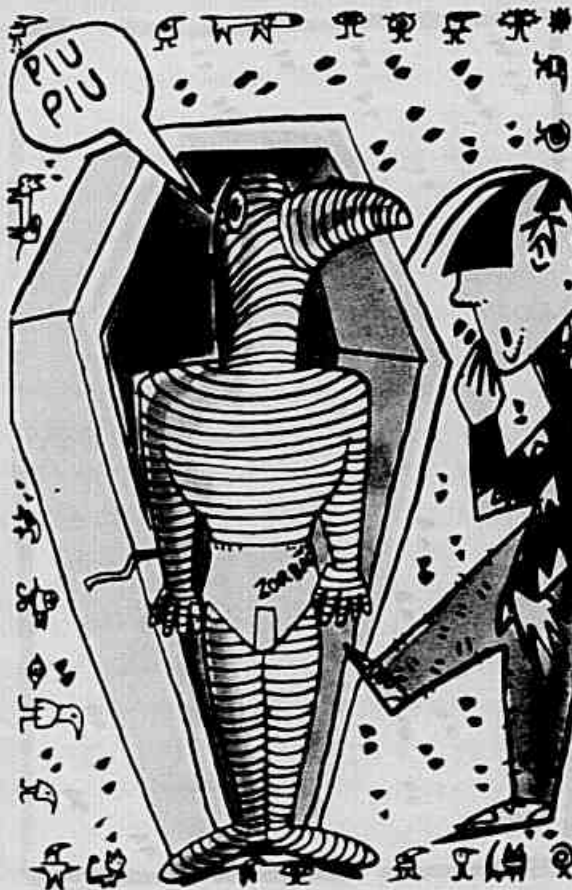
CALDAS

● Tutty Vasques

A ressurreição do Passarinho

Colunista vai a Brasília e fica decepcionado com o círculo de fogo

BRASÍLIA — Acho que é mais um caso asqueroso de perseguição política. Aceitei o convite para participar do Festival de Cinema de Brasília certo de que poderia tirar uma casquinha na liberdade sexual que explodiu recentemente sob a bainha do eixo monumental. A gente lia aí nos jornais que isso aqui tava uma loucura, que todo mundo transava com todo mundo, notícias de casos inacreditáveis de adultério me deixavam com água na boca. Pois bem: no que eu tentei me assanhar ali pelas bandas mais baixas da Asa Norte, o Passarinho subiu e, com ele, todas as esperanças de uma vida mais libertária foram por água abaixo. Não acontece duas vezes. Acabou a era Cabral!

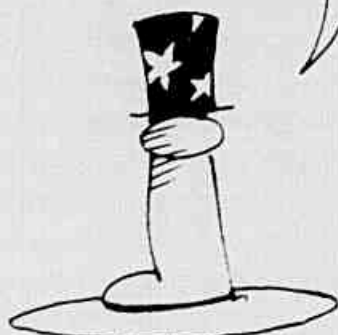
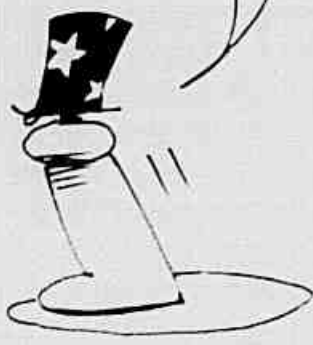
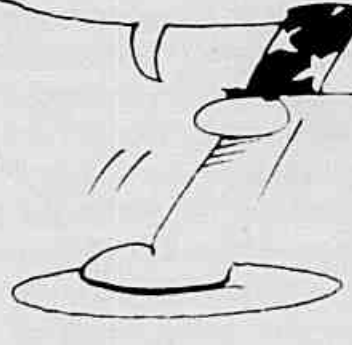
E eu, que me imaginava arrudiado de estrelas do cinema e de outras saias mais poderosas, passei a semana à beira de uma piscina ouvindo as intermináveis histórias da experiência celibatária vivenciada pelo poeta Geraldinho Carneiro. Geraldinho é a mais completa tradução da moral nacional que sobrevoa este Brasil da era Passarinho. É sério mesmo, gente! O adultério já era. Sinceramente, não sei o que vai ser de mim e da Belisa Ribeiro.

Passei os sete dias do Festival de Cinema tentando entender a moral da história. Enchi o peito de esperanças no dia da projeção do filme *Círculo de fogo*, que, além do título excitante, prometia fechar o plano na Prochaska e revelar Cristina por inteiro. Pois sim! Passei duas horas vendo a atriz fazer vasos de cerâmica. A única cena de sexo aconteceu com o Roberto Bonfim e foi uma coisa tão estranha quanto a ascensão do Passarinho.

Olha o Passarinho! Foi como se todo mundo ficasse imobilizado, esperando o flash. Eu, com essa imaginação ordinária que cultivo, ainda pensei que poderia ser um novo anúncio das cuecas Zorba. Nada! Era aquele Passarinho mesmo, gente! E como é que pode alguém se excitar de verdade num país que ressuscita a cada eleição, a cada nomeação, os piores momentos de sua história. A única novidade é a seleção do Falcão e, cá pra nós, melhor seria tentar a dobradinha Pelé e Coutinho. Seria mais coerente.

É por isso que eu fiz um pacto com o Barretão. Nós, eu e ele, vamos ressuscitar a Embrafilme. Se todo mundo está voltando, porque diabos o cinema brasileiro vai continuar marginalizado deste processo. Nossas estrelas e nossos astros andam cabisbaixos pelos cantos dos festivais. Não existe mais aquele brilho, aquele glamour. Até o fabuloso Joel Barcelos, famoso pela atividade artístico-sexual que sempre desenvolveu com destreza em centenas de eventos do gênero, limitou-se a perseguir o Xexéo durante esta nossa estada em Brasília, Por que, meu Deus, por quê?

Nem Deus sabe o motivo. Como é que ele podia imaginar que o homem ia voltar de Caracas com um Passarinho na manga do colete. Nada contra o Passarinho. Nada contra o Joel Barcelos. Nada contra as cerâmicas da Prochaska. Nada contra o eixo monumental. E, muito menos, contra o Geraldinho Carneiro. Mas, gente, nós estamos perdendo até a vontade de dar uma força pro nosso Passarinho. Se continuar assim, parto para uma ação clandestina em defesa do sexo de geladeira. Mas, pelo amor de Deus, me tirem de Brasília.

● AS COBRAS

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO

Quem anda procurando, encontra.

Formas que seduzem
e atraem deliciosamente
o rigor de nossos tempos
logo todas serão ANNA ZINI

• **RIO SUL** - 4º piso, Loja D - 45. **Tel.: 275-8646**
• **SHOW ROOM (Pronta-entrega)** - R. Visconde de Pirajá, 550 - sl. 227 - **Tel.: 239-4298**

FOTOS GUSTAVO CALDAS / PRODUÇÃO ANTONIO LAGO

ACTIVA

JÁ FAZ 5 ANOS QUE VOCÊ USA

ZERO-CAL há 5 anos adoça o Brasil com mais de 500 milhões de envelopes produzidos.

ZERO-CAL contém Aspartame garantido por quem o descobriu: NUTRASWEET

"Pioneirismo e experiência garantem a qualidade".